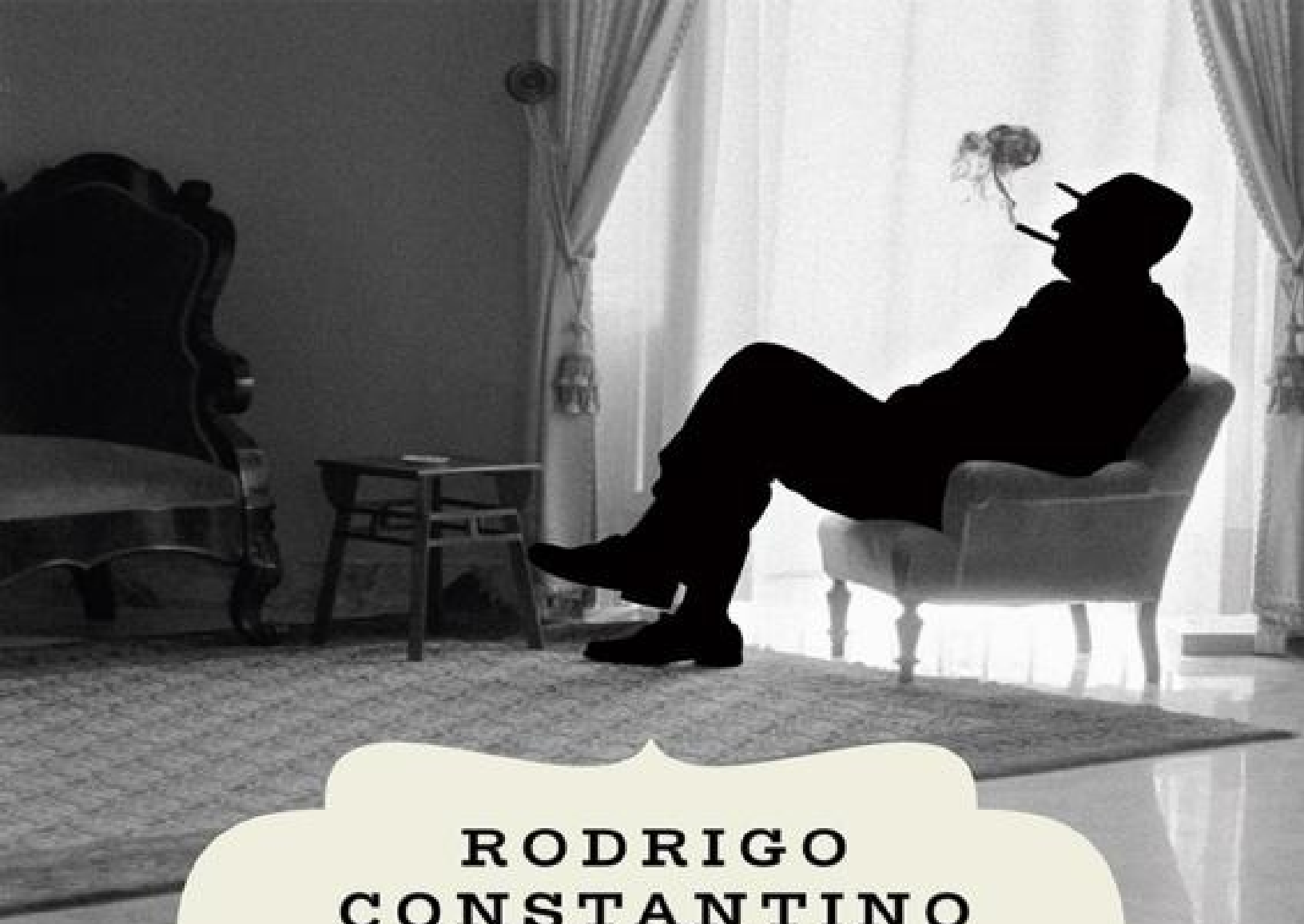


RODRIGO CONSTANTINO

ESQUERDA *caviar*

A hipocrisia dos artistas e intelectuais progressistas no Brasil e no mundo

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

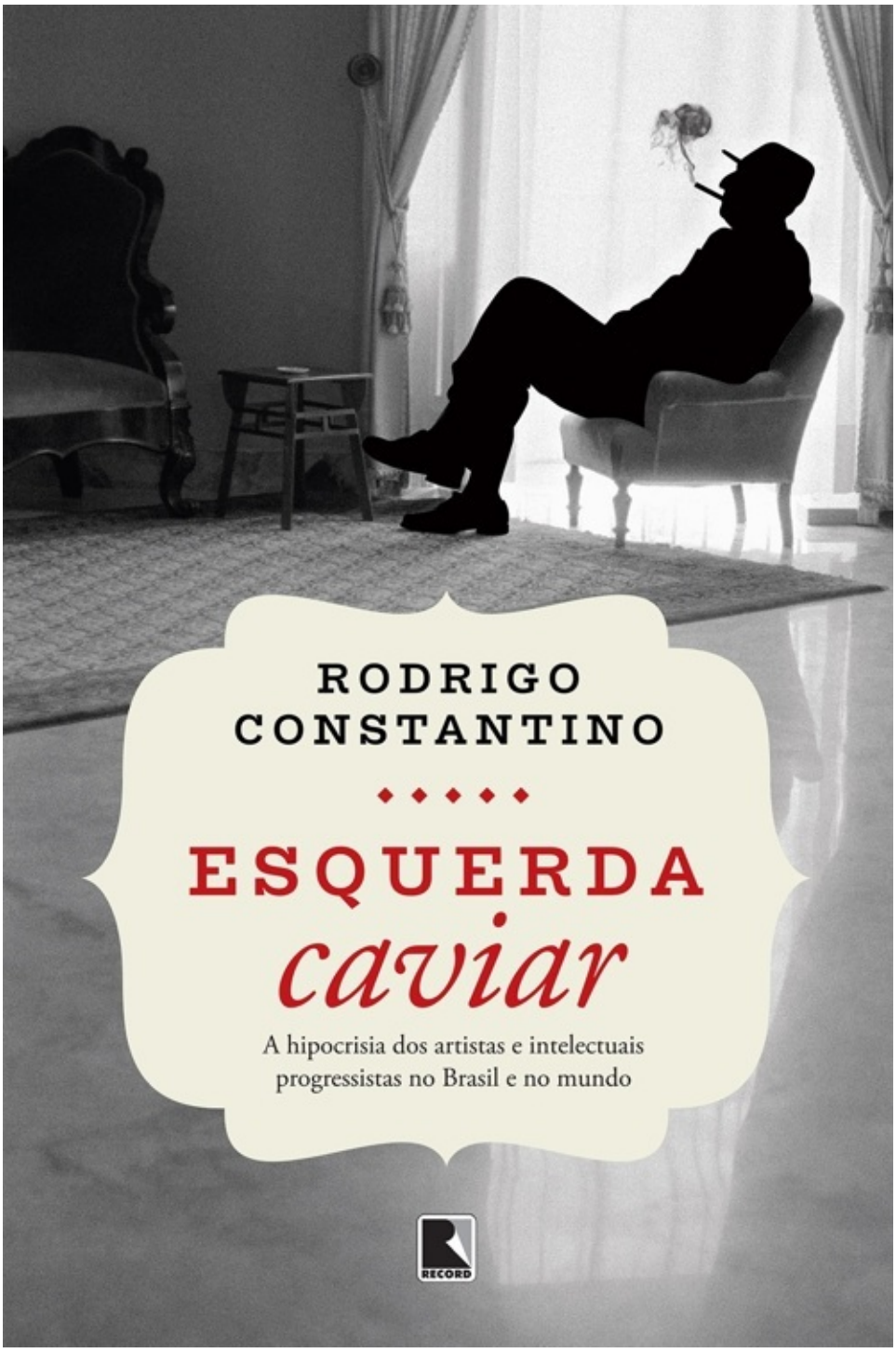
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


RODRIGO
CONSTANTINO
ESQUERDA
caviar
A hipocrisia dos artistas e intelectuais
progressistas no Brasil e no mundo
RECORD

RODRIGO CONSTANTINO

ESQUERDA *caviar*

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

1ª edição

2013

EDITORA AFILIADA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Constantino, Rodrigo, 1976-

C765e

Esquerda caviar [recurso eletrônico]: a hipocrisia dos artistas e intelectuais

progressistas no Brasil e no mundo / Rodrigo

Constantino. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 9788501100986 (recurso eletrônico)

1. Partidos de esquerda - América Latina. 2. América Latina - Política e governo - Séc. XX. 3. América Latina - Política e governo -

Séc. XXI. 4. Direita e esquerda (Ciência política). 5. Sociologia política. 6. Cultura política. 7. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 320.5

CDU: 321

13-05311

Copyright © Rodrigo Constantino, 2013

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios,

sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal e resto da Europa.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000,

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil.

ISBN 9788501100986

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento direto ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

“É fácil amar a humanidade;

difícil é amar o próximo.”

NELSON RODRIGUES

Para minha mãe, Sonia

Sumário

Introdução

PARTE 1 O fenômeno e suas origens

As origens

Duplipensar

O viés da imprensa

PARTE 2 As bandeiras

A obsessão antiamericana

O ódio a Israel

O culto ao multiculturalismo

Os pacifistas

O mito Che Guevara

A ilha dos sonhos

Os melancias

Justiça social

Sem preconceitos

As minorias

Juventude utópica

PARTE 3 Os ícones

Políticos, gurus, legitimadores, hollywoodianos e outros boçais úteis

Epílogo Há luz no fim do túnel

Apêndice Islamofobia

Indicações bibliográficas

Introdução

O mundo dito civilizado vive uma crise moral de grandes proporções. Há uma clara decadência de

valores em curso, que ameaça a própria sobrevivência do mundo moderno como o conhecemos. Ideias

têm consequências, e um conjunto equivocado delas tem minado o progresso e a liberdade individual.

Por trás dessas ideias, encontramos uma parcela vaidosa, oportunista, acovardada e mimada da elite,

que parece só pensar no curto prazo e em sua própria imagem. “Vaidade de vaidades, diz o pregador,

vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.” A mensagem bíblica merece a atenção de todos, especialmente no

mundo atual, onde vale tudo pela “autoestima”.

Nunca antes na história da humanidade vivemos uma era das aparências tão evidente. A fama de

“legal” possui enorme valor emocional e comercial. E a internet, com suas redes sociais, é uma máquina

de vender imagem, que acaba por potencializar esse sintoma — que não é novo. Mais do que a ação em

si, o que importa agora é o tal “marketing do comportamento”, o feel good sensation.

Isso acabou resultando numa ditadura velada do politicamente correto, cujos adeptos buscam

monopolizar as boas intenções e os ns “nobres”, em detrimento do debate sobre os melhores meios para

tais metas. Só quem concorda com seus meios — leia-se: sempre mais estado — defende os pobres, os

negros, as mulheres, os gays, o meio ambiente, a paz.

É a tirania das (supostas) boas intenções, aos cuidados dessas “almas sensíveis”. Nas redes sociais, essa

gente é chamada de poser, já que tudo se resume ao objetivo de car bem na foto. Somente eles desejam

um mundo melhor.

Essa tendência é sedutora, pois basta abraçar um conjunto de crenças para ser

visto como — e para se

sentir — uma boa pessoa. Não serão as ações, o comportamento efetivo e a conduta cotidiana a lhe fazer

alguém mais decente e louvável, mas apenas as frases soltas e o pertencimento a um determinado grupo.

Alardear nobres intenções bem alto, eis o principal objetivo. Edmund Burke já havia alertado para isso

em suas reflexões sobre a Revolução Francesa:

Porque meia dúzia de gafanhotos sob uma samambaia faz o campo tinir com seu inoportuno zumbido, ao passo que

milhares de cabeças de gado repousando à sombra do carvalho inglês ruminam em silêncio, por favor, não vá imaginar

que aqueles que fazem barulho são os únicos habitantes do campo; ou que logicamente são maiores em número; ou, ainda,

que signi quem mais do que um pequeno grupo de insetos efêmeros, secos, magros, saltitantes, espalhafatosos e

inoportunos.

Ou, como resumiu ainda mais Mark Twain, “Barulho não prova nada: uma galinha bota um ovo e

cacareja como se tivesse botado um asteroide”. Mas fazer barulho é com a esquerda caviar mesmo. O

termo tem origem na França (gauche caviar), como não poderia deixar de ser. Mas há os análogos na

Inglaterra (socialista champagne), nos Estados Unidos (liberal limusine) ou na Itália (radical chic).

Os artistas e os intelectuais se tornaram os grandes ícones desse movimento.

Todas as causas vistas

como nobres são abraçadas por essa turma, que parece in nitamente mais preocupada com os aplausos

da plateia e com a própria sensação de superioridade moral do que com os resultados concretos daquilo

que prega.

*

Salvar o planeta, proteger os índios, cuidar das crianças africanas, enfrentar os ricos capitalistas em nome

da justiça social, pagar a dívida histórica com os negros, acabar com as guerras, enaltecer as diferenças

culturais, idealizar os jovens, estas são algumas das bandeiras dos abnegados artistas e intelectuais. Os

grandes defensores dos fracos e oprimidos contra as “elites” — como se não fossem parte da elite.

Há um pequeno detalhe: normalmente, muitos deles são ricos graças ao capitalismo que atacam;

vivem no conforto do Ocidente que desprezam; gozam da liberdade de expressão que inexiste na Cuba

que tanto proclamam; e desfrutam da paz e da segurança conquistadas pelo poder militar do Tio Sam

que abominam. Ninguém melhor que Roberto Campos resumiu o fenômeno:

É divertidíssima a esquizofrenia de nossos artistas e intelectuais de esquerda: admiram o socialismo de Fidel Castro, mas

adoram também três coisas que só o capitalismo sabe dar — bons cachês em moeda forte, ausência de censura e

consumismo burguês; trata-se de filhos de Marx numa transa adúltera com a Coca-Cola...

Em português mais claro: a velha e conhecida hipocrisia! A marca registrada dessa esquerda caviar, que

adora o socialismo do conforto de Paris, que prega uma radical mudança no estilo de vida dos outros

para mitigar o aquecimento global, é a antiga máxima “faça o que eu digo, não o que eu faço”. La

Rochefoucauld disse tudo quando afirmou: “A hipocrisia é a homenagem que o vício presta à virtude.”

Exemplo perfeito disso ocorreu em março de 2013, quando a revista Caros Amigos, que vive

defendendo as bandeiras de esquerda (com bastante verba estatal), demitiu boa parte da redação por

conta de uma greve geral. O motivo da greve fora uma drástica redução nos salários, em alguns casos de

até 50%. A revista, então, mandou todos para a rua alegando “quebra de confiança”.

Nada contra a decisão dos proprietários da revista. A nal, é preciso sobreviver no mercado, certo? E

isso não estava fácil nem com toda a ajuda estatal. Agora, não deixa de ser uma piada pronta a revista,

que sempre tomou o partido dos sindicalistas contra a ganância do capital, sentir na própria pele o custo

daquilo que ajuda a vender. Viva a CLT? Viva as greves? Só se for para os outros. O jornalista Reinaldo

Azevedo escreveu:

Espero que os trabalhadores de Caros Amigos recebam ao menos o que lhes pagaria a maioria dos patrões burgueses, que

não sonham “com outro mundo possível” porque estão atarefados demais tentando fechar a folha de pagamento do

mundo possível.

A esquerda é mestre na arte de pregar uma coisa publicamente e fazer o oposto na esfera privada. Talvez

o melhor exemplo seja a postura em relação às escolas públicas, sempre defendidas com fervor ideológico,

em detrimento da receita liberal dos vouchers, postulada por Milton Friedman e que permitiria o acesso

dos mais pobres às melhores escolas privadas.

Mas os típicos esquerdistas não querem saber dessas escolas públicas na prática. Al Gore, Bill Clinton

e, sim, até Obama são exemplos de esquerdistas que não pensaram duas vezes: enviaram seus lhos para

caras instituições privadas de elite.

O mesmo vale na hora de cuidar da saúde. Hospital público? Nem pensar! Essa nata da esquerda não

coloca seus pés delicados em um hospital público nem que a vaca tussa. Eles se tratam nos melhores e

mais caros hospitais privados, e logo depois pregam as maravilhas do Obamacare, da saúde universal, do

SUS, que os pobres precisam enfrentar em um calvário pela sobrevivência.

A elite petista, aqui no Brasil, é clientela VIP do Sírio-Libanês ou do Albert Einstein em São Paulo, os

melhores e mais caros hospitais privados do país. Mas o discurso não muda: a esquerda monopoliza as

boas intenções para com os pobres, pois prega a solução estatal... sempre para os outros!

Não há nada de errado em querer ganhar mais, em educar a família dentro de certas tradições ou em

combater os bandidos, ainda que com a ameaça de uso de violência. A hipocrisia da esquerda, portanto,

serve para fazer aquilo que é positivo para o indivíduo, e isso diz muito sobre sua teoria. Se de fato

seguissem o que pregam, isso sim, seria terrível. Mas seu intuito é todo voltado para o discurso, para a

imagem, e não para as ações concretas.

Para preservar as aparências, apelam constantemente para o uso de “um peso, duas medidas”. Basta se

dizer de esquerda para ganhar uma espécie de salvo-conduto para cair em contradições e car isento do

mesmo critério com que outros são julgados. Pertencer à esquerda é su ciente para car blindado contra

as críticas: como ousa questionar minhas lindas intenções?

Típico da esquerda caviar é ter a memória bastante seletiva, não recordar das bandeiras e dos ídolos

defendidos no passado que se mostraram terríveis com o tempo. A autocrítica é algo simplesmente

raríssimo quando se trata dessa turma. “Esqueçam o que eu disse” costuma ser o mantra da esquerda

caviar, para poder pular de galho podre em galho podre como se nada tivesse acontecido.

Alguns podem pensar que não vale a pena pegar no pé dessa gente, que eles são inofensivos. Discordo

veementemente. A in uência das ideias nos rumos da Humanidade não pode ser subestimada, e esses

artistas e intelectuais famosos conferem credibilidade a regimes nefastos. Na era da internet, o efeito é

ainda mais poderoso, por ser viral.

Quem dava a devida importância aos artistas como instrumentos de propaganda comunista era o

próprio ditador Lênin. Ele chegou a a rmar que, “de todas as artes, para nós a mais importante é o

cinema”. Grigori Zinoviev, líder do Comintern, declarou que os lmes podem e devem se tornar uma

poderosa arma da propaganda comunista.

De fato, há muita gente que “aprende” história com as “patricinhas de Beverly Hills”, confundindo o

proselitismo dos cineastas com fatos históricos. Hollywood foi amplamente aparelhada pelos vermelhos,

como prova a farta documentação a respeito. Não deveria ser assim, mas o que os artistas famosos falam

sobre política acaba tendo influência nos mais leigos.

A vitória de Barack Obama nas duas eleições contou com um enorme aparato ligado às celebridades,

uma verdadeira máquina de propaganda política. Inúmeros atores e cantores

famosos foram mobilizados

para “vender” o sonho utópico de que tudo seria completamente diferente com a chegada do “messias” à

Casa Branca. Por isso mesmo, expor o abismo entre discurso e prática torna-se fundamental para reverter

o estrago causado por eles.

Os exemplos de contradições serão tão fartos no decorrer do livro que o leitor cará surpreso com a

cara de pau de muitos ícones dessa esquerda Rolex. Na verdade, a coisa é tão escancarada e

impressionante que demanda explicações alternativas. Não é possível reduzir tamanha falta de lógica à

pura hipocrisia, ainda que seja uma parte importante da explicação.

Por isso vamos procurar várias outras origens potenciais desse espantoso fenômeno. O sentimento de

culpa comum a uma elite mimada que sempre teve tudo fácil demais, o puro tédio de uma vida

confortável e segura, a covardia moral que leva a uma busca desesperada por aplausos fáceis do grande

público, a sede patológica por poder e pelo controle da vida alheia, a ignorância econômica, esses são

alguns dos possíveis fermentos da esquerda festiva.

Começaremos o livro especulando sobre essas origens, e depois mergulharemos nas principais causas

abraçadas por nossos colegas. Os grandes representantes da esquerda caviar, no Brasil e no mundo,

especialmente em Hollywood, onde pululam guras dessa espécie, serão retratados em seguida. A

máscara dos ídolos mais populares vai cair num piscar de olhos.

Antes, porém, gostaria de fazer um alerta em letras garrafais:

NÃO DEVEMOS CONFUNDIR A ADMIRAÇÃO À OBRA DO ARTISTA COM SUA PRÓPRIA

PESSOA OU SUAS IDEIAS POLÍTICAS.

Podemos respeitar ou até idolatrar certo músico, sem que isso signi que que suas ideias políticas

devam ser também aceitas. Podemos ter ojeriza à conduta hipócrita de um famoso arquiteto, e ainda

assim reconhecer sua importância em seu campo de trabalho. Podemos aplaudir de pé um excelente ator,

e logo depois vomitar com seu discurso boboca.

Ou alguém aprecia a Miss Universo por seu discurso sobre a paz mundial, e não por sua beleza?

Quem foi que disse que atores e músicos são especialistas em economia e clima? Constatemos o óbvio:

um canalha pode ser um excelente músico, pintor ou ator, assim como uma mulher com a cabeça oca

pode ser linda.

Devemos separar uma coisa da outra. O que será atacado neste livro é a visão ideológica dos artistas e

intelectuais da esquerda caviar, assim como suas contradições entre discurso e prática. Não vem ao caso

nem é do meu interesse criticar suas obras artísticas ou cientí cas. Como disse

omas Sowell em

Intellectuals and Society:

O passo em falso fatal de tais intelectuais é assumir que a capacidade superior dentro de um campo particular pode ser

generalizada como sabedoria ou moralidade superiores sobre tudo.

Aldous Huxley, em seu romance Contraponto, coloca em um dos personagens um alerta semelhante:

Uma das coisas mais difíceis de ter em mente é que o valor de um homem numa esfera determinada não constitui uma

garantia de seu valor em outra esfera. A matemática de Newton não prova nada em favor de sua teologia. [...] Platão

escreveu maravilhosamente bem, e esta é a razão pela qual muita gente acredita ainda na sua perniciosa loso a. Tolstoi

foi um excelente romancista; mas não constitui isto razão para que deixemos de considerar detestáveis suas ideias sobre a

moral, ou para que sintamos outra coisa que não seja desdém pela sua estética, pela sua sociologia e pela sua religião.

Esse alerta é especialmente importante no Brasil. Por aqui, há com frequência essa mistura. Basta o

sujeito ser um músico bom que combateu a ditadura para se tornar um grande pensador político. Basta o

arquiteto ser mundialmente famoso para que seu affair com ditadores sanguinários seja esquecido. Até

mesmo jogador de futebol famoso acaba virando sumidade em temas sociais e políticos.

*

No Brasil, o fenômeno da esquerda limusine foi agravado durante o regime militar, que criou os “ lhotes

da ditadura”. Qualquer um que tenha sido contra a ditadura, vista como de “direita”, com o tempo

ganhou a estima de grande defensor da liberdade e da democracia. Nada mais falso! Boa parte da

esquerda lutava para implantar outra ditadura, como aquela existente em Cuba até hoje.

Mas bastava ter alguma coragem e desa ar a censura do regime militar, que nem era tão forte assim

(ao menos se comparada com a de outras ditaduras, especialmente as comunistas), para ganhar status de

profundo intelectual humanista e defensor da liberdade. Foi assim que artistas viraram intelectuais por

aqui, misturando os dois lados da moeda. E todo anticomunista acabou sendo confundido com golpista

defensor do regime militar.

Muitos ícones de nossa esquerda caviar vieram da MPB, justamente por causa do regime militar.

Músicos como Geraldo Vandré e tantos outros ganharam fama de amigos da liberdade só porque

desafiaram o regime, mas eles não simpatizavam com a liberdade de fato. Muito pelo contrário.

Vandré, um dos mais engajados da turma, enxergava a música como um braço da ideologia, e chegou

a atacar virulentamente cantores que não aderiram à causa, como foi o caso de Roberto Carlos,

perseguido pelos radicais comunistas. O pianista Arnaldo Cohen, em entrevista recente para a revista

Época, constatou que a MPB foi bene ciada pela ditadura nos anos 1960, pois "ganhou uma

importância de protesto maior do que teria numa democracia".

Saibamos, então, separar o talento artístico da mensagem política. Feita essa ressalva, mãos à obra.

Divirtam-se com a gritante hipocrisia dessa turma que luta por um "mundo melhor", entre uma

champanhe importada e outra, muitas vezes do alto de seus jatos particulares ou do conforto de suas

gigantescas casas. Diabos! Não é fácil ser um revolucionário de boteco chique e um porco capitalista

sedento por mais lucros ao mesmo tempo. Mas nossos colegas da esquerda caviar aceitam o sacrifício...

PARTE 1

O fenômeno e suas origens

As origens

O que leva alguém com milhões de dólares de patrimônio a enaltecer um guerrilheiro comunista como

Che Guevara? Qual pode ser a causa da defesa apaixonada do socialismo por um lho de banqueiro? O

que está por trás do fato de uma madame, em sua BMW blindada a caminho de sua casa de praia,

enaltecer o estilo de vida "descolado" dos pobres indianos?

Por que um ator de Hollywood, que possui até jato particular, diria para o

restante das pessoas que

seu estilo de vida precisa mudar, reduzindo sua “pegada de carbono” para salvar o planeta do

aquecimento global? Como um intelectual sob todo o conforto ocidental pode abraçar tiranos assassinos

dos países mais pobres?

São questões complexas. A nal, a contradição entre discurso e estilo de vida salta aos olhos de

qualquer um, mas isso não parece motivo suficiente para incomodar os membros da esquerda caviar.

Eles são capazes de proferir uma palestra inteira sobre as “maravilhas” do regime socialista, e logo

depois negociar de forma intransigente um valor milionário para o cachê do próximo lme, ou embarcar

para passar as férias nos States, para voltar com as malas cheias de roupas e objetos eletrônicos mais

baratos (de preferência fugindo dos pesados impostos na Alfândega).

Eles torram milhões em “jantares bene centes”, com toda a pompa e gala, levantando fundos para

“causas sociais” como a fome, enquanto degustam os mais caros vinhos e iguarias, apenas para regressar

em limusines para seus palacetes com a sensação de que jamais pisaram na Terra seres tão bondosos.

Eles podem escrever que Cuba é quase um paraíso, e minutos depois partir para um luxuoso

apartamento em Paris. Ou podem pregar maiores impostos sobre os ricos em

nome da igualdade, para

em seguida lutar por benefícios fiscais para si próprios. Nenhum abalo aparente. Por quê?

1. Oportunismo hipócrita

A primeira opção que vem à mente é a velha canalhice mesmo. Sem dúvida, ela explica muitos casos. Por

saberem que esse tipo de discurso sensacionalista conquista os aplausos da plateia, esses ricos vestem uma

máscara sedutora para saírem bem na foto e logo depois ignoram seus próprios conselhos em suas vidas

privadas.

Queremos igualdade material, mas não mexam nos meus milhões no banco! Os ricos devem pagar

mais impostos, mas quero algum jeito de reduzir os meus! Todos são iguais, mas uns mais iguais que os

outros! Socialismo sim, mas não para mim!

O embaixador José Osvaldo de Meira Penna certa vez disse: “Os marxistas inteligentes são patifes; os

marxistas honestos são burros; e os inteligentes e honestos nunca são marxistas.” Por essa ótica, muitos

espertos sem caráter abraçariam o marxismo como meio para tirar proveito pessoal disso.

Pregar o socialismo pode ser uma tarefa bastante lucrativa no mercado, assim como vender consolo e

autoajuda para perdedores. omas Sowell disse: “Quando você quer ajudar as pessoas, você diz a

verdade a elas; quando você quer se ajudar, você diz a elas aquilo que querem escutar”. Michael Moore

sabe como essa tática funciona bem. Como ele, existem vários outros. Em suma, vender socialismo pode

ser rentável no capitalismo.

A simbiose entre artistas e governo representa uma oportunidade de ouro para muitos. Ouro de

Moscou! Carlos Heitor Cony, um dos ícones da esquerda caviar nacional, chegou a render homenagens

na rádio CBN aos países socialistas pelo aspecto cultural. Os balés soviéticos, os teatros, tudo fantástico...

para os artistas engajados, para as elites, para a intelligentsia e a nomenklatura, com suas dachas e

privilégios. Já o povo...

Essa parceria entre estado e artista pode ser um negócio e tanto, na verdade. A Petrobras, por

exemplo, gasta rios de dinheiro com patrocínios culturais. A estatal destinou a bagatela de R$ 652

milhões para este m entre 2008 e 2011. É uma montanha de dinheiro capaz de testar a integridade do

mais liberal dos liberais.

A prefeitura carioca, para dar outro exemplo, gastou quatro vezes mais com eventos e shows em 2012

do que em 2009. Os recursos destinados a tais eventos chegam a quase cem milhões de reais. Entre os

beneficiados estavam artistas que tinham apoiado a campanha de reeleição do

prefeito Eduardo Paes.

Zezé di Camargo e Luciano foram acusados, por Marcos Valério, de receber pagamentos milionários

do PT no exterior. A dupla fez vários “showmícios” para o partido em campanha. Trata-se de mais um

exemplo, entre tantos outros, dessa estranha simbiose entre artistas e políticos, bené ca para ambos os

lados.

Daniel, o cantor sertanejo, conseguiu autorização do Ministério da Cultura (MinC) para captar R$ 3

milhões com benefícios scais para uma turnê comemorativa de seus 30 anos de carreira. A Lei Rouanet

tinha como propósito ajudar artistas desconhecidos em começo de carreira, mas acabou totalmente

deturpada, tornando-se uma espécie de “Bolsa Artista”. A cantora Maria Bethania teve autorização para

captar mais de R$ 1 milhão do MinC para fazer um blog!

O Club A, casa noturna paulistana conhecida pelos eventos de elite, recebeu aval do Ministério da

Cultura para captar 5,7 milhões de reais pela Lei Rouanet. O motivo é a criação de um “painel artístico

de difusão cultural nos segmentos da música, dança e artes cênicas dentro e fora do espaço físico do

Club A São Paulo”. A entrada para homens sem nome na lista custa R$ 160,00. Posso até imaginar o

Amaury Jr. entrevistando um ricaço da esquerda caviar paulista, ambos tecendo

loas ao maravilhoso

governo...

O cantor Carlinhos Brown, genro de Chico Buarque, foi convidado pela presidente Dilma para expor

no Palácio do Planalto suas “telas”. Parece que até o artista cou surpreso: “Vim aqui ver as obras de

Caravaggio e me convidaram. Sou um iniciante de segunda exposição”. Será que após esse empurrão na

nova carreira do artista, ele poderá ser um crítico do governo? Será que sua escolha foi totalmente

derivada do mérito de sua arte ou teve ligação com a política?

A presidente Dilma, ao lado de uma “empolgada” Marta Suplicy, ministra da Cultura, apresentou ao

povo brasileiro a caxirola, um chocalho ridículo criado pelo artista para servir como uma espécie de

vuvuzela nacional na Copa do Mundo, a ser realizada no Brasil em 2014. A cena toda já seria um tanto

constrangedora, mas contou com um agravante: a bizarrice foi bancada com o nosso dinheiro!

A cantora Ivete Sangalo foi convidada e aceitou, no começo de 2013, realizar um show na

inauguração de um hospital público em Sobral, no Ceará. O cachê acertado causou polêmica. O

governador Cid Gomes, irmão de Ciro Gomes, combinou pagar nada menos do que R$ 650 mil pelo

show. Para piorar a situação, a marquise do hospital desabou apenas um mês

após sua inauguração!

O governador, de partido socialista, já havia causado polêmica ao utilizar mais de R$ 3 milhões dos

contribuintes para um show do tenor espanhol Plácido Domingo na inauguração de um centro de

eventos do estado. O colunista Merval Pereira, do jornal O Globo, escreveu:

Já soava absurdo o pagamento de R$ 650 mil para festa de um hospital público, mas, quando se sabe que ele funcionava

precariamente após a festança e, ainda por cima, desabou em parte um mês depois de inaugurado, temos retrato de corpo

inteiro do que seja uma politicagem que explora a miséria no melhor estilo dos coronéis de antigamente.

Mais adiante, causaria novo escândalo ao contratar, por R$ 3,4 milhões, serviço de buffet para seu

governo, incluindo até iguarias russas. Legítima esquerda caviar. Mas “coronéis” muitas vezes recebem o

apoio da esquerda interessada em suas verbas. E que verbas! O governo brasileiro aprovou a Lei da TV

Paga, que destina cotas para conteúdo nacional nos canais a cabo. Em 2012, o governo autorizou que a

Ancine usasse R$ 400 milhões do Fistel (Fundo de Fiscalização das Telecomunicações) para fomentar as

produções brasileiras.

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, agora já afastado da televisão, rebateu a lei: “Sou

inteiramente a favor da produção nacional, mas, em princípio, as coisas devem

ser resolvidas pelo

mercado.” Toda a cadeia da felicidade que aproveita o privilégio à custa do telespectador pensa ou diz

algo bem diferente...

O vale-cultura de cinquenta reais proposto pela ministra Marta Suplicy, ícone da esquerda caviar

nacional, também ia nessa mesma linha. Poderia inicialmente ser usado até para TV a cabo. Eis que ver

filmes calientes no Sex Hot passou agora a ser fomento à cultura nacional. Bem que a ministra sexóloga

poderia fazer uma campanha sussurrando no final: relaxa e goza!

A ministra acabou tendo que recuar de sua proposta por pressão de atores liderados por Paulo Betti,

também da esquerda caviar. A benesse estatal passou a ser válida somente para teatro, cinema e livros. A

previsão é de que injete mais de R$ 11 bilhões no mercado cultural do país. Algo me diz que Paulo Betti

e companhia não zeram tanto alarde por altruísmo e preocupação genuína com a qualidade cultural

absorvida pelos mais pobres...

O Senado aprovou também o projeto de uma “Bolsa Artista”, programa destinado a proporcionar

formação e aprimoramento de artistas amadores e pro ssionais. Uma comissão escolheria os agraciados

pelas verbas públicas. Ganha um prêmio quem souber se um artista extremamente crítico ao governo

desfruta das mesmas chances que outro, mais amigável ou subserviente.

A TV Globo levou para 25 milhões de brasileiros, em horário nobre, o lme Lula, lho do Brasil,

decepção de bilheteria nos cinemas. Em um país com tantas leis arbitrárias e gastos expressivos de

propaganda do governo, um grande canal de televisão acaba refém do partido no poder. Na Argentina e

na Venezuela, os grupos que tentaram se manter independentes, criticando o governo, foram esmagados

pela máquina estatal.

Em sua biografia sobre Mozart, Norbert Elias mostra como esse gênio “burguês” foi capaz de romper com

a dependência exclusiva da aristocracia da corte, e como isso foi fundamental para sua obra. Elias diz

que Mozart “lutou com uma coragem espantosa para se libertar dos aristocratas, seus patronos e

senhores”.

A decisão de Mozart de largar o emprego estável em Salzburgo signi cava o abandono de um

patrono, tendo que ganhar a vida como um “artista autônomo”, vendendo sua obra no mercado. Era

algo bastante ousado e inusitado na época, cuja estrutura social ainda não oferecia lugar para músicos

ilustres e independentes. O risco assumido por Mozart era extraordinário. Mas a independência do

artista é um quesito crucial para sua criação. Infelizmente, muitos preferem a

mãozinha do mecenas

estatal.

Engana-se quem pensa que essa parceria é exclusividade nossa. No pacote de medidas anunciado pelo

presidente Obama no começo de 2013, para escapar do “abismo scal”, nada menos que US$ 430

milhões de estímulos foram aprovados em regras especiais para Hollywood, com o intuito de encorajar a

produção de TV e filmes nos Estados Unidos.

Em contrapartida, várias celebridades de Hollywood tinham colaborado com os nanciamentos de

campanha de Obama. O absurdo desse relacionamento promíscuo chegou ao auge na cerimônia do

Oscar de 2013. Ninguém menos que Michelle Obama, a primeira-dama, anunciou o vencedor de melhor

filme, ao vivo e direto da Casa Branca.

O vencedor foi Argo, do diretor e ator Ben Affleck, simplesmente um dos mais próximos do partido

Democrata em Hollywood, e até cotado para sair candidato a senador. O lme é uma tentativa de

reescrever o episódio da invasão iraniana na embaixada americana, sendo que o ex-presidente Democrata

Jimmy Carter acaba transformado em herói, em vez de o responsável por boa parte daqueles

acontecimentos.

O anúncio feito pela primeira-dama foi a estatização completa do evento. O

jornalista Reinaldo

Azevedo resumiu o ridículo da situação:

Deem uma única boa razão para Michelle ter sido a anunciadora do principal prêmio da noite que não seja a

espetacularização da política e a politização do espetáculo, duas regressões que as boas democracias do mundo costumam

evitar.

Como o cão não morde a mão que o alimenta, quando esses artistas e intelectuais dependem de verbas

estatais, eles naturalmente se tornam defensores de mais poder e recursos concentrados no estado. A

defesa das bandeiras estatizantes, portanto, acaba sendo apenas um negócio lucrativo para alguns. Basta

pensar na Embra lme, caso notório dessa simbiose. Eis uma das origens do fenômeno esquerda caviar,

sem dúvida.

Junto com os artistas, as ONGs acabam se locupletando em esquemas com o governo. A nal, as

transferências para as organizações “não” governamentais são bilionárias. Claro que a maioria delas vai

vender a causa estatizante, em troca dessas polpudas verbas. Basta uma rápida visita no site da Abong, a

Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais, para constatar que todas as grandes

bandeiras esquerdistas estão lá.

Outra categoria que costuma fazer parte da esquerda caviar por interesse

nanceiro é a dos funcionários

públicos. No Brasil, ganham, em média, três vezes mais do que o setor privado, que é quem paga a conta.

Não são ricos, mas contam com inúmeros privilégios. E adoram abraçar as bandeiras populistas que

depositam no estado a salvação. Roberto Campos percebeu o fenômeno:

Nossas esquerdas não gostam dos pobres. Gostam mesmo é dos funcionários públicos. São estes que, gozando de

estabilidade, fazem greves, votam no Lula, pagam contribuição para a CUT. Os pobres não fazem nada disso. São uns

chatos...

Talvez o melhor exemplo para esse per l seja o do senador Lindbergh Farias, do PT. Desde muito jovem,

o rapaz de classe média percebeu que bastava pegar o microfone, atacar os ricos e pregar utopias

socialistas para subir na vida. Deu certo! Da UNE chegou ao Senado, sempre vendendo promessas

esquerdistas. Trabalhar duro para quê, se dá para viver no conforto sempre no palanque?

Lindinho, como é chamado pelas fãs, acabou envolvido em vários escândalos de corrupção. Foi

acusado de usar a máquina pública para alavancar o patrimônio de sua família, trajetória comum na

política (especialmente na esquerda). É impressionante como esses socialistas adoram dinheiro,

especialmente o dos outros. Se as denúncias forem verdadeiras, Lindbergh terá

saído de “cara pintada”

para um tremendo cara de pau.

Intelectuais que gozam de estabilidade na academia e usam verbas estatais em suas pesquisas também

têm interesse no modelo estatizante. Para piorar o quadro, no Brasil vários desses intelectuais se

autoexilaram na época do regime militar e hoje conseguiram polpudas verbas indenizatórias, mais

conhecidas como “Bolsa-Ditadura”.

São somas impressionantes em alguns casos. Ziraldo recebeu mais de R$ 1 milhão, e Carlos Heitor

Cony levou R$ 1,5 milhão e mais quase R$ 20 mil mensais. Isso tudo mesmo que o intelectual jamais

tenha parado de trabalhar e tenha amealhado um belo patrimônio durante esse período. Era aquele

movimento um investimento em vez de sonho revolucionário?

Todo socialista simplesmente adora dinheiro. Podem falar o contrário, mas, assim que a

oportunidade se apresenta, mostra-se o mais ganancioso. O melhor exemplo? O Parlamento da China

comunista possui a maior quantidade de bilionários de todos. São mais de 80 ao todo. Não há nada

parecido no capitalista Estados Unidos.

Segundo o New York Times , a família de Wen Jiabao, chamado de “premiê do povo”, teria

acumulado uma fortuna de US$ 2,7 bilhões. Vários membros da família são

milionários. Tudo em nome

da igualdade, do comunismo. Quem foi que disse que socialista não gosta de riqueza? Pode não gostar

de criar riqueza, mas adora pegar a dos outros!

Outro exemplo? O tesoureiro da campanha do socialista Hollande, presidente francês, envolveu-se em

um escândalo de evasão scal. Jean-Jacques Augier teria mandado vastos recursos para paraísos scais,

como Cayman, para fugir dos impostos que seu próprio governo defende e aumentou. Robert Mugabe, o

ditador socialista do Zimbábue, que destruiu seu país de vez com as receitas esquerdistas, estava

envolvido nesse mesmo escândalo.

Mais um exemplo? Isabel dos Santos foi considerada pela revista Forbes a primeira bilionária africana.

Algum sucesso empreendedor bem capitalista? Nada disso. Ela é lha do ditador José Eduardo dos

Santos, que governa Angola há mais de 30 anos. O pai assumiu o poder com uma revolução comunista e

adotou o modelo de “capitalismo” de compadres. A fortuna da lha é estimada em US$ 2 bilhões.

Alguém acha que a cleptocracia envolvida nos esquemas do governo vai defender bandeiras liberais em

vez do socialismo?

Ainda não está satisfeito? O candidato mais rico nas últimas eleições brasileiras era Mauro Mendes,

com fortuna declarada ao TSE de R$ 116,8 milhões. Sabem qual é o seu partido? O PSB, de Eduardo

Campos, neto do também rico Miguel Arraes, e dos irmãos Cid e Ciro Gomes. E sabem o que a sigla quer

dizer? Partido Socialista Brasileiro! O que tem de socialista rico ligado à política por aí...

Eis o grande grupo que faz parte da esquerda caviar para defender suas boquinhas estatais ou car

rico vendendo utopias: artistas, intelectuais, políticos e funcionários públicos que desfrutam de várias

mamatas concedidas pelo papai governo. E o povo que pague a conta!

2. Narcisismo

Uma das principais causas do fenômeno esquerda caviar é, sem dúvida, o narcisismo da elite. Em busca

da sensação gostosa de superioridade moral, seus membros partem para autocongratulações, repetem uns

aos outros como são incríveis, como colaboram para a construção de um “novo mundo”.

“Espelho, espelho meu: existe alguém mais bela do que eu?” Não são poucos os ícones da esquerda

festiva que poderiam acompanhar a rainha de Branca de Neve nesse questionamento. Eles seriam capazes

de passar o dia inteiro recebendo elogios de seus pares, alimentando a ideia de que são fundamentais

para o “progresso” da Humanidade.

A autoestima muitas vezes se confunde com o autoengano dos narcisistas. São

como o personagem de

animação Johnny Bravo, que, em um dos desenhos, diz para a moça ao lado no bar: “Gata, deve ser

muito bom ser você; afinal, você pode ficar olhando o tempo todo para mim.”

Os programas de engenharia social, o intervencionismo estatal na economia, a péssima qualidade do

ensino público, tudo isso ajudou a criar uma casta no andar de cima, com baixa mobilidade social. Os

membros da elite se distanciaram dos demais, cando cada vez mais isolados em uma bolha, com poder

e recursos concentrados em demasia, e com vidas muito diferentes daquela do “povão”.

Não é um caso apenas brasileiro — país que, na verdade, sempre foi assim. Nos Estados Unidos, isso

também ocorreu nas últimas décadas, como demonstra Charles Murray em seu livro Coming Apart: The

State of White America. Classes com comportamento e valores muito divergentes foram criadas, vivendo

em redomas isoladas e ameaçando os pilares que fizeram da América a América.

Atualmente, o sujeito estuda em ótimas e caras escolas particulares, com qualidade bem superior ao

ensino público, depois ingressa em Harvard, Princeton ou Yale, troca ideias somente com seus similares e

se torna um professor acadêmico, um advogado de um grande escritório, um gestor de recursos ou um

político. Ele passa a viver somente entre seus pares e perde o contato com o

cidadão comum.

Nas seis décadas desde 1950, o tamanho da mão de obra do setor público americano cresceu três

vezes mais rápido do que a população total. O sonho de muita gente passou a ser trabalhar para o

governo, em vez de empreender ou se arriscar na iniciativa privada. Sem experiência no setor real da

economia, sem viver o dia a dia dos negócios corporativos, muitos assumem papéis poderosos em

Washington e decidem o destino de setores inteiros.

No Brasil, a situação é muito pior. Há décadas que vários jovens das classes média e alta sonham com a

estabilidade e os bons salários do setor público. Costumam desprezar a meritocracia e o

empreendedorismo, ambos responsáveis pelo sustento de suas próprias carreiras estáveis e confortáveis,

ainda que muitas vezes maçantes e medíocres.

A burocracia acaba criando inúmeros obstáculos ao próprio progresso. Mas isso não impede o

burocrata de se enxergar como um grande altruísta abnegado, como uma peça crucial no mecanismo de

justiça social. Em parceria com artistas e intelectuais, todos de origem semelhante e todos desfrutando

das benesses estatais, ignoram o homem comum enquanto alegam fazer tudo em seu nome.

O importante é chegar ao nal do dia e se olhar no espelho, repetindo como ele é

bondoso e generoso,

usando os recursos alheios para “salvar o mundo” e retirando um polpudo salário como pedágio para

seus incríveis esforços. Recompensa justa, claro!

Ganancioso é o empresário que pretende manter para si seus ganhos. Ele, o funcionário público que

só viaja de classe executiva, que ca em bons hotéis, que usa cartão corporativo nos melhores

restaurantes, bebe vinho caro, tudo pago pelos impostos dos “contribuintes”, ele é um desprendido dos

bens materiais, um soldado da igualdade, praticamente um santo!

É devido a esse narcisismo que muitos odeiam tanto os conservadores e os liberais, que apontam para

o rei e gritam que ele está nu. Querem matar o mensageiro para evitar o confronto com a mensagem, e

assim persistir no autoengano, na viagem coletiva de que são todos almas maravilhosas e puras, na

adulação recíproca que reforça a crença em seu próprio valor.

Esse narcisismo é alimentado pela vaidade. Muitos intelectuais, sem notar a contradição, lutam contra

a hierarquia do saber nas universidades, alegando que o professor não deve se colocar como uma

autoridade acima dos alunos ao passar conhecimento, enquanto eles mesmos se consideram os gurus da

juventude, estimulando o comportamento de tiete dos jovens.

O lósofo Luiz Felipe Pondé escreveu em uma coluna da Folha: “A razão para

existir esses intelectuais

‘para um mundo melhor’ é fazer o mundo servir à vaidade deles e de quem se acha tão ‘ético’ quanto

eles.” Para o lósofo, “O caráter de alguém que escreve é medido pela ausência de desejo de agradar a

quem o lê.” Justamente o contrário do desejo da esquerda caviar, que busca em toda a oportunidade os

elogios fáceis, os aplausos do grande público.

Intelectuais também são estimados e paparicados em regimes autoritários, quando defensores do

regime, e isso alimenta o ego deles, seu senso de honra e importância. Muitos se deixam ser usados por

ditadores em troca dessas migalhas emocionais, dessa “egotrip”. Era o caso de Sartre. Nelson Rodrigues,

certa vez, escreveu:

Acendendo o cigarro, eu me lembrava da visita que nos fez, há tempos, o Jean-Paul Sartre. Fui a uma de suas conferências.

Gente escorrendo do lustre, subindo pelas paredes. E os presentes lambiam o Sartre com a vista. Olhei aquilo e concluí

que há admirações abjetas.

O narcisismo dessa elite política e intelectual acaba retroalimentando um modelo estatizante,

concentrador de renda e de poder, tudo em nome do combate à desigualdade e ao egoísmo dos

capitalistas.

3. Elite culpada

Mas não creio ser apenas oportunismo e vaidade. Acredito que um dos fatores tem ligação com o

sentimento de culpa dessa elite. E convenhamos: nada como uma elite culpada tentando expiar seus

“pecados”. Com que facilidade adere aos discursos mais demagógicos. Chega a dar dó.

Em um país que culturalmente condena o lucro e enxerga a economia como um jogo de soma zero,

onde José, para car rico, precisa tirar de João, o sucesso acaba sendo uma “ofensa pessoal”, como disse

Tom Jobim. Essa visão é um prato cheio para produzir uma elite culpada e desesperada para pregar aos

quatro ventos as “maravilhas” do socialismo.

Por isso vemos cineastas herdeiros de banco fazendo lmes que enaltecem guerrilheiros comunistas.

Por isso vemos lhos de grandes escritores lambendo as botas de tiranetes latino-americanos. Imagem é

tudo. E estas pobres almas acreditam que, ao louvarem a ideologia que quer destruí-los, conquistarão a

fama de abnegados e descolados. Como é fácil falar que o capitalismo não presta quando se é milionário!

Alguns dos mais destacados ícones da esquerda festiva são herdeiros de fortunas. Nos Estados

Unidos, Corliss Lamont, por exemplo, foi uma das vozes que reproduziram mentiras sobre a União

Soviética na década de 1930. Lamont visitou o país algumas vezes e chegou a escrever um livro, Russia

Day by Day, enaltecendo o regime e ocultando suas desgraças.

Suas palavras nais no texto diziam que o século XX pertenceria à União Soviética, e que ninguém

seriamente interessado no progresso do espírito humano poderia se dar ao luxo de perder a experiência

de visitar esse “paraíso”. Lamont era lho de um dos sócios do J.P. Morgan, o mais famoso banco na

época.

Outro igualmente empolgado com o comunismo foi Frederick Vanderbilt Field. Como o nome do

meio já diz, Fred Field era herdeiro do magnata Cornelius Vanderbilt, e foi um grande nanciador de

publicações e organizações comunistas. Esses exemplos podem ser multiplicados aos milhares.

Mas o principal exemplo é, sem dúvida, a Fundação Ford. Criada em 1936 por Edsel, lho de Henry

Ford, distribui recursos por todas as causas de “justiça social”, “ambientais” e em defesa das “minorias”.

Ou seja, as bandeiras esquerdistas. E que recursos!

Possui mais de US$ 10 bilhões em ativos e desembolsa mais de US$ 400 milhões por ano. É difícil

encontrar uma ONG importante de esquerda que não tenha a impressão digital da fundação,

especialmente nos países em desenvolvimento. O antissemitismo, que já estava presente no próprio Ford

(a ponto de merecer elogios de Hitler em Mein Kampf), também é outra marca

da fundação.

Alarmismo climático, vitimização de minorias, aumento de impostos sobre os mais ricos, todas essas

campanhas ganharam dimensão maior graças aos vastos recursos da fundação. Se Henry Ford ajudou a

criar riqueza e a deslanchar o capitalismo com seu Modelo T, a fundação que leva seu nome faz de tudo

para atacar e derrubar o sistema que permitiu sua própria existência bilionária.

A Fundação Rockefeller vem logo atrás. Com um século de existência, também abraçou a cruzada

ambientalista com vontade. Quem quiser saber mais sobre o assunto, recomendo (com cautela) o livro

Má a verde: O ambientalismo a serviço do Governo Mundial, escrito por uma equipe de investigadores

da revista Executive Intelligence Review. Descontados os arroubos nacionalistas e excessos conspiratórios,

mostra bem esse lado obscuro dessas fundações.

Aquilo que vem fácil não tem tanto valor. “Easy come, easy go.” Tantas vezes criados por pais ausentes,

ocupados demais na construção de seus impérios, esses herdeiros acabaram repletos de mimos como

compensação. Esses pais, no afã de oferecer aos seus rebentos tudo aquilo que não tiveram em suas

infâncias sofridas, exageram na dose e não conseguem incutir os limites necessários para que seus lhos

possam amadurecer.

No mais, por não terem criado eles mesmos a fortuna, sentem-se culpados por ela, e não valorizam

tanto o esforço necessário para chegar lá. Como resultado, passam a execrar o dinheiro, a considerá-lo a

fonte de todo mal. A novelista russa Ayn Rand, em A revolta de Atlas, disseca esse lado da esquerda

caviar com maestria.

Seus heróis são empreendedores que fazem o mundo girar, que criam as riquezas. Mas um dos

herdeiros da grande ferrovia é o exemplar perfeito da esquerda caviar. Abomina o dinheiro em seus

discursos, prega o igualitarismo, mas só da boca para fora. Inseguro, busca uma esposa humilde e

submissa, para que possa lembrá-la sempre do quão “caridoso” ele é por tomá-la como mulher e tirá-la

daquela vida difícil de antes.

Outro ícone perfeito da esquerda caviar na trama é a esposa de outro herói, o industrial Hank

Raerden. Ela adora receber intelectuais em festas na sua casa, todos enaltecendo o socialismo e atacando

os empresários “gananciosos”, como o seu marido (que banca a farra deles). Um dos mais virulentos

contra o capitalismo é o próprio irmão de Hank, um vagabundo que vive de sua mesada.

Em uma das festas, a esposa comenta o presente absurdo que ganhou do marido: um bracelete feito

com o metal especial de sua indústria. Ao ver aquela cena, a heroína da novela, Dagny Taggart,

simplesmente oferece trocar o bracelete de metal pelo seu de diamantes, constrangendo a an triã perante

os demais.

Dagny sabe dar valor ao dinheiro e também ao que representa, ao contrário da outra, que culpa o

dinheiro pelos males do mundo, mas confunde valor com preço e, de forma hipócrita, sempre quer o

mais caro de tudo, para esbanjar na frente de terceiros. Enquanto ostenta luxo e riqueza, segue com o

blá-blá-blá de que o dinheiro não presta. Ayn Rand coloca em um discurso de Hank Rearden uma boa

perspectiva sobre o assunto:

Então o senhor acha que o dinheiro é a origem de todo o mal? O senhor já se perguntou qual é a origem do dinheiro? O

dinheiro é um instrumento de troca, que só pode existir quando há bens produzidos e homens capazes de produzi-los. O

dinheiro é a forma material do princípio de que os homens que querem negociar uns com os outros precisam trocar um

valor por outro. O dinheiro não é o instrumento dos pidões, que pedem produtos por meio de lágrimas, nem dos

saqueadores, que os levam à força. O dinheiro só se torna possível através dos homens que produzem. É isto que o senhor

considera mau?

Mas alguns herdeiros não se sensibilizam com essa lógica. Não tiveram de

passar por tais esforços em

trocas voluntárias para acumular suas fortunas. E querem de qualquer jeito a aceitação popular,

livrando-se da pecha de ricos insensíveis (sem se livrar junto da riqueza, naturalmente). Temos aqui

outra possível origem da esquerda caviar.

O mesmo pode acontecer com celebridades que ganham muito dinheiro rápido demais. O sujeito

largou a faculdade, tudo que faz é atuar bem, ou seja, ser uma “metamorfose ambulante” e convincente.

E um lme de poucos meses faz pingar em sua conta milhões de dólares! Ele se sente mal com isso,

culpado, e precisa expiar essa culpa a todo custo.

Tal sentimento de culpa os leva a defender os mais humildes, o “homem do povo”, como se a

exploração de seu trabalho fosse a causa da riqueza dos ricos. No afã de garantir seu lugar no céu — ou

ao menos na la dos estimados pelo povão aqui na Terra —, condenam o lucro e enaltecem o trabalho

manual. A continuação do discurso de Hank Rearden esclarece o absurdo disso:

Olhe para um gerador de eletricidade e ouse dizer que ele foi criado pelo esforço muscular de criaturas irracionais. Tente

plantar um grão de trigo sem os conhecimentos que lhe foram legados pelos homens que foram os primeiros a plantar

trigo. Tente obter alimentos usando apenas movimentos físicos, e descobrirá que a mente do homem é a origem de todos

os produtos e de toda a riqueza que já houve na terra.

Mas não importa: o herdeiro culpado e o ator rico vão enaltecer o trabalho braçal, vão tentar se

identi car com os operários, e vão culpar os empreendedores pela suposta exploração deles. O herdeiro

playboy, lantropo, poderá gozar da estima dos demais, enquanto o batalhador, o que tenta administrar

os negócios herdados e fazê-los crescer, será visto como egoísta e insensível.

Frederic Bastiat usa a comparação entre dois irmãos, Mondor e Aristo, para mostrar a diferença de

postura entre esses dois tipos de herdeiros. Após repartirem a herança do pai, cada um deles parte para

um estilo de vida totalmente distinto. Um pratica a lantropia; o outro resolve poupar e investir o

dinheiro.

Os felizes recebedores das benesses de Mondor, o lantropo, representam aquilo que se vê. Não é tão

fácil, contudo, perceber, do ponto de vista do interesse dos trabalhadores, o que se tornam os

rendimentos de Aristo, o poupador. Mas todos esses rendimentos, até o último centavo, servem para dar

emprego aos operários tanto quanto certamente os rendimentos de Mondor.

Há uma diferença importante, porém: “Os gastos loucos de Mondor estão condenados a diminuir

sempre e a chegar a um m necessário. A sábia despesa de Aristo vai engordando de ano para ano.” A

poupança de Aristo pode ser canalizada para investimentos produtivos. Os gastos de Aristo, feitos em

parte por terceiros a distância, representam aquilo que não se vê de imediato.

Ao nal de dez anos, é provável que os gastos com lantropia de Mondor estejam se esgotando.

Bastiat conclui: “Ao nal dos mesmos dez anos, Aristo continua não somente a pôr o seu dinheiro em

circulação, mas continua aumentando seus rendimentos de ano para ano. Ele contribui para fazer crescer

o capital nacional, ou seja, o fundo que alimenta os salários. E, como a demanda de trabalho depende da

extensão desse fundo, concorre para o aumento progressivo da remuneração da classe operária.”

Mas todos sabem quem desfruta dos aplausos da imprensa e dos intelectuais. Sempre será o

lantropo, o playboy generoso que distribui sua herança e que gasta com festas luxuosas enquanto ataca

o próprio capitalismo que tornou sua fortuna possível.

4. Tédio

Não podemos excluir ainda o puro tédio como ímã para a esquerda caviar. Vivendo vidas seguras e

confortáveis, fúteis e vazias, a na or da esquerda abraça ideias revolucionárias ou exóticas apenas para

afastar de si a angústia de suas existências. A sociedade da abundância ajuda a parir os radicais chiques.

São os “senhorezinhos satisfeitos” de que falava Ortega y Gasset.

Normalmente incapazes de se enquadrar ao sistema, por considerarem aquelas pessoas de classe

média “felizes” com suas distrações burguesas, tais como novelas e futebol, um bando de alienados, esses

membros da elite entediada partem para aventuras mais radicais. Eles precisam “cair fora” (drop out) da

sociedade, buscar alternativas que ofereçam um novo sentido a suas vidas.

O esoterismo encanta essas pessoas, sempre em busca do último modismo antiocidental. Ioga, feng

shui, orais de Bach, xamanismo, ervas milagrosas, dieta “detox”, tudo prato cheio para as madames

entediadas. São as “socialites socialistas”, muitas vezes esposas ou lhas de ricaços, que compram seu

passe no mundo intelectual por meio de filantropia às causas esquerdistas ou exóticas.

Um anúncio que vi em uma revista parece feito sob medida para essas senhoras. O título era “Para

sua proteção” e divulgava joias a partir de R$ 480, de ouro ou prata, “benzidas” por uma estudiosa da

cabala e banhadas em água salgada. Os colares e pulseiras eram, portanto, “espiritualizados”. O local da

loja? Leblon, claro!

G.K. Chesterton tinha um ponto quando disse que o problema não era deixar de acreditar em Deus,

mas sim passar a acreditar em qualquer bobagem. A lista é grande, e os embusteiros fazem a festa. “Não

tenho religião, mas sou uma pessoa espiritualizada.” Essa frase define a era moderna...

O tédio desperta o encanto pelo desconhecido. É assim que a Índia vira símbolo de “vida espiritual”

na imaginação dessas senhoras entediadas com seu conforto ocidental, ignorando que há regime de

castas por lá, muita miséria, violência, machismo, sujeira, tudo isso junto com o maior consumo de ouro

do planeta.

Mas vamos pular essa parte e car apenas com o idealismo do líder espiritual indiano. A nal, essas

senhoras costumam ser “espiritualizadas” ou então abraçar religiões mais novas do que seus lhos. Elas

“amam” o desprendimento tibetano, consideram o Dalai Lama uma espécie de guru, acreditam na

homeopatia e em tratamentos naturais, mas não abrem mão do conforto urbano, do cinema moderno,

de seus carros luxuosos, e correm para a farmácia e para bons médicos ocidentais quando a coisa

realmente aperta.

O autor de novelas Walcyr Carrasco, em um artigo chamado “A loucura dos homeopatas”, publicado

na revista Época, colocou o dedo na ferida de alguns tipos bem caricatos:

Sempre descon ei da sanidade dos intelectuais. Um amigo médico comentou, em tom de brincadeira, que o índice de

vacinação na Universidade de São Paulo provavelmente é menor que numa

cidade do interior do Nordeste. Intelectuais

gostam de ideias alternativas. Tratamentos homeopáticos, orais ou qualquer loucura que entre na moda sempre os

atraem. É a mania de transformar a saúde em questão losó ca ou ideológica e de criar um debate em torno. A vida

melhorou após a descoberta da penicilina. Também não conheci nenhum alternativo que recuse anestesia numa remoção

de apêndice.

O tédio também pode levar muitos na direção de um líder autoritário e populista, que ajuda no

autoengano dos entediados. Suscetíveis a todo tipo de engodo só para adicionar um pouco de adrenalina

na vida, aproximam-se de perigosos embusteiros, líderes autoritários que exploram essa carência afetiva.

Oscar Wilde colocou nas palavras da personagem Vivian, em A decadência da mentira, de 1891, um

comentário espirituoso sobre isso:

Cansada da conversa chata e comedida que não têm habilidade para o exagero nem talento para a cção, fatigada das

pessoas inteligentes cujas lembranças se baseiam apenas na memória, cujas declarações são invariavelmente limitadas

pelo verossímil e podem ser corroboradas por qualquer listeu presente, a sociedade retornará mais cedo ou mais tarde

ao seu líder perdido: o fascinante e refinado mentiroso.

Claro que nem sempre esse líder será fascinante e re nado, mas invariavelmente será mentiroso e

autoritário, vendendo ilusões aos membros entediados da elite. Nelson Rodrigues, escrevendo sobre a

Passeata dos Cem Mil na década de 1960, evento organizado pela esquerda caviar, ironizou a situação:

Palavra de honra, eu caria radiante se, de repente, aparecesse uma mãe plebeia. Sim, uma santa crioula, que tirasse o seio

negro e generoso e desse de mamar ao crioulinho sôfrego. Não tinha a mãe plebeia. Em compensação, vi duas grã- nas

que caram em pé. Um cineasta que lá estivesse havia de notar o valor plástico da coisa: duas em pé e os Cem Mil, ou

“Cinquenta mil”, ou “Vinte e cinco mil” sentados. O leitor há de perguntar por que uma e outra não zeram como os

demais. Explico: uma, porque estava vestida à Saint-Laurent, e a outra porque tinha uma saia tão apertada, que não dava

jeito.

Em A elegância do ouriço, Muriel Barbery usa uma das narradoras, uma menina muito inteligente de 13

anos, para descrever o desconforto com essa atitude de sua mãe. Moram em um endereço de luxo em

Paris, repletas de conforto. Não obstante, sua mãe vive a pregar o socialismo, entre uma conversa e outra

com suas plantas. E claro, mesmo depois de dez anos de terapia, ela ainda precisa tomar remédio para

dormir...

O autor coloca na outra narradora da história, uma concierge humilde, porém extremamente culta, as

palavras de desprezo em relação ao grupo de riquinhos mimados que tentam aparentar um estilo

artificial de pobreza cool:

Se tem uma coisa que abomino é essa perversão dos ricos que se vestem como pobres, com uns trapos que cam caindo,

uns bonés de lã cinza, sapatos de mendigo e camisas oridas debaixo de suéteres surrados. É não só feio mas insultante;

nada é mais desprezível que o desprezo dos ricos pelo desejo dos pobres.

No entanto, basta frequentar uma faculdade privada para ver a quantidade de jovens que aderem a esse

estilo “riponga”, com suas camisetas do Che Guevara, apenas para entrar depois em seus carros

importados do ano. São os “revolucionários de Facebook”, que escrevem em seus per s da rede social

americana o quanto odeiam o sistema capitalista americano e o lucro que tornou o instrumento viável.

Uma típica “riponga” dessas morre de medo de hormônios no leite vendido pela multinacional

capitalista, mas aceita uma “bala” de qualquer estranho em uma festa rave. Contradição é sua marca

registrada, e o importante é atacar sempre o sistema capitalista, assim como seu maior ícone, os Estados

Unidos.

Outro dia mesmo vi à venda uma capa para iPhone (aquele da Apple, empresa americana das mais

lucrativas do mundo) que estampava o símbolo comunista. Nem era barata:

custava R$ 90. Nada mais

esquerda caviar que isso! Só falta vir com ring tone do Bob Marley de fábrica. Maneiro, bicho!

Posso até ver o rebelde, com cabelo despenteado, barba por fazer, camisa do Che, falando: “Mamãe,

veja como sou revolucionário; olhe a linda capa com a foice e o martelo que comprei para o telefone que

você me deu! Agora passa logo a mesada que quero ir ao cinema com os camaradas ver aquele lme que

detona com os Estados Unidos.”

O “minimalismo” também conquista algumas pessoas ansiosas para condenar o estilo de vida

“consumista” ocidental. A ideia é viver com a menor quantidade de coisas possível, demonstrando assim

que não faz parte do “sistema”. O cronista Janer Cristaldo fez um ácido diagnóstico do fenômeno:

Estes pretensos despojados, que buscam a fama sem a alavanca do dinheiro, são em verdade os órfãos contemporâneos de

Henry oureau, o utopista americano que se dedicava inclusive a confeccionar sua própria roupa. Não passam de

malucos pedantes, que pretendem começar do zero, renegando assim todo labor humano que torna esta vida tão breve

pelo menos confortável.

O caderno Amanhã, do jornal O Globo, fez uma matéria sobre o assunto, entrevistando alguns desses

“minimalistas”. O viés anticapitalista fica evidente em cada declaração, como

essa, da fotógrafa Claudia:

Minhas escolhas têm a ver com sustentabilidade e economia. Mas é [sic] também um ato político. Eu economizo, gasto

menos recursos do planeta e me posiciono contra uma sociedade consumista.

Para muitos estudantes, o discurso sensacionalista e revolucionário de esquerda pode ser também uma

estratégia para conquistar corações, para “pegar” as meninas mostrando seu lado mais “humano”, contra

os “mauricinhos” egoístas que só pensam em trabalhar. Nada como uma camiseta do Che e um bagulho

no bolso, com a fala meio arrastada, para derreter o coração de uma patricinha entediada. Arnaldo

Jabor, que tem feito um mea culpa de sua juventude comunista em suas colunas, confessou:

Pouquíssimas moças “davam”, na época anterior à pílula; transar para elas era um ato de coragem política. Nossas

cantadas tinham uma base ideológica; famintos de amor, usávamos Marx para convencer as meninas.

Woodstock, Fórum Social Mundial, palcos para “revolucionários” destilarem suas soluções mágicas

contra os males do mundo, atacarem todo o “sistema”, posarem de altruístas voltados somente para as

vítimas desse sistema perverso, e tudo isso entre um tapa e outro na “pantera”, após fazer sexo com

alguma mulher fácil e “progressista” da turma.

Os “revolucionários” de Maio de 68 mostraram como uma turma rica e alienada

pode ter necessidade de

dar vazão à sua “pulsão de morte” destruindo as coisas em volta, atacando a própria riqueza que

usufruem, mas desprezam. Querem ser os heróis dos “oprimidos” e injetar um pouco de adrenalina em

suas vidas tediosamente confortáveis, porém vazias e fúteis. E querem apagar o passado de vergonha,

como interpretou Nelson Rodrigues:

Eis o que me ocorreu: a França tem todo um potencial de heroísmo inédito, frustrado. Não fez a guerra, e repito: os outros

lutaram por ela. Os alemães perfuraram Sedan e deslizaram em solo francês. E todo o povo, com atraso de vários anos,

precisa sentir-se herói. Cada carro virado é um tanque alemão. Os franceses estão fazendo a guerra. Essa ferocidade tardia,

espetacular, é uma vingança contra a capitulação.

O dramaturgo brasileiro ainda espetou os “revolucionários” daquela época: “Fazer greve na França é

muito menos arriscado do que atravessar uma rua na Guanabara.” Os “heróis” da época clamavam por

algumas cacetadas da polícia, e aqueles que eram presos temporariamente contavam vantagem sobre os

demais. Era motivo de orgulho ostentar uma prisão, mas eles sabiam que, no fundo, não corriam risco

real nesse sistema “repressor”.

Maurice Jouyex, revolucionário sindicalista dessa época, deu voz ao sentimento de muitos quando

escreveu sobre sua experiência pouco tempo depois:

Para mim, militante revolucionário, era algo incompreensível: era de fato uma brincadeira, uma vontade de fazer qualquer

coisa, a vontade de mandar à merda o pai, a mãe, o professor e os políticos.

E o manifestante atual, jogando pedras nos policiais e depredando patrimônio público, pensa que

inventou a roda! Trata-se apenas de um farsesco revival desse clima revolucionário de outrora, quando

vários jovens de classe média canalizavam para os protestos sua fúria da vida. Qualquer semelhança com

as manifestações de junho no Brasil não é mera coincidência.

Esse tédio rebelde, alimentado pelo conforto ocidental (há menos ócio quando se luta para sobreviver

com o básico), pode levar a extremos ideológicos ou físicos. Muitos jovens buscam as drogas ou “tentam”

se suicidar (quem realmente quer normalmente consegue) em busca de emoção e atenção. É um grito de

desespero. eodore Dalrymple, que trabalhou com centenas dessas pessoas, escreveu em Life At ϵe

Bottom:

A maioria das vítimas de overdose — não todas, é claro — vive em um vazio existencial. Deles são vozes chamando de um

abismo — um abismo criado em grande parte pela ideia, vendida por gerações de intelectuais, de que a segurança material

e as relações humanas sem restrições de qualquer tipo de necessidade libertariam a humanidade, para além dos sonhos do

passado obscuro ou de eras menos afortunadas.

Essa promessa de que o sexo livre e as garantias materiais do welfare state iriam trazer um novo homem

liberto e plenamente feliz acabou produzindo uma legião de jovens e adultos frustrados, alienados e

incapazes de lidar com a realidade e com a responsabilidade. A overdose como "tentativa" de suicídio

pode ser uma fuga disso. A vida de Angelina Jolie é um bom retrato dessa realidade, como veremos mais

à frente.

5. Histeria

As pessoas histéricas são aquelas que adotam, como expressão dos con itos psíquicos, a teatralidade.

Não pretendo entrar no aspecto técnico da psicologia, até porque me falta o conhecimento. Portanto,

estou tratando do termo mais popular, da histeria convencional que vemos naquelas pessoas que

encaram o mundo como um grande palco, e tudo como uma grande encenação.

Elas costumam ser divertidas, cativantes, engraçadas, mais socializáveis do que as obsessivas. Talvez

até sofram menos que as neuróticas obsessivas. Mas sua histeria não deixa de ser um sintoma, uma

grande fuga para a angústia do real, da castração, da falta de sentido da vida.

Ao lado da realidade material, existe, segundo Freud, a realidade psíquica, que seria igualmente

importante em termos da história do sujeito. A pessoa histérica adora criar

fantasias, tende a ser muito

mais sugestionável, influenciável por modismos, pelo coletivo (histeria coletiva).

Portanto, a histérica adota com muito mais frequência e desenvoltura um semblante perante os

demais, seja de felicidade, seja de sofrimento. Tudo é mais exagerado, mais teatral. As aparências

importam mais do que o conteúdo, pois essa é a forma que encontrou para driblar sua angústia.

Fazer o caminho de Santiago de Compostela, abraçar as árvores e aplaudir o pôr do sol (sempre na

presença de plateia), sentir-se íntima de todo mundo com a maior facilidade (aquelas que criam apelidos

na hora, e Rodrigo vira Digo imediatamente), a rmar que adoraria todo tipo de nova experiência (por

mais “perrengue” que seja a aventura), essas são algumas características da típica histérica.

E por que isso as leva à esquerda caviar? Justamente porque amam tudo e todos, abraçam toda

excentricidade mundo afora, “adorariam” viver uns dias nas favelas para conhecer melhor os mais

pobres, ou passar uns meses no Tibete com os monges para uma elevação espiritual.

En m, são presas mais fáceis da ditadura velada do politicamente correto, pois a vida é um palco, e o

show precisa continuar. Liguem os holofotes!

6. Racionalização

O ato de racionalizar nossas emoções, ou seja, encontrar uma forma de explicá-las como se fossem o

resultado de muita re exão, é comum à natureza humana, e todos caem nessa tentação de uma forma

ou de outra. Mas poucos abusam tanto desse mecanismo de defesa como os artistas.

Basta uma rápida pesquisa sobre o estilo de vida das celebridades em Hollywood para ter ideia do

quanto diverge da média. Normalmente, atores e atrizes, assim como diretores e produtores, costumam

vir de famílias pouco estruturadas, ou acabam criando suas próprias famílias desestruturadas. O

comportamento bizarro é visto apenas como “rebeldia artística”.

Uma das explicações foi dada pelos autores de Hollywood, Interrupted, Andrew Breitbart e Mark

Ebner. Celebridades não se tornam celebridades do nada. Geralmente, são pessoas bastante egocêntricas,

em torno das quais tudo deve girar. Já a paternidade e a maternidade exigem muito sacrifício e

abnegação em prol dos rebentos. A dedicação em nome da família entra em confronto com esse

narcisismo exacerbado de muitos famosos, essa busca incessante de atenção e aprovação.

Não é de espantar, portanto, a quantidade enorme de frutos podres que saem da árvore disfuncional

familiar dessas celebridades. Alguns até transformam em reality show (ou seria freak show?) suas

excentricidades, como fez a família de Ozzy Osbourne. Qualquer um sabe que o conceito de

normalidade costuma passar longe do CEP de Beverly Hills e adjacências.

As próprias celebridades, em alguns (raros) casos de bom senso, procuram se mandar para outras

localidades a m de educar seus lhos em ambientes mais normais. Hollywood acaba sendo como o

Hotel Califórnia do grupo Eagles: você pode fazer o check out a qualquer momento, mas jamais pode ir

embora...

Mesmo que você não queira tanto isso, é o que boa parte do público espera: uma vida sem limites,

onde tudo é possível, onde as fantasias mais malucas são concretizadas. O lme Rock Star mostrou bem

esse lado. Mark Wahlberg faz o papel de um fã de uma banda de metal da qual acaba se tornando o

vocalista. Descobre então que deve se adaptar ao estilo de vida idealizado pela garotada que adora o

grupo. Deve viver os sonhos desses jovens, viver a vida loca na prática.

Mas ele não quer mais isso. Acaba perdendo a namorada, personagem de Jennifer Aniston, pois ela

não aguenta mais aquelas loucuras todas. Finalmente, ele resolve largar seu sonho de juventude, por

descobrir que, na vida real, não passava de um pesadelo. Escolhe o amor, a vida mais recatada. Quantos,

em Hollywood, realmente conseguem largar o vício da fama, do poder e da

fantasia ilimitada?

As famílias de Hollywood costumam ser bem complicadas. Marlon Brando, com seus nove lhos de

quatro mulheres diferentes, muitos viciados, que se odeiam e se agridem entre si; River Phoenix e sua

mãe “riponga”, que achava o máximo dar drogas para o lho ou estimular sua sexualidade precoce,

tratando-o como um amigo; os exemplos são infindáveis, mas o leitor já pegou o jeito da coisa.

Imagine ser criado em um ambiente desses, com pais famosos e drogados, com comportamentos

bizarros o tempo todo, e você sendo paparicado por todos, com as maiores loucuras sendo parte do

cotidiano. Ou surta, ou você tenta racionalizar suas emoções em relação a toda essa maluquice.

E por que isso fermenta a esquerda caviar? Justamente porque esses artistas passam a vender como

normalidade as coisas mais anormais do mundo. É uma forma de conviver melhor com seu próprio

entorno, uma maneira de se considerar mais normal, parte do restante do mundo. Drogas,

promiscuidade, abortos frequentes, formações familiares sui generis, cientologia, tudo isso precisa ser

encarado como a coisa mais natural do mundo.

Os autores de Hollywood, Interrupted de nem assim o politicamente correto das celebridades: uma

a ição de Hollywood, em que as almas perturbadas, embora se apresentem como artistas, usam a mídia

de entretenimento como um meio para promover uma agenda moral e política disfuncional.

As celebridades pensam que o restante de nós somos caretas e sofremos lavagem cerebral (pense em

Matrix), e que somente elas possuem a mente aberta para sentir todo o escopo possível de experiências

humanas (pense em Hair). Nós, reles mortais, só poderemos avançar se abrirmos nossas mentes e

aceitarmos suas heterodoxias como convencionais e nos juntarmos ao circo.

Quem acha que a Samantha Jones de Sex and the City não é um exemplo de comportamento decente,

e que di cilmente uma mulher solteira que faz sexo com qualquer um (ou uma) aos 40 anos será

genuinamente feliz, ainda não entendeu o mundo moderno tal como Hollywood o concebeu. É um

reacionário preconceituoso!

As celebridades se veem como seres ungidos, mas, como todos os mortais, estão em busca de sentido

para a vida. De preferência, a partir de algum modismo embalado por um guru oriental e bem exótico

que as exima de pensar por conta própria ou de assumir a responsabilidade por seus atos.

A insegurança do estrelato, o receio de ser esquecido ou já ter vivido o auge da carreira, a

concorrência acirrada para se manter sob os holofotes, o tédio da opulência, tudo isso acaba alimentando

vários tipos de fuga naqueles emocionalmente carentes, que abundam em Hollywood. É assim que todo

tipo de charlatão prospera na Califórnia.

Podemos pensar em Deepak Chopra, que chegou a vender um combo que misturava saúde, riqueza e

espiritualidade, conquistando pesos-pesados como Demi Moore, Cindy Crawford, Michael Jackson,

Steven Seagal e Madonna. Quem pode levar a sério um sujeito que tem um livro chamado As 7 leis

espirituais dos super-heróis e outro intitulado Supercérebro: como expandir o poder transformador da sua

mente?

Podemos pensar ainda nos malucos da cientologia, liderados pela fama do afetado Tom Cruise. Ei,

não seja careta a ponto de pensar que comer a placenta do próprio filho é algo asqueroso!

Enquanto as celebridades são tratadas com várias regalias e tapete vermelho por esses gurus ou seitas,

os cidadãos comuns acabam entrando como os trouxas desses movimentos estranhos e quase sempre

embusteiros.

A esquerda caviar hollywoodiana (nos Estados Unidos) ou global (no Brasil) abraça essas bandeiras

“progressistas”, ataca o núcleo familiar tradicional, distorce os valores caros à

classe média e transforma

em normal toda bizarrice em boa parte para suportar melhor suas próprias vidas esquisitas e

desestruturadas. Os outros é que são caretas e chatos. Racionalização pura.

7. Preguiça mental

A preguiça também atrai muitos para a esquerda festiva. Não é preciso estudar a fundo, pesquisar,

re etir e pensar sobre como resolver de verdade os problemas. Basta aderir a um grupo, repetir meia

dúzia de slogans bonitos e usar palavras mágicas como “justiça social”, “tolerância”, “diversidade”,

“sustentabilidade” e “paz” que você automaticamente ganha o respeito de muitos bobalhões e posa como

alguém cheio de opiniões sobre os mais variados assuntos.

O ex-comunista Arnaldo Jabor assumiu, sobre sua luta de juventude: “Era uma vingança contra

traumas familiares, humilhações, pequenos fracassos. Era também uma mão na roda para justi car a

nossa ignorância — pois não precisávamos estudar nada profundamente, por sermos a ‘favor’ do bem e

da justiça.”

A esquerda caviar está repleta de lósofos de botequim, que fazem aquelas leituras rápidas de como

aprender sobre um pensador profundo em trinta minutos. São também devoradores de orelhas de livros.

Depois, com o típico ar professoral da turma, ligam a metralhadora giratória de

verborragia, de citações

vazias, mas embaladas em mantos de sabedoria, e pronto: assunto encerrado; podem bancar os

superiores na roda do grupo.

O filme Para Roma com amor, de Woody Allen, satirizou esse tipo na personagem de Ellen Page, uma

jovem sedutora meio maluquinha e rebelde, que adora repetir algumas frases de poetas e escritores para

impressionar os outros. Profundidade que é bom, nada! Se essas frases forem citadas em francês então, é

a garantia da boa imagem de intelectual culto e humanista. “Reparem como o sujeito que fala em francês

e pensa em francês toma ares de gênio e de infalibilidade”, alfinetou o sempre atento Nelson Rodrigues.

O que você acha sobre o impacto dos gastos públicos na taxa de juros de longo prazo? “Sou pela

justiça social, meu amigo.” E o que você faria em relação ao problema da imigração e do subemprego dos

imigrantes em uma sociedade de bem-estar social com impostos cada vez maiores? “Sou pela diversidade,

meu chapa.” Como você acha que a ameaça terrorista deveria ser enfrentada? “Paz e amor, brother.”

Não existe maneira mais rápida e fácil de comprar um pacote pronto e completo de “soluções” para

todos os males do mundo do que ingressar na esquerda caviar. Os artistas serão seus aliados, os

intelectuais vão defender bandeiras iguais, e a grande imprensa vai acompanhar seus gritos nobres por

justiça e paz. Qualquer um pode repetir esses chavões, até mesmo o mais idiota dos idiotas.

Muitos jovens usam camisetas com a foto de Che Guevara estampada. Isso, na cabeça deles, basta para

colocá-los como “críticos do sistema”. Mal sabem que Che pensava que o jovem, em particular, devia

aprender a “pensar e agir não por si, mas como parte da massa”. Os que escolhiam o próprio caminho,

de forma independente, eram apontados como párias e delinquentes sem valor.

Em um discurso famoso, Che prometia “fazer sumir da nação a praga do individualismo!”. Para ele,

era criminoso pensar como indivíduo (como se existisse algum pensamento que não o individual).

Melhor coletar alguns slogans em pan etos comunistas. Receita perfeita para quem tem preguiça de

pensar.

Pensar dá muito trabalho. Estudar, mais ainda. Aprender sobre a realidade exige esforço e tempo,

coisas cada vez mais raras no mundo moderno. Aquele que deseja seguir com sua vida, focando em seus

verdadeiros interesses, e ao mesmo tempo sair bem na foto, como uma alma engajada e socialmente

preocupada, encontra no esquerdismo um atalho fascinante e tentador.

O sujeito pega sua viola, acende seu cigarro de maconha, canta músicas

românticas de Lennon e Bob

Dylan, e jura para si mesmo que fez mais pela humanidade do que os empreendedores capitalistas que

arriscam suas economias em empreitadas que produzem riqueza e empregos para a sociedade. Garçom,

mais uma cerveja!

8. Ópio dos intelectuais

Nem todos os membros dessa esquerda caviar são ricos canalhas, herdeiros culpados, madames e jovens

entediados, ou preguiçosos, claro. Há uma categoria relevante formada por intelectuais que vivem bem,

mas que não são necessariamente abastados. Esses precisam de alguma explicação também. E Raymond

Aron forneceu uma boa dica em seu magistral O ópio dos intelectuais.

Para o pensador francês, o marxismo ou o comunismo viraram uma espécie de "religião secular",

prometendo o paraíso terrestre em vez de aquele pós-morte pregado pelo cristianismo. O título já é uma

clara provocação ao ditado famoso repetido por Marx, de que a religião é o ópio do povo. Para esses

intelectuais, o comunismo era o ópio, a droga capaz de fornecer a fuga para a falta de sentido em suas

vidas.

Para o típico intelectual, a reforma é uma coisa chata, enquanto a revolução é emocionante. Uma é

prosaica, a outra poética. A revolução fornece ao intelectual uma pausa bem-

vinda ao curso diário dos

eventos rotineiros e incentiva a crença de que todas as coisas são possíveis. Por que pensar em como

melhorar algumas questões do cotidiano, sempre imperfeito, quando se pode abraçar a utopia

revolucionária de que todos os males que assolam a humanidade terão finalmente uma solução?

A democracia republicana vive de contemporizações, de reformas graduais, de concessões. Tudo isso é

muito lento, arrastado. O intelectual quer a pedra losofal, a cura, uma panaceia que resolva os males da

sociedade de uma só vez. O jornalista Reinaldo Azevedo fez uma boa análise da coisa:

O bom da democracia é ser um regime desinteressante, sem surpresas, sem solavancos, medíocre mesmo! O bom da

democracia é que, dada essa mediocridade, permite que a gente encontre motivos mais atraentes do que a política para

tornar a vida interessante. Ou alguém consegue ter algum pensamento elevado quando lembra de José Dirceu ou de

Delúbio Soares?

Outro que explicou bem essa distinção entre revolucionários e reformadores foi David Horowitz,

mostrando por que intelectuais de esquerda tendem a abraçar movimentos radicais e violentos:

Um planeta salvo, um mundo sem pobreza, desigualdade, racismo, ou guerra — que meios não seriam justi cados para

atingir tais ns milenares? A título de contraste, movimentos menos ambiciosos de reforma são capazes de pesar ganhos

contra prováveis custos e evitar o tipo de excessos e atrocidades endêmicas a causas radicais.

Mas para o intelectual revolucionário, a política é tudo! É o que dá sentido para sua vida. Ele respira

política. Não tem tempo a perder com mudanças graduais e democráticas. A nal, sabe o que é certo,

qual o caminho desejado. Precisa apenas do poder para executar suas fantasias. E ele jamais escuta o

alerta feito por Hoelderlin: “O que sempre fez do Estado um verdadeiro inferno foram justamente as

tentativas de torná-lo um paraíso.”

Quer um entorpecimento mais poderoso do que a sensação de que você pertence a uma classe de

escolhidos, que sua missão na vida é colaborar para a construção de um mundo novo, e que nada menos

do que a perfeição será o resultado de suas ações? O escritor mexicano Octavio Paz, autor de O ogro

filantrópico, descreveu o marxismo como um “vício intelectual”, uma “superstição do século XX”.

Infelizmente, do século XXI também.

Joshua Muravchik demonstra sem rodeios, em Heaven on Earth, como o socialismo foi a história

mais ambiciosa dos homens na tentativa de suplantar a religião com uma doutrina sobre como a vida

deve ser vivida com base na ciência, não na revelação. Após tanta esperança e luta, milhões de vidas

sacri cadas no caminho, eis o epitá o da seita: se você construir esse “paraíso”, os outros vão abandoná-

lo sempre que possível.

Paulo Francis foi outro observador arguto que percebeu essa característica religiosa no comunismo:

Milhões de pessoas, no entanto, se sacri caram por Stalin, idealistas, muitas das quais morreram fuziladas nos campos de

extermínio da URSS, bradando triunfalmente o nome do carrasco, no momento em que este as executava, o que prova que

o comunismo é a religião secular do nosso tempo.

O sentimento de nobreza proveniente de se enxergar como um desses “ungidos”, para usar o termo de

omas Sowell, coloca qualquer outra droga no chinelo. Se os ricos artistas da esquerda caviar

costumam curtir cocaína ou maconha, seus pares intelectuais vão de marxismo mesmo, droga das mais

pesadas.

Sowell, em seu magistral Intellectuals and Society, alerta que provavelmente nunca houve uma época

em que intelectuais gozaram de maior in uência na sociedade. Para piorar, a ocupação dos intelectuais

— aqueles que “produzem” e vivem das ideias, ao contrário de outras pro ssões, digamos, “concretas”,

como a engenharia ou a física — não está tão sujeita ao “teste do pudim”. Um

prédio que cai por erro de

cálculo é evidente demais, prova do fracasso do engenheiro, e até uma bem elaborada teoria, como a da

relatividade, de Einstein, só ganha credibilidade após verificação prática.

Já os intelectuais podem desfrutar de respeito ou fama mesmo com a defesa de ideias que se

mostraram, na prática, catastró cas. Eles estiveram, nos últimos anos, blindados contra as consequências

materiais de suas ideias, e abusaram dessa imunidade. Sartre era idolatrado mesmo depois de apoiar

regimes nefastos. Paul Ehrlich disse, em 1968, que centenas de milhões de seres humanos morreriam de

fome na década de 1970, previsão que se mostrou totalmente errada. E por aí vai.

Sem essa ligação entre causa e efeito, entre ideias e consequências, sem o crivo do método cientí co

para validar ou refutar suas teorias, os intelectuais tiveram o campo livre para tratar seu produto como

algo infalível, isento da refutabilidade científica, i.e., como uma revelação religiosa.

Vários foram os pensadores que perceberam esse fervor religioso no comunismo. Keynes a rmou que a

juventude idealista gostava do comunismo porque era o único com apelo espiritual que passava a

sensação de contemporaneidade. Edmund Wilson alegou que, na União Soviética, a pessoa se sentia no

topo moral do mundo, onde a luz nunca se apaga. Beatrice Webb, mesmo mais pragmática, reconheceu

que a Rússia, apesar de professar o materialismo científico, fez mais pela alma que pelo corpo.

Havia um senso de propósito coletivo, de comunhão, de construção de uma Nova Era igualitária e

justa na cabeça de muitos intelectuais. Os males da humanidade seriam extintos. Os intelectuais

nalmente contavam com uma religião adaptada para os tempos modernos. E isso não morreu junto

com o comunismo soviético...

Em uma época secular, o comunismo veio oferecer uma alternativa de “vida eterna” para seus

adeptos. Arnaldo Jabor, remexendo em seu passado, explicou como a coisa funcionava:

Um “camarada” me disse: “O marxismo supera a morte!” Como? — disse eu, espantado. “Claro” — me responde ele,

iluminado de certeza — “uma vez dissolvido no social, o mito do indivíduo se desfaz, e a ilusão de que ele existe como

pessoa. Ele só existe como espécie. E não morre. O marxista não morre!” E eu, fascinado, sonhei com a vida eterna...

Os tiranetes abusam desta fé religiosa, naturalmente. Quando Hugo Chávez estava hospitalizado em

Cuba e não teve como assumir seu novo mandato, o então vice-presidente Nicolás Maduro deu uma

declaração que ruborizaria o mais carola dos crentes. Disse:

Temos com Cuba a irmandade mais profunda que possa existir. Foi este exército de barbudos que, quase como anjos,

começou aos poucos e foi conquistando sua independência, mesmo com o bloqueio ianque. Quando Chávez e Fidel se

encontram, nós, seus filhos, nos vemos como irmãos, unidos para lutar pela independência de nossos povos.

Maduro, apesar do nome, demonstrou não passar de um adolescente boboca. Ou, na verdade, um

explorador de adolescentes bobocas, capazes de cair nesse tipo de conversa ada. E não faltam

intelectuais dispostos a agir como adolescentes.

Quando Chávez nalmente bateu as botas de militar golpista, a histeria foi incrível, e Ahmadinejad

chegou a compará-lo a Jesus Cristo! Seus fãs deixaram transparecer o quanto sua idelogia é uma

substituta para a religião. Em um dos bairros mais pobres de Caracas, criaram a capela para o Santo

Hugo Chávez, que foi visitada por milhares de fanáticos. São todos ateus em busca de um messias. Mario

Vargas Llosa, em artigo no Estadão, escreveu:

Cruzamento de super-homem e bufão, o caudilho faz e desfaz a seu bel-prazer, inspirado por Deus ou por uma ideologia

na qual, quase sempre, se confundem o socialismo e o fascismo — duas formas de estatismo e coletivismo — e se comunica

diretamente com seu povo mediante a demagogia, a retórica e espetáculos multitudinários e passionais de cunho mágico-

religioso.

A suposta superioridade moral desses marxistas religiosos depende apenas da retórica, das boas

intenções, do pertencimento ao grupo, e não dos resultados concretos daquilo que é defendido enquanto

meio. Trata-se da “tirania da visão”, para pegar emprestada outra expressão de Sowell.

Esses intelectuais monopolizam as virtudes, e não precisam mais debater focando em argumentos.

Seus opositores são rotulados com base na intenção. Eles são insensíveis, racistas, lacaios da indústria

bélica, fascistas, preconceituosos, homofóbicos, reacionários e tantas outras coisas feias. Como disse Ayn

Rand, “o argumento pela intimidação é uma confissão de impotência intelectual”.

Em Bullies: How the Le{ ’s Culture of Fear and Intimidation Silences Americans , Ben Shapiro disseca

justamente essa estratégia da esquerda, de rotular aqueles que discordam, fazendo uma espécie de

bullying intelectual. Em uma das maiores inversões da história, ainda conseguiu fazer com que a direita

casse com a fama de bullying, assim como os Estados Unidos ganharam a fama de bullies mundiais,

logo eles que enfrentaram os mais perigosos regimes opressores.

Como a esquerda é organizada e ainda conta com o aparato estatal, enquanto a direita costuma

pensar de forma mais individualista, aquela leva vantagem sobre esta quando se trata de intimidação

moral. A esquerda usa todas as instituições possíveis para perseguir e pressionar. Ainda conseguiu

convencer muita gente de que liberdade é sinônimo de mais controle estatal, e acusa de bullying

justamente aqueles que enfrentam essa escalada de poder do estado. Shapiro resume a situação:

A esquerda forçou os americanos a aceitar a rede nição radical da liberdade econômica para abranger o controle do

governo sobre como dar a descarga em seu banheiro; maternidade solteira como igual em qualidade moral e nos

resultados à estrutura familiar tradicional, a remoção completa da religião da vida pública, e sua substituição pela

vulgaridade; rejeição de uma sociedade daltônica em favor do racismo reverso; a criação de uma grande rede de proteção

social que oferece proteção para o preguiçoso e uma rede para o setor produtivo. E por aí vai.

E ai de quem discordar da esquerda! Só pode ser um inimigo da liberdade. Lênin ensinou-lhes: acuse seu

inimigo daquilo que você é. Muitos ligam a metralhadora giratória em frente a um espelho, projetando

nos outros os seus defeitos. O conservador Bill Whittle marcou um golaço quando disse:

Não adianta chamar um racista de racista, um membro da KKK se orgulhava de ser racista, um nazista não considera ser

acusado de nazista uma ofensa, é óbvio! A esquerda e as celebridades de

Hollywood nos fazem essas acusações

repetidamente, há 40 anos, todas as vezes que abrimos a boca para discutir um assunto sério porque sabem que é mentira!

Eles perceberam que isso ofende profundamente quem não é racista, misógino, homofóbico, fascista, que isso nos enoja,

que nos faz parar de falar abertamente sobre o que tem que ser falado para não ouvirmos esses absurdos. É uma estratégia

desenhada para calar você e têm sido muito bem-sucedida.

Um bom exemplo disso é a postura de boa parte da esquerda quando morre algum ícone de um dos

lados ideológicos. Se algum conservador celebrar a doença ou a morte de alguém, ainda que seja a de um

tirano comunista que matou milhões de inocentes, a esquerda logo se mostra “chocada” com tanto ódio,

pois é formada por pessoas humanitárias, bondosas e tolerantes.

Mas a mesma esquerda, quando morre algum herói dos liberais ou conservadores, vem logo destilar

todo o seu ódio, gritar que já foi tarde, celebrar publicamente o fato. Foi assim quando atcher morreu,

ou quando Roberto Civita, o então presidente do Grupo Abril, dono da revista Veja, odiada pela

esquerda, pois não se vendera ao PT, faleceu, em maio de 2013. O duplo padrão moral, a hipocrisia e a

canalhice saltam aos olhos.

Eles apelam para a falácia do espantalho (straw man) com frequência também. Em vez de ter de

debater com o liberal ou conservador em si, rebatendo os argumentos que apresentam, os intelectuais de

esquerda preferem criar um conservador imaginário, um liberal hipotético, um espantalho en m,

colocando em sua boca inúmeras palavras jamais ditas. Isso torna o ato de "debater" mais fácil, e o

esquerdista pode posar de nobre diante da multidão, tendo detonado alguém que simplesmente não

existe!

Como se dá no fanatismo religioso, aquele que não comunga da mesma fé só pode ser um herege, um

pecador que vai arder no mármore do inferno. Tal ideologia, uma nova religião laica, possui seus

profetas, seus santos, seus demônios, seu povo escolhido (no caso, a classe), os excomungados, tudo de

forma muito similar às demais religiões que condenam.

Mas, para dar maior credibilidade ao seu credo no mundo moderno, eles o pintaram com um verniz

pseudocientítico. Falam em nome da Razão (com R maiúsculo), ignorando todos os contrapontos

racionais. Alexis de Tocqueville foi um dos observadores que perceberam isso. Para ele, a crença excessiva

na razão e na racionalidade quase inexoravelmente leva ao seu oposto: irracionalidade e falta de

realismo. Se os fatos não ajudam a teoria, pior para os fatos!

Sigmund Freud, o "pai da psicanálise", é conhecido por seus ataques à religião,

que considerava uma

espécie de neurose obsessiva universal da humanidade. O que menos gente sabe é que viu no marxismo o

mesmo fenômeno, uma Weltanschauung, uma visão de mundo que tenta explicar tudo para aplacar a

angústia dos crentes. Freud explica:

O marxismo teórico, tal como foi concebido no bolchevismo russo, adquiriu a energia e o caráter autossu ciente de uma

Weltanschauung; contudo, adquiriu, ao mesmo tempo, uma sinistra semelhança com aquilo contra o que está lutando.

Embora sendo originalmente uma parcela da ciência, e construído, em sua implementação, sobre a ciência e a tecnologia,

criou uma proibição para o pensamento que é exatamente tão intolerante como o era a religião, no passado. Qualquer

exame crítico do marxismo está proibido, dúvidas referentes à sua correção são punidas, do mesmo modo que uma

heresia, em outras épocas, era punida pela Igreja Católica. Os escritos de Marx assumiram o lugar da Bíblia e do Alcorão,

como fonte de revelação, embora não parecessem estar mais isentos de contradições e obscuridades do que esses antigos

livros sagrados.

É assim que a esquerda caviar consegue continuar pregando o socialismo mesmo depois de todas as

várias experiências catastró cas dessa utopia. Os 100 milhões de mortos sacri cados no altar de sua

ideologia não foram su cientes para derrubar sua fé. Aquilo não era o

comunismo, mas o “socialismo

real”, alegam. Ao defender um ponto de chegada impossível e inatingível, protegem-se de qualquer

crítica no mundo real. O reino dos céus prometido para o aqui e agora ainda vai chegar...

Dessa maneira, esses intelectuais podem insistir na mesma ladainha sem constrangimento. Basta

repetir que nenhuma dessas tragédias cometidas em nome de sua ideologia representa de fato o que

defendem. Blindados contra a realidade, estão prontos para o próximo experimento utópico. Insanidade,

dizia Einstein, é repetir tudo da mesma forma e esperar resultados diferentes. “Chequem as premissas!”,

diria Ayn Rand.

Eles passam a espalhar o mito de que o comunismo é uma ideia boa que não deu certo, em vez de

reconhecer que a própria ideia é terrível, simpática somente àqueles que gostariam de ser como abelhas

ou cupins, e não seres humanos singulares. Ignoram que os meios pregados pelo comunismo, abolindo a

propriedade privada e coletivizando nossas vidas, inexoravelmente levam ao mesmo resultado em todo

lugar: miséria, escravidão, terror.

O intelectual comunista Vladimir Safatle, em sua coluna da Folha, elogiou a insistência na revolução,

alegando que o importante é sonhar, e que Marx estava enganado quando disse

que a história se repete

como farsa; ela se repete como redenção. Nas “entrelinhas”, eis a mensagem: a revolução comunista deu

errado porque os povos “erraram” e agiram de forma “irreconhecível”, mas esses não precisam ser os

capítulos finais.

A revolução que o intelectual defende, a comunista, merece uma “segunda chance”. Não aprendeu

nada com o retumbante fracasso daquela iniciada por seu guru Lênin, inclusive parecido sicamente

com ele (seria só coincidência?). Safatle a rma que “povos éis a seu desejo nunca fracassam”. Isso é o

triunfo da vontade sobre a realidade! Essa gente precisa de quantos cadáveres a mais para desistir do

sonho? Outros 100 milhões?

Talvez o maior ícone desse tipo de esquerda caviar seja o falecido historiador Eric Hobsbawm. Ele

respondeu “sim” ao canadense Michael Ignatieff, quando este perguntou se 20 milhões de mortes seriam

justi cáveis caso a utopia comunista tivesse sido criada. Em sua autobiogra a, Hobsbawm descreveu a

experiência soviética com ternura, ignorando as barbaridades que já eram amplamente conhecidas.

O futuro imaginário é muito mais importante que o presente, e o projeto revolucionário, mesmo

adaptado, é o que fornece a esses radicais algum sentido de vida. Como disse

David Horowitz, a

hostilidade sem fundamento para com o presente é a inspiração prática da fé radical. Esses intelectuais

precisam da utopia como um poeta precisa da dor. Como disse Roger Kimball em The Long March:

Movimentos utópicos obtêm sucesso porque dizem às pessoas algo que elas desejam desesperadamente ouvir. Se a

mensagem é ou não verdadeira não vem ao caso. Ela fala a uma necessidade profundamente sentida, e isso é su ciente. [...]

Na medida em que alguém endossa a apoteose da possibilidade, ele tende a tratar o mundo real e os seus ocupantes com

desprezo arrogante. Por isso o elemento utópico em todos os movimentos políticos totalitários.

Na segurança da vida acadêmica, com estabilidade no emprego e mergulhados no mundo platônico das

ideias, esses intelectuais habitam torres de mar m, e do conforto de seus escritórios desenham castelos

nas nuvens. A de nição do historiador Paul Johnson para intelectual vem bem a calhar aqui: aquele que

gosta mais das ideias do que dos homens. É como o alerta feito por Nelson Rodrigues e destacado na

epígrafe deste livro: “Amar a Humanidade é fácil; difícil é amar o próximo.”

Vítimas de profundo autoengano, esses intelectuais desejam acreditar em sua utopia acima de tudo.

Esse desejo cria um viés absurdo, que rejeita contrapontos para evitar a dor da dissonância cognitiva. Foi

assim que inúmeros acadêmicos visitaram regimes comunistas e foram feitos de idiotas úteis por seus

líderes. Lênin mesmo os via dessa forma.

Em seu livro Dupes: How America’s Adversaries Have Manipulated Progressives for a Century , Paul

Kengor mostra, com minuciosa pesquisa em fontes primárias, como esse tipo de engano se deu. Ele

cunhou a expressão “progressistas Potemkin” para designar esses inocentes úteis.

Grigori Potemkin foi um o cial russo que construiu falsas fachadas para impressionar Catarina II

durante uma visita à Crimeia. Os soviéticos e demais comunistas usaram a mesma estratégia para

encantar os progressistas ocidentais, loucos de vontade de enxergar apenas coisas maravilhosas para

alimentar sua utopia.

Em uma dessas visitas, vários intelectuais americanos foram conversar com Stalin para escutar sobre

os avanços fantásticos do regime. Segundo relata Amity Shlaes em ϵe Forgotten Man, a reunião contou

com queijos, salsichas e até sanduíches de caviar. Enquanto degustavam a fartura e se deliciavam com as

mentiras de Stalin, os proletários famintos buscavam desesperadamente batatas escassas do lado de fora.

Literalmente, uma esquerda caviar!

9. Alienação

Análogo ao caso anterior está o fenômeno da alienação, não aquela associada às massas, vidradas em

novelas e futebol, mas aquela típica dos intelectuais. Quem defendeu a tese de que a identi cação da

sociedade como alienada levou muitos intelectuais a pregar utopias e regimes tirânicos mundo afora foi

Paul Hollander, em seu excelente livro Political Pilgrims.

Intelectuais, normalmente mais sensíveis e atentos aos valores decadentes da sociedade, acabam

desenvolvendo um profundo sentimento de indignação moral. Eles olham em volta e abominam a

hipocrisia burguesa, a vulgaridade dos gostos, a corrupção dos valores, a impessoalidade do capitalismo,

o dinheiro como ícone sagrado.

Essa revolta cria a predisposição para que deem o benefício da dúvida a qualquer alternativa distante,

e para que repudiem seu próprio sistema. Todo aquele regime que pregar o oposto do modelo ocidental

será visto com boa vontade, enquanto cada mínimo defeito de seu quintal será apontado com virulência.

Como diz o ditado, especial para crianças que só reclamam dos pais: “A grama do vizinho é sempre mais

verde.”

Há uma falta do senso de comunidade, de sentido coletivo, de harmonia nas sociedades capitalistas

ocidentais. Os intelectuais gostariam de criar um mundo diferente, idealizado,

onde nada disso

precisasse acontecer. Sentem-se incomodados demais com a realidade como ela é, mesmo que seja hoje

muito melhor do que no passado, e ali em seu quintal muito melhor do que nos demais países. Segundo

Hollander:

[...] na União Soviética os intelectuais ocidentais buscaram — e por algum tempo, encontraram — não apenas novas

manifestações de justiça social, mas uma ordem social em que o indivíduo estava livre da falta de rumo, confusão e

incerteza tais como os intelectuais experimentavam em suas próprias sociedades e que são endêmicas às sociedades

contemporâneas seculares e pluralistas.

Essa alienação faz com que esses intelectuais e artistas se tornem “turistas políticos”, em busca de um El

Dorado em algum lugar do planeta. O Guardian Tours of New York, associado ao jornal de esquerda

єe Guardian, chegou a organizar várias viagens para Cuba, Vietnã, Granada e Nicarágua. Cada nova

revolução violenta que alega boas intenções e a busca pela justiça social encanta essa legião de

intelectuais. Partem então em viagens para verificar in loco a construção desses paraísos terrestres.

E partem nessa jornada com um profundo desejo de ser enganados, de acreditar em tudo aquilo que

as autoridades revolucionárias lhes contam, entre um passeio falso e outro. As

manipulações e as técnicas

de hospitalidade servem para encantar os turistas. Ser recebidos como guras altamente importantes

pelos líderes revolucionários alimenta sua vaidade, e toda a atenção e a gentileza que recebem servem

para melhorar a impressão geral do lugar.

É por isso que muitos intelectuais que visitaram esses regimes comunistas saíram com uma impressão

ainda melhor da que já tinham antes. Seus povos são desconhecidos, os lugares também, mas nada disso

importa. A nal, estão em busca de sentido, de fé, de uma utopia realizável, e isso basta. Desejam atacar

suas próprias sociedades, e para tanto precisam dessa boia de salvação em algum outro lugar.

Seus relatos de viagens são muitas vezes chocantes. Os povos sob tais regimes ditatoriais são

extremamente felizes, diferentes em tudo. Crianças praticamente não choram, os trabalhadores sorriem o

tempo todo, o sentido de comunhão é total. Até mesmo o trabalho infantil recebe outro enfoque, como

prova de que o futuro é tão radiante a ponto de convocá-las para o projeto. São vários relatos tão

absurdos e ingênuos que não podem ser explicados apenas pela falta de caráter.

Tudo é lindo porque tudo tem de ser lindo! O mundo não pode se resumir ao capitalismo corrupto

americano e ao individualismo materialista. Há que existir uma opção gloriosa a esta sociedade falha. E,

para concluir isso, esses intelectuais suspendem a característica que de ne a intelectualidade em primeiro

lugar: a capacidade de análise crítica.

As emoções tomam conta deles, e um duplo padrão de julgamento serve para condenar tudo aquilo

no Ocidente e elogiar tudo aquilo nas alternativas revolucionárias. A raiva, o desespero, a hostilidade

com seu próprio povo fazem com que o intelectual crie em sua imaginação um povo diferente, uma

página em branco onde ele, o intelectual, possa escrever as mais belas palavras.

A crença da esquerda caviar na perfectibilidade ilimitada e universal da natureza humana faz com

que os seres humanos atuais possam ser tratados como matéria-prima de seus experimentos, argila que

pode ser radicalmente moldada ao seu bel-prazer.

Muito sangue inocente seria poupado se esses intelectuais canalizassem sua frustração com a realidade

de sua sociedade imperfeita para outras esferas além da política. Como alertou Michael Oakeshott em

seu ensaio Ser conservador, “a união entre sonhos e governo gera tirania”. Esses sonhadores políticos

deveriam anotar as palavras do escritor Mario Vargas Llosa e colocá-las no

espelho do banheiro, para

lembrar do alerta diariamente:

Devemos buscar a perfeição na criação, na vocação, no amor, no prazer. Mas tudo isso no campo individual. No coletivo,

não devemos tentar trazer a felicidade para toda a sociedade. O paraíso não é igual para todos.

10. Insegurança e covardia

Poucos são aqueles com a coragem de remar contra a maré, de ousar questionar o rebanho. A covardia

moral que leva ao fenômeno “Maria vai com as outras” pode explicar a atração de muitos artistas e

intelectuais pela esquerda caviar.

Ainda mais no Brasil, onde falar em praça pública que pratica orgias é bem menos ofensivo do que

defender, por exemplo, a privatização da Petrobras! Como disse Nelson Rodrigues, “Por medo das

esquerdas, grã- nas e milionários fazem poses socialistas”. Já era assim em seu tempo, e isso apenas

piorou.

Na era do politicamente correto, esse tipo de covardia é retroalimentada diariamente pela imprensa e

pelas redes sociais. Quase ninguém suporta os olhares inquisidores e a pressão popular, o que acaba

moldando um padrão único e totalitário de comportamento. Na época em que os idiotas se descobriram

em maior número e sentiram a embriaguez desse poder, muitos “líderes”,

inseguros, aprenderam a se

adaptar. Como disse Nelson Rodrigues:

Em nossa época, ninguém faz nada, ninguém é nada, sem o apoio dos cretinos de ambos os sexos. Sem esse apoio, o sujeito

não existe, simplesmente não existe. E, para sobreviver, o intelectual, o santo ou o herói precisa ngir-se idiota. O próprio

líder deixou de ser uma seleção. Hoje, os cretinos exigem a liderança de outro cretino.

O Prêmio Nobel de Literatura, o escritor polonês Czeslaw Milosz, mostrou em Mente cativa esse poder

avassalador de doutrinação. Os pensadores nos países socialistas sucumbiram um a um diante da pressão

do pensamento único. Claro que o próprio risco físico de questionar o regime, nesses países, também os

enquadrou. Uma questão de segurança.

Como diz o autor: “Cabe lembrar que nas democracias populares a doutrinação é reforçada por todo

o poder do Estado.” Mas nem sempre é preciso o aparato de coerção: “Pertencer às massas é a grande

força motriz do intelectual ‘alienado’.” É sedutor demais, especialmente para os mais inseguros, encontrar

respaldo na aprovação do grande número. É o argumentum ad populum, que “vence” pelo peso

numérico, não por sua qualidade intrínseca. Pessoas com baixa autoestima necessitam da aprovação de

quase todo mundo, querem agradar a todos.

José Ortega y Gasset, em A rebelião das massas, de ne bem tal fenômeno. O “homem-massa” é

aquele homem médio, o “homem enquanto não diferenciado dos outros homens, mas que representa

um tipo genérico”. Ele é como uma boia à deriva, levado pela correnteza. Tem apetites, normalmente

forjados por terceiros, e pensa ter muitos direitos, mas nenhum dever. O filósofo completa:

Massa é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor — bom ou mau — por razões especiais, mas que se sente “como

todo mundo” e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais.

No afã dessa busca por aceitação, essas pessoas criam uma casca super cial e, como o Zelig de Woody

Allen, adaptam-se feito camaleões a cada ambiente e modismo. São os escravos do “marketing do

comportamento”, de que Luiz Felipe Pondé nos fala em seu livro Contra um mundo melhor.

Segundo o lósofo, “tudo é farsa na pretensa vida superbem resolvida dessa gente superlegal

envolvida em jantares inteligentes”. Tudo pelas aparências, eis a máxima de vida desse pessoal. Seus

lhos já se preocupam com as crianças africanas desde a mais tenra idade, tudo é reciclado em suas

casas, eles não possuem preconceito algum, en m, representam com perfeição o ideal do politicamente

correto. Eis como Pondé resume os tipos:

No fundo leem pouco, assistem à novela (mas escondem isso indo a festivais de cinema que passam lmes chatos) e fazem

contas escondidos todo mês. Julgam-se herdeiros da fúria jovem dos anos de 1960, mas eles são, na realidade, a nova casta

hipócrita do mundo.

Normalmente, a procura por afeto é a grande meta, e não as ações efetivas para mitigar os males que

apontam. São como a personagem Grace de Nicole Kidman em Dogville, de Lars von Trier. Ela perdoa

tudo e todos, está disposta até ao sacrifício do estupro, pois, lha de pai ma oso, sente-se culpada e um

lixo humano. Parte em busca de salvação. Precisa se colocar como a melhor de todas, e estar acima de

tudo, acima até mesmo das agressões chulas do pai.

Claro que ele, em um discurso fantástico na cena nal, explica por que ela é a mais arrogante de todos

ao se colocar nessa posição. Naquele momento de choque com a realidade, Grace acorda e decide se

vingar, eliminar todos naquela vila imunda, deixando somente o cachorro vivo. O cão era o único

inocente.

Esse tipo de esquerda caviar curte causas nobres no Facebook e pensa que assim se torna uma boa

pessoa. A capa da bondade, da generosidade, serve para ocultar sua própria fraqueza. Basta um clique no

“curtir” que a alma está lavada. Ainda mais fácil e barato do que dar esmola ao

mendigo na rua, que ao

menos exige um contato físico.

A covardia moral também se mostra pela inação. O agir produz o risco de erro, de falha, de encontro

com suas próprias imperfeições e limites. Abraçar utopias e “salvar o planeta” do boteco chique é uma

maneira de se preservar, de evitar os riscos e se manter “puro”. Típico dos seres pusilânimes. O discurso

messiânico e politicamente correto pode ser uma forma de fugir da ação e conquistar aplausos fáceis,

como sabia Nelson Rodrigues:

Cuidar do Vietnã, de Cuba, da África, é a melhor maneira de não fazer nada, de não sair do Antonio’s, de não deixar a

praia. Há todo um Brasil por fazer. E o ópio ideológico justifica e absolve a nossa deslavada ociosidade. Vamos dar vivas a

Cuba e ninguém precisa mover uma palha, tirar uma cadeira do lugar.

Os covardes clamam também por um “pai” autoritário que assuma a responsabilidade por seus atos. Em

Entre dívidas e culpas: sacrifícios, Marta Gerez-Ambertin usa Freud para avaliar a atração que líderes

tirânicos exercem sobre as massas, e aqui não há necessariamente distinção de classe por renda. O

fascismo, o nazismo e o comunismo atraíram pessoas de classe média ou mesmo alta. A autora diz:

Há um gradiente na relação entre insegurança subjetiva e autoritarismo. Quanto maior a insegurança subjetiva — seja

por razões internas como timidez, temor, inferioridade, culpa etc., ou por razões externas como crises socioeconômicas,

hiperin ação, ameaça bélica, catástrofes — maior é a tentação de se entregar nas mãos de alguém que se apresenta como

salvador ou dirigente, o que incrementa o vínculo com o autoritarismo.

Ou seja, por essa ótica psicanalista, “O autoritarismo é uma posição que prevalece em alguns sujeitos que

se colocam em situações de dominação ou submissão em consequência de uma subjetividade frágil”. Essa

fraqueza, como alerta Francisco Razzo em seu artigo “Eu sou o tolerante e você o preconceituoso”,

publicado no site Ad Hominem, serve para criar bodes expiatórios e monopolizar as virtudes:

A estratégia dos fracos é dar um jeito de se valer da sua condição de fracos a m de justi car os seus piores fantasmas. Em

vista disso, o objetivo ideológico principal é mostrar que os fracos são os únicos efetivamente capazes de propor um

mundo melhor; mundo que só não se realiza efetivamente porque os outros não permitem.

Em suma, abraçar as bandeiras da esquerda caviar pode ser uma muleta para aqueles que não

conseguem suportar a solidão e andar com as próprias pernas, ainda por cima contra a correnteza. Eles

não suportam seus próprios sentimentos e preconceitos. Não suportam a responsabilidade de viver e fazer

escolhas individuais. Tudo culpa dos outros!

Ao se identi carem com as “frágeis” minorias, essas pessoas partem em busca de autocomiseração,

querem ser vítimas também. Como resumiu Karl Kraus, com seu incrível poder de síntese: “A força mais

enérgica não chega perto da energia com que alguns defendem suas fraquezas.”

11. Medo

Além da covardia moral, há a covardia física, o medo do inimigo poderoso. Após duas guerras

mundiais, a segunda delas já atômica no nal, muitos foram levados à esquerda caviar pelo pânico de

confrontar abertamente a ameaça comunista. Temendo que a Guerra Fria se tornasse uma Terceira

Guerra Mundial entre potências atômicas, vários intelectuais e artistas preferiram suavizar e relativizar o

que a União Soviética realmente queria.

O grande ícone dessa postura foi Jimmy Carter, possivelmente o presidente mais medíocre que os

Estados Unidos já tiveram (até chegar Obama). Sua conduta durante a Guerra Fria foi ingênua na

melhor das hipóteses, e quase criminosa na pior delas. Sua covardia e seu desejo de criar um ambiente de

“conversa pací ca” entre Estados Unidos e União Soviética, como se o lado de lá defendesse os mesmos

ideais e nutrisse os mesmos valores, permitiu que o campo casse livre para o avanço do império

soviético.

Carter queria ser “amigo” dos soviéticos e “trabalhar em conjunto” pela construção da paz. Restava

apenas combinar com o outro lado. Como veremos mais à frente, essa postura “paci sta” é infantil e

perigosa. Mas Carter tinha o apoio irrestrito da esquerda caviar, alguns sem dúvida movidos pelo medo

de uma escalada da violência.

Quando Ronald Reagan foi eleito, derrotando Carter com ampla margem, a imprensa esquerdista,

logo nos primeiros dias de mandato, partiu para o ataque. Reagan representava o oposto da esquerda

caviar. Não era um intelectual, não tinha um discurso relativista. Ao contrário: usava uma linguagem

bastante direta, colocando os pingos nos “is” sem medo de “ofender” os seus inimigos. Quando chamou

a URSS de “império do mal”, a esquerda caviar surtou!

De família pobre e com pai alcoólatra, Reagan teve uma infância difícil. Mas ainda assim aprendeu

valores básicos, como a crença nos direitos individuais, a descon ança da autoridade estabelecida, a

capacidade de manter uma postura positiva mesmo diante de más notícias e uma autoconfiança derivada

da noção de que o conhecimento mais importante está em distinguir o certo do errado. Ele não usou sua

infância difícil como justi cativa para posar de vítima, e sim para aprender lições e superar os obstáculos

na vida.

Um traço importante de sua personalidade, que veio a ser muito útil depois, era não se importar

muito com quem ca com os créditos de uma boa ação, e sim com a ação em si. Reagan fazia analogias

simples, mas que passavam bem sua mensagem. Certa vez comparou o governo a um bebê, com um

canal de alimentação com apetite enorme de um lado, e nenhum senso de responsabilidade do outro.

Mas, se por um lado Reagan parecia simplista, por outro conhecia o comunismo desde os tempos de

ator em Hollywood, e sabia do que os comunistas eram capazes. Ele estava sendo el aos fatos.

Simplesmente reproduzia as alegadas intenções dos próprios soviéticos, o que chocou os jornalistas.

O intuito da União Soviética não era a paz, e sim um governo mundial sob o domínio do marxismo, a

qualquer custo. Até o terror poderia ser usado para esta nalidade. Tal era a meta declarada dos líderes

soviéticos. Mas a esquerda caviar não queria saber disso, não queria escutar a verdade. Em parte, por

medo. A última coisa que desejava era um novo confronto em escala mundial com um inimigo tão

poderoso.

Coragem não é ausência de medo. Quem não tem medo pode ser apenas irresponsável ou maluco. É

bom ter medo das coisas perigosas. Desde que não o paralise. O medo deve ser dominado. Isso é

coragem. E, movidos pelo medo, esses esquerdistas resolveram poupar seus inimigos das merecidas

críticas. Resolveram fechar seus olhos para a realidade.

Desta forma, conseguiram apenas fortalecê-los, incentivar um avanço ainda maior dos comunistas. A

esquerda caviar, covarde, acabou servindo aos interesses dos inimigos da liberdade. Assim como hoje

muitos usam os discursos relativistas sobre a ameaça islâmica pelo mesmo motivo: medo.

Foi esse mesmo sentimento que fez com que os franceses, sob a ocupação nazista, adaptassem suas

vidas rapidamente, com raras e honrosas exceções (como a do general Charles De Gaulle, odiado pela

esquerda caviar). Como diz Alan Riding em Paris: a festa continuou, “a vida cultural da França havia

voltado praticamente ao normal com uma velocidade quase indecorosa”.

Não é trivial julgar os franceses dessa época difícil, incluindo inúmeros intelectuais esquerdistas. É

preciso muita coragem para desa ar um regime opressor. Ainda assim, a adaptação talvez tenha sido

acelerada demais. Como diz o autor: “Os visitantes que chegavam da zona não ocupada geralmente se

sentiam chocados com a aparente normalidade que reinava em Paris.”

“Durante a ocupação”, comentou Sartre, trinta anos depois, “tínhamos duas

escolhas: colaborar ou

resistir”. Ao que parece, a resistência efetiva é sempre para poucos. O próprio Sartre, que depois acabou

visto como um dos heróis da resistência, quase nada fez de concreto para merecer tanto reconhecimento.

Ao contrário, ele mesmo lembrou com carinho as festas que fazia nessa época:

Por causa do toque de recolher, que durava até seis ou sete da manhã, em geral a festa ia até esse horário, para evitar

agrarem alguém entrando em casa às escondidas, no meio da noite. Começamos a fazer essas estas, como as chamavam,

só de farra, sem ligação com reuniões editoriais ilegais ou algo assim.

Sob o domínio do medo, muitas pessoas encontram na distração uma fuga. Os cabarés logo voltaram ao

serviço, assim como os cinemas e teatros. Desistir dessa rota de fuga e partir para o confronto exige um

grau de heroísmo bastante raro. A esquerda caviar prefere jogar o jogo do poder, contemporizar com o

inimigo, flexibilizar os princípios. Afinal, o show precisa continuar...

12. Niilismo

O grande escritor russo Fiodor Dostoievski retratou em Os demônios a essência do niilismo como força

motora de alguns revolucionários. Escrito em 1872, o livro foi inspirado em um episódio verídico: o

assassinato de um estudante por um grupo niilista liderado por Nietcháiev, em 1869. Muitos

esquerdistas acabam atraídos por ideologias que, no fundo, representam apenas

um profundo desejo de

destruição ou autodestruição.

Nietcháiev era o resultado prático das teorias de Bakunin, um dos mais famosos anarquistas.

Excêntrico, rebelde ao extremo, esse aristocrata desa ava todas as convenções burguesas. Como tantos

outros anarquistas e socialistas, Bakunin era, por nascimento, um senhor rural, que teve educação

re nada. Estudou em Paris e obteve seu grau de doutor em Pádua. Sua mulher também era de

importante família.

Em suma, Bakunin veio da elite, e resolveu combater tudo o que ela representava, o que lhe permitiu

chegar onde chegou. Ele tinha na família tradicional uma grande inimiga, objetivando destruir os laços

de transferência de valores de geração para geração. Em tom de fanatismo religioso, exalta o futuro

promissor:

Haverá uma transformação qualitativa, uma nova maneira de viver, uma revelação que será como dádiva de vida, um

novo paraíso e uma nova Terra, um mundo jovem e poderoso no qual todas as nossas atuais dissonâncias serão

resolvidas, transformando-se num todo harmonioso.

Que glorioso futuro! Um mundo sem con itos, sem dissonâncias, onde cada um forma um todo

perfeito. Mas, para criar tal “paraíso”, naturalmente seria necessário destruir o

mundo que temos hoje,

implodir os pilares dessa sociedade carcomida, em estado de putrefação. E foi assim que Bakunin, como

alguns antes e muitos depois, apresentou a receita do sucesso:

Con emos no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a inexplorada e eternamente criativa origem de toda

a vida. A ânsia de destruir é também uma ânsia criativa.

Não sei quanto ao leitor, mas, quando leio essas passagens, não posso evitar o pensamento de que seria

muito melhor para o mundo se gente com tamanho descontentamento com a vida e tanta sede por

destruição simplesmente procurasse um bom psicanalista, ou quem sabe pegasse um pedaço de pau e

destruísse o seu quartinho confortável arrumado pela empregada. Mas que deixasse os outros em paz!

eodore Dalrymple, falando sobre Bakunin, reconhece que o ato de destruir é, em si, divertido para

muitos. Quando encontram uma suposta causa que justi ca a destruição, aí é uma festa! Essa

combinação atrai muita gente para a esquerda caviar raivosa, que alimenta um constante desejo de

destruição. Fernando Pessoa foi outro que percebeu o teor destrutivo do comunismo. Ele escreveu:

O comunismo não é um sistema: é um dogmatismo sem sistema — o dogmatismo informe da brutalidade e da dissolução.

Se o que há de lixo moral e mental em todos os cérebros pudesse ser varrido e

reunido, e com ele se formar uma gura

gigantesca, tal seria a figura do comunismo, inimigo supremo da liberdade e da humanidade, como o é tudo quanto dorme

nos baixos instintos que se escondem em cada um de nós. O comunismo não é uma doutrina porque é uma antidoutrina,

ou uma contradoutrina. Tudo quanto o homem tem conquistado, até hoje, de espiritualidade moral e mental — isto é de

civilização e de cultura —, tudo isso ele inverte para formar a doutrina que não tem.

Em United in Hate, Jamie Glazov tenta explicar a paixão dos intelectuais de esquerda por tiranos. O

assunto é bastante pessoal para ele, que foi ainda criança levado, pelos pais, da União Soviética para os

Estados Unidos, fugindo de uma tirania. Qual não foi a surpresa da família ao descobrir que muitos

intelectuais americanos defendiam justamente aquele regime totalitário, e ainda tentavam silenciar as

verdades que eles, tendo sofrido na própria pele, revelavam!

Para Glazov, esse crente esquerdista começa sua jornada totalitária com um agudo senso de alienação

em sua própria sociedade — alienação que ele é totalmente cego para enxergar. Em negação com suas

próprias falhas, que o impedem de criar um elo com seu povo, o crente se convence de que há algo

profundamente errado com sua sociedade. Sem conseguir se encaixar direito nela, deseja ardentemente

colocar um fim nessa angústia — e na sua própria sociedade.

Em uma linha parecida foi Eric Hoffer, em seu clássico єe True Believer, escrito em 1951. Para

Hoffer, um dos principais motivos de adesão a tais seitas revolucionárias é a angústia que a autonomia

traz para o indivíduo. Temos uma tendência de culpar forças exógenas pelos nossos fracassos, e as

pessoas frustradas com suas vidas acabam desenvolvendo um fervor por mudanças radicais.

Os movimentos de massa oferecem a sensação de um poder irresistível do grupo monolítico. As angústias

individuais poderão ser diluídas nos atos conjuntos, isentos de responsabilidade. A psicologia das

massas, como sabia Gustave Le Bon, atua para dar vazão ao ódio e ao desejo de destruição de cada

membro do grupo. Ele escreve em seu famoso livro The Crowd: A Study of the Popular Mind:

Uma massa é como um selvagem; não está preparada para admitir que algo possa car entre seu desejo e a realização

deste desejo. Ela forma um único ser e ca sujeita à lei de unidade mental das massas. Como tudo pertence ao campo dos

sentimentos, o mais eminente dos homens di cilmente supera o padrão dos indivíduos mais ordinários. Eles não podem

nunca realizar atos que demandem elevado grau de inteligência. Em massas, é a estupidez, não a inteligência que é

acumulada. O sentimento de responsabilidade que sempre controla os indivíduos desaparece completamente. Todo

sentimento e ato são contagiosos. O homem desce diversos degraus na escada da civilização. Isoladamente, ele pode ser

um indivíduo; na massa, ele é um bárbaro, isto é, uma criatura agindo por instinto.

Os indivíduos, fazendo parte de um grupo com certas características coletivistas, adquirem um

sentimento de invencibilidade que os permite seguir instintos os quais seriam barrados caso estivessem

sozinhos. Um caso típico é o linchamento público, ou a agressividade das torcidas organizadas. Ann

Coulter, em seu livro Demonic: How the Liberal Mob Is Endangering America, usa Le Bon para mostrar

como a esquerda atual é um movimento de massas. Ela descreve o fenômeno:

A multidão é um organismo infantil, irracional, muitas vezes violento, que deriva sua energia do grupo. Intoxicado por

objetivos messiânicos, a promessa de grati cação instantânea, e exortações que injetam adrenalina, as multidões criam

desordem, caos e destruição, deixando uma pilha de destroços fumegantes para seus líderes subirem ao poder.

Movidas por paixão, demonizando seus oponentes, idolatrando seus ícones, contando com frases

prontas e simples, além de imagens em vez de argumentos, as multidões são levadas a atos violentos,

intimidadores, agressivos. A repetição incessante desses mesmos slogans cria o efeito de contágio, em que

a lógica dos argumentos não tem mais vez. Líderes populistas abusam disso, como sabia Karl Kraus: “O

segredo do agitador consiste em parecer tão idiota quanto seus ouvintes, de modo que eles acreditem ser

tão inteligentes quanto ele.”

O grau de idolatria que Obama despertou mostra claramente isso. Coulter especula que, talvez pelo

fato de os esquerdistas modernos não acreditarem em Deus, eles precisem de deuses de carne e osso.

Pode ser. Mas o fato é que é constrangedor ver tanta reverência a um líder, beirando o fanatismo

religioso. Não há nada análogo do lado dos liberais e conservadores, que costumam apontar, eles

próprios, as várias falhas de seus líderes.

Essa realidade não é exclusividade americana. Quando Obama foi discursar em Berlim, na Alemanha,

o repórter Brian Williams, da NBC, comentou que foi espantoso o fervor da multidão que atraiu. Pessoas

subiam umas nas outras para tentar chegar mais perto dele. Era difícil imaginar algum outro líder

político capaz de mobilizar tanta gente assim, como se fosse um popstar. Qual foi mesmo o último que

conseguiu tal façanha em Berlim?

A pessoa pode ser rica, inteligente e bem articulada, mas ainda assim sofrer desse sentimento anti-

indivíduo, buscando refúgio em algum ente coletivo. Precisa de uma válvula de escape coletivista, de

algum grupo com o qual se identi que, podendo assim anular suas falhas como

indivíduo. A destruição

do “eu” é o objetivo final. Por trás dessa fuga, muitas vezes está um grande complexo de inferioridade.

O sentimento de angústia por falta de contato verdadeiro com sua sociedade, uma espécie de ódio a si

próprio, isso pode levar o intelectual e o artista à defesa de ideologias e regimes coletivistas totalitários

que pregam a destruição de sua própria sociedade. O coletivismo serve como escudo para suas

inseguranças individuais.

Se ele se dissolver nessa massa amorfa, sua dor poderá ser dissipada, sua culpa por viver melhor

poderá ser reduzida, caso se identi que com as vítimas do “sistema”. Uma pulsão de morte alimenta seu

niilismo e, quanto mais violento for o líder, melhor. Ele roga por destruição, que colocará m em suas

angústias insuportáveis.

Essa visão escatológica sempre seduziu muita gente. O apocalipse, as profecias de Nostradamus, as

projeções de Malthus, o alarmismo com a vingança de Gaia, o Dia do Juízo Final, em que todos

enfrentarão a ira “divina”, e eles, aqueles que parecem tão mais felizes e em sintonia com a vida, serão

destruídos, enquanto nós, os escolhidos, seremos nalmente recompensados pelo sacrifício. A ideia do

m do mundo, ou ao menos desse mundo, sempre foi fácil de ser vendida para

uma legião de

insatisfeitos.

Os niilistas usam tais ideologias para dar vazão à sua revolta, ao seu desejo de destruir. Che Guevara,

curiosamente retratado por alguns como um paci sta, deixou registrado em seu diário sua euforia com o

odor de sangue, explicitando sua vontade de matar. Veremos em mais detalhes o per l desse facínora

depois, que curiosamente é tido por muitos como um idealista romântico que buscava a justiça social.

Seu discípulo brasileiro mais el, o guerrilheiro Carlos Marighella, que já foi até homenageado em

música de Caetano Veloso, também tinha clara inclinação à violência. O historiador Marco Antonio

Villa, analisando a recente biogra a sobre o comunista em um artigo na Folha, resumiu bem: “O que

não se vê é qualquer ato de busca de apoio popular, de organização, de traçar algum objetivo no campo

democrático. Tudo se resume à ação terrorista, à violência.”

A guerrilheira holandesa Tanja Nijmeijer, das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia),

a rmou que não imagina a sua vida fora do grupo terrorista, ao qual aderiu há uma década: “Não posso

voltar atrás nem quero voltar atrás.” Filóloga de 34 anos, disse isso em entrevista exclusiva à AFP na

Praça da Revolução, em Havana, diante da imagem do guerrilheiro Che

Guevara, a quem “todos os

membros das Farc adoram”.

“Sinto-me realizada como guerrilheira das Farc e não sei o que teria sido de mim. De repente seria

dona de casa, teria três lhos, estaria divorciada, mas isso não teria me realizado da forma que me realiza

ser guerrilheira”, acrescentou. A imagem de esposa e mãe lhe dá calafrios, e sua “realização” só é possível

pela violência, pela luta armada, pela revolução.

Um niilista se torna uma máquina de matar mais e ciente quando encontra uma desculpa ideológica

para tanto. E acaba virando ídolo da esquerda caviar, que simpatiza com seus ns, mas raramente tem

coragem para adotar os mesmos meios. A esquerda caviar acaba, então, aplaudindo o guerrilheiro do

conforto de seu ar-condicionado, eventualmente nanciando os instrumentos de sua violência, como a

compra de armas, ou enaltecendo seus atos em lmes e livros. Como resumiu David Horowitz em um

debate recente, os liberais e conservadores são construtores, enquanto boa parte da esquerda é formada

por destruidores.

O melhor exemplo desse niilismo foi o suicídio coletivo liderado por Jim Jones em “Jonestown” (quão

egocêntrico!), na Guiana. Marxista fanático, fã de Mao Tsé-Tung e de Fidel Castro, Jones queria criar

sua comunidade utópica a todo custo. Até no Brasil veio parar em busca de um local para seu “templo”

comunista, de onde ninguém podia sair.

Sua empedernida luta pela “justiça social” acabaria com a morte de novecentas pessoas, incluindo

dezenas de crianças que tomaram cianeto. Comunismo é veneno. Jim Jones deixou uma mensagem

gravada, onde diz que seu grupo não cometeu suicídio, e sim um ato de “suicídio revolucionário” para

protestar contra o mundo desumano. Desumano, como ca claro, é o niilismo que alimenta maluquices

coletivistas e ideologias assassinas.

13. Síndrome de Estocolmo

No dia 23 de agosto de 1973, três mulheres e um homem foram usados como reféns em um assalto a

banco em Estocolmo, na Suécia. O assalto estendeu-se por seis dias, e, para surpresa geral, os reféns

acabaram protegendo seus raptores. De fato, meses depois, duas das reféns chegaram a casar com seus

algozes. Desde então, chama-se “síndrome de Estocolmo” esse fenômeno psicológico, quando o refém

demonstra afeição por seu raptor. Uma parte da esquerda caviar sofre dessa patologia.

Quanto mais o sujeito bate na riqueza, no capitalismo, na burguesia, no estilo de vida ocidental, mais

o rico capitalista burguês do Ocidente parece se encantar com ele. Um ditador

ameaça destruir toda

Nova York com uma bomba atômica? Ele é defendido pelo rico que vive em Nova York. Um tirano

chama de porco todo aquele empresário rico? O empresário rico não só o aplaude, como nancia o

projeto de poder do tirano.

Trata-se de algo muito estranho, mas que ocorre com certa frequência. É a esquerda “mulher de

malandro”, que gosta de apanhar, que goza com o seu masoquismo, que treme de prazer diante de um

inimigo viril, tal como a mulher que apanha do marido mas é incapaz de abandoná-lo. Fidel Castro

representou essa figura para muitos da esquerda caviar, seguido por Hugo Chávez.

E m ϵe Oslo Syndrome: Delusions of a People under Siege, Kenneth Levin trata justamente desse

assunto, tendo a elite de Israel como foco. Descreve que a síndrome de Estocolmo é uma resposta

comum entre populações cronicamente sitiadas, quando minorias são alvo de discriminação, difamação

e ataques. O mesmo vale para pequenas nações sob persistente ataque dos vizinhos.

As pessoas que vivem sob tais condições estressantes muitas vezes optam por aceitar, pelo valor de

face, os ataques de seus acusadores, na esperança de, assim, escapar dessa situação. Não suportam mais

tanta perseguição e acabam desenvolvendo uma visão ilusória sobre seus inimigos, como mecanismo de

autodefesa.

A recente “paixão” pelo Islã radical pode ter, em muitos casos, essa origem. Após o atentado de 11 de

setembro de 2001, muitos americanos tentaram racionalizar a ameaça terrorista, suavizar o lado de lá, ou

mesmo culpar os próprios americanos pelo ocorrido, na ilusão de que, assim, sua nação caria livre dos

perigos que enfrenta.

“Se eu for bonzinho e concordar com meu inimigo, talvez ele me deixe em paz.” Esse parece ser o

pensamento típico dessa ala da esquerda caviar, que nunca aprende com a história. Aliás, aprendemos

com a história que poucos aprendem com ela mesmo.

O calcanhar de aquiles de Israel em particular, e do Ocidente em geral, segundo Levin, é justamente a

incapacidade psicológica de se defender dos ataques de que são vítimas. Depreciando tudo aquilo que

possuem de bom e enaltecendo uma visão romantizada dos inimigos, essas pessoas alimentam fantasias

de que sua própria abnegação e suas concessões serão su cientes para garantir a paz. Algo análogo a uma

madame achar que um olhar de carinho será su ciente para convencer o jovem marginal a não assaltá-

la.

Ahmadinejad, o ex-ditador iraniano e quase atômico, torna-se assim o queridinho da esquerda

caviar, ao mesmo tempo que promete destruir tudo aquilo caro ao Ocidente. Bate mais, que eu gosto!

14. Ressentimento

O mundo é um lugar complexo. Milhões de indivíduos interagem a cada segundo, com interesses

distintos, habilidades diferentes, objetivos díspares. O acaso faz parte de nossas vidas. Não é possível

apreender tudo que se passa, tampouco é viável controlar os eventos. Devemos respeitar o imprevisto, o

imponderável. Mas isso incomoda muita gente, que adoraria simpli car sobremaneira os acontecimentos

da história.

É muito mais fácil explicar o mundo com base em teorias conspiratórias. Visões maniqueístas servem

para reduzir bastante o grau de incerteza, as regiões cinzentas. Tudo é preto ou branco, nós ou eles. Os

bodes expiatórios surgem como alvos perfeitos nessa busca por reducionismo. O mundo é um lugar

ruim? É culpa deles! Eles, aqui, podem ser classe, capital, um povo.

Como escreve Charlie Campbell em seu livro Scapegoat: A History of Blaming Other People, no

começo havia a culpa: Adão culpou Eva e Eva culpou a serpente, e desde então nós somos mestres na

arte de responsabilizar outros por nossos atos. Esse seria o nosso pecado

original, essa recusa em aceitar a

responsabilidade por nossas ações.

A humanidade sempre buscou imolar bodes expiatórios para se livrar de seus pecados. O Cristianismo

tem em seu fundador esse papel de mártir que assume todos os pecados do mundo nas costas. Os incas

sacri cavam crianças para os deuses. As “bruxas” eram perseguidas para aplacar a angústia do

desconhecido e a misoginia, que fala desse real feminino que nos escapa.

Para o autor, nós ainda ansiamos por explicações simples para acontecimentos complexos, e não

podemos nos controlar muito na hora de considerar o outro responsável quando as coisas dão errado.

Mas, se antes era culpa dos deuses e era possível apelar para bodes expiatórios místicos, na era do

cienti cismo moderno isso não é mais viável. Eis que surge o capitalismo, de preferência representado

pela figura dos judeus, para atender a esse anseio popular.

O escritor Umberto Eco, em seu romance O cemitério de Praga, também trata do tema. Alerta sobre

como é perigoso selecionar uma “raça” como bode expiatório para todos os males do mundo, um alerta

válido e sempre atual. O mesmo vale para classe. Os homens parecem inclinados a crer em teorias

conspiratórias que simpli cam um mundo complexo e jogam a responsabilidade de nossos problemas

para ombros alheios. Se tais ombros forem de uma classe ou um povo minoritário e facilmente

identificável, então o trabalho é mais fácil ainda.

Por trás do encanto pelas teorias conspiratórias jaz o ressentimento. Umberto Eco coloca essas

palavras em seu personagem:

A que aspira cada um, tanto quanto mais desventurado for e pouco amado pela sorte? Ao dinheiro e, conquistado esse

sem fadiga, ao poder (que volúpia em comandar um semelhante e em humilhá-lo!) e à vingança por todos os agravos

sofridos (e todos sofreram na vida ao menos um agravo, por menor que tenha sido). [...] A nal, pergunta-se cada um, por

que fui desfavorecido pela sorte (ou ao menos não tão favorecido quanto gostaria), por que me foram negados benefícios

concedidos a outros menos merecedores do que eu? Como ninguém pensa que suas desventuras possam ser atribuídas à

sua mediocridade, eis que se deverá identificar um culpado.

Logo, muitos desejam encontrar esse grupo, essa classe, essa raça responsável por seus problemas e suas

misérias. O trabalho do criador de complôs ca então bastante facilitado, pois encontra um público

ávido por suas invenções e mentiras. “Convém que as revelações sejam extraordinárias, perturbadoras,

romanescas. Somente assim tornam-se críveis e suscitam indignação.”

Além disso, “você jamais deve criar um perigo de mil faces, o perigo deve ter uma só, senão as pessoas

se distraem”. Os judeus, povo durante muito tempo sem pátria e, portanto, minoritário, relativamente

fácil de ser identi cado pelo nariz adunco e com muitos casos de sucesso material, eram um alvo

evidente para as teorias conspiratórias. Como disse Hermann Rauschning: “Se o judeu não existisse, teria

que ser inventado. Precisamos de um inimigo visível e não apenas de um inimigo invisível.”

Foi dessa forma que nasceu Protocolos dos sábios de Sião, um conjunto de textos mentirosos que

imputavam aos judeus um complô para dominar o mundo. Forjado pela polícia secreta do czar Nicolau

II, ganhou inúmeras traduções pelo mundo todo, ajudando a disseminar o antissemitismo.

Quando a peste negra atacou a Europa no século XIV, vários acusaram os judeus. De 1348 a 1351,

mais de duzentas comunidades judaicas foram exterminadas na Alemanha. O “Caso Dreyfus”, já no

século XIX, na França, foi outro exemplo dessa busca implacável por um bode expiatório envolvendo

judeus.

O o cial Alfred Dreyfus foi acusado injustamente, sem provas, pois era preciso encontrar um culpado

para as derrotas francesas. A conivência foi ampla. Émile Zola, justiça seja feita, escreveu seu famoso

artigo J’accuse, em forma de carta ao presidente da República Francesa, acusando os generais e os o ciais

responsáveis pelo erro judicial. Mas muita gente da esquerda não acompanhou a revolta, pois associava

os judeus aos ricos capitalistas.

Era já um prenúncio do que viria no futuro, mais precisamente na Segunda Guerra, um sinal do

caminho aberto para o governo fantoche de Vichy, controlado pelos nazistas sob espantosa vista grossa,

ou mesmo com o apoio, de muitos franceses de esquerda. Como mostra Alan Riding em Paris: a festa

continuou:

Uma das características mais surpreendentes da extrema direita é que incluía um grande número de guras importantes

vindas do Partido Comunista e que, a despeito de sua posição de direita, continuavam a se considerar socialistas.

Nada mais reconfortante para os medíocres do que crer que seus infortúnios são obra de uma cúpula

pequena reunida em locais secretos para construir complôs e dominar a humanidade. É tudo culpa deles.

E assim os fracassados alimentam o ódio que aquece suas almas pequenas. E todos temos nossa cota de

fracassos.

O autor relata que, antes do m de 1942, a França já deportara quase 37 mil judeus, incluindo mais

de 6 mil crianças. Ao todo, cerca 80 mil judeus foram enviados aos campos de extermínio, e só 2 mil

sobreviveram. Os o ciais de Vichy tentaram se defender. Pensavam, segundo a

rmaram, que os judeus

fossem mandados para trabalhar na Alemanha.

“É necessário algum desenvolvimento intelectual para se acreditar no acaso; o primitivo, o ignorante e

também uma criança já sabem atribuir uma razão para tudo o que acontece”, disse Sigmund Freud. A

angústia de viver sabendo que desgraças simplesmente acontecem, sem necessariamente uma causa

especí ca, leva muitos à busca de bodes expiatórios — vivos ou mortos. Há os vilões espirituais também,

como o karma de vidas passadas, os espíritos malignos, a “energia” negativa dos inimigos etc.

Além disso, a liberdade demanda responsabilidade, e muitos fogem daquela por medo desta. Ao

aceitar o livre-arbítrio, ao reconhecer que podemos não ter o controle de tudo em nossa volta, mas que

temos ao menos algum controle sobre como reagir aos estímulos de fora, o sujeito precisa se implicar,

precisa carregar o fardo de suas escolhas, para o bem ou para o mal. Se o sucesso tem boa dose de mérito,

então o fracasso tem sua parcela de responsabilidade. Não é fácil tolerar isso.

É muito comum ver as pessoas se esquivando o tempo todo da responsabilidade por seus atos. Elas não

têm escolha; são vítimas. Mas aqui também a vitimização é seletiva e, portanto, hipócrita. A psicóloga

que acaba de sair da entrevista em que defendeu a tese de que os criminosos são

vítimas sociais, de que

os viciados em crack não tiveram escolhas, perde a estribeira se descobrir que seu marido estava no motel

com uma amante.

Ora, ele não é também uma vítima dos traumas de infância? Ou passou repentinamente a ter

liberdade de escolha para ser julgado por seus atos? Agora é um “cachorro”, um “salafrário”, um

“canalha”? Mas o que dizer, então, do outro, que roubou, que estuprou uma inocente? Esse não precisa

responder por seus atos monstruosos? Esse é vítima? Karl Kraus tinha um aforismo bom para isso:

Quando alguém se comportou como um animal, ele diz: “Ora, eu sou só um ser humano!” Mas quando é tratado como

animal, ele diz: “Ora, eu também sou um ser humano!”

A esquerda caviar demonstra essa tendência dos ressentidos, a de buscar um bode expiatório para seus

problemas, erros e angústias, e por isso gosta tanto de uma teoria conspiratória. Os capitalistas, os

neoliberais, os banqueiros, os judeus, esses são os responsáveis pela miséria do mundo, pelos infortúnios

das pessoas, pela pobreza dos pobres, por minhas angústias e erros. Eles, não eu, têm as rédeas de minha

vida. Se ao menos fossem eliminados...

O cantor e escritor Lobão, em seu livro Manifesto do nada na terra do nunca, pescou com exatidão

esse ressentimento típico da nossa esquerda intelectualoide, que tenta calar o oponente para não escutar

certas verdades. De maneira irreverente, como de praxe, diz:

Aliás, o intelectual de esquerda é o campeão mundial da punheta de pau mole, não é verdade? Sempre deprimido,

paranoico, ressentido, sempre vitimizado por complôs cósmicos, sempre pronto para eliminar suas contradições na base

do grito.

Para o roqueiro, a esquerda, que o cativou em determinada fase da vida, era formada por “um bando de

frouxos, opacos, desprovidos de qualquer estilo que não fosse o arquétipo do desgrenhado barbudo de

sandália de couro, se vitimizando de tudo e de todos, recalcado com o brilhantismo alheio”. É ou não

um bom resumo da coisa?

15. Infantilidade

Amadurecer signi ca reconhecer restrições, limites, contemporizações necessárias na vida em sociedade.

Abrir mão de uma “liberdade plena” em troca das vantagens infinitamente maiores na vida social.

Aristóteles já percebera que o homem é um “animal social”. Quem não é impelido a estar com outros

homens, dizia, “ou é um Deus ou um bruto”. Como nenhum ser humano é perfeito, então aquele que se

mostra totalmente indiferente aos homens, mesmo aos piores, só pode ser um bruto.

No fundo, todos nós necessitamos do convívio social, ainda que a sociedade seja vista como uma

espécie de “baile de máscaras”, com seus ritos hipócritas e regras bobas de civilidade. Para Freud, estamos

fadados a experimentar o “mal-estar na cultura”, a recalcar certos impulsos em nome da civilização.

As possibilidades de satisfação individual são reduzidas nesse convívio, mas a alternativa é ainda pior.

Renunciar a certos impulsos, ou sublimá-los, passa a ser questão de sobrevivência do próprio indivíduo

na cultura. O recalque de alguns desejos ou impulsos é estrutural do homem maduro, ainda que

neurótico. Por outro lado, “as exigências de amor da criança são ilimitadas, demandam exclusividade e

não admitem compartilhar nada”, sabia Freud.

Alguns não aceitam tais limites e restrições, e anseiam pela liberdade “total”. Pensam que, entre os

desejos e os atos, nada deve car no caminho. São os que não aderem ao pensamento de Viktor Frankl,

judeu preso em campo de concentração nazista, que ainda assim sabia que, “entre o estímulo e a

resposta, o homem tem a liberdade de escolha”.

Mário Vargas Llosa, escrevendo sobre o livro O estrangeiro, de Albert Camus, constata que o

personagem principal, Meursault, não aceita “jogar o jogo” da sociedade, repleta de hipocrisias e

máscaras. Ele se recusa a ser um ator no teatro da vida. Mas, conforme lembra Vargas Llosa, “não existe

sociedade, quer dizer, convivência, sem um consenso dos seres que a integram, de respeito a certos ritos

ou formas que devem ser respeitadas por todos”.

Sem isso, haveria apenas uma “selva de bípedes libérrimos onde somente sobrevivem os mais fortes”.

Meursault pode não saber, mas também interpreta um papel: o de “ser livre ao extremo, indiferente às

formas entronizadas da sociabilidade”. Vargas Llosa acredita que “no fundo de todos nós existe um

escravo nostálgico, um prisioneiro que queria ser tão espontâneo, franco e antissocial” como o

personagem de Camus.

Mas mesmo os espíritos mais livres reconhecem que há um preço a se pagar pela cultura, qual seja, o

de renúncia à soberania absoluta, aos impulsos que poderiam colocar em risco a vida em sociedade. Se

todos fossem puro “instinto”, até a instituição da família estaria em perigo, e com ela os próprios

indivíduos.

O parecer de Vargas Llosa não é favorável ao tipo “libertário” representado por Meursault. Em sua

opinião, o estrangeiro de Camus vive num mundo desumanizado, e mostra a “imagem deprimente de

um homem a quem a liberdade não engrandece moral ou culturalmente; talvez,

destrua sua

espiritualidade e o prive de solidariedade, de entusiasmo, de ambição, e o torne passivo, rotineiro e

instintivo, num grau pouco menos que animal". Um bruto no sentido aristotélico.

Essa postura infantilizada pode explicar a adesão de muita gente à esquerda caviar. Em A sociedade

que não quer crescer, Sergio Sinay disseca essa era moderna onde adultos mais parecem "crianças

in adas", ou "adultescentes". Simone de Beauvoir pensava que um adulto era justamente isso: uma

criança inflada. Mas Sinay considera isso uma ladainha. E está certo.

Maturidade exige renúncia, sacrifício, responsabilidade, compromisso. Tudo aquilo de que muitos

adultos modernos fogem como o diabo da cruz. Talvez para aplacar sua angústia existencial, esses

adultos desejam permanecer jovens para sempre, e agem como tal. Como disse João Pereira Coutinho:

"No fundo, no fundo, quem deseja que a vida seja uma adolescência permanente nunca deixou

verdadeiramente a adolescência."

São colegas de seus lhos, e delegam a responsabilidade de educá-los a terceiros. O mundo deve ser

um grande parque de diversões, e só o "aqui e agora" tem importância. Não há mais tempo ou paciência

para se construir vínculos ou obras duradouras. A satisfação instantânea dos caprichos passa a ser o

único objetivo. Nas palavras de Sinay:

Uma sociedade empenhada em permanecer adolescente vive no imediatismo, na fugacidade, nas rebeliões arbitrárias que a

nada conduzem, na confrontação com as regras — com qualquer regra, pelo simples fato de existirem —, no risco absurdo

e inconsciente, na fuga das responsabilidades, na ilusão de ideais tão imprevistos como insustentáveis, na absurda luta

contra as leis da realidade que obstruem seus desejos volúveis e ilusórios, na rejeição ao compromisso e ao esforço

fecundo, na busca do prazer imediato, ainda que se tenha que chegar a ele através de atalhos, na confusão intelectual, na

criação e adoração de ídolos vaidosos colocados sobre pedestais sem alicerces.

Uma pessoa madura aceita ser criticada e aproveita as críticas para crescer. Não se entrega à

autocompaixão, não espera ser tratada como especial pelos outros. Enfrenta as emergências com

serenidade, aceita a responsabilidade de seus atos sem usar desculpas como escudo, supera a visão de que

é “tudo ou nada” na vida, aprende que não é o árbitro do universo e que terá de ajustar a sua vontade à

conveniência dos outros muitas vezes. Sabe perder, e não se preocupa indevidamente com coisas que não

pode remediar.

Essas características são destacadas no livro Valores morais e espirituais da educação, que faz parte do

programa das escolas de Los Angeles, na Califórnia. Essa lista mostra com

exatidão características

ausentes na típica esquerda caviar infantilizada. Pelo visto, porém, também os alunos californianos

andam ignorando tais lições, pois o estado representa o ícone da esquerda caviar americana, que age

como um adolescente imaturo.

É um traço da época moderna, desde os anos 1960, confundir os desejos com os direitos; pensar que

devemos ser livres para fazer tudo aquilo que temos vontade. Edmund Burke discordava totalmente e

pensava que os homens só estão quali cados para a liberdade civil na exata proporção em que capazes de

controlar seus apetites, de colocar correntes morais segurando seus caprichos. Como escreveu Pondé em

um artigo:

A maioria das pessoas quer apenas comprar, divertir-se, ter uma autoestima alta, gozar livremente, não sentir culpa

alguma; enfim, ter uma vida moral de criança de dez anos de idade.

Crianças não costumam ser ponderadas, não possuem muitos freios internos para suas vontades. Cada

vez mais adultos agem da mesma forma. Esse fenômeno de infantilização tem sido notado por muita

gente. Mark Steyn, em A{er America, constata uma realidade infeliz, mas cada vez mais comum no

Ocidente:

O politicamente correto é o m autoritário de uma ampla infantilização. [...] O

mundo ocidental vive em um estado cada

vez maior de vida adulta postergada. Nós entramos na adolescência cada vez mais cedo e a deixamos cada vez mais tarde,

se realmente a deixamos.

Essa tendência ganhou força principalmente a partir da década de 1960, com todo aquele discurso de

sexo livre, de abolição de todas as amarras sociais, que prometia um mundo novo sem barreiras para a

felicidade. Seu lema era: “É proibido proibir.” Ou então: “Faça amor, não guerra.” Um canto da sereia

para os mais jovens, principalmente.

Herbert Marcuse, Wilhelm Reich, Alfred Kinsey e outros intelectuais convenceram o Ocidente de que

a sexualidade irrestrita (e precoce) era o caminho para a felicidade “plena”, e que a repressão sexual e a

família burguesa eram nada mais do que máquinas de patologias. Fizeram misturas bizarras entre Freud

e Marx, distorcendo o primeiro, que sabia da importância do recalque para sustentar a civilização. Em

vez de usar o nome do psicanalista, esses libertinos revolucionários deveriam ler Freud:

Assim, talvez tenhamos de ser forçados a nos reconciliar com a ideia de que é absolutamente impossível harmonizar os

clamores de nossa pulsão sexual com as exigências da civilização: de que, em consequência de seu desenvolvimento

cultural, a renúncia e o sofrimento, bem como o perigo de extinção no futuro

mais remoto, não podem ser evitados pela

humanidade.

Mas se Freud, por um lado, reconhece os limites e freios necessários à pulsão sexual para a própria

sobrevivência da humanidade, também enxerga, por outro, o que há de positivo nisso, para além da

simples sobrevivência de nossa espécie, uma vez que seres humanos não são meros primatas:

A própria incapacidade da pulsão sexual de produzir satisfação completa, tão logo se submete as primeiras exigências da

civilização, torna-se a fonte, no entanto, das mais nobres realizações culturais que são determinadas pela sublimação. [...]

Parece, portanto, que a diferença irreconciliável entre as exigências das duas pulsões — a sexual e a egoísta — tornou os

homens capazes de realizações cada vez melhores, conquanto sujeitos, é verdade, a um perigo constante, ao qual, sob a

forma de neurose, sucumbem hoje os mais fracos.

Engajar-se em causas revolucionárias pode ser um ótimo pretexto para fugir dos controles morais ou

legais da sociedade, para consumir drogas, praticar orgias, para cair em aventuras como se não houvesse

amanhã. Carpe Diem! Aqueles famosos hedonistas que vivem tais vidas se tornam ídolos de uma legião

de seguidores infantis. Quanto mais depravados forem, mais sucesso farão. Alguns ainda usam, de

forma absurdamente injusta, o nome de Epicuro para tanto.

O lósofo grego nada tem a ver com essa mentalidade hedonista super cial. Na carta a Meneceu,

a rma que “nem todo o prazer é digno de ser desejado”, da mesma forma que nem toda dor deve ser

evitada incondicionalmente. A deturpação do conceito de prazer usado por Epicuro foi algo que ocorreu

durante a sua vida, e ele teve, portanto, a oportunidade de rebater:

Quando dizemos, então, que o prazer é a nalidade da nossa vida, não queremos referir-nos aos prazeres dos gozadores

dissolutos, para os quais o alvo é o gozo em si. É isso que creem os ignorantes ou aqueles que não compreendem a nossa

doutrina ou querem, maldosamente, não entender a sua verdade. Para nós, prazer signi ca: não ter dores no âmbito físico

e não sentir falta de serenidade no âmbito da alma.

Em outras palavras, ataraxia. John Stuart Mill também veio em defesa de Epicuro contra tais hedonistas:

“Quando assim atacados, os epicuristas sempre responderam que não são eles, mas seus acusadores, que

representam a natureza humana sob uma luz degradante, já que a acusação supõe os seres humanos

como incapazes de sentir um prazer distinto do que sentem os suínos.” Epicuro, por exemplo, valorizava

muito a amizade e as conversas elaboradas.

Mas o hedonista moderno, lhote dos anos 60 e do “sexo livre”, não quer saber dessas coisas. E

sequer aceita o conceito de uma moralidade minimamente objetiva. É como um

adolescente com apetite

insaciável. O exemplo que Sergio Sinay usa é o do maior ícone da esquerda caviar de seu país:

Uma sociedade é adolescente quando carece de critérios para distinguir entre as habilidades futebolísticas de seu maior

ídolo esportivo, Diego Maradona, e suas condutas irresponsáveis, sua ética duvidosa, seus valores acomodatícios; quando

acredita que aquelas habilidades justi cam tais “desvalores” e quando, assim como um adolescente, os vê como um

tributo invejável.

Drogas, sexo, e socialismo! A revolução sexual capitaneada pela esquerda caviar iria libertar homens e

mulheres de suas correntes burguesas e hipócritas. Claro que o resultado prático, como sempre, foi o

oposto daquele prometido, especialmente nas classes mais baixas, que costumam pagar o preço dos

experimentos sociais paridos nos escritórios da intelligentsia.

No auge dessa revolução, mudanças profundas ocorriam na maior máquina de propaganda existente:

Hollywood. Peter Biskind, em Easy Riders, Raging Bulls, mostra como a década de 1970 foi fascinante

para a indústria cinematográ ca, subvertendo todos os pilares tradicionais. Diretores e atores antenados

na contracultura, revoltados com o “sistema”, especialmente com a Guerra do Vietnã, chegaram ao

poder nos estúdios e divulgaram seus ideiais libertinos.

Filmes como Easy Rider zeram enorme sucesso, colocando em pauta, para o choque dos produtores

tradicionais e de muitos espectadores, o consumo desenfreado de drogas e o “sexo livre”. O próprio

Dennis Hopper a rmou que foi fundamental para a popularização do consumo de cocaína. Enquanto os

tradicionais bandidos eram retratados com glamour, os instrumentos de ordem do sistema, como a

polícia e os juízes, transformavam-se nos novos vilões.

Mas, enquanto a garotada gritava por “paz e amor”, em meio ao consumo de drogas e orgias, a

realidade desses mesmos gurus da contracultura era oposta. Hopper, um completo desequilibrado,

espancava sua mulher, que temia ser morta por ele. E o caso mais chocante, sem dúvida, foi o de Charles

Manson, que teria planejado o assassinato da esposa de Roman Polanski, entre outras pessoas. A nova

Hollywood navegava em profunda rebeldia e glamourizava tudo que era excêntrico. Nem tudo na vida

real, porém, era divertido como nas telas dos cinemas.

Não quero cair na tentação comum de idealizar o passado, como fazem os saudosistas. O alerta de David

Hume, tão bem retratado no lme Meia-noite em Paris, de Woody Allen, merece ser sempre frisado: “O

hábito de culpar o presente e admirar o passado está profundamente arraigado na natureza humana.”

Essa sensação de que os tempos dourados caram para trás parece bastante comum. Basta ver o que

Baltasar Gracián escreveu em A arte da prudência:

Muitos valores vieram a parecer antiquados: falar a verdade, manter a palavra. Os bons parecem pertencer aos velhos

tempos, embora sejam sempre queridos. Se é que ainda há alguns, são raros, e nunca são imitados. Que triste época esta,

quando a virtude é rara e a maldade está no cotidiano.

Isso foi escrito no século XVI! Portanto, saibamos calibrar o pessimismo com o presente e descontar a

empolgação com o passado, quase sempre idealizado. Havia muita coisa errada antes, que merecia duras

críticas. É até compreensível a revolta contra a sociedade puritana, machista e moralista de tempos mais

remotos.

O excesso de repressão, inclusive, é uma das causas do excesso de rebeldia. Logo na orelha da

biogra a sobre Cheryl Cohen, a “terapeuta do sexo” que inspirou o lme As sessões, as possíveis causas

de sua transformação são expostas:

Ela, como muitas moças da década de 1950 que foram criadas em um lar rígido e religioso, foi educada para pensar que

fazer sexo antes do casamento era errado, que ter desejos sexuais não era natural e que a masturbação era um dos piores

pecados cometidos contra Deus. Foi somente com o surgimento da contracultura e da revolução sexual dos anos 1960 que

ela pôde superar a ignorância e os diversos tabus ligados ao assunto para, por m, obter uma carreira rica e

recompensadora.

Carreira rica e recompensadora? Receber dinheiro em troca de sexo embalado de terapia psicológica? Não

ca tão evidente assim que ocorreu uma grande evolução, uma “liberalização” muito realizadora. Não

mesmo. Talvez o pêndulo tenha ido longe demais para o outro lado.

Por exemplo, quando uma senhora bem idosa como a canadense Sue Johanson se torna

apresentadora de um programa sobre sexo, explicando aos mais jovens como usar devidamente todos os

apetrechos e brinquedinhos eróticos nos mínimos detalhes. Podem me chamar de careta, mas a ideia de

uma vovó mais discreta e com mais pudor, talvez tricotando, parece-me in nitamente mais

encantadora...

Querem um exemplo ainda melhor? O jornal britânico de esquerda The Guardian publicou um artigo

no começo de 2013 chamado Paedophilia: bringing dark desires to light, em que até mesmo a pedo lia é

tratada como algo quase normal. O jornal deu espaço para Sarah Goode, da Universidade de

Winchester, expor sua opinião de que um em cada cinco adultos é capaz, em certo grau, de ser

sexualmente despertado por crianças.

Não satisfeita, Goode pensa que a compreensão é o caminho para lidar com a questão, e que permitir

que pedó los sejam tratados como cidadãos ordinários, com os mesmos padrões morais dos demais,

respeitando e valorizando aqueles que conseguem escolher a restrição autoimposta, só traria ganhos à

sociedade.

Os resultados dessa propaganda esquerdista começam a aparecer. Um rapaz foi preso no interior de

São Paulo no começo de 2013 por abusar de seus próprios sobrinhos. No depoimento, apelou para a

vitimização: era “vesgo e feio”, e era muita “tentação” trabalhar com aquelas crianças. No mais, ele

mesmo fora abusado na infância, segundo alegava. Logo, queria “tratamento”, em vez de prisão.

Os intelectuais de esquerda infantilizaram tanto a humanidade, com a crença de que ninguém mais é

responsável pelos seus atos, que chegaram ao limite de tolerar ou mesmo até respeitar os pedó los! São

infantis “inocentes” defendendo os infantis monstruosos. Será que a revolução cultural marxista não tem

mesmo limites? Até onde vai na confusão entre liberdade e libertinagem?

A crescente islamização do mundo ocidental tende a agravar o problema. A nal, apesar do tabu e de

poucos falarem disso, consta que o próprio profeta Maomé gostava de crianças, e inclusive se casou com

uma. Alá o teria autorizado a casar com a lha de seis anos de seu amigo Abu Bakr e a consumar o

matrimônio quando a menina Aisha tivesse apenas nove anos. A esquerda caviar ocidental pretende

tratar isso como algo normal?

Quando me deparo com essa agenda cultural esquerdista, onde “vale tudo”, onde o único ser bizarro

é o heterossexual el e cavalheiro, educado e atencioso, confesso que sinto vontade de ser um carola,

moralista, puritano, conservador e reacionário, algo que, de nitivamente, não sou. Nelson Rodrigues até

aceitava o rótulo de reacionário, pois dizia que, de fato, reagia contra tudo aquilo que não prestasse.

Nesse aspecto, sim, sou um “reacionário” também.

Curiosamente, essa “liberdade” toda pregada pela esquerda caviar é bem seletiva. O sujeito deve ser

livre para escolher fazer aborto, fumar maconha ou participar de orgias em praça pública, mas não deve

ser livre para comer o que quiser, fumar cigarro, ver o que bem entender na televisão, ou gastar seu

dinheiro como lhe aprouver. Nesses casos, o governo deve intervir em nome do “bem-estar geral”. Um

peso, duas medidas.

É o caso de Willie Nelson, que conta, em sua biogra a, que fumava e bebia desde os seis anos de

idade (que bela educação), mas que perdeu o pai vítima do tabaco. Relata sua

reação: “Joguei fora todos

os cigarros do maço, enrolei vinte baseados e os coloquei no lugar. Ia fumando um por dia...”

Hoje, talvez pela sequela da erva, o cantor é um feroz militante antitabagista, mas defende, ao mesmo

tempo, a liberação da maconha. Lançou, em resposta ao movimento Tea Party, o TeaPot, algo como

“chá de maconha”. Fumar cigarro é pecado para a esquerda caviar; mas fumar maconha (quem sabe a

partir dos seis anos?) é coisa de progressista moderninho.

Famílias destruídas, lhos ilegítimos, mães solteiras incapazes de dar conta do recado, mulheres

apanhando cada vez mais de seus maridos nos guetos, consumo de droga em alta, e nem por isso menos

angústia, menos tristeza, menos infelicidade. A esquerda caviar, tal como as crianças, costuma ignorar os

custos de suas escolhas, principalmente no longo prazo. Mas o preço um dia chega. Sempre chega. E

cobra sua fatura com juros e correção monetária.

16. Romantismo

Desiludidos com o presente, muitos pensadores partem para uma fuga romântica. Idealizam algum

passado mítico e sonham com um regresso a esse Éden imaginado. O paraíso “perdido” precisa ser

reencontrado.

Em vez do realismo retratado por Eça de Queiroz em seu conto sobre Adão e

Eva, especulando sobre

como deveria ser bárbara a sobrevivência nos primórdios da humanidade, esses intelectuais preferem

sonhar com um mundo perfeito, onde nada faltava e tudo era possível. Cito Milosz novamente: “Os

homens se agarram a ilusões quando não há mais nada a se segurar.”

Jean-Jacques Rousseau foi o grande precursor da postura romântica que tanto in uenciou o século

XX. Alguns o consideram o pai do totalitarismo moderno. Arrogante a ponto de despertar o desprezo de

muitos colegas lósofos, como Voltaire, que o considerava “um poço de vileza”, colocava-se acima de

todos os outros em termos morais. Não foi por acaso que Edmund Burke o chamou de “ lósofo da

vaidade”. Rousseau e a esquerda caviar têm tudo a ver.

As emoções que levaram Rousseau a seu pensamento político misturam diferentes origens da esquerda

caviar. Há muitas interseções entre uma e outra, sem clara distinção em alguns casos. Rousseau foi

romântico e ressentido ao mesmo tempo. Idealizou o “bom selvagem” contra a civilização e condenou a

propriedade privada como fonte de todos os males, alimentando a inveja das massas.

O evangelho rousseauniano tem como efeito inevitável, segundo Irving Babbitt, em Democracia &

liderança, “fazer orgulhoso o homem pobre e, ao mesmo tempo, fazer com que

ele se sinta vítima de uma

conspiração". O pobre, de acordo com Rousseau, era menos corrompido que o rico. Ouve-se, através das

palavras de Rousseau, "a voz do plebeu irado e invejoso que, em nome do amor, está fomentando o ódio

e a luta de classes".

E m Emile há uma con ssão: "O que era mais difícil de ser destruído dentro de mim era uma

misantropia orgulhosa, uma certa acrimônia contra os ricos e os felizes do mundo, como se eles

estivessem nessa situação à minha custa, como se sua alegada felicidade tivesse sido usurpada de mim."

Movido por tal sentimento, Rousseau passaria a incorporar de forma megalomaníaca a voz da "vontade

geral", e estava disposto até mesmo a forçar o homem a ser "livre".

Isaiah Berlin tenta colocar Rousseau em um divã imaginário para extrair possíveis traços psicológicos

de sua personalidade. Não era um proletário, mas sim um membro característico da respeitável classe

média baixa da Suíça, que "se afastou de seu meio e tornou-se um aventureiro boêmio sem ocupação xa

em revolta contra a sociedade, mas ainda com o temperamento e as crenças de um petit bourgeois

provinciano".

Rousseau condenava a aristocracia, a sociedade como um todo, e se considerava uma pessoa pura,

com sentimentos nobres. Amava o povo simples. E, no entanto, abandonou todos os seus cinco lhos no

orfanato e conseguiu o desprezo de muitos que foram seus amigos ou amantes. Como escreveu o

português João Pereira Coutinho em sua coluna da Folha: “Só canalhas amam a Humanidade (com

maiúscula). E só grandes homens são capazes de exercer a sua humanidade (com minúscula).”

Marx também vem à mente após lermos essa frase. Ele “amava” o proletariado enquanto abstração,

mas não gostava de frequentar fábricas, e, quando fez um lho com uma empregada, despachou o

moleque para adoção. Graças a gente como Rousseau e Marx, tenho calafrios sempre que vejo alguém

proferindo seu imenso amor à humanidade, aos pobres, a todos!

Rousseau foi a maior inspiração para outro “abnegado” que se sentia muito puro: Robespierre. Como

foi a colocação em prática de tanta pureza? Durante os últimos cinco meses de vida, quando concentrou

um poder praticamente tirânico sobre a França, mais de duas mil pessoas foram guilhotinadas em Paris,

uma quantidade cinco vezes superior àquela dos mortos nos onze meses que precederam o reinado do

terror pessoal de Robespierre. Na biogra a de Ruth Scurr sobre essa importante gura da Revolução

Francesa, o próprio título já resume de forma sucinta a imagem do perigo: Pureza fatal.

Não teria sido a hipocrisia ou mesmo as ambições materiais que tornaram Robespierre uma ameaça

tão grande à liberdade, mas, sim, sua total convicção de que ele e o povo eram uma só coisa. O

Incorruptível, como era conhecido, seria a mão sangrenta executando com fanatismo as ideias de

Rousseau. Robespierre, vestido com a capa da pureza moral, seria o instrumento da “vontade geral”. A

visão de uma sociedade ideal, livre dos “pecados” da aristocracia e da miséria, faria com que ele

acreditasse, de forma insana, ser o veículo da Providência que levaria a França a um futuro perfeito.

Nada poderia abalar a crença de que sua vida era realmente dedicada ao melhor para o povo, nem

mesmo o banho de sangue em Paris e a miséria espalhada por toda França. Mais cansado e desiludido,

Robespierre constatou que “existem poucos homens generosos que amam a virtude por si só e desejam

ardentemente a felicidade do povo”, naturalmente se incluindo nesse grupo seleto. O fracasso da

revolução não poderia ser fruto dos meios adotados por ele; tinha de ser culpa dos próprios homens, os

quais não eram tão virtuosos como ele próprio.

Poucos representam maior ameaça às liberdades do que aqueles imbuídos de uma crença fanática em sua

própria pureza e missão. Muito sangue inocente já foi derramado em nome dos ideais pregados por esse

tipo de gente, e devemos estar sempre alertas para seu perigo. É o que explica Marie-Laure Susini em

Elogio da corrupção, livro em que guras como Robespierre e Paulo de Tarso vão parar no divã da

autora, que é psicanalista.

Susini aceita o papel de advogada do diabo:

A rmo que os incorruptíveis é que são perigosos. Os íntegros inquisidores e rigorosos puri cadores, os virtuosos líderes

de loucuras coletivas, os apóstolos da salubridade, os organizadores de campanhas de saneamento e massacres, os

erradicadores do mal, os assassinos por dever.

A ideologia da pureza, en m, deixou um rastro de destruição na história, e mais estrago foi causado por

aqueles que lutavam em nome desse ideal do que por qualquer corrupto. Como o universo dos

incorruptíveis é imaginário e, portanto, nulo, conclui-se que o universo dos corruptos abrange a

totalidade dos homens. Exceto, naturalmente, os Incorruptíveis, ou aqueles que nisso acreditam. Esses

são as verdadeiras ameaças!

Após Rousseau e seu discípulo Robespierre, o caminho estava liberado para essa dicotomia entre

discurso e prática. Outros pensadores buscaram a imagem de pureza, vivendo vidas diametralmente

opostas ao que pregavam. Os homens de ação, imbuídos dessa missão romântica redentora,

transformaram aquilo que tocaram em um verdadeiro inferno. Mas eles se autoproclamavam os

salvadores da humanidade. São os herdeiros dos jacobinos, revolucionários de esquerda, redentores que

destroem tudo em volta em nome da utopia.

A Revolução Francesa, com seu slogan bonito de “liberdade, igualdade e fraternidade”, e com sua

selvageria insana na prática, seria a inspiração de vários outros revolucionários, sempre defendidos pela

esquerda caviar. Os resultados concretos dessas revoluções não importavam. A vibe que sua defesa

produzia nos seus adeptos era o fundamental. “Ó, liberdade, liberdade, quantos crimes cometidos em teu

nome!”, teria dito Madame Roland prestes a ser guilhotinada. Como resumiu Ann Coulter em Demonic:

Os detalhes dos regimes totalitários podem variar, mas a inspiração é sempre a mesma fantasia rousseauniana: um seleto

grupo de elite com absolutamente nenhuma compreensão da natureza humana vai descobrir o programa, in exivelmente

impô-lo sobre as pessoas e, assim, regenerar a humanidade.

Esses intelectuais e revolucionários estão tão seguros de sua importância para reformar o mundo que

acabam se esquecendo dos homens de carne e osso à sua volta. Eles vão construir o “novo homem”,

mesmo que para fazer essa linda omelete seja preciso quebrar “alguns” ovos. Os nobres ns justi cam os

mais nefastos meios. Para alimentar tal entorpecimento, esses intelectuais precisam dos miseráveis como

os abutres necessitam da carniça.

17. Desprezo popular

Joãozinho Trinta foi no alvo quando disse que os intelectuais é que gostam de miséria, pois os pobres

gostam de luxo. Nada mais natural do que desejar melhorar as condições de vida. E nada melhor para

isso do que o trabalho honesto em um ambiente de livre mercado. Lucro e trabalho são sócios nessa

empreitada. O grande obstáculo é justamente o estado inchado, obeso, que cria burocracia as xiante e

arrecada quase 40% do que é produzido em nome da “justiça social”.

Quem trabalha duro para criar riqueza e subir na vida não tem tempo para “salvar o planeta” ou

construir “um mundo melhor”. Essas são as bandeiras da esquerda festiva, dos artistas que, do conforto

de suas mansões, adoram detonar o capitalismo enquanto desfrutam de tudo de bom que só ele pode

oferecer.

Uma vez na elite, essa gente se torna esnobe e afetada, para simular uma aristocracia distante dos

interesses mesquinhos dos pequeno-burgueses, sempre obcecados por dinheiro e bens materiais — quase

sempre bregas. Ou então seguem o caminho oposto e ngem ser parte do “povão”, abraçando um estilo

do gueto, para também rejeitar as escolhas aburguesadas da classe média. O importante é se sentir

diferente, superior, separar a sociedade entre “nós” e “eles”.

É o caso de muitos intelectuais que se colocam como profetas da Nova Era. Se o mercado valoriza

mais, nanceiramente falando, um craque de futebol do que um lósofo, então a vingança virá pelo

ataque ideológico ao mercado. “Não preciso do shopping center para nada, sou melhor do que isso.”

A representante da esquerda caviar “intelectual” brasileira, a lósofa da USP Marilena Chauí, chegou

a atacar, com sua típica verborragia, a classe média, deixando o ex-presidente Lula, que estava presente

no evento de lançamento de livro sobre seu governo, bastante sem graça. Ela disse sem rodeios: “A classe

média é um atraso de vida. A classe média é estupidez, é o que tem de reacionário, conservador,

ignorante, petulante, arrogante, terrorista.”

Ao declarar ódio a uma abstração classista, a lósofa, malandramente, foge da necessidade de dar

nome aos bois. Ao repudiar a classe média perante a própria, esta se sente acuada e encontra, como

mecanismo de defesa, a sensação de que não faz parte dessa mesma classe, pois, apesar da renda similar,

é mais esclarecida, mais “consciente”, mais engajada. Em outras palavras, é uma classe média que rejeitou

o estilo de vida pequeno-burguês e se alinhou aos operários revolucionários e marxistas.

Você que é assalariado, que mora em um apartamento alugado de dois ou três quartos, que assiste à

novela e ao jogo de futebol nas quartas e domingos, que precisa enfrentar o caótico trânsito para

trabalhar, que vive com medo de bandidos defendidos por esquerdistas, que não conta com esmolas ou

privilégios estatais, que quer apenas, en m, melhorar de vida, ter mais conforto material e segurança,

você é odiado por gente como Marilena Chauí, que recebe um polpudo salário da USP pago por pessoas

como você, da classe média!

Claro que as preferências da classe média tendem a ser... medíocres. O nome vem justamente daí. Em

O homem medíocre, José Ingenieros descreve as características presentes numa “mediocracia”, que

contrapõe à visão de um ideal de perfeição por parte de alguns poucos indivíduos de destaque. Seria a

meritocracia dos indivíduos realmente mais nobres.

Ingenieros sustenta que é fundamental manter acesa esta chama de um ideal, uma meta visionária

que não sucumba às contingências da vida prática imediata. É claro que ele tinha um ponto. Não

podemos negar o risco da massi cação cultural que oprime o mais nobre, o melhor. “O nível dos

governantes baixa até o ponto zero; a mediocracia é uma confabulação dos zeros contra as unidades”,

fuzila o autor, que escreve:

Quando colocamos a proa visionária na direção de uma estrela qualquer e nos voltamos às magnitudes inalcançáveis, no

afã de perfeição e rebeldes à mediocridade, levamos dentro de nós, nesta viagem, a força misteriosa de um ideal. É um fogo

sagrado, capaz de nos levar às grandes ações. É necessário, todavia, que o tenhamos sempre sob nossa custódia. Pois, se o

deixarmos apagar, não se acende jamais. Se tal força morrer dentro de nós, caremos simplesmente inertes; não passamos,

neste caso, da mais gelada bazófia humana.

O problema não está nesse tipo de crítica à mediocridade, justi cável e legítima. Mas, sim, na

transformação dela em movimento político coletivista e utópico, que passa não só a desprezar a média

como um bloco monolítico, esquecendo os indivíduos de carne e osso, como pretende moldá-la a ferro e

fogo para criar inúmeras réplicas de Shakespeare — como se possível.

Esses intelectuais desprezam as escolhas populares da classe média. Todo aquele que parece se divertir

com futebol, novelas ou lmes é retratado como um alienado sob o domínio do capital. A classe média

burguesa é atacada de forma caricatural como idiotizada, pura massa de manobra das elites. Mas é o

trabalho dessa classe média que permite o sustento dos próprios intelectuais, que

muitas vezes assistem às

mesmas novelas, aos mesmos jogos e filmes.

No livro O intelectual e o mercado, George Stigler lembra que os “professores devem muito mais a Henry

Ford do que à fundação que lhe leva o nome e lhe gasta o patrimônio”. Os êxitos do mercado permitem

que uma classe intelectual bem mais numerosa seja sustentada sem a necessidade de escravos, como na

Antiga Grécia. Mas esses intelectuais acabam cuspindo no prato que comeram. João Pereira Coutinho

conseguiu captar o espírito da coisa em uma coluna na Folha, em que diz:

Os artistas “boêmios”, ou pretensamente “boêmios”, só marcham contra a civilização burguesa precisamente porque

existe uma. Sem uma civilização burguesa, o lugar deles era a irrelevância, o anonimato ou coisa pior.

Para esses artistas, que pretendem posar de rebeldes como se garantia da genialidade de suas obras, eis o

recado de Coutinho:

Vive como um burguês para que possas reservar toda a radicalidade para a tua arte. Que o mesmo é dizer: abandona a tua

pose no latão de lixo. Não simules conhecimento que não tens. Aprende com quem sabe. Não queiras ser “transgressivo”

na tua vida. Aprende primeiro a usar os talheres. E quando quiseres ser “transgressivo”, vai lavar os pratos (e os talheres).

Isso passa.

Muitos acusam a sociedade moderna, especialmente a americana, de

materialista, apontando as

preferências vulgares do povo. Stigler enxerga nisso certa hipocrisia, já que muitos dos próprios

intelectuais costumam desfrutar dos mesmos bens vulgares que criticam. Além disso, lembra que a

economia norte-americana não produz somente bens desse tipo, mas inúmeros artigos re nados. A

comparação é injusta também quando se colocam, de um lado, as seletas aristocracias antigas e, do

outro, todo o povo de uma nação.

Stigler diz: “O mercado reage aos gostos dos consumidores com bens e serviços vendáveis, sejam os

gostos re nados ou grosseiros.” Trata-se de uma constatação bastante óbvia, mas curiosamente ignorada

pelos críticos do mercado. “Não é porque existem destilarias que as pessoas bebem uísque; é porque as

pessoas bebem uísque que existem destilarias”, escreveu Ludwig von Mises.

Não faz sentido condenar o termômetro pela febre, assim como é injusto condenar o garçom pela

obesidade do cliente. Os “defeitos”, portanto, não se encontram no mercado em si, mas nos próprios

gostos populares, se for o caso.

Esses nunca foram re nados. O povo romano queria ir ao Coliseu ver sangue. A ideia do “pão &

circo” sempre seduziu muita gente. Mas o intelectual de esquerda pensa que pode parir, sob forte

coerção, o novo homem popular, que será um Goethe, como sonhava Trotski. Um pescador de dia, um

operário de tarde e um filósofo de noite, como queria Marx.

Há um claro ressentimento dos intelectuais com o mercado, pois eles acabam pouco valorizados pelos

consumidores, e são obrigados a ver outros in nitamente menos inteligentes prosperando por meio de

trocas voluntárias. Michel Teló, Neymar, Lady Gaga, esses acabam ricos e famosos, venerados pelas

massas, enquanto o professor de ciências humanas, que leu centenas de livros e estudou Marx a fundo

(ou nem tanto...), vai dar aula em seu velho carro popular.

Os marxistas não suportam o vulgo como ele é, e sonham com um povo diferente e engajado, que

aprecie mais a intelectualidade. Mas sonham isso entre uma novela e outra. Stigler ainda provoca:

“Quando um bom comediante e uma produção de Hamlet estão sendo passadas em canais rivais, eu

gostaria de acreditar que menos de metade dos professores estão rindo.” Será?

Além desse desprezo dos intelectuais pelo povo, há um fator de elitismo proveniente da concentração

dessa classe alta em bairros comuns e isolados do restante, como mostra Charles Murray no livro já

citado, Coming Apart. Os ricos e inteligentes, vivendo em bolhas e longe da realidade do povão,

simplesmente não compreendem mais os desejos e anseios dessas pessoas, e

tomam a sua realidade

distorcida como a média nacional.

Essa elite cultural e nanceira toma as decisões em nome dos demais, acreditando muitas vezes agir

no melhor de seus interesses. A realidade, contudo, é tão diferente, que não há mais conexão entre

ambos. Os estilos de vida são distintos demais. Murray chama de “síndrome do esnobismo elitista” este

fenômeno, que pode explicar parte da adesão à esquerda caviar.

18. Arrogância fatal

Hayek, quando escreveu sobre a tendência de os intelectuais defenderem o socialismo, concluiu que o

sucesso dos socialistas estava em sua postura utópica, que captura o apoio dos intelectuais e in uencia a

opinião pública. Isso vai ao encontro do que Stigler diz, quando a rma que as pessoas são românticas e

preferem muito mais soluções fáceis e diretas para seus problemas.

Além disso, Hayek pensava que pessoas inteligentes tendem a supervalorizar a inteligência no curso da

história, e supor que todas as vantagens de nossa civilização se devem a algum tipo de design deliberado.

Há pouco espaço deixado para o imprevisto, para os acidentes frutos de um processo evolutivo de

tentativa e erro, para a “ordem espontânea”. Ao colocar a razão em um pedestal, esses intelectuais

acabam cometendo o que Hayek chamou de “arrogância fatal”, de que o melhor

exemplo foi, sem

dúvida, a Revolução Francesa.

Os jacobinos, uma turba ensandecida impulsionada por paixões violentas, pensavam agir somente

movidos pela razão. Iniciaram uma perseguição assassina aos religiosos e chegaram a mudar o nome da

catedral de Notre Dame para “Templo da Razão”. Até o calendário seria totalmente alterado, começando

do zero para ser mais “racional” (mas sobravam dias no ano). Nunca antes se viu um contraste tão

grande entre crença na razão e atos tão irracionais e vingativos.

Os arrogantes desejam parir um mundo totalmente novo, zerado. Pensam ser possível ignorar

tradições, experiências e o mercado. O mercado, aliás, é a instituição mais complexa que existe, e trata-se

de uma formação lenta, por tentativa e erro, que envolveu e envolve milhões de agentes autônomos. O

conhecimento é disperso, pulverizado, e, se um intelectual isolado pode ser muito mais sábio do que a

média, isso não quer dizer que terá melhor conhecimento do que o todo. Assim, é temerário substituir o

mecanismo de mercado pelo controle centralizado.

No livro ϵe Wisdom of Crowds , James Surowiecki defende a tese de que as multidões desfrutam de

mais sabedoria do que se imagina. Para isso, entretanto, um grupo de indivíduos precisa preencher

quatro condições: diversidade de opiniões, independência de julgamento, descentralização e agregação. É

uma ideia contraintuitiva a princípio, mas a suposta sabedoria das multidões tem lógica, além de mostrar

evidências empíricas a seu favor.

O segredo é que os erros das estimativas individuais, quando se satisfazem as condições apontadas,

acabam se anulando em um grande número de opiniões. Caso tais requisitos não sejam preenchidos, não

há erros aleatórios, mas sim um viés, onde as opiniões não são realmente independentes e individuais;

estaríamos diante de um grupo monolítico, com pura emoção e nenhuma razão, adquirindo um senso

de invencibilidade e irresponsabilidade incontroláveis — como dizia Gustave Le Bon, ao se referir à

“psicologia das massas”.

Um processo de livre escolha individual, em um ambiente de regras básicas e bem de nidas, pode

apresentar, portanto, resultados in nitamente melhores que aqueles oriundos de poucos “sábios”. Até

mesmo na natureza, observando animais irracionais, vemos certa ordem espontânea surgir sem a gura

do líder “iluminado”. Seria fazer muito pouco-caso do homem, animal racional, supor que cada

indivíduo é um completo mentecapto que necessita da direção traçada por um ser “clarividente”.

*

Os intelectuais, normalmente inteligentes e egocêntricos, não aceitam bem esse funcionamento

imprevisto e “caótico” do mercado. Preferem dar uma importância maior ao papel dos próprios

intelectuais nesse processo. Hayek diz:

A maior parte das vantagens da vida social, especialmente em suas formas mais avançadas que chamamos “civilização”,

depende do fato de que o indivíduo se beneficia de maior conhecimento do que ele está ciente.

Mas os intelectuais não costumam aceitar isso. O próprio Hayek alertou que é muito perigoso delegar

poder a especialistas que conhecem somente uma ín ma parcela do problema que pretendem resolver.

Mas a soberba da intelligentsia costuma jogá-la contra a defesa do livre mercado. O intelectual, mais

culto que seus vizinhos, acredita que poderia direcionar melhor o resultado desse processo se tivesse os

instrumentos para tanto. São os donos da Razão!

O melhor exemplo disso talvez seja o esperanto. Um gênio tentou criar a língua perfeita do ponto de

vista racional, a ser usada por todos. Um idioma universal. No entanto, ignorou-se essa formação

evolutiva das línguas, por tentativa e erro, uma instituição viva, sem controle deliberado. O resultado é

que, à exceção de seus seguidores ideológicos, ninguém mais fala o esperanto.

Entre uma cerveja e outra

no botequim chique, os membros da esquerda caviar apelam para toda a verborragia de como pretendem

construir um paraíso igualitário a partir do zero, somente com base em sua razão, ignorando toda a

tradição dos antepassados e toda a complexidade dos mercados. Esses ungidos querem imaginar o

mundo como uma folha de papel em branco, onde poderão escrever as mais belas linhas. Normalmente,

quando partem para o ato, a tinta que usam é o sangue dos inocentes.

O socialismo não foi parido por proletários, por trabalhadores humildes no chão das fábricas, mas por

intelectuais burgueses. Marx, que se casou com uma aristocrata alemã, era sustentado por Engels, rico

herdeiro de indústria. Lênin era filho de pais abastados. Mao Tsé-Tung era filho de um rico agricultor. O

pai de Fidel Castro era latifundiário. Salvador Allende era lho de advogado, neto de médico e sempre

morou nos melhores bairros de Santiago. E por aí vai...

Intelectual arrogante e elite culpada, uma combinação explosiva! O messianismo narcísico de um

acaba nanciado pela culpa endinheirada do outro, e quem paga o pato são os próprios trabalhadores

em nome de quem a utopia foi criada. Perverso demais, eu sei. Mas verdadeiro.

19. Sede pelo poder

Não esgotamos as possíveis origens do fenômeno ainda. O intelectual não

precisa ser movido apenas pela

fé messiânica, pela sensação de superioridade moral. Ele pode ter profunda sede de poder também.

O autoritarismo leva muita gente para a esquerda. O desejo de controlar vidas alheias, de decidir

como os outros devem viver, isso pode explicar o fato de muitos intelectuais aderirem ao socialismo. “A

ânsia de salvar a humanidade é quase sempre uma desculpa para a ânsia de governá-la”, diagnosticou

com precisão H. L. Mencken.

“O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente”, alertou Lord Acton. É como o anel

que vemos no Senhor dos anéis, que destroçou completamente o Gollum. De nhando, repete

insistentemente “meu precioso”, em busca daquele poder todo uma vez mais. Encontramos a mesma

ideia na República de Platão, com o anel de Gyges, que tornaria seu dono invisível e, portanto, impune a

qualquer tipo de ato. Quem poderia resistir a tamanha tentação sem se transformar por completo?

Esse tipo de preocupação com o poder excessivo foi abordado por diversos pensadores da

humanidade. H.G. Wells, em O Homem invisível, trata do mesmo tema. O livro inspirou dois lmes, um

em 1933 e outro em 2000, com Kevin Bacon. Quem não gostaria de bancar o Deus de vez em quando?

Ayn Rand, cuja maior habilidade talvez fosse dissecar a essência da esquerda coletivista, criou no vilão

d e A nascente o típico intelectual em busca de poder. Ellsworth Toohey não quer fama, não quer

dinheiro, não é movido por interesses materiais ou realização pessoal. Ele busca somente o poder. Quer

destruir o indivíduo, e para tanto precisa de poder. Em certo momento da trama, confessa:

Eu não quero nada para mim. Uso as pessoas por causa do que posso fazer com elas. É minha única função e satisfação.

Não tenho um objetivo particular. Quero o poder. Quero o meu mundo do futuro. [...] Escravidão para a escravidão. Um

grande ciclo... e uma total igualdade. O mundo do futuro.

Dividir para conquistar. A esquerda caviar adora esse estratagema, sempre segregando o mundo entre

nós e eles, entre negros e brancos, pobres e ricos, mulheres e homens, trabalhador e patrão, gays e

heterossexuais. Assim ca mais fácil criar um ambiente propício para a tomada do poder. A elite

“progressista” é a única capaz de apaziguar os conflitos, tantas vezes criados por ela mesma.

O intelectual acaba tentado com a ideia platônica de rei- lósofo. Somente ele tem capacidade para

governar os demais. Em uma entrevista para a revista alemã Spiegel, publicada em 1967, no auge da

agitação política dos jovens e intelectuais, Herbert Marcuse deixou transparecer essa postura quando

disse que era uma “oportunidade perigosa” pertencer ao tal grêmio de intelectuais no poder. Falando

sobre a censura para filtrar o que é “bom” do que é lixo, eis o que Marcuse disse:

Primeiramente eu não decido a coisa sozinho, mesmo a ditadura platônica não é uma ditadura de uns poucos. E então

diremos: o senhor nos deixa examinar seu trabalho, se nos convencer, então o artigo deve aparecer.

Ao contrário da esquerda caviar, pre ro um mundo em que a publicação de artigos não dependa da

avaliação sapiente de guras como Marcuse. Essa sede de controle travestida de benevolência é uma das

maiores ameaças à liberdade. George Bernard Shaw, visitando os Estados Unidos em 1933, disse de

forma bastante direta:

Vocês americanos são tão temerosos de ditadores. Ditadura é a única maneira em que o governo pode realizar qualquer

coisa. Vejam a confusão a que a democracia levou. Por que vocês têm medo da ditadura?

Shaw também teceu elogios a Stalin e se declarou tranquilo ante o pacto deste com Hitler, uma semana

antes de a Polônia ser invadida e a Segunda Guerra começar. Mas o relevante na postura de Shaw, como

na de tantos outros intelectuais, é esse apreço descarado por regimes autoritários, que controlam

totalmente as vidas de cada cidadão.

Keynes, no prefácio da edição alemã de Teoria geral , reconheceu que suas ideias

seriam mais

facilmente aplicáveis em um regime autoritário. Intelectuais seguros de suas "verdades" não querem

perder tempo com regimes democráticos; preferem se aliar ao poder absoluto e controlar todos os demais.

O poder é uma droga que vicia, e acaba tomando conta do indivíduo, deformando-o. Ditar regras de

cima para baixo é o sonho de muita gente. Os esquerdistas costumam levar tal impulso mais à frente. São

os "engenheiros sociais" que pretendem remodelar a sociedade a partir de sua visão de mundo. Tal como

Skinner, olham os indivíduos como cães de Pavlov a serem domesticados e condicionados. Raymond

Aron fez a melhor distinção entre essa postura e a liberal:

O liberal é humilde. Reconhece que o mundo e a vida são complicados. A única coisa de que tem certeza é que a incerteza

requer a liberdade, para que a verdade seja descoberta por um processo de concorrência e debate que não tem m. O

socialista, por sua vez, acha que a vida e o mundo são facilmente compreensíveis; sabe de tudo e quer impor a estreiteza de

sua experiência — ou seja, sua ignorância e arrogância — aos seus concidadãos.

A arrogância aliada à sede de poder pode afastar muita gente do liberalismo mais cético e humilde. É um

prato cheio para a esquerda caviar. O sujeito quer viver a vida à sua maneira, mas quer impor seu modus

vivendi aos demais. Fala em diversidade o tempo todo, mas, no fundo, deseja

criar um mundo à sua

imagem e semelhança. Não tolera as diferenças. Narciso acha feio o que não é espelho.

Esse pensamento autoritário pode ser identi cado em típicas conversas de bar, quando as pessoas

condenam alguma coisa e logo em seguida demandam a intervenção estatal para solucionar o

“problema”. “Deveria ter uma lei contra isso”, eis o nascimento da mente autoritária. Não gosto de

fumantes ao meu lado no bar: deveria ter uma lei proibindo isso, e dane-se a liberdade do proprietário

do estabelecimento para escolher. E assim vai.

Ninguém insiste tanto na conformidade como aqueles que advogam “diversidade” o tempo todo. Será

que os hippies eram realmente tolerantes com aqueles que não comungavam com seu estilo de vida?

Alguém realmente acha que um típico hippie está livre de preconceitos e que tolera numa boa um

capitalista ganancioso? Sob o manto de um discurso progressista jaz muitas vezes um autoritarismo típico

de pessoas que gostariam, no fundo, de um mundo uniforme, onde todos rezassem o mesmo credo.

A Utopia de omas More, a Cidade do sol de Campanella, a República platônica, en m, “um

mundo melhor é possível”. Se ao menos todos abandonassem o individualismo, o egoísmo, a ganância, e

se tornassem almas conscientes e engajadas na luta pelo bem geral... assim como eu!

No lme FormiguinhaZ, o personagem principal, na voz de Woody Allen, luta por seu individualismo

contra o coletivismo da colônia. O personagem desabafa: “Que diabo, esperam que eu faça tudo pela

colônia... e quanto às minhas necessidades?” Em outro momento, diz: “Quando a gente é lho do meio

numa família de cinco milhões, não recebe muita atenção.” Já o vilão deixa transparecer no nal o

verdadeiro motivo de sua postura ditatorial, afirmando: “Eu sou a colônia!”

Esse tipo de autoritário rejeita o dogmatismo na teoria, mas é o mais dogmático de todos na prática.

O mundo é um tabuleiro de xadrez, e os homens são os peões que serão mexidos a seu bel-prazer.

Chegamos à era do conformismo: ninguém pode desviar do padrão de nido, pois as diferenças

incomodam muito. Todos devem adotar a mesma cartilha “livre de preconceitos”. E tome preconceito

contra quem ousa discordar!

Os outros são tratados não como adultos responsáveis com livre-arbítrio, mas como crianças

indefesas, como mentecaptos que precisam da tutela dos especialistas. E ele, da esquerda caviar, é um

desses especialistas, claro. Essa agenda, como mostra Lyle H. Rossiter em ϵe Liberal Mind, denota uma

forma de sociopatia. É uma patologia, uma obsessão por controle.

Quando falta empatia com o próximo, ele deixa de ser tratado como um agente autônomo e passa a

ser visto como simples meio para ns coletivistas abstratos. A grande sociedade, o povo e o bem geral são

formas de mascarar um profundo sentimento de desprezo para com o próximo. Ocorre então a

despersonalização do indivíduo, e sua subjetividade perde importância. O esquerdista deseja moldar os

outros, controlá-los, guiá-los, sem se importar com sua singularidade e sua autonomia.

O paternalismo estatal é filhote dessa mentalidade. A obsessão pela saúde e pela felicidade assim como

a ditadura do politicamente correto são claramente sintomas dos novos tempos. Vivemos na era da

covardia, em que poucos têm coragem de se levantar contra o rebanho. Todos são “especiais”, o mesmo

que dizer que ninguém o é. E o papai estado vai cuidar de todos, sob a sapiência dos intelectuais.

Desde março de 2013, restaurantes e lanchonetes nova-iorquinas caram proibidas de vender

refrigerantes e outras bebidas adoçadas em vasilhames maiores do que dezesseis onças — o equivalente a

473 ml, sob pena de multa de US$ 200. A proibição foi proposta pelo prefeito Michael Bloomberg, a

babá das babás, e aprovada, por unanimidade, pelo Conselho de Saúde da cidade. Um juiz depois

invalidou a medida, acusando-a de autoritária, mas os paternalistas não desistiriam ainda.

Debbie Squires, diretora da Michigan Elementary and Middle School Principals Association, disse

abertamente, em um comitê sobre educação em seu estado, que os pedagogos sabem o que é melhor para

as crianças, não seus próprios pais. Muitos pensam como ela, mas nem todos têm a coragem de declarar

sem rodeios sua crença arrogante e sua sede pelo controle de vidas alheias.

No Brasil, o paternalismo chegou a patamares assustadores graças a essa mentalidade. O governo se mete

até na venda do McLanche Feliz, alegando que isso in uencia negativamente as crianças. O Kinder Ovo

também foi vítima dessa turma pelo mesmo motivo. Os “fascistas do bem” agem como se soubessem

cuidar da vida alheia, e desejam impor suas preferências aos demais.

A Anvisa representa o órgão estatal mais próximo dessa “tirania do bem”. A revista Veja chegou a

fazer uma matéria de capa no começo de 2011 sobre os riscos desse excesso regulatório, em cujo editorial

o alerta de C.S. Lewis era resgatado:

De todas as tiranias, aquela exercida sinceramente em prol do bem de suas vítimas talvez seja a mais opressiva. É melhor

viver sob exploradores ladrões do que sob a onipotência moral dos intrometidos. A crueldade dos exploradores às vezes

adormece, sua cobiça pode ser saciada em algum momento; mas aqueles que nos

atormentam em nome do nosso próprio

bem nos atormentarão para sempre, porque eles o fazem com a aprovação de suas próprias consciências.

O Instituto Alana, nessa linha, tentou proibir a propaganda de refrigerante, para "proteger" nossas

crianças. A ONG tem, entre seus comandantes, Ana Lucia de Mattos Barretto Villela e Alfredo Egydio

Arruda Villela, irmãos e membros da família que é simplesmente a maior acionista individual do grupo

Itaú. Sim, aquele enorme banco que faz propaganda fofa usando bebês que rasgam papel. Mas

refrigerante não pode! As crianças seriam vítimas indefesas do "consumismo", e os herdeiros de uma das

maiores fortunas brasileiras estão aqui para nos salvar.

A apresentadora do canal esquerdista MSNBC, Melissa Harris-Perry, falou abertamente que

lamentava o fato de cada um encarar o lho como seu, e não de uma forma coletiva, como "propriedade

pública", de "todos". São os " lhotes de Rousseau", querem estatizar até as crianças, pois talvez não

saibam ou não desejem educar direito os seus próprios filhos.

Pensar na possibilidade de que os próprios pais devam educar seus lhos, impondo limites e dizendo

"não", parece algo estranho demais aos engenheiros sociais da atualidade. As "crianças mimadas", os

adultos modernos, preferem delegar a função ao governo, que será responsável

pela “pureza” das

propagandas, pelo consumo saudável, por uma vida melhor. Quem precisa de liberdade de escolha

quando se tem o governo e as elites dos ungidos para controlar nossas vidas?

Até mesmo o Papai Noel foi vítima dessa mentalidade obtusa. A obesidade é um problema de saúde

preocupante no mundo. Um dos culpados? Sim, o Papai Noel. O médico Nathan Grills, da universidade

australiana Monash, acredita que a imagem atual do “bom velhinho”, promove a obesidade e um estilo

de vida pouco saudável. Para o médico, Papai Noel é um “pária da saúde pública”, e seria melhor se fosse

retratado sem aquele barrigão, sua marca registrada.

Grills a rma que “uma gura tão conhecida em todo o mundo quanto a de Papai Noel tem o

potencial de in uenciar pessoas, especialmente as crianças, e transmitir a mensagem de que ser obeso é

bom”. O mundo da revista Caras precisa de um Papai Noel sarado!

Qualquer um com mais de trinta anos deve se recordar daqueles cigarros de chocolate que as crianças

adoravam no passado. Isso seria impensável hoje em dia. Chocolate, um inimigo público, e ainda por

cima em forma de cigarro? Seria demais para o mundo moderno, e logo se diria que aquilo estimularia as

crianças, tão vulneráveis, a se tornarem todas fumantes compulsivas.

A campanha antitabagista é enorme, consome bilhões, ajuda na venda de

remédios (a indústria

farmacêutica agradece), e transformou em pária social todo fumante. Em Hollywood a histeria é total

(talvez porque as grandes empresas de tabaco sejam tradicionais nanciadoras dos republicanos). Até

mesmo lmes antigos precisam ser adaptados para cortar cenas com cigarro. Como disse James Hirsen

em Tales From the Left Coast:

Agora um exército de soldados antitabagistas invadiu Hollywood e convenceu alguns dos principais tomadores de

decisão da cidade a eliminar cenas “ofensivas” de fumo dos lmes. Profanação? Sem problemas. Sangue e tripas por toda a

tela? Uma necessidade artística. Crianças fazendo sexo com múltiplos parceiros no refeitório da escola? Inofensivo. Mas

fumar? Isso sim é muito fora dos limites!

O bullying é outra histeria do politicamente correto. Claro que existem casos sérios, que envolvem

agressões físicas e que devem ser contidos. Mas a esquerda caviar transformou tudo em bullying. As

coisas mais naturais do mundo entre crianças, como dar apelidos ofensivos, chamar de “quatro-olhos”,

de “gorducho” etc., passaram a ser vistas como análogas ao espancamento.

Um processo normal de amadurecimento, em que crianças precisam aprender que o convívio em

sociedade não é um parque de diversões, e com isso se fortalecer e saber se defender, acabou

transformado em crime pela esquerda caviar. Que tipo de adultos essa postura protetora vai gerar? Gente

corajosa que enfrenta os desa os da vida, ou um bando de covardes que grita "papai" na primeira ofensa

ou dificuldade que surge?

O "estado babá" ocorre quando "o governo assume um hiperinteresse em microadministrar o bem-

estar dos cidadãos", como escreve David Harsanyi em seu livro sobre o assunto. O jornalista acrescenta:

Para esses intrometidos, a utopia é um mundo sem fumantes, sem gordura, onde o álcool é bebido apenas com

moderação, o McDonald's vende McNuggets de tofu com molho de baixa caloria e os seios nus de uma estrela pop são

dignos de uma sessão no Congresso e de histeria em massa.

O dogma compartilhado pelos babás é que se meter na vida alheia por meio das leis é a forma mais

rápida de criar uma sociedade superior. O bom senso para determinar a fronteira legítima dessa

intervenção se perdeu faz tempo. Os "guardiões do estômago", por exemplo, criaram uma verdadeira

"milícia alimentar" para tentar barrar do cardápio os itens prejudiciais à saúde.

Parte importante da liberdade é o direito de cada um ir para o "inferno" à sua maneira. O alimento de

um pode ser o veneno do outro. Essa variabilidade humana nos impõe a necessidade da liberdade

individual e da tolerância. Ninguém sabe qual o desejo do outro. Infelizmente,

estamos vivendo cada vez

mais sob a ditadura da maioria, manipulada por uma minoria sedenta por poder.

Como disse Reagan, o governo existe para nos proteger de terceiros; e vai além de sua função quando

tenta nos proteger de nós mesmos. Se aceitarmos a premissa contrária, de que deve sim cuidar de seus

“ lhos” em nome da saúde pública, qual o limite? Exercício obrigatório para todos, pois o ócio é

prejudicial à saúde? Ou quem sabe uma dieta alimentar imposta pelos “nutricionistas do estado”, com

cardápio obrigatório para cada um? Fiscais do sal, para veri car se estamos ingerindo a quantidade

“correta” dessa substância perigosa? Um Dráuzio Varela por esquina para nos ensinar como manter

aquela incrível aparência saudável?

O lme Uma família em apuros, com Billy Crystal e Bette Midler, ironizou a paranoia politicamente

correta na criação dos lhos atualmente. Eles comiam apenas tofu e soja, eram estimulados a “se

expressar” sem correção quando errados, e os jogos tinham de terminar empatados para não ferir a

“autoestima” dos perdedores. Claro que eram crianças altamente comprometidas.

O avô, personagem de Crystal, resolve desabafar contra tal método de “educação”. Então, pega o neto

no meio de um concerto de Tchaikovsky e solta esta, quando prestes a dar uma boa palmada no

moleque na frente de todos:

Desculpe-me. Eu não aguento mais isso. Toda essa coisa de “momentos especiais de fala” e proteger a “autoestima”, e

ninguém mais ser punido! E os jogos todos terem que acabar empatados! Tudo que eu escuto é: “Use suas palavras, use

suas palavras.” Mas a palavra que eles nunca usam com essas crianças é “não”!

Todos aplaudem. Muitas pessoas estão cansadas da ditadura do politicamente correto chegando à

educação dos lhos! É o reino da mediocridade sem limites, da paranoia, do excesso de frescura com a

alimentação. Até quando?

A paranoia com a saúde perfeita criou o “admirável mundo novo” de Huxley, onde qualquer sofrimento

é visto como anormal e precisa de cura. O novo manual de diagnósticos de doenças mentais dos Estados

Unidos (DSM), por exemplo, gerou controvérsias ao classi car como transtorno comportamentos

absolutamente normais. Se você perdeu um amigo e está triste, então é “depressivo”. Se está na fase

turbulenta hormonal da adolescência e muda muito de humor, é “bipolar”. E tome remédio, tome

consulta ao psiquiatra.

É a ditadura da “felicidade”, depositando imenso controle e poder nesses “especialistas”. Como disse

Karl Kraus, “Uma das doenças mais disseminadas é a diagnose”. O mesmo, com sua na ironia, escreveu

o seguinte aforismo: “O psiquiatra sempre reconhece os loucos pelo fato de exibirem um comportamento

agitado após a internação.”

Hoje, a felicidade não é mais um direito que cada um tenta buscar à sua maneira, mas praticamente

um dever. É preciso aparentar felicidade, ainda que de uma forma bovina, o tempo todo, pois ninguém

mais suporta a dor alheia. Para usar o termo de Pascal Bruckner, vivemos na era da “euforia perpétua”, e

temos nossos tutores para garantir isso.

O mais curioso é que os paternalistas da esquerda caviar querem proibir alimentos, refrigerantes e

cigarro em nome da “saúde pública”, mas logo depois pregam o aborto em nome da “liberdade de

escolha” da mulher para fazer com o seu corpo o que bem entender. Postulam a legalização das drogas

com o mesmo argumento. Eliminar um “parasita” incômodo aos cinco meses de gravidez enquanto

injeta heroína, tudo bem; mas comer um chocolate e depois fumar um cigarro acompanhado de uma

Coca-Cola? Pecadora do inferno!

O paraíso idealizado pelos “progressistas” seria um mundo com tudo reciclado, pessoas comendo

apenas alimentos orgânicos, aplaudindo o pôr do sol, abraçando árvores e andando de bicicleta para

cima e para baixo. Tudo regado a muito Prozac, para evitar qualquer tipo de

sofrimento.

Paradoxalmente, os “progressistas” odeiam o progresso. E sua sede pelo poder fará da vida de todos nós

um verdadeiro inferno.

20. Ignorância

Por m, não podemos deixar de lado a falta de conhecimento como fonte da esquerda caviar. Uma

empatia natural, uma sensibilidade mal calibrada, que coloca as emoções acima da razão, com pouca

lógica econômica, isso pode realmente levar pessoas bem-intencionadas para a esquerda. Especialmente

após tanta lavagem cerebral nas escolas, na imprensa, nas faculdades. Como diz o ditado, o inferno está

cheio de boas intenções.

É a atração que a história bíblica de Davi contra Golias costuma despertar em muitos. Sem maior

conhecimento dos fatos, tendemos a tomar o partido do lado mais fraco, esquecendo que isso nem

sempre é o mais justo. O passo natural é encarar o mais forte como responsável pelas mazelas dos mais

fracos, que se tornam vítimas indefesas.

O esquerdista costuma ser aquele que usa mais o “sistema 1” abordado por Daniel Kahneman em

Thinking Fast and Slow. Esse é o método mais “instintivo” ou intuitivo de formar opiniões e crenças, que

muitas vezes ocorre por um processo mental silencioso e de menor esforço, que demanda menos foco e

atenção em relação ao “sistema 2”.

Imagine que nosso cérebro é dividido em duas partes, sendo uma delas (sistema 1) mais intuitiva e

automática, enquanto a outra (sistema 2) costuma ser mais racional e esforçada. Ocorre que o uso do

sistema 2 demanda foco e energia, enquanto nossa tendência natural é adotar o caminho de menor

esforço. O resultado desta postura “preguiçosa” é que tomamos inúmeras decisões erradas.

Quem, ao assistir o canal National Geographic, torce para o leão alcançar o antílope? A grande

maioria acaba tomando partido da presa, torcendo contra o predador. Transporte-

se essa mentalidade

para a economia, sem maiores conhecimentos sobre o tema, e teremos um prato cheio para bandeiras

demagógicas típicas da esquerda caviar.

O sujeito vive bem, tem um carro novo, mora em uma casa legal, percebe a futilidade exacerbada de

sua mãe rica, preocupada com a nova bolsa da Louis Vitton de US$ 3 mil que sujou um pouco, e vê nas

ruas miséria, crianças abandonadas, desgraça atrás de desgraça. Sem compreender muito bem as teorias

econômicas, as causas da riqueza, ele desenvolve certa raiva do capitalismo e logo abraça slogans

populistas, receitas mágicas, pedindo a intervenção desse ente abstrato que parece um messias salvador: o

Estado.

A existência do mal incomoda qualquer pessoa minimamente decente. A miséria, o sofrimento, o

desemprego, a fome, tudo isso produz nessas pessoas um legítimo desejo de ajudar de alguma forma. O

problema é quando o remédio proposto gera ainda mais do mal que pretende combater. Sem

compreender como ocorre a riqueza das nações, essas pessoas pensam que o estado natural da

humanidade é a opulência, não a miséria.

A desilusão com a realidade do sistema capitalista joga muita gente para a esquerda caviar. Mario

Sabino, em seu livro O vício do amor, coloca em seu personagem um raciocínio bem pragmático para

resistir à tentação:

É fácil virar comunista quando se ouve um grande empresário discorrendo sobre o único assunto que os [sic] interessa:

produtividade e lucros. Mas resisti e continuei capitalista. A conta é simples: em que sistema o blow job era pior e matou

mais gente? O socialismo ganha de longe, e entre os socialistas eu incluo Mussolini e Herr Hitler, visto que fascismo e

nazismo nasceram como variantes da ideologia esquerdista. Cada vez que sinto raiva de um capitalista, começo a ler uma

dessas biogra as de seiscentas páginas de um monstro totalitário que sonhou com o "novo homem" e cretinices da

gauche.

O problema é que há uma predisposição ao autoengano para resguardar ilusões. Como disse Paulo

Francis: "A incapacidade do ser humano de admitir a realidade não pode ser exagerada." Diante das

imperfeições da vida, a tendência natural é sonhar. O problema é quando esse sonho sai do âmbito

individual e passa ao coletivo, transfigurando-se em ideologia política.

Em seu livro sobre o mal, o pensador francês Michel Lacroix tem um capítulo justamente sobre "os

fracassos da vontade do bem". Ele faz uma pergunta angustiante, mas que todos deveriam se fazer:

"Mesmo que queiramos o bem, teremos nós a possibilidade de o concretizar?"

Lacroix vai além e

questiona: “Será possível que, por uma espécie de maldição, a vontade do bem gere o próprio mal?”

Muitos sociólogos de esquerda, por exemplo, acham que é possível “consertar” todo tipo de bandido.

Com seu viés marxista, sempre encontram uma justi cativa fora do sujeito para seus atos bárbaros. Essas

pessoas ignoram a “banalidade do mal”. Como justi car, com base na pobreza, alguém que queima a

vítima de um assalto por esta ter pouco dinheiro? A barbárie não é resultado direto da conta bancária, e

a esquerda precisa entender que nem todos podem ser “salvos”. Como escreveu Gustavo Nogy em um

artigo no site Ad Hominem:

As ciências sociais podem eventualmente identi car os motivos dos males que têm motivos. Mas para as manifestações do

mal que prescindem de motivos, elas nada têm a dizer. Que nosso querido Michel Foucault descanse em paz. E, sobretudo,

que não nos esqueçamos: Caim, o primeiro assassino, não foi “reintegrado à sociedade”. Teve marcado na testa o

fratricídio e foi punido com o degredo.

O que essas pessoas não levam em conta no momento de aderir às utopias talvez sejam justamente as tais

consequências indesejadas. O livro As boas intenções, do escritor espanhol Max Aub, ilustra de forma

sarcástica como medidas repletas de bons sentimentos podem acarretar efeitos

catastró cos, inclusive na

vida daqueles que tais ações mais visavam ajudar.

Trata-se da história de Agustín Alfaro, “o que normalmente se chama um bom rapaz”, nas palavras

do autor. O livro retrata uma série de acontecimentos trágicos que vão ocorrendo à medida que Agustín

tenta proteger sua mãe do sofrimento. Tudo começa quando surge na casa da família uma moça

chamada Remedios, que alega ser mãe de um lho de Agustín. O problema é que o rebento não era de

Agustín, e sim de seu pai, que usara o nome do filho com a amante.

No afã de poupar sua querida mãe de tamanho sofrimento, uma vez que considerava o marido um

homem exemplar, Agustín acaba aceitando a farsa. O que se segue é uma verdadeira comédia de enganos

que, naturalmente, acaba por desgraçar ainda mais a vida de sua mãe, sem falar das demais pessoas

envolvidas, começando pelo próprio Agustín.

Pessoas repletas de boas intenções, mas desfalcadas na razão, podem se proteger das desgraças do mundo

criando a ilusão de que basta a boa vontade para acabar com o mal. O “coitadismo” decorre dessa mania

de transferir responsabilidades. A culpa jamais é do indivíduo, mas sempre do “sistema”, da “sociedade”.

O assaltante é quase a vítima no assalto, pois quem mandou o rico ser rico em um país com pobreza? E

basta meter a mão no bolso dos bem-sucedidos para resolver os problemas dos que caram para trás.

Basta “vontade política” para resolver tudo.

Trata-se de uma visão míope, que ignora “aquilo que não se vê”, como alertava Bastiat. Uma empresa

demite alguns funcionários por conta da maior competição chinesa, e o esquerdista culpa a ganância e o

lucro pela tragédia dos desempregados, em vez de compreender que sem tal medida drástica todos os

funcionários correriam perigo. Ninguém terá emprego se a empresa for à bancarrota.

Um laboratório fatura bilhões enquanto os mais pobres não têm dinheiro su ciente para comprar

todos os remédios necessários. O esquerdista, revoltado, uma vez mais condena o capitalismo, o lucro,

alegando que uma vida não tem preço. Sensacionalismo, evidentemente, pois sem o foco no lucro, o

laboratório simplesmente não teria verba para investir bilhões em pesquisa e desenvolvimento, e assim

produzir novos medicamentos.

Uma empresa cria alguma importante inovação tecnológica que, por sua vez, torna obsoleto um

produto anterior. Um grupo cará sem emprego no curto prazo. Terá de se adaptar e se recolocar no

mercado de trabalho. Mas o esquerdista foca no sofrimento de curto prazo dessas pessoas, ignorando as

vantagens que a nova tecnologia traz para inúmeras outras, assim como os novos empregos que serão

criados.

O trabalhador ganha um salário baixo, e o empresário está rico. Então, o esquerdista pensa que basta

subir o salário mínimo, como se isso não tivesse efeito econômico prejudicial justamente sobre os

trabalhadores mais pobres. Como o salário depende de oferta e demanda e de produtividade, o aumento

do piso por decreto apenas dificulta a vida dos menos qualificados, normalmente os mais jovens.

Ou então o rapaz defende uma lei que praticamente inviabiliza a contratação de empregadas

domésticas, tornando seu custo proibitivo, como se assim fosse possível melhorar a qualidade de vida da

categoria. O resultado prático é mais desemprego ou informalidade, mas o esquerdista não consegue ver

isso e ca no apelo sensacionalista do primeiro passo, como se fosse possível obter prosperidade com uma

canetada do governo.

A mesma lógica — ou falta dela — aplica-se nos casos de condições tidas como “desumanas” em

países que, pela ótica ocidental, são pobres. O esquerdista destina toda a sua revolta contra a

multinacional que emprega gente pobre em tais condições, ignorando que essa empresa costuma pagar

mais do que as locais, e que não faria o menor sentido dar empregos, em países cuja produtividade do

trabalho é muito menor, pagando o mesmo salário que no Ocidente.

O trabalho infantil desperta a mesma reação nessas pessoas. Não é algo novo, que vem se agravando.

Pelo contrário: é uma realidade que acompanha a humanidade desde sempre, e que vem, somente num

período mais recente, reduzindo-se. Entender como isso foi possível é crucial. A revolução industrial, ao

contrário de inimiga das crianças, foi seu grande aliado. Até 1400, cerca de metade das crianças morria

antes de completar cinco anos. O professor da University of Columbia, Jagdish Bhagwati, escreveu no

livro Em defesa da globalização:

A verdade é que a globalização — onde quer que se traduza em maior prosperidade coletiva e em redução da pobreza —

tão somente acelera a redução do trabalho infantil e estimula a matrícula no ensino elementar, gerando instrução, e, como

defendo a partir da minha análise do milagre do Leste Asiático, a instrução, por sua vez, permite o crescimento rápido.

Temos aqui, assim, um círculo virtuoso.

Como explica Bhagwati, “a simples proibição do uso de mão de obra infantil di cilmente erradicará o

trabalho infantil, fazendo apenas com que os pais pobres mandem clandestinamente seus lhos

trabalharem e os façam assumir ‘ocupações’ como a prostituição”.

Quem ainda duvida disso, basta ver o que ocorre em Cuba. O “paraíso socialista”, mesmo com a

ditadura repressora, é uma fábrica de prostituição infantil. Já os países mais capitalistas e liberais, com

toda a ganância na busca pelo lucro, praticamente erradicaram o trabalho infantil pesado.

En m, há um tipo de esquerdista caviar que, por visão limitada sobre o funcionamento econômico, apela

para clichês sensacionalistas para aliviar sua revolta contra os supostos vilões dos problemas que lhe

a igem. Ele acredita que o Estado tem um poder miraculoso, e que pode simplesmente decretar o

progresso. Como lamentou Guilherme Fiúza em um artigo no jornal O Globo:

É típico das sociedades culturalmente débeis acharem que legislar sobre tudo é passaporte civilizatório. É um país que não

acredita nos seus acordos, no que é instituído a partir da responsabilidade individual, do bom senso e dos bons costumes.

Esse tipo de esquerdista parece ter fugido da primeira aula básica de economia, que ensina o conceito dos

recursos limitados. Pensa, no caso americano, que realmente existe um tal de Tio Sam com recursos

in ndáveis produzidos ex nihilo, ab ovo, do nada! No caso brasileiro, enxerga Brasília como fonte

inesgotável de recursos. Como disse Roberto Campos: “Segundo Marx, para acabar com os males do

mundo, bastava distribuir; foi fatal; os socialistas nunca mais entenderam a escassez”.

A demanda passa a ser sempre por redistribuição, nunca pela criação de riqueza. Eles são pela

“cooperação” e contra a “competição”, ignorando que o mecanismo de mercado conta com uma

complexa rede cooperativa (basta entrar em um supermercado para veri car isso) e que a competição

também é fundamental para a constante busca por excelência e satisfação do próprio consumidor.

Não vamos esquecer que as competições nos diferentes tipos de esporte atraem uma multidão de

público e giram bilhões de dólares. As pessoas gostam de ver uma boa e justa disputa, onde o mérito

sobressai e o melhor tende a vencer. É isso que faz com que os atletas precisem superar constantes

desa os. Ninguém escutou falar de campeonato de frescobol reunindo milhares de espectadores. Por que

será?

Mas a esquerda caviar, ela mesma já vencedora de alguma forma, pois é elite nanceira, adota um

discurso hipócrita que desmerece a competição e valoriza o altruísmo. Já pensaram em uma corrida

olímpica onde todos dessem as mãos e atravessassem a linha de chegada em conjunto, cantando um

hino em homenagem à igualdade? Acredito que essa seria a última vez que o evento teria algum público.

O que vale para os esportes vale para a vida, para o trabalho, para tudo. Competir, se feito de forma

honesta, é fundamental para os homens. Só que a esquerda caviar não gosta de constatar essa obviedade.

Prefere o discurso fácil de “todos juntos por um mundo melhor”. Acostumados ao desfrute do que há de

melhor, essas pessoas pensam que os recursos caem do céu e que todos podem simplesmente dividir

melhor o bolo existente.

Abbie Hoffman, líder de um grupo de hippies que parou o pregão em Wall Street, em 1967, ao jogar

notas de dólares pela grade, deixou clara essa mentalidade em uma entrevista posterior sobre seus

motivadores:

Você poderia dizer que nós éramos anticapitalistas, e nós éramos, mas nós não tínhamos um “ismo”. Nós tínhamos a

ideia de liberdade. Nós persistíamos na ideia que tudo deveria ser de graça, já que nossa sociedade era tão rica. Nós

tínhamos lojas gratuitas, você poderia entrar e pegar todas as roupas que quisesse. Comida de graça no parque. Poemas e

concertos de graça. A ideia era que estávamos vivendo em “pós-escassez”.

O esquerdista é aquele que jamais leva em conta o custo de oportunidade das medidas que prega. Ele

não precisa de evidências empíricas de que suas receitas funcionam, tampouco deseja confrontar suas

propostas com alternativas. Sem uma boa noção de economia, acaba defendendo políticas que parecem

bonitas no apelo emocional, mas que nunca ajudam de fato os mais carentes.

Todos os outros casos parecem devidamente imunes aos argumentos. Entraram para a esquerda

caviar ou por oportunismo imoral, ou por fé religiosa, ou por autoestima nula, ou por sede patológica de

poder, ou um pouco de cada. Como disse Jonathan Swi: “É inútil tentar fazer um homem abandonar

pelo raciocínio uma coisa que não adquiriu pela razão”. Mas o último caso tem salvação. E representa

parcela significativa da esquerda festiva.

Esse livro foi escrito para essas pessoas. São os inocentes úteis dos oportunistas de plantão. São aqueles

que levam a sério Michael Moore e companhia, que saem dos lmes de Hollywood achando que

aprenderam história, que acreditam na capacidade do governo de curar males com leis milagrosas. Ao

expor toda a hipocrisia e contradição dos principais ícones da esquerda caviar, espero despertá-los da

sonolência. Nunca é tarde para se endireitar e deixar a fase sinistra para trás.

Duplipensar

Antes de mergulhar nas bandeiras politicamente corretas da esquerda caviar e em seus ícones, faz-se

necessário explicar um pouco melhor a estratégia de obliteração da linguagem de que se vale. Não há

socialismo moderno sem uma “novilíngua” orwelliana.

Confúcio teria feito um alerta importante: “Quando as palavras perdem seu signi cado, as pessoas

perdem sua liberdade.” O uso adequado das palavras é essencial para a compreensão da realidade. Sem

isso, entramos em um pântano perigoso. Se o que é dito não tem sentido claro, então o cinismo acaba

corroendo tudo.

A linguagem “serve para que os homens se entendam e se aproximem”, escreveu Mário Vargas Llosa.

Por isso mesmo, aqueles que desejam inviabilizar o pensamento límpido costumam escolher como

principal alvo os conceitos das palavras. Os manipuladores deturpam a linguagem para lançar uma

nuvem de poeira no raciocínio de suas vítimas.

Em sua clássica distopia 1984, George Orwell chamou de duplipensar a “capacidade de guardar

simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e aceitá-las ambas”. O objetivo das autoridades

seria a destruição do pensamento independente: “O poder está em se despedaçar os cérebros humanos e

tornar a juntá-los da forma que se entender.” Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força.

Para Orwell, uma linguagem com regras aceitas e mutuamente compreendidas era condição

indispensável a uma democracia aberta. Karl Popper era outro que defendia como um dever de todo

intelectual “o cultivo de uma linguagem simples e despretensiosa”. E foi além: “Quem não pode falar de

modo simples e claro deve calar-se e continuar tabalhando até que possa fazê-lo.”

Para Isaiah Berlin, a meta da loso a é sempre “ajudar os homens na compreensão de si mesmos e

assim operar na claridade, e não loucamente, no escuro”. Em seu livro A força das ideias, Berlin resume:

Uma retórica pretensiosa, uma obscuridade ou imprecisão deliberada ou compulsiva, uma arenga metafísica recheada de

alusões irrelevantes ou desorientadoras a teorias cientí cas ou losó cas (na melhor das hipóteses) mal compreendidas

ou a nomes famosos, é um expediente antigo, mas no presente particularmente predominante, para ocultar a pobreza de

pensamento ou a confusão, e às vezes perigosamente próximo da vigarice.

Muitos intelectuais da esquerda caviar tentam criar a impressão de profundidade, mesmo quando dizem

algo mais raso que um pires. A Escola de Frankfurt ora vem à mente. Karl Popper, em O mito do

contexto, chega a analisar trechos desses pensadores obscuros, e conclui sobre um deles:

É por razões deste teor que acho tão difícil discutir qualquer problema sério com o professor Habermas. Tenho certeza de

que é perfeitamente sincero. Mas penso que não sabe como colocar as coisas de modo simples, claro e modesto, em vez de

um modo impressionante. A maior parte do que diz parece-me trivial. O resto parece-me errado.

Outro Karl, o Kraus, também atacou esse tipo de postura: “Uma aparência de profundidade surge com

frequência pelo fato de uma cabeça rasa ser ao mesmo tempo uma cabeça confusa.” Alguém aí pensou

em Gilberto Gil? Roger Scruton, em ϵe Uses of Pessimism , bate no mesmo ponto, mostrando como isso

pode ser também uma tática deliberada:

Professores de ciências humanas aprenderam com seus mentores franceses que há uma forma de escrever que sempre será

considerada “profunda”, contanto que ela seja (a) subversiva e (b) ininteligível. Enquanto um texto puder ser lido, de

alguma forma, contra o status quo da cultura e da sociedade ocidentais, minando a sua pretensão de autoridade ou

verdade, não importa que ele seja sem sentido. Pelo contrário, isso é apenas uma prova de que o seu argumento opera em

um nível de profundidade que faz com que ele seja imune às críticas.

Alan Sokal adotou uma estratégia para desmascarar vários desses intelectuais. Mandou para uma famosa

revista um artigo com título complexo, e trechos bem obscuros. Seu texto não só foi aceito, como gerou

bastante reação positiva. Qual não foi a surpresa geral quando o autor confessou tratar-se de um

emaranhado de frases soltas e sem sentido?

Sokal aprofundou então o tema em seu livro Imposturas intelectuais, que, segundo o próprio autor,

“trata da misti cação, da linguagem deliberadamente obscura, dos pensamentos confusos e do emprego

incorreto dos conceitos científicos”. São desmontadas certas táticas, como o uso

de terminologia científica

ou pseudocientí ca sem dar a atenção ao seu real signi cado, ou a ostentação de erudição super cial,

que recorre a termos técnicos fora de contexto, para impressionar.

A deturpação dos termos também costuma ser uma típica estratégia da esquerda caviar. Várias palavras

importantes perderam seu signi cado com o tempo. Democracia é um bom exemplo. Basta lembrar que

as ditaduras socialistas se diziam “repúblicas democráticas”, ou que, para o ex-presidente Lula, havia

“excesso de democracia” na Venezuela de Chávez.

O cineasta Cacá Diegues, ilustre membro de nossa esquerda caviar, escreveu em sua coluna do jornal

O Globo, logo após a morte de Chávez: “Nenhum caudilho populista, apenas inescrupuloso ou demente,

se interessaria tanto por seu povo, sobretudo pelos mais pobres. Nem seria tão amado por ele, como

Chávez foi.”

Ora bolas, com tantos bilhões de petrodólares usados para comprar as massas, é claro que os mais

pobres iriam retribuir esse “amor”. Na verdade, é uma reverência religiosa digna de um santo! Só não

podemos chamar isso de democracia republicana, tampouco atribuir o fenômeno ao interesse genuíno do

caudilho pelo povo.

Claro que democracia não pode ser a simples tirania de uma maioria

manipulada. Pressupõe certas

instituições sólidas, pesos e contrapesos, limites ao poder do próprio governo. A mais básica dessas

instituições é a liberdade de imprensa, tão ameaçada atualmente. O “controle social” almejado por

alguns não passa de um disfarce para a velha censura.

Outro conceito bastante deturpado é justamente o de “social”, termo vago que acabou perdendo

totalmente seu sentido objetivo. “Social” passou a ser uma palavra mágica, que cria automaticamente

uma finalidade desejável. Por isso é uma das palavras mais repetidas pela esquerda caviar.

Qualquer meio para esse “nobre” m passa a ser justi cável. “Tudo pelo social!”, clamam os

autointitulados “progressistas”, que no fundo lutam sempre contra o verdadeiro progresso, fruto do

capitalismo liberal que abominam.

Hayek chegou a realizar um estudo com várias expressões terminadas em “social”. Sua conclusão foi a

de que o termo se tornou extremamente confuso, servindo mais para prejudicar a compreensão do que

para elucidar. Função social da propriedade? Responsabilidade social? Economia social?

Quando alguém fala em “movimentos sociais”, por exemplo, o que isso quer dizer na prática? Em

inúmeros casos, tais movimentos abusam das leis e praticam atos violentos. O

MST invade propriedades

privadas, alegando lutar pela “justiça social” contra o “imperialismo ianque” (e depois os invasores

lancham no McDonald’s, porque ninguém é de ferro). Basta usar a palavra mágica que todo tipo de

crime parece liberado.

Se os tiranos de esquerda abusam do termo democracia, tentam, por outro lado, associar a liberdade

de mercado à ditadura. Vivemos sob uma “ditadura do mercado”, anacronismo total, já que mercado é

justamente poder escolher entre diferentes alternativas.

Eis que o consumidor, que possui in ndáveis bandas de música para selecionar, inúmeros canais de

televisão ou diversas marcas de cerveja para escolher, vive, segundo a esquerda caviar, em uma

“ditadura”, pois é “forçado” a consumir produtos americanos. Na verdade, trata-se de opções voluntárias

mesmo, para desespero dos autoritários que adorariam impor suas preferências.

No Brasil, o PT, adorado por muitos da esquerda caviar, é mestre na adoção de um novo dicionário

revolucionário. Até chegou a distribuir uma cartilha com o “linguajar correto”. É assim que os crimes

mais abjetos de seus membros viram apenas “malfeitos”, fatos relevantes contra o partido expostos pela

mídia viram “factoides”, toda a imprensa independente que resta vira “golpista”, aqueles que defendem o

império das leis viram “moralistas udenistas”, baderneiros e vândalos viram “ativistas”, e por aí vai.

Outro exemplo de mau uso da linguagem recai sobre o termo “contribuinte”, eufemismo que se refere

aos pagadores de impostos. Como já diz o nome, imposto não é voluntário. Não somos felizes

contribuintes que entregamos rindo quase a metade de nossa renda ao governo. Pagamos impostos

porque aceitamos que o estado é um “mal necessário”.

A esquerda caviar pode tentar nos convencer de que pagar quase a metade do que ganhamos é

comprar “cidadania”, mas veremos que eles, na prática, não parecem valorizar tanto assim essa ideia.

Sempre que podem, lutam para reduzir seus impostos, ou até mesmo para receber polpudas verbas

estatais, obtidas dos nossos impostos.

Os americanos usam a expressão correta tax payer (pagador de impostos). Eles falam também “fazer

dinheiro”, e não “ganhar dinheiro”, como nós. “Ganhar” dá a entender que o salário é um presente, um

maná, uma espécie de direito divino, e não a contraparte de uma troca voluntária entre patrão e

empregado.

Palavras fazem diferença. Alguém poderia escrever um tratado inteiro só sobre o uso de uma palavrinha

no jornalismo moderno, ligando isso à novilíngua orwelliana e a todas as

mudanças que isso acarretou

na imprensa. Trata-se do termo “suspeito”. Entendo a cautela dos jornalistas, a importância da

presunção de inocência, do devido processo legal. Mas existem casos chocantes, como o de um ataque a

um policial ocorrido em Londres em maio de 2013.

O sujeito fotografado e estampado nos jornais era o assassino confesso, estava com a arma do crime

numa mão, com o sangue da vítima escorrendo da outra, gravou um vídeo explicando os motivos do

assassinato, mas os jornais utilizaram “suspeito” para descrevê-lo! Talvez o fato de ser negro e

muçulmano tenha contribuído para o excesso de cautela. É por essas e outras que o petista com dólares

na cueca é “suspeito” de corrupção, José Dirceu é “suspeito” de ter comandado um ataque à democracia

e eu sou um “suspeito” defensor do liberalismo!

Tal como “suspeito”, a palavra “suposto” costuma servir ao mesmo interesse, o de suspender qualquer

julgamento, especialmente quando para proteger uma visão de esquerda. Um cético solipsista poderia

demandar a seguinte manchete: “O suposto assassino da suposta organização terrorista do suposto Islã,

supostamente esfaqueou o suposto policial londrino, supostamente morto”.

Os eufemismos para “proteger” as minorias também são marca registrada da esquerda caviar. A nossa

época parece tomada por essa mania de apelar a eufemismos para não magoar almas sensíveis. A

terminologia politicamente correta está bastante associada ao tema dessa obra, e uma boa de nição

encontra-se no livro The Cynic's Dictionary, de Rick Bayan:

Eufemismos inadvertidamente hilariantes criados e impostos por comitês de acadêmicos sem senso de humor, tendo

como propósito não ofender nenhum grupo social, a não ser o dos que acreditam em liberdade de expressão.

Os baixinhos como eu, do alto de meus incríveis 1,70m, devem ser chamados agora de "verticalmente

prejudicados". Caberiam até cotas, pois há estatísticas mostrando que os mais altos ganham mais, na

média. Os negros são afrodescendentes, mesmo que descendam de um holandês que há tempos não

encontra mais um parente africano em sua árvore genealógica.

Eis mais um bom exemplo: o lme As sessões, já citado, retrata a vida real de uma "terapeuta sexual",

papel de Helen Hunt, que ajuda uma vítima de pólio a vencer barreiras emocionais até conseguir fazer

sexo. Uma história linda e comovente, sem dúvida. Há apenas um detalhe: a "terapeuta", que deu

entrevista a rmando ter feito sexo com mais de novecentos clientes (e que até se casou com um deles),

não se considera uma prostituta (aliás, o termo politicamente correto é "pro ssional do sexo", para não

ofender os mais sensíveis).

Caberia perguntar: quando foi que a mulher que cobra para fazer sexo deixou de ser chamada de

puta? Ora bolas! Trata-se da “pro ssão” mais antiga do mundo, e eis que agora recebe uma embalagem

nobre? Eu devia estar dormindo quando isso ocorreu, pois não consigo ver diferença.

O leitor discorda? Então, sugiro um teste: se sua lha fosse uma terapeuta, estaria tudo bem para

você? E se ela fosse uma prostituta? A coisa já complicou, certo? Agora responda: em qual dessas duas

“pro ssões” você acha que a “terapeuta sexual”, que recebe dinheiro em troca de sexo, enquadra-se

melhor? Pois é.

Não podemos ser “preconceituosos”, porém. Prostituição é “apenas” um ofício como outro qualquer,

desde que a minha lha que bem longe disso. A esquerda caviar adora pregar uma coisa e fazer outra.

Na família dos outros é refresco. E no bairro também!

Quando surgiram boatos de que um puteiro, digo, uma casa de massagem abriria no Leblon, o metro

quadrado mais caro do Brasil e uma espécie de habitat natural da esquerda caviar, os moradores logo se

mobilizaram para impedir a empreitada. Prostituição, sim, é coisa linda, mas não no meu quintal, cara-

pálida!

Palavras e expressões fazem diferença na cultura de um povo. Mas mesmo os americanos não caram

livres das manipulações de conceitos. A esquerda lá foi tão e ciente que usurpou até mesmo o termo

“liberal”, que passou a ser associado a políticas claramente antiliberais, que pregam sempre maior

intervenção estatal na vida dos indivíduos.

O líder do Partido Socialista americano, Norman M. omas, em um discurso de campanha em

1948, declarou que o povo americano jamais adotaria o sistema socialista de forma consciente. Mas, sob

o nome “liberalismo”, encamparia cada fragmento do programa socialista até que um dia a nação seria

socialista sem saber como aconteceu. Quando vemos que Obama se diz um “liberal”, temos de

reconhecer a capacidade profética do líder socialista.

No Brasil, o termo perdeu totalmente seu sentido, e nossos males sempre foram jogados na conta do

tal “neoliberalismo”. Porém, como disse Roberto Campos, o “Brasil está tão distante do liberalismo —

novo ou velho — como o planeta Terra da constelação da Ursa Maior!” Só mesmo no Brasil que um

partido de esquerda como o PSDB pode ser rotulado de neoliberal.

Recentemente, talvez por perceber os ventos de mudança e o declínio da esquerda, chamuscada pelo

desgaste no poder, parte da imprensa começou a tentar criar no país a mesma

dicotomia entre liberal e

conservador existente nos Estados Unidos. A Folha, quando fez uma reportagem sobre uma pesquisa que

mostrava que o brasileiro é conservador, colocou a bandeira do desarmamento como coisa de liberal.

Não! Desarmar inocentes não é uma bandeira liberal, até porque os liberais respeitam o direito

individual de legítima defesa.

Mas a esquerda caviar adora rótulos sem sentido. Enquanto posa de moderada, costuma atacar seus

oponentes como “extremistas”. O primeiro passo daqueles que pretendem confundir os indivíduos com

seus vagos termos é jogar tudo no mesmo saco, chamando o conjunto todo de “extremismo” e pregando

um “caminho do meio”. A técnica é conhecida.

Se alguém escutar uma pessoa a rmando ser igualmente contrária à peste bubônica, ao estupro e aos

sermões de sua sogra, não restará dúvida de que o objeto do seu verdadeiro ódio seja a sogra, e eliminá-

la parecerá o real objetivo de sua colocação. A nal, não seria razoável considerar como males iguais as

três coisas, por mais chato que fosse o sermão da sogra.

Da mesma maneira, quando alguém repete que condena igualmente o comunismo, o nazismo e o

capitalismo, não resta dúvida de que o alvo verdadeiro seja o capitalismo. O comunismo carrega nas

costas algo como 100 milhões de defuntos, enquanto o nazismo tantos outros milhões. Ambos são

totalitários, depositam no estado todo o poder, partem para ns coletivistas, transformando os

indivíduos em meios sacrificáveis, e incitam o ódio do preconceito, seja de classe ou de raça.

Em outras palavras, tanto o comunismo como o nazismo, similares em inúmeros aspectos, são

absolutamente opostos ao capitalismo liberal, que prega a liberdade individual, entendendo que cada

indivíduo é um m em si. Enquanto o comunismo e o nazismo trouxeram apenas desgraça, miséria,

terror e morte, o capitalismo trouxe o progresso para os povos e retirou centenas de milhões da pobreza,

o estado natural da humanidade.

Mas os “moderados” jogam tudo no mesmo saco, sem separar o joio do trigo, e alegam que são

“neutros” ou isentos de ideologias, com o único intuito de obliterar o verdadeiro signi cado do termo

“capitalismo” e manchá-lo com as más companhias. A tática deu certo, claro, pois vemos que os

capitalistas morrem de medo de serem acusados de radicais só por defender o capitalismo, in nitamente

superior aos demais. Ayn Rand tentou reagir a esse perigo: “A melhor prova do colapso de um

movimento intelectual é o dia em que ele não tem nada mais a oferecer como um ideal último além da

demanda por moderação”.

A esquerda caviar adora posar de “neutra”, de pragmática, como se somente os outros fossem

ideológicos. O esquerdista alega que não há imparcialidade nos debates, assumindo que somente ele é

imparcial. Como diz Jonah Goldberg em ϵe Tyranny of Clichés , em alguns momentos o extremo estará

100% correto enquanto a posição centrista estará 100% errada. Até porque é preciso saber: centro em

relação a quais extremos? Será que é bom ser centro entre a estupidez e a inteligência? Ou centro entre a

canalhice e a integridade?

Alguém realmente acha, ainda mais agora, com o benefício do retrospecto, que a posição neutra na

Guerra Fria era a mais adequada? Ficar equidistante entre URSS e Estados Unidos não era a postura

correta. Claro que defender o lado americano, mesmo com seus defeitos, era defender o lado certo, o da

liberdade e da democracia contra a tirania soviética. O professor de história em Yale, John Lewis Gaddis,

em História da guerra fria, resume:

Ambas as ideologias que de niam aqueles dois mundos se destinavam a oferecer esperança: para isto, antes de mais nada,

serve uma ideologia. Uma delas, no entanto, para funcionar veio a depender da instalação do medo. A outra não precisava

deste recurso. Neste ponto está a assimetria ideológica fundamental da Guerra

Fria.

Não é por acaso que o lado que precisou erguer um muro para impedir a saída do próprio povo foi o

comunista (o outro, quando ergue muros, é apenas para impedir a entrada ilegal de imigrantes). A

esquerda caviar, contudo, não aceita essa obviedade.

Renato Janine Ribeiro, por exemplo, em artigo no Valor, disse: “Há questões, como o confronto

liberalismo-socialismo, que não são assunto de certo ou errado, mas de preferência.” Só se for de

preferência entre 100 milhões de mortes e prosperidade com liberdade. Mas, para o intelectual, é tudo

apenas questão de preferência, como escolher entre azul e amarelo. Quem ousaria falar em certo ou

errado nessas questões? Só um radical, não é mesmo?

A estratégia pér da dos relativistas é partir de um fato — todos os sistemas são imperfeitos — para

concluir que não podemos, então, separar o joio do trigo. Besteira! Meu vizinho pode não ser perfeito,

pode mentir para sua esposa, mas isso não faz dele um estuprador de crianças. Enxergar equivalência

moral entre socialismo e capitalismo é simplesmente absurdo.

Para Jonah Goldberg, o “pragmatismo”, ele mesmo uma loso a, acaba sendo um disfarce que os

progressistas usam quando querem demonizar ideologias concorrentes. Todo progressista gosta de se

vender como racional e pragmático, alguém acima dos debates ideológicos, livre da dicotomia entre

esquerda e direita. Curiosamente, os que alegam não ter ideologia sempre são os mais ideológicos, e

sempre em defesa de mais intervenção estatal. Em seu excelente livro Fascismo de esquerda, Goldberg

explica em detalhes o malabarismo:

A ameaça peculiar representada pelas atuais religiões políticas de esquerda está, precisamente, em sua a rmação de que

são livres de dogma. Em vez disso, professam ser campeãs da liberdade e do pragmatismo — que, a seu ver, são bens

autoevidentes. Elas evitam preocupações “ideológicas”. Portanto, tornam impossível discutir suas ideias mais básicas e

extremamente difícil expor as tentações totalitárias que residem em seus corações. Elas têm um dogma, mas o consideram

fora de discussão. Em vez disso, nos forçam a argumentar com suas intenções, seus motivos, seus sentimentos.

Os esquerdistas estão certos porque “se preocupam”, ponto nal. Transformam “compaixão” na palavra

de ordem da política. Tornando paixão e ativismo medidas de virtude política e fazendo os motivos

parecerem mais importantes que os fatos, a esquerda colocou a oposição refém de seu discurso. Além

disso, em uma brilhante manobra retórica, conseguiram isso, em grande parte, sustentando que seus

oponentes é que são os fascistas.

Uma palavra adorada pela esquerda caviar é tolerância. Gostam de acusar aqueles que não compartilham

de sua postura negligente ou favorável a ideologias assassinas, como o comunismo, de “intolerantes”. O

radical passa a ser então, numa espantosa inversão de valores, o anticomunista.

Note bem: se abomina abertamente o regime que trucidou dezenas de milhões de inocentes, você é

“intolerante” e se acha o “dono da verdade”. Não são Stalin e seus acólitos os intolerantes, mas você, por

apontar as coisas como são, colocando os pingos nos “is”, sem a covardia típica da esquerda caviar.

Como dizia Popper: “Não devemos aceitar sem quali cação o princípio de tolerar os intolerantes, se

não corremos o risco de destruição de nós próprios e da própria atitude de tolerância.” Como tolerar

pessoas que preferem matá-lo a rebater seus argumentos? Será que os “tolerantes” da esquerda caviar

pensam que devemos tolerar os nazistas também, porque ninguém é “dono da verdade”?

A esquerda, aliás, gosta de acusar a direita capitalista de “nazista”, invertendo completamente os fatos.

O nacional-socialismo tinha um programa coletivista com vários pontos em comum com a esquerda.

Hitler estudou Marx e apreciava seus métodos, além de se considerar o grande realizador do marxismo.

Os nazistas e os bolcheviques chegaram a fechar um acordo de cooperação em 1939, o pacto

Molotov-Ribbentrop. Eram parceiros até Hitler resolver rasgar o acordo. Ambos disputavam o mesmo

tipo de alma. Seu ódio mútuo, posterior, pode ser explicado pelo “narcisismo das pequenas diferenças”,

como diria Freud.

Enquanto o pacto entre Stalin e Hitler durou, as ordens para os comunistas do mundo todo, sob a

tutela de Moscou, eram para não atacar os nazistas. Nos Estados Unidos, o Partido Comunista (CPUSA)

tinha ordens expressas para poupar Hitler de ataques. Eles inclusive estimularam diversas campanhas

paci stas contra o seu governo, fazendo ataques histéricos aos alegados interesses petrolíferos de

Rockfeller na subida de tom do governo Roosevelt.

Somente depois que Hitler ignorou o pacto e invadiu a Polônia foi que a propaganda antinazista

começou, assim como a campanha pela entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra. O grupo

American Peace Mobilization, que tinha o apoio nanceiro de Fred Vanderbilt Field, até mudou de

nome para American People’s Mobilization, preservando a sigla, mas alterando completamente seu

signi cado. Os comunistas americanos tinham em Stalin sua prioridade, e não os interesses de seu

próprio país.

O programa do Partido dos Trabalhadores Nacional-Socialista que levou Hitler

ao poder deixa claro

as similaridades com o socialismo. Defendia, por exemplo, a “obrigação do governo de prover aos

cidadãos oportunidades adequadas de emprego e vida”. Alertava que “as atividades dos indivíduos não

podem se chocar com os interesses da comunidade, devendo car limitadas e con nadas ao objetivo do

bem geral”. Demandava o “ m do poder dos interesses nanceiros”, assim como a “divisão dos lucros

pelas grandes empresas”.

Também pregava uma “reforma agrária para que os pobres tivessem terra para plantar”. Combatia o

“espírito materialista” e a rmava ser possível uma recuperação do povo “somente através da colocação do

bem comum à frente do bem individual”. Em um discurso proferido no dia do trabalho em 1927, Hitler

disse:

Nós somos socialistas, nós somos inimigos do sistema econômico capitalista atual de exploração dos economicamente

fracos, com seus salários injustos, com sua ultrajante avaliação de um ser humano de acordo com sua riqueza e

propriedade ao invés de responsabilidade e comportamento, e nós estamos determinados a destruir esse sistema custe o

que custar.

Conforme escreveu Alain Besançon em A infelicidade do século, comparando comunistas e nazistas, “eles

pretendem ser lantrópicos, pois querem, um deles, o bem de toda a humanidade, o outro, o do povo

alemão, e esse ideal suscitou adesões entusiásticas e atos heroicos". Mas o que os aproxima mais é que

"ambos se dão o direito — e mesmo o dever — de matar, e o fazem com métodos que se assemelham,

numa escala desconhecida na história". O autor conclui:

O comunismo é mais perverso que o nazismo porque ele não pede ao homem que atue conscientemente como um

criminoso, mas, ao contrário, se serve do espírito de justiça e de bondade que se estendeu por toda a terra para difundir

em toda a terra o mal. Cada experiência comunista é recomeçada na inocência.

Disso eu tenho dúvidas. Quem ainda pode desconhecer, em pleno século XXI, as atrocidades

comunistas? De modo a não restar desculpas, para quem quiser se aprofundar mais na realidade do

comunismo e em suas semelhanças com o nazismo, recomendo fortemente o documentário ϵe Soviet

Story, de 2008. É um material de primeira.

A revista britânica The Economist fez a seguinte resenha do lme: "ϵe Soviet Story é o mais poderoso

antídoto atual para a reparação do passado. O lme é emocionante, audaz e rigoroso. [...] O objetivo

principal do lme é mostrar a estreita conexão — losó ca, política e organizacional — entre os regimes

nazista e soviético."

Mas nada disso importa. Basta atacar o comunismo, combater os pilares da esquerda radical, para ser

logo tachado de “fascista” ou “nazista”, como se fascistas, nazistas e comunistas fossem tão diferentes

assim na prática, e como se nazistas e capitalistas liberais tivessem alguma semelhança.

No nal da década de 1940, um termo foi cunhado e atirado diretamente nas artérias culturais dos

Estado Unidos: “macartismo”. Era um termo pejorativo, sugerindo algo muito ruim, mas sem uma

de nição precisa. O seu signi cado alegado era: “acusações injustas, perseguições a vítimas inocentes”.

Seu real significado era: “anticomunismo”.

Não vem ao caso julgar as ações do senador McCarthy, de cujo sobrenome o termo se originou, mas

apenas mostrar que o uso dessa vaga palavra serviria para intimidar e silenciar os debates públicos.

Qualquer pessoa que apontasse as atrocidades comunistas era logo rotulado de “macartista”, com o

intuito de desqualificá-lo e, assim, ignorar seus argumentos.

O anti-anticomunismo sempre consistiu numa tática útil ao comunismo, e a esquerda caviar sempre

foi usada como inocente útil para esse papel. Quem critica o comunismo é atacado pela esquerda, que se

diz contrária ao regime, mas aberta ao diálogo com todos. A estratégia é rotular de radical o

anticomunista, em vez de o próprio comunista. Acusar as atrocidades do comunismo passa a ser

paranoia. Sartre chegou a afirmar, em 1952, que “todo anticomunista é um cão!”

O sarcasmo era uma arma importante nesse plano. “Comunistas vão aparecer embaixo da sua cama”,

ou “comunistas comem criancinhas”, essas e outras frases serviam para desquali car o anticomunista

como alguém que acredita em alienígenas. Ocorre que até mesmo isso foi verdade! Ou seja, comunistas

de fato comeram crianças, ou pior, forçaram outros a fazê-lo. Como relata O livro negro do comunismo:

P’eng P’ai aproveitou a circunstância para por em vigor um regime de “terror democrático”: o povo inteiro era convidado

a assistir aos julgamentos públicos dos “contra-revolucionários”, quase que invariavelmente condenados à morte;

participava das execuções, gritando “mata, mata” aos Guardas Vermelhos que tratavam de cortar a vitima pedaço a

pedaço, que por vezes cozinhavam e comiam, ou obrigavam a família do supliciado — que, ainda vivo, assistia a tudo — a

comer; todos eram convidados para os banquetes em que se partilhava o coração ou o fígado do antigo proprietário, e

para os comícios onde o orador discursava diante de uma leira de estacas cada uma enfeitada com uma cabeça

recentemente cortada.

Um relato para colocar inveja em Hannibal, convenhamos. O canibalismo não foi restrito ao comunismo

chinês; seria repetido no Camboja de Pol Pot depois. Ocorreram vários casos de canibalismo famélico

também, entre a própria população desesperada por comida, pois o comunismo ou não era capaz de

produzir alimentos ou seus líderes deliberadamente usavam a fome como estratégia de poder (Lênin foi o

primeiro a fazer isso). Em Stálin: a corte do czar vermelho, Simon Sebag Monte ore relata alguns desses

casos:

A 14 de abril de 1937, o procurador-geral Vichinski escreveu ao premiê para informar sobre uma série de casos de

canibalismo em Cheliabinsk, nos Urais, em que uma mulher comeu uma criança de quatro meses, outra comeu uma de

oito anos com seu filho de treze, enquanto outra ainda consumiu seu bebê de três meses.

Há vários relatos de canibalismo na Coreia do Norte, onde pais comem seus próprios lhos desesperados

com a fome. Existem outros casos, mas, como este livro não foi patrocinado pelo fabricante do Plasil ou

do Engov, vou poupar o estômago do leitor. Basta resumir que o canibalismo oresceu sob regimes

comunistas, seja por atos conscientes de seus líderes, seja por desespero da população.

Mas, claro, se trouxer isso à tona em uma conversa, mesmo depois da abertura dos arquivos

escondidos atrás da Cortina de Ferro, você será acusado de paranoico ou mentiroso. O anticomunismo

não pega bem. O termo cou protegido por uma aura de bondade, mesmo depois de todo o rastro de

sangue que deixou. Enquanto a suástica desperta fúria, corretamente, a foice e o martelo ainda são

usados para simbolizar partidos políticos oficiais!

Países que já sofreram na pele com esse regime não querem mais saber de partidos ostentando tal

ideologia. A Hungria, seguindo outros países do leste europeu, vetou símbolos nazistas e comunistas.

Não há por que proibir a suástica e permitir a foice com o martelo. Ambos representam regimes

assassinos, totalitários, antidemocráticos.

Espero ter deixado bem clara a estratégia perigosa de duplipensar usada pela esquerda caviar. Todo

liberal deve valorizar a linguagem, de preferência da forma mais objetiva e compreensível. Para Irving

Babbitt, “o so sta e o demagogo orescem numa atmosfera de de nições vagas e imprecisas”. Mário

Vargas Llosa pensa que “chamar novamente o pão de pão e o vinho de vinho é indispensável, entre

outras coisas, para que a liberdade de expressão faça sentido”.

Se desejarmos ser livres, precisamos antes resgatar a linguagem de seu cativeiro atual. Caso contrário,

continuaremos reféns dos demagogos de plantão, que falam em “liberdade” enquanto expandem cada

vez mais os tentáculos do Leviatã estatal.

O viés da imprensa

A esquerda caviar encontra forte eco nos principais veículos de comunicação. Há um inegável viés

esquerdista na grande imprensa. Não se trata de uma teoria conspiratória, mas da mais singela

observação dos fatos. O que explica isso?

Em primeiro lugar, é preciso notar que não se trata de um fenômeno estritamente nacional. Nos

Estados Unidos, por exemplo, a imprensa também tem uma clara propensão esquerdista, abraçando as

principais bandeiras “liberais”. Em 1992, por exemplo, 89% dos jornalistas disseram ter votado em Bill

Clinton, contra apenas 43% do restante da população.

Mais de 60% se dizem de esquerda ou moderados, com viés de esquerda, contra menos de 10% que se

consideram conservadores ou moderados, com inclinação conservadora. Hollywood costuma contribuir

com os Democratas em uma razão de pelo menos quatro para um em relação aos Republicanos. A

propensão existe, e é preciso ser cego para negá-la (até Stevie Wonder, porém, sabe deste viés, como bom

esquerdista defensor de Obama que é).

Uma das possíveis explicações é o aparelhamento consciente desse importante setor de formação de

opinião. Lênin, como já foi dito, julgava os lmes de Hollywood um pilar fundamental da conquista de

mentes para seu projeto comunista. Também considerava que os jornais eram mais perigosos que as

armas. Por isso, todos os governos socialistas tentaram controlá-los diretamente.

Onde as ditaduras socialistas não vingaram, restou a opção da tomada de baixo para cima desses

veículos. A revolução de Gramsci, o comunista italiano que arquitetou a estratégia de poder por meio da

própria democracia, poderia dispensar as armas se fosse bem-sucedida na in ltração em escolas,

universidades, redações, igreja e televisão. Sua revolução cultural seria mais silenciosa e, portanto, mais

perigosa, pois menos perceptível.

Vale a pena dedicar alguns parágrafos a esta gura sombria, uma vez que as estratégias traçadas em

seus Cadernos do cárcere têm tudo a ver com a postura da esquerda caviar atualmente, e com esse viés da

imprensa.

Nascido na Itália em 1891, Antônio Gramsci foi um marxista intelectual membro do Partido

Socialista Italiano. Gramsci era um simpatizante da revolução bolchevique de 1917, e foi um dos

fundadores do Partido Comunista Italiano. Preso pelo regime fascista de Mussolini, começou a escrever

notas na prisão.

O tema central de seus escritos consistiria na formulação de uma estratégia de tomada do poder,

distinta do modelo leninista. Para Gramsci, o “assalto ao poder” de Lênin não seria o método adequado

nos países ocidentais. A estratégia gramscista de transição para o socialismo contaria com aspectos mais

graduais, in ltrando-se e in uindo na cultura, e alterando-a para permitir a conquista nal do poder

pelas classes subalternas. Esta tem sido a receita praticada na América Latina nas últimas décadas, com

resultados claramente positivos do ponto de vista dos marxistas.

O general Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, já falecido, escreveu o livro A revolução gramscista no

ocidente, que faz um didático resumo da concepção revolucionária de Gramsci. Nela, o grupo dirigente

seria justamente aquele que tem a hegemonia, ou seja, “que tem capacidade de in uir e de orientar a

ação política, sem uso da coerção”. O que torna a estratégia gramscista tão perigosa é exatamente o fato

de trabalhar por apodrecer os pilares democráticos de dentro da própria democracia, subvertendo seus

valores e corroendo esses fundamentos.

Os gramscistas falam em “democracia radical” ou “radicalismo democrático” para se referir a tal

modelo. Essa deturpação da ideia de democracia é útil para a causa socialista, pois permite que se fale em

“socialismo democrático”, distanciando-se, no imaginário popular, do regime ditatorial adotado na

União Soviética. Isso garante o respaldo de legalidade, evitando assim eventuais resistências e reações da

sociedade.

Na estratégia gramscista, o papel dos intelectuais orgânicos é crucial. O novo intelectual não é apenas

um orador eloquente, mas um dirigente que orienta, in uencia e conscientiza as massas. O grupo de luta

deve também batalhar pela assimilação e conquista ideológica dos intelectuais tradicionais. Estes terão

participação consciente ou inconsciente, podendo assumir o papel de intelectual orgânico por

convencimento e adesão, ou por ingenuidade, acomodação ou até capitulação.

Para Gramsci, todos os membros do partido, em todos os níveis, são intelectuais. Devem realizar na

sociedade civil uma profunda transformação política e cultural, “amestrando” as classes burguesas

também, levando-as a aceitar as mudanças intelectuais e morais como parte de uma natural e moderna

evolução. Para tanto, contam com o apoio dos organismos privados, como sindicatos e organizações

não-governamentais. E da imprensa, claro.

Além dessa in ltração socialista, há claramente o caso da imprensa chapa-branca. Como o governo é

sempre um grande anunciante, principalmente em países com maior presença estatal na economia —

como no caso brasileiro —, os jornais e as emissoras de televisão acabam reféns

da mentalidade

estatizante. Não é boa decisão para os negócios bater muito de frente com o governo, como demonstra a

Argentina.

Há ainda sites e jornalecos totalmente dependentes das verbas estatais. Esses não têm mais pudor

algum, e só obedecem ordens, sempre deixando a integridade em último lugar na hierarquia de valores.

Infelizmente, quando o PT chegou ao poder no Brasil, esse fenômeno cresceu de forma assustadora, e

hoje temos diversos casos evidentes de soldados da propaganda o cial espalhados pelas redes sociais e

imprensa. O PT chegou a criar um bunker para isso.

Basta passar o olho na revista Carta Capital, por exemplo, para ter ideia do peso das propagandas

estatais em seu orçamento. Com isso em mente, ca mais fácil compreender as matérias absurdamente

tendenciosas, que faltam com a verdade com mais frequência do que trocamos de roupa.

Não creio, entretanto, que o viés esquerdista na imprensa tenha ligação somente com os interesses

monetários ou com a in ltração deliberada de socialistas nas redações. Trata-se de um fenômeno mais

abrangente e prosaico. Boa parte dos jornalistas é formada por membros da esquerda caviar, que, para

piorar, precisam vender ao público histeria e sensacionalismo.

Essa é também a tese de Bernard Goldberg, jornalista que trabalhou por anos na CBS, vencedor de

vários prêmios. Em seu livro Bias, Goldberg sustenta essa visão de que as matérias tendenciosas da

imprensa acabam predominando pelo simples motivo de que muitos jornalistas são de esquerda. Ele

afirma:

Esse é um dos maiores problemas no grande jornalismo: as elites estão irremediavelmente fora de contato com os

americanos comuns. Seus amigos são esquerdistas, assim como eles são. Eles compartilham os mesmos valores. Quase

todos pensam da mesma forma sobre as grandes questões sociais do nosso tempo: o aborto, o controle de armas, o

feminismo, os direitos dos homossexuais, o meio-ambiente, a oração na escola. Depois de um tempo eles começam a

acreditar que todas as pessoas civilizadas pensam da mesma maneira que eles e seus amigos. É por isso que eles não

simplesmente discordam dos conservadores. Eles os veem como moralmente deficientes.

Isso explica, por exemplo, a completa falta de sintonia entre a grande imprensa e Ronald Reagan, que foi

o presidente mais popular dos últimos tempos nos Estados Unidos. Reagan falava para a maioria, para o

americano comum, em linguagem simples e direta, enquanto a imprensa esquerdista cava chocada e

retratava o presidente como um completo imbecil.

Já o líder soviético, Mikhail Gorbachev, era idolatrado pela grande imprensa americana. Enquanto

isso, ele idolatrava... Lênin! Está lá em seu livro Perestroika. Gorbachev tentava salvar o comunismo com

reformas, enquanto Reagan tentava acabar com aquele regime nefasto. Quem ganhou a estima da

imprensa? O comunista!

O esquerdismo, por ser o mainstream da imprensa, não precisa de rótulos. Mas os conservadores e

liberais (no sentido clássico) são sempre rotulados. Quem está à direita do centro é de direita, mas quem

está à esquerda do centro continua de centro ou é moderado. E isso mesmo para quem está muito à

esquerda!

A imprensa brasileira sempre se refere aos Republicanos americanos como “ultraconservadores”.

Quando Paul Ryan foi escolhido como vice na chapa de Mitt Romney em 2012, o destaque em nossa

mídia foi o mesmo em todo lugar: um “ultraconservador” fora apontado para satisfazer os anseios da

direita radical do Tea Party.

Os membros deste movimento chegaram a ser chamados de “fascistas” pelo colunista Arnaldo Jabor,

que abandonou o comunismo juvenil, mas não totalmente o ranço antiamericano. Faz sentido usar esse

rótulo? O que defende, a rigor, o Partido Republicano? Quais são as ideias de

Paul Ryan? Há alguma

semelhança entre tais ideias e o fascismo, cujo ícone máximo foi Mussolini, um notório socialista durante

boa parte da vida?

Se dependesse de nossa imprensa, a imagem pintada de um Republicano seria a de um neandertal.

Nossos colunistas e jornalistas olham para a direita americana como se esta fosse formada basicamente

por fundamentalistas religiosos, saudosistas da era medieval, que adorariam puxar suas mulheres pelo

cabelo e manter escravos negros.

Qual não seria o espanto dessas pessoas se alguns fatos históricos fossem revelados! Por exemplo, que

o Civil Rights Act de 1964 contou com mais apoio dos Republicanos do que dos Democratas. Ou que os

grandes segregacionistas raciais eram todos do Partido Democrata, incluindo o governador que impôs a

regra de que os negros deveriam se sentar atrás no ônibus, algo que jamais partiu do setor privado.

Rose Parks, quando ousou desa ar a regra e se recusou a ceder seu lugar a um branco no ônibus,

estava enfrentando um governo Democrata, assim como foram os Democratas que mantiveram por

tanto tempo a Lei Jim Crow de segregação racial. Também eram Democratas os mais importantes

membros da Ku Klux Klan. E claro, Lincoln, tão celebrado recentemente em

novo lme de Steven

Spielberg, também era Republicano, como foram os Republicanos que pressionaram pelo direito ao voto

dos negros nos estados sulistas, contra forte oposição dos Democratas.

Além disso, são sempre os Republicanos os acusados de violência, e a imprensa costuma mergulhar

em ataques precipitados quando algum maluco abre fogo contra inocentes. Ironicamente, quase todos os

ataques até hoje foram cometidos por pessoas identi cadas com a esquerda radical, com o comunismo.

Ann Coulter resumiu em Demonic:

A regra esquerdista é: qualquer ato criminoso cometido por homens brancos com armas é uma conspiração de direita, ao

passo que qualquer ato criminoso cometido por não-brancos com armas de fogo é o governo a violar as liberdades civis

de alguém. (Se um homem negro alguma vez atirasse em um abortista, os cérebros esquerdistas iriam explodir.)

Quem na imprensa sabe ou fala dessas coisas? Naturalmente, uma minúscula parcela da ala mais

reacionária Republicana pode até se encaixar nesse estereótipo criado pela mídia, mas não faz sentido

generalizar dessa forma. Seria como dizer que todos os Democratas são comunistas que sonham com o

modelo soviético, porque tais sem dúvida existem no partido de Obama. Alguns até bem próximos do

presidente...

Portanto, quando nossos “especialistas” pintam esse quadro medonho, de criacionistas que abominam

a ciência e de individualistas insensíveis que não ligam para os pobres, de racistas odientos, podemos

estar certos de que se trata de uma caricatura absurda e injusta, feita deliberadamente ou por ignorância.

Ao colocarem todos no mesmo saco, pretendem contaminar uma direita legítima com os excessos de um

extremo numericamente insignificante.

Quando essa estratégia é consciente, ca mais fácil perceber o viés. Porém, quando fruto de um

preconceito inconsciente, ca mais convincente. Como diz Eduardo Giannetti da Fonseca em seu livro

Auto-engano:

O enganador auto-enganado, convencido sinceramente do seu próprio engano, é uma máquina de enganar mais

habilidosa e competente em sua arte do que o enganador frio e calculista.

O enganador embarca em suas próprias mentiras, e passa a acreditar nelas com toda a inocência e boa-fé

do mundo. Assim fica mais fácil convencer os demais. É justamente esse o receio de Goldberg:

Se você colocasse repórteres e produtores da rede de notícias em máquinas de polígrafo e lhes perguntasse: “Você acha que

você é culpado de viés esquerdista?”, a maioria quase certamente responderia: “Não”. E eles passariam no teste do

polígrafo, porque não estão mentindo. Eles sinceramente acreditam no que eles

estão dizendo. E esse é o maior problema

de todos.

O derrotado Mitt Romney teve uma tirada espirituosa quando participou com o então candidato à

reeleição, Barack Obama, de um evento comum no Alfred E. Smith Memorial Foundation. É tradição

nos Estados Unidos esse encontro descontraído, com piadas de cada lado. Romney brincou prevendo as

manchetes dos jornais no dia seguinte: “Obama recebe apoio de católicos”; “Romney tem jantar com

ricos”. Infelizmente, essa piada tinha um grande fundo de verdade.

Basta ver o tratamento diferenciado que Obama e Bush receberam. Ambos usaram os drones, aqueles

aviões não tripulados, para ataques cirúrgicos, por exemplo. A guerra transformada em uma espécie de

videogame merece debates mais profundos. Obama, entretanto, expandiu bastante o uso da ferramenta,

enquanto Bush cou com a fama de cowboy beligerante. Mas Obama contava — e conta — com o

obsequioso silêncio da imprensa, ao contrário de seu antecessor.

Obama apela para a retórica contra os banqueiros ricos, associados automaticamente aos

Republicanos. Mas os banqueiros foram os maiores doadores para as campanhas de Obama. Os

empregados do Goldman Sachs, ícone de Wall Street, deram US$ 1 milhão para sua eleição, enquanto

foi o governo Bush que deixou o Lehman Brothers ir à falência. Faz sentido isso? A imprensa não checa

os fatos?

Em maio de 2013, explodiu um escândalo de espionagem do governo Obama que fez o Watergate de

Nixon parecer brincadeira de amadores. O Departamento de Justiça do governo obteve secretamente

ligações telefônicas de jornalistas e editores da Associated Press (AP), e a Receita Federal fez varreduras

especiais para encontrar podres dos conservadores. Obama se encontrou com o chefe do sindicato de

fiscais um dia antes da perseguição começar. Era o batom na cueca.

As informações divulgadas pelo ex-analista da CIA, Edward Snowden, acrescentaram muito mais

lenha na fogueira. Mostraram como o aparato de espionagem sob o governo Obama alcançou o mundo.

Podemos apenas imaginar qual seria a reação da grande imprensa se isso ocorresse durante o governo

Bush.

O presidente mundial da AP declarou: “Diria que a administração Obama tem sido mais agressiva

que administrações anteriores, mesmo aquelas pós-11 de Setembro [a de Bush], ao ir atrás de delatores

dentro do governo ou vazamentos”. Um brasileiro que acompanha a política americana só pelas lentes de

nossa imprensa deve ler isso e achar que está em Marte! Como assim? O

“messias” Obama, tão

bonzinho, tão legalzinho, tão amiguinho?

Ah, o que a ignorância não faz! Obama tem um histórico de marxismo, de amizades muito estranhas,

que incluem terroristas, de mentalidade autoritária, e nada disso foi mostrado por nossa imprensa ao

longo dos últimos anos. Aí vem o presidente mundial da AP con rmar o caráter autoritário do

presidente americano, e o Arnaldo Jabor deve coçar a cabeça, perplexo, desesperado, sem rumo...

O colunista Caio Blinder, do Manhattan Conection, obamista de carteirinha, chegou a apelar para a

novilíngua petista e chamou os abusos criminosos de Obama de “malfeitorias” em um artigo no site da

Veja. Para piorar, desviou o foco e usou o escândalo para atacar, na verdade, a turma do Tea Party, alvo

do escrutínio da Receita Federal politizada. É muita inversão!

Talvez fosse o caso de chamá-lo de Caio Blind (cego) a partir de agora. Já seu colega da Veja,

Reinaldo Azevedo, foi direto ao ponto, lembrando sempre que liberal, por lá, é esquerda:

O governo Obama tentou, isto é inegável, usar o aparato do estado para intimidar a oposição. Estivesse no poder um

presidente “reacionário”, a imprensa liberal americana estaria pedindo a sua cabeça. Como se trata de Obama, já há

artigos na imprensa americana a rmando que os republicanos estão querendo se

aproveitar do episódio para fazer

política. Como se a perseguição que estava em curso não fosse um caso de política — e de polícia!

Mas Reinaldo Azevedo é exceção, claro. Assim como João Pereira Coutinho, que explica da seguinte

forma o eterno salvo-conduto de que goza o presidente americano: “Em 2008, os americanos não

elegeram apenas um presidente. Eles canonizaram em vida um homem que já virou santo. E os santos

não pertencem mais a este mundo”. O homem está acima do bem e do mal.

Vivi Mosé conseguiu, na CBN, isentar totalmente Obama do abuso de poder no caso da quebra de

sigilo da AP. Disse que era um problema dos Estados Unidos enquanto país, e não de Obama. Mantém

assim o antiamericanismo, mas poupa o “messias” da esquerda. Já Carlos Heitor Cony lembrou, no

mesmo programa, que a liberdade de expressão não é um valor absoluto. Diria isso se fosse com Bush?

Perto desses dois, Artur Xexéu, o terceiro a compor o grupo, que simplesmente condenou a ação de

Obama, pareceu um poço de isenção.

Muitos jornalistas costumam se identi car com a esquerda caviar, com suas bandeiras

sensacionalistas, com sua cruzada moral e com a imagem de abnegados em busca de justiça social. A

compaixão alegada é mais importante do que os resultados concretos. E a

histeria ante as ameaças, reais

ou imaginárias, é total.

Um mundo entediante não dá boas manchetes; um prestes a derreter, sim. Um mundo mais caótico,

onde desgraças simplesmente acontecem, não vende bem; um onde é fácil identi car o grande culpado

pelas tragédias, sim. Um mundo onde as mudanças são lentas e graduais não vende bem; um onde há

um messias salvador da pátria, sim.

Um bom exemplo foi apontado por João Luiz Mauad em artigo no jornal O Globo, em que lembra

que a possibilidade de o planeta ser atingido por meteoros é bem mais relevante do que o “risco” do

aquecimento global. Como, no entanto, não dá para culpar o capitalismo pelos meteoros, então o

assunto perde relevância.

Como diz Goldberg, toda essa preocupação não é sobre as injustiças e riscos reais, mas sobre se sentir

melhor para nós mesmos, fazendo o menor sacrifício pessoal possível. Nada como a sensação de ser um

bom samaritano sem sair do lugar.

Basta checar as redes sociais para veri car como essa tendência foi potencializada na modernidade.

Com um simples clique no “curtir”, o sujeito propaga as mais belas utopias e bandeiras, conquista a

imagem de sensível e altruísta, e sem gastar sequer duas calorias!

Vivemos no mundo do politicamente correto. A grande imprensa, mais que todos, precisa seguir as

regras do corretismo para sobreviver. A linguagem politicamente correta é a marca registrada da esquerda

caviar. Alguém, portanto, ainda fica surpreso com o viés da mídia?

PARTE 2

As bandeiras

A obsessão antiamericana

Uma característica não pode faltar em um típico membro da esquerda caviar: o antiamericanismo. As

origens dessa patologia se confundem com as próprias origens do fenômeno da esquerda caviar. Uma

das formas mais fáceis de identi car um esquerdista é o uso do termo "estadunidense" para se referir aos

americanos.

No passado recente, em um mundo bipolar, os Estados Unidos representavam o experimento

capitalista, enquanto a União Soviética era o socialismo planejado. Com a queda do segundo, ocorreu

uma perda de identidade por parte dos socialistas. Atônitos, precisavam encontrar um novo foco, que

passaria a ser então o antiamericanismo.

Não recuperados da humilhação que foi a queda da Cortina de Ferro e o aparecimento de suas cruéis

atrocidades, com mais de 100 milhões de vítimas fatais no currículo, precisam "provar" que os Estados

Unidos e, por tabela, o capitalismo também falharam.

Nessa jornada passional, vale tudo, desde mentiras grosseiras, passando por propaganda enganosa,

so smas, inversão de causalidades ou ocultação de fatos. O objetivo é apenas um: destruir o capitalismo

e seu maior ícone. O típico antiamericano doente, no fundo, sentiu um obsceno regozijo no ataque

terrorista de 11 de setembro de 2001.

Jean-François Revel, renomado escritor e membro da Academia Francesa, escreveu o livro A obsessão

antiamericana justamente para expor esse sentimento tão forte em seu país. O que mais impressiona no

antiamericanismo não é a desinformação, já que a quantidade de informação disponível sobre o tema é

vasta. Incrível nisso tudo é a vontade deliberada de estar desinformado.

Vejamos um primeiro exemplo: a Guerra do Vietnã. Normalmente é um dos assuntos mais citados

para se criticar o “império” americano, não sem boa dose de razão. Mas nenhum crítico de esquerda

destaca as causas da guerra, atreladas aos fracassos militares da França, que, por não abrir mão da

Indochina como colônia, acabou levando à intervenção americana.

Omitem também o fato de a guerra ter matado cerca de 1 milhão de pessoas ao longo de quase duas

décadas, enquanto o regime comunista de Ho Chi Ming, que lá se instalaria quando os americanos

nalmente saíram, assassinou mais de 3 milhões (sem a revolta da esquerda caviar, que, em boa parte,

morria de amores pelo ditador revolucionário).

Como disse uma representante da esquerda caviar da época, Susan Sontag, o Vietnã ofereceu uma

chave para o ataque sistemático ao modelo americano. Outro ícone, Jerry Rubin, foi ainda mais direto, e

declarou que, se o Vietnã não existisse, teriam inventado um, achado outra guerra qualquer. O objetivo

real era condenar a sociedade americana.

O Camboja, bem ao lado, não “sofreu” a intervenção americana; por isso, cerca de 2 milhões de

inocentes foram mortos na busca do paraíso marxista. Quando Pol Pot controlava apenas 1% da

população do Camboja, senadores Democratas votaram pela retirada de suporte dos americanos ao

governo local, alegando que os alertas sobre o risco comunista não passavam de paranoia. Pouco tempo

depois, o líder do Khmer Vermelho, educado em Paris, exterminaria mais de um quarto da população.

Enquanto a carni cina rolava solta, ícones da esquerda americana, como Noam Chomsky, ainda

insistiam em que as mortes mal chegavam aos poucos milhares e que eram necessárias para criar um

novo país. Não se fazem omeletes sem quebrar os ovos, não é mesmo? Eis a máxima de todo

revolucionário desde Robespierre, passando por Lênin, Castro, Mao e companhia.

A Coreia do Sul foi salva do mesmo destino, graças aos americanos, enquanto sua irmã do norte é até

hoje um feudo de miséria e opressão comunista. A prosperidade da Coreia do Sul contrasta com a

miséria da irmã ao norte, cujos principais itens de receita em moeda forte são trá co de heroína,

produtos falsi cados e fraudes em seguradoras. Mas Picasso, ícone da esquerda caviar, pintou um

quadro para retratar o massacre realizado pelos... americanos!

O fenômeno de uma música só, o coreano Psy, que conquistou o mundo com seu "Gangnam style",

acabou emitindo um pedido de desculpas por ter cantado antes da fama versos que instigavam a tortura

de soldados americanos. A ingratidão é uma das marcas registradas da esquerda caviar.

O cantor soube, porém, reconhecer o absurdo ao declarar: "Com orgulho de ser um sul-coreano que

foi educado nos Estados Unidos e viveu lá por uma parte signi cante da vida, eu entendo os sacrifícios

que os militares americanos zeram para proteger a paz e a democracia no meu país e ao redor do

mundo." Antes tarde do que nunca.

Por mais incrível que isso possa parecer, ainda há gente da esquerda caviar com a cara de pau de

defender o regime comunista da Coreia do Norte, cujo novo ditador, o terceiro da geração a assumir o

país como se uma fazenda particular, não passa de um maluco mimado que coloca a paz da região em

risco constante com suas ameaças idiotas (mas que gosta da Disney e usa um computador da Apple,

fabricado pelos “canalhas imperialistas”).

O PCdoB, junto com o próprio PT, o PSB, a CUT, o MST, a UNE e outras entidades jurássicas de

esquerda, redigiu uma carta de apoio aos “camaradas” da Coreia Popular (aquela sob ditadura, não a

democrática de fato), que dizia, entre outras coisas, o seguinte:

Incentivaremos a humanidade e os povos progressistas de todo o mundo e que se opõem à guerra, que se manifestem com

o objetivo de manter a paz contra a coerção e as arbitrariedades do terrorismo dos EUA.

A carta, assinada no dia 2 de abril de 2013, só não poderia ser divulgada na véspera, pois todos

pensariam se tratar de uma pegadinha no dia da mentira. Como alguém consegue escrever isso? O

regime comunista coreano já matou mais de 1 milhão de inocentes de fome ou fuzilamento (o

equivalente a mais de 12 milhões de americanos, ajustado pelo tamanho da população).

A miséria é total, e há uma foto de satélite que mostra a parte de cima da península coreana

totalmente às escuras, enquanto do sul emana uma forte luz. A Coreia do Norte é o país mais isolado e

fechado do mundo, e dessa vez não há como usar embargo americano como bode expiatório. Ao

contrário: os Estados Unidos são os maiores doadores de alimentos e fertilizantes para o país. Mas tem

gente que condena... os americanos!

Inclusive entre os próprios americanos. É o caso do ex-jogador de basquete Dennis Rodman. Ele e o

jovem ditador caram amigos, e o bad boy passou a elogiar o novo camarada. Rodman, que já teve um

caso com Madonna e nunca foi um exemplo de comportamento, tanto dentro como fora das quadras,

agora merece o troféu de idiota útil do ano, ao endossar o regime mais nefasto do mundo em troca de

alguma atenção. A situação deve estar feia mesmo.

Para quem quiser ter uma noção melhor do que é a Coreia do Norte, recomendo a leitura do livro

Fuga do campo 14, do jornalista Blaine Harden, que relata a única e dramática fuga de um prisioneiro

dos campos de concentração coreanos. Shin Dong-hyuk nasceu e viveu por 23 anos em um campo de

concentração. Foram anos de inferno e escravidão, trabalhando de doze a quinze horas por dia nas

minas de carvão. Seus dias “felizes” ocorriam quando conseguia capturar ratos para comer alguma

proteína.

Ainda adolescente, com apenas treze anos, foi torturado, pendurado de cabeça para baixo sobre

chamas de um fogo que o queimava, e viu a mãe ser enforcada após o fuzilamento do irmão mais velho.

Tudo de forma bem kafkaniana, ou seja, sem que jamais compreendesse os motivos pelos quais estava

preso ali, passando por tudo isso. Os guardas diziam que era para que puri casse os pecados dos pais

traidores, e a forma de fazer isso era delatar a própria família por qualquer "desvio" de conduta. Como

explica o jornalista:

Na maioria dos casos, os norte-coreanos são enviados para os campos sem nenhum processo judicial, e muitos morrem

sem saber do que foram acusados. São retirados de suas casas, em geral à noite, pela Bowibu, a Agência de Segurança

Nacional. A culpa por associação é legal na Coreia do Norte. Muitas vezes um transgressor é preso com os pais e os lhos.

Kim Il Sung estabeleceu a lei em 1972: "Inimigos de classe, sejam eles quem forem, devem ter sua semente eliminada por

três gerações."

Por Shin, e pelos relatos de outros ex-presos que mais tarde conseguiram asilo no mundo livre,

conhecemos os absurdos infringidos a essas pessoas. São relatos dignos de um lme de terror, só que

reais, sob os aplausos de alguns canalhas que vivem no conforto capitalista. Não

há estrelas de

Hollywood que usem a fama para chamar a atenção a esses horrores comunistas. A esquerda caviar não

quer saber de nada disso, de relatos como esses, sintetizados pela Associação Coreana dos Advogados em

Seul:

[...] todos os anos, alguns prisioneiros são executados em público. Outros são surrados até a morte ou secretamente

assassinados por guardas, que praticamente têm carta branca para maltratá-los e estuprá-los.

Mas o esquerdista caviar Carlos Heitor Cony, em sua coluna da Folha, acusou os Estados Unidos de

irem à guerra com o Iraque com base apenas em mentiras, e alertou que o Irã e a Coreia do Norte

corriam o risco de serem os próximos. Tudo por mentiras dos americanos. Escreveu isso no auge das

tensões criadas pela postura insana do ditador coreano, no começo de abril de 2013.

A Guerra do Iraque, aliás, que fez dez anos em 2013, serviu para expor toda a contradição da esquerda

caviar novamente. Nunca se viu tanta verborragia organizada contra um presidente e uma guerra nos

Estados Unidos. Bush foi retratado como o grande vilão, enquanto Saddam Hussein se tornava a vítima

de um imperialista cruel que desejava terminar o serviço inacabado do pai, ou então roubar o petróleo do

país.

Quero deixar claro aqui que existiam, de fato, várias críticas legítimas à guerra na época, e que nem

todos que atacaram Bush podem ser considerados membros da esquerda caviar. Para começar, a ideia de

“exportar” democracia é um tanto ingênua, para dizer o mínimo. Os custos da guerra, ou o risco de

fortalecer o Irã na região também eram pontos negativos.

O debate é complexo e, talvez, in ndável. No livro ϵe Case for Democracy, que Bush foi visto

segurando certa vez, Natan Sharansky defende uma atuação mais ativa das nações livres para a

instalação da democracia no mundo, principalmente no Oriente Médio, como mecanismo de proteção

da paz global.

O autor, um judeu que foi preso nos cárceres soviéticos por ser dissidente do regime comunista,

entende que o ensejo da liberdade é comum a todos os homens, discordando dos céticos que a rmam

que certos povos não têm compatibilidade com a democracia. Falavam isso do Japão e da Alemanha pós-

Hitler, enquanto a realidade mostrou-se outra em ambos os casos.

Sharansky defende arduamente uma clareza moral maior, que mostre como um mundo que não julga

objetivamente, separando o joio do trigo, será vítima do mal. Portanto, far-se-ia necessário, segundo o

autor, separar as nações entre sociedades livres e sociedades do medo, onde não há liberdade de

expressão e proteção das minorias ou dissidentes. Essas precisam de ajuda internacional, ainda que

militar.

Com todos os seus defeitos, o presidente Bush seguiu essa linha, discursando de forma bem objetiva

quando apontava as nações do “eixo do mal”. Ao separar os países entre os que estão com os Estados

Unidos nesse esforço contra o terror e os que são contra essa luta, foi acusado por muitos de

maniqueísta. Mas Sharansky, que entende do assunto e passou pelo terror comunista, apoiaria essa visão,

que chama de “clareza moral”.

Daí a partir para a guerra e libertar povos oprimidos ao redor do mundo vai uma longa distância. Até

porque os recursos são escassos, e os efeitos nem sempre são aqueles desejados. O Iraque, por exemplo,

vive até hoje sob um regime que não merece o nome de democracia liberal, ainda que as atrocidades de

Saddam tenham ficado para trás.

Dito isso, a esquerda caviar mostrou sua cara como nunca antes, e tripudiou do presidente americano

pelos motivos errados. Eis o ponto-chave: as acusações eram infundadas muitas vezes, e o objetivo real

parecia outro que não proteger efetivamente a liberdade americana, o pagador de

impostos ou os

iraquianos.

E m Unholy Alliance: Radical Islam And the American Le{, David Horowitz mostra a nefasta

simbiose entre elite esquerdista e radicais islâmicos. Assim como na Segunda Guerra, quando os

comunistas americanos seguiam os interesses e ordens do regime soviético, e não de seu próprio país, a

postura de boa parte da esquerda americana durante a Guerra do Iraque foi claramente antiamericana e

pró-Islã.

Esses radicais esquerdistas compartilham com os radicais islâmicos do ódio ao capitalismo, ao livre

mercado e à democracia ocidental, tudo representado pelo estilo de vida americano. O próprio Islã sofreu

a in uência marxista, como no caso de Sayyid Qutb, ligado à Irmandade Muçulmana e que iria, por sua

vez, influenciar ditadores como Khomeini e grupos terroristas como a Al Qaeda.

A visão de oprimidos contra opressores, de revolução pela libertação desses oprimidos, e de que um

paraíso é passível de conquista, limpando o mundo dos “pecados” capitalistas, acabou permitindo esse

estranho casamento entre esquerda ocidental e radicalismo islâmico. Unidos por conveniência

temporária, ambos reforçam o coro antiamericano e retratam os Estados Unidos como o Grande Satã.

Isso ajuda a explicar a postura da esquerda diante da guerra do Iraque.

O próprio contexto da guerra foi totalmente ignorado. Ninguém lembrava que Saddam ignorara o

acordo de inspeção rmado com a ONU, depois de brincar de gato e rato com os inspetores por sete

anos. Hans Blix fora feito de idiota pelo ditador iraquiano, e era desmoralizante a inação da ONU. Pela

própria resolução 1441, isso dava o direito de mobilização militar contra o Iraque.

Ademais, Saddam abrigara, em 1993, um dos terroristas responsáveis pelo ataque ao World Trade

Center, e dava guarida para outros terroristas, como Abu Abbas e Abu Nidal. Saddam também

nanciava ataques suicidas pelo Oriente Médio e usou gás mostarda em civis indefesos. Poderia ter ou

não armas de destruição em massa, informação desconhecida à época (até porque a ONU fora expulsa

do país). Mas era temerário ignorar a ameaça que seu regime representava para uma América em guerra

contra o terrorismo.

Como a esquerda, supostamente defensora da liberdade individual, foi capaz de pintar Saddam como

vítima e Bush como agressor injusto? É preciso lembrar ainda que Bill Clinton, democrata, já havia

iniciado o processo de retirada de Saddam do poder. Ele assinara a autorização para que o país buscasse

remover Saddam do poder, substituindo-o por um regime democrático, e tal medida contou com

aprovação maciça do Congresso, incluindo a de seu Partido Democrata (157 a favor e 20 contra).

Clinton efetivamente iniciou a ação militar, ainda sob pressão pelo escândalo Monica Lewinsky,

bombardeando intensamente, por quatro dias, instalações iraquianas na Operação Raposa do Deserto.

Por sinal, Clinton também levou tropas americanas para o Kosovo, sem aprovação da ONU e até do

Congresso, mas a esquerda não o condena como condena Bush. Al Gore foi outro democrata que

defendeu ir “até o limite” para desarmar Saddam.

Como ignorar todo esse cenário, todo esse contexto, apenas para criar a imagem de um cowboy

beligerante com questões paternas mal resolvidas, que simplesmente resolve atacar de forma unilateral

um governo inocente no Oriente Médio? Sem falar que Bush teve, além do maciço apoio do Congresso

americano, o líder esquerdista Tony Blair, então primeiro-ministro britânico, e dezenas de outras nações

formando uma coalisão.

Mas foi justamente o que fez a esquerda radical na época: colocou tudo como se fosse um ato isolado

de um presidente maluco. Muitos apontaram os supostos interesses pelo petróleo também. Como vai a

colonização americana no Iraque atualmente? Havia petróleo no Afeganistão por acaso? Perguntem, no

entanto, se a esquerda está disposta a revisar suas teorias conspiratórias com base nos fatos?

Há ainda a acusação de que o governo americano “criou” Osama Bin Laden ou Saddam. Não se

sustenta tal tese. Chama-se realpolitik. Na Segunda Guerra, a ajuda que o governo americano forneceu

aos soviéticos foi fundamental para a vitória dos Aliados, e nem por isso alguém diria que o governo

americano era um amigo que aprovava a URSS. No mundo real, escolhas difíceis precisam ser feitas,

impondo riscos novos.

Por mais que os “puristas” ingênuos queiram negar, o inimigo do meu inimigo pode ser

eventualmente meu aliado em uma guerra, se a alternativa, a nal, for muito pior. Imagine se o Irã de

Khomeini, com ajuda soviética, tivesse derrotado Saddam na guerra entre Irã e Iraque. Isso poderia ser

uma ameaça muito maior para os Estados Unidos. Por isso, Saddam foi ajudado naquela época. Como

confessou Churchill, ele seria capaz até de falar algumas coisas boas sobre o diabo se fosse para derrotar

Hitler!

A turma dos direitos humanos foi bastante ativa durante a segunda guerra do Iraque, principalmente

quando imagens de abusos dos soldados americanos vieram a público. Que as pessoas quem

indignadas de verdade com abusos e excessos de militares americanos durante a guerra, isso é

absolutamente compreensível.

A nal, nem mesmo uma situação de guerra justi ca determinados atos, servindo apenas como

atenuante. O grau de tensão é elevadíssimo; os militares estão lidando muitas vezes com a escória

humana. Não importa: os responsáveis individuais pela humilhação desnecessária dos prisioneiros de

guerra iraquianos deviam ser punidos, não resta dúvida.

Mas o incrível disso tudo é a tamanha disparidade entre as preocupações que dominavam as mentes

das pessoas, e em especial as dos que se intitulam “paci stas” ou defensores dos direitos humanos. Pelo

viés e parcialidade deveras escancarados, resta concluir que os direitos humanos existem apenas para

vítimas de americanos.

Meia dúzia de terroristas que lutam, por meio do terror civil, para a manutenção de um regime

ditatorial cruel com cerca de 1 milhão de vítimas no currículo merecem total atenção e proteção por parte

dos defensores dos direitos humanos. Uma celeuma toma conta da mídia, do bate-papo de botecos, dos

comentários mais raivosos proferidos por aqueles que se dizem preocupados

com os abusos cometidos

por homens contra homens, não importando quem são ou o que fizeram.

Tudo bem. Faz parte. Totalmente inadmissível, contudo, é a desproporção entre a paixão e a atenção

dadas a esses homens, que foram vítimas de humilhações por alguns militares, em detrimento de tantos

outros, in nitamente melhores, que são os civis inocentes, que sofrem nas mãos de ditadores sob o

silêncio sepulcral desses mesmos defensores dos direitos humanos. Aqui, como alhures, temos um peso e

duas medidas bem diferentes.

A China executa centenas de pessoas por ano, em julgamentos totalmente arbitrários e injustos, fechados

para a comunidade internacional, enquanto a ONU sequer a condena por abusos de direitos humanos

— com o apoio do Brasil, diga-se de passagem. Em diversos países da África, como no Zimbábue,

milhares de inocentes são perseguidos ou executados, no caso por ordens diretas do ditador Robert

Mugabe, mas nada se escuta sobre tais atrocidades pela boca dos nobres “pacifistas”.

Em Cuba, mais de 15 mil foram ceifados só no paredón, mas a revolta gerada não chega aos pés da

que se levanta contra os abusos do exército americano no Iraque. Na verdade, Cuba é retratada como

vítima do imperialismo ianque, e aqueles que reconhecem as execuções partem

logo para uma

justi cativa abjeta de que não se faz omelete sem quebrar alguns ovos (pior é que a omelete ainda é

podre, como veremos adiante).

A herdeira de Cuba na região, a Venezuela, assumiu o papel de vítima do "império". A coluna de

Ancelmo Gois no jornal O Globo, na véspera do carnaval de 2013, publicou: "Partidários de Hugo

Chávez se reúnem terça de carnaval em torno do bloco Inimigos do Império, que concentra no bar Tio

Sam, no Leblon. O enredo é a República Bolivariana da Venezuela". Há algo mais esquerda caviar do

que se reunir no Leblon, o bairro mais caro do Rio, em época de carnaval, para tecer loas ao então

tiranete venezuelano contra os "malvados" ianques!?

Os exemplos são in ndáveis. A conclusão saltaria aos olhos de uma criança que não sofrera a lavagem

cerebral que varreu o mundo, mas passa despercebida por intelectuais renomados e pessoas que arrotam

falácias e inverdades em troca do status de bom homem, preocupado com as injustiças do mundo.

O culpado é sempre o "império estadunidense" (ironicamente, imperialista mesmo era a União

Soviética, que anexava países inteiros). Até mesmo pelo 11 de setembro muitos resolveram culpar o

governo americano, como se fosse uma enorme conspiração, um inside job.

Antiamericanismo mais

teoria conspiratória formam um belo par a serviço da irracionalidade.

Àqueles que consideram o poderio militar americano a maior ameaça à paz mundial, pergunto:

alguém realmente pensa que o mundo seria mais seguro se o Irã, a Rússia ou a China detivessem

armamento equivalente? Alguém dormiria mais tranquilo se, em vez dos Estados Unidos, esse poder

bélico todo estivesse nas mãos da Venezuela ou de Cuba? Como resume David Horowitz:

[...] se os Estados Unidos não existissem, o império comunista ainda estaria de pé, o Talibã governaria o Afeganistão,

Saddam Hussein estaria no poder, e o mundo seria um lugar com in nitamente mais crueldade, injustiça e tragédia do que

o mundo que nos confronta hoje.

Mas a esquerda conseguiu inverter a situação e adotar uma mensagem de que os americanos são os

grandes vilões, de que nada de excepcional há na América. O próprio Obama disse que acredita no

excepcionalismo americano tanto quanto o grego acredita no seu, ou seja, todos são especiais à sua

maneira (o mesmo que dizer que ninguém o é). Na prática, rodou o mundo pedindo desculpas pelo

passado americano.

O patriotismo passou a ser visto como algo tacanho, ultrapassado, confundido com o nacionalismo

boboca. O verdadeiro patriota, segundo a esquerda, é o dissidente, o traidor de guerra, não o soldado

que luta pela pátria. Obama e seus camaradas da esquerda são “cidadãos do mundo”, como se não fosse

possível se considerar um cidadão globalizado e, ao mesmo tempo, reconhecer a posição de destaque dos

Estados Unidos nesse mundo, como locomotiva da liberdade. Ben Shapiro, em Bullies, resume a questão

do ponto de vista dos americanos:

Se você acha que os Estados Unidos não devem desempenhar um papel de liderança no mundo, você não é um patriota. É

simples assim. Patriotismo não exige que você acredite que a história americana está livre de erros. Isso seria leviano e sem

sentido. Ele exige, no entanto, que você reconheça que a ideologia fundadora dos Estados Unidos é a melhor ideologia de

governo na história da humanidade, que os militares dos Estados Unidos têm sido a grande força de luta pela liberdade

na história do mundo, que não é preciso pedir desculpas pela América, mas lutar por ela.

A esquerda caviar pode não gostar, mas nem por isso deixa de ser verdade: os militares americanos têm

atuado como a grande polícia do mundo, e esse papel tem um saldo bastante positivo para todos nós —

ainda que tenha custado muito caro aos pagadores de impostos americanos. Querendo ou não, vivemos

sob a Pax Americana, e o sucesso traz consigo um fardo. Os americanos souberam respeitar essa

responsabilidade até agora. Se a paz dependesse dos discursos bonitos da esquerda ou da coragem e da

determinação da ONU...

Essa, aliás, merece uma atenção maior aqui, pois se transformou no veículo da esquerda caviar para

suas estratégias globais. O Conselho dos Direitos Humanos da ONU já teve, entre seus membros,

ditaduras como Cuba, Arábia Saudita e China, além de países como Paquistão e Rússia, onde os tais

“direitos humanos” passaram bem longe.

Como mostra Dore Gold em Tower of Babble: How the United Nations Has Fueled Global Chaos , a

ONU foi capturada por regimes autoritários ou negligentes com o autoritarismo, perdendo sua

legitimidade como locomotiva dos direitos humanos no mundo. Sua postura “neutra”, de equivalência

moral, sempre em cima do muro, acabou servindo, na prática, aos interesses dos piores regimes mundo

afora. O autor resumiu:

O problema é que o Conselho de Segurança da ONU não é um tribunal que determina a culpa ou inocência de estados

tentando usar critérios objetivos legais. É, antes de tudo, um órgão político, e tem sido grosseiramente inconsistente ao

julgar casos de agressão. O relativismo moral foi um subproduto inevitável do trabalho da ONU; muitas vezes o agressor

não foi tratado de maneira muito diferente da vítima da agressão.

Em diversos aspectos, a postura da ONU re ete com perfeição o fenômeno da esquerda caviar. Retórica

bonita, discurso paci sta e relativista feito sob medida para que seus representantes se sintam bons

samaritanos, em uma burocracia altamente dispendiosa, com belas intenções no papel, e fracasso após

fracasso na prática.

Pior: tais fracassos foram recompensados! Ko Annan era responsável pelas operações de paz quando

os massacres na Bósnia e em Ruanda ocorreram, e, como prêmio de consolação pelos retumbantes

fracassos, tornou-se o secretário-geral da ONU em 1997. Pouco tempo depois, recebeu o Prêmio Nobel

da Paz.

Luiz Felipe Pondé detonou a ONU em um artigo na Folha, chamando a entidade de “estatal

internacional mais corrupta do que a república da banana”. E acrescentou:

A ONU é uma mistura de circo com mensalão. Um cabide de emprego para países de terceiro mundo. Como crer em quem

crê numa “comunidade internacional”? A “comunidade internacional” só funciona quando tem interesses comerciais em

jogo. E olhe lá. Qualquer decisão da “comunidade internacional” no âmbito moral (como, por exemplo, a partir de hoje

estão proibidas a fome, a tortura, a violência contra os mais fracos) é tão séria quanto a declaração de que Papai Noel deve

existir porque, do contrário, estamos indo contra o direito à fantasia infantil.

O declínio da ONU como entidade de respeito não é recente. Em 1981, dois anos depois da invasão

soviética no Afeganistão, 93 países membros da organização endossaram uma resolução na Assembleia

Geral que acusava os Estados Unidos de representarem uma ameaça à paz mundial. Note bem: não era a

URSS a ameaça, mas os Estados Unidos! Como levar a sério uma coisa dessas?

Os escândalos de corrupção também abundam quando se trata de ONU. Um dos mais famosos foi o

esquema com o petróleo iraquiano dos tempos de Saddam Hussein. O ditador teria desviado mais de

US$ 10 bilhões sob estreita supervisão da organização nesse período, e várias autoridades estariam

envolvidas.

Até mesmo o lho de Ko Annan foi citado. A Rússia e a França eram grandes parceiros comerciais

de Saddam, e tinham bilhões de motivos para não desejar sua saída do poder. Talvez a reação virulenta

quando os Estados Unidos desa aram o ditador iraquiano tenha explicações menos nobres e mais

prosaicas ou materialistas...

O lme A informante, baseado em uma história real, retrata um dos maiores escândalos da ONU.

Kathy Bolkovac, personagem de Rachel Weisz, é uma policial esforçada que aceita trabalhar para as

Nações Unidas como paci cadora na Bósnia, que passa por uma reconstrução

pós-guerra. Seus desejos

de ajudar um país devastado são destruídos quando ca face a face com a dura realidade: uma vasta

rede de corrupção e tráfico sexual que é encoberta pela própria ONU.

Mas nem um escândalo dessa magnitude consegue despertar a décima parte da revolta que é

direcionada aos Estados Unidos. Todos os olhares da esquerda caviar estão atentos ao mínimo deslize

das autoridades americanas, especialmente se não forem os democratas no poder. A ONU, por sua vez,

conta com um salvo-conduto para a incompetência e o abuso de poder, sem falar do monopólio da

virtude. Imparcialidade nula.

O sucesso americano incomoda. Um dos pontos mais repetidos contra os Estados Unidos diz respeito ao

argumento marxista rudimentar de que, para o rico car mais rico, o pobre tem de car mais pobre. A

economia seria um jogo de soma zero por essa ótica. Logo, como os americanos prosperaram, conclui-se

automaticamente que o mundo pagou o preço.

Esse absurdo pode ser refutado com a mais singela observação empírica, mas a falsidade nunca

impediu uma bravata de prosperar, especialmente quando sustentada pela ideologia e protegida pela

ignorância. O bem-sucedido precisa apanhar e ponto.

Gostando ou não, a verdade é que a superpotência americana resulta em parte da

vontade e da

criatividade de seu povo, sob mecanismos de incentivo adequados, e em parte pelos fracassos

acumulados pelo resto do mundo. A nal, foram os europeus que tornaram o século XX o mais negro da

história, provocando duas guerras mundiais e regimes totalitários assassinos e associados, como o

comunismo, o fascismo e o nazismo.

Foram as nações europeias que tentaram conquistar outros continentes, assim como o Japão e a

China. O papel dos Estados Unidos foi justamente o de salvar o mundo das garras dos socialistas e

nacionalistas Stalin e Hitler, e depois ajudar na reconstrução nanceira daquele continente com o Plano

Marshall. Mas, paradoxalmente, são os Estados Unidos que acabam acusados de império colonizador.

Logo eles, que restauraram a democracia na Alemanha e no Japão — não por acaso ambas entre as

maiores potências econômicas de hoje.

Por falar em Japão, as bombas de Hiroshima e Nagasaki são usadas para comprovar que os

americanos são os mais perigosos e cruéis do mundo, mas o contexto — novamente o contexto — jamais

é levado em conta. No livro ϵe Prize (O petróleo, na versão brasileira), o vencedor do Pulitzer Daniel

Yergin explica em detalhes a luta dos japoneses por recursos, especialmente o

“ouro negro”. Um

“formigueiro” humano em uma ilha desprovida de riquezas naturais, o Japão aprendeu a fazer de tudo

por seus objetivos.

Foi nessa busca desenfreada por petróleo que os japoneses decidiram bombardear Pearl Harbor. A

cabeça por trás dos planos era Yamamoto, um comandante japonês que estudara em Harvard, porém

um fervoroso nacionalista devotado ao imperador. A “Operação Hawaii” culminaria na maior

humilhação americana de todos os tempos. No mesmo momento em que Pearl Harbor era severamente

atacado, o Japão bombardeava a Tailândia, as Filipinas e Cingapura. Estima-se em mais de 2 mil o

número de militares americanos mortos na noite do ataque, assim como 68 civis.

Com a entrada dos americanos na guerra, os japoneses começaram a sofrer importantes derrotas. Em

um reflexo insano, o Japão introduziria uma nova arma no conflito, os kamikazes, pilotos suicidas que se

explodiam contra navios americanos. Porém, a possibilidade de rendição estava longe de ser cogitada

pelo império japonês, cujo slogan ainda era “100 milhões de pessoas unidas e prontas para morrer pela

nação”. Não havia aparentemente nada nesse mundo capaz de levar o Japão a capitular.

Para demonstrar tal espírito, a resistência japonesa à invasão americana de

Okinawa foi totalmente

fanática, com elevadíssimo índice de mortos em ambos os lados. Até mesmo crianças eram ordenadas a

assassinar americanos. Extrapolando a experiência, os militares americanos estimaram em até 1 milhão as

possíveis perdas em outros ataques, fora os milhões de civis.

Tal batalha sangrenta contribuiu enormemente para a decisão americana de usar sua mais nova arma,

a bomba atômica. Os Aliados, contudo, ainda tentariam um acordo, que permitiria até a retenção do

imperador japonês no comando da nação. Tóquio não aceitou.

Em 6 de agosto de 1945, a primeira bomba atômica explodiu em Hiroshima, seguida pela outra, no

dia 9, em Nagasaki. Inacreditavelmente, mesmo sob tais circunstâncias, vários militares japoneses se

recusavam a se render, sendo o suicídio a única alternativa oferecida aos seus subalternos. Na noite do

dia 14 de agosto, o imperador gravou uma mensagem de rendição, e soldados insurgentes ainda

tentaram invadir o palácio para evitar a transmissão do seu conteúdo. Mas não obtiveram sucesso, e a

guerra no Pacífico chegara ao fim.

Quando esses fatos são trazidos à tona, podemos condenar a decisão americana ainda, mas, sem

dúvida, a visão distorcida pela esquerda perde força. O Japão iniciou o ataque; os Estados Unidos se

defenderam; o Japão apelou para métodos absurdos na guerra; os Estados Unidos optaram por encerrá-

la de uma vez, para poupar vidas; o Japão, ainda assim, não quis se render; os Estados Unidos

conseguiram negociar a rendição e depois ajudaram na reconstrução do país devastado. Colonizador?

Desculpa, mas não cola!

O colonizador dessa história era o próprio Japão, de forma extremamente cruel. Não por acaso,

coreanos e chineses desenvolveram profundo ressentimento contra os japoneses. Os relatos de abusos dos

imperialistas japoneses são impressionantes. Estimativas apontam para quase 4 milhões de chineses

mortos entre 1937 e 1945, quase todos civis. O mais brutal deles cou conhecido como o Massacre de

Nanquim, popularizado pelo livro de Iris Chang e pelo belo lme Flores do Oriente, com Christian Bale.

O alvo das críticas, todavia, é sempre a nação americana.

O antiamericanismo é carregado de contradições. Ora falam que o livre comércio é o veículo de

exploração ianque, ora acusam o embargo de Cuba, que nada mais é do que a proibição de empresas

americanas realizarem negócios com a Ilha-Presídio, atitude bastante razoável dados o encampamento de

empresas americanas pelo regime cubano, o calote de 1986 e seus mísseis apontados para a Flórida no

passado.

Cuba, nunca é demais lembrar, protagonizou o incidente mais tenso de toda a Guerra Fria, quando

permitiu que a União Soviética levasse mísseis para a ilha com o objetivo de intimidar ou mesmo atacar

os Estados Unidos. O alcance chegaria até Washington, DC. Será que o embargo é absurdo quando

olhamos por esta ótica?

Os cubanos podem tranquilamente participar da globalização com outras nações, tanto que vários

hotéis na ilha são espanhóis e o próprio Fidel sempre aparece nas fotos com aquele uniforme alemão da

Adidas, o italiano da Puma, ou até mesmo o americano da Nike! O decrépito “El Coma Andante” gosta

de passar a imagem de esportista saudável, mas não deve convencer, nesse aspecto especí co, nem o mais

néscio da esquerda caviar.

Mais recentemente, quando o “ex” ditador foi “votar” (há o mesmo número de candidatos e vagas,

uma coincidência incrível), apareceu nas fotos trajando um caríssimo casaco da Lacoste, marca das mais

desejadas mundo afora. Um casaco daqueles não sai por menos de US$ 200, o que um cubano médio

levaria meses para juntar. Igualdade? Socialismo para os outros, sim, e capitalismo para mim!

Mas é bom saber que a esquerda caviar acha isso pouco, e considera que ser

“explorado” pelos ianques

é o caminho do sucesso para Cuba. O ódio aos ianques desaparece quando todos os dólares dos

consumistas são levados em conta...

A Europa reclama do protecionismo de alguns setores nos Estados Unidos, como o aço e a

agricultura, ao mesmo tempo em que garante o dobro de subsídios agrícolas em seus quintais. Aquele

francês Bovè, um dos maiores bene ciados dessa ausência de competição leal, é o maior crítico da

globalização, e é recebido no Fórum Social Mundial de Porto Alegre com honrarias, justamente pelos

que mais sofrem com esses subsídios paternalistas.

Os esquerdistas criticam violentamente a globalização, mas suas ideologias totalitárias sempre

tentaram avançar mundo afora. A Internacional Socialista (Comintern) tinha metas claramente globais.

Marx fez sua famosa incitação: “Proletários do mundo todo, uni-vos!” Lênin, antes de Stalin, tinha como

meta a “exportação” do comunismo para o mundo todo sob o comando central de Moscou. A

globalização sempre foi a meta dos comunistas.

O que detestam, portanto, não é a globalização em si, mas a globalização liberal e democrática, que

respeita as preferências subjetivas do indivíduo, a soberania dos consumidores. E o mais engraçado é que

esses jovens rebeldes, com coquetéis Molotov em mãos, intitulam-se “pacifistas”. Esquizofrenia pura.

O caso da América Latina é especial. Como colocou o pensador venezuelano Carlos Rangel, “para os

latino-americanos é um escândalo insuportável que um punhado de anglo-saxões, chegados ao

hemisfério muito depois dos espanhóis, tenham se tornado a primeira potência do mundo”. Seria

necessária um mea culpa doloroso para reconhecer nosso fracasso, que acaba levando a uma solução

mais confortável: é tudo culpa do “imperialismo” americano, o bode expiatório de sempre.

A bíblia da esquerda caviar latino-americana é o livro As veias abertas da América Latina, de

Eduardo Galeano. O autor alimenta justamente esse sentimento de vitimização, culpando os ricos pela

pobreza dos pobres. Se os países da região não conseguiram prosperar enquanto o vizinho do norte cou

cada vez mais rico, então claro que uma coisa só pode ser resultado da outra!

Galeano vendeu nada mais do que autoajuda para perdedores, que poderiam agora olhar para cima

sem humilhação, com o dedo em riste acusando o sucesso americano como responsável por nossos

fracassos. E o terceiro-mundismo vende bem lá fora também, para alimentar a elite culpada.

Um exemplo? O sociólogo italiano Domenico de Masi, autor de O ócio criativo (uma espécie de

autoajuda para preguiçosos), veio ao Brasil para repetir que nosso modelo é o melhor que há, que o

Brasil é o melhor dos mundos existentes! O melhor dos mundos possíveis, pois ainda podemos distribuir

a riqueza de forma mais igualitária (cheiro de socialismo no ar?). Segundo o sociólogo, entretanto, teria

chegado a hora de o Brasil propor um modelo para o mundo!

Quando leio isso e penso na miséria do Piauí e do Maranhão, nas favelas cariocas, nos hospitais

públicos, em Brasília e na presidente Dilma, em Renan Calheiros e na in ação alta com crescimento

econômico medíocre, só consigo chegar a uma única conclusão lógica: o ócio “criativo” do próprio

Domenico não fez nada bem à sua cabeça. Talvez tivesse sido melhor ele abandoná-lo para mergulhar

mais em pesquisas sérias...

Um livro muito útil — além de divertido — contra a patologia antiamericana é Manual do perfeito idiota

latino-americano, escrito por Plínio Mendoza, Álvaro Vargas Llosa e Carlos Alberto Montaner. Eles

refutam cada baboseira inventada por Galeano e companhia. Com estilo satírico, conta com um

excelente prefácio escrito por Roberto Campos, no qual escreve:

Boa parte de nosso subdesenvolvimento se explica em termos culturais; ao contrário dos anglo-saxões, que prezam a

racionalidade e a competição, nossos componentes culturais são a cultura ibérica do privilégio, a cultura indígena da

indolência e a cultura negra da magia.

Os latino-americanos não conseguiram criar instituições sólidas como os americanos em prol da

liberdade individual e do império das leis. Caímos constantemente na tentação populista, vítimas do

“jeitinho”, sonhando com um messias salvador que vai, com mão de ferro, decretar o m da miséria. Há

malandro demais para otário de menos. Fracasso atrás de fracasso, resta-nos apontar o dedo para o

irmão rico do norte e culpá-lo por nossas mazelas.

Uma década após o lançamento do livro, o trio atacou novamente com A volta do idiota. Os autores

concluem que, “se pudéssemos deitar o personagem no divã de um analista, descobriríamos complexos

ulcerados e urgências de vingança". O idiota é um "comprador de milagres", e o sonho utópico é uma

fuga para frustrações e desejos reprimidos. "A ideologia lhe permite achar falsas explicações e saídas para

a realidade". As mentiras, repetidas reiteradas vezes, tornam-se verdades absolutas para a vítima.

Há uma atração mágica dos idiotas pelos caudilhos. Hugo Chávez, com seu "socialismo do século

XXI", era o ícone do que os autores chamaram de "esquerda carnívora", aquela mais reacionária de

todas, que ainda consegue pregar o socialismo depois de seu vergonhoso fracasso. Em contrapartida,

chamam de "esquerda vegetariana" aquela que, ao menos, respeita um pouco as inexoráveis leis do

mercado. É o caso brasileiro.

A triste realidade é que o antiamericanismo já virou religião, e que, como sabemos, a fé dispensa a

lógica. O pior cego é aquele que não quer enxergar. Como os cachorros de Pavlov, basta a simples

menção à palavra "neoliberal", por exemplo, para despertar as mais fortes emoções nas pessoas, já

condicionadas a babarem de raiva quando a escutam.

Não consigo entender por que tanto rancor ao "sonho americano". Se acham que é tão ruim assim

viver lá, como explicam a migração constante de diversos povos diferentes em busca desse sonho? Será

que os pioneiros não iriam alertar seus sucessores, em vez de mandarem novas passagens

desesperadamente?

Muitos se sentem agredidos com a “invasão” da cultura americana, do excesso de McDonald’s em

seus países. Não param para pensar que a globalização não uniformiza, mas diversi ca. A reclusão é que

exaure a inspiração. Se temos várias lanchonetes americanas espalhadas pelo mundo, temos também

diversos restaurantes árabes, italianos, japoneses. As trocas entre nações zeram orescer a diversidade

cultural, não o contrário.

Além disso, diferentemente do que muitos costumam a rmar, a cultura americana não se limita às

canções da Madonna e Lady Gaga ou aos lmes de Bruce Willis e Tom Cruise. Os Estados Unidos são

também um país com quase 2 mil orquestras sinfônicas e milhões e milhões de entradas vendidas por

ano para óperas e museus. As vendas anuais de livros são multibilionárias, colocando a “educada” Rússia

no chinelo.

Paulo Francis levantou uma questão incômoda para os invejosos: “Esse é um velho hábito brasileiro.

Achar que os gringos ricos são bobos e que nós, pobretões, somos espertos. Não ca explicado como eles

são ricos e nós, pobres”. Será que os americanos são tão bobos assim?

Os povos se sentem agredidos pela adoção do inglês como língua predominante no mundo. Ora, é

justamente a difusão dele que facilita a comunicação entre diferentes culturas, permitindo que cada povo

possa ter acesso às diversas informações. Imaginem a loucura que seria se tivéssemos que aprender cada

língua diferente para se comunicar ou ler um livro?

O latim já desempenhou esse papel no passado, e não tem nada demais usarmos o inglês como língua

internacional. Isso não impõe de forma alguma a cultura americana aos outros povos; pelo contrário,

facilita a diversi cação cultural. Em vez de a esquerda caviar aplaudir o Esperanto, iniciativa típica da

arrogância que não compreende o caráter evolutivo de uma língua, deveria lutar para que toda escola

ensinasse inglês o mais cedo possível, para integrar nossos alunos ao mundo globalizado.

A ideologia é uma máquina de rejeitar fatos no momento em que estes apresentam risco de

constrangimento. Com tanta evidência de viés e incoerência, o americano pode tirar uma só conclusão:

não é o liberalismo, nem o protecionismo, nem a globalização, nem mesmo o imperialismo que o mundo

condena; são os Estados Unidos! Seu sucesso incomoda. Como julgar, portanto, o unilateralismo deles,

ainda mais quando sabemos no que a ONU se transformou? Como diz Jean-François Revel:

As perfídias frequentemente delirantes do ódio antiamericano, as imputações da mídia, dependendo ora da incompetência

ora da mitomania, a maledicência perseverante que inverte o signi cado de todo acontecimento de maneira a interpretá-

lo, sem exceção, como desfavorável aos Estados Unidos, leva-os ao convencimento da inutilidade de qualquer consulta.

Revel toca na ferida quando diz: “O objetivo do terceiro-mundismo é acusar e, se possível, destruir as

sociedades desenvolvidas, não desenvolver as atrasadas.” Trata-se da velha e conhecida inveja, aquele

sentimento destrutivo que faz o sujeito acreditar que poderia correr mais se seu vizinho quebrasse a

perna.

Mas o pior de tudo é que esse antiamericanismo não vem só de fora dos Estados Unidos, dos povos

mais pobres e recalcados. Não! O antiamericanismo é alimentado por ícones da esquerda caviar dentro

do próprio quintal americano. São os bárbaros dentro da cidade. Nunca é demais lembrar que Roma não

virou ruína apenas por causa de Átila e seus hunos ou outros bárbaros, mas também — e principalmente

— devido à corrupção interna, à degradação de valores dos próprios romanos.

E não pense o leitor que essa revolta toda vem da ala mais humilde. Esses normalmente estão

trabalhando duro em busca do “sonho americano”. Quem dissemina o ódio antiamericano mundo afora

é a elite mesmo, formada pelos artistas e intelectuais, que viram celebridades adoradas pelos

antiamericanos tupiniquins.

Veremos vários exemplos mais à frente. Antes, vamos para a Faixa de Gaza tratar de outra

característica inseparável da esquerda caviar: o antissemitismo, muitas vezes disfarçado de antissionismo.

O ódio a Israel

Imagine uma região com um único e pequeno país democrático, próspero e respeitador dos direitos

individuais e femininos, em meio a vizinhos que vivem sob regimes autoritários, opressores, e que tratam

as mulheres como seres inferiores. Certamente o leitor dirá que esse pequeno símbolo de bom exemplo

será destacado pelos intelectuais e pela mídia do Ocidente, certo? Errado.

Israel é vítima de inúmeras calúnias, assim como um perverso julgamento com duplo padrão. O

máximo que alguns se permitem, por desconhecimento dos fatos, é evitar qualquer julgamento objetivo,

simplesmente colocando palestinos e israelenses no mesmo barco, adotando uma postura “neutra”.

Normalmente, Israel é mesmo o grande alvo dos ataques, principalmente por parte da esquerda caviar.

Israel está longe de ser um país perfeito. Aliás, perfeição não existe e jamais existirá, nunca é demais

lembrar. Levantar a poeira da desinformação, resgatar o contexto da situação e

julgar imparcialmente os

envolvidos não é o mesmo que inocentar por completo um dos lados. É somente dar os devidos pesos aos

fatos. Israel merece críticas, claro. Mas tem sido vítima de ataques infundados, parciais e injustos, fruto

de interesses obscuros ou puro preconceito.

Como prova disso, basta citar que a Assembleia Geral das Nações Unidas no ano de 2012 adotou 22

resoluções especí cas condenatórias contra Israel, e apenas quatro sobre o resto do mundo combinado,

para Síria, Irã, Coreia do Norte e a Birmânia.

Segundo Dore Gold, em Tower of Babble , a ONU voltou 30% de suas resoluções de Direitos

Humanos nos últimos 35 anos para o minúsculo Estado de Israel. Como concluiu Osias Wurman,

cônsul honorário de Israel no Rio, em um artigo no jornal O Globo: “O ataque desproporcional da ONU

contra o Estado Judeu mina totalmente a credibilidade do que seria um órgão imparcial e respeitado

internacionalmente.”

Isso cou mais do que evidente quando um ataque palestino suicida, em janeiro de 2004, matou onze

israelenses e feriu quase cinquenta pessoas. Ko Annan, falando em nome da ONU, adotou a postura

covarde de equivalência moral e apelou em seu comunicado para que ambos os lados tentassem se livrar

do ódio e devotar toda a energia à paz. Compare essa “imparcialidade” com a declaração de Colin

Powell, em nome dos americanos: “Uma vez mais, terroristas mataram pessoas inocentes.”

Yasser Arafat, pouco tempo depois de seu grupo praticar atentados terroristas, foi falar na ONU

vestindo uniforme militar e carregando uma pistola sob o casaco. Seu discurso foi altamente beligerante,

mas ovacionado pelos presentes. Como esperar da ONU alguma imparcialidade quando o assunto é

Israel?

A primeira acusação contra aquele país costuma dizer respeito ao próprio direito de a nação judaica

existir. Muitos antissemitas se escondem sob o manto do ataque apenas a Israel, e não aos judeus.

Alegam ser antissionistas, não antissemitas. Mas isso é balela. Os judeus vivem naquela região há

milênios. Desde 1880 que judeus europeus, em números signi cativos, deslocaram-se e estabeleceram-se

no espaço onde hoje é Israel.

Quem aceita a Austrália como nação legítima não pode questionar a legitimidade da presença judaica

onde é Israel. Várias nações surgiram por decisões políticas e diplomáticas, mas Israel parece ser a única

julgada como não merecedora do direito de existir.

As terras adquiridas pelos judeus no Oriente Médio não foram fruto de

colonização, mas sim

compradas, muitas vezes de especuladores árabes que viviam no Líbano. Eram terras pobres, e os

compradores eram refugiados de regimes opressores, que procuravam uma nova chance em um lugar

onde seus ancestrais viveram e de onde foram expulsos.

A Judeia mudou de nome para Palestina no começo da era pós-Cristo, quando os judeus foram

expulsos pelos romanos. Mas a região nunca deixou de contar com numeroso contingente judaico.

Muitos viviam paci camente com os árabes, até que Maomé desferiu atrocidades contra seu novo

inimigo, chegando a massacrar homens, mulheres e crianças judias.

O ato mais cruel dos muçulmanos liderados por Maomé ocorreu na batalha contra o clã Bani

Qurayzah, de judeus árabes. Derrotados os judeus e condenados à morte, valas estreitas foram cavadas,

sendo então um por um, dos cerca de setecentos homens, deitados e decapitados com um golpe de

espada, com os corpos jogados nos buracos.

O relato consta na biogra a do profeta Maomé escrita por Barnaby Rogerson. A carni cina durou o

dia todo, tendo sido o último grupo executado à luz de tochas. A brutalidade desse ato espalhou ondas

de choque por toda a Arábia. Uma estranha maneira, para dizer o mínimo, de se pregar a palavra de

Deus.

Para aqueles que repetem que o Islã prega a paz e o amor, convém voltar às suas origens. As ordens do

profeta eram claras: “Jamais podem existir duas religiões na Arábia.” Outras passagens do Alcorão

apagam qualquer margem a dúvidas: “Quando enfrentardes os que descreem, golpeai-os no pescoço”;

“Se não sairdes para lutar, Deus vos castigará severamente e outros porá no vosso lugar”; “Onde quer que

encontreis politeístas, matai-os, sujeitai-os, vencei-os, emboscai-os”.

Ainda assim, Tel Aviv foi uma cidade predominantemente judaica desde a sua fundação, em 1909. O

argumento de que Israel é colonizador na origem e não tem sequer o direito à existência é injusto e falso.

Não se sustenta pelos fatos históricos.

A Palestina sempre foi dividida em várias partes territoriais, sendo que a maior delas era governada,

de Damasco, por um paxá. Mas não se pode dizer que os palestinos habitavam uma “nação” palestina

antes da criação de Israel. A edição de 1911 da Encyclopaedia Britannica descreveu a população da

Palestina como compreendendo grupos “étnicos” muito diferentes, falando não menos que cinquenta

línguas. Eram vastas milhas sem habitação alguma, e tribos de beduínos espalhadas pela região.

Nunca houve uma união em forma de nação, criando uma Palestina única. Os

judeus ocuparam,

legal e paci camente, uma pequena parcela desse vasto território, transformada em nação, por medidas

de segurança, após a Segunda Guerra, quando ficara evidente a inviabilidade de convivência mútua entre

judeus e muçulmanos, cujos líderes haviam apoiado abertamente o nazismo de Hitler.

Já na Primeira Guerra os árabes muçulmanos lutaram, em sua maioria, ao lado dos imperialistas

otomanos e, mesmo derrotados, caram com cerca de 80% do território. O primeiro estado estabelecido

na Palestina foi um emirado, chamado Transjordânia, exclusivamente árabe. Havia, porém, clara

oposição à formação de um estado judaico, e os líderes árabes começaram a exigir a eliminação de

qualquer presença judaica na Palestina. Muitos gritavam que “a religião de Maomé nasceu com a

espada”.

Os ocidentais, em especial os britânicos, acreditaram que a centralização do poder nas mãos de um

religioso ou político facilitaria o controle da região. Husseini foi escolhido, mas tratava-se de um

antissemita virulento, com declarado ódio aos judeus. O líder dos palestinos aproximou-se de Hitler, e

insistiu que sua “solução nal” chegasse à Palestina, liquidando os judeus do mapa. Em 1929, ocorreu o

massacre de Hebron, quando sessenta judeus foram mortos e o restante, expulso da cidade.

Em 1937, a divisão em dois estados foi proposta, e os judeus aceitaram de imediato, enquanto os

árabes rejeitaram. Demandavam que a Palestina casse sob total controle árabe, e que os judeus fossem

transferidos a outro país. Durante o Holocausto, a suástica se tornaria um símbolo bem recebido entre

muitos palestinos, e a SS daria tanto apoio nanceiro como logístico aos pogroms antissemitas na

Palestina.

Em 1944, uma unidade de comando árabe-alemã, sob as ordens de Husseini, foi lançada na Palestina

num esforço para envenenar os poços de Tel Aviv. Mesmo estando novamente do lado perdedor da

guerra, várias vantagens seriam oferecidas aos palestinos após a queda de Hitler. Mas não era su ciente.

Os judeus tinham de sumir dali, e a criação de Israel, para proteção dos judeus, nunca foi aceita.

Israel ocupa algo como 0,5% do território do Oriente Médio, e um trecho sem uma gota de petróleo.

Não aceitam nem isso. Há uma charge que resume com perfeição a situação: inúmeras cadeiras do lado

esquerdo, com o nome dos países todos (Líbia, Egito, Síria, Jordânia, Iraque, Irã, Arábia Saudita etc.), e

um árabe gritando para um isolado judeu, sozinho do lado direito, que estaria sentado em sua cadeira.

Várias nações muçulmanas, lideradas pelo Egito, atacaram Israel, tendo como alvos os civis inocentes.

Suas bases militares eram deliberadamente cercadas por escudos civis, para que qualquer reação

israelense causasse danos a inocentes, afetando sua imagem frente à opinião pública. Apenas a perfídia

impede alguém de notar a diferença moral entre alvejar expressamente civis e atingir acidentalmente

civis, defendendo-se.

Em 1967, uma nova guerra contra os judeus teve início, pelas claras iniciativas de Gamal Nasser, que

considerava a própria existência de Israel uma “agressão”. Os exércitos árabes estavam aglomerados ao

longo da fronteira israelense, prontos a atacar. Os planos de guerra egípcios incluíam o massacre da

população civil de Tel Aviv. Israel, no entanto, derrotaria seus inimigos na Guerra dos Seis Dias, com um

número de baixas civis árabes menor que em qualquer confronto comparável.

O resultado foi a “ocupação” dos territórios invadidos em 1948 pelos países liderados pelo Egito. A

pressão internacional, liderada pela URSS, era para que Israel devolvesse o território todo. Até mesmo o

presidente americano esquerdista, Lyndon Johnson, reconheceu que isso seria um convite a novos

ataques contra Israel, uma recompensa pela agressão. Mas, até hoje, a esquerda caviar acusa Israel pela

“ocupação”, ignorando todo o contexto em que ocorreu.

Em outubro de 1973, o Egito e a Síria desfecharam ataques-surpresa contra Israel no Yom Kippur, o

dia mais sagrado do ano judaico. Israel possui armas nucleares desde os anos 1960, mas jamais as usou,

mesmo nessa guerra absurda. Ainda assim, acusam de genocida aquele que se defendia de forma

moderada dos inimigos fanáticos, cujo único objetivo é “varrer Israel do mapa”.

*

Israel simplesmente não pode existir. O terrorismo é adotado como prática comum para esse m:

exterminar o povo judeu. Nada, além disso, seria aceito pelos líderes palestinos. A existência do inimigo

externo, contudo, serve como escusa ao totalitarismo interno. O falecido Yasser Arafat, ídolo da

esquerda caviar, não negou tal objetivo, ao declarar que sua organização terrorista OLP planejava

“eliminar o Estado de Israel e estabelecer um Estado puramente palestino”. Mereceu o Nobel da Paz em

troca!

Arafat, acusado de desviar milhões de dólares da OLP, continuou: tornaria “a vida impossível para os

judeus através de guerra psicológica e explosão populacional”. Enquanto sua mulher e lha viviam

confortavelmente na França, lhos de palestinos, alguns com apenas treze anos, eram mandados, pelo

líder, como bombas humanas para o assassinato de crianças, mulheres e idosos judeus.

Até mesmo um de ciente físico foi jogado ao mar em um sequestro de navio pelos terroristas

palestinos. Suas ações incluem bombas em sinagogas, discotecas, jardim-de-infância, aviões e centros

comerciais. Ainda assim, a ONU recebia Arafat como um respeitado líder. O método estava

funcionando, e os ataques terroristas, portanto, intensi caram-se. A Intifada de Arafat chegou ao ápice

de violência simultaneamente ao pico de aprovação que ele recebia da esquerda.

O duplo padrão do julgamento internacional deixa evidente o viés antissemita. A ocupação da

Palestina pela Jordânia e pelo Egito jamais foi condenada pela ONU, tampouco mereceu preocupação de

grupos defensores de direitos humanos. O fato de os próprios árabes e muçulmanos serem os maiores

assassinos dos palestinos nunca foi duramente criticado.

Israel é sempre o culpado. O Tibete foi tomado pela China comunista, teve boa parte de seu povo

dizimada sem qualquer motivo, mas a “ocupação” de Israel na Palestina recebe in nitamente mais

atenção da mídia, e a ONU jamais condenou a China por isso.

Se Israel consegue matar um terrorista palestino em um ataque cirúrgico, a ação é classi cada como

“terrorismo de estado”. Até mesmo um muro construído por Israel foi

condenado, comparado ao Muro

de Berlim, ignorando-se a obviedade de que um tenta impedir a entrada de terroristas e o outro, a saída

do próprio povo escravo.

Quando o governo de Israel criou uma linha exclusiva de ônibus para que os palestinos que

trabalham no país atravessassem a fronteira, houve forte reação, e logo propuseram uma aviltante

comparação com o apartheid (Carlos Heitor Cony foi um deles, na rádio CBN). Curiosamente, nenhum

desses “especialistas” fez a pergunta mais importante: por acaso há algum judeu trabalhando no lado

palestino e gozando de proteção e segurança? Pois é...

Não adianta: qualquer ação que Israel tome para combater o terrorismo e proteger seu povo será vista

como condenável. É a sua própria existência que não aceitam. A prova de que os líderes palestinos não

querem de fato a paz está na oferta de Ehud Barak feita nas conversas em Camp David, em 2000. Foi

recusada por Arafat, que sequer apresentou uma contraproposta.

Os judeus cederam em praticamente todas as demandas, inclusive a de um Estado Palestino com a

capital em Jerusalém, o controle do Monte do Templo, a devolução de aproximadamente 95% da

margem ocidental e toda a Faixa de Gaza, e um pacote de compensação de 30 bilhões de dólares para os

refugiados de 1948.

O príncipe saudita Bandar exortou Arafat a aceitar a generosa oferta, a rmando que rejeitá-la seria

um crime. Arafat, entretanto, escolheu o crime, pois seu terrorismo dependia da manutenção do inimigo,

do bode expiatório. Como resultado, milhares de inocentes pagaram com suas vidas essa decisão

absurda, com a intensi cação dos ataques terroristas que se seguiram, tática deliberada do líder

palestino.

A OLP, fundada em 1964, era integrada pelo Fatah, um grupo nacionalista de esquerda; pela Frente

Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), um grupo comunista; e pela Frente Democrática para a

Libertação da Palestina (FDLP), também de inclinação comunista. Esse casamento entre islamismo e

comunismo não poderia, jamais, produzir algo bom, que respeitasse de fato, e não apenas no discurso, os

valores democráticos.

Outra prova de que a liderança palestina não quer a paz está no próprio estatuto do Hamas, de 1988,

que declara que “não há solução para o problema palestino a não ser pela jihad”, a guerra santa

muçulmana. Não podemos dizer ao certo quanto da população palestina aprova o terrorismo. O regime

autoritário de terror impede a livre expressão do povo, e somente a democracia

faria com que a real

intenção fosse exposta. Dificilmente, porém, a maioria de um povo prefere a guerra.

Temos de levar em conta também, contudo, que são anos de lavagem cerebral, colocando os judeus

como o próprio demônio, que precisa ser eliminado. O terrorismo não nasceu do desespero palestino,

mas é uma tática racional de seus líderes, que funciona. Combater isso com a diplomacia parece uma

grande utopia. Israel, entretanto, é sempre condenado ao tentar se defender dos terroristas, que cada vez

mais miram em alvos chocantes, como pequenas crianças.

O Hamas, aliás, é mais um exemplo, entre tantos, de como o fanatismo ainda encontra terreno fértil

no mundo islâmico. O corajoso relato de Mosab Hassan Yousef, presente no livro Filho do Hamas, vem

bem a calhar, pois seu ponto de vista é privilegiado. A nal, Mosab era lho de um dos sete fundadores

do Hamas, foi preso como terrorista ainda aos dezessete anos, aceitou ser espião de Israel, e acabou se

convertendo ao cristianismo.

Ele viu o absurdo da lavagem cerebral contra o “inimigo mortal” bem de dentro, em sua casa, entre

seus vizinhos. Mais tarde, foi obrigado a reconhecer: “Para o Hamas, o problema supremo não era a

política de Israel. Era Israel em si, a existência daquele estado-nação.”

Como enfrentar um inimigo que simplesmente não aceita sua existência? Como dialogar com gente

que, segundo seus próprios escritos sagrados, compara seu povo a porcos e macacos? Mosab é levado a

constatar um sentimento que ele mesmo sentiu na pele, estimulado pela situação de humilhação perante

o poderio israelense e pela intensa lavagem cerebral: “Para aqueles jovens, [...] a luta se tornou o objetivo

em si; não era mais um meio para se chegar a um fim, e sim um fim em si mesmo”.

Israel é usado como bode expiatório, e a esquerda caviar adora sonhar com a ideia de que, não fosse a

presença judaica ali, tudo seria um mar de calmaria. Que doce ilusão! O próprio Mosab, por sinal,

acordou para o ridículo desse sonho:

Perguntei a mim mesmo o que os palestinos fariam se Israel deixasse de existir, se as coisas não apenas voltassem a ser

como antes de 1948, mas se todo o povo judeu abandonasse a Terra Santa e voltasse a se espalhar pelo mundo. Pela

primeira vez, eu sabia a resposta. Ainda lutaríamos. Por nada. Por causa de uma garota que não estivesse usando um véu.

Para saber quem era mais durão e importante. Para decidir quem ditaria as regras e quem conseguiria o melhor lugar.

Bem-vindo à natureza humana. Mas os radicais islâmicos e os nacionalistas palestinos não querem

enfrentar essa realidade. Preferem seguir com a crença de que Israel é a razão de todos os seus problemas,

e que precisa ser eliminado. E a “comunidade internacional”, por sua vez, não aceita que Israel se

defenda em meio a esse cenário absurdo.

Como diz Alan Dershowitz, em seu livro Em defesa de Israel, “o contexto é essencial para qualquer

avaliação justa do comportamento de uma nação”. Existe uma clara disposição da “comunidade

internacional” de mostrar Israel como único ou “principal” violador de direitos humanos, ignorando

comparações com nações que vivem situação similar, como os russos na Chechênia e os franceses na

Argélia.

Um erro não justi ca outro, e Israel comete os seus. Qualquer país que viva há tanto tempo sob tanta

pressão, tendo que se proteger como pode, acabará cometendo abusos, perdendo parte do controle sobre

seus cidadãos ou, principalmente, sobre alguns militares. Mas aquele que não analisa os fatos friamente,

com imparcialidade, julga a partir de um grande preconceito.

Somente isso explica os brados contra Israel e o silêncio sobre os demais. Apenas a má-fé ou a

ignorância justi cam uma condenação unilateral a Israel, ou mesmo a relativização, nesse con ito entre

palestinos e judeus. Segundo Dershowitz: “A imparcialidade em relação àqueles cujas ações não são

equivalentes do ponto de vista moral é uma forma artificial de simetria imoral e

perigosa”.

Como colocar no mesmo patamar um povo que faz de tudo para proteger as suas crianças e

minimizar as perdas de inocentes do lado inimigo, e outro que tenta deliberadamente matar as crianças

dos seus inimigos e usar as suas próprias como escudos humanos ou bombas? Não perceber tamanha

discrepância só pode ser fruto da suspensão da razão.

O que poderia explicar esse viés contra Israel, então? Novamente, podemos procurar nas mesmas

origens da esquerda caviar essas explicações. O principal alvo desses esquerdistas é a única democracia

estabelecida naquela região, o país com pilares ocidentais mais parecidos com os nossos, com um respeito

às mulheres longe de ser visto nos vizinhos muçulmanos, e bem mais próspero. Ataca-se, uma vez mais,

o sucesso e a liberdade.

Israel é um país pequeno, criado apenas em 1948, contando hoje com pouco mais de 7 milhões de

habitantes. Ao contrário de seus vizinhos, não possui recursos naturais abundantes, e precisa importar

petróleo. Entretanto, o telefone celular foi desenvolvido lá, pela lial da Motorola. A maior parte do

sistema operacional do Windows XP foi desenvolvida pela Microsoft de Israel.

O microprocessador Pentium-4 foi desenvolvido pela Intel em Israel. A tecnologia da “caixa postal”

foi desenvolvida em Israel. Microso e Cisco construíram unidades de pesquisa e desenvolvimento em

Israel. Em resumo, o país possui uma das indústrias de tecnologia mais avançadas do mundo.

O PIB de Israel, acima de US$ 200 bilhões por ano, é muito superior ao de seus vizinhos islâmicos. A

renda per capita é de quase US$ 30 mil. Apesar da pequena população e da ausência de recursos

naturais, as empresas israelenses exportam mais de US$ 50 bilhões por ano. A penetração da internet é

uma das maiores do mundo. O país possui a maior proporção mundial de títulos universitários em

relação à população. Lá são produzidos mais artigos cientí cos per capita que em qualquer outro país.

Possui o maior IDH do Oriente.

Segundo Niall Ferguson em Civilização, Israel registrou 7.652 patentes entre 1980 e 2000,

comparadas a somente 367 de todos os países árabes combinados. Não custa lembrar que tudo isso foi

conquistado sob constante ameaça terrorista dos vizinhos, o que forçaria um pesado gasto militar do

governo. Ainda assim, o país despontou no campo cientí co e tecnológico, oferecendo enormes avanços

para a humanidade.

E esse avanço tecnológico não se limita aos aparelhos eletrônicos voltados para lazer e trabalho. Há

enormes conquistas na área medicinal também, como um aparelho que serve para diagnosticar câncer de

estômago pelo hálito. Esse tipo de descoberta salva inúmeras vidas, inclusive de pessoas que adoram

condenar Israel por todos os pecados do mundo. A beleza do capitalismo é que é impessoal.

Contando com cerca de 0,2% da população mundial e 2% da população americana, os judeus

ganharam 22% de todos os Prêmios Nobel, 20% de todas as Medalhas Fields de matemática e 67% das

medalhas John Clarke Bates para melhores economistas abaixo de quarenta anos. Os judeus ganharam

ainda 38% de todos os Oscar de melhor diretor, 20% dos Prêmios Pulitizer de não- cção e 13% dos

Grammy Lifetime Achievement Awards. Algum fator cultural deve explicar tanto sucesso.

Quando comparamos a realidade israelense com a situação miserável da maioria dos vizinhos, ca

mais fácil entender parte do ódio que é alimentado contra os judeus. Claro que fatores religiosos pesam,

assim como o interesse de autoridades islâmicas no clima de guerra. Nada como um inimigo externo

para justi car atrocidades domésticas. Mas as gritantes diferenças econômicas e sociais sem dúvida

adicionam lenha à fogueira.

Israel não é um paraíso. Longe disso. Seu governo, como todos os governos, comete abusos que

merecem críticas. Mas, perto da realidade de seus vizinhos islâmicos, o contraste é chocante. Será que isso

tem alguma ligação com o ódio a Israel e o constante uso de critérios parciais na hora de julgar os

acontecimentos na região?

A esquerda caviar pega o sucesso e o ambiente de liberdade e respeito às minorias existentes somente

em Israel, ao menos naquela região, e transforma isso em vilania, enquanto enaltece o lado palestino,

com mulheres tratadas como seres inferiores e o indivíduo como submisso (Islã, aliás, signi ca

“submissão”). Faz vista grossa para todos esses defeitos dos países muçulmanos, enquanto joga uma lupa

para os mínimos problemas em Israel.

O islamismo ainda não passou por seu iluminismo. A maior pesquisa de opinião já realizada com os

muçulmanos de vários países diferentes, feita pelo Pew Research Center, constatou que mais da metade

gostaria de viver sob a sharia, a lei islâmica. Impressionantes 85% pensam que as mulheres devem sempre

obedecer a seus maridos, 80% consideram o consumo de álcool imoral e 90% consideram a

homossexualidade imoral. João Pereira Coutinho, em coluna da Folha, escreveu sobre o estudo:

Conclusões? Não, não existe uma relação imediata entre o Islã e o terrorismo, exceto na cabeça dos terroristas (fato a que

somos alheios). Mas, por outro lado, este magistral estudo mostra como as vagas de modernidade que permitiram as

liberdades do Ocidente — da reforma religiosa ao iluminismo secular — ainda não chegaram ao Islã. E, sem elas, será

difícil resgatar essas sociedades do autoritarismo, da pobreza, da intolerância — e, em certos casos, dos extremistas que

matam em nome da fé.

Existem islâmicos que tentam reformar sua religião, modernizar sua cultura. São corajosos, pois

enfrentam riscos enormes de vida. É o caso de Ayaan Hirsi Ali, exilada somali, que critica o

fundamentalismo islâmico e luta pelos direitos da mulher muçulmana.

Ela fez, junto com o cineasta eo van Gogh, o lme Submissão, sobre a situação da mulher

muçulmana. eo foi morto a tiros em Amsterdam por um marroquino, que o degolou e lhe cravou no

peito uma carta, anunciando que Ayaan seria a próxima vítima. Sua história está relatada na imperdível

biogra a Infiel, mostrando que não é brincadeira de criança desa ar o atraso islâmico. Eis o relato que

faz dos tempos de criança na Arábia Saudita:

Na Arábia Saudita, tudo de ruim era atribuído aos judeus. Se o ar-condicionado encrencasse ou se faltasse água

subitamente, as vizinhas diziam que era por culpa dos judeus. As crianças aprendiam a rezar pela saúde dos pais e pela

destruição dos judeus. Depois, quando começamos a ir à escola, os professores

des avam, demoradamente, as malvadezas

que os judeus tinham feito e pretendiam fazer com os maometanos.

Pergunto: o que esperar de um povo “educado” dessa forma? Os judeus se tornam os bodes expiatórios

para todo tipo de problema, alimentando na população islâmica um desejo de vingança absurdo. A

intensa lavagem cerebral não poupa ninguém, e começa muito cedo. Lutar contra isso, para os poucos

que acordam, é extremamente arriscado.

Para di cultar ainda mais, esses reformadores não contam com o apoio dos intelectuais e artistas da

esquerda caviar aboletados no conforto ocidental. Ao contrário: essa elite costuma elogiar justamente os

líderes radicais do Islã que mantêm o povo escravizado e que procuram uma guerra santa contra o

Ocidente.

Assim como o fascismo e o comunismo, o islamismo trata o indivíduo como um meio sacri cável pelo

“bem” coletivo. Seu denominador comum é a busca por um paraíso que, para ser alcançado, precisa

destruir seus inimigos antes. Das cinzas, tal como Fênix, um novo mundo perfeito renascerá, apenas para

os escolhidos ou convertidos. Ayaan diz sobre sua religião:

O profeta Maomé procurou legislar cada aspecto da vida. Ao aderir à sua noção do permitido e do proibido, nós,

muçulmanos, renunciamos à liberdade de pensar e de agir por livre escolha.

Fixamos a visão moral de bilhões de seres

humanos na mentalidade do deserto árabe do século VII. Não éramos apenas servos de Alá, éramos escravos.

Essas ideologias abraçam verdadeiros cultos da morte, e toda a celebração pela vida é condenada. A

dança, o álcool e a diversão são vistos como pecaminosos, o caminho para o inferno. Hugh Johnson, em

A história do vinho, conta que um discípulo do profeta, natural de Meca, pôs-se a declamar um poema

nada lisonjeiro sobre a tribo de Medina. Diante disso, outro discípulo apanhou um osso e assentou-o na

cabeça do declamador irreverente.

Maomé não gostou da cena, e perguntou ao Altíssimo como deveria agir para manter seus discípulos

na linha. Logo veio a resposta, através do próprio Maomé:

Fiéis, o vinho e os jogos de azar, os ídolos e as echas divinatórias são abominações criadas por Satanás. Evitai-os para

que possais prosperar. Por meio do vinho e do jogo, Satanás procura instigar a inimizade e o ódio entre vós e afastar-vos

da lembrança de Alá e de vossas preces. Não vos abstereis de tais coisas?

Os vinhos foram então, pelo que dizem os estudiosos islâmicos, despejados nas ruas. “Assim”, conclui

Johnson, “uma das principais características do estilo de vida muçulmano deveu-se a uma briga (que

pode ter sido ou não entre bêbados)”. O el que transgredir essa regra pode levar até oitenta chibatadas.

Enquanto outras culturas tinham deuses para o vinho, como Baco ou Dionísio, os muçulmanos o

enxergam como obra de Satanás.

Como disse Karl Kraus: “Que são todas as orgias de Baco comparadas à embriaguez daquele que se

entrega sem freio à abstinência?” Roger Scruton chegou a escrever um livro sobre a importância do vinho

na cultura ocidental, que considera um lubri cante para a sociedade. A bebida social serve para quebrar

o gelo e unir estranhos, para descontrair, para suavizar o convívio.

Mas divago. O fato é que o Islã alimenta esse fundamentalismo que tolhe completamente a liberdade

individual, o foco na felicidade de cada um, aqui nessa vida. O aiatolá Khomeini chegou a declarar que

não existiam piadas no Islã. Uma civilização que não consegue rir de si mesma está doente, em perigoso

estágio de declínio. Toma tudo como grave ofensa, não tem jogo de cintura, e assim perde um

fundamental método crítico. Como disse Henri Bergson em O riso:

Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades, mantêm constantemente vigilantes e em contato recíproco certas

atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; exibiliza en m tudo o que pode restar de

rigidez mecânica na superfície do corpo social. O riso, portanto, não é da alçada da estética pura, pois persegue (de modo

inconsciente e até imoral em muitos casos particulares) um objetivo útil de

aperfeiçoamento geral.

Pobre da sociedade que não sabe rir de si própria! Nela, o mártir é visto como o grande herói. O soldado

comunista que morre pela causa, o jovem fascista que está disposto ao sacrifício em nome do todo, o

terrorista que se explode pela jihad, esses são os ícones dessa luta insana contra o indivíduo e sua

liberdade. É preciso destruir antes para construir depois.

Essa inclinação pela morte não é novidade no Islã. Na Idade Média, uma seita de fanáticos assassinos

surgiu no Irã e se espalhou pelas montanhas sírias e libanesas. A fama do grupo se alastrou até o mundo

cristão, que cou surpreso com a delidade de seus membros, mais até que com sua ferocidade. Seu

líder, conhecido como o Velho da montanha, possuía cerca de 60 mil seguidores, segundo alguns relatos

da época especulavam.

Para Bernard Lewis, especialista no Islã e autor de Os assassinos, os paralelos dessa época com a

atualidade são incríveis. A maioria dos alvos da seita era formada pelos próprios muçulmanos, muitas

vezes autoridades estabelecidas. Quando o Velho tinha de matar algum príncipe, escolhia um dos jovens

seguidores e dizia: “Vai tu e mata Fulano; e, quando retornares, meus anjos te levarão para o paraíso. E,

se acaso morreres, não obstante, ainda assim enviarei meus anjos para carregar-

te de volta para o

paraíso.”

Conta-se que o Velho oferecia haxixe como entorpecente para seus jovens seguidores. Ele fazia-os

acreditar no seu poder de lhes oferecer o paraíso, e isso possibilitava que os assassinos enfrentassem

qualquer perigo. A crença, através do fanatismo religioso, inspirava os atacantes até o momento da

morte. Lewis explica:

Sua religião, cada vez mais, adquire as características mágicas e emocionais, as esperanças milenares e de redenção,

associada aos cultos dos desapossados, dos destituídos de privilégios e dos instáveis.

Como podemos ver, os fundamentalistas islâmicos modernos são os herdeiros desses assassinos. A Al-

Qaeda de Osama bin Laden se assemelha em vários aspectos à seita de Hasã. Claro que a culpa em si

reside no fanatismo, mas não é possível negar que a religião fornece os pretextos adequados. O próprio

Lewis escreve, em A crise do islã, que, “Segundo a lei islâmica, está de acordo com as escrituras fazer

guerra contra quatro tipos de inimigos: in éis, apóstatas, rebeldes e bandidos”. A jihad é uma obrigação

religiosa.

A maioria dos terroristas islâmicos não é formada por miseráveis. O próprio Osama bin Laden vinha

de família extremamente rica. Muitos de seus seguidores são pessoas que foram educadas, inclusive no

Ocidente. Mais da metade dos terroristas suicidas da Palestina frequentaram uma faculdade.

Não estão em busca de “justiça social”; não são os “oprimidos” da cartilha marxista. Agem por

fanatismo religioso, alimentado por um profundo senso de alienação, de humilhação, de culpa por seus

privilégios e desejos em uma sociedade que condena totalmente tais desejos e impulsos.

Bernard Lewis a rma: “A maior parte dos muçulmanos não é composta de fundamentalistas e a

maior parte desses não é terrorista, mas a maior parte dos terroristas atuais é muçulmana e tem orgulho

de se identi car como tal.” E eu acrescentaria: sob o entusiasmado apoio de boa parte da esquerda caviar

no Ocidente!

O culto ao multiculturalismo

Vimos que o típico esquerdista caviar condena os Estados Unidos e Israel por quase todos os males do

mundo. O passo lógico seguinte é enaltecer as demais culturas, valorizar os outros povos para que a

civilização judaico-cristã, representada por esses dois países, não seja vista como mais avançada.

O multiculturalismo atende perfeitamente a esse anseio. Caracteriza-se pela completa suspensão do

julgamento objetivo sobre as culturas. Ninguém pode mais analisar com alguma imparcialidade hábitos,

costumes e leis dos povos. Fazer isso é ser um etnocentrista, um elitista arrogante, um preconceituoso,

praticamente um nazista.

Curiosamente, a esquerda caviar só lembra disso quando para falar daquelas culturas mais atrasadas e

bárbaras, pois, no momento em que o próprio Ocidente está no banco dos réus, as críticas são violentas.

Mas temos de perguntar: quando um pai corta o rosto de seu lho ainda bebê e o deixa todo

ensanguentado, tudo para “demonstrar” sua fé em Alá, estamos diante de algo “apenas diferente” ou da

barbárie?

Cortar o clitóris de meninas, obrigar as mulheres a usar burca ou apedrejá-las por adultério são

“apenas” diferenças culturais? Vejam o relato de Ayaan Hirsi Ali, presente na biogra a Infiel, já

mencionada:

Na Somália, como em muitos outros países africanos e do Oriente Próximo, as meninas são puri cadas mediante a

ablação da genitália. Não há outro modo de descrever esse procedimento, que costuma ocorrer por volta dos cinco anos

de idade. Uma vez escavados, raspados ou, nos lugares mais benevolentes, simplesmente cortados ou extraídos o clitóris e

os pequenos lábios da garota, geralmente toda região é costurada de modo a

formar uma grossa faixa de tecido, um cinto

de castidade feito da própria carne da criança. Um pequeno orifício no lugar adequado permite um no uxo de urina. Só

com muita força é possível alargar o tecido cicatrizado para o coito.

Ayaan foi uma que sofreu isso na pele, com apenas cinco anos. Apenas diferença cultural ou atraso,

barbárie? Perdemos a capacidade de julgar? O presidente Obama chegou a rejeitar a ideia de que as

mulheres que “escolhem” usar burca são menos iguais que as outras. Um ato de muita “coragem”. Resta

perguntar o que pensa das mulheres islâmicas que decidem não usar a burca em certos locais. Muitas

acabam espancadas ou marginalizadas. E não só no Iêmen, como no próprio Ocidente!

O caso de Ayaan é um dos exemplos de sucesso de assimilação. Ela foi capaz de absorver os valores

ocidentais, tornando-se inclusive deputada na Holanda. Mas os multiculturalistas pregam o contrário: a

segregação, com a desculpa de preservar os valores de suas culturas ou crenças anteriores. Ayaan explica

como isso fracassou na Holanda, o que serve para os demais países também:

O multiculturalismo holandês — o respeito pelo modo islâmico de fazer as coisas — não dava certo. Deixava muitas

mulheres e crianças despojadas de direitos. O país tentava ser tolerante em nome do consenso, mas esse consenso era oco.

Preservava-se a cultura dos imigrantes à custa das mulheres e das crianças e em

detrimento da integração dos próprios

imigrantes. Muitos maometanos se recusavam a aprender holandês e rejeitavam os valores de tolerância e liberdade

pessoal.

Hoje há muitos holandeses cientes do erro e tentando reverter o multiculturalismo. Espera-se que

consigam. Aqueles que não estão convencidos da urgente importância disso deveriam ler o relato de

outro muçulmano, Ibn Warraq, presente no livro Why the West is Best, uma defesa da democracia

liberal do Ocidente.

O autor procura desfazer o estrago causado por intelectuais do próprio Ocidente, como Susan Sontag,

Edward Said e Noam Chomsky, que ajudaram a disseminar o relativismo moral e o multiculturalismo,

que minaram os principais valores ocidentais. Para ele, o relativismo cultural no Ocidente desencoraja

julgamentos interculturais, impedindo, assim, a reforma das injustiças do mundo e inibindo a defesa da

civilização ocidental.

A esquerda caviar gosta de destacar o multiculturalismo como um valor em si, e se especializou em

atacar os valores de sua própria cultura mais avançada. Quando os imigrantes praticam delitos, é culpa

do Ocidente, que choca seus valores. E, quando alguma atrocidade é cometida por ocidentais, isso é

prova de seu “atraso”. Aqui, como alhures, o duplo padrão sempre estará presente. Cito Mark Steyn, em

After America: Get Ready for Armageddon, pois seu alerta pessimista parece bastante pertinente:

Na verdade, o culto do relativismo absolutista é um tipo de ação a rmativa contra a sua própria civilização: em qualquer

disputa entre o Ocidente ilimitadamente tolerante e um Islã altamente intolerante, a culpa deve ser do primeiro por ser

insu cientemente tolerante com a intolerância do último. Uma sociedade liderada por homens com um tal impulso

autodestrutivo vai ter o seu desejo atendido, e muito em breve, e merecidamente.

Uma cultura é, segundo a de nição da Enciclopédia Britânica, um padrão integrado de conhecimento

humano, crenças e comportamentos que são resultados da capacidade humana de aprendizagem e

transmissão de informação para as gerações seguintes. Cultura consiste, então, em língua, ideias, crenças,

mitos, costumes, códigos de conduta, instituições, ferramentas, técnicas, rituais, arte, símbolos. A cultura

de um povo pode evoluir com o tempo.

A globalização é multicultural por essência. Culturas podem aprender umas com as outras. A mistura

tende a enriquecê-las. Mas isso não é o mesmo que a rmar a igualdade entre todas. Algumas avançaram

mais, conseguiram criar pilares mais civilizados, domaram um pouco a barbárie presente em todos nós.

Não reconhecer isso é muita covardia moral, muita cegueira.

omas Sowell é um dos pensadores modernos que se debruçaram sobre o assunto. Em sua coletânea

de textos Barbarians Inside the Gates, lembra que o mundo sempre foi multicultural, por séculos, antes

de o termo ser cunhado. Tratava-se de um multiculturalismo em um sentido prático, diretamente oposto

ao que o atual culto dos relativistas culturais prega.

Como exemplos, Sowell lembra que o papel sobre o qual escreveu seu livro fora inventado na China,

que as letras vieram da Roma antiga e que os números, da Índia, através dos árabes. O autor é um

descendente da África, que escrevia enquanto escutava música de um compositor russo.

A razão pela qual tantas coisas se disseminam pelo mundo todo está no simples fato de que algumas

coisas são consideradas melhores que outras, e as pessoas desejam o melhor para si. Essa obviedade é

justamente o contrário do que o credo do multiculturalismo atual defende, alegando que nada é melhor

ou pior, mas “apenas diferente”.

As pessoas não “celebram a diversidade”; escolhem aquilo de sua própria cultura que desejam manter

e aquilo que preferem abandonar em prol de algo melhor vindo de fora. Quando os índios americanos,

por exemplo, viram os cavalos dos europeus, não se limitaram a “celebrar a

diferença”; simplesmente

começaram a montar em vez de ir andando.

À contramão do que o culto do multiculturalismo defende, as pessoas não buscam viver “em

harmonia com a natureza”, e sim obter o melhor que puderem. Eis o motivo pelo qual, desde automóveis

até antibióticos, os bens demandados se espalharam pelo mundo. Não importa o que os lósofos do

multiculturalismo digam, é isso que milhões de pessoas fazem, ao menos quando as barreiras estatais não

impedem.

Para Sowell, esse tipo de multiculturalismo moderno é uma dessas afetações a que algumas pessoas se

permitem enquanto usufruem de toda tecnologia moderna. Normalmente não são pobres vivendo em

países muito atrasados os que bradam sobre as “maravilhas” das diferentes culturas. São intelectuais de

países desenvolvidos que olham com desdém para os processos que tornam possível a produção de todo

tipo de conforto de que desfrutam.

Os relativistas culturais tentam logo acusar de “nazistas” aqueles que conseguem enxergar

objetivamente instituições e costumes superiores — ignorando que Hitler falava em superioridade racial

dos arianos, algo que seria inato, não aprendido. O conceito de raça humana sequer faz sentido

cientí co. Já estoque de conhecimento, instituições, valores e avanços não só existem e variam muito de

cultura para cultura, como uns são bastante superiores a outros.

A esquerda caviar nge não perceber que se “tudo vale”, porque nenhuma cultura é superior a outra,

então um povo pode alegar ter como valor supremo o extermínio de outras culturas. Com qual critério

objetivo um relativista consegue julgar algo, se tudo não passa de “diferenças culturais”? Será que não

percebem que até o princípio de autodeterminação dos povos é um valor parido no Ocidente e ignorado

por várias culturas atrasadas?

Para Karl Popper, uma das componentes do irracionalismo moderno é o relativismo, entendido como

a doutrina segundo a qual a verdade é relativa à nossa formação intelectual. Em outras palavras, a

verdade mudaria de contexto para contexto, o que impossibilitaria um entendimento mútuo entre

culturas, gerações ou períodos históricos diferentes. Eis a frase que de ne esse “mito do contexto”,

segundo Popper:

A existência de uma discussão racional e produtiva é impossível, a menos que os participantes partilhem um contexto

comum de pressupostos básicos ou, pelo menos, tenham acordado em semelhante contexto em vista da discussão.

Para Popper, esta a rmação é não apenas falsa, mas também perigosa. Se

acolhida de forma

generalizada, pode inclusive contribuir para o aumento da violência, minando a unidade da

humanidade.

Sem dúvida uma discussão entre participantes que não compartilham do mesmo contexto pode ser

difícil, mas é um exagero afirmar que é impossível ter um debate proveitoso sem essa premissa. Popper vai

além, e acredita que um debate entre pessoas com várias ideias em comum pode ser bastante agradável,

mas talvez não seja tão proveitoso quanto um entre pessoas com pontos de vista totalmente divergentes.

O fosso existente entre contextos ou culturas diferentes pode ser ultrapassado, e essa é a tese de

Popper. O próprio avanço da civilização ocidental é fruto do choque de diferentes culturas. Podemos

aprender com os diferentes contextos, e podemos evoluir em nosso conhecimento acerca do mundo. O

método que permite este aprendizado é o da crítica. Conforme coloca o autor, “uma das principais

tarefas da razão humana é tornar o universo em que vivemos algo compreensível para nós”. Essa é a

tarefa da ciência. E todos os povos têm capacidade de utilizá-la.

Hegel e Marx foram, talvez, os mais in uentes pensadores do mito do contexto. Para Marx, a ciência

era dependente das classes sociais. Haveria uma ciência proletária e outra

burguesa, cada qual prisioneira

de seu contexto. A classe é que de niria o pensamento do indivíduo, sendo totalmente impossível um

debate racional.

A falibilidade humana pode representar um perigoso atrativo para tais doutrinas. O fato de existir

parcialidade em todos os seres humanos não quer dizer que uma aproximação da verdade seja inviável.

O curioso é que o próprio Marx, que não era proletário, arrogava-se a capacidade de pensar por esta

classe, uma gritante contradição à sua própria crença.

É evidente que o contexto pode in uenciar nossos pensamentos. Mas parece claro também que os

homens desfrutam da magní ca capacidade de olhar criticamente, de estabelecer um debate racional

independentemente de seu contexto. Para Popper, “O relativismo cultural e a doutrina do contexto

fechado constituem sérios obstáculos à disposição de aprender com os outros”.

O lósofo Kwame Anthony Appiah explicou, de forma bastante objetiva, os riscos da visão coletivista

da cultura, em detrimento ao direito de livre escolha individual. O autor, nascido em Gana, é Ph.D. pela

Universidade de Cambridge e lecionou em Harvard e Princeton, além de autor do livro

Cosmopolitanism, em que defende que a globalização fez bem às culturas regionais. Culturas fechadas

estão fadadas ao insucesso.

A população deve ter a liberdade de escolher quais produtos culturais deseja consumir. Appiah dá o

exemplo das camisetas que os africanos usam, deixando de lado suas roupas coloridas tradicionais. Se as

camisetas cumprem a função de cobrir o corpo e são mais baratas, que mal há em deixar as vestes

tradicionais para ocasiões especiais apenas? Tirar o direito de escolha dos indivíduos em nome da

“preservação cultural” beira o desumano, e normalmente quem pensa assim está longe, no conforto

justamente de culturas mais liberais.

O mesmo vale para o resto dos produtos existentes. Os indivíduos devem ser livres para decidir a qual

lme desejam assistir, quais músicas querem escutar ou qual comida pretendem comer. Quanto mais

liberdade de mercado, com abertura para diferentes países e culturas, maior o número de opções

disponíveis. A pluralidade é filha do livre mercado, não da decisão centralizada no estado.

Appiah chama de “preservacionistas culturais” aquelas pessoas com bom padrão de vida em algum

país ocidental, normalmente em constante progresso, que, no entanto, olham para as culturas diferentes

e exóticas como algo interessante, bonito, que deveria ser mantido para sempre da mesma forma,

estático. Mas, como Appiah diz, “se o costume é ruim para o bem-estar de uma grande parcela daquela

população, o fato de fazer parte da cultura não é motivo para insistir no erro”.

O foco deve ser o indivíduo e sua liberdade de escolha, não a tribo, a nação ou a cultura. A cultura

não é um m em si, mas um meio para a felicidade dos indivíduos. E cada um deve ser livre para

escolher como quer buscar sua felicidade. Eis um dos valores mais caros ao Ocidente, e justamente o que

o culto ao multiculturalismo deseja impedir.

A importância da cultura é muito maior que a da “raça”, eis o que sustenta Appiah em seu livro Na

casa de meu pai. A África não é um lugar homogêneo, mas os africanos podem aprender uns com os

outros, “tal como podemos, é claro, aprender com toda a humanidade”. O intercâmbio cultural e a

crítica racional podem bene ciar todas as culturas, ajudar a “ensinar à raça única a que todos

pertencemos”.

Além disso, o autor mostra como a ideologia do pan-africanismo depende justamente de traços

culturais ocidentais: “A nostalgia nativista, em suma, é basicamente impulsionada pelo sentimentalismo

ocidental que nos é tão familiar desde Rousseau; poucas coisas, portanto, são menos nativas do que o

nativismo em suas formas atuais”. O pan-africanismo centrado na ideia de raça

não passa de uma

invenção não-africana.

Quem quiser ter uma visão mais realista da coisa deve ler A máscara da África, do Nobel de literatura

V.S. Naipaul. A visão romântica vai por água abaixo quando acompanhamos o autor em sua jornada

pela região, descobrindo seus mitos e superstições, seus hábitos e costumes. Informações que a esquerda

caviar prefere desconhecer. Entre tantos relatos, podemos pescar coisas assim:

A um sinal, todos caíram sobre os dançarinos, os amarraram e os lançaram aos guerreiros de Sunna, que, com lanças e

outras armas a adas, começaram a cortar em pequenos pedaços os wasogas amarrados, sem se preocupar em matar as

vítimas primeiro.

Ou algo dessa natureza:

Canta-se e dança-se; a coisa continua até a meia-noite; então, Mumbo Jumbo declara quem é a mulher culpada. Ela é

agarrada, suas roupas são arrancadas e, nua, é amarrada a um poste e espancada até o amanhecer por Mumbo Jumbo e

seu cajado. Os aldeões gritam de prazer; zombam da mulher e não demonstram a menor misericórdia.

Mas claro que toda essa barbárie só pode ser culpa do Ocidente! Reza a cartilha do politicamente correto

que é pecado reconhecer tamanho atraso ou responsabilizar os próprios africanos por tal destino. O certo

é se solidarizar com as vítimas do “homem branco” explorador, ignorando que

são os próprios africanos

os que mais matam e abusam dos africanos de suas tribos ou de rivais.

*

O filme Deus da carnificina, de Roman Polanski, é uma sátira à hipocrisia do politicamente correto, com

Judie Foster fazendo o papel de uma típica representante da esquerda caviar, que se coloca sempre acima

dos outros no campo moral.

Ela é capaz de tudo perdoar em nome da “civilização”. É tão descolada que até passou sua lua de mel

na Índia! Mas, em certo momento, desabafa: “Por que tudo tem que ser sempre tão exaustivo?”. Usar

sempre aquela máscara cansa.

A personagem abraça as causas das pobres crianças africanas, mas, no fundo, esconde seu ódio a tudo

aquilo em volta, seu recalque à sua vida medíocre com seu marido acomodado, um simples vendedor de

latrinas sem ambição. Eis como Pondé resume a figura em um artigo sobre o filme:

Ela escreve livros sobre Darfur e a miséria na África e, em meio a seus berros contidos de histérica, ela decreta que quem

não se preocupa com a pobreza mundial não tem caráter. Tenta passar a imagem de que ama e perdoa a todos, inclusive o

lho da Winslet que bateu em seu lho, mas no fundo é uma passiva agressiva, aquele tipo de mulher descrita por Woody

Allen, que fala baixinho, mas fere fundo com sua saliva venenosa e cruel.

Em certo momento, o marido a rma que o “amor” que ela sentia pelos negros do Sudão tinha estragado

tudo nela. É uma tirada ácida, mas que aponta para essa característica da esquerda caviar com perfeição.

Ela “amava” os pobres distantes, mas isso era pura hipocrisia, uma forma de entorpecimento próprio. A

esquerda caviar usa a “preocupação” com a desgraça alheia como troféu de sua suposta superioridade

moral. As minorias oprimidas são seus mascotes.

Seus membros precisam se identi car com os “fracos e oprimidos” e condenar os bem-sucedidos do

Ocidente. Imbuídos ainda de uma visão marxista do mundo, onde José é rico porque explorou Pedro

que é pobre, essa é mais uma forma de expiar seus pecados, de se mostrar uma alma sensível conectada

aos sofredores e perdedores.

Por isso não toleram a imagem de que tais “vítimas”, em várias ocasiões, reagiram com o uso de

violência. Se historiadores apontam que Zumbi dos Palmares também tinha escravos, e que liderava com

mão de ferro sua comunidade, isso agride a visão romantizada de que era “bonzinho” e apenas se

defendia dos “malvados”.

João Pereira Coutinho, em uma crônica na Folha sobre a reação ao último lme de Tarantino, Django

livre, resumiu bem a coisa: “As patrulhas politicamente corretas perdoam tudo.

Exceto que as suas

vítimas de estimação tenham direito a usar paus, chicotes ou armas”.

Spike Lee, que não gostou do lme mesmo sem vê-lo, deixou claro que era “ofensivo” aos seus

“irmãos” do passado retratá-los dessa forma. A vítima é sempre pura, o homem branco ocidental era o

demônio em pessoa, e hoje tudo se resolve com ores. Coutinho vai direto ao ponto, e eu lembro que

“liberal”, na citação, quer dizer o seu oposto, ou seja, esquerdista: “O liberal progressista gosta de

acreditar que o mundo é um jardim infantil, onde os homens são naturalmente bons e tudo se resolve

pelo ‘diálogo’ e pelo ‘respeito’“.

Dessa forma, a esquerda caviar, vivendo no conforto ocidental, prega as maravilhas da vida selvagem

na África, ou os encantos do islã, ou ainda a ligação com a natureza dos índios. Claro, o que deseja é

transformar tais bolsões do atraso em mascotes, não percebendo a arrogância em se tratar culturas menos

avançadas como animais de estimação. Mas vale tudo para condenar o próprio Ocidente e idealizar o

“bom selvagem”.

Os “zoológicos” humanos são defendidos pela esquerda caviar em nome da justiça e da diversidade.

Ao condenar índios ao con namento indígena, a esquerda caviar os impede de conhecer inúmeras

inovações que poderiam melhorar absurdamente suas vidas. Os índios já desfrutam de quase 13% do

território nacional, mas a esquerda caviar não acha isso su ciente para aliviar seu sentimento de culpa. É

preciso mais!

Não importa que os líderes indígenas desfrutem dos bens materiais do Ocidente, e que guardem seus

iPads e carros importados somente quando as câmeras de TV aparecem, forçando-os a se lembrar da

existência do cocar e do arco e flecha. Como escreveu Lobão em seu novo livro:

Indígena, hoje em dia, usa calção Adidas, camisa de futebol e relógio de pulso, além do cocar, e deveria ser um cidadão

comum, sair daquelas reservas miseráveis que antropólogos em toda a sua estupidez ideológica teimaram por

transformar em museu com gente viva dentro.

Tampouco importa que haja enorme corrupção na Funai, cujo orçamento passa de R$ 600 milhões

anuais, enquanto o povo paga o pato, vivendo em verdadeiras favelas. O esquerdista caviar não quer

saber de nada disso.

Para ele, basta acrescentar o nome de uma tribo dessas a seu sobrenome no Facebook, e assim mostrar

aos colegas como é uma pessoa sensível e preocupada com as minorias abandonadas. Aproveito para

perguntar aos leitores que, por ventura, adotaram o sobrenome Guarani-Kaoiwá na rede social: sabem

que

m a tribo levou? Sabem, aliás, em que estado

ca? Conseguem apontá-la, ainda que

aproximadamente, no mapa? Dedicaram mais tempo para se informar ou ajudar os índios? Ou cou

tudo no clique do mouse e nada mais?

Índios praticando infanticídio em pleno século XXI? Diferenças culturais. Miséria total porque vivem

isolados do progresso ocidental? Ligação linda, orgânica, com a natureza selvagem. Vi no cinema, com ar

condicionado e pipoca, como é incrível essa conexão com o meio ambiente no lme Avatar, de James

Cameron. Nós e as árvores formando uma só entidade espiritual. Fantástico!

Em entrevista para o jornal O Globo, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha soltou essa pérola:

“Os suicídios kaiowá atingem cada um de nós; somos todos kaiowá”. Me “inclui” fora dessa, colega!

Quer dizer que um suicídio na Suécia faz de nós todos suecos agora? O lósofo Pondé, perplexo,

levantou questões interessantes sobre o fenômeno kaiowá em sua coluna na Folha:

O que faz alguém colocar nomes indígenas no seu “sobrenome” no Facebook? Carência afetiva? Carência cognitiva?

Ausência de qualquer senso do ridículo? Falta de sexo? Falta de dinheiro? Tédio com causas mais comuns, como ursinhos

pandas e baleias da África? Saiu da moda o aquecimento global, esta pseudo-

óbvia ciência?

No nal de 2012, uma operação da Polícia Federal prendeu o cacique Dirceu Retanh Pereira Santiago,

acusado de arrendamento ilegal de terras indígenas. Uma reportagem da Folha esse ano mostrou que

vários índios alugam terras para a exploração ilegal de madeira, muitas vezes em troca de ninharia, de

itens eletrônicos, de prostitutas. Mas quem disse que a esquerda caviar liga para essa realidade totalmente

diferente de suas fantasias? A senadora Kátia Abreu, na mesma Folha, colocou o dedo na ferida:

Pensando em seu lugar, a Funai tenta manter o controle sobre eles, ngindo não ver que a maioria assiste televisão e tem

geladeira e fogão a gás, embora continue morrendo de diarreia porque seus tutores não lhes ensinaram que a água de

beber deve ser fervida. […] Um verdadeiro discurso do falso enraizamento é que serve para produzir mais poder político

para as instituições que se sentem “proprietárias” dos históricos índios brasileiros. E seguem indiferentes à sorte dos

atuais brasileiros índios.

Pergunto: não era melhor fechar logo a Funai, economizar R$ 600 milhões do nosso dinheiro, e decretar

que, a partir de hoje, “índios” são brasileiros? Desejamos ou não um único povo, que se identi que como

brasileiro e viva sob o império das mesmas leis? Vamos criar uma classe ou etnia de “intocáveis” agora?

Perguntas que incomodam o esquerdista caviar, que adora ter os indiozinhos como mascotes para suas

fantasias.

Essa idealização dos índios vem de longa data. Até Michel de Montaigne ertou com a visão de um

passado idílico. Em seus ensaios, quando fala sobre os canibais, pode-se notar esse desejo de crer que os

“bárbaros” vivem melhor que os “civilizados”. Resgata também lósofos que falavam desse éden perdido,

desse estágio fantástico antes de os costumes serem alterados pela civilização. Escreve:

É um povo, diria eu a Platão, no qual não há a menor espécie de comércio; nenhum conhecimento das letras; nenhuma

ciência dos números; nenhum título de magistrado nem de autoridade política; nenhum uso de servidão, de riqueza ou de

pobreza; nem contratos; nem sucessões; nem partilhas; nem ocupações, exceto as ociosas; nem vestimentas; nem

agricultura; nem metal; nem uso de vinho ou trigo. Mesmo as palavras que designam a mentira, a traição, a dissimulação,

a avareza, a inveja, a maledicência, o perdão são inauditas.

O tom de aprovação ca ainda mais forte. Montaigne considera tais características positivas. Mas não

são! Desconheço um ser civilizado que queira regressar a esse estágio bárbaro, selvagem, natural. A vida

dos índios é dura. Há hierarquia, guerras, miséria. O ser humano não nasce “bonzinho” e é corrompido

depois; nasce uma pequena besta e precisa ser civilizado, educado. O nosso estágio natural é o da miséria

e da ignorância. Quem realmente deseja voltar a isso?

Não importa. A visão romântica predomina, e foi até transformada em bela música por Neil Young.

Trata-se de Cortez ϵe Killer, cuja versão de que mais gosto é aquela cantada pelo "obamista" Dave

Mathews. A letra é uma ode ao mundo igualitário e pací co dos astecas liderados por Montezuma,

derrotados pelos espanhóis de Cortez. Antes da chegada dos malditos ocidentais, havia somente a paz,

todos trabalhavam juntos e até se ofereciam em sacrifícios para que outros pudessem seguir adiante.

Neil Young fez uma linda canção, não tenho dúvidas, embora a música não tenha absolutamente

nenhuma ligação com os fatos! Montezuma era uma espécie de ditador autoritário. Os sacrifícios astecas,

por pura ignorância, incluíam crianças indefesas e eram praticados para agradar os deuses, que

retribuiriam na próxima colheita. Ademais, os índios viviam em guerra naquela época. Mas a realidade

não daria uma música tão emotiva, e eis que Cortez, então, destruiu a liberdade plena daquela gente

simples e feliz...

A esquerda caviar vai de galho em galho em busca da próxima "vítima" do Ocidente a ser resgatada,

do próximo “bom selvagem” a ser preservado da intoxicação materialista ocidental, do consumismo

burguês dos americanos. Claro, faz essa peregrinação bondosa do conforto ocidental, talvez usando uma

bolsa da Loius Vitton e um relógio Rolex no pulso. Mas, por Deus, como ama os índios puros e os

negros viris da África!

O estudo da história mostra como muitas acusações feitas ao Ocidente não passam de falácias. A ideia

de que a riqueza ocidental é fruto da exploração dos países pobres não se sustenta com um mínimo de

re exão e observação dos fatos. Os países mais pobres são justamente aqueles que, até bem pouco tempo

atrás, sequer tinham contato com os ricos ocidentais. Mas os fatos não importam.

A acusação de que os britânicos tiraram a borracha da Malásia, por exemplo, inverte um fato

importante: foram os ingleses que levaram a borracha para lá. Segundo Peter omas Bauer, não havia

seringueiras na região antes dos ingleses plantarem-nas, como o próprio nome botânico sugere: Hevea

brasiliensis. Assim, se a Malásia se tornou importante produtora da borracha, foi possível graças aos

ingleses. Como podem, então, ser acusados de exploradores nesse caso?

São justamente as nações mais isoladas do comércio ocidental que apresentam o pior quadro de

miséria e fome. A noção de culpa dos países ocidentais é uma acusação

originada no próprio Ocidente. O

marxismo, por exemplo, partindo da crença de que as diferenças de renda são anomalias injustas, passa a

ideia de exploração. A crença de que a riqueza é estática, de que a economia é um jogo de soma zero,

onde para um ganhar o outro tem de perder, influenciou muito esta culpa ocidental.

Muitos observam a riqueza nesses países, a miséria mundo afora, e concluem, sem a devida re exão,

que uma coisa só pode ser causa da outra. Essa visão é muito cômoda para os governantes dos países

pobres, pois lhes enseja a desculpa perfeita à manutenção de um modelo centralizador e fechado. Os

países ricos são os bodes expiatórios que justificam as atrocidades domésticas.

Na África e na Ásia, as áreas mais prósperas são aquelas que têm maior contato comercial com o

Ocidente. O acesso aos países ricos foi, portanto, um dos principais agentes de progresso, não de atraso.

Os aborígenes, pigmeus e povos do deserto, protegidos da “exploração” ocidental, são in nitamente mais

pobres que os demais. Hong Kong, por outro lado, representa um incrível caso de sucesso e acelerada

criação de riqueza. Foi colônia britânica.

Se o colonialismo não explica a pobreza do terceiro mundo, tampouco explica a riqueza ocidental. A

Suíça e os países escandinavos são ricos, mas nunca tiveram colônias. A

Espanha e Portugal, por outro

lado, foram bem menos prósperos, mesmo com várias colônias. A União Soviética colonizou vários

países, e isso não impediu seu completo fracasso. A Coreia do Norte, que se isolou do mundo, é um dos

países mais miseráveis do planeta, enquanto sua irmã sulista prosperou justamente ao comerciar com o

Ocidente.

Não deixa de ser curioso que muitos dos que acusam o Ocidente de explorador culpam, ao mesmo

tempo, o embargo americano pela miséria cubana. No fundo, sabem que praticar comércio com os

americanos não é fonte de exploração, mas, sim, de progresso.

Criticar a colonização em si, assim como a escravidão, é algo absolutamente válido. No entanto, é

preciso ser honesto. O Ocidente não inventou tais práticas. Pelo contrário: já existiam muito antes do

primeiro europeu considerá-las. Os maiores donos de escravos africanos eram os próprios africanos, que

participaram voluntária e ativamente no tráfico.

A escravidão foi uma realidade por quase toda a existência humana, desde os gregos, os romanos, os

incas e astecas, os indianos, os otomanos etc. Europeus brancos também foram escravizados por

muçulmanos, que eram particularmente cruéis ao lidar com seus escravos. Existiu antes do dinheiro e da

escrita, foi aceita pelas mais importantes religiões, e teve seu término decretado justamente pelo Ocidente.

O colonialismo é prática antiga na humanidade, e veio justamente do Ocidente o basta para tal

modelo. Como defendeu Mark Steyn em After America:

A principal associação do Império Britânico com a escravidão é que ele a aboliu. Até William Wilberforce, o Parlamento

britânico, e os bravos homens da Marinha Real assumirem a questão, a escravidão era uma instituição considerada por

todas as culturas ao redor do planeta como uma característica constante da vida, tão permanente quanto a terra e o céu.

Quando o Império Britânico colocou um m nessa prática nefasta em quase todo o globo, ainda houve

escravidão por um bom tempo... na própria África e no islã. Alguns vão alegar que a Inglaterra fez o que

fez por interesses econômicos apenas. Mesmo que fosse verdade, não retiraria o seu mérito. Mas não é

verdade. Recomendo a leitura de Enterrem as correntes, de Adam Hochschild, em que ca evidente a

importância das ideias e valores ocidentais na trajetória de combate à escravidão.

O famoso caso Amistad, de 1839, foi o primeiro no qual se apelou para a Declaração de

Independência Americana. O ex-presidente americano John Quincy Adams fez uma defesa eloquente

dos africanos presos: “No momento em que se chega à Declaração de Independência e ao fato de que

todo homem tem direito à vida e à liberdade, um direito inalienável, este caso está decidido".

Abraham Lincoln foi outro que apelou constantemente àquele texto para defender a causa

abolicionista. Outro abolicionista conhecido, David Walker, citou, 1823, trechos da Declaração. E

Martin Luther King Jr., em seu mais famoso discurso contra o racismo, faz alusão direta ao trecho

segundo o qual todos os homens seriam criados iguais.

Há um século, apenas o Ocidente condenava a escravidão, e, há dois séculos, somente uma pequena

parcela dele o fazia. O restante convivia naturalmente com a escravidão. Foi o maior poder bélico e

econômico ocidental que possibilitou a imposição da abolição em outras partes do globo. A escravidão

não nasceu no Ocidente. Ela morreu graças a ele. Como diz Ibn Warraq em Why the West is Best: A

Muslim Apostate's Defense of Liberal Democracy:

Líderes ocidentais foram coagidos a constantemente pedir desculpas pelos pecados do Ocidente. É considerado

"eurocêntrico" ou racista a rmar que o Ocidente é superior a outras culturas; em vez disso, somos encorajados a repetir

que a civilização ocidental é culturalmente, intelectualmente e espiritualmente defeituosa. Mas nós sabemos que isso é um

absurdo.

O autor fez um dos melhores resumos das vantagens que concedem ao Ocidente

sua superioridade:

As grandes ideias do Ocidente — racionalismo, a autocrítica, a busca desinteressada da verdade, a separação entre Igreja e

Estado, o Estado de Direito, a igualdade perante a lei, liberdade de consciência e de expressão, direitos humanos,

democracia liberal —, juntas, constituem um grande feito, com certeza, para qualquer civilização.

Mas a esquerda caviar não quer saber disso, pois seria o m de sua culpa orgástica. Aqueles que

alimentam a culpa ocidental estão preocupados com seu estado emocional; não com os resultados

inspirados nesses sentimentos. As políticas adotadas com base nessa visão costumam causar mais dano

aos pobres do terceiro mundo.

Quando o mais famoso jornal da esquerda americana contratou ninguém menos que Luís Inácio Lula

da Silva como colunista, essa ideia de culpa logo veio à mente. Para começo de conversa, Lula repete com

frequência que ler jornal é perda de tempo. No mais, o timing do convite não poderia ser pior. Como

disse Guilherme Fiúza em sua coluna da revista Época:

O gesto do jornal mais in uente do mundo, ao contratar um ex-presidente no exato momento em que ele é investigado

pela polícia de seu país por corrupção, pode ser entendido de duas formas: ou o NYT aderiu à moral petista ou — mais

provável — o jornalão está se lixando para o que acontece no Brasil e resolveu

usar Lula como mais um suvenir da

pobreza, desses que a esquerda festiva americana ama.

O título do artigo de Fiúza diz tudo: “O New York Times também não sabia”. Nada mais esquerda caviar

do que isso. Será que o jornal desconhece o viés antiamericano do nosso ex-presidente, que acusa os

Estados Unidos de “imperialistas”? Será que não sabe que Lula virou porta-voz do maluco Ahmadinejad

na América Latina? Será que não sabe nem mesmo que um jornalista do próprio NYT foi vítima do

autoritarismo de Lula, que tentou expulsá-lo do país por conta de uma matéria sobre os hábitos etílicos

do então presidente brasileiro?

Nada disso vem ao caso. O importante é alimentar a culpa das elites. Até mesmo a ajuda

internacional através dos governos ocidentais é ine caz e acaba perpetuando os modelos fracassados

desses países, pois, na prática, signi ca a transferência de recursos dos ocidentais para os ricos líderes

dessas nações pobres, além de frequentemente servir para sustentar regimes tirânicos. É o que prova

William Easterly, que trabalhou por vários anos no Banco Mundial, em seus livros O espetáculo do

crescimento e The White Man’s Burden.

O caso da Zâmbia é típico do padrão ocorrido. As ajudas internacionais chegaram a representar um

quarto do PIB do país, enquanto a in ação era de 40% ao ano. Países com três dígitos de in ação

recebiam a mesma ajuda que aqueles com um dígito. Não era o critério de sucesso das reformas que

condicionava o suporte. O resultado foi um contundente fracasso. Algo como metade dos programas do

FMI trouxe a inflação para baixo. Uma taxa de sucesso não diferente do lance de uma moeda!

Doze países receberam quinze ou mais empréstimos do Banco Mundial e do FMI durante o período

de 1980 a 1994. A mediana do crescimento per capita nesses doze países nesse intervalo foi zero. As

políticas que realmente garantem o crescimento sustentável, como maior abertura econômica e redução

significativa dos gastos públicos, simplesmente não estavam presentes. Faltavam os incentivos para tanto.

Em primeiro lugar, os departamentos das instituições de ajuda costumam ser divididos por países ou

regiões, e o orçamento do grupo é determinado pela magnitude dos recursos doados. Maiores

orçamentos estão associados a maior prestígio, e garantem a renovação do alto orçamento no ano

seguinte. Em segundo lugar, muitas vezes o país receptor já é reincidente, com di culdades para honrar a

dívida assumida anteriormente, e deixar o cliente declarar calote seria uma mancha no currículo, um

atestado de fracasso.

Como o economista queniano James Shikwati chegou a declarar, “a África necessita é de uma chance

para ser capaz de administrar e comercializar as próprias riquezas”. Ele pede o m das ajudas

internacionais. Na década de 1980, a África Subsaariana recebeu 83 bilhões de dólares em auxílio. No

mesmo período, o padrão de vida na região caiu 1,2% ao ano. Shikwati conclui:

A doação só tornou os países africanos mais dependentes de ajuda. [...] o caminho para o desenvolvimento é ter acesso

livre a outros mercados e conseguir investimentos externos.

Se o Ocidente tem alguma culpa pela situação nos países pobres, esta se deve às ideologias coletivistas

oriundas de lá, não ao comércio e ao seu modelo capitalista. Mas a esquerda caviar inverte as coisas e

tudo atribui ao capitalismo ocidental, em vez de olhar no espelho em busca do responsável.

O escritor e Prêmio Nobel de Literatura J.M. Coetzee, ele mesmo oriundo da África, relata a surpresa

de seu personagem autobiográfico de Juventude com o fenômeno típico da esquerda caviar:

Entre as revistas que encontra na Dillons esta e African Communist. Ouviu falar de e African Communist, mas ainda

não tinha visto a revista, uma vez que é proibida na África do Sul. Dos colaboradores, alguns, para surpresa dele, foram

contemporâneos seus da Cidade do Cabo — colegas de escola do tipo que dormia o dia inteiro e ia a festas de noite, cava

bêbado, explorava os pais, era reprovado nos exames, levava cinco anos para tirar diplomas de três anos. Mesmo assim,

estão escrevendo artigos que parecem cheios de autoridade sobre a economia do trabalho migrante ou os levantes da zona

rural de Transkei. Onde, entre os bailes, a bebida e o deboche, encontraram tempo para aprender essas coisas?

Em vez de car culpando o Ocidente por seus males, a esquerda caviar faria algo in nitamente mais

e caz se abandonasse o discurso de vitimização, retirando a legitimidade que empresta aos governos

autoritários desses países. Mas será que realmente deseja ajudar os mais pobres do terceiro mundo?

Os imigrantes pobres desses países, que buscam refúgio e oportunidades nas democracias mais liberais

do Ocidente, enfrentam delicados con itos pessoais. Na tentativa de se apegar a seu passado, buscam

preservar hábitos de suas culturas. Infelizmente, muitos desses costumes entram em claro con ito com as

leis das democracias liberais modernas, e com sua própria loso a de preservação dos direitos

individuais.

O médico eodore Dalrymple trabalhou com inúmeros pacientes desse tipo na Inglaterra, e atesta a

imensa di culdade, principalmente para os lhos de imigrantes, em se adaptar aos países em que vivem

ao mesmo tempo em que precisam respeitar os valores culturais de seus pais. Esse choque costuma

produzir muitas vítimas, meninas que são proibidas de frequentar escolas, mulheres obrigadas a aceitar

casamentos arranjados ou espancadas por seus irmãos para não manchar o nome da família.

Os multiculturalistas, no entanto, invariavelmente defendem a “liberdade” cultural desses imigrantes,

pensando que é possível conciliar todas as culturas. Infelizmente, isso não é verdade. Dalrymple resume a

questão:

A ideia de que é possível basear uma sociedade em nenhum pressuposto cultural ou losó co, ou, alternativamente, que

todos os pressupostos poderão ser tratados de forma igual para que nenhuma escolha precise ser feita entre eles, é um

absurdo.

Ayaan Hirsi Ali concorda, e considera as liberdades ocidentais e os valores de sua cultura de nascença

inviáveis simultaneamente:

O tipo de pensamento que presenciei na Arábia Saudita e na Fraternidade Muçulmana, no Quênia e na Somália, é

incompatível com os direitos humanos e os valores liberais. Preserva uma mentalidade feudal arrimada em conceitos

tribais de honra e vergonha. Apoia-se no autoengano, na hipocrisia e em padrões dúplices. Depende dos avanços

tecnológicos ocidentais ao mesmo tempo em que nge ignorar sua origem no pensamento ocidental. Essa mentalidade

torna a transição para a modernidade muito dolorosa para todos os praticantes do

islamismo.

A esquerda caviar multiculturalista terá de escolher muitas vezes entre os próprios pilares das

democracias liberais do Ocidente e os tais “direitos” das diferentes culturas que, não custa lembrar,

deveriam se adaptar, pois são dos imigrantes. Curiosamente, ou o esquerdista foge dessa necessária

escolha, abraçando uma visão utópica da coisa, ou toma o lado dos imigrantes contra suas próprias

culturas, mais tolerantes e avançadas.

O imigrante ilegal representa mais votos para a esquerda que prega o estado de bem-estar social, ou

seja, vantagens e benefícios “gratuitos” para essas pessoas. A legião de burocratas que terá de ser

contratada para dar conta do recado faz salivar a boca dos esquerdistas. E, para a elite culpada,

escancarar as fronteiras e oferecer regalias significa expiar seus “pecados”. Dalrymple escreve:

O multiculturalismo como uma doutrina é apenas outro exemplo da tendência de uma parte da intelligentsia a exibir a

sua virtude e generosidade para todo o mundo ver, bem como proporcionar uma menor, mas lucrativa, fonte de emprego

a burocratas culturais.

Em seu livro Por que o Ocidente venceu, o historiador Victor Davis Hanson aborda as possíveis causas

do avanço socioeconômico bem maior no lado ocidental. Sua conclusão e seu

alerta deveriam ser

digeridos pelos colegas que culpam o Ocidente por todos os males, dando munição para civilizações mais

atrasadas ou bárbaras:

A civilização ocidental deu à humanidade o único sistema econômico que funciona, uma tradição racionalista que por si

só nos permite ter progresso material e tecnológico, a única estrutura política que garante a liberdade do indivíduo, um

sistema de ética e uma religião que trazem à tona o melhor da humanidade — e a prática de armas mais letal possível.

Esperemos pelo menos poder entender esse legado. Trata-se de uma herança pesada e algumas vezes ameaçadora que não

devemos negar nem da qual devemos sentir vergonha — devemos, isso sim, insistir para que nossa maneira mortal de

guerrear sirva para fazer avançar, e não para enterrar, nossa civilização.

O multiculturalismo disseminado pela esquerda caviar faz justamente o contrário: cospe no legado da

civilização ocidental e enaltece as mais retrógradas formas de organização social existentes mundo afora.

Agindo assim, o próprio Ocidente prolonga desnecessariamente o atraso dessas culturas e, nas palavras

de Ayaan Hirsi Ali, acaba “alçando culturas repletas de farisaísmo e ódio à mulher à estrutura de

respeitáveis estilos de vida alternativos”.

Os pacifistas

Se você quer integrar a esquerda caviar, então jamais pode deixar de lado a

bandeira do paci smo. Um

típico membro do grupo é presença garantida nas passeatas pela paz, com as camisas brancas e a pomba

estampada, percorrendo as ruas confortáveis e seguras das zonas nobres das capitais do Ocidente. Ser

paci sta no Sudão é muito perigoso. É bem mais divertido bradar em nome da paz quando a polícia

garante sua segurança.

Em nenhuma outra causa da esquerda caviar a questão do monopólio da virtude ca tão escancarada

como no paci smo. Sejamos francos: quem pode ser contra? À exceção de psicopatas e inescrupulosos

beligerantes, todo mundo prefere viver em paz. O problema é como chegar lá. Eis onde mora o perigo.

O paci sta pretende se colocar como o único que realmente deseja a paz. Note a arrogância do

próprio termo. Se é um paci sta, então quem discorda dele só pode ser pela violência. Nós já sabemos

agora que a esquerda caviar foge do debate racional sobre os meios como o diabo foge da cruz. Debater

seriamente como obter o máximo de paz possível é chato e exige doses cavalares de realismo.

A rota romântica é bem mais fácil e bela. Podemos criar bodes expiatórios e culpá-los pela existência

das guerras e da violência. O capitalismo cai como uma luva. Guerras existem porque o lucro existe!

Podemos responsabilizar a pobreza pelas guerras também, e novamente culpar o capitalismo pela miséria.

Toda a violência existente é fruto de um modelo social equivocado. Se ao menos o socialismo pudesse

nos dar o ar de sua graça...

A in uência de Rousseau aqui é evidente. O “bom selvagem” habita em cada um de nós, e poderá

orescer se todos nos abraçarmos em um grande círculo de luz. Gentileza gera gentileza. Se nos batem,

basta oferecermos a outra face. “Olho por olho, e a humanidade acabará cega”, disse Gandhi.

Resta apenas combinar com o outro. Chamberlain pensou ser possível conversar com Hitler. Preferiu

acreditar que o povo alemão sob o nazismo ainda era pací co, e que jamais entraria em guerra com a

Inglaterra. Winston Churchill, gura asquerosa para a esquerda caviar, tinha outra visão da coisa.

Digamos que era bem mais realista: geopolítica não é coisa de criança, de covarde nem de romântico.

Como dizia Harry Truman: “Se você não aguenta o calor, então saia da cozinha.” Ou ainda, em

ditado popular: “Não sabe brincar, não desce para o play.” Quem pensa que é com “amor” que se

enfrenta marginais e ditadores sanguinários tem sérios problemas mentais e precisa deixar a infância de

lado o mais rápido possível.

Churchill, sem romantismo tolo, proferiu sua famosa frase: “A vocês foi dada a escolha entre guerra e

desonra; vocês escolheram a desonra e terão a guerra”. Dependendo do inimigo, a conversa diplomática

em um chá das cinco simplesmente não é uma alternativa factível. Será que a luta nunca é a resposta

mesmo? Os paci stas esqueceram que a independência americana foi conquistada em uma guerra, por

acaso?

Nada disso importa, porém. A esquerda caviar onipresente em Hollywood adora fazer lmes

retratando de forma negativa os militares. O mundo ideal da esquerda é um em que o governo taxa

quase toda a renda (dos outros), usa os recursos para transferir de José para Pedro (deixando um gordo

pedágio com os burocratas), e não precisa investir um centavo nas Forças Armadas.

A nal, como disse a cantora Sheryl Crow, a guerra nunca é a solução; a solução é não ter inimigos!

Que coisa meiga. Resta só combinar com os psicopatas atômicos ou com os fanáticos barbudos de Alá

mundo afora. Eu, particularmente, co com a postura mais realista de Tom Clancy, que disse, em 2002,

na Fox News:

Bem, a razão pela qual nós temos a capacidade de ler os jornais e assistir toda a televisão que quisermos e ir para a igreja

de nossa escolha é que esses direitos foram conquistados para nós por pessoas que carregavam armas e vestiam

uniformes. É realmente simples assim.

A frase de Gandhi mais acima pode ser complementada da seguinte forma: “Olho por olho, e a

humanidade acabará cega; olho por nada, e uma parte da humanidade acabará cega — a parte

inocente.” É isso que desejamos?

Victor Hugo sabia que “quem poupa o lobo mata as ovelhas”. A covardia de hoje é paga com o

sangue de amanhã. Edmund Burke disse: “Tudo que é necessário para o triunfo do mal é que as pessoas

de bem nada façam.” Em determinadas circunstâncias, reagir é a única opção. O uso da força pode ser

crucial na defesa da liberdade.

O mal existe. O ser humano, ao contrário do que quer acreditar a esquerda caviar, não nasce

bonzinho, mas com inclinação para a prática da violência. Nelson Rodrigues resumiu com perfeição: “Se

é verdade que um menino está isento do bem e do mal, então é um pequenino canalha.”

Em O senhor das moscas, William Golding retrata com realismo essa natureza humana, presente na mais

tenra idade. Qualquer pai sabe que seu lho, desde muito cedo, gosta de apelar ao uso da força para

obter aquilo que deseja. Civilizar é impor limites a esse impulso natural, que

sempre, no entanto, estará

lá, latente, como uma besta à espreita, aguardando uma oportunidade para emergir com total energia.

Quem não quer se dar ao trabalho de ler, ao menos veja o lme O anjo malvado, com Macaulay

Culkin, de 1993. É cção, claro, mas retrata algo factível: uma criança pode ser, no fundo e desde cedo,

um pequeno monstrinho, capaz das maiores atrocidades. Mas a esquerda caviar politicamente correta

não aceita isso, não quer encarar a maldade existente nos seres humanos. Com essa agenda em mente,

até a tradicional música “Atirei o pau no gato” mudou completamente, e hoje temos uma versão patética

assim:

Não atire o pau no gato

Porque isso não se faz

O gatinho é nosso amigo

Não devemos maltratar os animais

Jamais!

Os pais que preferem crer que seus lhos são anjinhos inocentes acabam prejudicando os próprios. Estes

nunca vão saber que é normal desejar algumas maldades, querer, por ciúme, que o irmãozinho, centro

de todas as atenções, se dê mal de vez em quando. A versão antiga da música, assim como vários outros

exemplos deturpados pelo politicamente correto, serviam ao menos para apaziguar a criança com tais

desejos de crueldade e violência, que ainda sentem, apesar da negação dos pais covardes.

Entre nossos primos chimpanzés, há os que matam deliberadamente outros, sugerindo que as forças

da evolução, e não apenas idiossincrasias de uma cultura qualquer, preparam-nos para o uso da

violência. Sabemos dos efeitos da testosterona, veri camos que a emoção da raiva costuma vir

acompanhada do reflexo de mostrar os dentes caninos e cerrar os punhos, e notamos que as perturbações

do sistema inibitório do cérebro, como no caso de bebida alcoólica, podem levar a ataques agressivos.

Em todas as culturas, os meninos espontaneamente participam de brincadeiras brutas, e crianças

mostram sinais de violência muito antes do contato com brinquedos de guerra ou estereótipos culturais.

Muitos perguntam como as crianças aprendem a agredir, enquanto deveriam questionar como aprendem

a não agredir. Lição esta que jamais é definitiva.

Como disse Steven Pinker em Tábula rasa , “muitos intelectuais desviaram o olhar da lógica

evolucionista da violência, temendo que reconhecê-la equivaleria a aceitá-la ou até a aprová-la”.

Preferiram adotar a ilusão do “bom selvagem”, na qual a violência é um produto do aprendizado que

vem de fora e penetra nos homens. Com isso, abriram ainda mais as comportas da impunidade, com

certeza uma das maiores causas do aumento da violência.

Os homens precisam aprender a controlar a violência natural. A certeza da punição ainda é um

grande incentivo para tanto. Precisamos tornar o uso da violência um mecanismo inadequado do ponto

de vista racional como uma alternativa ao processo evolutivo. Isso só é possível através do conhecimento

prévio da punição severa aos crimes, por todos.

Tal ceticismo em relação à natureza humana é o que caracteriza a distinção entre conservadores e

esquerdistas. Os primeiros gostam do mito do pecado original e descon am de qualquer tentativa de se

criar o “novo homem”; os últimos pensam que o amor será a regra quando deixarmos o egoísmo de lado

e abandonarmos a busca pelo ganho individual. Give peace a chance!

Os hippies, ícones da esquerda caviar, representam com perfeição a turma dos paci stas, mais

interessados na autoimagem de bons samaritanos do que nos resultados concretos daquilo que pregam.

Costumam agir não baseados na razão, mas com “baseados” na boca mesmo.

“Pô, bicho, deixa essa coisa de guerra de lado e vamos curtir um Pink Floyd, sacou?” Saquei. Quem

parece não ter ligado muito para tal apelo são os criminosos, aqueles que querem destruir o Ocidente e

nossa liberdade individual. Inclusive a do bicho-grilo, que depende da segurança ofertada pela polícia

“fascista”.

Eis uma informação que muito paci sta ignora: sabe aquela pomba branca bonita, que representa o

símbolo da paz? Pois é, foi criada, em uma litogra a, por Pablo Picasso, como presente para... Stalin, o

maior carniceiro que o mundo já conheceu. Em 1949, o cartaz para o Congresso Mundial da Paz em

Paris foi impresso com o desenho de Picasso, que eternizaria a pomba como símbolo do pacifismo.

Picasso, em vida, recebeu duas vezes o Prêmio Lênin da Paz. Existe contradição maior do que essa, a

de utilizar na mesma expressão duas coisas tão antagônicas como paz e Lênin? Algumas declarações do

líder bolchevique, recuperadas após a abertura dos documentos soviéticos e reunidas em O livro negro do

comunismo, demonstram o quão pacífico era esse senhor:

Toda a essência do nosso trabalho visa à transformação da guerra numa guerra civil. Não podemos prometer a guerra

civil, nem decretá-la, mas temos o dever de trabalhar — o tempo que for necessário — nessa direção.

Enquanto não aplicarmos o terror sobre os especuladores — uma bala na cabeça, imediatamente — não chegaremos a

lugar algum!

É chagada a hora de levarmos adiante uma batalha cruel e sem perdão contra

esses pequenos proprietários, esses

camponeses abastados.

Camaradas! O levante kulak nos cinco distritos de sua região deve ser esmagado sem piedade. É necessário dar o

exemplo. Enforcar, e digo enforcar de modo que todos possam ver, não menos que cem kulaks.

Haja paci smo! Vestidos com a causa paci sta, os comunistas franceses exortaram os trabalhadores das

fábricas de armamento a sabotarem seu trabalho e pressionaram os soldados a desertarem, quando os

exércitos nazistas estavam a poucas semanas de ocupar Paris.

O paci smo, como as demais bandeiras da esquerda caviar, costuma ser bem seletivo. Quando os

Estados Unidos entram em alguma guerra, ainda mais se for com um presidente Republicano, a histeria

é automática. Quando, porém, o socialista francês Hollande, no começo de 2013, enviou tropas para

Mali com o objetivo de conter a escalada terrorista islâmica, o silêncio das esquerdas foi ensurdecedor.

O auge do movimento paci sta americano se deu contra a Guerra do Vietnã. O que cou claro

depois, com o acesso aos arquivos do governo e de Moscou, foi o uso que os comunistas zeram da

esquerda caviar para seus interesses. Os movimentos paci stas, como o New Mobe, contaram com forte

influência e manipulação dos comunistas.

A demanda era pela desistência imediata dos “imperialistas” americanos, o que signi caria, na prática,

a vitória dos vietcongs e a morte ou escravidão dos vietnamitas do sul, que lutavam contra o comunismo

em seu país. Os paci stas, na segurança dos Estados Unidos, cantando belas canções, não pareciam

preocupados com isso.

Muitos usam Gandhi como suposta prova de que a reação pacífica pode ser o caminho certo. Ignoram

que, do outro lado, estava a Inglaterra civilizada, com uma população mais esclarecida e sujeita aos

apelos populares. Fosse um Hitler ou Stalin, Gandhi seria apenas mais um mártir morto sem bons

resultados. Eis o que George Orwell diz sobre o assunto em um artigo de 1948, chamado “A defesa da

liberdade”:

Gandhi jamais lidou com um poder totalitarista. Lidava com um despotismo antiquado e um tanto vacilante, que o

tratava de um modo razoavelmente cavalheiresco e lhe permitia a cada passo invocar a opinião pública mundial. [...] É

difícil reconhecer como sua estratégia de greve de fome e desobediência civil poderia ser aplicada em um país onde os

oponentes políticos simplesmente desaparecem e o público nada ouve além do que lhe permite o governo.

O princípio de satyagraha, popularizado por Gandhi e inspirado em Henry David oreau, autor de

Desobediência civil, pressupõe alguém minimamente decente do outro lado, sujeito à forte pressão

popular. Toda essa “ rmeza na verdade” pouco vale se o inimigo não quiser saber dela, e tiver os meios

para tanto.

A postura de mártir disposto ao sacrifício para que o oponente compreenda o ponto de vista do

satyagrahi é um tanto ingênua. Para Gandhi, mesmo que o oponente o enganasse vinte vezes, seria

preciso estar pronto para con ar nele pela vigésima primeira vez, pois a con ança implícita na natureza

humana era a essência de sua fé. Alguém acha que isso surtiria o efeito desejável em Hitler ou Stalin?

Seria massacrado!

Para quem duvida, basta ver o destino dos dissidentes cubanos ou do Tibete. Os monges que seguem

o Dalai Lama não passam de escravos da ditadura comunista chinesa. Os cemitérios estão repletos de

mártires anônimos da resistência pací ca às tiranias. Como bem colocou George Orwell, o jeito mais fácil

de acabar com uma guerra é perdê-la.

Reagan, ao anunciar, em março de 1983, seu projeto Strategic Defense Initiative (SDI), despertou a

revolta dos paci stas americanos, que logo o acusariam de incitar uma nova guerra. Entretanto, os

relatos comprovam que a medida surtiu o efeito desejado e incutiu pânico no

lado soviético.

Enquanto o senador esquerdista Ted Kennedy, um dos maiores ícones da esquerda caviar, não

esperaria sequer 24 horas para ridicularizar o projeto de Reagan, tachado de “Guerra nas Estrelas”

(alusão ao lme para desmoralizar o presidente, que era ex-ator), os russos entravam em desespero, pois

se sabiam incapazes de competir com os americanos em recursos e tecnologia.

A postura de Kennedy, aliás, fica mais compreensível agora que novas informações são reveladas. Paul

Kengor, no livro єe Crusader: Ronald Reagan and the Fall of Communism, conta a história de que o

então senador, no auge da Guerra Fria, teria oferecido “assistência” ao soviético Yuri Andropov,

prometendo ajuda para evitar que Reagan levasse bombas à Europa. De qual lado esse grande “patriota”

estava, afinal?

O avanço dos armamentos americanos, especialmente no que se refere à estratégia de defesa, ao

colocar em evidência a capacidade de estrago contra o lado do inimigo, seria um dos principais motivos

da vitória na Guerra Fria, ajudando a enterrar o regime soviético. Se dependesse dos paci stas,

representados pela esquerda caviar, a União Soviética sem dúvida ganharia importantes anos de

sobrevida, e sabe-se lá como teria acabado esse confronto.

A visão paci sta coloca em risco a segurança externa e interna. O mesmo tipo de ladainha serve para

abrir o caminho aos bandidos comuns dentro das cidades. Em primeiro lugar, tais criminosos são sempre

tratados como “vítimas da sociedade”. Em segundo lugar, acredita-se que basta dar carinho e oferecer

uma flor para que desistam dessa vida e se tornem cidadãos decentes.

A esquerda caviar, com essa mentalidade infantil, conseguiu criar as fortalezas do crime no Rio de

Janeiro. Leonel Brizola, então governador do estado, rmou acordo com os bandidos e impediu a polícia

de subir os morros. Então livres da presença policial, os tra cantes tiveram toda tranquilidade do mundo

para transformar as favelas em bunkers do crime. Os paci stas condenam o “caveirão” e o blindado da

polícia, em vez de culpar os traficantes pelos problemas.

As atuais UPPs (Unidades de Polícia Paci cadora) conseguiram reverter parcialmente o quadro,

justamente pela receita oposta àquela pregada pela esquerda caviar. Não adianta focar apenas no “social”

e criar escolas públicas nas favelas; é preciso intimidar os criminosos com a presença do Estado.

Claro que as UPPs representam somente um primeiro passo. Uma ação mais rigorosa, incluindo a

prisão dos bandidos, será fundamental para solidi car o combate ao crime. Os paci stas podem desejar

subir as favelas com rosas, mas, se o “caveirão” do BOPE não estiver na retaguarda, coitados dos bem-

intecionados...

Um corolário do paci smo é a campanha do desarmamento. Como os criminosos não são

responsabilizados, a arma logo se torna um suspeito interessante a que culpar pela criminalidade. Dessa

forma, as chacinas em escolas, os homicídios e até as guerras existem por causa das armas, esses

elementos independentes. Se ao menos o governo proibisse a venda de armas para os cidadãos de bem...

O que parece escapar à lógica esquerdista é que o criminoso já está fora da lei. Ou seja, não será ele a

entregar sua arma voluntariamente ao governo, e sim aquele sujeito decente, que a usaria somente como

instrumento de defesa. Não importa: a esquerda caviar dá vida ao objeto inanimado, e eis que a arma,

não as próprias pessoas, passa a matar inocentes.

Um típico esquerdista caviar prega leis de desarmamento alegando que isso impediria as pessoas de

possuir armas, e o faz enquanto participa de uma roda em que circula um cigarro de maconha. Droga

ilegal! Pouco coerente. É o caso de um ator famoso, que já teve problemas com drogas, mas não deixou

de gravar um vídeo para a Campanha Nacional do Desarmamento, em 2011. Ao menos o público das

redes sociais enxerga melhor as coisas. Das mais de 20 mil visualizações, menos de setenta pessoas

curtiram a mensagem, e mais de 5.500 reprovaram.

Os dados empíricos tampouco interessam aos paci stas do desarmamento. Não conseguem sequer

traçar uma correlação entre a quantidade de armas e a criminalidade, que dirá encadear um nexo de

causalidade. A Suíça possui mais armas per capita que qualquer outro país do mundo, mas é dos mais

tranquilos. Israel também possui muitas armas por habitante, mas o risco, contudo, vem de fora, do

terror islâmico, enquanto cidades como Tel Aviv possuem baixíssima taxa de violência.

Existem vários estudos mostrando que o desarmamento da população pode levar ao aumento da

criminalidade, não o contrário. Os livros Guns and Violence, da historiadora Joyce Lee Malcolm, e More

Guns, Less Crime, de John R. Lott, merecem menção. Neles, ca claro que o caminho contra o crime não

está no desarmamento dos civis inocentes.

Dizer que não precisamos de armas porque há a polícia é como a rmar que não precisamos de

extintores de incêndio porque há o corpo de bombeiros. Em algumas situações, somente a reação

imediata e local pode salvar vidas. O bandido cará certamente mais intimidado se souber que há gente

de bem armada na região, pronta para reagir.

Winsconsin, nos Estados Unidos, aproveitou essa lógica para afugentar potenciais criminosos. Na

entrada do estado, o governo colocou a seguinte placa:

Bem-vindo a Winsconsin

Atenção, criminosos e terroristas:

Mais de 170 mil residentes de Winsconsin têm permissão legal para carregar uma arma de

mão.

Eles estão armados e preparados para defender a si e aos outros contra atos de violência

criminal.

VOCÊ FOI AVISADO.

Illinois e Chicago, no entanto, estão desarmados para sua conveniência.

Desarmar os civis sempre foi uma meta de aspirantes ao totalitarismo também. Nada como uma

população indefesa para a implantação de um regime de controle total. Sara Brady, esposa do ex-

secretário de Imprensa da Casa Branca James Scott Brady, entregou o real objetivo da cruzada

desarmamentista do casal quando disse: “Nossa tarefa de criar uma América socialista só pode ter

sucesso quando aqueles que resistiriam a nós forem totalmente desarmados”.

Com essa ideia em mente, quase nunca expressa com tamanha franqueza, a esquerda usa os

assassinatos para condenar as armas, extrapolando as estatísticas para criar um clima de insegurança

propício ao seu real objetivo. No livro Risco: a ciência e a política do medo, o jornalista canadense Dan

Gardner calculou que a probabilidade de um estudante americano ser assassinado na escola era

praticamente irrisória — menos de uma em 1,5 milhão. Nos últimos trinta anos morreram, em média,

três vezes mais pessoas atingidas por raios nos Estados Unidos do que vítimas de atiradores surtados.

Mas, sempre que algum psicopata sai atirando em inocentes, a esquerda caviar, liderada por gente

como Michael Moore, logo aparece para apontar o culpado: a arma! Há ataques terroristas com armas

brancas também. Na China, vários assassinatos ocorrem pelo uso da faca. No

Brasil, também é comum

homicídio com faca. Será que a esquerda caviar proporá agora a proibição da venda de facas?

O desejo de se esquivar da realidade leva a esquerda caviar à tática do sofá: se sua mulher é pega no

agra com um amante sobre as almofadas, então culpe os objetos, jogue-os fora e salve o casamento:

malditas almofadas! Claro que, no mundo real, essa estratégia é a garantia de continuar sendo um corno

manso.

Da mesma maneira, culpar as armas e bani-las do mercado legal é convidar aqueles já inclinados ao

crime para o ato. Ciente de que não haverá resistência, de que as vítimas em potencial estarão totalmente

indefesas, o criminoso fica mais ousado e confiante. A criminalidade só tende a aumentar.

Um editorial do Estadão, do nal de dezembro de 2012, acertou em cheio quando disse: “A cada

Campanha Nacional do Desarmamento, como a que está sendo veiculada, a sociedade ca mais

vulnerável, e os bandidos, mais à vontade.” A conclusão do jornal merece maior reflexão:

O fato é que as campanhas de desarmamento não são a panaceia contra a violência, e a interpretação que se faz da

legislação vigente trata o cidadão possuidor de armas como um delinquente. Isso só é possível num país em que as

autoridades, para escamotear sua incompetência na área de segurança pública, atribuem a responsabilidade por parte da

violência à própria vítima. Os bandidos agradecem.

Mas os pacifistas podem insistir em sua cruzada moral, de preferência morando em condomínios repletos

de seguranças particulares. Detestam a violência e, por tabela, as armas. Pena que muitos discordam dos

paci stas, e encontram o caminho livre graças às suas medidas bem-intencionadas. E são justamente os

mais pobres, que não podem pagar seguranças ou andar em carros blindados, que sofrem mais. A pomba

da paz acaba produzindo o terror.

O mito Che Guevara

A forma mais fácil de identi car um esquerdista caviar talvez seja através de sua inseparável camiseta

com a foto que Korda tirou de Che Guevara. Para as mulheres, há a versão em biquíni, como Gisele

Bündchen sabe. Além disso, existem diversos produtos com a imagem, incluindo cerveja, isqueiro,

canecas etc. A ironia do destino transformou o comunista guerrilheiro em lucrativa marca nos mercados

capitalistas.

O terrorista tornou-se um ícone das esquerdas, e é visto por muitos como um romântico disposto a

dar a vida em nome da “justiça social”. A Globonews chegou a rodar um anúncio do canal em que uma

or era colocada na ponta das armas, e em seguida aparecia uma moça com a camiseta de Che,

simbolizando o pacifismo. A mensagem dizia que regimes caem, mas ideias persistem. Sem dúvida...

Pouca gente sabe, porém, quem ele de fato foi em vida. Se tivessem maior conhecimento, talvez

sentissem vergonha de defender com tanta paixão um assassino implacável. Recomendo a leitura de O

verdadeiro Che Guevara, de Humberto Fontova, assim como o documentário Guevara: anatomia de um

mito, de Pedro Corzo. É impossível alguém com honestidade intelectual car indiferente diante de tantos

relatos sombrios.

Na verdade, nem deveria ser preciso mergulhar mais a fundo nos acontecimentos. Basta pensar que

Che foi um grande colaborador da revolução cubana, que instaurou a mais longa ditadura do

continente, espalhando um rastro de morte, miséria e escravidão na ilha caribenha. Mas uma pesquisa

minuciosa geraria ainda mais revolta, uma vez que aquele que gostaria de criar na América Latina

“muitos Vietnãs” era mesmo um ser humano deplorável.

A ideologia de alguns intelectuais e a hipocrisia da esquerda impedem uma análise mais isenta dos

fatos. Não é preciso muito esforço para veri car que Che Guevara era justamente o oposto do santo que

tentam impor. O homem que amava os leprosos em Diários de motocicleta era o mesmo que declarou

que “um revolucionário deve se tornar uma fria máquina de matar movida apenas pelo ódio”. Se ao

menos os cineastas engajados tivessem lido todo o diário de Che...

Não consta no lme, por exemplo, trechos que denotam o racismo do ídolo da esquerda caviar, como

aquele em que a rma que “o negro indolente e sonhador gasta seu dinheirinho em qualquer frivolidade

ou diversão, ao passo que o europeu tem uma tradição de trabalho e de economia”. Não pegaria bem

para a imagem de popstar das esquerdas, e o rapper Jay-Z não poderia mais usar sua camiseta com o

guerrilheiro estampado.

Tampouco outros trechos dos diários da fase guerrilheira são conhecidos por seus fãs. O que os

paci stas diriam da passagem em que Che a rma: “[...] banharei minha arma em sangue e, louco de

fúria, cortarei a garganta de qualquer inimigo que me cair nas mãos... E sinto minhas narinas dilatadas

pelo cheiro acre da pólvora e do sangue, do inimigo morto”. Não parece um típico membro das passeatas

pela paz...

Em carta para Hilda Gadea, sua primeira esposa, escrita em 1957, confessa: “Aqui, na selva cubana,

vivo é com sede de sangue, estou escrevendo estas linhas in amadas, inspiradas

em Martí”. Sede de

sangue, a menos que fosse um vampiro da saga Crepúsculo, não é exatamente algo nobre para um

pacifista.

Che também confessa em seu diário a decisão de eliminar um traidor, quando o grupo titubeava

sobre o que fazer com ele. Guevara escreve: “acabei com o problema dando-lhe um tiro com uma pistola

calibre 32 no lado direito do crânio, com o orifício de saída no [lobo] temporal direito. Ele arquejou um

pouco e estava morto. Ao tratar de retirar seus pertences, não consegui soltar o relógio, que estava preso

ao cinto por uma corrente e então ele me disse, numa voz rme, destituída de medo: ‘Arranque-a fora,

garoto, que diferença faz...’. Assim fiz e seus bens agora me pertenciam”.

Em carta para o pai, demonstra empolgação com sua nova aptidão: “Papai, eu queria confessar que

agora eu descobri que realmente gosto de matar.” Paci sta? Combatente por um nobre ideal? Sei... Tanto

quanto Hitler, talvez.

Até mesmo as supostas cultura e erudição de Che foram enaltecidas por intelectuais como Sartre. A

realidade, uma vez mais, parece menos nobre: um de seus primeiros atos o ciais ao entrar em Havana

seria — atenção — uma gigantesca queima de livros. Além disso, assinou as sentenças de morte de

muitos escritores cujo único “crime” era discordar do regime.

As estimativas apontam para algo como 14 mil execuções sumárias na primeira década do regime

comunista, sem nada sequer parecido com um processo judicial. Dezenas de milhares de cubanos

morreriam tentando fugir, em meio aos tubarões, do “paraíso” comunista. Cuba, que tinha uma das

maiores rendas per capita da América Latina em 1958, teve sua economia destroçada pelas medidas

coletivistas do ministro Che. E, no entanto, a revista Time chegaria a louvá-lo como um herói, ao lado de

Madre Teresa de Calcutá.

Àqueles que tentam apresentá-lo como um lantropo com valores cristãos, a resposta é dada pelo

próprio, em carta que escreveu à sua mãe em 1956: “Não sou Cristo nem lantropo, sou totalmente o

oposto de um Cristo. Luto pelas coisas em que acredito, com todas as armas ao meu dispor e tento deixar

o outro homem morto de modo que eu não seja pregado numa cruz ou em algum outro lugar.”

Em 11 de dezembro de 1964, durante um debate na Assembleia Geral das Nações Unidas, Che disse:

“Como marxistas, temos sustentado que a coexistência pací ca entre as nações não inclui a coexistência

entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos.” Em sua segunda intervenção, após ser

atacado pelos fuzilamentos em Cuba, respondeu:

Nós temos de dizer aqui o que é uma verdade bem conhecida, verdade que nós sempre expressamos diante do mundo:

fuzilamentos? Sim, nós sem dúvida fuzilamos! Fuzilamos e continuaremos e fuzilar tanto quanto necessário. Nossa luta é

uma luta à morte!

Várias de suas vítimas morreram, segundo relatos, encarando os algozes nos olhos e gritando: “Viva a

pátria”. Como será que Che, visto por muitos como corajoso, reagiu quando pego? Será que gritou “Viva

a revolução” e mandou atirarem em seu peito? Nada mais longe da verdade. Segundo as testemunhas

presentes, foi logo gritando que valia mais vivo do que morto, e implorou para que não atirassem. Muito

valente...

Roqueiros como Santana gostam de associar sua imagem à de Che. Será que ainda o fariam se

soubessem que sua primeira ordem o cial ao tomar a cidade de Santa Clara foi banir a bebida, o jogo e

os bailes como “frivolidades burguesas”? O próprio neto de Che, Canek Sánchez Guevara, não escaparia

da perseguição aos roqueiros. O guitarrista sofreu nas garras do regime policial que seu avô ajudara a

criar, e preferiu fugir.

Homossexuais também foram vítimas de perseguição e acabaram em campos de trabalho forçado —

para serem “curados”. Quão patético é ver, portanto, o deputado socialista Jean Wyllys, defensor dos

gays “oprimidos”, vestindo uma boina ao estilo Che Guevara? Prestar homenagem àquele que detestava

os homossexuais parece uma forma um tanto estranha de lutar pela causa gay.

Todo esquerdista caviar que defende as “minorias”, ao mesmo tempo em que des la com a imagem

de Che, deveria ler Antes que anoiteça, de Reinaldo Arenas. Será um choque de realidade interessante,

com a ressalva de que tamanha dissonância cognitiva pode causar sérios danos emocionais. O fato é que

qualquer um com cabelo comprido ou calças mais justas era duramente perseguido pelo regime.

Sobre a imagem de desapegado dos bens materiais, a vida de Che também prova o contrário. Após a

revolução, escolheu como moradia a maior mansão cubana, em Tarara, uma casa à beira-mar com

amplo conforto e luxo. A casa fora expropriada de um rico empresário. Além disso, quando morto na

Bolívia, ostentava um Rolex no pulso. Parece que nem os guerrilheiros resistem às tentações do luxo

capitalista.

Aqueles que conseguiram fugir do inferno cubano e não precisam mais temer a represália do regime

relatam fatos impressionantes sobre a frieza de Che. Foram centenas de execuções assinadas em poucos

meses, e ele apreciava assisti-las de sua janela. Em algumas, puxou pessoalmente o gatilho.

Ao que tudo indica, parecia deleitar-se com a carni cina. Até mulheres grávidas foram executadas no

paredão que comandava. Nada disso consta nas biogra as escritas por aqueles que utilizam o próprio

Fidel Castro como fonte, algo como falar de Hitler usando apenas os relatos de Goebbels.

Che Guevara era conhecido também como el chancho, ou “o porco”, pois não gostava de tomar

banho. Seu fedor era conhecido entre os colegas. Freud explica: “Na verdade, não nos surpreendemos se

alguém coloca o uso do sabão como verdadeiro medidor cultural”. Em O mal-estar na cultura, coloca a

busca pela higiene entre os pilares do avanço cultural. Apenas mais um item para enquadrar Che e seus

acólitos como bárbaros. Em Paris, encontraria muita companhia, mas com um toque de perfume. A nal,

estamos falando da esquerda caviar.

Resumindo, Che era porco, covarde, sedento por sangue e violência, machista e racista, tinha

preconceito contra homossexuais e roqueiros, e matou inúmeras pessoas inocentes em nome de sua

revolução, que dispensava julgamentos (coisa de burguês). E esse sujeito, no entanto, é visto como um

idealista romântico que lutava pela justiça social. Que mundo é esse?

A ignorância acerca desses fatos explica parte da idolatria a Che Guevara. Mas, como lembra Fontova,

“engodo e muita fantasia também o explicam, tudo alimentado de um antiamericanismo implícito ou

explícito”. Che, assim como Fidel, desa ou o “império” americano, e isso basta a que seja reverenciado

por idiotas úteis da esquerda. Que tenha sido uma máquina assassina, isso é um detalhe insigni cante

para alguns.

A ilha dos sonhos

Ninguém pode se considerar um membro da esquerda caviar se não nutrir ao menos alguma simpatia

pelo regime cubano. Nem que seja aquele socialista envergonhado, que começa condenando os

“excessos” de Fidel para, em seguida, enaltecer a saúde e a educação do regime.

Cuba ainda desperta fortes emoções em muito inocente útil mundo afora, que suspira só ao escutar o

nome Fidel Castro. O que essas pessoas deveriam fazer, talvez na classe executiva entre Rio e Paris, é ler o

livro Fidel: o tirano mais amado do mundo, de Humberto Fontova. Cubano exilado em Miami, Fontova

é autor do também excelente e já citado O verdadeiro Che Guevara.

Não deve ser fácil para ele ver os gringos ricos e ignorantes tratando como heróis esses que dizimaram

e escravizaram seus familiares, transformando sua nação em um feudo miserável. Fidel e Che, a nal,

costumam ser admirados por aqueles que vivem bem longe de Cuba. Nem mesmo Gabriel García

Márquez, amigo e profundo admirador de Fidel, escolheu viver na ilha, mesmo sabendo que teria todas

as regalias do camarada “dono do pedaço”.

Outro cubano exilado que colocou seu talento a serviço da informação sobre a realidade cubana foi

Andy Garcia. Em A cidade perdida, que conta com as participações de Bill Murray e Dustin Hoffman,

vemos uma história tocante, comovente e bastante realista, para quem sabe um pouco dos fatos daqueles

tempos revolucionários terríveis. Infelizmente, trata-se de um

lme que, por motivos óbvios,

praticamente não teve divulgação no Brasil.

Passagem sintomática no lme é quando, já após a tomada de poder pelos comunistas, uma

revolucionária vai até o clube de Fellove, o personagem de Andy Garcia, e ordena que a orquestra toque

sem o saxofonista. Incrédulo diante daquilo, Fellove questiona a razão, e escuta que o instrumento

representa o “imperialismo”. Espantado, explica que tal instrumento fora inventado por um belga em

1840. Sem sucesso.

Agora, se nada disso funcionar, então o tratamento de choque para se livrar do esquerdismo caviar

deveria ser a leitura de Contra toda a esperança, o relato comovente de Armando

Valladares, o poeta

que cou 22 anos preso no gulag caribenho. Armando descreve algumas das experiências que teve de

enfrentar na prisão política do regime comunista de Castro, e adianto que há passagens de embrulhar o

estômago de qualquer um — ainda mais o de um civilizado e elitista membro da esquerda caviar.

O esquerdista mais empedernido pode tentar se convencer de que todos os milhares de presos

mereciam estar ali, pois eram “traidores” ou “agentes da CIA” (haja agente!). Mas, se lhe restar um pingo

de honestidade intelectual, então sairá abalado dessa leitura. Nem mesmo o pior criminoso deveria

receber um tratamento tão desumano como aquele. O que dizer de alguém cujo “crime” fora discordar

do comunismo?

Todo tipo de tortura, espancamentos frequentes, humilhação, isolamento, trabalho forçado em

condições precárias, meses sem banho, “comida” repleta de bichos, dias sem comer, abusos constantes,

assim era a Ilha dos Pinos. O maior desa o daqueles presos consistia em se manter humanos, apesar das

condições animalescas a que eram submetidos. Eis um dos trechos, entre tantos da mesma natureza,

quando alguns tiveram de limpar uma vala onde o esgoto entupira:

Cada vez que mergulhávamos, afastávamos os excrementos com as mãos, para

afundar a cabeça. Os cabelos estavam

grudados, os ouvidos e os ferimentos dos pés e os das pernas, causados pelas baionetas da guarnição, eram como portas

abertas para a infecção. Os guardas, embriagados pela morbidez, desfrutavam aquela tortura; deleitavam-se ao nos ver

afundar a cabeça na água podre.

Mas esses foram dias “razoáveis” se comparados àqueles no presídio Boniato, o mais isolado e cruel de

todos. Uma espécie de Auschwitz latino-americano, até mesmo experiências com os presos os psicólogos

do regime realizavam. Muitos não resistiram e morreram ali; tantos outros cederam e pediram perdão ao

ditador por seus “crimes”, tendo que aderir, ainda que da boca para fora, ao marxismo. Armando

Valladares explica o claro objetivo do regime, tal como Stalin fizera:

Não tentavam nos matar com rapidez: seria generoso demais esperar um tal gesto de nossos verdugos. O objetivo era nos

levar, por meio do terror e das torturas, aos planos de reabilitação política. Essa era a meta deles e, para alcançá-la,

estavam decididos.

Uma experiência nos anos 1970, em Stanford, mostrou que o poder do policial tende a corromper.

Pessoas foram escolhidas aleatoriamente, e separadas em dois grupos, de policiais e prisioneiros. O grau

de realismo adotado foi fantástico, e os policiais foram “prender” os prisioneiros em suas casas. Em

apenas uma semana, os resultados eram chocantes.

O comportamento das cobaias de tal experimento fora completamente alterado. Os policiais estavam

autoritários, tinham prazer em humilhar os presos, e estes andavam de cabeça baixa, deprimidos. Alguns

tiveram de ser retirados da experiência em poucos dias. O contexto em que cada um fora aleatoriamente

colocado fez grande diferença na conduta. Quem tinha o poder, dele abusou. O poder corrompe.

Imagine agora um regime ditatorial, sem o escrutínio da imprensa livre ou de qualquer entidade

independente, sob a justi cativa ideológica para o crime, e com a liderança de um verdadeiro psicopata

rodeado de vários outros. Assim é Cuba. Claro que os mais sádicos subiram na hierarquia do poder,

gozando de carta branca para extravasar todo o sadismo. Tudo liderado pelo sádico supremo.

O “humanista” Fidel Castro mandou encher de explosivos o presídio da Ilha dos Pinos quando

começaram as batalhas na Baía dos Porcos, com a invasão americana e a tentativa de libertação dos

cubanos. As ordens eram conhecidas: se casse claro que os militares americanos tomariam o local, os

soldados cubanos deveriam detonar a carga de TNT e mandar pelos ares os milhares de presos políticos.

É muito amor pelo próximo...

A reverência ao meio século de totalitarismo cubano mostra aquilo que simboliza a esquerda caviar:

alardear boas intenções vale mais do que atos concretos. A retórica “altruísta” dos revolucionários serve

como salvo-conduto para todo tipo de crime comum. Em nome da utopia socialista, vale tudo. Os

“nobres” ns justi cam quaisquer meios, por mais nefastos que sejam. E o duplo padrão está sempre

presente, como reconhece Valladares, frustrado com a postura cúmplice da ONU em relação a Cuba:

Eu tinha compreendido, com resignação, que nada podíamos esperar da indolência e insensibilidade do mundo livre, que

apenas deixava ouvir vozes indignadas e denunciadoras quando maltratavam prisioneiros das ditaduras de direita.

Mas a esquerda caviar, assim como a ONU, adora o “diálogo”, como se fosse possível sempre resolver

todos os problemas do mundo apenas conversando. Para estes, eis o que o dissidente Reinaldo Arenas

tinha a dizer:

As pessoas que promovem um diálogo com Castro, sabendo (como todos sabem) que Castro não largará o poder de livre

e espontânea vontade, pois necessita apenas de uma trégua e de ajuda econômica para se fortalecer, são tão culpadas

quanto os carrascos que torturam e assassinam o povo, talvez até mais, pois em Cuba vive-se num clima de absoluto

terror.

Muitos falam dos “avanços sociais” na saúde e na educação. Como se isso, mesmo que verdadeiro (e não

é), absolvesse todos os crimes hediondos do ditador adulado por Hollywood. Até porque, se o critério

utilitarista fosse adotado, essas pessoas deveriam colocar Augusto Pinochet, o ditador chileno, no topo

de suas preferências, bem acima de Fidel.

Os resultados sociais e econômicos no Chile foram in nitamente melhores que os de Cuba, em boa

parte graças às reformas liberais na economia durante o regime de Pinochet. A hiperin ação da era

Allende foi contida, privatizações ocorreram, a economia engatou em um crescimento sustentável e o

país se tornou o mais estável e com o melhor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da região. Mas

claro que ninguém da esquerda elogia Pinochet. Um peso, duas medidas.

O fato é que Cuba não era um prostíbulo americano antes de 1959. Era um país com ampla classe

média, com o terceiro maior consumo de proteína no hemisfério ocidental, a segunda renda per capita

da América Latina (maior que as de Áustria e Japão), e a taxa de mortalidade infantil mais baixa da

região. Havia mais hospitais antes da revolução do que em 1990.

Sua taxa de alfabetização já era de 80% em 1957, e o mais importante: os cubanos tinham cerca de

sessenta opções de publicações diárias para escolher. Compare-se isso a

realidade atual, com um único

jornal, monopólio estatal, que reproduz apenas aquilo que o ditador deseja. Nas salas de aula, os alunos

“aprendem” sobre as maravilhas do socialismo, e depois precisam enfrentar a realidade infernal da ilha-

presídio. Educação ou doutrinação?

Em 1958, Cuba tinha nove cassinos, e apenas 5% do capital investido no país era americano. Se

muitos turistas buscavam diversão na ilha, vários cubanos também viajavam com frequência para

Miami. Hoje, milhares de cubanos estão dispostos a nadar no meio de tubarões para tentar a liberdade

nos Estados Unidos, tudo para fugir do “paraíso” socialista onde “nenhuma criança dorme na rua”.

Como nos conta Reinaldo Arenas, e que é sabido por todos que não sofreram lavagem cerebral ainda,

“A fome em Cuba é tão grande que as pessoas disputavam desesperadas os pedaços de carne vendidos no

mercado negro a preços altíssimos”. Famílias foram inteiras para a prisão por até cinco anos, pelo “crime”

de matar a própria vaca e se alimentar.

Para piorar o quadro, Havana recentemente passou Bangcoc como “capital do sexo infantil no

mundo”. Isso apesar dos mais de US$ 100 bilhões de subsídios que a antiga União Soviética mandou

para Cuba. A Venezuela de Chávez assumiu a mesada com seus petrodólares,

mas ca tudo concentrado

na nomenklatura selecionada pelo líder máximo.

Há também uma apartheid na ilha, com 80% dos presos sendo negros, contra menos de 1% da cúpula

do poder. Homossexuais são perseguidos. Há um regime de castas, em que cubanos não têm acesso a

locais para estrangeiros. Os “progressistas” da esquerda caviar não suportariam viver um dia sequer lá.

Outro efeito importante do totalitarismo cubano, como toda ditadura opressora, foi esgarçar

completamente o tecido social, pois qualquer um pode ser um delator, um membro da Polícia Política

disfarçado. As pessoas vivem com medo das sombras! Reinaldo Arenas descreve o clima criado pelo

comunismo:

Foi uma das coisas mais horríveis que o castrismo conseguiu: romper os laços de amizade, fazer com que descon ássemos

dos nossos melhores amigos, transformá-los em informantes, em tiras. Eu já desconfiava de muitos amigos meus.

Ninguém precisa defender a ditadura de Fulgêncio Batista para atacar o regime castrista. Estou apenas

mostrando que Cuba não era a enorme desgraça que pintam, e que Fidel Castro conseguiu piorar tudo.

Reinaldo Arenas, que chegara a lutar ao lado dos rebeldes no começo, teve de reconhecer: “Aquele líder

que lutara contra Batista era agora um ditador muito pior do que o próprio

Batista, e um mero fantoche

da União Soviética stalinista”.

Arenas toca no ponto nevrálgico sobre a diferença entre o regime pregado por boa parte da esquerda

caviar e aquele a que tem ojeriza:

A diferença entre o sistema comunista e o capitalista é que, embora os dois nos deem um chute na bunda, no sistema

comunista a gente leva o chute e tem que bater palmas; no capitalista, a gente também leva, mas pode gritar.

Quando o dissidente nalmente chegou ao exílio nos Estados Unidos, não foi capaz de ignorar o

fenômeno retratado nesse livro. Reconheceu que estava descobrindo “uma fauna” nova: a dos

comunistas de luxo. Arenas seria duro com toda essa esquerda festiva e ignorante. Certa vez, quando um

professor em Harvard elogiou Fidel Castro, pegou o prato de comida do professor e atirou contra a

parede, alegando que em Cuba ele jamais teria direito a tanta fartura.

Outra leitura recomendada aos que gostam de apreciar Cuba de longe: A ilha do doutor Castro.

Escrito por Corinne Cumerlato e Denis Rousseau, jornalistas que viveram por longos três anos lá, o livro

relata em detalhes o cotidiano do “paraíso”. Um exemplo da experiência:

Viver o dia a dia nessa ilha do socialismo tropical é praticar uma verdadeira guerrilha contra a adversidade. O gesto mais

anódino, a menor providência, a menor necessidade vital — comer, dispor de

luz, de alojamento, cuidar da saúde —

converte-se num percurso de combatente. O alojamento é um dos pontos negros dessa infernal luta pela sobrevivência.

Cuba virou hoje importante rota de trá co de drogas, com claras evidências de envolvimento do

governo, assim como quintal para terroristas antiamericanos. Ilich Ramírez Sánchez, terrorista

venezuelano mais conhecido como Carlos, o “Chacal”, encontrou guarida por lá. O país passou a ser

terreno amigável para os mais terríveis criminosos.

Não poderia ser diferente com dois irmãos psicopatas no poder. Aos que pensam que Raúl é da linha

mais light, vale estudar seu passado. Raúl Castro escreveu em 1960: “Meu sonho é jogar três bombas

atômicas em Nova York”. Seu irmão chegou a arquitetar planos para efetivamente lançar bombas na

cidade, que felizmente fracassariam.

Fidel, retratado como humanitário pelos idiotas, demonstrava sua paixão pela violência desde jovem.

Em seu livro Cuba sem Fidel, Brian Latell diz: “Já com vinte anos de idade, Fidel considerava a prática

de assassinatos e a provocação de situações caóticas meios justi cáveis e aceitáveis para ver materializados

seus interesses pessoais.”

Mas eis que o tirano ainda conquista corações ingênuos por aí. O leitor duvida? Então, por que ainda

temos partidos que pregam o socialismo, enaltecendo o regime cubano, como faz o PSOL de Chico

Alencar? Por que nossa presidente chama Cuba de “país-irmão” na ONU, criticando o embargo

americano, mas é incapaz de fazer uma crítica ao regime ditatorial dos Castro?

A esquerda caviar se adaptou, mas mantém o sonho utópico vivo. Eduardo Galeano é a prova disso:

continua defendendo o seu “direito ao delírio”. Para ele, a utopia serve para caminharmos, mesmo que

jamais a alcancemos. Defendendo a utopia, disse: “Se não nos deixais sonhar, não os deixaremos

dormir”.

O cineasta brasileiro Fernando Meirelles iria na mesma linha ao a rmar, em uma entrevista, que

“nossos sonhos não cabem no capitalismo”. O problema, claro, é que o sonho deles, de fato, tira o sono

dos inocentes, e transforma suas vidas em um verdadeiro inferno.

Não se engane. A esquerda carnívora ainda vive, e tem em Fidel um guru. E essa esquerda acaba

protegida pela outra, mais herbívora, mais chique, que possui até apartamento em Paris, mas adora Cuba

de longe. A ilha dos sonhos dessa esquerda caviar é a ilha do pesadelo para os cubanos.

Os melancias

Órfãos do comunismo após a queda do Muro de Berlim e do império soviético, muitos tiveram de buscar

refúgio em outra seita. O ambientalismo caiu-lhes como luva. Em vez de atacar o capitalismo porque

incapaz de gerar riqueza, algo que ficou absurdo, agora ele seria atacado por produzir riqueza demais!

O planeta não suportaria tanto crescimento. É preciso reduzir o consumo; alterar completamente

nosso estilo de vida ocidental. Esse alarmismo, como veremos, passou a ser propagado pelos “melancias”:

verdes por fora, mas vermelhos por dentro.

A nova seita ambientalista congrega quase todas as atrações que abordamos nas origens do fenômeno

da esquerda caviar. Sem dúvida há muitos interesses pér dos por trás dela, pois se trata de um negócio

multibilionário. Há também a sede por poder, pelo controle da vida alheia. Há a visão escatológica de

fim do mundo, que atrai os misantropos.

Há a cruzada moral, que garante o regozijo dos membros da seita como seres acima dos demais (basta

ver o olhar de desprezo que a senhora com sacola reciclada lança para o sujeito com aquelas de plástico).

Há o espaço para nutrir a inveja aos mais ricos, pregando um estilo de vida mais “simples” para todos.

Muitos movimentos ambientalistas se tornaram apenas veículos de alarmismo infundado. O pânico

incutido nos leigos varia de tempos em tempos, passando pela chuva ácida, o buraco na camada de

ozônio, o lixo atômico, os agrotóxicos, o aquecimento global. Mas todos parecem sempre condenar o

progresso industrial e enaltecer uma suposta vida “natural”.

Viver no mundo “natural” é algo muito difícil, como todos aqueles que não aproveitaram o progresso

ocidental podem atestar. Até mesmo algo tão banal hoje, como ter alimentos frescos o ano todo, não era

possível antes da introdução generalizada da refrigeração em trens, navios, armazéns e contêineres.

Doenças, hoje facilmente tratadas, eram causa de inúmeras mortes, principalmente de crianças. Essa

visão nobre da vida “natural”, herança de Rousseau, é simplesmente falsa. Como a Dra. Dixy Lee Ray

coloca em seu livro Sucateando o planeta, sobre os dias de um passado não tão distante, “a verdade é

que foram dias sujos, roídos pelas doenças, e malcheirosos”.

Bastaria um dia no “inferno verde”, como a selva costuma ser chamada, para alguém da esquerda

caviar se defrontar com uma realidade totalmente diferente daquela idílica criada em suas ilusões. A vida

natural não é um sitio bucólico com paisagismo de Burle Marx, mas uma luta constante pela

sobrevivência. Muitas vezes uma árdua luta contra a natureza.

O cantor Timothy Treadwell, um ambientalista de Malibu (habitat onde pululam esquerdistas de

limusine), experimentou na pele o preço dessa visão romântica do mundo

selvagem. Ele viveu uma vida

dedicada aos ursos, e insistia que eram criaturas dóceis. Queria cantar-lhes canções de amor.

Acabaria devorado por um deles, e ainda levaria a namorada junto na aventura. Pode ser que tenha

desa nado demais, ao que o urso apenas reagiu indignado. Pre ro outra lição, porém: é nisso que dá

confundir filmes da Disney, como O irmão urso, com a realidade.

Outro caso foi retratado no lme Na natureza selvagem, dirigido pelo esquerda caviar Sean Penn.

Conta a história verídica de um jovem recém-formado que foi vagar pela natureza em busca de sentido,

atrás de seu “eu” profundo. O que encontrou lá dentro foi o veneno de uma planta ingerida por

ignorância. Atentai, “melancias”: a natureza mata!

Não importa. Uma típica esquerdista caviar adora tudo que é “natureba”, ama todos os animais, acha

lindo as mulheres que sequer depilam as axilas, desde que ela própria que longe dessa natureza bárbara

e detone cada pelo do sovaco com depilação a laser! A Dra. Ray tenta resumir algumas características

presentes nesses que atacam o progresso:

O o condutor dessa crença parece ser a ideia malthusiana da nitude dos recursos, dos limites a serem impostos ao

crescimento, do controle populacional forçado, da descrença no ser humano, da crença na onipotência do Estado, de sua

competência no controle das escolhas individuais e na rejeição da ciência, da tecnologia e da industrialização.

Malthus e seu pessimismo parecem retornar de tempos em tempos. Mas o fato é que a humanidade

avançou muito, e os homens hoje vivem mais e melhor. Eis o que demonstra o Dr. Indur Goklany em

The Improving State of the World, publicado pelo Cato Institute.

Goklany foi um delegado americano do IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change), e seu

livro conta com inúmeros dados, tabelas e grá cos sustentando a conclusão de que o mundo vem

melhorando bastante, inclusive em termos de ambiente, graças ao avanço tecnológico e ao livre comércio.

Um dos ícones desse pessimismo infundado foi a publicação, em 1972, de ϵe Limits to Growth, do

Clube de Roma, cuja tese geral seria reiterada depois no Global 2000 Report to the President. A

mensagem central desses malthusianos é sempre a mesma: a humanidade está rapidamente se

aproximando dos limites do crescimento, exaurindo os recursos naturais e destruindo o planeta.

Nos últimos dois séculos, porém, a população global cresceu mais de sete vezes, saindo de 900 milhões

para 7 bilhões de indivíduos. Não obstante, a média da população se alimenta melhor do que no

passado. A oferta de alimentos per capita cresceu 24% de 1961 a 2002, e, nos países mais pobres, o

crescimento foi ainda maior, de 38%. Na China, que comporta quase um sexto da população mundial, o

consumo de calorias per capita aumentou 80% nesse período, e na Índia o aumento chegou a 50%.

Se depender dos avanços tecnológicos, a inanição pode desaparecer do planeta. Mas muitos

ambientalistas criam obstáculos ao progresso tecnológico. Os transgênicos, por exemplo. Houve forte

reação aos alimentos geneticamente modi cados, muita paranoia que servia para mascarar interesses

escusos.

Em um raro ato de mea culpa, um dos líderes desse ataque, Mark Lynas, reconheceu publicamente

que estava errado sobre o medo ante as sementes geneticamente modi cadas. Ele pediu desculpas por

toda a campanha contra os transgênicos que ajudara a liderar na década de 1990. A explicação para

mudança tão radical? Teria a nal descoberto a ciência, o que o obrigou a abandonar o ecoterrorismo em

nome da honestidade intelectual.

Mas a esquerda “verde” adora discursar em prol dos alimentos orgânicos. Discursar, eu disse. Pois,

como são produtos mais caros, nem todos da gauche podem se dar ao luxo de consumi-los

exclusivamente. Só a elite mais abastada mesmo. Tanto é assim que a loja de orgânicos do príncipe

Charles, na Inglaterra, fechou as portas por falta de lucro. Parece que os “naturebas” gostam muito do

discurso bonitinho, mas, na hora de coçar a carteira, vão para as alfaces e tomates mais baratos dos

grandes produtores que usam agrotóxicos mesmo...

O avanço tecnológico costuma andar de mãos dadas à qualidade de vida. Antes da industrialização, ao

menos uma criança entre cinco morria antes de completar o primeiro aniversário. Em outras palavras, a

mortalidade infantil era de duzentos para cada mil nascimentos. Nos Estados Unidos, em 1900, a

mortalidade infantil era de 160, mas, em 2004, já caíra para 6,6 em cada mil nascimentos.

Algumas pessoas gostam de condenar a era da industrialização por causa do pesado trabalho

feminino e até infantil, esquecendo que, antes, a alternativa era morrer de fome. Foi justamente o

progresso capitalista que permitiu essa feliz mudança na vida de tanta gente. A população cara

estagnada por muitos séculos, até começar a aumentar vertiginosamente.

O proletariado, que o capitalismo é acusado de ter “criado”, não era uma proporção da população que

teria existido sem esse sistema e que foi degradado por ele; era um adicional populacional que pôde

crescer justamente pelas inúmeras oportunidades de empregos que o capitalismo possibilitou.

Não só estamos vivendo muito mais, como estamos vivendo melhor. Durante o século XX, as doenças

crônicas foram postergadas: nove anos para doenças do coração, onze anos para doenças respiratórias e

oito anos para câncer. A taxa de analfabetismo global caiu de 46% para 18% entre 1970 e 2000. O uso de

trabalho infantil em termos mundiais foi reduzido de 24,9% em 1960 para 10,5% em 2003. Isso não foi

possível pela aprovação de leis mágicas, mas, sim, pelo crescimento econômico.

Tudo isso se deve ao avanço da técnica capitalista no uso dos recursos nitos. A Idade da Pedra não

cou para trás porque acabaram as pedras, nem a Idade de Bronze virou história porque acabara o

bronze. Os homens foram desenvolvendo formas mais produtivas de uso dos recursos. Como disse

Thomas Sowell:

Os homens das cavernas tinham os mesmos recursos naturais à sua disposição que temos hoje, e a diferença entre o seu

padrão de vida e o nosso é a diferença entre o conhecimento que eles poderiam usar nesses recursos e os conhecimentos

usados hoje. Apesar de falarmos vagamente que o homem “produtivo” não cria nem destrói a matéria, mas apenas a

transforma, o conhecimento de como fazer essas transformações é um fator-chave da economia.

A esquerda caviar, contudo, não quer saber disso. Prefere comer granola no café da manhã, de

preferência no ar condicionado, alimentos orgânicos no almoço, e usar sua bike como meio de

transporte, depois de abraçar algumas árvores no caminho. Vai salvar o planeta com seu lixo reciclado e

seu banho com o chuveiro fechado. Até mesmo “sexo ecológico” a turma prega, seja lá o que for isso.

Talvez usar a camisinha dos dois lados antes de reciclá-la como bexiga de festa infantil.

A paranoia antiprogresso da esquerda caviar está em patamar tão elevado que a conservadora Ann

Coulter, em seu livro Demonic, que trata do fenômeno da psicologia das massas para explicar o

esquerdismo moderno, fez a seguinte brincadeira (com ares de verdade):

Quer assustar um esquerdista? Mencione usinas nucleares, frutas geneticamente modi cadas, novos remédios, irradiação

de alimentos, ou armas com molduras de plástico. Nós provavelmente poderíamos espalhar uma multidão de

manifestantes esquerdistas apenas ao nos aproximarmos deles com um moderno aspirador de pó. Isso certamente

funciona em cães e gatos. O terror abjeto da esquerda ao desenvolvimento tecnológico é mais um atributo do

comportamento das multidões.

Os esquerdistas desdenham do progresso que usufruem. Olham os donos de caminhonetes SUVs como

verdadeiros criminosos. São melhores, pois possuem “consciência ecológica” e usam lâmpadas brancas,

feias e econômicas, em casa, dando um ar de hospital ao lar. Sem falar de seus lhos, que, com dez anos

de idade, já se preocupam com o derretimento iminente do Alasca!

Pergunte aos “melancias”: por que vocês se preocupam tão mais com os donos dessas caminhonetes

do que com as indústrias poluidoras da China? Talvez uma re exão sincera sobre isso já zesse muito

ecochato acordar...

No livro O ambientalista cético, o estatístico e ex-membro do Greenpeace Bjorn Lomborg faz um

relato sobre várias ladainhas dos ecologistas. Lomborg voltaria ao tema depois em Cool It, em que pede

maior cautela sobre o tema do aquecimento global. A reação de muitos ambientalistas demonstrou como

o movimento já virou seita religiosa. Quase ninguém quer saber dos dados levantados pelo autor.

Preferem ignorá-lo ou atacá-lo. Atire no mensageiro!

A esquerda caviar é atraída pelo ecoterrorismo por questões emocionais. Culpar o capitalismo pelas

desgraças naturais passa a ser irresistível. O furacão Katrina destruiu a cidade de New Orleans?

Aquecimento global, causado pelo homem, no regime capitalista. O furacão Sandy deixou um rastro de

estrago em Nova York? Mesma coisa.

Não importa que o mundo sempre tenha convivido com esse tipo de desgraça. Na China, por

exemplo, em 1887, algo como 900 mil pessoas morreram na enchente do rio Amarelo. Em 1931, a

grande inundação do rio Yang-Tse-Kiang causou a morte de cerca de 3 milhões de pessoas, devido à

enchente e à falta de alimentos. Enchentes mataram também cerca de um milhão de pessoas entre 1938 e

1939. Novamente, em 1959, fortes enchentes mataram cerca de 2 milhões de pessoas. Culpa do

capitalismo?

Voltando aos Estados Unidos, que sempre desperta maior interesse, principalmente se algo de ruim

ocorrer em seu território, temos que o maior número de vítimas fatais decorrente de um furacão naquele

país foi registrado em 1900, com mais de 8 mil mortos. Em 1928, outro furacão mataria quase 2 mil

pessoas. Em termos de força, o pior furacão se deu em 1935, seguido pelo Camille, em 1969. O Andrew,

de 1992, vem depois, mas logo em seguida temos um em 1919 e outro em 1928.

Na verdade, o preocupante mesmo, que deveria estar no topo das prioridades dos ambientalistas, são

os desastres causados pelos homens, e muitos por culpa do modelo socialista que defendem. Não vamos

esquecer do acidente nuclear de Chernobyl em 1986, na então comunista Ucrânia.

Os ambientalistas nada falam, por exemplo, das precárias condições das usinas nucleares da Coreia do

Norte. Ou então dos milhares que morrem todo ano nas minas de carvão da China, ainda fortemente

dependente desse recurso energético muito poluente. A revolta, como de praxe, é bem seletiva.

As bandeiras alarmistas variam com o tempo. Na década de 1970, que não faz tanto tempo assim, o

grande alerta dos especialistas no ramo era quanto ao esfriamento global. A BBC produziu um

documentário chamado єe Weather Machine em que um alerta sobre uma possível nova era glacial era

sustentado.

Um relatório daquela época, da Academia Nacional de Ciência, levou a revista Science a concluir, em

sua edição de março de 1975, que uma longa “era glacial é uma possibilidade real”. De acordo com a

edição abril de 1975 da Newsweek, “o clima da terra parece estar se resfriando”. Na edição de fevereiro de

1973 da Science Digest, consta que “quando o congelamento começar será muito tarde”. Livros sobre o

assunto fizeram sucesso.

Isso, por si só, deveria aumentar o grau de ceticismo das pessoas em relação aos especialistas de hoje,

que chegam ao limite de culpar a atulência das vacas ou os desodorantes humanos pela “iminente”

destruição do globo. Os alarmistas de hoje alcançam um paradoxo interessante: têm mais certeza sobre o

que vai acontecer com o clima do que sobre aquilo que de fato ocorreu no passado, ainda motivo de

dúvidas. Para omas Sowell, o aquecimento global “é apenas a mais recente de uma longa lista de

cruzadas histéricas a que estamos, parece, crescentemente suscetíveis”.

Para Karl Popper, “O método do conhecimento cientí co é o método crítico: o método da busca por

erros e da eliminação de erros a serviço da busca da verdade, a serviço da verdade”. Quando vemos a

postura de muitos “cientistas” modernos, nanciados pela ONU, lamentamos a morte dessa postura

crítica tão crucial ao avanço cientí co. Os “negacionistas” são tratados como hereges, assim como ocorre

nas religiões. O debate livre é sacri cado em nome da causa. A mente aberta e humilde deu lugar ao

dogmatismo.

A maior prova disso está nos e-mails que vazaram do Climatic Research Unit (CRU), episódio que

caria conhecido como “Climategate” (em alusão ao “Watergate” que derrubou Nixon). O CRU é

provavelmente o estabelecimento mais importante da área. Não se trata de uma unidade obscura no m

do mundo, mas de um grupo que reúne os cientistas mais renomados. Os nomes mais citados nos e-

mails são os de Michael Mann e Phil Jones, que estão entre os mais importantes da causa.

Uma das táticas usadas pelos cientistas foi a do consenso, com uma espécie de complô para ignorar os

estudos dos “dissidentes”. Sem peer-review, esses estudos perdem importância, pois, na ciência, a crítica

dos pares é fundamental. Trata-se de um boicote deliberado a quem discorda, para criar uma aparência

de consenso maior do que o existente. São cientistas agindo como ativistas políticos.

Os ambientalistas pessimistas partem de um fato — o aumento na temperatura média do planeta — e

concluem muitas coisas que não estão, nem de perto, provadas. Podemos estar diante de uma falácia

conhecida como non sequitur, em que as premissas são verdadeiras, mas a conclusão não lhes é derivada.

Não há prova, e para muitos cientistas sequer evidências, de que é a ação humana que causa tal

aumento da temperatura — que, inclusive, já dá sinais de reversão. Muitos cientistas renomados, mas

ignorados pela mídia e pelo público em geral, a rmam que a temperatura da Terra sempre oscilou

bastante, que já foi mais quente que a atual, e que tudo isso é normal. Não vamos esquecer que o nome

Groelândia vem de “terra verde” (Greenland), que os vikings colocaram quando chegaram ao local

séculos atrás.

Há quem questione mesmo o próprio aquecimento, apontando falhas na medição, fatores urbanos

como fonte de erros etc. Para outros, o planeta já começou uma fase de esfriamento novamente. Para se

proteger desse risco, pode-se notar que os ambientalistas alteraram o discurso, trocando a expressão

“aquecimento global” por “mudanças climáticas”, algo tão vago que é capaz de abranger qualquer coisa.

A França teve, em 2013, a primavera mais fria dos últimos cinquenta anos! Aquecimento global?

Mudanças climáticas. E suas lideranças políticas seguem com o ecoterrorismo. A diretora-gerente do

FMI, Christine Lagarde, em entrevista ao WSJ, disse que “nossos lhos serão grelhados, fritos, assados e

torrados”. Tantos problemas imediatos na Europa, como a crise econômica, os dé cits públicos, a

crescente islamização do continente, e Lagarde parece mais apavorada com o aquecimento global? Com

aquele tom de pele sempre bronzeado, poderia jurar que ela curtia um pouco de aquecimento...

Se o Ártico apresenta degelo recorde, a Antártica, por sua vez, teve congelamento recorde.

Aquecimento global? Mudanças climáticas. Os cientistas apelaram para o duplipensar: enquanto o

crescimento de gelo antártico pode estar vinculado “aos ventos, à queda de neve e ao frio”, o

derretimento no Ártico “está mais claramente ligado ao aquecimento climático registrado ao longo das

décadas”. Ou seja, as evidências empíricas que corroboram com minha teoria, eu

as uso, e as que não,

descarto. Isso é ciência?

Há uma lista crescente de milhares de cientistas contra o alarmismo do aquecimento global. Mas a

imprensa não costuma lhes dar espaço. É Al Gore, o Prêmio Nobel da Paz, que ganha mais destaque,

com suas mentiras e extrapolações no “documentário” Uma verdade inconveniente. A verdade

inconveniente é que Al Gore representa o típico esquerdista caviar, usando o ecoterrorismo como um

lucrativo negócio e vivendo ao contrário daquilo que prega.

Sua mansão consome mais energia do que vilas inteiras, sem falar de seus constantes voos em jatos

particulares. Mas não importam a hipocrisia e suas mentiras: ele é o grande messias salvador do planeta

contra os ricos industriais!

Muitos a rmam que “o seguro morreu de velho”, alegando que as consequências seriam insuportáveis se

as previsões pessimistas estiverem corretas. Trata-se do “princípio precaucionário”. Há alguma lógica

nisso, mas é preciso ter em mente que os recursos são escassos, e existe um claro trade-off aqui. Bilhões

que migram para a causa ambientalista são bilhões que deixam de ir para outros projetos, que poderiam

gerar empregos e riqueza.

Os recursos não são in nitos, e é preciso decidir onde são mais necessários.

Quando um projeto vai

para a gaveta por conta da barreira ambientalista, empregos deixam de ser gerados. A paranoia

ambientalista tem um elevado custo. Será que salvar o sapo do rio é mais importante do que ter energia

nas indústrias? Quem responde que sim normalmente já possui uma casa com eletricidade.

Recursos usados para a causa verde são recursos não aplicados em segurança, por exemplo. O que é

mais arriscado: o derretimento da Antártica ou ditadores armados até os dentes? Hans Blix, responsável

pela inspeção da ONU no Iraque, chegou a declarar que estava mais preocupado com os riscos do

aquecimento global do que com a corrida armamentista. Não espanta que tenha sido feito de bobo pelo

então ditador iraquiano Saddam Hussein.

É necessário considerar que os países menos desenvolvidos são justamente os mais afetados pela

histeria ambientalista, que chega a causar efeitos desastrosos nos países mais pobres. Forçar os africanos a

usar energias solar e eólica, bem mais caras, em vez de utilizar o carvão e o petróleo presentes na região,

signi ca condenar milhões à miséria. Como a África irá se industrializar valendo-se de energia solar?

Qual siderúrgica ou ferrovia funciona assim, mesmo no rico Ocidente?

Como disse Patrick Moore, um dos fundadores do Greenpeace, “o movimento

ecologista tornou-se a

mais intensa corrente a impedir o desenvolvimento nos países subdesenvolvidos". A ideia é

compartilhada por outros, como Ricardo Augusto Felício, climatologista e professor da USP, que

detonou as farsas do aquecimento global em entrevista no "Programa do Jô", na TV Globo.

Em ato raro de coragem, ninguém menos que James Lovelock, o "pai" da Teoria de Gaia, fez

recentemente um mea culpa público, alertando que o movimento verde fora longe demais ao cair no

fundamentalismo e ignorar que os cuidados com o planeta não podem ser dissociados dos interesses e

necessidades dos homens.

Quem ainda não estiver convencido de que o movimento verde virou a nova morada dos vermelhos

deveria ler Os melancias, do jornalista britânico James Delingpole. O autor fez intensiva pesquisa

mostrando os bastidores da causa. O que emerge desse pântano não tem cheiro bom.

É preciso entender que não há teoria conspiratória alguma por trás dessa acusação. Ao contrário: o

que existem são con ssões abertas, infelizmente pouco conhecidas. Vários ícones do ambientalismo

moderno declaram aos quatro ventos seus reais objetivos: criar um "mundo novo", destruir o antigo,

capitalista e individualista, que é movido por lucro.

O próprio Clube de Roma, um representante par excellence do movimento, deixa isso claro em suas

atas. O Conselho do Clube, reunido em 1991 (logo depois da queda do muro de Berlim), constatou que

seus membros estavam ali por um novo inimigo, que iria uni-los. A ideia que tiveram, então, consiste em

que a poluição, a ameaça do aquecimento global, as secas e a ns serviriam a esse propósito. O verdadeiro

inimigo era a própria humanidade!

Judi Bari, uma ambientalista ferrenha e organizadora das campanhas Earth First! na Califórnia,

declarou que somente acabando com o capitalismo haveria uma chance de salvar o planeta

ecologicamente. Em seguida, declarou que, sob o socialismo, seria possível ter uma sociedade

ecologicamente saudável. Precisa dizer mais?

Sim? Então vejamos Peter Berle, um advogado ambientalista de Nova York, membro do Conselho da

Sierra Club: “Nós rejeitamos a ideia da propriedade privada.” A lósofa indiana Vandana Shiva, uma

ecofeminista (!?), chegou a culpar o “neoliberalismo” pelo estupro coletivo da universitária de 23 anos

que voltava para casa, em dezembro de 2012, após sessão de cinema em Nova Déli.

Em nome dessa causa, essas pessoas querem impor maiores impostos, controlar

nossas vidas e ditar como

os recursos devem ser gastos. O clima de crise permanente, de desgraça iminente, atende perfeitamente a

esse objetivo, justificando cada vez mais avanços do estado sobre nossas liberdades.

Para se ter uma noção do patamar que a situação atingiu, vale citar que até a atulência bovina

passou a ser taxada na Europa! Não é brincadeira. O cow fart tax, como cou conhecido, foi proposto

pela Environmental Protection Agency (EPA) e recai sobre os proprietários de gado por conta da emissão

de poluentes através da flatulência — a da vaca, não a do fazendeiro.

Quando a nal se taxa a atulência bovina, nada mais há para se taxar. É o governo estatizante,

alimentado pela histeria ambientalista, chegando ao cúmulo do ridículo e do absurdo: imposto sobre o

pum das vacas! Isso não cheira bem...

Como já foi dito, o ambientalismo se tornou um negócio de muitos bilhões. A World Wide Fund

(WWF), teve uma arrecadação de US$ 640 milhões em 2010. A simbiose com o governo é grande: a

United States Agency for International Developement (USAID) doou para a instituição um total de US$

120 milhões ao longo dos anos. É uma montanha de dinheiro capaz de testar o mais íntegro dos

ambientalistas.

A revista alemã Der Spiegel publicou uma longa matéria, em maio de 2012, mostrando como a

entidade ajudava mais a indústria do que o ambiente. Companhias multinacionais passaram a trabalhar

junto com a WWF. Suas certi cações e selos garantem a boa aceitação dos produtos dessas empresas, e

servem para coibir concorrentes menores e locais em países menos desenvolvidos.

Entidades como a WWF, o Greenpeace, o Friends of the Earth, a Sierra Club e o Australian

Conservation Club levantam bilhões de dólares para suas causas, não são eleitos por voto algum,

representam interesses privados, mas acumulam um poder incrível. Muitas decisões políticas sofrem sua

influência. Quem tem interesse em aliviar a pressão alarmista em uma situação dessas?

Além do interesse monetário e por poder, a seita verde atrai muitos seguidores por um profundo desejo

de autodestruição também. Como ocorreu com o comunismo antes, e com o islamismo radical depois,

parte da esquerda caviar abraça o ecoterrorismo em busca de um ataque fulminante ao ser humano. A

misantropia salta aos olhos em vários discursos. Por baixo do manto dos amantes de pandas e baleias

impõe-se o desprezo pelo único animal racional: o homem.

Várias declarações deixam isso transparecer. David Ross Brower, fundador de várias entidades

ambientalistas, incluindo o Sierra Club, disse que, apesar de a morte de jovens homens nas guerras ser

algo indesejado, isso não é mais sério do que a invasão de montanhas e áreas selvagens pela

humanidade.

O famoso explorador Jacques Custeau certa vez a rmou que, para estabilizar a população mundial,

era preciso eliminar 350 mil pessoas por dia. Reconhecia que era algo horrível de se dizer (que meigo),

mas a rmou que era tão ruim quanto não dizer essa “verdade”. Já pensaram se tivesse poder ditadorial

em mãos?

O bilionário socialista Ted Turner, dono da CNN, foi na mesma linha quando disse que o tamanho

ideal de população seria de 250 a 300 milhões, uma queda de 95% dos níveis atuais. O mesmo Ted disse

que era um fanático e que cava tão revoltado com o desmatamento das orestas que tinha vontade de

pegar uma arma e fazer algo a respeito. E falou ainda, de cima de seus bilhões, que estava confortável

com a ideia do comunismo, que seria “parte da fábrica da vida nesse planeta”.

O príncipe Philip, duque de Edimburgo e terceiro presidente da WWF, a rmou que, se voltasse em

uma reencarnação, gostaria de ser um vírus assassino para reduzir os níveis da população humana.

Como não creio em reencarnação, o que me preocupa mesmo é o vírus da

misantropia espalhado pelo

ecoterrorismo.

Peter Singer, o mais famoso defensor dos direitos dos animais, tem uma ética utilitarista bastante

peculiar. Para ele, está tudo bem em se eliminar um bebê de ciente se isso estiver no melhor interesse do

bebê (?) e de seus familiares. Entende que muitas pessoas considerem isso chocante, mas acha

contraditório que pensem assim aqueles que aceitam o direito de aborto. Julga medieval a noção de que a

vida humana é sagrada, e considera o Cristianismo seu grande inimigo.

Em seu livro Ética prática, Singer coloca a capacidade de sofrimento como o grande fator na hora de

avaliar direitos. Se o rato sofre quando usado em experimentos, então isso deve ser evitado. Por outro

lado, se o idoso não sofre com uma injeção letal, segundo sua ética utilitarista, tudo bem. Singer diz: “Os

especistas humanos não admitem que a dor é tão má quando sentida por porcos ou ratos como quando

são seres humanos que a sentem”.

Logo, ser um “especista” — alguém que prioriza a sua própria espécie — seria análogo a ser racista

entre humanos. Singer coloca em pé de igualdade aquele que julga inferior um membro de outra “raça”

(sic) humana e aquele que se julga acima e digno de mais direitos que um rato ou um porco.

Com base em seu único critério, o do sofrimento, alega que recém-nascidos da nossa espécie, por não

terem elevado nível de consciência ainda, seriam tão passíveis de uso em experimentos quanto animais. O

mesmo valeria para deficientes mentais. O filósofo coloca a seguinte questão:

Se zermos uma distinção entre os animais e esses seres humanos, caberá também a pergunta: de que modo poderemos

fazê-la, a não ser com base numa preferência moralmente indefensável por membros de nossa própria espécie?

Não sei quanto ao leitor, mas eu tenho, sim, uma preferência por membros de minha espécie, Homo

sapiens, e jamais diria que é “moralmente indefensável”. Muito pelo contrário, considero-a essencial, não

apenas para a sobrevivência de nossa espécie, como para a preservação dos valores morais mais caros à

nossa civilização. A esquerda caviar parece discordar, e coloca os interesses do camundongo no mesmo

patamar dos nossos. Não devemos ser “especistas”...

Não deixa de ser curiosa a postura de Singer e companhia: tentam equiparar todos os animais, ao menos

os que são capazes de sofrer, mas cobram dos animais humanos mais sacrifícios. Os peixes podem se

comer entre si, o tigre pode avançar sobre a gazela, o leão pode traçar o veado, mas nós não podemos

comer carne alguma. A nal, somos superiores e temos consciência ética, capacidade de re etir. E isso,

pelo visto, é um fardo, não uma vantagem.

Quase todo membro da seita vegetariana se considera melhor que os demais seres humanos por abrir

mão do consumo de carne. A sensação de superioridade moral resta evidente em todo debate. Fica

assim, então: os animais têm os mesmos direitos que os homens, pois somos todos iguais, mas, entre os

homens, uns são melhores que os outros, pois reconhecem a igualdade de todos os animais. Às vezes

quase concordo e aceito a tese de que não há muita distinção entre as antas e os humanos...

Os “veganos”, que são vegetarianos ainda mais radicais, não ingerem nenhum produto de origem

animal. Transformam a dieta alimentar em uma espécie de religião. Só tem um problema: vegetais

também são seres vivos, e com certos sentimentos. Tanto que plantas se desenvolvem melhor ao som de

música clássica. Pode comer vegetal? Walcyr Carrasco, em coluna da revista Época, explicou de forma

bem-humorada por que rejeita a seita:

Esse é um dos motivos pelos quais não me tornei vegano. Imagino estar na mesa com executivos da televisão ou de

editoras, para discutir um contrato. E dar um beijo num rabanete.

— Rabanete querido, vou te morder. É a cadeia alimentar que me obriga a isso. Perdoe-me, meu amigo.

O autor conclui: “Comer de forma saudável deve ser ótimo. Mas a vida vira um

tédio. Gosto de reunir os

amigos em torno de uma mesa, rir e comer, sem pensar no destino horrível do atum e do salmão. Ser

guloso é uma vocação.” Infelizmente, a vocação de muita gente é outra: amar mais os bichos que os seres

humanos.

A People for the Ethical Treatment of Animals (PETA), conhecida por interromper des les de moda,

por usar modelos nuas nas campanhas e por levantar milhões de dólares de celebridades em Hollywood,

é sem dúvida a maior prova dessa misantropia presente na seita verde e na bandeira de “direitos dos

animais”. Um camundongo costuma ter muito mais importância em sua hierarquia de valores do que os

humanos.

Ingrid Newkirk, cofundadora da PETA, disse que ter animais de estimação é como ter escravos

humanos. Para ela, não podemos falar do Holocausto, que matou 6 milhões de judeus, e ignorar todas

as galinhas mortas anualmente! Ingrid falou ainda que um rato e uma pessoa são equivalentes. Será que

levou um pé na bunda de algum cafajeste quando declarou isso?

Para não deixar sombra de dúvidas sobre sua misantropia, disse ainda que “o mundo seria um lugar

in nitamente melhor sem humanos nele”. Bruce Friedrich, vice-presidente de campanhas da PETA,

a rmou também que as galinhas são indivíduos interessantes, que têm tanto direito de não ser

cozinhados ou comidos como cachorros, gatos e, sim, até mesmo humanos!

Na próxima vez que o leitor degustar aquele frango na mostarda, lembre-se de que é prática análoga à

de comer batata. Não o tubérculo, mas a batata da perna de um amigo. Ainda considera chique o

vegetarianismo ideológico da esquerda caviar? Penso que quem não enxerga diferença entre si próprio e

uma galinha deveria buscar ajuda em um divã, não no movimento ambientalista.

A cantora Pink expressou seus sentimentos no site da PETA. Alegou que sempre sentira que os

animais eram os espíritos mais puros da Terra, criaturas éis. E ainda lamentou a "piada" de que nós

consideramo-nos mais espertos. De fato, Pink, nem todos os humanos são mais inteligentes que as

hienas.

O ator Michael J. Fox escreveu um livro em 1992 chamado Inhumane Society: ϵe American Way of

Exploiting Animals, no qual a rma que a vida de uma formiga e a de seu lho deveriam receber o

mesmo tipo de consideração. Espera-se que seu lho jamais tenha tido acesso ao texto, tendo como

imagem do pai somente o herói em De volta para o futuro.

Hollywood, aliás, vive um dilema mortal, pois as causas nobres abundam por lá, com cada

celebridade pressionando seu RP (Relações Públicas) para obter alguma que dê mais ibope. Só que

muitas vezes o con ito é inevitável. Há várias celebridades, como Alec Baldwin e sua ex-mulher Kim

Basinger, que aderiram ao PETA, mas que, ao mesmo tempo, fazem campanha para levantar fundos de

pesquisa da cura da AIDS. Como assim?

Essas pesquisas utilizam animais na maioria das vezes. Faz parte do avanço da ciência. Além do mais,

como diz Tibor Machan em Putting Humans First: “É correto explorar a natureza para promover nossas

próprias vidas e felicidade; não há razão para se sentir culpado ou envergonhado por isso.” Culpa,

porém, é com a esquerda caviar mesmo, e, quando chega o momento de escolher entre o ratinho e o

humano doente, alguns optam pelo roedor, ao menos no discurso.

Os mais radicais partem ao ato. Em abril de 2013, ativistas dos “direitos animais” invadiram um

laboratório da Universidade de Milão e soltaram os ratos de suas gaiolas, prejudicando anos de pesquisas

sobre o tratamento de desordens psiquiátricas, tais como esquizofrenia e autismo. Parecem odiar mais os

homens do que amar os bichos. Bem que poderiam adotar ratazanas de estimação e deixar os demais em

paz.

Não dá para ter tudo, colegas. Ou usamos bichos em experimentos evitando ao

máximo qualquer

sofrimento desnecessário, mas colocando a vida humana como prioridade, ou convidamos macacos e

ratos para uma grande festa na oresta. Será que os “melancias” e os veganos amam tanto assim o meio

ambiente e os animais? Ou será que, no fundo, odeiam o capitalismo, o progresso e, em casos mais

patológicos, o próprio ser humano?

Justiça social

“Eu defendo a justiça social, maior igualdade, e é por isso que vou começar fazendo a minha parte,

pagando voluntariamente mais impostos.” Eis uma frase, prezado leitor, que jamais escutará de um

esquerdista caviar.

O novo papa, Francisco, inspirou-se em São Francisco Xavier. Esse, sim, resolveu abandonar sua vida

aristocrática abastada e virar um missionário de Cristo. Não digo que seja o ideal, pois, ao contrário da

esquerda, reconheço a fundamental importância dos ricos à melhoria de vida dos pobres. Mas ao menos

o homem era coerente com aquilo que pregava.

E os esquerdistas da elite? Será que realmente desejam a igualdade? A julgar pela forma com a qual se

apegam aos seus bens materiais e fazem de tudo para expandi-los, não. A prática e o discurso se mostram

incompatíveis.

Todo esquerdista caviar que se preza defende a “igualdade”, não aquela perante as leis, mas a material

mesmo. O típico esquerdista caviar tem uma vida bem confortável, luta sempre para maximizar seus

lucros ou salários, não raro por meio de leis de incentivo públicas, mas adora pregar a “justiça social”:

todos têm direito a uma vida “digna”.

As desigualdades precisam ser combatidas, não importa que a natureza seja bastante desigual já na

loteria genética, que cada um tenha habilidades e vocações distintas, que humanos, en m, não sejam

como cupins e formigas (ainda bem). O esquerdista caviar é uma alma sensível, e luta por um “mundo

melhor”.

Note que o mundo melhor não é aquele que reduz drasticamente a pobreza, que retira milhões da

miséria. Não! Esse, o capitalismo é que permite. Um operário de classe média nos Estados Unidos tem,

hoje, uma vida mais confortável do ponto de vista material do que tinha um senhor feudal na Idade

Média. A começar pelo ar condicionado, pelo carro, pelo avanço da medicina, dos aparatos tecnológicos

etc.

O membro da esquerda caviar, que usufrui disso tudo e mais um “pouco”, não quer saber dessas

coisas. Quer impor sua visão de justiça “cósmica”, uma grande colmeia onde

todos são iguais, onde as

diferenças desaparecem, onde as contas bancárias são parecidas. À exceção dele próprio, claro. Todos

iguais, mas uns mais iguais que os outros.

Basta ver como os artistas famosos de Hollywood gostam de pregar maior igualdade, enquanto levam

vidas que fariam os aristocratas de antigamente morrer de inveja. Têm gente só para segurar o guarda-sol

e proteger a pele, têm assistente para tudo, verdadeiras babás, regras excêntricas nos hotéis, e uma legião

de puxa-sacos dispostos a tudo para agradar suas “excelências”. O poder e a fama corrompem.

E eis que, num passe de mágica, ricos e famosos se transformam nos mais nobres combatentes da

desigualdade no mundo. Começar a reduzir essa desigualdade em casa? Distribuir parte de seus vastos

recursos? Sim, parece algo coerente para quem abraça com tanto fervor a ideologia socialista. Mas não

esperem isso de um esquerdista caviar...

A mentalidade igualitária ajudou a parir o estado de bem-estar social, uma adaptação pragmática

daqueles com inclinação socialista. Nele, cabe ao governo “cuidar” de todos, garantir o “direito” à saúde,

educação, casa, comida, roupa lavada, babá, tudo incluído no pacote de bondades estatais.

Todos têm direito à felicidade. Veja bem: não à busca da felicidade à sua

maneira, mas a própria

“felicidade” mesmo, garantida pelo estado. Adeus mundo de adultos responsáveis por seus atos, de

meritocracia e liberdade. Agora, o “papai” governo vai distribuir benesses para todos, em nome da

“justiça social”.

O estado, como dizia Bastiat, transforma-se na grande cção pela qual todos querem viver à custa de

todos. A esquerda trata o estado como uma entidade alienígena, que obtém recursos de Marte. Vivemos

na era dos “direitos”, onde todos aprenderam apenas a demandar, demandar e demandar, jogando a

conta para ombros alheios.

“Quem não chora não mama”, já diz o ditado. Sob o welfare state, aprende-se a chorar bem alto para

ganhar mais vantagens. Chorar miséria passa a ser a moeda corrente, pois isso, e não o trabalho,

determina os ganhos. O homem decente ca calado, e o oportunista leva a melhor nesse concurso de

misérias. Nasce a “marcha dos oprimidos”. Até mesmo viagens ou banda larga são vistos agora como

bens “essenciais” que o governo deve fornecer. Pondé, em sua coluna da Folha, resumiu bem a questão:

[...] o que falta entre nós é uma visão de mundo que não seja pautada pelo culto da incapacidade das pessoas cuidarem de

si mesmas. A sociedade de mercado é uma sociedade de pequenos e médios

empresários e pro ssionais liberais que lutam

corajosamente para dar emprego e pagar impostos imorais.

Na Dinamarca, um dos ícones do welfare state, reformas liberais têm sido aprovadas para reduzir a

preguiça espalhada na população. Uma trabalhadora dinamarquesa contou a jornalistas do NYT que a

irmã vivia de benefícios, ganhava mais e perguntava: para que trabalhar? “Felizmente, eu nasci e vivo na

Dinamarca, onde o governo está disposto a apoiar meu estilo de vida”, disse na mesma reportagem

Robert Nielsen, 45 anos, que não trabalha desde 2001.

O popular conto inglês A galinha ruiva mostra a história por trás da falência do estado de bem-estar

social. Um dia uma galinha ruiva estava ciscando no quintal e achou um grão de trigo. Ela teria corrido

então para perguntar quem gostaria de ajudá-la a plantar este grão, ao que o patinho, o gatinho e o

cachorrinho prontamente se negaram. A galinha, persistente, plantou-o sozinha.

Mais tarde, perguntaria sobre se os colegas a ajudariam na colheita. Novamente, porém, a resposta foi

negativa, e a galinha fez o serviço sozinha. Para debulhar o trigo, a coisa se repetiu, e, para ir até o

moinho produzir farinha, também. Por m, negariam qualquer colaboração no processo que transforma

a farinha em pão, e ela, mais uma vez sozinha, fez um pão muito bonito e com um cheiro delicioso.

Todos os outros animais, contudo, quereriam — agora, sim! — compartilhar do resultado do

trabalho, “caridade” a que a galinha se recusou: não iriam provar sequer um pedacinho. Eram

preguiçosos demais, disse. E, quando a preguiça é recompensada, quando quem trabalha é forçado a

sustentar quem não produz em nome da “igualdade”, o resultado só pode ser o aumento da preguiça e a

redução dos esforços.

Dar esmolas estimula a preguiça e cria dependência. Tivemos um claro exemplo de tal dependência —

preocupante para a democracia — quando, em maio de 2013, circularam rumores de que o programa

Bolsa Família seria suspenso. Uma turba ensandecida invadiu agências da Caixa Econômica Federal

desesperada em busca de suas esmolas estatais. Eram pessoas que aparentavam ser da classe média, bem

nutridas, com perfeita capacidade de trabalho, e que não se encaixavam ao estereótipo de miseráveis

concebido por alguns e esperado por muitos.

Uma delas chegaria a reclamar que o dinheiro não era su ciente à compra de uma calça para sua lha

de dezesseis anos, que custava mais de trezentos reais. A senhora, que tampouco apresentava dé cit

alimentar, queria a esmola estatal, à custa da classe média trabalhadora, para adquirir um objeto de luxo,

talvez para que a filha ficasse bonitona no baile funk da comunidade. Justiça social...

Imagine se essa gente toda vai votar em um partido de oposição. Basta o governo fazer terrorismo

eleitoral, a rmar que cortarão a mesada, e pronto: perpetua-se no poder com a compra de votos. Aliás, a

propósito, a reação da presidente Dilma foi espantosa: acusou o autor dos rumores de “desumano” e

“criminoso” (acusação precipitada, pois tudo se mostraria uma barbeiragem do próprio governo),

garantiu que o programa é “de nitivo”, para “sempre”, e esqueceu que o próprio PT espalha tal boato na

época da eleição, de modo a criar esse clima de pânico entre os dependentes do Estado.

Não custa lembrar que o ex-presidente Lula, quando ainda na oposição, zera duras críticas ao “voto

de cabresto”, comum no Nordeste. O Lula oposicionista atacava violentamente essa descarada compra de

eleitores, essa exploração da miséria alheia, em que se distribuíam migalhas em troca de votos. Quem o

viu, quem o vê...

Ayaan Hirsi Ali, refugiada na Holanda como somali, sentiu na pele a inércia causada pelas esmolas

estatais ao ver várias colegas imigrantes sucumbirem à tentação do welfare state. Quando eleita para o

Parlamento pelo Partido Liberal, seu foco seria justamente a integração desses imigrantes. Ela conta sua

motivação:

[...] propus uma acentuada redução dos benefícios aos desempregados e o m do salário mínimo. Graças à minha

experiência de intérprete de dependentes do Estado de Bem-estar Social, eu sabia que o acesso fácil ao generoso auxílio-

desemprego criava uma verdadeira armadilha da pobreza: muitas vezes, as pessoas ganhavam mais do Estado do que

receberiam se trabalhassem.

O famoso slogan marxista diz: “Para cada um de acordo com sua necessidade, de cada um de acordo

com sua necessidade.” Mas, quando a “necessidade” de alguém representa um reclamo perante a

sociedade, e quando a capacidade representa um fardo, então todos começam a “necessitar” de tudo e

ninguém mais é capaz de nada. Ayn Rand, em A revolta de Atlas, coloca nas palavras de um personagem

a explicação para o fracasso desse modelo:

É como derramar água dentro de um tanque em que há um cano no fundo puxando mais água do que entra, e cada balde

que a senhora derrama lá dentro o cano alarga mais um bocado, e quanto mais a senhora trabalha, mais exigem da

senhora, e no m a senhora está despejando baldes quarenta horas por semana, depois 48, depois 56, para o jantar do

vizinho, para a operação da mulher dele, para o sarampo do lho dele, para a cadeira de rodas da mãe dele, para a camisa

do tio dele, para a escola do sobrinho dele, para o bebê do vizinho, para o bebê

que ainda vai nascer, para todo mundo à

sua volta, tudo é para eles, desde as fraldas até as dentaduras, e só o trabalho é seu, trabalhar da hora em que o sol nasce

até escurecer, mês após mês, ano após ano, ganhando só suor, o prazer só deles, durante toda a sua vida, sem descansar,

sem esperança, sem fim... De cada um, conforme sua capacidade, para cada um, conforme sua necessidade...

Não há meio mais seguro de destruir um homem do que forçá-lo a um mecanismo de incentivo em que

seu objetivo passe a ser não fazer o melhor, em que sua luta seja por produzir um trabalho ruim, dia após

dia. Isso acabará com ele mais rápido que qualquer bebida ou mesmo o ócio. A acusação mais temida é

ser habilidoso acima do que se demonstra, pois sua habilidade será como uma hipoteca dos outros sobre

você.

Por que alguém quereria ser mais habilidoso, e demonstrar tal habilidade, se seus ganhos estarão

limitados pela “necessidade” e se suas habilidades signi cariam apenas mais trabalho pesado para que

outros quem com os benefícios? O welfare state não é uma rede social, mas uma jaula coletivista que

aprisiona os indivíduos, que produz preguiça, ine ciência e animosidade, pois o choro do lho dos

outros passa a significar a necessidade de mais trabalho alheio para lhe pagar as fraldas e a papinha.

Se todos têm direito a casa, remédios, lazer, prostitutas (sim, há casos de ações na justiça pelo “direito”

de ter putas pagas pelo Estado em países escandinavos) e mais um monte de outras coisas que

demandam trabalho, resta perguntar: quem tem o dever de produzi-los? A “sociedade”? Só há um

problema: como sabia atcher, tal não passa de uma abstração; o que existem são indivíduos de carne e

osso.

Logo, se José tem “direito” a uma casa, isso quer dizer que João tem o dever de construí-la. Se Pedro

tem “direito” a uma foda paga pelo erário, então Marcos tem de trabalhar para pagar a farra do ilustre

desconhecido. Isso só poderia ser visto como algo justo na cabeça de um “intelectual” com Ph.D. na área

das ciências humanas mesmo.

Sem falar dos resultados econômicos desse modelo. Qual o bem que faz aos passageiros de um avião um

motor que falha em pleno voo? Se o produto for comprado não pelo seu mérito e e ciência, mas por

causa da necessidade dos empregados da fábrica incompetente, seria essa a coisa certa a ser feita pelo

dono da empresa aérea? Se um cirurgião adquire um equipamento não pela sua qualidade, mas pela

necessidade dos funcionários do produtor, seria isso correto com seu paciente?

Harry B. Acton, em ϵe Morals of Markets, lembra que uma coisa é falar em

ajuda para alívio do

sofrimento dos mais necessitados; outra, completamente diferente, é falar em justiça. Se o pobre é

ajudado porque é injusto que assim permaneça, independentemente do que fez ou faz, então o caminho

está aberto para dizermos que é injusto uns terem menos que os outros. E as comportas do socialismo

estarão abertas.

Se, porém, o auxílio é dado com base em critérios humanitários, então não temos de dar

prosseguimento ao processo de redistribuição para além do ponto onde o sofrimento é aliviado. Em

suma, enquanto muitos entendem e aceitam que o sofrimento alheio pede uma ajuda imediata, por uma

espécie de rede de proteção básica e descentralizada, os coletivistas igualitários demandam remédios para

a desigualdade em si, via redistribuição estatal.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, notório esquerdista, escreveu em artigo na Folha:

“A lantropia e a caridade são politicamente reacionárias quando, em vez de completar os direitos

sociais, se substituem a eles.” Ou seja, solidariedade voluntária é algo ruim e reacionário, pois reduz ou

substitui a dependência das esmolas estatais. Progressista é depender do estado, isto é, dos impostos dos

outros, para pagar suas contas.

Esse modelo destrói a coesão social, pois a solidariedade, que jamais deveria ser dissociada do conceito

de voluntariedade, acaba delegada ao governo. Os indivíduos se sentem, então, livres da

responsabilidade de ajudar o próximo, pois pagam seus impostos que, supostamente, servem para todo

tipo de “ lantropia”. Enquanto os americanos capitalistas são os maiores lantropos do mundo, muito

chinês passa indiferente por um bebê jogado na rua.

Tocqueville chamou a atenção, em seu clássico Democracia na América, justamente para a incrível

proliferação de associações voluntárias nos Estados Unidos. Eram programas em comunidades locais que

serviam para estreitar os laços, e que hoje, sob o coletivismo do welfare state, foram substituídos por

programas centralizados no governo federal, distantes da realidade de cada localidade, burocratizados,

ineficientes e muitas vezes corruptos.

O discurso igualitário vende bem, pois alimenta a paixão mais mesquinha de todas: a inveja. Adam

Smith disse: “A inveja é a paixão que vê com maligno desgosto a superioridade dos que realmente têm

direito a toda a superioridade que possuem.” O socialismo é a pura idealização da inveja. Como disse

eodore Dalrymple, o ódio aos ricos é uma emoção muito mais forte do que o amor aos pobres. Não

vemos uma turba invadindo uma cidade em busca de pobres a quem pudesse dar seus bens...

A esquerda caviar usa esse discurso igualitário para agradar as massas, para sair bem na foto, mesmo

que, na prática, suas vidas nada tenham de igual ao restante. São como os porcos de A Revolução dos

bichos, o clássico de George Orwell que é proibido em Cuba, o "paraíso" socialista.

Os porcos convencem os demais bichos a fazer a revolução em nome da justiça e da igualdade. Sansão

é o cavalo que trabalha duro pelo ideal, o típico idiota útil. Já os porcos cam com as melhores comidas,

casas, com vários privilégios, tudo garantido pelos ferozes cães treinados a somente obedecê-los. A

igualdade socialista é sempre essa: uma nomenklatura no poder concentrando os recursos, cães raivosos

protegendo o esquema, e uma massa de miseráveis escravizados.

O jornalista Blaine Harden, autor do já citado Fuga do campo 14, conta como, em 1957, o ditador

comunista Kim Il Sung criou um sistema neofeudal de castas na Coreia do Norte, segregando a

população com base na aparente confiabilidade dos pais e dos avós de cada indivíduo. Ele conclui:

A Coreia do Norte se autointitulava o Paraíso dos Trabalhadores, mas, ao mesmo tempo que professava delidade aos

ideais comunistas de igualdade, inventou um dos sistemas de castas mais rigidamente estratificados do mundo.

Essa é a história de todas as experiências igualitárias comunistas. Não importa, entretanto: sempre haverá

gente disposta a aplaudir essas utopias. Parte da explicação foi dada por Bertrand de Jouvenel em The

Ethics of Redistribution:

A ingrata brutalidade dos reis em direção aos nanciadores que os ajudaram sempre ganhou os aplausos populares. Isso

talvez esteja relacionado ao profundo sentimento de que indivíduos não têm direito de serem ricos por eles mesmos e para

eles mesmos, enquanto a riqueza dos governantes é uma forma de grati cação pessoal para as pessoas que pensam neles

como o “meu” governante.

O autor mostra, com sólidos argumentos, como a inveja pode estar por trás das políticas de

redistribuição de renda através do aparato estatal. Cita o exemplo dos comunistas franceses que deram

caros presentes a seu líder, aparentemente indo contra os próprios valores comunistas.

O burguês capitalista apresentaria duas convicções básicas que diferem desse sentimento popular: sabe

que não deve sua riqueza a favores e se considera livre para gastá-la consigo mesmo, da forma que

preferir, normalmente secreta. É precisamente o reverso da atitude que justi caria uma renda excepcional

sob a ótica popular. O povo quer sentir que essa renda é um presente dele, e quer demandar que os

beneficiários façam um espetáculo público.

Por isso que o empresário independente que compra um iate é menosprezado, enquanto um

presidente que vive no luxo, com roupas caras feitas de tecido egípcio, carro próprio para a cadela des lar

e viagens com avião novo pode ser admirado. Mesmo que seja um ex-operário eleito com o discurso de

redução da desigualdade material.

A elite caviar aplaude o “homem do povo” que vive como um nababo, pois ele é, a nal, o povo! E

assim o ex-metalúrgico pode se tratar nos mais caros hospitais privados quando ca doente, cobrar R$

200 mil por palestra e exigir jato particular como meio de transporte, tudo isso abrindo um fosso entre si

e o verdadeiro povo que diz representar e defender. Mas ai do rico empreendedor que ostente sua

legítima riqueza! Esse é membro da odiada “elite”.

O grito por justiça social logo começa: vamos taxar bastante os mais ricos! Na prática, é inviável

executar essa redistribuição de renda tirando somente dos realmente ricos. Deixando de lado a injustiça

em discriminar os mais abastados, ferindo a isonomia de tratamento, tal medida é totalmente ine caz.

Acaba que a classe média — para a alegria de Marilena Chauí — tem de ser vítima também.

No fundo, quem ganha são os burocratas do governo, que cobram enorme

pedágio para realizar tanta

“justiça”. A centralização é o resultado inevitável das políticas de redistribuição. Basta lembrar que

Brasília possui de longe a maior renda per capita do país, tudo em nome da “justiça social”. E os itens

mais produzidos por lá são leis estúpidas e muita corrupção...

O Estado, que vai tirando mais e mais das classes média e alta, em nome dessa maior igualdade

material, acaba tendo de compensá-las em parte, oferecendo serviços, substituindo as funções de

poupança e investimento, garantindo subsídios, esmolas etc. A consequência é um enorme avanço do

papel estatal na economia, em ameaça às liberdades individuais.

Marx sabia disso, e defendeu um imposto bastante progressivo como meio para o proletariado tomar,

pela via política, todo o capital da burguesia, centralizando os instrumentos de produção nas mãos do

Estado. Lênin dizia que a burguesia venderia a corda a ser usada no próprio enforcamento. A esquerda

caviar, por culpa, vaidade ou estupidez, prega uma ideologia que, se realmente vingasse, representaria seu

fim, à exceção de poucos “amigos do rei” que mantivessem o poder.

A defesa da “justiça social”, no entanto, não precisa car restrita aos bens materiais, ainda que os

socialistas costumem ser os mais materialistas de todos. E as demais desigualdades? É justo uma mulher

ser linda e tantas serem feias? O filósofo Pondé fez uma previsão dos rumos da situação:

Logo criarão uma lei que proibirá as mulheres de serem bonitas em nome da autoestima das feias e proibirão os homens

bem-sucedidos de terem carrões em defesa da dignidade do ônibus ou do metrô. Duvida? Basta um mentiroso inventar

que isso é necessário para um convívio democrático. Isso se chama “a ditadura dos ofendidos”.

Parece piada, mas a agenda da esquerda caviar chegou ao limite patético de pregar igualdade total. O

escritor argentino Gonzalo Otálora causou polêmica há alguns anos ao defender a cobrança de impostos

das pessoas consideradas mais belas para compensar o “sofrimento” daqueles que supostamente fossem

menos favorecidos pela natureza.

O escritor disse que sua iniciativa tinha o objetivo de provocar um debate sobre o culto à beleza. Com

um megafone, foi à frente da Casa Rosada reclamar os “direitos” dos feios. Esperava contar com o apoio

do então presidente Néstor Kirchner, a quem classificara como “pouco atraente”.

Otálora alegava que os deboches sofridos na infância prejudicaram sua autoestima e atrapalharam na

conquista de melhores empregos. Em sua opinião, um dos assuntos que deveriam ser debatidos era a

representação de “todos os tipos de constituição física” nos des les de moda. A inveja é alçada ao

patamar de justiça, e a mediocridade, enaltecida, enquanto o belo é condenado por suas virtudes, e não

vícios. Quasímodo nas passarelas, eis a justiça social dos invejosos...

Na década de 1960, os igualitários ganharam força, levando George Orwell a escrever 1984, uma

distopia que explorava a inveja na política. O Partido Trabalhista inglês, de esquerda, demandava uma

sociedade de iguais “absolutos”. Um romance satírico exploraria esta “paixão antissocial”, como dizia

John Stuart Mill, no campo do cotidiano. O escritor inglês L.P. Hartley era o autor, e a obra chamava-se

Facial Justice, comentada no excelente livro de Helmut Schoeck sobre o tema, intitulado Envy: a ϵeory

of Social Behaviour.

Na sátira, Hartley chegava a uma conclusão lógica, expressada por Schoeck em seu livro, sobre a

estranha tentativa de legitimar o invejoso e sua inveja, de forma que qualquer um capaz de despertar

inveja seria tratado como antissocial ou criminoso.

Em vez de o invejoso ter vergonha de sua inveja, é o invejado que deve desculpas por ser melhor. Há

uma total inversão dos valores, explicada apenas por uma completa aniquilação do indivíduo em nome

da igualdade coletivista. Como conclui Schoeck: “O desejo utópico por uma sociedade igualitária não

pode ter surgido por qualquer outro motivo que não a incapacidade de lidar com

a própria inveja”.

Os humanos passam a ser tratados como insetos gregários, e o indivíduo que ousa se destacar, como

um inimigo da “sociedade”. Tal como a ave de Fernão Capelo Gaivota, que ousa desa ar seus próprios

limites e testar até quanto seria capaz de voar, tornando-se assim uma “renegada” no bando. O rico,

ainda que tenha criado sua riqueza de forma honesta, através de trocas voluntárias, é execrado pelos

invejosos. O sucesso individual é um pecado!

A heroína da novela de Hartley chama-se Jael, uma mulher que, desde o começo, não se conforma

com a visão igualitária, recusando-se a aceitar que pessoas mais bonitas ou inteligentes devessem se

anular como indivíduos por causa da inveja alheia. A obra se passa no futuro, depois de uma Terceira

Guerra Mundial, e as pessoas são divididas de acordo com o grau de aparência. A meta era obter uma

igualdade facial, pois a material já não bastava para acabar com a inveja: alguns sempre terão algo que os

outros não têm.

Havia um Ministério da Igualdade Facial, e a extirpação dos rostos tipo Alfa, os mais belos, não era

su ciente, uma vez que os de tipo Beta ainda estavam em patamar superior aos Gama. Enquanto todos

não tivessem a mesma aparência, não haveria “justiça”. Ninguém poderia ser um

“desprivilegiado facial”.

Hartley combate a utopia dos igualitários, mostrando que a equiparação nanceira jamais aboliria a

inveja na sociedade. Durante sua vida, demonstrou aversão a todas as formas de coerção estatal.

No lme Círculo de fogo — história de um soldado russo que precisa enfrentar um atirador nazista

enviado especialmente para matá-lo —, isso ca bem evidente quando um companheiro político,

interpretado por Joseph Fiennes, acaba traindo Vasily Zaitsev, o russo, interpretado por Jude Law. Sua

constatação, ao consumar a traição, expressa a essência da mensagem: descobre que sempre haverá algo

no vizinho que desejamos, mas não possuímos.

No caso do lme, trata-se do amor de uma mulher, disputada por ambos. A inveja é uma

característica da pessoa, não fruto das desigualdades em si, que sempre existirão. No livro Teoria da

personalidade, o psiquiatra G.J. Ballone diz:

Todas as tendências ideológicas que enfatizam a igualdade dos seres humanos, num total descaso para com as diferenças

funcionais, ecoam aos ouvidos despreparados com eloquente beleza retórica, romântica, ética e moral. Transportando tais

ideais do papel para a prática, sucumbem diante de incontáveis evidências em contrário: não resistem à constatação das

agrantes e involuntárias diferenças entre os indivíduos, bem como não explicam

a indomável característica humana que

é a perene vocação das pessoas em querer destacar-se dos demais.

Como já sabemos que a esquerda caviar é só aparências, e para o inferno com os resultados!, ecoar aos

ouvidos despreparados, “com eloquente beleza retórica”, é tudo que mais quer. Por isso vemos atores

ricos e famosos como Sean Penn — que andam para lá e para cá de jato, que vivem em uma redoma de

puxa-sacos que lhes atendem cada pedido — bradar sobre a importância da “igualdade”. Igualdade?

Não sei quanto ao leitor, mas eu, ao contrário do que a rma Ana Carolina em sua canção, não comi a

Madonna...

O valor de alguém enquanto humano não se mede pela conta bancária. Eis algo que a esquerda caviar

precisa compreender. A estima vem pelas qualidades, virtudes, atitudes, ainda que, no livre mercado,

outras características possam ser mais valorizadas do ponto de vista financeiro.

É raro um jogador com o talento de Messi, e o futebol é um esporte muito popular. Isso fez do atleta

argentino alguém muito rico, mas não lhe faz necessariamente uma pessoa melhor do que outra.

Continuo estimando mais um médico que salva vidas, ainda que a conta do Messi seja bem mais

recheada. Pelo visto, o próprio craque reconhece isso. Ele disse à revista La Garganta Poderosa:

A fama e o dinheiro não são o mais importante da vida. Só importa o que você é. Nunca ninguém deveria perder a

humildade. Eu não sou melhor nem pior do que ninguém pelo que eu tenho.

No seu brilhante livro ϵe Constitution of Liberty, Hayek trata da distinção entre valor e mérito, naquele

que é um dos melhores capítulos da obra. Para Hayek, o único tipo de igualdade que podemos buscar

sem destruir a liberdade é aquela perante as regras gerais, perante as leis. A igualdade de resultados,

porém, é totalmente incompatível com a liberdade. A demanda por tal tipo de equiparação costuma

partir daqueles que gostariam de impor à sociedade um padrão preconcebido de distribuição. A coerção

necessária para realizar essa suposta “justiça” seria fatal para a liberdade da sociedade. O ponto de

largada individual nunca será igual. A herança genética já é diferente.

Em seguida, o ambiente familiar, a educação dos pais, os círculos de amizade, en m, inúmeras

características terão in uência na formação do indivíduo, sendo impossível determinar quanto de cada

uma é responsável por suas escolhas. Hayek faz essa importante distinção entre valor e mérito:

Em outras palavras, devemos olhar para os resultados, não para intenções ou motivos, e podemos permitir que alguém

aja com base no seu próprio conhecimento apenas se também permitirmos que ele mantenha aquilo que os demais estão

dispostos a pagar-lhe pelos seus serviços, independentemente do que se possa achar sobre a propriedade da remuneração

do ponto de vista do mérito moral que o indivíduo possui ou da estima que temos por ele enquanto pessoa.

Está na hora de a esquerda caviar reconhecer que o dinheiro não é garantia de pessoas melhores. Aliás,

muitos poderiam veri car isso bem diante de um espelho. Portanto, redistribuir riqueza com base em

uma visão preconcebida de “justiça” não representa justiça de fato, e di cilmente será compatível com

algo bem mais valioso do que o próprio dinheiro: a liberdade, o senso de realização advindo das

conquistas pessoais, o orgulho de caminhar com as próprias pernas.

Isso sem falar, claro, que quase sempre o discurso de igualdade é da boca para fora, para inglês ver.

Da próxima vez que o leitor se deparar com um rico esbravejando contra as desigualdades materiais,

sugiro que pergunte o que exatamente falta para que ele, o rico da esquerda caviar, comece a fazer sua

parte na redistribuição da riqueza...

Sem preconceitos

Uma das marcas registradas da esquerda caviar é a completa ausência de preconceitos. Ou ao menos

assim se vende ao grande público. O típico esquerdista chique é aquele sujeito descolado, de mente

aberta, moderninho, que não alimenta qualquer tipo de preconceito. Claro, abre

uma exceção aos

neoliberais. E aos capitalistas defensores do lucro. E aos especuladores. E aos conservadores de direita. E

aos republicanos...

Tirando esses, porém, o camarada é mente aberta total, respeita tudo e todos, não julga ninguém. Não

julgueis para não serdes julgados! A máxima que agrada sobremaneira àqueles cheios de podres no

currículo, em busca de vitimização e ansiosos para rejeitar a ideia de livre-arbítrio, de capacidade de

escolha individual.

Há outra máxima, um tanto mais realista e útil, que diz: julgue e prepare para ser julgado. Mas essa a

esquerda caviar detesta. Prefere a postura de suspensão total do julgamento, o que representa, na prática,

uma completa indiferença para com o sofrimento alheio, forma disfarçada até mesmo de sadismo.

Como alertava G.K. Chesterton, devemos ter a mente aberta, mas não tão aberta a ponto de o cérebro

lhe escapar. Como diz Pondé, acusar alguém de ter a cabeça fechada hoje em dia é ofensa pior do que

xingar a mãe. Essa bandeira de que devemos “aceitar tudo” em nome do combate ao preconceito já

causou muito mal ao mundo.

Quer dizer, portanto, que devemos rejeitar a bandeira de não preconceito da esquerda caviar? Como

alguém pode defender o preconceito em pleno século XXI? Isso automaticamente nos remete ao racismo,

à xenofobia, ao machismo, a todas as formas de sentimentos tribais que tanta desgraça causaram.

Sim, há um ponto legítimo aqui. Mas será que todo preconceito é mesmo ruim? O que exatamente

seria não ter preconceitos? São as questões que eodore Dalrymple aborda em seu livro In Praise of

Prejudice, cujo título já mostra sua coragem na era moderna do politicamente correto.

O que seria uma pessoa desprovida de preconceitos? O dicionário possui várias de nições para a

palavra, entre as quais esta: “conceito ou opinião formados antes de ter os conhecimentos adequados”.

As demais costumam já incorporar o sentido pejorativo da atualidade, como sentimento desfavorável a

algum grupo, superstição, discriminação racial etc. Vamos nos centrar justamente na primeira delas, que

melhor representa sua etimologia.

Alguém sem preconceitos seria, então, alguém cujas opiniões formadas são todas derivadas de

conhecimento adequado. Estou para conhecer este Deus onisciente em forma humana! Basta uma rápida

re exão honesta para constatar que temos inúmeras opiniões sobre vários assuntos a respeito dos quais

não possuímos conhecimento tão profundo assim.

Tal como Newton, pegamos carona em ombros alheios, de gigantes ou anões, con amos em certas

autoridades, formamos, en m, algum tipo de crença cujos pressupostos não dominamos totalmente. Eis

o preconceito. Ninguém melhor do que Edmund Burke, o “pai” do conservadorismo britânico, para

explicar a ideia em seu magistral Reflexões sobre a Revolução em França:

O preconceito é de pronta aplicação em casos de emergência; tendo anteriormente envolvido a mente num curso seguro de

sabedoria e virtude, não permitindo que o homem, no momento da decisão, hesite cética, embaraçada ou irresolutamente.

Graças ao preconceito a virtude se torna hábito — e não uma série de atos desconexos — e o dever, uma parte de nossa

natureza.

Claro que o ideal é submeter as ideias ao crivo de nossa razão, principalmente aquelas mais importantes e

relevantes em nossas vidas. Como disse Sêneca: “Se queres submeter tudo a ti mesmo, submete-te

primeiro à razão.” Perfeito. Cabe perguntar, entretanto: quem pode submeter tudo a si mesmo?

Essa pessoa teria de dominar profundamente todos os campos da ciência, loso a, ética, medicina,

direito, economia etc. En m, teria de ser aquele Deus em forma humana citado antes. O colega da

esquerda caviar se acha um Deus desses? Os liberais são mais humildes...

Alguns preconceitos serão inevitáveis em nossas vidas. Isso não coloca todo

preconceito em pé de

igualdade, tampouco é uma justi cativa para os sentimentos mais tribais que vemos por aí. Mas é, sim,

um alerta contra certo tipo de gente que alega não ter preconceito algum, que não abraça ideologia

alguma ou visão de mundo, que fala somente em nome da razão prática. Esses, paradoxalmente,

costumam ser os mais preconceituosos e ideológicos de todos.

Proponho um caso hipotético. Suponha que sua lha adolescente chegue em casa com um sujeito

com vários piercings espalhados pelo rosto e com o corpo cheio de tatuagens. Isso seria indiferente a se ela

chegasse com um rapaz de aparência mais normal? Claro que o primeiro pode ser muito melhor que o

segundo; e pode ser uma pessoa com valores mais sólidos, que tratará sua lha com mais respeito. Mas é

absolutamente justificável o pai ligar o alerta em dobro e ficar desconfiado. Quem nega isso mente.

Abro um parêntese aqui: confesso que poderia ser muito pior, como um garoto que usasse boina e

uma camisa de Che Guevara. Nesse caso, contudo, não seria preconceito, e sim pós-conceito, pois está

provado que apenas um idiota útil idolatra o facínora argentino. Fecho o parêntese.

A mentira, para os outros ou para si próprio, é uma das marcas registradas da esquerda caviar, como

já vimos. Dalrymple resume o fenômeno, que observou ao longo de sua experiência:

A julgar pelo autorrelato, nunca vivemos em tempos tão sem preconceitos, com tantas pessoas no controle completo de

suas próprias opiniões, que são, como resultado, totalmente sanas, racionais e benevolentes.

Sei... Sejamos mais sinceros: os seres humanos andam em tribos, e essas costumam ter certas manias. O

rótulo simpli ca e é arriscado, pode ser injusto muitas vezes, em casos isolados, mas serve também para

facilitar a identificação. Sabemos quem é de qual tribo aproximadamente, com um simples olhar.

A embalagem terá ligação com o conteúdo mais do que o contrário. O preconceito é uma forma que o

ser humano encontrou para agilizar esse julgamento, ainda que possa se mostrar errado depois. Um

rapaz com dread no cabelo e uma camisa do Bob Marley pode ser um advogado renomado, mas eu

apostaria grana em que, socialmente, pertence ao grupo das rodinhas de maconha, em que o baseado,

cujo conteúdo fora comprado de um tra cante, passa de mão em mão enquanto se discutem soluções

pacíficas para os males da humanidade.

Mais exemplos de preconceitos que podem ser úteis? Você vê um sujeito com um turbante na cabeça e

uma mochila nas costas entrando em uma sinagoga. O que você faz? Veja bem: é claro que pode ser

apenas um muçulmano da paz, um turista indo conhecer um templo de uma importante religião

diferente. Mas será absurdo ter preconceito e ficar desconfiado?

Outra: você está em seu carro, parado em um sinal de trânsito, de madrugada, e um sujeito

descamisado se aproxima rapidamente de seu veículo. É preconceito contra os pobres arrancar com o

carro? Pode ser, pois ainda não sabe nada dele, e talvez se trate somente de um coitado em busca de

ajuda. Mas há certamente sabedoria no preconceito de não esperar para descobrir...

Todos possuem uma visão de mundo, independentemente de como tenha sido formada (espera-se

que com boa dose de re exão e questionamentos, assim como bastante foco nos dados empíricos). Se

essa visão ou ideologia passa no teste da realidade ou não, é outra questão. Pela complexidade da vida,

haverá espaço para diferentes interpretações em temas mais polêmicos.

O que parece arrogante é o entendimento de que somente seu ponto de vista seja desprovido de

preconceito ou ideologia, de modo que todos aqueles que discordam de você são e serão vítimas dessas

armadilhas. Esta postura é típica dos progressistas modernos que se a rmam isentos de viés ideológico, e

que reagem somente aos “fatos” e à sua razão (ou seria racionalização?).

Um ícone dessa turma é o presidente americano Barack Obama, que repete com

frequência estar

blindado contra tais preconceitos, agindo somente de acordo com aquilo que funciona na prática.

Obama tem claramente uma visão de mundo, aquela alinhada ao socialismo light europeu, especialmente

da França. Mas tenta posar como um ser pragmático e acima desses dogmas políticos. Só convence os fãs

bobinhos da esquerda caviar.

De fato, basta veri car como a esquerda, que prega diversidade e ausência de preconceitos, costuma

demonstrar ódio aos diferentes, como os capitalistas liberais, por exemplo. “Não somos preconceituosos,

desde que não se trate de um capitalista porco e insensível”, poderiam dizer, se fossem mais honestos. Já

vimos, entretanto, que a honestidade não lhes é exatamente o ponto forte.

omas Sowell al netou: “Da próxima vez que alguns acadêmicos lhe falarem o quão importante é a

diversidade, pergunte quantos Republicanos existem no seu departamento de sociologia.” Uma pesquisa

realizada em 2005, apenas para efeito de ilustração, mostrou que 72% dos professores universitários

americanos se consideravam de esquerda, e apenas 15% se descreviam como conservadores. O lósofo

Pondé também provocou essa postura esquerdista “isenta” de preconceitos:

Hoje em dia, num mundo em que todo o mundo diz que não tem preconceito, o único preconceito aceito pelos

inteligentinhos é contra a igreja: opressora, machista, medieval...

Em Hollywood, por exemplo, nenhum gay precisa de coragem para sair do armário. Eles já saíram há

muito tempo, e tomaram conta do show. Já um conservador... Precisa-se de muita coragem para se

assumir um conservador por lá. Eleitor do Partido Republicano, então, nem se fala. Religioso cristão,

ainda por cima? Aí tem de ser macho de verdade, pois corre o risco de total ostracismo e até de boicote

na carreira, como mostra James Hirsen em Tales From the Left Coast. São vários casos relatados.

Mel Gibson foi um que sofreu na pele esse preconceito quando resolveu produzir o lme A paixão de

Cristo. Até seu pai de 85 anos seria investigado pela patrulha, que só tolera uma opinião sobre o tema:

aquela pejorativa, que retrata a crença cristã como algo ultrapassado. O ator James Caviezel, que

interpretou Cristo e estava em meteórica ascensão na carreira, foi colocado na geladeira e não conseguiu

mais papéis de muito destaque. É o preço por resolver adotar ao pé da letra a ideia de “diversidade”,

defendida pela esquerda.

Ninguém é uma tábula rasa capaz de processar do zero tudo que importa na vida. Todos nós,

inevitavelmente, teremos nossa cota de preconceitos. É importante, então, tentar escolher bons

preconceitos, em vez daqueles que alimentam os nossos piores sentimentos.

O ideal é que cada um possa ter, principalmente no que concerne a aspectos morais, exemplos de

decência em suas vidas, e não os de artistas que vivem de forma absolutamente questionável, com

práticas e condutas excêntricas e tantas vezes condenáveis. Educamos nossos lhos com certos

preconceitos, transferindo pensamentos e valores absorvidos, que freiam seus apetites instintivos e sem os

quais seríamos governados por caprichos apenas.

Um claro exemplo disso é a família como instituição. No limite da razão, com base no individualismo

exacerbado, poderíamos concluir que não passa de uma besteira, de um preconceito de tempos passados.

Países socialistas tentaram destruir o núcleo familiar. Outros argumentam que se trata de um conceito

ocidental moderno, e que não há nada de “sagrado” nisso.

A família tradicional, no entanto, tem se mostrado um bastião para preservar a liberdade, inclusive

individual. Em Admirável mundo novo, Huxley retrata uma distopia em que a família desapareceu e a

gura da mãe não importa mais. Aqui, como alhures, talvez Huxley tenha sido profético: saímos de uma

época em que havia um preconceito favorável à família para uma em que há preconceito contra ela.

Faz-se necessário respeitar a sabedoria dos antepassados, presente em hábitos e

costumes, compilados

na tradição. Devemos, sim, julgar tais tradições à luz de nossa própria razão sempre que possível,

reconhecendo, porém, os limites evidentes dessa empreitada, ou seja, evitando o risco da arrogância fatal,

daquilo que os gregos chamavam húbris.

E devemos tomar cuidado para não cair na tentação do relativismo covarde, típico dos progressistas

de butique. Ao “suspenderem” o julgamento sobre as coisas, estão, na verdade, condenando o que é bom

e decente e enaltecendo o que é ruim e podre. Se tudo é especial, nada é especial. Se tudo é arte, nada é

arte. No campo da estética, como em outros, a discriminação é fundamental para o lixo não triunfar.

Há um comercial antigo da Coca-Cola de que gosto muito. Um bando de “intelectuais” metidos à

besta observa com ar de superioridade um quadro em um museu. Detalhe: trata-se de uma tela toda

preta, nada mais. O su ciente para que a esquerda caviar coce o queixo e sacuda a cabeça em sinal de

aprovação, supostamente pela “profundidade” daquela mensagem. Por trás do grupo passa uma moça

bonita. Enquanto abre uma latinha de refrigerante, solta a única expressão racional diante daquela cena:

“Eu, hein!”

A elite culpada gosta ainda de glamorizar o lixo cultural, o que há de pior, em nome desse combate ao

preconceito. Foi dessa forma que o rap e o funk, com suas letras quase sempre misóginas, racistas, chulas

ou violentas, conquistaram as classes média e alta nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil. Alguém

realmente pensa que Mozart e Tati Quebra-Barraco são “apenas diferentes”, uma

simples questão de

gosto?

O cantor Lobão, que não costuma poupar críticas à esquerda caviar, foi direto ao ponto em uma

entrevista ao jornal O Globo, resumindo essa mania nacional de enaltecer o que temos de pior:

A gente, brasileiro, nunca foi tão malandro, tão guarani-kaiowá, tão riponga, tão chulé como agora. Você vê as ruas

quebradas, as pessoas se divertindo com passatempos de quinta categoria, músicas que só podem causar atro a no

cerebelo e, na política, militantes que são a coisa mais cafona, mais rastaquera que há. É uma farofada: aquela coisa

linguiça com cachaça, sandália de couro, barbicha... de última. Amamos a pobreza. O bom regime não é nivelar por baixo,

na laje da Barbie. É justamente chamar todo mundo para a prosperidade. É ganhar o Nobel de ciência, literatura,

economia... Ou, então, vai ficar exportando bunda, axé, pagode, coisas de terceira categoria.

Ortega y Gasset, escrevendo na década de 1930, já antecipara o fenômeno ao constatar: “A característica

do momento é que a alma vulgar, sabendo que é vulgar, tem a coragem de a rmar o direito da

vulgaridade e o impõe em toda parte.” A elite covarde, com medo de confrontar essa massa, acaba

endossando a porcaria. Como constatou Roger Kimball em The Long March:

A emancipação acadêmica da cultura popular signi cou não só que o lixo tem

sido confundido com grande arte, mas

também que a grande arte tem sido tratada como se fosse lixo.

A inveja também pode estar por trás dessa tendência. Se você não é capaz de produzir coisas bonitas, e

morre de inveja daqueles que conseguem, que caminho é mais fácil para atacar e destruir o belo do que

a rmar que não existe, que não podemos, de forma minimamente objetiva, distinguir a beleza da feiura?

Mata-se a estética! Como diz Reinaldo Arenas, escritor e dissidente cubano, em Antes que anoiteça:

A beleza sob um sistema ditatorial é sempre dissidente, porque toda ditadura é por si mesma antiestética, grotesca;

praticá-la representa, para o ditador e seus agentes, uma atitude escapista ou reacionária.

Isso vale para a ditadura velada do politicamente correto também. Em nome da "democratização" da

cultura, a esquerda caviar sobe o morro e abraça o gueto, assumindo que tudo que vem desses lugares é

ótimo. Vejam como é lindo a menina de doze anos que rebola até o chão quase nua! Está apenas se

expressando, e quem somos nós, pequeno-burgueses, para condenarmos isso? Seria puro moralismo e

elitismo. Puro preconceito.

A novela da TV Globo, "Salve Jorge", de Glória Perez, tinha claramente o papel de enaltecer as favelas.

Em uma cena, a personagem de Dira Paes "ensinava" a uma criança que os

bailes funks eram um

programa superfamília, e que aqueles que diziam o contrário o faziam por puro preconceito.

O funk ganhou as classes média e alta. Uma reportagem no jornal O Globo mostrou a ascensão

meteórica da juventude funkeira. Festas de debutantes pagam altos cachês, que ajudam a enriquecer os

“músicos” do pancadão. São os “novos ricos” achando o máximo que suas lhas ainda sequer

adolescentes rebolem até o chão em shorts minúsculos, ao som de batidas pobres com letras horrendas.

A atriz Regina Casé é outra que adora elogiar tudo que vem do morro, valorizar a pobreza, enquanto

vive na maior riqueza. Quase nos convence de que ser pobre é a melhor coisa do mundo! Mas ela mesma

não parece tão convencida, pois prefere morar no Leblon, o metro quadrado mais caro do país, e

descansar em Angra dos Reis, paraíso da elite.

Em seu programa “Esquenta!”, na TV Globo, Regina cede espaço a todo tipo de vitimização. Um ex-

tra cante, por exemplo, pode explicar que caiu no crime porque queria uma geladeira cheia de iogurte

como a do traficante do local onde morava, e você quase sente pena do pobrezinho.

Em seguida, quase na mesma frase, a apresentadora cai em contradição, primeiro ao a rmar que não

existe mais distinção entre periferia e centro, e logo depois ao dizer que nós, do centro urbano,

precisamos aprender com o povo da periferia, pois o “novo” estaria lá. Pelo visto, fazer distinção ainda é

válido quando para enaltecer os guetos.

A cantora Preta Gil reforça o coreto. Costuma cantar em seus shows músicas com letras profundas

como “Dako é bom”, fazendo trocadilho com uma marca de fogão e o sexo anal. Essa é a parte leve.

Outros exemplo, ainda mais torpes, podem ser facilmente vistos no YouTube.

Preta Gil foi acusada pelo deputado Jair Bolsonaro de “promíscua” e se protegeu com o ataque,

sempre a melhor defesa, típico da esquerda caviar: acusou o deputado de racismo. Como se

promiscuidade tivesse alguma coisa a ver com a cor da pele. Detalhe: em algumas ocasiões, a cantora

destilou sua finesse no palco ao lado do pai, ninguém menos que Gilberto Gil, ex-ministro da Cultura no

governo Lula.

O queridinho da esquerda caviar carioca, deputado Marcelo Freixo, do PSOL, criou a “Lei do Funk”,

que dá status de movimento cultural e musical de caráter popular ao funk. O governo — leia-se você, por

meio dos impostos, prezado leitor — destinou R$ 500 mil para a turma. Em seu blog, Freixo escreveu, na

data de comemoração de dois anos da lei:

O mandato parabeniza o movimento dos funkeiros e se coloca à disposição nas trincheiras de batalha contra os

preconceitos, os estereótipos e os estigmas endereçados ao funk. Vem que vem “a playboyzada e os manos do morrão”.

Que lindo! Preconceito é coisa de reacionário — não vamos esquecer. Progressistas acham legal quando

rola até sexo oral em show, como já ocorreu. Ou quando funkeiros arrancam a calcinha de uma mulher

no meio do palco e passam as mãos em suas partes íntimas, como também aconteceu, num show do Mc

Magrinho no Rio. Tudo em nome da “modernidade” sem preconceitos.

O ápice do absurdo se deu quando Mariana Gomes, de 24 anos, passou em segundo lugar na pós-

graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, com

o projeto “My pussy é poder — a representação feminina através do funk no Rio de Janeiro: identidade,

feminismo e indústria cultural”. Uma mestrando que pretende falar sobre Tati Quebra-Barraco e Valesca

Popozuda...

Estamos perdidos mesmo! Enquanto outros países investem na formação de engenheiros, eis que o

Brasil destina recursos públicos para a área de “humanas”, que entrega, em contrapartida, teses como

essa, absolutamente inúteis, na melhor das hipóteses. Mas ai de quem criticar isso publicamente.

Preconceito!

Essa postura relativista e covarde, que visa ao ataque dos valores decentes, acaba prejudicando

justamente os mais pobres, como sempre acontece com as bandeiras dos progressistas modernos. Corrigir

erros de linguagem passa a ser preconceito. Logo, devemos aceitar cada um do seu jeito, falando à sua

maneira. Só que esse “aprendizado” equivocado custará caro no futuro, na hora de arrumar um

emprego.

Não sei quanto ao leitor, mas, entre duas candidatas ao posto de secretária, eu escolheria aquela que

fala direito, e não a que diz “nós pega o peixe”. Ao se aceitar qualquer alternativa como igualmente

válida, criam-se castas em nome do relativismo linguístico e cultural. É preconceito, no entanto,

constatar isso no mundo de hoje, onde o ex-presidente do Brasil tem orgulho da própria ignorância e

onde qualquer crítica a ele, mesmo que ligada à corrupção, signi ca apenas mais uma prova do

preconceito das elites.

As patricinhas vão aos galpões das escolas de samba das comunidades, encaram os bailes funks mais

arrumadinhos nas boas vizinhanças e depois retornam para suas vidas confortáveis e seguras, enquanto

os moradores dessas comunidades precisam viver nas favelas inseguras, onde

não há glamour na

violência contra a polícia ou a mulher, tantas vezes cantada nas músicas que eletrizam as pistas.

Sem falar que muitas meninas moradoras das favelas viram mães solteiras e adolescentes, criando um

enorme problema social, tudo devidamente estimulado pela “cultura” vanguardista. Não é preciso ser um

carola moralista para se arrepiar com tudo isso. Os moderninhos se modernizaram demais, mas

deveriam ler o poeminha de Millôr Fernandes em homenagem ao hiperavangardismo:

Tão pra frente, tão pra frente

Que nunca fez como a gente

Que sempre chega atrasado.

Mas uma vez, desesperado,

Viu que tinha exagerado,

No passar pra trás, no tempo,

Mesmo os mais avangardantes;

Pois saiu de casa um dia

E voltou um dia antes.

Passou a ser chique o rico imitar o favelado no estilo, enquanto o costume tradicional sempre foi o

das classes mais baixas imitarem as mais altas, supostamente mais re nadas. As elites enchem o corpo de

tatuagens e piercings, escutam as músicas dos guetos e acham cool falar errado. Não seria mais saudável

antes, quando a turma dos guetos queria subir na vida e adotar o mesmo comportamento dos ricos?

A proliferação de funkeiros é um fenômeno impressionante. Basta fazer uma pesquisa por MC, que

ironicamente signi ca “mestre de cerimônia”. Vários com milhões de visualizações no YouTube,

cantando suas músicas com português todo errado e conteúdo ainda pior que a forma. Convido o leitor

a fazer um rápido passeio pela internet para ter ideia do que falo e comprovar que não exagero quando

digo que essas músicas não são exatamente algo que possamos chamar de decente.

Lembre-se, porém, de que a esquerda caviar não admite preconceitos. Logo, um baile funk ou um

concerto de ópera são equivalentes do ponto de vista cultural. A rmar o contrário é odiar os pobres.

Curiosamente, aqueles que “amam” os pobres acabam os condenando à permanência no atraso. Como

disse Theodore Dalrymple em Life at the Bottom:

A vida nas favelas britânicas demonstra o que acontece quando a população em geral, bem como as autoridades, perde

toda a fé em uma hierarquia de valores. Todos os tipos de patologia resultam disso: onde o conhecimento não é preferível

à ignorância e a alta cultura à baixa, o inteligente e o sensível sofrem uma completa perda de signi cado. O inteligente se

autodestrói; o sensível se desespera. E onde a sensibilidade decente não é alimentada, estimulada, apoiada, ou protegida, a

brutalidade abunda.

Se é assim nas “favelas” britânicas, imagine nas nossas! O clima hostil à conduta mais re nada, aos que

se esforçam para aprender melhores modos e a falar corretamente, cria um ambiente nefasto para quem

se destaca positivamente, nivelando por baixo e condenando todos à permanência na casta inferior.

Claro que uma cultura artística mais elevada (sim, isso existe) não se impõe por decreto estatal,

tampouco com canetadas do governo. Somente a gradual educação fará com que o público em geral

melhore seus padrões de gosto. Mas é imprescindível reconhecer que estética é coisa séria. A velha

máxima diz que de gustibus non est disputandum. De fato, gosto não se discute; apenas se lamenta!

Aliás, volto a Millôr, que também escreveu um poeminha interessante sobre isso:

Mesmo dito com cuidado

Sem qualquer provocação

“De gosto não se discute”

Traz logo uma discussão.

O filósofo escocês David Hume se debruçou nessa questão em seus Ensaios morais, políticos e literários. É

possível definir o bom gosto? Quem saberia dizer? Em uma passagem, diz:

Veri camos assim que, em meio à variedade e ao capricho dos gostos, existem determinados princípios gerais de

aprovação ou censura cuja in uência pode ser detectada por um olhar atento em todas as operações do espírito. Existem

certas formas ou qualidades que, devido à estrutura original da constituição interna do espírito, estão destinadas a

agradar, e outras a desagradar.

Ou seja, haveria o belo e o feio, segundo Hume. Mas como separar o joio do trigo? Ele arrisca uma

resposta:

Somente o bom senso, ligado à delicadeza do sentimento, aprimorado pela prática, aperfeiçoado pela comparação e livre

de qualquer preconceito, pode conferir aos críticos aquela valiosa personalidade; e o veredicto conjunto daqueles que a

possuem, onde quer que se encontrem, constitui o verdadeiro padrão do gosto e da beleza.

Como quase tudo na vida, a prática traz a excelência. É verdade que, sem vocação e talento, não adianta

praticar, mesmo por décadas. A prática, contudo, é necessária para que o talento desabroche. Malcolm

Gladwell, em seu livro Outliars — fora de série, sustenta a tese de que o sucesso tem forte ligação com a

prática. Demonstra, em casos empíricos, aquilo que omas Edison, talvez exagerando na dose, já sabia:

“A genialidade é 1% inspiração e 99% transpiração.”

Clássicos de literatura não o são à toa, assim como uma ópera famosa não é fruto

de uma roda de

amigos regada a cerveja, como costuma ser um sambinha com rimas pobres. A sensibilidade e o grau de

desenvolvimento intelectual que mobilizados pela apreciação de um bom clássico de literatura não

podem ser comparados àqueles exigidos para “degustar” o best-seller Cinquenta tons de cinza.

Continuamos com o problema de como identificar os melhores — um desafio e tanto. Mas avançamos

muito se, ao menos, reconhecermos que existem. E Hume, novamente, foi sincero ao constatar o que é

negado pela esquerda caviar hoje. Disse:

Para nossos objetivos, é su ciente demonstrar aqui que não é possível pôr no mesmo patamar o gosto de todos os

indivíduos, e que geralmente alguns homens, por mais difícil que seja identificá-los com rigor, devem ser reconhecidos pela

opinião universal como merecedores de preferência, acima de outros.

É por isso que existem os “formadores de opinião”. Infelizmente, a esquerda caviar, como elite, mais

parece um grupo de “deformadores”, in uenciando negativamente aqueles leigos que aspiram a aprender

e evoluir. Se negarmos que há alguma distinção objetiva na arte, então decretaremos sua morte.

Um borrão de tinta feito por uma criança de três anos e um Kandinsky serão equivalentes, simples

questão de gosto. Uma caca de cachorro pendurada na parede e um Modigliani

serão iguais. Um quadro

de Vermeer ou um gra tismo no muro da favela serão similares. Alguém está disposto a defender isso,

de verdade?

Não nego que arte seja algo bem pessoal. Não é essa a questão. O ponto é que existe a distinção entre

o belo e o feio, entre o bom e o lixo. Dentro do que seja bom, decidir o que é melhor será, sim, algo

bastante subjetivo. Uns preferirão Mozart, outros Beethoven. Uns, Dostoievski; outros, Ka¨a. Mas não

comparemos lixo com a verdadeira arte.

O ponto principal aqui não é ridicularizar as escolhas das classes mais baixas, tampouco defender

alguma intervenção estatal que as in uencie. A questão é que, em nome do m absoluto dos

preconceitos (e até pós-conceitos), as pessoas perderam a capacidade de constatar obviedades ululantes.

E, ao enaltecer as porcarias, estão condenando as verdadeiras obras de arte e impedindo os mais pobres

de evoluir estética e artisticamente.

Em suma, devemos nos manter sempre cautelosos com aqueles que juram não ter nenhum tipo de

preconceito ou ideologia. Desses tipos, confesso alimentar profundo preconceito!

As minorias

Todo burocrata da compaixão precisa de vítimas sociais para garantir o ganha-

pão, assim como todo

esquerdista caviar necessita de seus mascotes. Os grandes defensores dos fracos e oprimidos precisam de

fracos e oprimidos, nem que seja necessário criá-los. Surgem, então, as "minorias vitimizadas".

A visão coletivista da esquerda enxerga o mundo de modo maniqueísta, e cria categorias

predominantes com base em uma única característica, que forma o indivíduo. Cada um tem um gênero,

uma cor de pele, uma classe social, uma etnia, uma preferência sexual. O coletivista é aquele que

seleciona um desses elementos e diz que somente ele é relevante. O resto não importa.

Além disso, o coletivista costuma apelar para aquilo que Ludwig von Mises chamou de "polilogismo",

ou seja, existiriam lógicas distintas para cada grupo. O pensamento de classe, ou sexo, ou raça,

importando apenas a identidade grupal. Como disse Ortega y Gasset: "Para se formar uma minoria, seja

qual for, é preciso que, antes, cada um se separe da multidão por razões especiais, relativamente

individuais."

O coletivista não quer saber disso. O racista enxerga somente "raças", o socialista, somente classes, a

feminista, apenas gênero. Não importa que entre dois negros possa haver mais diferenças que entre um

negro e um branco. Não importa que um trabalhador humilde possa ser liberal, enquanto um rico

banqueiro defenda o socialismo. Não importa que algumas mulheres possam diferir entre si como a água

e o óleo.

Freud já tinha explicado, em um texto sobre as exceções, a tendência que alguns demonstram de

querer gozar no lugar de vítima:

Quando, dessa maneira, pedimos ao paciente que renuncie provisoriamente a alguma satisfação agradável, que faça um

sacrifício, que se mostre disposto a aceitar um sofrimento temporário a m de chegar a um resultado melhor, ou mesmo,

simplesmente, que se decida a se submeter a uma necessidade que se aplica a todos, encontramos indivíduos que resistem

a esse apelo por um motivo especial. Dizem que já renunciaram bastante e já sofreram bastante e têm direito de ser

poupados de quaisquer outras exigências; não se submeterão mais a qualquer necessidade desagradável, pois são exceções

e, além disso, pretendem continuar assim. Nesse tipo de paciente essa reivindicação se transforma na convicção de que

uma providência especial vela por ele, protegendo-o de quaisquer sacrifícios penosos dessa natureza.

Freud falava de indivíduos neuróticos. Agora, imagine isso elevado à décima potência e transformado

em vitimização grupal, de modo que bastaria nascer parte de alguma “minoria” para merecer privilégios.

É a era moderna, que separa o mundo em opressores e oprimidos com base em abstrações coletivas.

Essa visão cresceu de forma assustadora na década de 1970 nas universidades americanas. Bruce

Bawer, em єe Victims' Revolution , argumenta que o desconstrutivismo de Derrida e o relativismo

cultural de antropólogos como Franz Boas — que, em nome do m do preconceito, venderam a ideia de

que não haveria cultura superior — criaram um clima de desprezo por todo o histórico de sucesso

ocidental, pois seria basicamente o resultado do heroísmo de homens brancos e heterossexuais. Era

preciso atacar isso em nome das "minorias oprimidas". Bawer escreve:

Um dos resultados desse relativismo é o estudo de identidade. O problema, com certeza, não é simplesmente uma xação

patológica sobre a identidade do grupo, mas a preocupação com as injustiças históricas de certos grupos, combinada com

uma hostilidade virulenta contra os Estados Unidos, que é constantemente escalado como o vilão principal nas histórias

desses grupos e o mundo em geral. [...] Eles foram treinados para reduzir as ricas complexidades e ambiguidades da vida

humana a fórmulas simples sobre opressores e oprimidos, capitalistas e trabalhadores, imperialistas ocidentais e suas

vítimas não-ocidentais.

O importante é ter um grupo coeso de "minoria" para pintá-lo como discriminado e posar como seu

salvador. Bawer, vale notar, é gay, mas repudia essa tendência de vitimização atual. O lósofo Luiz

Felipe Pondé, em seu Guia politicamente incorreto da filosofia, resumiu a coisa:

A diferença entre a velha esquerda e a nova esquerda é que, para a velha, a classe que salvaria o mundo seria o proletariado

(os pobres), enquanto, para a nova, é todo tipo de grupo de “excluídos”: mulheres, negros, gays, aborígines, índios,

marcianos...

Basta o sujeito ser negro para ganhar o rótulo de “excluído” e virar um mascote da esquerda caviar.

Claro, se for um conservador como o tão citado omas Sowell, vira automaticamente um “traidor” da

raça. Se for um presidente de uma grande empresa, um esportista rico e famoso, um juiz ou advogado,

tampouco isso importará. Ele segue sendo um oprimido que precisa dos cuidados especiais do governo.

A esquerda caviar adora fazer caridade com o esforço alheio, nunca é demais lembrar.

As cotas raciais são, então, criadas, bene ciando a elite negra à custa dos pobres brancos. Em nome

do combate ao racismo, fomenta-se a segregação da sociedade com base na... raça! Os resultados não

correspondem às expectativas? Estudos mostram que os cotistas apresentam desempenho pior? Há até

caso de guerra civil incentivada pela divisão estatal da sociedade em raças?

Nada disso vem ao caso. Nunca é demais lembrar que a esquerda caviar não

valoriza tanto as

consequências de suas bandeiras quanto a imagem e a sensação de prazer pessoal que produzem. O

“lance” é apenas aparecer bem na foto, como um branco consciente que defende a causa negra.

É por isso que livros com dados empíricos, como o do próprio Sowell, sobre o assunto podem ser

ignorados. Os que mostram todo o lado negativo das cotas são estraga-prazeres, são chatos que não

querem permitir a onda entorpecente que a elite branca obtém em sua cruzada racial. “Só eu me

preocupo com os negros, veja! Eu defendo as cotas. Você é um insensível racista!” E tome monopólio da

virtude...

O ator Morgan Freeman, em uma entrevista que circulou bastante pelas redes sociais, deixou o

entrevistador sem graça ao retrucar sobre a homenagem ao Dia da Consciência Negra. Disse: “O dia em

que pararmos de nos preocupar com consciência negra, amarela ou branca, e nos preocuparmos com a

consciência humana, o racismo desaparecerá.” Uma aula para todos aqueles que pensam combater o

racismo com artifícios que só reforçam o conceito de raça.

A esquerda caviar não quer saber de lógica ou de dados concretos. A estatística acaba se tornando

instrumento de tortura até que os números confessem qualquer coisa. Utiliza-se a

média quando

interessa, ignorando vários outros aspectos. Se o negro é discriminado porque ganha menos, na média,

então isso quer dizer que o branco é discriminado em relação ao asiático porque este ganha mais, na

média? Que sinuca de bico...

Pela mesma lógica, poderíamos defender cotas para os baixinhos, pois as estatísticas comprovam que

as pessoas mais altas recebem, na média, salários maiores. A esquerda caviar é mestre no uso das

artimanhas expostas por Darrell Huff em How to Lie With Statistics, um livrinho divertido e útil para

desmascarar aquelas pessoas que agem como os que levaram Mark Twain a declarar: “Existem mentiras,

malditas mentiras, e a estatística.”

O combate ao racismo é bastante seletivo: ignora o ódio aos brancos. Miles Davis, grande ícone do

jazz, disse certa vez que, se alguém lhe contasse que tinha somente mais uma hora de vida, passaria esse

tempo as xiando um homem branco. E faria isso com calma e bem devagar. Já Spike Lee, que nunca

perde uma oportunidade de expor seu ódio aos brancos, sugeriu que dessem um tiro em Charlton

Heston, presidente da National Rifle Association, e ainda especificou o calibre que deveria ser usado.

O ator vencedor do Oscar Jamie Foxx foi na mesma linha. Ele, que ganhou as

manchetes dos jornais

ao chamar Obama de “nosso senhor e salvador” (amém!), resolveu fazer uma brincadeira no programa

“Saturday Night Live” ao comentar sobre seu último lme, Django Livre: “Eu mato todas as pessoas

brancas no filme. O quão fantástico é isso?” Como diria Galvão Bueno: pode isso, Arnaldo?

Esse “racismo reverso” cou bastante evidente quando uma stripper negra acusou três rapazes brancos

de estupro na Duke University, em 2006. O caso era bom demais para ser verdade, pela ótica da marcha

dos oprimidos. Ela, uma dançarina negra e pobre; eles, brancos e ricos, jogadores do time de lacrosse da

faculdade. Um prato cheio aos abutres de plantão, que partiram para um precipitado linchamento moral

antes de melhor averiguar os fatos.

Após prisões, muitas acusações virulentas da grande imprensa esquerdista e várias teses de sociólogos,

que acusavam os brancos de inclinação ao estupro das pobres negras, caria provado que a moça, cuja

reputação não era das melhores, mentira. Além disso, estatísticas o ciais americanas mostram que os

casos de estupro ocorrem em proporção in nitamente maior entre homens negros contra mulheres

brancas do que entre brancos contra negras.

Mas esses eram apenas fatos, e a esquerda não liga para isso. A ideologia da

vitimização precisa vir

antes, e, após muita histeria e cobertura enviesada da imprensa, o assunto simplesmente foi deixado de

lado, com os jornalistas ávidos pela próxima história quente na qual pintar as minorias como vítimas de

brancos ricos e, portanto, malvados.

O melhor exemplo do duplo padrão que resultou da “marcha dos oprimidos” talvez seja comparar a

(justa) revolta que gera a simples menção da Ku Klux Klan (KKK) com a absoluta negligência diante dos

crimes hediondos praticados pelo grupo Black Panther (Panteras Negras) nos Estados Unidos. Criado

em 1966 na Califórnia, o Black Panther se envolveria em diversos crimes, tais como trá co de drogas,

estupro ou assassinato. Como, porém, fazia tudo com cores marxistas, sob o discurso anticapitalista,

contava com o aval da esquerda caviar.

Tom Wolfe capturou em seu livro Radical Chic a essência desse beautiful people, que usa suas

milionárias coberturas para levantar fundos para grupos criminosos como o Black Panther. Wolfe é

também o autor da novela A fogueira das vaidades, que viraria lme, dirigido por Brian De Palma, com

Tom Hanks, Bruce Willis, Melanie Griffith e Morgan Freeman. Vaidade, a marca registrada da esquerda

caviar.

*

O mesmo duplo padrão vale para o movimento gay. Gayzistas não querem saber de igualdade perante as

leis, de liberdade individual e de discrição na vida sexual privada. Isso é coisa de liberal chato. O

movimento gay quer muito mais! Quer passeatas bancadas com dinheiro público e que podem ignorar a

lei contra o atentado ao pudor, válida somente para heterossexuais.

Esses gays militantes querem abolir o conceito de família tradicional, retirando até mesmo os termos

pai e mãe dos documentos o ciais, como sugeriu Marta Suplicy, para não "ofender" os diferentes.

Querem inúmeros privilégios. Querem, no limite, prender por homofobia aquele que simplesmente alega

preferir um lho heterossexual. Crime de opinião: se você não acha legal o homossexualismo, vai em

cana!

Duvida? Pensa que exagero? Um comercial da Lupo com Neymar foi acusado de homofobia. O

comercial mostrava o atacante de cueca se exibindo para algumas clientes. Porém, quando um homem

pede para ver a "cueca sexy do Neymar", o atacante sai de ninho da loja. Na propaganda, não há

nenhuma menção sobre a sexualidade do personagem masculino. Mas as brincadeiras serão vetadas. E ai

do homem que quiser expressar sua masculinidade! Isso será visto como grave

ofensa aos gays.

A PLC 122, o projeto de lei que trata da homofobia, possui caráter fascista e cria privilégios em vez de

direitos individuais. Sua arbitrariedade faz com que um funcionário gay demitido, ainda que por

incompetência, possa acusar seu chefe e processá-lo por homofobia. E como impera a mentalidade da

vitimização no Brasil, especialmente na Justiça do Trabalho, claro que ganharia. O ônus da prova caria

com o patrão, que teria de mostrar que demitiu o sujeito por outro motivo. Mas como fazer isso?

O movimento apelou para o eufemismo também, como de praxe na esquerda caviar. O

homossexualismo passa a ser descrito como “relação homoafetiva”. Acho que vou aderir a essa

linguagem e chamar a esquerda de “estado afetiva”, em vez de simplesmente autoritária.

O movimento gay tem rompido a preciosa barreira entre público e privado. Poucos se interessam pelo

que se passa entre quatro paredes com adultos. Mas isso não basta. Agora é preciso extrapolar a esfera

particular e torná-la pública. Em uma passeata dessas, o militante resumiu o zeitgeist: “Meu cu é

revolucionário!”

Além da perda da privacidade e do pudor, há a questão do limite das “conquistas” sexuais. Na era do

“amor moderno”, existem apenas formas diferentes de amar, todas igualmente válidas. Não ca claro

qual o limite. Se a pessoa sente atração física por animais, como o personagem de Woody Allen

apaixonado por uma cabra, isso é “apenas diferente”?

Pode parecer uma questão absurda, sem ligação com a “libertação” sexual, mas o dilema existe. O

trabalhador agrícola Carlos Romero, de 32 anos, preso ao ser

agrado em uma “posição

comprometedora” com a jumenta chamada Doodle, disse que a lei da Flórida que proíbe sexo com

animais é inconstitucional.

Durante o interrogatório, na prisão, a rmou que fazia sexo com cavalos desde os dezoito anos, e que

preferia os equinos devido a sua “forma feminina, comportamento e força bruta”. A zoo lia é imoral ou

não, a nal de contas? Quem sou eu para julgar? Não é assim o credo atual? Por que vamos dizer que

algo tão ultrapassado como o amor entre um homem e uma mulher é a forma mais normal de amar? Só

porque é natural ou tradicional? Nada disso! Vale tudo.

Se a pessoa resolve amar uma multidão e viver em orgias e bacanais, isso é “apenas diferente”? Se

resolve “amar” homens hoje, mulheres amanhã e seres inde nidos depois de amanhã, isso também é

“apenas diferente”? E o incesto, como ca? Ainda será condenado ou são

indivíduos livres, a despeito do

parentesco próximo? Convém citar o alerta feito pelo rabino argentino Abraham Skorka, coautor de livro

com o atual papa Francisco, em entrevista à revista Veja:

Quando se leem O futuro de uma ilusão, do austríaco Sigmund Freud, e certas obras do francês Claude Lévi-Strauss,

aprende-se que as barreiras que freiam nossos impulsos são necessárias. O incesto, assim como a atitude sexual em geral,

deve estar submetido a regras. Por meio dessas leis é que o homem pode formar uma cultura. No momento em que alguém

mexe na essência dessas regras, passa-se a corroer as bases, as proibições e as barreiras graças às quais foi possível formar

o que conhecemos como cultura humana.

Os libertinos não querem saber de freio algum. Vale tudo! Resta perguntar: não há nada mais que seja

considerado “bizarro” pela esquerda caviar? Talvez o homem e a mulher casados e éis. Se frequentarem

a missa aos domingos então... Aí chama logo os homens de branco, pois é caso de hospício!

O que você gostaria que seu lho fosse ao crescer? “Médico, advogado, economista, bombeiro, ou um

traveco, um garoto de programa, tanto faz, são escolhas apenas diferentes.” Eis a resposta “certa” no

gabarito do politicamente correto ultrarrelativista de hoje. E ai de quem tiver opinião contrária, de quem

ousar julgar certas diferenças...

O colunista da Folha Hélio Schwartsman recebeu vários e-mails reclamando até do uso do termo

“homossexualismo”. Para a patrulha organizada do movimento gay, essa palavra denota patologia. O

colunista, de forma bem-humorada, apresentou então centenas de termos que terminam com “ismo” e

que não têm ligação alguma com doenças. A verdadeira patologia, como ca evidente, está no

autoritarismo desse movimento.

O respeitado historiador Niall Ferguson foi execrado por blogs ao dizer que John Maynard Keynes, o

famoso economista, poderia ter cunhado a frase “no longo prazo estaremos todos mortos” por ser gay e

não ter lhos, tendo um interesse reduzido num horizonte mais distante. O historiador reconheceu que

fora um comentário infeliz ou mesmo estúpido, mas cou ainda mais chocado com a reação de alguns,

que o acusaram de homofóbico e até racista (ele é casado com Ayaan Hirsi Ali, uma negra da Somália).

Ferguson constatou:

O que a autonomeada “polícia da fala” da blogosfera se esquece é que errar ocasionalmente é parte integrante do processo

de aprendizagem. E uma das coisas que aprendi com minha estupidez na semana passada é que aqueles que buscam

demonizar o erro, ao invés de perdoá-lo, estão entre os inimigos mais insidiosos da liberdade acadêmica.

Douglas Murray, gay assumido, publicou um artigo na The Spectator em defesa de seu amigo Ferguson.

Ele começa sublinhando a importante distinção de que a esquerda costuma personi car os debates e

encarar os oponentes como pessoas ruins, enquanto a direita prefere, normalmente, centrar-se nos

argumentos. Basta discordar de algo em relação ao movimento gay para ser tachado de homofóbico

pelos esquerdistas.

No nal do texto, confessa que o ódio de que já fora alvo por ser gay viera igualmente de pessoas da

direita e da esquerda. A verdadeira homofobia não tem cor ideológica. Mas a patrulha ideológica

politicamente correta faz vítimas concretas quando, por exemplo, impede que a AIDS seja vista como

uma doença que infecta proporcionalmente mais gays que héteros. A ciência a serviço da ideologia nunca

pode acabar bem: deixa de ser ciência e vira política.

Quem quiser ter uma ideia melhor da agenda gayzista basta ligar na MTV. No dia da campanha

mundial contra a homofobia, lá estava um Guilherme Arantes em m de carreira, com camisa rosa em

que se lia “Gay é OK”, tocando e cantando muito desa nado, ao que se seguiria uma mesa-redonda

sobre “homofobia”. E contra o que se mobilizavam? O preconceito de todos aqueles neandertais

reacionários que não acham lindo, o máximo, a última moda em Paris, adolescentes que gostam de

adolescentes do mesmo sexo.

Detalhe: a faixa etária indicada ao programa era de apenas dez anos. Ou seja, minha lha, com onze,

já poderia ver essa maciça campanha em prol não do respeito ao gay como indivíduo, mas do asco e

repúdio àquele que, simplesmente, não curte muito essa coisa de homem com homem e prefere um lho

heterossexual. Esse é um monstro. Um programa que mostrasse alguém fumando um cigarro teria

classificação bem maior, se permitido. Que tristeza!

O debate sobre homofobia ganhou grandes proporções no começo de 2013, quando Silas Malafaia foi

entrevistado por Marília Gabriela. O pastor condenou o homossexualismo (enquanto a entrevistadora o

“corrigia” o tempo todo, lembrando que é “homossexualidade”). Para ele, um desvio de comportamento,

com base em seus valores religiosos. A reação histriônica da esquerda caviar mostraria que é

extremamente tolerante e isenta de preconceitos, desde que não se trate de um crente evangélico.

O CRP (Conselho Regional de Psicologia) lançou campanha contra Silas Malafaia, porque ele é

formado em psicologia. Em momento algum, porém, o pastor falara como psicólogo. Mas, se você não

abraça a cartilha politicamente correta da turma, se não acha linda a relação “homoafetiva”, então é

perseguido, é um inimigo e deve ser eliminado.

Os psicólogos alegam que a visão religiosa do pastor fere o código de ética da pro ssão. No entanto,

não perseguem o psicólogo “social” que sobe morro para doutrinar pessoas no marxismo. Claro, o CRP é

formado basicamente por esquerdistas que desejam a revolução cultural. Misturar psicologia com

ideologia de esquerda pode; com cristianismo, não. Um peso, duas medidas.

Não é preciso gostar do pastor ou das seitas evangélicas para defender Silas Malafaia nessa questão. A

turma dos “direitos” das minorias parece querer todos iguais, um pensamento único, monolítico. Como

detestam o contraditório! Como odeiam a liberdade! Deveriam levar mais em conta o alerta de Walter

Block em Defendendo o indefensável: “É fácil ser um defensor da liberdade de expressão quando isso se

aplica aos direitos daqueles com quem estamos de acordo.”

Um bom exemplo desse sintoma preocupante — de perda da liberdade de expressão — deu-se em

2013, quando o programa de humor CQC foi alvo de um inquérito policial por fazer piadas de

português. A Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) de São Paulo abriu

investigação sobre a denúncia de que o programa teria ofendido a honra da

comunidade portuguesa

com piadas. Isso, sim, uma piada! E de muito mau gosto...

O líder do CQC, Marcelo Tas, tocou no ponto nevrálgico da coisa: “Estamos entrando em uma fase

surrealista com relação à liberdade de expressão, está na hora de o país debater isso. Só espero que isso

não deságue em censura.” Infelizmente, já vivemos sob censura. A praga do politicamente correto corrói

nossa sociedade há anos e, tal como um câncer em metástase, avança sobre as células da liberdade de

forma cada vez mais rápida.

Participei, com Marcelo Tas, Leandro Narloch e Reinaldo Azevedo, de um painel justamente sobre a

liberdade de expressão e o politicamente correto, em 2011, num evento organizado pelo Instituto

Millenium. Na ocasião, “brinquei” com Tas, alertando que temia pelo futuro de sua pro ssão em um

mundo cada vez mais hostil ao humor. Como caria claro, tinha razão e fui até profético. Só não

esperava que fosse tão cedo.

Alguém da velha-guarda consegue imaginar o Costinha fazendo humor hoje? Morreria de fome, pois

ninguém o contrataria. Ou então seria preso logo de uma vez. Sempre começava as piadas com um “Era

uma vez uma bichinha...”, algo desprovido de maldade, que todos sabiam levar na brincadeira, inclusive

os gays. Como as coisas mudaram em espantosa velocidade! Parece que foi ontem...

Os humoristas correm risco quando a afetação das “minorias” torna-se algo impositivo. É triste, muito

triste, ver que essa “marcha das minorias oprimidas” tomou conta de tudo, e que o senso de humor é

mais uma vítima desse movimento intolerante e autoritário, com cores fascistas. Curiosamente, devemos

evitar “blasfêmias” para não ofender os muçulmanos, mas os ateus da esquerda caviar, paranoicos com a

religião mais importante ocidental, patrulham-na e atacam-na em nome do “estado laico”.

A militância antirreligiosa do ateísmo moderno parece ter extrapolado, e quem ora diz isso é um ateu.

Estado laico é uma coisa, e eu o defendo. Separar, ao máximo, religião e estado foi um avanço da

humanidade. Outra coisa, bem diferente, é a paranoia que enxerga qualquer manifestação religiosa em

local público como absurda, ou que impede a mensagem de “Feliz Natal” em cartões de empresas para

não “ofender” as pessoas de outras crenças. Como escreve Jonah Goldberg em The Tyranny of Clichés:

Hoje você poderia argumentar — e se você não zer isso eu farei — que o projeto de limpar a religião da esfera pública foi

longe demais. Enquanto antes estávamos habituados a ter feriados nacionais de oração e jejum, agora estamos quase no

ponto em que temos uma crise constitucional se uma criança diz “Deus te

abençoe” para um professor do ensino público

que está espirrando.

Outro pastor, o deputado Marco Feliciano, também causaria celeuma ao assumir a Comissão de Direitos

Humanos para Minorias na Câmara. Tal comissão, registre-se, é algo que sequer deveria existir, pois

todos devem ser vistos como cidadãos brasileiros, sob o império de leis isonômicas. Mas a esquerda

caviar tomava conta dela até então. E entrou em pânico quando Feliciano a assumiu. Ele dera

declarações racistas e homofóbicas, e houve muita pressão das minorias organizadas por sua renúncia.

O movimento, porém, deu claros sinais de não respeitar a democracia representativa, uma vez que o

deputado fora eleito com mais de 200 mil votos e tinha legitimidade para o cargo. Feliciano, aliás, teve

quinze vezes mais votos que Jean Wyllys, o líder da bancada oposicionista e membro do PSOL, que

discursa em nome da tolerância, mas não admite o contraditório. Começou uma forte campanha nas

redes sociais, em que as pessoas diziam que Feliciano não os representava. Minha resposta a essa

mobilização seria a seguinte:

Sou brasileiro e Marco Feliciano não me representa. Nem Jean Wyllys. Nem o PT. Nem o PSDB. Nem o Sarney e o PMDB.

Muito menos o PSOL. Mas sei que vivo em uma democracia, que ela é muito

imperfeita, mas superior às alternativas

autoritárias. E que, por isso, preciso respeitar as regras do jogo, entender que essa gente representa OUTROS brasileiros, e

que, se eu quiser mudar isso, devo fazê-lo pelas vias legais e democráticas, e não no grito, na ameaça de violência e na

intimidação.

É absolutamente justi cável que se execrem as posturas do pastor. Eu mesmo o faço. É do jogo. O que

não é do jogo é pensar que pode governar no grito, subindo em mesas, ameaçando agredir. E foi

justamente isso que um raivoso grupo organizado fez, com o suporte de artistas como Caetano Veloso,

Preta Gil e Wagner Moura. Os de sempre.

A turma mostrou cartazes com os dizeres de que não compunha a minoria e tinha o apoio da nação.

Ora, se não é minoria, então por que comissão para minorias? Só quando interessa é que vale a “marcha

das minorias oprimidas”? Logo depois as “minorias” se tornam maioria, para chutar pela porta dos

fundos a minoria dos evangélicos? Haja contradição!

Chamou a atenção também a enorme seletividade dos revoltados. Dedicaram uma energia incrível ao

caso Feliciano, mas não vimos um único desses atores ou dos movimentos sociais nas ruas contra a

presença de mensaleiros condenados pelo STF na Comissão de Constituição e Justiça (!), ou então

demandando a prisão imediata do também condenado “chefe de quadrilha” José Dirceu.

Prioridades esquisitas. O próprio pastor daria um xeque-mate nessa gente ao a rmar que renunciaria

se os mensaleiros também o zessem. Não vimos passeatas da esquerda caviar pela renúncia dos

mensaleiros, e os ataques a Feliciano rapidamente minguaram.

Na verdade, intelectuais e artistas da esquerda caviar zeram de tudo para justificar os atos dos

mensaleiros, como sempre procedem ante as atrocidades socialistas. Carlos Alberto Sardenberg, em um

artigo chamado “Roubar pelo povo”, expôs dois exemplos dessa patética tentativa de blindar o réu

condenado:

Fica assim, pois: José Dirceu não é corrupto, nem quadrilheiro — mas participou da corrupção e da quadrilha porque, se

não o zesse, não haveria como aplicar o programa popular do PT. Como se chega a esse incrível quebra-galho teórico?

Fernanda Torres oferece uma pista quando comenta que o PT se toma como o partido do povo brasileiro. Ora, segue-se,

se as elites são um bando de ladrões agindo contra o povo, qual o problema de roubar “a favor do povo”? Renato Janine

Ribeiro trabalha na mesma tese, acrescentando casos de governos de esquerda bem-sucedidos, e corruptos. Não ca claro

se são bem-sucedidos “apesar” de corruptos ou, ao contrário, por serem corruptos. Mas é para esta última tese que o

autor se inclina.

Fernanda Montenegro, a grande atriz e mãe de Fernanda Torres, decidiu protestar contra o pastor

Feliciano dando um beijo na boca de outra atriz. Enquanto isso, sua lha prefere usar seu precioso

espaço na Folha para levantar teses que aliviam a culpa de José Dirceu no cartório. Parece que defender o

movimento gay é mesmo a coisa mais importante do universo para essas pessoas, algo in nitamente mais

relevante do que condenar a corrupção.

O exagero do movimento gay no Brasil cou tão evidente que pariu uma piada: antes, era terrível ser

gay; depois, passou a ser aceitável; em seguida, virou algo totalmente cool; e eu vou embora daqui antes

que passe a ser obrigatório! Piada à parte, o fato é que, hoje, o jovem que não é ao menos afeminado,

metrossexual, está completamente fora de moda. Vivemos na geração Justin Bieber.

A agenda gay anda tão in uente nas artes e no entretenimento que conseguiu até emplacar um

Wolverine gay! Wolverine, para quem não sabe, é aquele X-Man machão, uma espécie de “Marlboro

Man” com garras de adamantium. Mas a Marvel fez com que protagonizasse um beijo gay com Hércules

em uma de suas histórias em quadrinhos. Estão detonando os ícones de masculinidade da garotada.

Quem será o próximo a sair do armário? Hulk? or? Não é à toa que muitos chamam o movimento de

“Gaystapo”...

Existem diversos homossexuais que não querem saber dessas lutas politizadas e coletivistas do

movimento gay, abraçadas pela esquerda caviar. São pessoas que gostariam de seguir suas vidas

normalmente, apenas com suas escolhas sexuais diferentes e resguardadas, como assunto de foro íntimo.

Esses contam com o apoio dos liberais.

É o caso de Justin Raimondo, que escreveu um excelente artigo para a revista єe American

Enterprise, um homossexual que rejeita os “direitos homossexuais”. O texto foi traduzido e publicado em

um blog chamado “Gays de Direita”. Justin se mostra preocupado com essa politização da causa, e

acredita que o tiro sairá pela culatra, prejudicando os próprios gays. Diz:

[...] algo fez com que o movimento gay se desviasse deste objetivo originário. Hoje, o intitulado movimento pelos direitos

homossexuais vê o governo como o provedor, e não o inimigo, da liberdade. Da medicina socializada, passando pela

legislação antidiscriminação e chegando às aulas obrigatórias de “tolerância” nas escolas, não há qualquer tipo de

iniciativa para incrementar o poder governamental que estes supostos guerreiros da liberdade não apoiem.

Raimondo rejeita ainda a vitimização de seus colegas gays, assim como a

transformação de qualquer

reação normal em “homofobia”. Vai direto ao ponto:

Os homossexuais devem rejeitar a ideia disparatada de que eles são oprimidos pelo “heterossexualismo”, uma ideologia

vil que subordina e denigre homossexuais ao insistir no papel central da heterossexualidade na cultura humana. Não se

pode fugir da biologia humana, por mais que tal projeto possa seduzir acadêmicos alienados que imaginam que a

sexualidade humana é uma “construção social” alterável à vontade. Homossexuais são e serão sempre uma raridade, uma

pequena minoria necessariamente à margem da família tradicional.

Eis a solução que apresenta para o “problema” dos gays na sociedade:

Ao invés [sic] do moralismo da “visibilidade” gay, uma solução sensata para a Questão Homossexual seria uma

convocação de retorno aos deleites da vida privada, uma redescoberta da discrição ou mesmo do anonimato. A

politização da vida cotidiana — do sexo e das instituições culturais fundamentais — é uma tendência a que devemos

resistir com tenacidade: não apenas os homossexuais, mas os amantes da liberdade em todas as esferas de realização

humana.

Eu já recebi mensagens assim, de homossexuais que concordam com meus ataques ao movimento gay. A

doutrinação infantil, por exemplo, merece duras críticas. O que caria conhecido como “Kit Gay”, na

época em que o atual prefeito de São Paulo Fernando Haddad era ministro da

Educação, representa uma

agenda claramente ideológica e autoritária, afrontando as famílias que não desejam seus lhos expostos,

na tenra idade, às ideias subversivas dos governantes.

Mas, claro, esses homossexuais que repudiam a agenda do movimento são os "traidores" da categoria,

pois é preciso um pensamento monolítico, de "minoria", para justi car o coletivismo da causa. O gay

deixa de ser um indivíduo e passa a ser apenas isto: parte de uma minoria vitimizada, sem defeitos ou

qualidades particulares, sem direito de pensar por conta própria. Guilherme Fiúza, na revista Época, fez o

melhor resumo da coisa:

Ser gay não é orgulho nem vergonha, não é ideologia nem espetáculo, não é chique nem brega. Não é revanche. Não é

moderno. Não é moda. É apenas humano. A luta contra o preconceito precisa ser urgentemente tirada das mãos dos

mercadores da bondade. Eles semeiam, sorridentes, a intolerância e o autoritarismo. Já para o armário!

O feminismo vai exatamente na mesma linha. Fruto muitas vezes da inveja das "mocreias", o movimento

pretende lutar contra a liberdade individual, incluindo a das mulheres, e não pelas mulheres. A típica

feminista não quer saber das mulheres que escolhem uma vida caseira ao lado do marido, como "donas

do lar". Não! Essas são vítimas do machismo da sociedade, de uma imposição

do sistema, e precisam ser

salvas.

A mulher que gosta de ser mãe e de cuidar dos lhos, que adora receber ores e ser bem tratada pelo

marido, essa é uma “traidora” do movimento. As feministas desejam abolir as diferenças entre os sexos,

ainda que biológicas, e entre elas também. Todas precisam abraçar o mesmo credo, de que mulher e

homem são construções sociais, de que gostar da proteção de um macho é ser submissa e escrava.

Uma das grandes líderes do feminismo, Simone de Beauvoir, deixaria transparecer essa visão

autoritária em uma entrevista de 1976 a Betty Friedan, em que afirmou que nenhuma mulher deveria ser

autorizada a permanecer em casa e criar seus lhos, pois, se tivesse essa escolha, faria exatamente isso.

Muitas feministas odeiam mais os homens do que amam as mulheres. Seria inveja do falo? Se for o caso,

só tenho uma coisa a dizer: “Get over it.” Castrados estamos todos nós, como diriam os psicanalistas...

A mulher-objeto, então, é a inimiga número um das feministas. Aquela que sabe explorar sua beleza e

sensualidade, que usa a delicadeza feminina de forma sábia, essa é execrada pelo movimento. Chegam a

lutar pela proibição de propagandas que exibam esse per l. Como resumiu Pondé: “Toda tentativa de

proibir a exibição da beleza feminina é um ato nascido da inveja.”

O grupo ucraniano Femen, fundado em 2008, tornou-se conhecido por protestar com topless. Rara

exceção, é formado por moças até bonitinhas, e não pelas típicas “barangas” encalhadas que costumam

compor os movimentos feministas. Paulo Francis, sempre com sua forma direta e ácida, disse: “O

feminismo foi uma saída maravilhosa para os jaburus.” Mas divago.

Veja que coisa, leitor: se a ideia é lutar contra a imagem de mulher-objeto, não seria estranho uma

feminista ir às ruas com os belos peitos de fora em busca da atenção masculina? Alguém mais cínico

poderia especular que essas moças querem justamente chamar atenção e ganhar um minuto de fama,

saindo na capa do jornal com seu corpo à mostra. Seria inveja das coelhinhas da Playboy?

A “lógica” de uma típica feminista funciona assim: se o marido sobe o tom e grita com a esposa,

ameaçando dar-lhe um tapa no momento de descontrole, é o pior monstro do mundo e merece ser

preso; mas, se um marmanjo de dezessete anos, morador da favela, estupra a moça apontando-lhe uma

arma, é uma “vítima da sociedade”, merecedor de carinho e de “ressocialização”. Pode gente assim criar

um mundo minimamente decente?

Antes que alguma feminista de plantão tente distorcer minhas palavras, isso não

é uma defesa do

“direito” de os maridos baterem em suas mulheres! Homem de verdade não faz isso. E quem for covarde

assim deve ser punido. Quero apenas mostrar a incoerência muitas vezes presente nessas agendas

estranhas da esquerda caviar. O feminismo acaba consistindo na transferência do conceito de luta de

classes marxista para dentro de casa.

A visão da “pedagogia dos oprimidos”, de Paulo Freire, contaminou com marxismo a coisa toda.

Homens são opressores, mulheres são vítimas oprimidas, e ponto nal. Não importa que as mulheres já

representem a maioria na força de trabalho em vários países ocidentais, ou que tenham chegado a vários

postos de poder na sociedade. É preciso alimentar a ilusão marxista, apelando, como de praxe, ao duplo

padrão.

A rmar que as mulheres contam com certas vantagens instintivas, como um poder maior de “sexto

sentido”, ou uma forma mais sensível de ver as coisas, isso é permitido. Mas ai de quem a rmar alguma

“superioridade natural” masculina, no campo que for. Lawrence Summers perdeu seu cargo de

presidente de Harvard justamente porque sugerira que os homens poderiam ter predisposição maior ao

sucesso nas ciências.

As feministas, por meio do politicamente correto, tentam nos convencer de que gênero é somente uma

"construção social", que segue uma criação arbitrária machista para o domínio patriarcal. Besteira!

Meninos, desde muito cedo, mostram certas tendências diferentes das meninas no que diz respeito às

brincadeiras. Até com outros animais isso acontece. Hormônios talvez expliquem a diferença.

Como escreveu o colunista Hélio Schwartsman na Folha: "A biologia talvez não explique todas as

diferenças, mas revela que não somos uma tábula rasa de gênero." As feministas, contudo, preferem

acreditar na página em branco para criar uma igualdade que a biologia insiste em rejeitar. Reconhecer

diferenças inatas não é o mesmo que adotar uma postura machista, de superioridade de algum gênero. É

tão somente admitir que nascemos diferentes. Ainda bem!

Faço um parêntese aqui. Chega a ser engraçado ver a contradição do mesmo grupo politicamente

correto: alegam que o homossexualismo não é uma opção (sendo, portanto, algo inato) para logo depois,

no entanto, afirmar que os gêneros são construções da sociedade. Eles nem notam a gritante incoerência.

Aqui, como alhures, a esquerda caviar prega uma coisa e faz outra. Várias mulheres da elite ajudaram

a divulgar a mensagem feminista, condenando o casamento, o romantismo, a vida caseira.

Naturalmente, não seguiram as recomendações em suas próprias vidas. Aquelas mais humildes, porém,

in uenciadas pelas palavras de mulheres poderosas e famosas, acabaram destroçando suas vidas em

busca dessa “igualdade” sexual — igualdade que costuma chegar ao m na hora de trocar o pneu furado

ou matar a barata.

O livro Coming Apart, de Charles Murray, mostra como as classes mais altas tiveram crescimento do

volume de divórcios e de lhos fora do casamento bem menor do que as classes mais baixas, onde este

fenômeno explodiu a partir de 1960. E todo sociólogo sabe que lhos de mães solteiras representam

grupo com maior propensão a cometer crimes e atos delinquentes.

Até o uso das palavras para designar essas crianças mudou, o que demonstra como o zeitgeist tem

impacto relevante na vida das pessoas. Antigamente, eram bastardos, o que claramente denotava uma

visão negativa da coisa. Depois, tornaram-se ilegítimos, termo um pouco mais neutro, mas ainda

estigmatizado. Hoje, são apenas “ lhos fora do casamento”, e nada mais, como se não zesse diferença

alguma ter pai e mãe casados, ou sequer saber quem é o pai da criança.

Murray resgata um resumo do código de conduta adotado por todo gentleman do passado. Ser

homem signi cava, basicamente, ser corajoso, leal e verdadeiro, aceitar as

punições por seus erros, não

tirar proveito das mulheres, ser um marido protetor, gracioso na vitória e de espírito esportivo na derrota,

ter a palavra como garantia contratual, dedicar-se mais ao modo como o jogo é jogado do que à derrota

ou à vitória e, se diante de um navio que afunda, colocar mulheres e crianças em segurança antes de se

despedir com um sorriso no rosto.

O leitor mais jovem deve estar rindo, incrédulo. Mas isso já foi uma espécie de guia para muita gente.

Quando o Titanic afundou, em 1912, a maioria dos sobreviventes era, de fato, composta por mulheres e

crianças. Já por ocasião do naufrágio do MS Estônia, em 1994, com quase mil mortos, o grosso dos

sobreviventes era de homens jovens. Há relatos de que se tratou de um verdadeiro “salve-se quem

puder”. Uma mulher com a perna quebrada implorava por ajuda, e nada.

Será que não se fazem mais homens como antigamente? Estamos vendo a extinção do gentleman?

Vale a pena ser um cavalheiro diante de mulheres que se orgulham da “marcha das vadias”? Tem certeza

de que o mundo hoje, nesse aspecto, evoluiu? As feministas devem estar felizes com tais mudanças, ao

menos aquelas que não foram deixadas para morrer...

Por falar em Titanic, os efeitos econômicos e políticos dessa realidade social não passaram despercebidos

por analistas e gestores, que chegam a prever um iceberg à frente do transatlântico das nanças

mundiais. É o caso de Marc Faber, que escreveu o seguinte alerta em seu relatório єe Gloom, Boom &

Doom, de abril de 2013:

Muitas vezes eu sinto que estamos todos no Titanic nanceiro. Todos nós jogamos o jogo do desempenho como no

pôquer, visando às melhores mesas no salão e os assentos mais confortáveis no convés do navio. Mas, no nal, será que

isso importa? Em uma sociedade onde 48% das crianças novas nascem agora de mães solteiras (58% dos primeiros

nascimentos de mulheres solteiras estão em lares de mais baixa renda da classe média), a maioria dos quais estará em

alguma forma de assistência social a partir do dia do nascimento, nós estamos criando os “Boomers” dos direitos. Não

deve ser difícil ver como eles vão votar e de quem vão levar o dinheiro!

As ideias da esquerda caviar acabam se voltando muitas vezes contra seus próprios membros, em efeito

bumerangue. Ou alguém acha que a na or da esquerda caviar não é representada justamente pelos

grandes investidores? E alguém pensa que esses ricaços guardam suas fortunas embaixo do colchão ou

em entidades de caridade?

A horda de mimados sedentos por recursos alheios, que a esquerda caviar ajuda a procriar, vai

crescer, reproduzir-se como Gremlins, e certamente se voltará contra seu criador,

em busca de mais

vantagens. Nem os paraísos fiscais, adorados por muitos esquerdistas, estarão imunes.

Os populistas, entretanto, não pensam nas próximas gerações, apenas nas próximas eleições. É preciso

criar mais privilégios para as “minorias”, ao menos no papel. A cartada sexual é muito útil para

demagogos. A Lei Maria da Penha, por exemplo, foi aprovada pelo governo petista como um grande

passo no combate ao machismo. Detalhe: o caso que dá nome à lei consistiu em nada menos que um tiro

disparado pelo marido contra a mulher.

Ora bolas! Eu poderia jurar, ao menos até a última vez que veri quei o código de leis, que sair por aí

dando tiros já é crime, seja em mulher, seja em homem, seja em seres inde nidos. Mas então um maluco

dá tiro na mulher e uma lei é criada para atacar o “machismo” da sociedade? Já não tínhamos leis que

punissem casos assim?

Outra grande bandeira das feministas é alegar que há discriminação de sexo e, como evidência, mostrar o

salário médio mais baixo das mulheres. Essa análise simplista é mais um exemplo de uso indevido de

estatísticas espúrias. A nal, a média pura e simples ignora que elas tendem, ao longo da vida, a se afastar

mais do trabalho por questões de família (da última vez que veri quei ainda eram

as mulheres que

engravidavam), ou a escolher trabalhos mais exíveis por conta disso. Óbvio que isso afeta a

remuneração, reduz as chances de promoções no decorrer da carreira etc.

Além disso, os salários mais altos costumam estar ligados à engenharia ou a campos similares, que

possuem presença masculina desproporcional. Empregos arriscados ou que demandam força também

atraem mais os homens, e o salário de um bombeiro tende a ser maior que o de uma secretária.

Portanto, quando são levados em conta fatores como quali cação, carga horária, risco de afastamento

do empregado por gravidez e coisas do tipo, o hiato salarial desaparece! O que faz todo sentido

econômico: se mulheres realmente ganhassem menos que os homens para o mesmo valor produzido,

naturalmente os empresários mais gananciosos contratariam somente mulheres e levariam à bancarrota

seus concorrentes machistas, com mão de obra mais cara e menos competitiva.

Essa mesma lógica é válida para o racismo. Walter Williams, em Race and Economics, defende a tese

de que o livre mercado expõe e ataca a ineficiência do racismo. Vale para raça, gênero, qualquer forma de

discriminação. A teoria econômica não pode responder a questões éticas; mas pode exibir as

consequências de medidas tomadas em seu nome.

O que o autor mostra é que diversos problemas que os negros americanos enfrentam não têm ligação

com a discriminação racial. Ele, que é negro, não nega que tal discriminação existe; apenas demonstra

que as principais causas dos problemas estão em outro lugar. E quais seriam estas causas, então? O que

ca evidente ao longo do livro é que as regulamentações impostas pelo governo representam o grande

vilão dos negros, especialmente os mais pobres.

Uma das formas básicas de alguém com menor produtividade competir no mercado de trabalho é

justamente aceitar um salário mais baixo. A demanda por remunerações equivalentes para trabalhos

equivalentes vem de quem já está empregado e deseja reduzir a concorrência. O autor mostra inclusive

que esta lógica não escapou aos principais proponentes das leis trabalhistas. Os sindicatos se uniram para

impedir a entrada maciça dos negros no mercado de trabalho.

Estas leis tornam o custo da discriminação racial nulo. No livre mercado, se o empregador se recusar a

contratar alguém por causa da “raça”, pagará um preço por isso, seja por limitar a quantidade de

candidatos às vagas, seja por deixar de empregar gente mais produtiva pelo mesmo salário. Neste caso,

basta o concorrente ignorar o racismo para ser mais e ciente. Com o tempo, a tendência é o empregador

racista ir à bancarrota.

Em suma, Williams defende o m das restrições legais ao mercado de trabalho como melhor medida

para ajudar as minorias, incluindo os negros. O livre mercado é impessoal e foca nos resultados. Esta é a

mais poderosa arma contra qualquer tipo de discriminação.

Mas os coletivistas não querem saber dessa lógica, pois estraga a “marcha das vítimas oprimidas”. Em

vez disso, ajudam a criar várias leis que acabarão prejudicando as próprias mulheres, negros, gays.

Criam-se várias regalias para “proteger” o sexo feminino, por exemplo, e o patrão, desesperado com os

custos dessa benesse toda, opta pela contratação de um homem mesmo. Consequências indesejadas das

boas intenções.

Quando a mulher realmente mergulha no trabalho, desfruta das mesmas chances de sucesso que os

homens. É uma questão de escolha, de abrir mão de outro estilo de vida. Cada vez mais mulheres

conquistam posições de destaque, e isso não se deve a nenhum tipo de privilégio estatal.

Em maio de 2013, por exemplo, Claudia Sander se tornou presidente da TAM aos 38 anos. Para

desespero das feministas, Claudia chegou lá por meritocracia, é bonita, formada em engenharia com

MBA em Harvard, e não precisou apelar para vitimização alguma. Alguém

consegue ver uma pobre

oprimida nisso?

A presidente mundial do site Yahoo!, Marissa Mayer, segue o mesmo per l. É uma cientista da

computação, foi vice-presidente de serviços geográ cos e locais do Google e, em julho de 2012, nomeada

presidente e diretora-executiva do Yahoo!, por reconhecimento a seu mérito. Vítima? De quem?

O mais irônico é que a esquerda caviar abraça simultaneamente as bandeiras do gayzismo, do

feminismo, do socialismo e do islamismo. Seria bastante curioso perguntar a um típico progressista como

exatamente os países islâmicos tratam os homossexuais e as mulheres “moderninhas”, adúlteras ou

“profissionais do sexo”.

O Hamas, por exemplo, proibiu, no território palestino sob seu domínio, que meninos e meninas

estudem juntos, e ainda vetou professores homens para alunas mulheres. A regra não vale apenas para

quem compartilha da mesma fé, mas para todos, inclusive escolas cristãs administradas pela ONU na

região. Uma feminista ocidental não duraria um segundo sob o poder do Hamas.

Reinaldo Azevedo foi direto ao ponto quando comentou sobre as feministas do Femen, que

desrespeitaram os católicos celebrando, com os peitos de fora (esse parece ser o único “argumento”

delas), a renúncia do Papa Bento XVI no começo do ano: “Gente sem coragem tira a roupa na catedral

de Notre Dame. As verdadeiramente corajosas ficam peladas em Teerã ou em Riad.”

Pouco tempo depois, mostraram uma vez mais toda a sua “coragem” e “tolerância”, jogando água em

um arcebispo na Bélgica. De topless, claro. Quero ver jogar água com as tetas de fora em um xeique ou

um aiatolá no Paquistão ou na Arábia Saudita! Aí, sim, poderiam ter algum respeito como combatentes

pela liberdade feminina...

O Egito aprovou lei permitindo que os maridos mantivessem relação sexual com as esposas até seis

horas após sua morte, mas é a mulher ocidental a vista como objeto! O ex-ditador Ahmadinejad,

queridinho de muitos da esquerda caviar, já declarou que no Irã não há homossexuais. Ser mulher ou

gay nos países islâmicos não é moleza...

Fica um pouco complicado defender as “diferenças culturais” e os “direitos homossexuais” ao mesmo

tempo. A nal, os líderes muçulmanos não querem saber dessa agenda progressista, preferindo usar o

chicote e a forca para lidar com a “doença” da homossexualidade, ou apedrejar até a morte mulheres

avançadinhas (e avançada pode signi car apenas dirigir um carro, o que pode resultar em prisão em

países como a Arábia Saudita).

Isso nem mesmo é novidade. A esquerda caviar morre de amores por Che e Fidel, como já vimos, e

digamos que o tratamento que os gays recebiam desses psicopatas comunistas não era o mais cordial.

Campo de trabalho forçado não deve ser exatamente o que a esquerda caviar tem em mente quando fala

de direitos dos homossexuais.

Em um raro momento de coerência, o Grupo Gay da Bahia, a mais antiga ONG homossexual do país,

exigiu publicamente que o tirano Fidel Castro reconhecesse, antes de morrer, seus graves erros na

revolução cubana em relação aos gays. A ONG queria o pedido o cial de perdão do ditador, que

historicamente perseguiu e humilhou homossexuais. O governo cubano, em 1971, decretara que os

desvios homossexuais representavam uma “patologia antissocial”.

O relato de Reinaldo Arenas, dissidente cubano e gay, presente no livro Antes que anoiteça, mostra

bem como a categoria era tratada. O livro virou lme, com Javier Bardem no papel de Arenas. O escritor

cubano acabaria se suicidando em Nova York, mas não sem deixar uma carta em que culpava

diretamente Fidel Castro por sua morte. Faz sentido que gays enalteçam o socialismo? Como relata o

escritor:

[...] a mulher e o homossexual são considerados no sistema castrista como seres inferiores. Os verdadeiros machos

podiam ter várias mulheres, e isso era visto como um ato de virilidade.

Assim como no mundo poligâmico dos muçulmanos.

Além dos negros, dos gays e das mulheres, a esquerda caviar “protege” os transexuais, os indiozinhos

inimputáveis, os portadores de doenças sexualmente transmissíveis, os viciados em drogas, os

presidiários, e quem mais se organizar em um grupo de interesse para obter algum privilégio estatal em

nome do combate à opressão. Cotas para as minorias!

Não sei quanto a você, estimado leitor, mas estou cansado de ver até drogados sendo tratados como

pobres vítimas da sociedade. Não é como se pegassem um vírus no ar, ou como se uma tsunami

destruísse sua vida. Há um fator crucial aqui: a escolha!

Claro que a história de vida in uencia, que uma infância sofrida tem impacto, tudo isso. Mas, no

nal do dia, cada um tem a escolha. Até porque, se formos justi car todos os atos condenáveis com base

no passado triste de alguém, será o caos social.

Precisamos parar com essa vitimização e implicar mais o sujeito em seus atos. Responsabilidade

individual: habilidade de resposta. Isso existe, ainda que di cultado em alguns casos pela vivência, pela

história, pela infância sofrida. Sem essa premissa, aceitamos que somos apenas

marionetes de forças

maiores. Somos?

Fui criado à velha maneira: a de não car arrumando bodes expiatórios para justi car minhas

atitudes. Aqui se faz, aqui se paga! Mas a esquerda festiva não vive sem seus mascotes, sem as “minorias”

que lhe servem para aplacar a culpa ou alimentar o ego, a ilusão de que seus membros são as melhores

pessoas do mundo, preocupadas com os “fracos e oprimidos”.

As minorias “protegidas”, hoje, somam uns 80% da população. Só as mulheres já perfazem a metade

(e garanto que várias detestam esse rótulo de vítima frágil que a esquerda caviar lhes coloca). Depois,

acrescente os gays, os índios, os negros e pardos, os de cientes físicos (injustamente colocados na mesma

lista), os viciados, os presidiários... A marcha dos oprimidos não tem fim!

Se você, leitor, é homem, branco, heterossexual, saudável e trabalhador de classe média, então pode

estar certo de que, além de ter de bancar as benesses e privilégios das “minorias”, ainda será visto como o

grande culpado por todos os males. É o “fardo do homem branco” na era moderna.

Enquanto você, leitor, trabalha duro para pagar as contas e ainda deixa quase metade do que ganha

em impostos, sem qualquer retorno do estado, saiba que é o marmanjo viciado em drogas a grande

“vítima”, o bandido preso porque, tadinho!, tentava roubar um tênis e acabou matando o alvo. Resta

perguntar: vítima de quem, se não de si mesmo? Da “sociedade”?

Para piorar, o duplo padrão de julgamento é evidente quando se trata das “minorias”. Circula nas redes

sociais uma charge que mostra bem isso. Um garoto diz ao outro: “Eu gosto de ser negro.” O outro diz:

“Que legal. Eu gosto de ser branco.” No que o colega dispara: “Racista!” O mesmo diálogo se repete,

agora com um deles a rmando gostar de ser gay, no que o outro acha legal e diz gostar de ser

heterossexual, apenas para ser acusado de homofobia.

Steven Patrick Morrissey, o ex-líder da banda e Smiths, em entrevista ao site norte-americano de

notícias Rookie, disse que, “se mais homens fossem homossexuais, não teríamos guerras”. O músico

britânico, também conhecido por seu ativismo vegetariano, afirmou:

Os homens que amam outros homens jamais se matariam uns aos outros, mas os homens heterossexuais adoram matar

outros homens. Eles até ganham medalhas por isso.

Será que nunca escutou falar de Alexandre, o Grande? Será que já ouviu algo sobre Hermann Goering?

Dizem que até Hitler era meio “boiola”, digo, inclinado à homoafetividade. Mas, estupidez à parte,

pergunto: heterofobia é permitido? Um peso, duas medidas.

A histeria politicamente correta em prol das minorias chegou tão longe que até a

FIFA teve de se

adaptar. Ao realizar a Copa das Confederações no Brasil, os ingressos tiveram de ser vendidos de acordo

com um critério ridículo, que incluía categorias com desconto, entre as quais usuários de cadeiras de

rodas, pessoas com mobilidade reduzida (?) ou obesas. Isso fora a carteira de estudante, que corta pela

metade o preço.

Terão os scais por acaso cado com balanças nas portas dos estádios, para pesar cada torcedor mais

cheinho? Terão desenvolvido alguma técnica politicamente correta capaz de veri car se o andar de um

manco é legítimo ou um embuste? Pergunto-me: se o sujeito for um indiozinho, gay e aleijado, tem

direito a colocar dez colegas de graça no estádio?

Ayn Rand dizia que a menor minoria de todas é o indivíduo, e só pode se considerar um defensor das

minorias aquele que defende a liberdade individual. Essa, de nitivamente, não é a praia coletivista da

esquerda caviar. Igualdade perante as leis, com ampla liberdade individual, é uma bandeira liberal,

chata, sem mascotes — sem oprimidos a serem salvos — para expor.

Para defender essa bandeira, é preciso reconhecer méritos e culpas individuais, julgar o caráter de

cada um, como queria Martin Luther King Jr., e não usar somente a cor da pele, a preferência sexual ou

o gênero como o único critério de valor.

Mas o que seria da esquerda caviar sem seus oprimidos? O importante é usar a cartada sexual ou

racial nos debates, monopolizar as boas intenções, demandar mais poder e recursos concentrados no

governo, sob a gestão da própria esquerda, e demonizar o homem branco heterossexual saudável, que

precisa apenas pagar a conta, calado.

E, claro, o uso da cartada sexual ou racial é bem seletivo também. Se a mulher é uma conservadora

como Margaret atcher, corajosa, que enfrentou as má as sindicais e a junta militar argentina nas Ilhas

Falklands, defensora dos valores tradicionais familiares e do livre mercado, é execrada e apelidada de

“dama de ferro”.

Mas, se é Dilma Rousseff ou Cristina Kirchner, então é fantástico ter uma mulher no poder, por ser

mulher, ainda que a outra tenha chegado lá bem antes, em um país bem mais relevante, e apresentado

resultados in nitamente melhores. Talvez, pelas lentes da esquerda caviar, esse seja o pecado mortal de

Thatcher.

Dilma virou, abusando da banca sexista, a nossa “presidenta”, e para tanto agride até a língua

portuguesa. Talvez por não ter sido uma boa “estudanta”. Aliás, a forma mais rápida e fácil para

identi car um subserviente ao governo está no emprego do termo “presidenta”. Só o utiliza quem quer

puxar o saco da presidente (metaforicamente falando).

Outro exemplo que expõe a hipocrisia e a seletividade das feministas está na vinda da blogueira

cubana Yoani Sánchez ao Brasil, no início de 2013. Após várias tentativas, nalmente conseguiu sair da

“fazenda” particular dos Castro, como ela mesmo já descrevera a ilha. Quando chegou em Recife, havia

uma claque de socialistas a agredindo, tentando intimidá-la, acusando-a de “agente da CIA”. Nenhuma

feminista apareceria em sua defesa.

Como escreveu Francisco Razzo: “Se Yoani Sánchez tivesse invadido com as tetas de fora uma Igreja

cheia de senhorinhas rezando, bom, aí sim ela estaria lutando pela liberdade, mas enfrentar Fidel faz

dela só uma marionete da CIA e do capitalismo imperialista norte-americano.” As minorias só servem à

esquerda caviar quando aceitam seu papel de vítimas e seguem a cartilha politicamente correta dos

exploradores da miséria alheia.

Encerro esse capítulo com uma re exão politicamente incorreta, claro. Imagine uma pessoa que

representasse tantas minorias, mas tantas minorias na marcha dos “oprimidos” pelo homem branco,

heterossexual, malvado do Ocidente, que não houvesse privilégios su cientes a

lhe conceder. Como ela

seria?

Cafuza (mistura de índio com negro), nordestina, lésbica (mas serve transexual também),

muçulmana, analfabeta, viciada em drogas, ex-presidiária, anã, aleijada, pobre, gorda, feia (também,

né?) e sem-teto. Esqueçam cotas raciais, reforma agrária, Bolsa-Família ou qualquer outro tipo de

benesse estatal. Essa gura seria, por decreto, considerada merecedora de poderes absolutos. Teria de ser

alçada imediatamente ao cargo de rainha absoluta da nação! Poderia, naturalmente, dar cem chibatadas

por dia em qualquer homem branco heterossexual malvado de sua escolha. E, se quisesse, poderia até ser

chamada de “presidenta”.

Juventude utópica

A esquerda caviar não poderia ignorar o jovem. É o futuro, a força revolucionária que criará o novo

mundo. Os esquerdistas babam de tanta reverência à “sabedoria” da juventude. Depositam-lhe o poder

de conceber esse futuro mais que promissor; fantástico mesmo! Mas o que caracteriza a juventude de

fato, para além dessa idealização toda?

Costumam dizer que quem não é socialista na juventude não tem coração, e quem é socialista na

idade adulta não possui cérebro. Exageros à parte — até porque teria de assumir

minha falta de coração

—, acredito que a frase captura bem uma regra, qual seja, a de que os mais jovens tendem a abraçar

utopias, enquanto os mais velhos amadurecem e acabam mais céticos.

Paulo Francis, meio de brincadeira e meio a sério, dizia que “todo mundo tem o direito de se portar

como um debiloide até os trinta anos”. Faz parte do amadurecimento. O que não ca muito legal é

enaltecer essa fase da vida como o ápice da sabedoria. O jovem, de modo geral, não demonstra tanto

apreço assim pela razão.

Existem várias possíveis explicações para esse fenômeno. Os mais jovens estão em uma fase de busca

por identi cação, separação dos pais, da autoridade, e precisam questionar tudo e todos sempre. São

rebeldes por natureza. Não são conformistas. O Pink Floyd de Roger Waters, ícone da esquerda caviar,

capturou bem a essência da coisa em seu hit clássico:

We don’t need no education

We don’t need no thought control

No dark sarcasm in the classroom

Teachers leave them kids alone

Hey! Teacher! Leave them kids alone!

Além disso, a visão de mundo dos jovens costuma ser mais simplista, e a crença em panaceias, em

soluções “mágicas”, mais comum. O maniqueísmo impera na juventude, alimentado desde cedo por

lmes que de nem, claramente, vilão e mocinho. Com o passar do tempo — e com as diversas

experiências —, a tendência é substituir essa fé mais ingênua por “soluções” imperfeitas.

O “furo” de um mundo imperfeito, entretanto, permanece. Não há explicação para tudo, tampouco

um modelo único e simples de justiça ou sociedade, que trará o “paraíso perdido” à Terra. Os mais

velhos normalmente cam mais descrentes, mais descon ados em relação às respostas prontas, simples.

Passam a crer em trade-offs, sabendo que cada escolha pressupõe alguma possível perda de outro lado.

Em suma, começam a enxergar um mundo bem mais complexo do que aquele da visão infantil.

Quem conseguiu expressar com maestria essa característica foi o escritor Oscar Wilde, quando disse:

“Não sou jovem o su ciente para saber tudo.” Bingo! Os mais jovens quase sempre acham que

compreenderam o mundo, a sociedade, e que têm as respostas para as perguntas mais complicadas,

aquelas que angustiaram os principais pensadores desde sempre, incluindo os mais sábios dos sábios.

A juventude não gosta de conviver com as faltas. Aliás, ninguém gosta. Mas, quanto mais jovem,

maior a probabilidade de essa angústia levar ao desespero. O tempo acaba

ajudando a que aceitemos

certos buracos — ou seriam crateras? — em nossas vidas. O jovem não quer saber disso. Deseja respostas

prontas. E já! Não reage muito bem às inseguranças da vida, como explica o psicanalista Philippe Julien

em Abandonarás teu pai e tua mãe:

Se os jovens, rapazes ou moças, estão incertos quanto a seu futuro pro ssional, temem o desemprego, a solidão e o

abandono, se todo projeto está fadado à desesperança, surge então a demanda premente para que um chefe se levante e fale

alto e claro para ordenar o que se deve fazer. [..] Quando tudo vai mal, só um verdadeiro mestre pode salvar. Para chamá-

lo, a única linguagem de que dispõe a juventude é a da violência voltada contra um mundo visto como “podre”: violência

que é o sinal de um apelo à intervenção de uma autoridade incontestável, à imagem de um Pai ideal. Vê-se também como a

droga ou o suicídio tornam-se os derradeiros “recursos”, os últimos sinais que restam a dar.

Claro que estou falando sempre em termos gerais, em uma possível regra que necessita de exceções para

ser validada. Além disso, não se trata da idade apenas cronológica, pois todos estão cansados de

conhecer adultos que mais parecem crianças crescidas. As rugas nem sempre trazem consigo a

maturidade.

Também não pretendo falar desse ímpeto juvenil na busca pelas “verdades

absolutas” em um tom

totalmente negativo. Acredito que os questionamentos ousados, os desa os às tradições estabelecidas e

até esse espírito revolucionário possuem suas vantagens. Diria mais: podem ser fundamentais para o

contínuo progresso da civilização.

O movimento de Maio de 68, ícone da juventude por excelência (“não con e em ninguém com mais

de trinta anos”), merece inúmeras criticas, e seu saldo é claramente negativo, origem de muitos

problemas sociais existentes hoje, entre os quais o relativismo moral, o consumo desenfreado de drogas e

o afrouxamento dos limites que educam e servem até para a “castração” do sujeito, crucial ao

desenvolvimento de sua singularidade.

Creio, porém, que não podemos ignorar outro lado, o do grito rebelde contra certa hipocrisia, contra

o excesso de hierarquia patriarcal, contra os podres do sistema. São os jovens que, com rebeldia e

perguntas incômodas, não raro com um ponto de vista mais fresco, forçam novas re exões sobre o

mundo. Aplaudo essa postura, mas não posso ignorar seus riscos.

Essa ambiguidade é bem retratada quando analisamos o impacto do rock nas culturas. Roger Kimball,

em ϵe Long March, destaca a importância daquela modalidade musical na revolução cultural da nova

esquerda desde os anos 1960, levando vários jovens às drogas, disseminando o ideal libertino, hedonista,

liderado por bandas como os Rolling Stones e os Beatles, entre outros.

Já Tom Stoppard mostra o outro lado em sua peça Rock ‘N’ Roll, dedicada a Václav Havel. Stoppard,

concordando com Havel, argumenta que o rock foi um ato de rebeldia contra o regime comunista na

Tchecoslováquia. Jovens que não aceitavam ser manipulados pelo regime encontraram na música uma

válvula de escape. Ir a um show de rock já poderia ser visto como um ato rebelde.

No Brasil, o rock era visto como submissão “imperialista”, pois vinha dos Estados Unidos (pouco

importa que o futebol tenha vindo da Inglaterra e se tornado a maior paixão popular). Até passeata

contra a guitarra elétrica foi realizada pelos nacionalistas de esquerda, os engajados da MPB. Lobão, em

Manifesto do nada na terra do nunca, reconhece o dilema:

Ser roqueiro e ser de esquerda chegou a ser um paradoxo, pelo menos nestas plagas, assim como em Cuba. Contudo, no

primeiro mundo era uma conduta antiestablishment, antissistema, um comportamento paci sta de hippie e sandinista, de

punk. Na verdade, na América, desde o movimento beatnik e a música folk de protesto, havia um sério engajamento de

tendência socialista e antigoverno, principalmente depois do assassinato de John Kennedy, eclodindo em todo o seu

esplendor na Guerra do Vietnã.

O rock pode ser protesto legítimo, ou pode ser convite às drogas. Um fato, contudo, é inegável: a rebeldia

da juventude tem seu valor, mesmo que alimentada por letras e músicas que estimulem um

comportamento irresponsável e imediatista. Dosar esse ímpeto rebelde, em busca de tantas certezas, com

o equilíbrio da maturidade é uma arte complicada, não livre de inúmeros riscos.

E esses surgem justamente quando as utopias simplistas viram crenças fanáticas, quando os jovens

acabam vítimas de oportunistas de plantão, que utilizam o romantismo típico da juventude como massa

de manobra para seus objetivos pér dos. A contracultura pariu inúmeros “gurus” que levaram a

juventude ao caminho errado, que in uenciaram negativamente toda uma geração. Os jovens são presas

mais fáceis desses malucos ou oportunistas.

Tanto é assim que os demagogos são os primeiros a defender o direito de voto dos mais jovens,

inimputáveis para certos crimes, mas “responsáveis” na hora de escolher o governante. Como resumiu

François La Rochefoucauld: “A juventude é uma longa intoxicação: ela é a razão em estado febril.”

Michael Oakeshott, em Ser conservador, apresenta excelentes argumentos de por que os jovens devem se

manter afastados da política:

Os tempos de juventude de toda a gente são um sonho, uma loucura deliciosa, um doce solipsismo. Nesse tempo, nada tem

uma forma xa, um preço xo; tudo é possível e vive-se numa felicidade a crédito. Nada há que se especi que de antemão;

cada coisa é o que se pode fazer dela. O mundo é um espelho em que procuramos o re exo dos nossos próprios desejos. A

tentação das emoções violentas é irresistível. Quando somos jovens, não estamos dispostos a fazer concessões ao mundo;

nunca sentimos o contrapeso de algo nas nossas mãos — a menos que seja um bastão de críquete.

Os demagogos da esquerda caviar, entretanto, ignoram esse alerta e enaltecem a participação do jovem

na política. A Argentina da populista Cristina Kirchner investiu nessa trajetória recentemente, com a

suposta meta de “ampliar a democracia”. Kirchner estava em busca da “fonte da juventude”, e não digo

isso por causa daquele botox todo; o que procurava era o voto das presas mais fáceis para seu

sensacionalismo. O jovem costuma comprar com maior facilidade os dogmas da esquerda.

Ao depositar na juventude o poder e a sabedoria para a revolução, a esquerda caviar faz o jogo dos

líderes autoritários. Nelson Rodrigues escreveu sobre o assunto em 1968, auge da idealização do jovem:

A rma-se que a juventude invade a história e começa a fazer história. Mas em vão procuramos, em qualquer povo, o líder

jovem, uma massa jovem e decisiva. Há a Guarda Vermelha. Mas essa tem,

exatamente, a idade do seu chefe, Mao Tsé-

Tung. É a juventude mais senil que já apareceu na Terra.

Mao, como sabemos, usou e abusou dos jovens em sua Revolução Cultural, transformando adolescentes

em máquinas de violência e agressão, jogando-os inclusive contra seus próprios pais. Os comunistas

sempre tiveram interesse em enfraquecer os laços familiares, pois o núcleo da família sempre foi um

obstáculo ao totalitarismo. Em outro artigo no mesmo ano, Nelson Rodrigues voltaria ao tema:

Lavra por aí um outro tipo de obsessão. Sim, todo mundo quer ser “jovem”. Não importam os méritos, os feitos, as

virtudes, os pecados de ninguém. Só importa ser ou não ser jovem. E os que, por indesculpável azar, envelheceram,

procuram uma espécie de rejuvenescimento no convívio das novas gerações.

A esquerda caviar da época repetia o mantra: “Precisamos acreditar no jovem.” Qual jovem? Nelson

Rodrigues continua: “Esse misterioso ‘jovem’, vago, difuso, impessoal, sem cara, sem caráter, só me

convence como um monstro.” O jovem ideal, esse jamais existiu. Ao criar esse time mítico, no entanto, a

esquerda caviar instalou no país um “jovem” acima do bem e do mal, um ser inimputável.

Vide o Estatuto da Criança e do Adolescente, que transformou marmanjos de dezessete anos em

“vítimas indefesas da sociedade”, não importa que seus crimes sejam os mais

hediondos. O “jovem” é

puro e ingênuo quando assalta e mata, mas, milagrosamente, adquire responsabilidade no dia da eleição.

A esquerda caviar consegue defender simultaneamente a sabedoria juvenil para votar e a inocência

rousseauniana na hora de pagar por seus crimes. Eleitor aos dezesseis anos; maioridade penal, somente

aos dezoito.

*

Outra bandeira da esquerda caviar consiste na tentativa de reduzir a idade em que é permitida a cirurgia

de mudança de sexo pelo SUS. Chegará o dia em que um rapaz poderá virar moça, contar com auxílio

estatal para conseguir emprego, votar para presidente, mas não poderá ser preso pelo assassinato de um

inocente. Tudo pago pelos nossos impostos...

Assim a esquerda caviar segue com sua incoerência, e nunca aceita a desejável redução da maioridade

penal, vista como coisa de reacionário. Austrália e Áustria devem ser bem reacionárias, pois estabelecem

os sete anos de idade como limite da inimputabilidade. A Nova Zelândia e a Grã-Bretanha também, pois

a idade é dez anos. Canadá, Holanda, Israel e Espanha tampouco seriam “progressistas”: doze anos.

E nos países escandinavos, o vale das quimeras socializantes? Finlândia, Suécia e Dinamarca mandam

para a cadeia, como se adultos fossem, criminosos a partir de quinze anos da idade. Já no Brasil, como

sabemos, o ECA estabelece que a pena máxima para um cruel assassino de dezessete anos seja de três

anos de internação. Como constatara Roberto Campos:

Com a nossa capacidade de fazer maluquices em nome de boas intenções, criamos uma legislação de menores que é um

tremendo estímulo à perversão e ao crime, ao fazê-los inimputáveis até os dezoito anos.

A esquerda, que encara o marginal como “vítima da sociedade”, pensa que punição severa nada resolve,

e que o caminho é pelo “social”. Prisão seria espécie de pós-graduação do crime, de modo que melhor

será abraçar de uma vez a impunidade. A função do estado seria, portanto, a “ressocialização” dos

bandidos. A nal, só roubaram e mataram porque não tiveram oportunidades, certo? Pondé arrasou ao

escrever na Folha:

Vou dizer uma blasfêmia, dirão alguns dos meus amigos da casta inteligentinha: se preocupar com direitos dos bandidos é

apenas um modo chique de continuar se lixando para o “povo”, assim como os coronéis nordestinos sempre se lixaram, a

diferença agora é que a indiferença para com o destino das pessoas comuns vem regada a vinho chileno e leituras de

Foucault.

Quem fala que crime é fruto da pobreza e não da impunidade precisa explicar

Brasília, para começo de

conversa. Em seguida, precisa explicar por que países tão ou mais pobres que o Brasil apresentam índices

de criminalidade inferiores aos nossos, especialmente aqueles que aplicam duras punições aos criminosos,

como em casos islâmicos. Cito novamente Pondé, no mesmo artigo em que menciona um frentista

honesto que só quer trabalhar em paz sem ser assaltado o tempo todo:

Dirão os inteligentinhos que a causa da criminalidade é social. Hoje em dia, “causa social” serve para tudo, como um dia

foram os astros e noutro a vontade dos deuses. Não nego que existam componentes sociais de fome e sofrimento na causa

do comportamento criminoso, mas ninguém mais leva em conta que a maioria vira bandido porque não quer trabalhar

todo dia como esse frentista. Ser bandido é, antes de tudo, um problema de caráter.

Aqueles que apelam às tais “causas sociais” precisam explicar por que tantos criminosos barra-pesada

vieram da classe média. Marcola, do PCC, citava até lósofos nas entrevistas! Ninguém negará que o

ambiente de pobreza pode contribuir ao fomento do crime entre jovens, mas é preciso aceitar a realidade

como é: o crime é uma escolha, e os incentivos para tanto precisam ser reduzidos. Isso só se faz com

punição! Denis Rosenfield, em uma coluna na revista Época, resumiu a questão:

A sociedade está completamente desprotegida. Seus direitos não são

minimamente assegurados. A integridade física e a

proteção contra a morte violenta deveriam ser as primeiras obrigações do estado. A função primeira da prisão — e essa é

uma premissa básica — não consiste em educar, mas em punir alguém que se tornou perigoso para a sociedade em seu

conjunto. Retirar alguém, como castigo, do convívio social signi ca proteger a sociedade. Se isso não ocorrer, a

impunidade será recompensada.

Portanto, mesmo os jovens precisam de um mecanismo de estímulos mais adequado, que puna os erros e

premie os acertos. Quem foi o primeiro a considerar o jovem como puro e idealista? Ele é egoísta, e

sabemos disso, pois o fomos um dia. E a esquerda populista explora esse lado com habilidade, valendo-se

de promessas irreais, que atendem a anseios naturais à juventude.

A esquerda caviar não quer encarar a realidade. Como disse Contardo Calligaris em um artigo na

Folha, muitos sofrem de “infantolatria”, ou seja, da “paixão narcisista que nos faz venerar crianças e

jovens porque, graças a eles, esperamos continuar presentes no mundo depois de nossa morte”. O

psicanalista explica o motivador dessa visão rousseauniana:

[...] queremos que as crianças nos apareçam como querubins felizes como nós nunca fomos e nunca seremos. Por isso,

preferimos imaginar que os jovens sejam naturalmente bons. Quando eles forem maus, atribuímos a culpa à sociedade e a

nós mesmos. Portanto, não podemos puni-los, mas devemos, isso sim, nos punir.

Atenção, românticos do Brasil: crianças não são boazinhas, purinhas, angelicais. Crianças e jovens

precisam ser civilizados, justamente para que não lhes a ore essa natureza humana tantas vezes má,

mentirosa, arrogante, possessiva, egoísta, ingrata. Passar a mão na cabeça de galalaus que não assumiram

os valores e os limites civilizatórios, jogando a culpa de seus atos sobre a abstrata “sociedade”, é pedir

para que a criminalidade aumente.

Jovens, porém, votam, e isso interessa à esquerda caviar. O simplismo costuma ser útil à retórica

ideológica. Debates sérios, contudo, exigem mais humildade, item escasso quando se trata da juventude.

H.L. Mencken colocou de forma precisa: “Para cada problema complexo, existe uma resposta que é clara,

simples e errada.” Carl Jung fora na mesma linha: “Os maiores e mais importantes problemas na vida

são, num certo sentido, insolúveis; eles nunca podem ser resolvidos, mas apenas superados”.

Eis algo que os mais jovens não apreciam muito. Querem as soluções, e logo! Apesar de terem muito

mais tempo à frente, são os mais afoitos, os mais apressados, os mais impacientes. Hölderlin sintetizou

bem a coisa: “Como acredita o homem, em sua juventude, estar tão perto de seu objetivo! É a mais bela

de todas as ilusões com a qual a natureza ampara a fraqueza de nosso ser.”

Como os erros cometidos em vida ainda não foram grandes o su ciente para impor alguma

humildade, cautela e sabedoria, realmente acham que sabem tudo. Darwin constatara que “a ignorância

traz muito mais certezas que o conhecimento”. O jovem, geralmente, possui-as em grande volume. Paulo

Francis, sempre ácido e brilhante, foi direto ao ponto:

Não tenho paciência particularmente com a incapacidade de autocrítica do jovem. Ele quer certezas. Isso é produto de

uma profunda insegurança, perfeitamente compreensível na juventude, mas, quanto mais cedo o jovem se der conta disso,

mais cedo atingirá a maturidade.

Muitos esquerdistas justi cam as atrocidades dos movimentos juvenis alegando que os jovens, ao menos,

têm uma paixão, um ideal. Roger Kimball, em The Long March, condena essa postura. Argumenta, junto

com pensadores como T.S. Eliot, que não há nada belo nas fortes emoções em si, e que, se não forem

bem calibradas e contidas por outros valores, tais como prudência e responsabilidade, tendem a abrir os

portões do inferno. Kimball acerta na mosca ao dizer:

“Paixão”, como “idealismo”, é uma panaceia que a esquerda prescreve, a m de aliviar-se do peso da responsabilidade

moral.

Kimball lamenta o fato de que, desde a revolução cultural da década de 1960,

não foram apenas os

jovens que encontraram desculpas para ignorar leis e costumes, mas seus pais também. Houve uma

infantilização da sociedade. Escreve:

A idealização da juventude resultou não só na disseminação de valores e paixões adolescentes: também levou ao eclipse de

virtudes adultas como prudência, responsabilidade e moderação.

Dito isso, ca a questão: como conciliar as vantagens do idealismo juvenil com as da experiência e do

ceticismo dos mais velhos? Ou, de outra maneira: como evitar que as desvantagens do simplismo

romântico dos jovens estraguem suas qualidades essenciais? Essa é a pergunta do milhão. Não sei a

resposta.

Voltaire dizia: “A coisa mais rara de se encontrar é o fato de existir quem alie a razão ao entusiasmo.”

Isso demonstra que o lósofo francês também gostaria de saber a resposta. Ele foi realista o su ciente

para reconhecer que é muito difícil um mesmo indivíduo articular a razão da maturidade e o entusiasmo

da juventude.

Volto a Nelson Rodrigues. Esse tema foi motivo de muitas colunas suas na década de 1960, por

motivos óbvios. Escrevendo uma resposta ao Dr. Alceu Amoroso Lima, um dos ícones da esquerda

caviar daquela época, o dramaturgo diz:

O jovem é, permita-me o mestre lembrar-lhe, o ser humano, com suas fragilidades, os seus méritos, as suas tentações e a

inevitável, obrigatória dimensão do canalha. O moço tem os defeitos de qualquer um de nós e mais este: a imaturidade.

Em uma entrevista na TV, perguntado sobre qual seria seu conselho para o jovem, Nelson Rodrigues teve

essa tirada impagável: “Cresça!” O mesmo poderia ser dito a muita gente da esquerda caviar, que nunca

conseguiu sair da adolescência...

PARTE 3

Os ícones

Políticos, gurus, legitimadores, hollywoodianos e outros boçais úteis

OBAMA

O maior ícone da esquerda caviar na atualidade chama-se Barack Obama. A idolatria é tão grande que

podemos falar, sem medo de exagero, em uma “obamania”. O presidente americano defende e representa

praticamente todas as bandeiras descritas no livro.

É parte de uma minoria vitimizada, que possui um discurso multiculturalista com forte viés

antiamericano (no sentido de atacar os pilares fundadores da América); abusa do sensacionalismo

politicamente correto; luta pela “justiça social”; combate o aquecimento global; identi ca-se com a

juventude; e não pretende simplesmente melhorar as coisas, mas mudar fundamentalmente o mundo. É

a Nova Era!

Assim que Obama foi eleito pela primeira vez, a reação histérica da esquerda caviar apontava para um

sintoma preocupante da modernidade. Milhares de pessoas chorando de emoção, indo às ruas celebrar

essa nova etapa, em que um novo mundo seria, mais que possível, certo. Em antecipação de mérito sem

precedentes, era já um governo histórico, ainda que antes de sequer trocar uma lâmpada da Casa Branca.

Mas o que aquelas pessoas realmente sabiam sobre Obama? Não muito, ou quase nada. E isso é

extremamente significativo do que seja a esquerda caviar.

Jason Mattera, em seu excelente livro Obama's Zombies , relata com precisão o fenômeno chocante e

patético, que não deixou de fora nenhum estrato social ou etário. Claro que a juventude abraçou com

mais paixão o deus laico, visto como um ídolo popstar. Mas adultos também caíram no canto da sereia,

repetindo, feito zumbis, que a hora da mudança chegara, que tudo seria muito melhor a partir de então,

que não haveria mais limitações para os sonhos coletivos. Ninguém saberia explicar exatamente a razão

de tanta esperança...

Já nessa época, diagnosticara: a decepção será, uma vez mais, diretamente proporcional a essa tola e

infantil esperança. Um dos primeiros artigos que escrevi para o jornal O Globo

foi justamente “A era da

esperança”, em que tentava fazer um alerta. Logo na epígrafe, a frase de Churchill: “Não há erro pior na

liderança pública do que alimentar falsas esperanças que logo serão frustradas.” Reproduzo aqui o

primeiro parágrafo:

A euforia que tomou conta do mundo durante a posse de Obama foi um espetáculo preocupante. O bordão “a esperança

venceu o medo” resume a retórica do momento, abraçada por milhões de pessoas apavoradas com a crise econômica. Elas

depositam toda a sua esperança no presidente, visto como um “messias salvador”. O governo passou a ser o Deus

moderno.

Como disse Baltasar Gracián: “A esperança é a grande falsária da verdade.” Os americanos, que viviam

uma das maiores crises econômicas dos últimos tempos, preferiram fugir da verdade e abraçar fantasias.

Obama era o cara certo na hora certa, perfeito a esse tipo de ilusão covarde. Seu discurso era vazio, oco,

desprovido de substância. O rei dos clichês. Mas nada seria necessário para além desta palavra mágica:

mudança!

Políticos demagogos repetem essa palavra com frequência e ignoram que mudança não é necessariamente

para melhor. Muda-se para pior também. Ademais, mais relevante do que simplesmente “mudar” é

explicar o quê mudar e, principalmente, como mudar. Esse tipo de “detalhe”, porém, não incomoda os

oportunistas de plantão. Sim, nós podemos! E o povo, assustado e acovardado, vai ao delírio: Yes, we

can!

O assunto retornaria ao meu espaço no jornal algumas vezes. Em outro artigo, aprofundei um pouco

mais a questão do culto à Presidência, sinal dos tempos doentes em que vivemos. O livro de Gene Healy,

The Cult of Presidency, do Cato Institute, servira de base a meus argumentos. Eis como começo o texto:

Um dos grandes paradoxos das democracias modernas é a tendência a reclamar do governo ao mesmo tempo em que

mais responsabilidade é delegada ao poder político. As pessoas condenam as consequências do aumento de concentração

de poder no governo, mas acabam con ando ao mesmo a solução para todos os males do mundo. Parece haver uma

dissociação entre o governo idealizado e os políticos de carne e osso que ocupam os poderosos cargos. Como abstração, o

governo surge como um deus moderno, sendo o presidente seu messias enviado para nos salvar. Já no cotidiano, os

políticos são alvos de ataques constantes e profunda desconfiança por parte do povo. Alguma coisa está fora de lugar.

Mais à frente, lembraria desta obviedade ululante esquecida com frequência: o que está sendo

negligenciado é a noção de que, ao ceder poder su ciente para o presidente realizar tantas maravilhas,

também se oferece força equivalente para práticas despóticas. O estrago que um governo ruim pode

causar tende ao in nito. E ninguém pregava tanto esse avanço estatal como Obama. Ele era o maior

defensor do modelo concentrador de poder no Estado, e ainda assim foi eleito, e reeleito, e nos Estados

Unidos. Calafrios?

Entendo que os socialistas — tanto os radicais quanto os da versão light — votem em Obama

conscientemente. Mas desa o todos aqueles mais neutros e leigos em política, que ainda assim se

encantaram com o presidente norte-americano, a desenvolver melhor suas razões para tanto. O que

sabem de fato sobre ele? Será que basta parecer legal, simpático, carismático? Será que discursos

enlatados com palavras bonitas bastam?

*

Obama é, em boa parte, o fenômeno esmiuçado nessa obra. Tudo sobre aparências, sobre se sentir bem

consigo mesmo, sobre abraçar bandeiras politicamente corretas pela vibe que produz. E nada sobre

resultados concretos, sobre fatos e argumentos, sobre teorias embasadas.

A imensa maioria dos eleitores e simpatizantes de Obama nem sequer sabe de seu forte viés

ideológico, ou alguma coisa de seu passado intelectual. Adoram Obama como adoram um mascote. O

simples ato de adorar Obama, em suas cabeças, faz-lhes pessoas melhores, mais preocupadas com os

pobres, com as minorias, com o planeta. “Vejam como sou um sujeito legal: eu defendo Obama!”

O presidente americano viveu isolado no Havaí, um dos locais mais esquerdistas do país, até os

dezessete anos, quando foi estudar na capital. Até então, sua formação intelectual vinha de sua mãe,

uma esquerdista roxa, e de seu pai queniano, um ativista antiamericano e muçulmano. Na faculdade,

seus mentores eram os gurus do marxismo, que predominava naqueles anos de protesto contra a Guerra

do Vietnã. Seu radicalismo era total.

Escrevi mais um artigo no jornal O Globo tentando resgatar um pouco dessa visão de mundo de

Obama, para levá-la ao conhecimento dos brasileiros, que, se dependerem apenas da imprensa nacional,

jamais terão acesso a tais dados. Começo com uma provocação sobre algo que fere a lógica:

Será que um marido em busca de uma “transformação fundamental” de sua esposa lhe tem amor sincero? Parece estranho

alguém que ama tentar mudar a essência do ser amado. Mas esta tem sido justamente a promessa de Obama:

“transformar fundamentalmente” a América.

Obama, segundo a mídia e seus acólitos, está acima da ideologia. É um pragmático. Mas os

“progressistas” modernos, tal como seus precursores marxistas, apenas usam uma capa de cienti cismo

para ocultar a ideologia. Em cada discurso de Obama há a clara crença de que o estado é a locomotiva

do progresso e da Justiça, e que o lucro representa um obstáculo a ser vencido.

Ele chegou a a rmar que defenderia impostos maiores sobre ganhos de capital, mesmo sabendo que

isso não levaria a uma arrecadação maior. Era uma questão de “justiça”. Vale repetir aqui um longo

trecho de meu artigo:

Obama é elogiado pela coragem de seus gastos bilionários para estimular a economia, além do resgate das montadoras.

Não é fácil entender que coragem é essa em torrar o dinheiro dos pagadores de impostos ou salvar empresas ine cientes,

favorecendo os ricos de Wall Street e os sindicalistas, enquanto o dé cit scal explode. O futuro foi hipotecado para não

haver sofrimento hoje. Isso é um ato de coragem?

Com retórica de luta de classes, Obama expandiu o assistencialismo, e nunca houve tanto americano dependendo de

esmolas estatais. A meritocracia cedeu espaço para o coletivismo. O sonho americano parece cada vez mais distante.

Outro grande troféu de Obama foi seu programa de saúde, o Obamacare. Trata-se de uma espécie de SUS americano.

Ninguém quer debater sobre seus resultados práticos. Basta o monopólio dos ns nobres: só um insensível pode ser

contra este programa. Será? Os esquerdistas nunca pensam nas consequências não-intencionais de suas medidas. Mas elas

existem, e temos vários exemplos. O próprio SUS...

Quando se trata do clima, Obama novamente demonstra sua ideologia: abraçou com vontade o alarmismo. Antes, o

ecoterrorismo era feito em nome do “aquecimento global”, e agora se fala em “mudanças climáticas”, termo mais vago. A

seita verde busca uma capa científica, mas há vários furos nas previsões catastróficas de seus profetas.

Mas as contradições de Obama, seu passado obscuro ao lado de marxistas

radicais, seus resultados

medíocres na prática, nada disso é apontado pela mídia como seria no caso de um presidente

republicano.

Por falar em marxistas radicais, uma relação que a imprensa jamais quis pesquisar a fundo é a de Obama

com Bill Ayers. Trata-se de um terrorista do grupo Weatherman, que jamais se arrependeu de jogar

bombas na polícia ou no Pentágono. Na verdade, lamenta não ter jogado mais bombas.

Ayers queria (ou quer) destruir o sistema “imperialista” americano e colocar em seu lugar o

comunismo, por meio da força e da violência (“matem todas as pessoas ricas”). Esse camarada de Obama

foi agraciado com uma cadeira na Universidade de Illinois, e pôde desde então envenenar a cabeça dos

jovens com sua ideologia assassina. Pergunto: algum fã do presidente já ouvira falar nesse nome? Pois é...

Em sua autobiogra a Dreams From my Father, Obama cita várias vezes uma espécie de mentor

intelectual em sua formação. Trata-se de Frank. Não cita o nome completo, para não se comprometer

(na versão em áudio, lançada em 2005, o nome foi totalmente retirado), mas sabemos de quem se trata:

Frank Marshall Davis, um radical jornalista e ativista político, que viveu no Havaí de Obama com a

missão de disseminar a agenda soviética e seu comunismo. Seu número do partido comunista era

47.544.

Paul Kengor escreveu um livro inteiro sobre a obscura gura: ϵe Communist: Frank Marshall Davis,

ϵe Untold Story of Barack Obama's Mentor . Há relatos e fatos impressionantes ali. O fanatismo

ideológico do sujeito era bastante evidente. Obama o cita com carinho e reconhece sua importante

in uência em sua vida. A grande imprensa, todavia, não considera importante apurar mais a história.

Faz pior: acusa de radical e "macartista" aquele que prefere não ignorar o passado do presidente,

principalmente porque o próprio não se arrepende desse passado!

Não custa lembrar que Obama, em sua autobiogra a, alerta que é preciso cuidado na hora de

escolher os amigos, para não se enganar com um traidor qualquer. Por isso andava apenas com os negros

engajados na política, os alunos estrangeiros ("chicanos"), os professores marxistas, as feministas e os

"poetas" cantores de punk-rock. Tutto bona gente. Ficavam fumando e discutindo o "neocolonialismo",

ou seja, atacando os Estados Unidos. Mas radical é quem questiona as inclinações socialistas do

presidente...

*

Seu carro-chefe, o Obamacare, logo na largada começou a apresentar os resultados negativos previstos

pela oposição. Várias empresas passaram a contratar menos pessoal ou até demitiram funcionários por

causa do programa. O custo de saúde subiu. A previsão de aumento do dé cit público graças aos gastos

extras disparou. Mas ninguém da grande imprensa bateu forte nessa tecla.

Até mesmo no começo de 2013, ante um dado de “crescimento” negativo do PIB americano, a

imprensa não intensi cou o ataque, preferindo justi car o problema com motivos pontuais. Fosse Bush e

jamais o tratamento seria o mesmo, o que comprova o viés da imprensa.

Obama posa, como todo grande esquerdista caviar, como protetor das minorias, incluindo a maioria

feminina. Sua retórica é toda voltada para o combate ao machismo, que supostamente reduz o salário

das mulheres (falso, como já vimos). Curiosamente, quando Obama era senador, as suas funcionárias

recebiam um salário médio de quase US$ 45 mil por ano, contra mais de US$ 57 mil da média

masculina.

Para acrescentar insulto à injúria, o concorrente das primeiras eleições presidenciais de Obama, John

McCain, pagava não só 24% de salário médio feminino a mais que Obama, como suas funcionárias

recebiam mais que os homens da equipe. McCain, o republicano, fechara o gap e

invertera a equação,

tudo sem a necessidade de leis estatais como as defendidas por Obama.

Pergunte se a grande imprensa explorou esse abismo entre discurso e prática nas eleições. Claro que

não! E Obama colheria os frutos de seu sensacionalismo em prol das “minorias”, recebendo uma

quantidade desproporcional de votos dessas categorias de eleitores. O populismo vende bem.

O discurso coletivista de Obama é evidente. Ama a humanidade como poucos, e disse que o

verdadeiro pilar americano não é a meritocracia, mas cada um ser o guardião de seu “irmão” (“brother

keeper”). Novamente, porém, são os fatos os maiores inimigos de Obama. Por acaso, ele tem um irmão,

do mesmo sangue, que vive em uma favela no Quênia, mas que não recebe um centavo do homem mais

poderoso do mundo, que quer, no entanto, cuidar de todos os seus “irmãos” desconhecidos. A grande

imprensa explorou essa chocante contradição?

Em Obama’s Zombies , Jason Mattera expõe uma lista de “jornalistas” (prefere o termo prostitutas)

que cobriram as eleições e logo depois foram trabalhar para Obama. Como acreditar em cobertura isenta

e imparcial assim? Várias redes grandes, como MSNBC, ABC, CNN e tantas outras endossaram, de

maneira escancarada, o apoio ao candidato democrata. E é a Fox News que

acaba acusada de

parcialidade, a única entre as maiores que não tomou o partido de Obama.

Quando Bush aprovou o Patriot Act foi um escândalo, a imprensa caiu em cima dele, várias

celebridades se manifestaram alertando que viviam em um país com liberdade ameaçada; mas, quando

Obama não só manteve como expandiu seus poderes arbitrários, tivemos um constrangedor silêncio.

O duplo padrão de julgamento é a marca registrada da esquerda caviar. Obama goza desse privilégio.

Ele tem Hollywood, a academia e a imprensa ao seu lado. Toda a nata da elite esquerdista está com

Obama, não pelo resultado de suas medidas ou pela solidez de suas ideias. Nada disso importa. A nal, é

“a” esquerda caviar em pessoa!

GANDHI (IN MEMORIAM)

O maior ícone dos paci stas não era um típico esquerdista caviar, pois certamente Gandhi não pode ser

acusado de hipocrisia. Ao contrário: parece ter acreditado em sua mensagem de forma fanática,

intransigente e até violenta. Mas creio que mereça destaque no livro por aquilo que representa para a

esquerda caviar, e pelo fato de que muitos querem citá-lo como exemplo moral, mas ninguém gostaria de

segui-lo efetivamente.

Entre as boas intenções e os resultados concretos, a vida de Gandhi deixou um

abismo, justamente

devido à sua incrível ingenuidade e persistente ilusão. Seu grande “feito”, a independência da Índia,

jamais seria uma conquista fosse o adversário um regime autoritário, e não a Inglaterra, como já vimos.

Os britânicos já haviam concedido o princípio da independência, e a questão era mais sobre quando

aconteceria.

Mas isso não é tudo. A vida de Gandhi e muitas de suas ideias jamais seriam vistas como desejáveis

por muitos daqueles que idolatram o Bapu, o guia espiritual que só pode despertar pensamentos

positivos para essas pessoas. Por trás da fama, havia uma mente bastante perturbada, como ca claro no

decorrer da leitura de Gandhi: ambição nua, a biogra a escrita por Jad Adams, membro da Royal

Historical Society.

Ele idealizava a pobreza. Como conciliar sua obsessão pela vida simples na aldeia com o estilo das

senhoras abastadas do Ocidente, que morrem de amores por Gandhi? Não importa: adoram-no,

ignorando seu radical apego à miséria e sua mensagem de cunho socialista:

Se eu precisar de uma camisa para me cobrir, mas usar duas, serei culpado de roubar uma de outra pessoa, pois uma

camisa que poderia ser usada por outra pessoa não me pertence. Se cinco bananas forem su cientes para satisfazer minha

fome, ao comer a sexta, eu estarei cometendo uma espécie de roubo.

Em 1921, ao ajudar no boicote aos tecidos estrangeiros, ele mesmo chegara a atear fogo em pilhas deles.

Algumas pessoas questionaram se não era melhor doá-los aos pobres, mas o líder espiritual alegaria que

esses tecidos eram “pecaminosos”. Disse:

Devemos olhar para os tecidos estrangeiros como se olhássemos para sujeira. Assim como não queremos sujeira para

nós, não devemos passar essa sujeira de tecidos estrangeiros para outros.

Portanto, as “dondocas” não pensem em doar aos pobres seus vestidos do Valentino ou Armani,

tampouco seus sapatos da Prada. O correto, segundo Gandhi, é tacar-lhes fogo. Conhecendo essa visão,

quantas ainda estariam dispostas a enaltecer as crenças de Gandhi e colocar em prática seus

ensinamentos?

Os que tentam separar o homem excêntrico de sua grande mensagem paci sta deveriam lembrar que o

próprio Gandhi não aceitava essa distinção. Para ele, sua vida era sua mensagem, e esta era indissociável

de seus principais valores, entre os quais a castidade forçada e o vegetarianismo. Seu principal objetivo,

segundo Adams, era nada menos do que a perfeição espiritual.

Para atingi-la, era capaz de atos absurdos. Tinha obsessão com o sexo, que teria de ser reprimido a

todo custo. Mas, como era um mártir em busca da verdade, e o sofrimento, parte

do processo de

puri cação, a tentação era fundamental para dar valor ao autocontrole. Por isso, dormia com mulheres

nuas na cama (duas ao mesmo tempo em certas ocasiões), banhava-se com elas e era massageado. Tudo

parte de seu crescimento espiritual, e, quando tinha orgasmos involuntários, isso realmente o aborrecia.

Sua visão do casamento era negativa, e sempre recomendava a castidade aos casais. Sexo, apenas para

reprodução. Possivelmente isso se devia ao seu próprio casamento precoce, aos treze anos, que ele mesmo

retratara como “um dos eventos mais amargos” que teve de suportar.

Talvez outro efeito colateral dessa experiência resultasse de sua própria visão da família. A

humanidade tinha muito mais importância para ele do que seus próprios lhos, algo muito frequente na

esquerda caviar. Em sua autobiogra a, reconheceu que seus lhos tiveram motivos para se queixar de

sua educação. E que queixas!

Seu lho Harilal, em uma carta de 1915, acusara o pai de nunca falar com amor, e sim com raiva:

“Em movimento ou parado, dormindo ou sentado, você sempre nos atemorizou. Você tem um coração

de pedra.” Quando descoberto o adultério de seu outro filho, Manilal, Gandhi fez jejum de sete dias, que

o lho tentou copiar. O pai teria dito que esperava que Manilal suportasse, “mas,

se morrer, ele não será

motivo de remorso”.

O paci sta também era capaz de ser violento com a própria mulher. Escreveu que certa vez, ao perder

a cabeça, pegou-a pelo braço, arrastou-a até o portão de casa e abriu-o pretendendo empurrá-la para

fora. Kasturba, sua esposa, teria gritado com ele, e avisara que não tinha de aturar seus socos e chutes só

porque era sua mulher. Os motivos das agressões podiam ser os mais banais: por exemplo, se ela se

recusasse a limpar as próprias fezes e, pior, se recusasse a fazê-lo com prazer, tal como exigia.

Em 1908, preso, soube que Kasturba estava muito doente, mas se recusou a pagar a multa que lhe

permitiria sair da prisão. Em vez disso, mandou-lhe uma carta em que a rmava que a morte dela seria

um outro grande sacrifício para a causa de Satyagraha, e pediu-lhe que não casse ofendida. Pelo visto,

sua consciência pesaria depois, e ele chegou a escrever: “Eu estava tão cansado dela e queria que

morresse. Fui uma cobra disfarçada.”

Re etindo sobre esse episódio, Gandhi chegaria a uma conclusão moral: “Não é possível dedicar-se a

uma particular mulher e, ao mesmo tempo, dedicar-se à humanidade. Os dois não se harmonizam.”

Confesso ter di culdade em imaginar uma típica esquerdista caviar elogiando seu

marido pela luta em

prol da abstrata humanidade enquanto ela vive no frio abandono, como apenas mais uma miserável...

A postura alimentícia de Gandhi poderia aproximá-lo dos vegetarianos fanáticos de hoje. Uma vez, ao

presenciar o sacrifício de um animal num templo de Kali, foi levado a re etir: “a vida de um cordeiro

não deveria ser menos preciosa do que a de um ser humano”. Seus seguidores deveriam ter em mente

que não são bons alunos pacifistas quando fazem ou simplesmente comem um churrasco.

Um lado mais obscuro e ignorado diz respeito à visão racial de Gandhi: tão purista quanto a dos

racistas. Em setembro de 1903, escreveu: “Nós acreditamos tanto na pureza da raça quanto eles (os

bôeres), só que nós acreditamos que eles serviriam melhor a seus interesses, o que é tão importante para

nós quanto para eles, se advogassem a pureza de todas as raças, e não apenas de uma delas.” E ainda

continuou: “Também acreditamos que a raça branca na África do Sul deva ser a raça predominante.”

Contra as castas indianas, tampouco foi um combatente. Em 1916, disse: “Dediquei muito tempo

pensando sobre o sistema de castas e cheguei à conclusão de que a sociedade hindu não pode dispensá-

lo, pois ela sobrevive devido à disciplina da casta.” Igualdade? Nem tanto...

Justiça seja feita, combateu o sistema de intocabilidade. Mas nem por isso tinha uma opinião elevada

a respeito: “Alguns intocáveis são piores do que vacas para compreender. Quero dizer que eles não

conseguem ser melhores do que as vacas para distinguir a diferença entre os relativos méritos do islão, do

hinduísmo e do cristianismo.”

Gandhi idealizava a vida comunitária pré-industrial, autossu ciente, e com isso era um ferrenho

inimigo do progresso de que vários de seus fãs desfrutam. Disse: “Sinto que, se a Índia descartasse a

‘civilização moderna’, ela somente se beneficiaria com isso.” E acrescentou:

Minha intenção não é destruir ferrovias ou hospitais, embora, certamente, eu apreciaria sua destruição natural. Nem as

ferrovias, tampouco os hospitais são sinais de alta e pura civilização. Na melhor das hipóteses, eles são um mal necessário.

Suas principais in uências, entretanto, eram todas ocidentais, como Tolstoi, oreau ou Ruskin. O livro

Civilization: Its Cause and Cure, do utópico socialista e homossexual Edward Carpenter, foi importante

para a formação de seu pensamento. Carpenter era vegetariano e liderava sua própria pequena

comunidade, como Gandhi.

Sobre o bolchevismo, o paci sta disse que “um ideal santi cado por sacrifícios desses espíritos mestres

como Lênin certamente deixaria a sua marca”. De fato, deixou: um rastro

enorme de sangue inocente, de

muita miséria e de escravidão!

Em seu ashram, Gandhi se cercava de bajuladores e promovia a seu círculo mais próximo pessoas por

motivos insigni cantes, como o maior comprometimento com suas pequenas regras de higiene e

alimentação. A educação tampouco foi uma bandeira que prezou. Sumitra, uma menina inteligente e

obstinada, precisou resistir à tentativa de convencê-la a abandonar os estudos. Gandhi perguntou: “Qual

é a necessidade de uma educação maior? Fique comigo e seja minha secretária.” Ela respondeu:

Eu não quero ser uma de suas secretárias inferiores que lavam suas roupas e utensílios, organizam suas refeições, cuidam

de seus compromissos, recebem e acompanham as pessoas no ashram e são cheias de autoimportância.

Se, porém, as feministas não têm muito a admirar em Gandhi, os nacionalistas têm. Na verdade,

Mahatma foi um grande nacionalista. Tanto que até Hitler merecera uma ou outra palavra de tolerância,

inclusive por ser também vegetariano e obcecado com a saúde:

Eu não desejo que os aliados sejam derrotados, mas não considero que Hitler seja tão ruim quanto dizem. Ele está

demonstrando uma habilidade surpreendente e parece estar ganhando suas vitórias sem muito derramamento de sangue.

A benevolência no julgamento do Führer (que chegaria a chamar de “caro

amigo” em uma carta) sem

dúvida tinha ligação com os valores com que Gandhi realmente se importava: “Ele não tem vícios. Não

se casou. Dizem que seu caráter é limpo.” Essa visão totalmente deturpada impediu que zesse uma

análise mais realista da guerra, e o amarrou a uma típica postura da esquerda caviar, o relativismo:

Eu não vejo diferença entre os poderes fascistas ou nazistas e os poderes dos aliados. Todos são exploradores, todos

recorrem à crueldade.

Para Jad Adams: “A sugestão de Gandhi de uma equivalência moral entre as democracias e os poderes

do Eixo demonstra a sua ignorância ou falta de interesse por saber em que consistia a verdadeira

ditadura.” Ele sempre minimizou as atrocidades coletivas, pois não se encaixavam em sua visão

romântica do ser humano, e porque assim era mais fácil demonizar o império britânico.

Seu fracasso em perceber a enormidade do holocausto tinha precedente no fato de que alegara

“descon ar” do caso armênio, após o genocídio de quase 1,25 milhão de armênios pelos turcos na

Primeira Guerra.

Se Gandhi não notava tanta diferença assim entre o nazismo e a democracia inglesa, tratava como de

extrema importância a proibição de bebida alcoólica, que descrevera como

“provavelmente o maior

movimento moral do século”. Seria bom se seus fãs pensassem antes de o elogiarem entre uma taça de

vinho e outra...

Seu paci smo se estenderia à Segunda Guerra. Em 1940, por ocasião da Batalha da Inglaterra,

escreveu que os ingleses deveriam utilizar seu conceito de não violência, deixando que Hitler e Mussolini

tomassem o que desejassem “de sua linda ilha com seus edifícios maravilhosos”.

Se quisessem ocupar-lhes casas, então que fossem entregues. Assim, os ingleses mostrariam que se

recusavam à submissão, ainda que massacrados. Por sorte dos ingleses, o beligerante Churchill, detestado

pela esquerda caviar, tinha uma visão bem diferente sobre guerra: achava que era importante vencê-la!

Aliás, Churchill referiu-se a Gandhi como um “maligno fanático subversivo”. Julgamento duro e

provavelmente injusto, mas justi cável se lembrarmos que o estadista inglês servira na Índia e “sabia que

o país pululava de homens santos autoestilizados, usando vários tipos de trajes (nudez), mendigando às

pessoas já pobres e oferecendo falsas panaceias”, como explica Jad Adams.

Esse paci smo fanático de Gandhi também contribuiu para o agravamento da guerra civil dentro da

Índia, entre hindus e muçulmanos. A criação do Paquistão não fora su ciente para arrefecer os ânimos,

e Gandhi se mostraria inábil para conter a escalada da violência. Chegou a dizer: “Se a Índia quer um

derramamento de sangue, que seja feita a sua vontade.”

O mais importante era manter a tática de não violência e de unidade nacional, não importando as

consequências. Sua ideia de que a violência era culpa do império britânico mostrar-se-ia altamente

enganosa quando indianos passaram a massacrar indianos depois da retirada dos ingleses.

Após a independência da Índia, o grande herdeiro intelectual e amigo de Gandhi, Jawaharlal Nehru,

assumiu o poder. Nehru era um socialista que acreditava no planejamento central. O resultado, como

não poderia deixar de ser, foi catastró co. O setor público inchou absurdamente, a quantidade de

empresas estatais disparou, e a economia entrou em crise.

A ine ciência era a regra, e a corrupção, gigantesca, agravada pelo excesso de burocracia. A Índia

olhava apenas para dentro, seguindo a visão de autossu ciência pregada por Gandhi. O preço pago pelos

indianos seria muito alto, mas Gandhi não estava mais lá para tomar conhecimento.

A imagem de Gandhi até hoje enfeitiça muita gente no Ocidente. Ele é visto como um santo, acima

das paixões humanas, e seu legado paci sta, extremamente infantil e romântico, continua exercendo

in uência forte na esquerda caviar. Os “ lhos” de Gandhi, não os verdadeiros, mas os “espirituais”,

precisam fazer o luto dessa imagem idealizada do Bapu.

JOHN LENNON (IN MEMORIAM)

Ao lado de Bob Dylan, John Lennon foi o representante de uma época. Quando pensamos nos hippies

pregando paz e amor nas décadas de 1960 e 70, automaticamente o nome do líder dos Beatles vem à

mente. Paci smo, feminismo, luta pela justiça social, anticapitalismo, essas foram as principais bandeiras

daquela época — e também de Lennon (que, ironicamente, tinha Winston como nome do meio, em

homenagem a Churchill).

Além disso, Lennon marca o despertar de uma tendência que teria crescimento exponencial: foi o

primeiro popstar a ter uma reunião para discutir questões políticas e sociais com o líder de uma nação.

Suas músicas, principalmente na fase solo, tinham a clara intenção de “mudar o mundo”, de criar um

“mundo melhor”. Nesse e em outros aspectos, é um dos grandes ícones da esquerda caviar.

Lennon foi lho de pais ausentes — seu pai, um marinheiro, quase nunca esteve por perto, e sua mãe,

que morava com um novo companheiro num cubículo, o que obrigava o menino a dormir na cama com

o casal, acabaria aceitando que sua irmã Mimi cuidasse de John. Para piorar, sua

mãe morreu atropelada

quando ele tinha apenas dezessete anos. Infância conturbada e carente, juventude rebelde e excessivo

consumo de álcool e drogas: essas seriam as balizas de sua trajetória inicial.

O estrelato e a riqueza precoces — aos 22 anos já era mundialmente famoso — zeram com que

Lennon sucumbisse a um estilo de vida desregrado, faltando-lhe ademais a âncora e a bússola de uma

estrutura familiar. Ele precisava atacar todas as formas de autoridade vigentes e ainda testar seus limites.

Seu egocentrismo fora despertado também. Ficaria amplamente conhecida a entrevista em que

a rmou que os Beatles eram mais famosos que Jesus, o que gerou forte reação negativa de muitos fãs.

Em uma entrevista concedida em 1970, perguntaram se achava que era um gênio. Lennon respondeu:

“Sim. Se isso existir, eu sou um gênio.” Em outra ocasião, comparou-se a Shakespeare e Goethe. Menos...

O grande objetivo de John Lennon, que perseguia difusa e desesperadamente, era encontrar um sentido

para a própria vida. Mergulhou no New Age de cabeça, passou por centenas de viagens de LSD (ácido

alucinógeno), adotou um yogi indiano como guru (que depois acusaria de charlatão), depositou

esperanças na terapia primal, desenvolvida por Arthur Jenov e que consistia em se expressar com gritos,

aderiu à meditação e finalmente conheceu Yoko Ono.

A artista iria lhe fornecer um novo propósito na vida, pois nenhuma religião trazia consolo, e as

drogas não passavam de distração. Seu sentimento de alienação no topo da elite da sociedade, que tanto

desdenhava, jogou-o na direção do “desprendimento”, e assim logo se sacramentaria o m dos Beatles.

Uma nova fase tinha início. O roqueiro rebelde virara um hippie “paz e amor”.

Foi a partir desse momento que o otimismo ingênuo tomou conta do músico, até então bastante

cínico diante do mundo. Lennon declararia: “Assim, a batalha pela qual Jesus lutou incessantemente

será vencida, nalmente. Haverá paz por toda a Terra.” Amém! O universo das boas intenções, típico da

esquerda caviar, suplantaria o da realidade. E como chegaríamos a esse lindo ponto de chegada?

Lennon dava a resposta: “Dê uma chance à paz.” São dessa época músicas como “All You Need is

Love” e “Give Peace a Chance”. No auge da insatisfação com a Guerra do Vietnã, tornar-se-ia o ídolo de

toda uma geração desiludida. Contra canhões e metralhadoras, esses jovens reagiriam com rosas, drogas

e sexo, muito sexo! Como resistir?

O mundo tem guerras desde que o homem é homem. Clãs nômades disputando território, nações em

batalhas entre si, indivíduos que se digladiam, mas Lennon descobrira a fórmula

da paz: o amor,

pregado em suas músicas. Se ao menos cada um se convencesse disso... Sério: há algo mais infantil e

ingênuo? Há algo mais esquerda caviar?

Como não poderia deixar de ser, John Lennon se aproximou então da esquerda radical, e foi mais um

usado como o inocente útil. Tariq Ali e Robin Blackburn, editores de um periódico marxista, seriam os

tutores de Lennon nessa época. Depois, o astro se arrependeria e depreciaria suas próprias atividades

durante o período, expondo uma das principais origens do fenômeno esquerda caviar:

Aquele radicalismo era falso, realmente falso, porque surgiu com a culpa. Sempre me senti culpado por ter ganhado

dinheiro, então precisava fazer doações ou perdê-lo.

Durante essa fase, ajudou a levantar fundos para grupos realmente radicais, e chegou a erguer um cartaz

a favor do IRA, o grupo terrorista irlandês, contra o “imperialismo britânico”. Lennon conseguiria

superar esse flerte, no entanto sem jamais abandonar o socialismo como meta:

O socialismo do qual eu falo é o socialismo britânico, não aquele vindo de um maluco russo. Aquele pode servir para eles.

Nós, nós teríamos um bom socialismo aqui. Um socialismo britânico.

Socialismo britânico seria como o soviético, só que com sotaque inglês? Ou seria um socialismo de

fachada, que permitisse ao cantor continuar enchendo o bolso de dinheiro?

Como se vê, o Senhor Paz

não estava isento de contradições gritantes. Aliás, toda a sua pregação por paz e amor servia, também,

para segurar ou ocultar outro lado nada nobre. Ele próprio confessou:

Eu costumava ser cruel com minha mulher, fisicamente cruel com qualquer mulher. Eu batia. Não conseguia me expressar,

e então batia. Brigava com homens e batia em mulheres. É por isso que sempre defendo a paz, entende? São as pessoas

mais violentas que, em algum momento, passam a defender o amor e a paz...

Talvez por isso tenha dito certa vez que todos somos Jesus e todos somos Hitler. Conhecia bem o próprio

lado sombrio, e, autocentrado como só muito raramente há, convencera-se de que todos poderiam

domar esse pendor violento simplesmente com a “filosofia do amor”.

Em sua biogra a sobre John Lennon, Gary Tillery descreve o superstar como um “idealista cínico”, que

poderia ser considerado um ingênuo pelos céticos (como eu), mas que deixou uma perspectiva

esperançosa ao mundo. O autor pergunta:

Quantas melhoras neste mundo foram alcançadas por indivíduos calculistas agindo em seu próprio interesse e quantas

melhoras foram alcançadas por pessoas idealistas agindo para um bem maior?

Bem, para ser sincero, várias melhoras vieram de egoístas em busca de seus próprios interesses, e várias

desgraças decorreram de idealistas à procura de um bem maior. Podemos pensar nas invenções

tecnológicas, nos remédios dos laboratórios farmacêuticos, tudo em busca de lucro, em vários avanços

obtidos graças ao individualismo de alguns seres egoístas.

Por outro lado, basta pensar nas revoluções sangrentas que ocorreram em nome do bem-geral para

que tenhamos calafrios e rapidamente lembremos do velho ditado: o inferno está cheio de boas

intenções! Entre egoístas empreendedores e idealistas coletivistas, prefiro ficar ao lado dos primeiros...

Foi seguramente com a melhor das perspectivas que Lennon criou a sua NUTOPIA, nada mais do

que a velha utopia com nova embalagem. Sua “New Utopia” seria descrita em sua música mais famosa:

“Imagine”. Canção marcante, bela melodia e letra extremamente romântica: essa era a solução para os

males que assolavam o mundo.

Um mundo sem religião, sem fronteiras nacionais e sem capitalismo (propriedade privada): assim era

o ideal sonhado por Lennon. O autor ignorava o fato de que o conceito de nação era relativamente novo

e que nem por isso houvera paz no passado; muito pelo contrário.

Mas a parte mais absurda e hipócrita é a que menciona um mundo sem posses, o paraíso socialista.

Diz: “Pergunto-me se você consegue” (I wonder if you can). Nós poderíamos devolver a pergunta: será

que você conseguiria, John? Até mesmo Tillery, cuja biogra a é extremamente

favorável ao ídolo, não foi

capaz de ignorar a incoerência, questionando:

Por falar nisso, será que Lennon poderia ter se imaginado mudando de sua propriedade em Tittenhurst, de 74 acres, para

viver em um trailer em um fim de mundo qualquer, e nos doando tudo o que ele e Yoko possuíam?

Em uma entrevista pouco anterior à morte do marido, Yoko Ono revelou que o casal doava 10% de sua

renda para pessoas carentes. Nada mau, nada mau. A mesma quantia que os evangélicos doam para suas

igrejas, e muitos católicos também. O velho dízimo bíblico. Daí a abandonar todos os bens em nome da

“irmandade dos homens”, dividindo tudo em comum, vai uma enorme distância! E ainda bem, pois essa

receita, sem resolver coisa alguma, criaria apenas mais um casal pobre no mundo.

“Você pode dizer que sou um sonhador, mas eu não sou o único.” Concordo, e isso é o mais

preocupante. Fosse um só a transformar utopias em belas canções, tudo bem. Quando, porém, uma

legião de seguidores passa a acreditar nesse caminho, entoando o hino em nome de uma causa política,

aí é que mora o perigo. Ideias têm consequências. E ideias transmitidas por meio de músicas também.

Poucas horas antes de morrer, Lennon disse a um entrevistador: “Ainda acredito na paz e no amor;

ainda acredito no pensamento positivo.” Ele foi mais um paci sta vítima da violência. Parece que o amor

presente em suas letras não tocou o coração do assassino. Mas, sem dúvida, uma arma poderia tê-lo

defendido e salvado. Paz e amor, brother. E que tal alguma precaução mais realista também?

NOAM CHOMSKY

Nenhum outro representante da academia encarna de forma tão perfeita o manual da esquerda caviar

como o conhecido linguista. Ele abraça simplesmente todas as bandeiras da turma.

A começar pelo antiamericanismo virulento. Chomsky vive praticamente em um estado policial, sob

um regime nazista. Ao menos é assim que enxerga os Estados Unidos. Para ele, o sistema eleitoral de seu

país encadeia, de quatro em quatro anos, uma série de ditaduras.

Defende, portanto, a alternativa “fantástica” de inúmeros países sob verdadeiras ditaduras, onde sua

punição por crítica similar seria a morte. Nos Estados Unidos, pode continuar com suas diatribes em paz,

seguro, alegando que é um “dissidente político”. Nos países que defende, no entanto, os legítimos

dissidentes acabam em gulags ou paredões de fuzilamento. Ser “dissidente” na América é um pouco mais

fácil...

Apesar de uma produção literária e verborrágica profícua, a mensagem de

Chomsky é bastante

simples: você consegue ver o horror e a miséria no mundo? A culpa é do capitalismo e do complexo

militar americano. Ponto final. Simples assim.

O Pentágono, segundo esse pensador, é “a instituição mais hedionda da Terra” e constitui uma

“ameaça para a vida humana”. Isso em um mundo que tem terroristas islâmicos, ditaduras com bomba

nuclear, teocracias que desejam varrer povos inteiros do mapa etc. Mas Chomsky foi encontrar no

Pentágono a verdadeira ameaça à paz mundial.

Aqui, pois, começa a hipocrisia pesada do ícone da esquerda caviar. Não apenas ele ataca o “estado

policial” dos Estados Unidos de uma posição fácil, confortável e segura, típica do estado democrático de

direito, como lucra graças ao próprio Pentágono! Nos últimos quarenta anos essa “instituição hedionda”

destinou milhões ao escritor socialista, por meio de projetos e financiamentos às suas pesquisas.

E a “instituição fascista” inclui a família toda nas benesses estatais. Sua esposa, Carol, também uma

linguista, procurou o Pentágono para que nanciasse um projeto chamado “Baseball”. Parece que o

“fascismo” não tem tanta importância quando o agraciado se chama Chomsky.

Apesar de todo o discurso anticapitalista, o fato é que o sujeito gosta e muito de dinheiro, como todo

socialista. Acumulou milhões de dólares ao longo de sua carreira e investe até no mercado de ações, em

busca de um retorno melhor.

Defensor dos impostos pesados sobre heranças, criou ao menos um “trust” em paraíso scal —

justamente para fugir dessas taxas. Quando confrontado com essa contradição, reagiu a rmando que

não iria pedir desculpas por guardar dinheiro para seus lhos e netos. Sim, pode pensar no futuro de

seus familiares. Mas, se um rico empresário faz o mesmo, é claro que se trata de um egoísta insensível.

Esse grande defensor da igualdade e dos pobres vive em uma casa avaliada em pelo menos US$ 850

mil e ainda possui outra, para férias, em Well eet, Massachusetts, estimada em US$ 1,2 milhão. Além

disso, claro, tem um belo barco. Coisas típicas do cotidiano dos pobres do mundo todo, como sabemos.

Como todo campeão da esquerda caviar, Chomsky posa de defensor das minorias. Ocorre que quase

todas as contratações que fez para os departamentos de linguística e de loso a nos anos anteriores

foram de homens brancos. As cotas parecem boas apenas para os outros.

A revolta de Chomsky contra massacres de inocentes é bastante seletiva. Durante a Guerra Fria,

acusou o governo de Saigon, no Vietnã do Sul, de “autoritário e repressivo”, mas foi incapaz de emitir

uma só palavra de condenação ao regime do norte, que massacrava milhares de inocentes. Os fatos já

eram conhecidos na época.

Ao contrário, soltaria palavras elogiosas sobre a “reforma agrária” dos vietcongues, que nada mais era

do que expropriação de terras privadas, depois distribuídas entre os membros do partido. Também

elogiaria a “reforma” de Mao na China, algo “realmente muito admirável”. Nessa época, comprava sua

propriedade em Well eet. Sorte dele que seus admirados regimes não cuidavam dos rumos de

Massachusetts.

Chomsky negou o genocídio cometido pelo Khmer Vermelho no Camboja, chegando a desquali car

testemunhas oculares, e compararia o regime de Pol Pot com a Revolução Americana. O quão pér do é

preciso ser para afirmar algo assim?

Certa vez, quando cinco cubanos foram presos nos Estados Unidos, acusados de espionagem,

Chomsky saiu-lhes em defesa, alegando que se tratava de “patriotas”. O linguista, entretanto, nunca teve

palavras de apoio aos milhares de prisioneiros políticos da ditadura cubana. Para ele, Cuba, sob Fidel

Castro, tornara-se um símbolo de resistência corajosa ao ataque americano.

Sempre em busca de um tirano para admirar, Chomsky encontrou no Islã fundamentalista um

aliado, principalmente porque seu alvo é a destruição do “império” americano e do capitalismo. Tentou

convencer os Estados Unidos de que o terrorismo islâmico não era realmente uma ameaça e que o

verdadeiro culpado pelos ataques eram os próprios americanos.

Quando sua segurança esteve em jogo, porém, levou a ameaça bastante a sério. Para conseguir acesso

a suas aulas, era preciso antes apresentar uma identi cação com foto, então passar por um posto de

segurança e ser revistado na porta. Em nome da proteção pessoal, ainda costuma usar policiais à paisana

em suas palestras. Nessas horas, decerto que não é dos militares americanos que tem medo...

Em maio de 2006, poucas semanas antes de o Hezbollah atacar Israel, Chomsky foi ao Líbano consumar

seu romance de longa data com os terroristas. Em Beirute, visitou a sede do grupo e abraçou

calorosamente seu secretário-geral, Hassan Nasrallah. Finalmente, tivera a oportunidade de demonstrar

seu carinho àqueles responsáveis pela morte de 241 americanos no ataque de 1983.

Ecoando as palavras de Nasrallah, endossaria a acusação de que o então presidente Bush era o maior

terrorista do mundo, e os Estados Unidos, um dos mais perigosos estados terroristas.

Na América Latina, Chomsky parece procurar um substituto a seu querido Fidel Castro. Sempre

defendeu Hugo Chávez, o tiranete venezuelano responsável pelo “socialismo do século XXI”, aquele que

muito se parece com o do século anterior, responsável por muita miséria e escravidão, além da morte de

milhões de inocentes. Claro que o linguista prega esse modelo de longe, pois o intelectual re nado não

suportaria viver em um país onde o papel higiênico virou bem de luxo, contrabandeado no mercado

negro.

Até no Brasil Chomsky se meteria, quando achou que encontrara algo su cientemente radical com

que ertar. Apoiou a candidatura de Heloísa Helena à presidência, aquela do PSOL, em 2006. Onde

houver esquerda jurássica e carnívora, cedo ou tarde lá estará Chomsky, até seus últimos suspiros, para

oferecer seu prestígio e fama em nome da causa socialista e contra o capitalismo.

O sensacionalismo desse senhor é tão grande que um de seus livros se chama O lucro ou as pessoas?,

estampando já na capa a falsa dicotomia de quem pretende monopolizar as virtudes e condenar o lucro.

Ora, sabemos que é justamente a busca pelo lucro que permite a produção de alimentos em um volume

que salva vidas, especialmente dos mais pobres. Ninguém precisa escolher entre lucro e pessoas. Ao

contrário: devemos escolher ambos.

Os regimes comunistas defendidos por Chomsky tentaram abolir o lucro, e o

resultado foi a morte de

milhões por inanição. A fome se instalou nesses países. Mas ele, como ícone perfeito da esquerda caviar,

não se importa com todo esse sofrimento real, com os resultados práticos de suas ideias, com os fatos

incômodos.

Para esse pensador, o importante é a imagem de nobre defensor dos pobres. Imagem essa reforçada

quando ovacionado como verdadeiro popstar no Fórum Social Mundial, o palco mais famoso da

esquerda caviar, um evento orçado em milhões de dólares. É lá que uma multidão de idiotas úteis pode

massagear o ego do linguista mentiroso e hipócrita.

PAUL KRUGMAN

Em minha área especí ca, que é a economia, não existe ícone maior da esquerda caviar que Paul

Krugman. Ele é imbatível. Prêmio Nobel de Economia, tornou-se um empedernido guerreiro das causas

esquerdistas. Seu keynesianismo alucinado faria corar de vergonha o próprio Keynes.

Se alguém se dispusesse a apontar cada absurdo que sai do teclado de Paul Krugman, não faria mais

outra coisa. É tanta falácia, tanta mentira, que espanta o fato de esse senhor ainda gozar de enorme

espaço na imprensa, inclusive a nossa, que adora traduzir suas colunas do NYT.

Krugman demandou abertamente uma bolha imobiliária para “curar” o crash de

tecnologia no

começo dos anos 2000 — o que serve de alerta para que tomemos cuidado com aquilo que desejamos.

Veio a bolha imobiliária, estourou, e o que fez o sujeito? Apareceu publicamente para reconhecer o erro?

Até parece! Se tivesse tal tipo de conduta, não estaria neste livro a representar, tão bem, a esquerda

caviar.

O economista simplesmente se fez de desentendido, ignorou o passado, e hoje posa como detentor da

“cura” para a nova crise. Naturalmente, a receita é mais uma bolha produzida arti cialmente pela

impressão desenfreada de papel-moeda para nanciar gastos públicos. Para quem tem somente um

martelo, tudo se parece com prego. Krugman, o alquimista, acredita que o governo pode transformar

chumbo em ouro com sua vareta mágica.

Para ele, esse aumento de gasto estatal é tão fundamental que nem importa o destino. Declarou em

uma entrevista, sob o olhar de espanto do colega Kenneth Rogoff, também entrevistado, que até mesmo

um gasto para a prevenção de um hipotético ataque alienígena seria desejável como estímulo à economia.

Recursos escassos jogados no lixo para produzir um pouco mais de crescimento do PIB no curto prazo:

eis algo que apenas um Ph.D. com Prêmio Nobel teria a cara de pau de defender

em público!

Em um artigo publicado na Folha, Krugman atacou os juízes da Suprema Corte americana que ousavam,

vejam só!, preservar a Constituição do país. O governo americano não pode impor o consumo de algum

produto, mas a administração de Obama não quer saber desses detalhes insigni cantes, e seu Obamacare

pretende impor a compra de um seguro de saúde a todos os cidadãos (ou súditos?) dos Estados Unidos.

Um dos juízes disse que, se hoje o governo pudesse fazer isso, amanhã poderia obrigar todos a

comprar brócolis. Claro que forçava a barra para fazer seu ponto, que cou claro: quando a ideia de que

o indivíduo sabe o que é melhor para si próprio se perde, dando lugar à premissa de que cabe ao governo

decidir por todos, então por que parar no seguro de saúde? O Estado poderia muito bem avançar e

“proteger” ainda mais cada um, impondo, sim, uma dieta mais saudável.

Mas Krugman, como um bom esquerdista, não quer saber dessas coisas bobas. No artigo, diz que é

má-fé comparar as duas coisas, e explica o motivo: “Quando as pessoas optam por não comprar brócolis,

não tornam o produto indisponível para aqueles que o desejam. Mas, quando as pessoas não fazem um

plano a não ser que adoeçam — que é o que ocorre se a compra não for obrigatória —, o agravamento do

paiol de risco resultante dessa decisão torna os planos mais caros, e até inacessíveis, para os demais.”

Em primeiro lugar, a demanda mais escassa costuma afetar qualquer produto, não apenas planos de

saúde. Se ninguém mais quiser comer brócolis, a verdura ficará indisponível também, ou muito cara, pela

perda de escala na produção, prejudicando aqueles que a consomem pensando na melhor saúde.

Krugman, um Nobel de Economia, deveria saber que as leis de oferta e procura se aplicam a todos os

bens e produtos.

Em segundo lugar, a premissa do economista é interessante, a de que ninguém faz plano de saúde

saudável, apenas quando já doente. Atenção, pois essa é a parte mais importante: Krugman, como todo

esquerdista, sempre trata os indivíduos consumidores como mentecaptos, incapazes de escolher algo bom

para si. É exatamente isso que diz: que o povo, se puder escolher, não fará plano de saúde porque não

valoriza tal seguro.

A nal, ninguém faz seguro de carro, não é mesmo? Só quando bate com o carro! É o que o Nobel

assume como fundamento para defender o avanço do governo sobre o indivíduo, rasgando a Carta

Magna para tanto.

Esquerdistas paternalistas são sempre arrogantes e autoritários. Pensam ter uma

visão holística da

coisa e encaram indivíduos como peças de xadrez num tabuleiro que eles, como mestres clarividentes e

altruístas, mexerão a seu bel-prazer e em nome do “bem geral”. Portanto, que tranquilo: o papai

Krugman sabe o que é melhor para você. E ainda que você discorde, isso não vem ao caso. Ele vai obrigá-

lo a fazer aquilo que é “certo”.

MICHAEL MOORE

Imagine alguém narcisista ao extremo, com um ego maior que o planeta, que fala em nome do “homem

comum” enquanto vive em um apartamento de US$ 2 milhões em Nova York, e que faz

“documentários” que distorcem os fatos para vender sua mensagem antiamericana mundo afora. Não

precisa mais imaginar. Esse é Michael Moore.

É impossível falar das contradições da esquerda sem dedicar um espaço nobre ao cineasta de

Michigan. Em inúmeros aspectos, Moore é emblemático para o tema aqui investigado. Ele é tão

representativo da esquerda caviar que, no fundo, o livro poderia falar apenas dele, e a mensagem já

ficaria clara.

Sua hipocrisia salta tanto aos olhos que várias pessoas passaram a dedicar tempo ao hobby de

desmascará-lo. Sites como www.moorexposed.com foram criados, e livros como

Michael Moore is a Big

Fat Stupid White Man foram escritos. Nessas fontes, há farto material comprovando a malícia, a

desonestidade e a hipocrisia desse querido ícone da esquerda antiamericana. Vamos ver apenas alguns

casos, suficientes para desmascará-lo.

Moore fez fortuna com base em um estilo beligerante e crítico. Seu primeiro documentário, Roger & Me,

foi um estrondoso sucesso. Nele, o cineasta atacou de forma virulenta o então CEO da General Motors,

pois a montadora tivera de fechar uma fábrica em Flint devido à concorrência estrangeira. A exploração

sensacionalista da tragédia alheia foi a grande descoberta de Moore para a rota de seu sucesso.

Esse primeiro “documentário” lhe renderia US$ 3 milhões. Moore vive em uma grande cobertura em

Nova York e possui uma casa de dez acres em Torch Lake, para poder dizer que ainda mora em

Michigan (e pagar impostos estaduais menores). A National Geographic considera este lago um dos três

mais belos do mundo.

Durante as turnês de promoção dos lmes, o cineasta costuma car em suítes presidenciais, que

custam mais de US$ 5 mil a diária, e conta com grande aparato de seguranças. Mas insiste que continua

sendo da classe dos trabalhadores e que não alterou profundamente seus hábitos.

É apenas um homem

comum, do povo.

Quando alguns críticos resolveram levantar questões incômodas sobre Roger & Me, apontando falhas

ou eventuais manipulações, a reação do cineasta foi estridente: o crítico acabava sempre rotulado de

instrumento em alguma trama contra o cineasta. Os fatos em si não precisavam ser rebatidos, pois era

mais fácil desqualificar o autor com base em teorias conspiratórias. Nada mais esquerda caviar que isso.

No “documentário”, Moore aparece como o corajoso defensor dos oprimidos contra o grande capital.

Atribui às demissões uma sequência de desgraças que se abate sobre a cidade, como aumento da

violência e coisas do tipo. Detalhe: alguns episódios mostrados no lme ocorreram antes do fechamento

da fábrica, mas isso não incomodou o cineasta.

A partir de então, Michael Moore repetiria sua receita para o sucesso de bilheteria, acumulando uma

grande fortuna no processo, mas sem perder o estilo de “homem simples”, com aquele boné de baseball e

a fala mansa. Até hoje se vende como um cara de Flint, ainda que nascido em Davison, cidade vizinha e

de classe mais alta, o local da gerência, como se dizia, de população predominantemente branca, e não

dos trabalhadores do chão da fábrica aos quais se associa.

O pai de Moore possuía dois carros na garagem, era proprietário da casa onde moravam, colocara

seus quatro lhos em escolas católicas particulares e mandaria três para a faculdade. Trabalhava na GM

de seis da manhã às duas da tarde e em seguida jogava golfe em um clube privado. Não parece

exatamente o estilo de vida de um típico operário. O cineasta, porém, aprecia a imagem da origem

humilde, pois vende bem.

*

Com Tiros em Columbine, sua fama se estabeleceria. Uma vez mais, Moore explorava a tragédia em

benefício próprio, e não sem muita manipulação dos fatos. A tese central do lme é de que várias

crianças correm perigo nas escolas porque há liberdade demais para comprar armas nos Estados Unidos.

A imagem de que tais ataques ocorrem com frequência por lá e a ideia de que isso se deve à cultura

armamentista americana repercutem até hoje em muitos lugares graças a Michael Moore.

Não importa que mais americanos morram todo ano por raios do que por tiros em escolas, nem que

vários outros países, mais rigorosos com a compra de armas, enfrentem o mesmo tipo de problema. A

Finlândia, um dos países mais ricos e civilizados do mundo, teve dois casos em pouco mais de um ano.

A esquerda caviar não condenou sua cultura pela desgraça. Tampouco importa que países como a Suíça

possuam ainda mais armas por habitante que os Estados Unidos e, no entanto, sejam locais pacíficos.

Confrontado por várias acusações de meias verdades no lme, Moore chegaria a questionar por que

todo mundo estava tão excitado, uma vez que aquilo era apenas uma comédia. Resta avisar a todos

aqueles que levaram seu “documentário” bastante a sério...

Com o livro Stupid White Men, ele levou ao auge sua mensagem populista para consolar os que

caram para trás no sistema. Bastaria se identi car com ele e repetir que todos os outros, especialmente

os mais ricos e poderosos, não passavam de idiotas. Fomentando o ressentimento das massas, nos

Estados Unidos e no resto do mundo, conquistou uma legião de seguidores, muitas vezes fanáticos. O

antiamericanismo vende bem.

Na Alemanha, por exemplo, o livro vendeu quase um milhão de exemplares, um terço do total

mundo afora. Pelo visto, é agradável ver algum americano descascando seu próprio país, pintando um

quadro de que a maioria da população é formada por idiotas e de que a culpa pelo terrorismo é dos

próprios americanos.

Moore chega ao miserável ponto de comparar os Estados Unidos com a

Alemanha nazista de Hitler,

acusando o país de ser, na era Bush, um estado policial. O Patriot Act era o grande alvo, pois cedia mais

poderes ao Estado para enfrentar o terrorismo, cuja ameaça Michael Moore rechaçava. Curiosamente,

Obama não só manteve o Patriot Act como expandiu seus poderes arbitrários. De Moore e de toda a

esquerda caviar, nada além de um sepulcral silêncio. Um mesmo peso, duas medidas diferentes.

Os brancos americanos são o alvo predileto do cineasta. Seus sermões costumam incitar a

transformação em nível individual: se cada branco começar o processo de mudança, o racismo terá m.

Em Do As I Say (Not As I Do), Peter Schweizer fez um levantamento e mostrou que quase todos os

produtores e editores usados por Moore em seus lmes eram... Sim, acertou: brancos. De um total de

134 pessoas do alto escalão, somente três eram negras.

Entretanto, se alguém for branco e rico, então será alvo certo de Michael Moore, que é branco e rico.

As corporações, os especuladores, os gananciosos em busca de mais lucro, esses são os inimigos da

América. Em seu livro, há um capítulo chamado “Kill Whitey” (algo como “matem os branquelos”), em

que — clara provocação a uma atitude atribuída ao “homem branco reacionário” — explica que sempre

que vê um branco andando em sua direção ca tenso, seu coração dispara, e começa imediatamente a

procurar uma rota de fuga (imagine alguém dizendo isso sobre os negros).

Moore alega que não tem qualquer ação de empresa, que não participa do mercado nanceiro e que

prefere manter seu dinheiro na conta corrente do banco. No entanto, sua fundação possui centenas de

milhares de dólares em ações, incluindo gigantes do setor energético, o Satã segundo a esquerda caviar, e

costuma doar o mínimo necessário à caridade apenas para não perder o status e as vantagens scais de

instituição filantrópica.

Se os ricos devem pagar mais impostos, isso aparentemente não se aplica a ele. Várias cenas de seus

lmes são rodadas no Canadá, em função de benefícios tributários. Quando lançou o “documentário”

Capitalism: a Love Story, um ataque violento ao sistema que o fez milionário, solicitou e levou, do estado

de Michigan, benefício scal de US$ 1 milhão. Isso mesmo com o seu lme faturando quase US$ 18

milhões. A ganância do socialista não tem limites.

De fato, o veterano gerente de Hollywood Douglas Urbanski, que trabalhara com Moore, declarou

que o cineasta é mais obcecado por dinheiro do que qualquer pessoa que já conheceu. E olha que não

faltam obcecados por dinheiro em Hollywood!

Os sindicatos são elogiados nos discursos populistas de Moore. Quando ele é o chefe, porém, a

preferência é por trabalhadores não sindicalizados. Sua fama é de durão intransigente ou mesmo

intragável. Façam o que digo, não o que faço.

Em Sicko, talvez tenha atingido o ápice da canalhice. Em defesa da universalização da saúde pública,

defende o sistema cubano enquanto critica a medicina americana. O cineasta leva algumas vítimas de

doenças, causadas pela fumaça do ataque de 11 de setembro, para a ilha, e lá então recebem um bom

tratamento, e barato!

Tudo mentira. Tudo manipulado. Qualquer um sabe que o mito da saúde cubana não passa disto:

um mito. Faltam remédios básicos para a população, as condições dos hospitais são precárias, e as

famílias precisam levar até lençóis e comida aos doentes. Os dados sobre a medicina cubana são

oferecidos pela ditadura, que não permite veri cação externa. Mas nada disso é motivo su ciente para

segurar Moore em sua cruzada antiamericana.

O governo petista pretendia “importar” 6 mil médicos cubanos para o Brasil, o que gerou enorme

revolta entre os pro ssionais de saúde brasileiros. Alegaram que faltava conhecimento adequado aos

cubanos, enquanto os petistas, assim como Michael Moore, insistiam no mito da

boa medicina cubana

(Chávez que o diga). Eis uma solução: os médicos cubanos atenderiam exclusivamente os petistas, que se

comprometeriam a não frequentar mais o capitalista Sírio-Libanês. Será que topariam? Será que Moore

topa só se tratar em Cuba?

Elian Gonzales, o menino cubano que sobreviveu aos tubarões, dois dias à deriva no mar, e que viu a

mãe morrer na tentativa desesperada de tirá-lo do inferno socialista, não teve em Michael Moore e

muitos outros de Hollywood o apoio esperado. Ao contrário, pressionaram pela volta do garoto a Cuba,

transformando o caso em bandeira nacionalista e ideológica.

Moore chegou a ironizar que os únicos castigos que Elian teria no retorno à ilha seriam “saúde

pública gratuita” e “boa educação”. Em suma, o inferno seria car nos Estados Unidos, onde o cineasta

prefere continuar. Resta saber, aliás, se ele mandaria um filho para viver nesse lugar encantado.

A insensibilidade dessa gente com pessoas de carne e osso, mesmo crianças, nunca deixa de espantar. O

cineasta é tão engajado que parece disposto a qualquer tipo de sensacionalismo barato. Defende, por

exemplo, a ideia de que os canais de TV devem mostrar, em detalhes, os corpos de crianças vítimas de

tiros, de preferência os mais destroçados, para nalmente ignorar a Segunda

Emenda e proibir a venda

de armas.

Michael Moore tenta passar a mensagem de que o slogan marxista — “a cada um de acordo com sua

capacidade, para cada um de acordo com sua necessidade” — precisa ser incutido na cabeça dos

americanos egoístas e insensíveis. Trocar o “eu” pelo “nós”, eis o que salvará a saúde dos americanos! O

que não mostra é como tais modalidades de incentivo, essencialmente perversas, realmente afetaram a

qualidade da saúde nos países que as adotaram.

Mesmo no Canadá há inúmeros problemas, como las de espera, equipamentos obsoletos, corrupção

e burocracia. Vários canadenses atravessam a fronteira em busca de melhor atendimento nos Estados

Unidos. Isso, Moore jamais relatará em algum documentário.

São apenas fatos, e Michael Moore, como um destacado representante da esquerda caviar, não liga a

mínima para fatos. O importante é vender antiamericanismo pelo mundo e atacar o capitalismo

enquanto enche o bolso com o dinheiro dos otários. Mas estes podem relaxar em paz, pois a nal foram

informados de que todos os americanos ricos e brancos não passam de idiotas, e de que eles, os otários, e

Michael Moore são diferentes.

STING

O ex-vocalista do e Police é conhecido, principalmente, por sua bandeira ecológica. Sting é o defensor

da Amazônia, dos índios, das árvores. Ele aponta o dedo para os homens comuns e cobra maior

responsabilidade em relação ao meio ambiente.

O único problema, claro, é que o milionário casal Sting e Trudie Styler possui sete casas, utiliza jatos

particulares para ir de uma a outra, e, em seu esquadrão de veículos, centenas de pessoas circulam pelo

mundo para “salvar” Gaia.

Segundo Jason Mattera, em Hollywood Hypocrites, a pegada de carbono do casal é trinta vezes maior

do que a de uma pessoa normal. Isso não importa. É preciso amar Sting e sua “princesa ecológica”, pois

foram cofundadores da Rainforest Foundation, e isso é su ciente para constatarmos o quanto se

preocupam com o planeta.

Quando a CNN perguntou-lhe se desejava um governo grande, o astro respondeu: “Claro que sim.”

A nal, o problema ambiental é enorme, e só o Estado pode solucioná-lo. O homem comum pode fazer

sua pequena parte, mas o governo grande é que precisa tomar as importantes decisões, como parar o

desmatamento.

O protetor das orestas, em resumo, acaba usando bem mais carbono para viver e ainda prega a

concentração de poder no Estado, ameaçando a liberdade dos homens comuns. Era melhor focar nas

ótimas músicas da banda, não?

AL GORE

Ele é o ídolo dos verdes, o político que abraçou como “a” causa a questão ambiental. Seu documentário

se tornou fonte de todos os “melancias”, apesar das manipulações de dados e meias verdades, sem falar

do ecoterrorismo infundado (alertou que todas as espécies de peixes no oceano estarão extintas em

cinquenta anos se a situação atual não mudar). Foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, e, antes,

quase eleito presidente dos Estados Unidos. Seu nome é Al Gore, claro.

Sua verdadeira preocupação com o impacto climático é questionável, mas uma coisa não se pode

negar: o clima é um negócio e tanto para Al Gore. O verde que mais parece atraí-lo é aquele dos dólares.

Quando deixou a vice-presidência do país, seus ativos eram estimados em “apenas” dois milhões de

dólares. O que ocorreria depois?

A escala de sua fortuna ca evidente quando sabemos que somente um de seus investimentos tinha,

em 2012, o valor estimado de US$ 35 milhões. Trata-se do Capricorn Investment Group. Mas Al Gore

possui vários outros, muitos ligados a produtos e serviços voltados para a “energia limpa”, empresas que

se beneficiam das medidas políticas de subsídios com o intuito de combater a “ameaça climática”.

Um estudo da Bloomberg estimou sua fortuna em US$ 200 milhões, um avanço meteórico em poucos

anos. O alarmismo climático pode ser muito lucrativo. Enquanto os inocentes úteis entram em pânico

com o “aquecimento global” (que já parou há mais de uma década), Al Gore acumula riqueza similar

àquela conquistada por décadas de trabalho de Mitt Romney, atacado na campanha presidencial por ser

rico. Os ricaços da esquerda é que são legais, pois adotam discurso sensacionalista e mentiroso...

Na prática, Al Gore não representa o melhor exemplo de comportamento para os ecochatos. De acordo

com o Tennessee Center for Policy Research, sua mansão naquele estado consome cerca de 220 mil kWh

de eletricidade anual, o que dá uma quantidade vinte vezes superior à média nacional. Isso sem falar da

locomoção constante em jatos particulares.

O concerto de rock que organizou em julho de 2007, Live Earth, foi um sucesso de audiência, pois

contou com o empurrãozinho de inúmeras celebridades em shows para a garotada. A meta era

conscientizar a população para o “fato” de que os homens são os responsáveis pela ameaça climática.

Participaram do espetáculo Madonna, Red Hot Chili Peppers, Bon Jovi, Leonardo DiCaprio, Cameron

Diaz, Sting e outros aristas ecochatos.

Ironia pura, o Daily Mail londrino calculou em 31.500 toneladas de carbono a emissão do

megaevento, sem contar o consumo de energia dos milhões de televisores ligados, que elevaria o

montante a estimadas 74 mil toneladas. Caso o leitor esteja curioso com algum parâmetro, o consumo

médio britânico é de 11 toneladas... Por ano!

Al Gore e sua turma de ecocelebridades emitiram quase 7 mil vezes mais carbono em um dia do que o

londrino médio emite em um ano! E tudo isso, claro, em nome do combate à emissão de carbono. Os

deuses e seus profetas podem, pois todos somos iguais, mas uns mais iguais que os outros.

Quantos cidadãos comuns que Al Gore diz defender seriam necessários para compensar a sua própria

pegada de carbono? Quando você escutá-lo a rmando que seu estilo de vida precisa mudar para salvar o

planeta, que deve ir de bicicleta para o trabalho e colocar lâmpadas brancas (e feias) em casa, seria o caso

de lhe perguntar sobre quando pretende alterar seus próprios costumes.

Talvez a única forma de lidar com Al Gore seja na brincadeira mesmo, como fez a dupla irreverente

do South Park. Em um episódio hilário, ele aparece como o ex-vice-presidente desesperado em busca de

alguma atenção, carente, sem nenhum amigo. Faz alarde sobre a grande ameaça

iminente do

“ManBearPig”, um bicho que seria “metade homem, metade urso e metade porco”.

Um ensandecido Al Gore então arrasta crianças para sua caçada a esse monstro ameaçador, mas o

fato é que ninguém lhe dá a mínima atenção. Nem mesmo as crianças. O alarmismo climático é

exatamente como esse bicho de três partes, ou seja, inexistente na realidade. Para o azar de todos nós,

contudo, a diferença é que o Al Gore de verdade conseguiu convencer muitos inocentes úteis com suas

mentiras. E não eram crianças...

PETER SINGER

O professor de Princeton é um dos mais renomados utilitaristas da atualidade. Sua visão ética do mundo

tem in uenciado muitas pessoas. Peter Singer considera que o infanticídio e a eutanásia para

incapacitados ou aleijados seriam justi cáveis. A nal, a noção de que a vida humana é sagrada somente

porque é humana é “medieval”, diz o intelectual.

No mundo de Singer, pessoas com doenças degenerativas e incuráveis deixam de ser gente, pois

perdem sua razão, memória e capacidade de reconhecer os outros. Uma velhinha com Alzheimer,

portanto, deveria ser descartada, e uma injeção letal resolveria o “problema”.

Mas, ironia das ironias, a mãe de Peter Singer desenvolveu Alzheimer. O que

será que ele fez? Será

que abraçou até o nal seu código moral? Na verdade, não. Peter Singer contratou um grupo de

enfermeiros para cuidar de sua mãe doente. Atitude de um bom lho, sem dúvida. Sorte da velhinha

que concebeu e criou um grande hipócrita!

JOHN KERRY

O secretário de Estado do governo Obama, John Kerry, é uma voz estridente entre os democratas

clamando por mais “justiça social”. O senador sempre lutou por um governo grande, por mais impostos

em nome da igualdade.

Casado com a herdeira da Heinz, a empresa famosa pelo ketchup e que foi comprada recentemente

por Warren Buffett e os brasileiros da AmBev, Kerry tem uma fortuna familiar estimada em pelo menos

US$ 700 milhões.

Não obstante tanto dinheiro e seu discurso igualitário, Kerry preferiu registrar seu iate Isabel, de 76

pés e avaliado em US$ 7 milhões, em Rhode Island — para evitar meio milhão de dólares de impostos

extras em Massachusetts.

Federalismo é isto mesmo: competição entre estados para atrair recursos. Tudo perfeito, até mesmo

saudável, pois ninguém é obrigado a pagar mais impostos feliz da vida. Só não bate com a imagem que

John Kerry tenta manter de si mesmo.

TED KENNEDY (IN MEMORIAM)

A família Kennedy é uma das maiores representantes da esquerda caviar americana, e Ted Kennedy

talvez seja o esquerdista referencial dentro da família. Mesmo que já morto, acredito que convém expor

algumas de suas contradições.

Para começar, os Kennedy sempre posaram como defensores dos mais pobres. O clã, porém, possui

uma fortuna avaliada em US$ 500 milhões. Mas não é só: poucas famílias têm sido tão e cientes em

driblar os impostos por meios de esquemas tributários. Vários “trusts” foram criados. Um deles ca nas

ilhas Fiji. Resta saber se os herdeiros conseguem apontar para a ilha do Pacífico no mapa.

Ted Kennedy foi um dos senadores que ocuparam a cadeira por mais tempo. Foram vários mandatos

seguidos, sempre em prol do bem público. Suas bandeiras, claro, sempre se mantiveram “progressistas”.

Energia limpa, por exemplo. O senador introduziu vários projetos de leis que incentivavam a energia

solar, eólica ou qualquer alternativa ao petróleo e ao carvão.

Entretanto, quando um projeto de energia limpa, Cape Wind, aproximou-se de sua propriedade, a

coisa mudou rapidamente, e um incomodado senador protestou contra o visual das turbinas tão perto

de seu lago paradisíaco e fez de tudo para impedir a construção. Energia limpa, sim, mas não no meu

quintal.

Ademais, o negócio de petróleo já rendeu muito dinheiro aos Kennedy. A família participa do setor

desde 1950, quando Joe Kennedy comprou a Arctic Oil. No total, a receita familiar com petróleo e gás

natural supera US$ 1 milhão por ano.

O desarmamento fora uma das principais bandeiras de Ted Kennedy no Senado. Mas quando um de

seus seguranças, Chuck Stein, foi preso em 1986, foram apreendidas com ele uma pistola, duas

metralhadoras semiautomáticas e farta munição.

O porta-voz do senador, ao explicar o arsenal, alegou que sua principal preocupação era sair da

cidade com a devida proteção. Faz sentido. Por que, no entanto, lutar para que os outros, os reles

mortais, sem o mesmo poder e dinheiro dos Kennedy, não tenham o direito de se proteger?

Mas o pior no currículo de Ted Kennedy sem dúvida é seu envolvimento no acidente em

Chappaquiddick, no dia 18 de julho de 1969. Mary Jo, a acompanhante do senador, foi morta quando

seu carro caiu de uma ponte. Kennedy, que sempre amara a humanidade, simplesmente fugiu da cena e

nada reportou à polícia. Sua esposa estava grávida na época. Uma poderosa

operação “abafa” tentou

manter o caso longe da imprensa, e Kennedy se livrou da prisão, tendo apenas perdido a carteira de

motorista por alguns meses.

Teorias conspiratórias surgiriam após o incidente. Kennedy fora vítima de uma armação, diziam

alguns, ou forjara o acidente para ocultar um crime anterior. O fato é que o episódio custou-lhe o projeto

de se tornar presidente, pois Jimmy Carter, outro prestiagiado esquerdista caviar, usaria o caso nas

prévias e seria o candidato democrata escolhido. Kennedy teve de se contentar em ser senador pelo resto

da vida, curiosamente adotando o hábito de remexer no passado de seus opositores sempre que possível.

BILL CLINTON

Bill e Hillary Clinton são o casal esquerda caviar da década. Ambos costumam atacar o egoísmo, a

ganância, o mercado, que “sabe o preço de tudo, mas não o valor das coisas”. Os Clinton são, segundo

eles mesmos, um casal de classe média, gente como a gente. Boa parte do seu sucesso político se explica

por essa jogada de marketing.

Classe média? Já no primeiro ano de Bill Clinton como governador, o casal teve renda acima de US$

400 mil, colocando-os no topo dos 1% mais ricos da América. Mas a cara de pau de Clinton não serve

apenas para cometer perjúrio sobre sexo oral ou dizer que fumou maconha sem tragar. Ele repete que

sempre paga a taxa máxima de impostos e, pior!, assina o formulário sorrindo.

Um estudo, porém, revelou que, desde 1991, os Clinton pagaram sete pontos percentuais a menos

para a Receita (IRS) do que outros no mesmo grupo de renda. Enquanto a média cou em 27%, os

Clinton pagaram 20%. O casal estabeleceu um “trust” para, entre outras coisas, reduzir

consideravelmente os impostos de herança quando morrerem.

Sua lha, Chelsea, casada com um ex-banqueiro do Goldman Sachs (o Satã de Wall Street para a

esquerda), comprou um apartamento avaliado em singelos US$ 10 milhões! Fica localizado no Madison

Square Park, um dos locais mais reservados e chiques de Nova York. Quantos apartamentos de classe

média é possível comprar com essa fortuna?

Se o dinheiro é honesto, nada contra. O casal é livre para torrar como quiser. Essa, porém, é a típica

bandeira liberal, oposta absolutamente ao esquerdismo combatido neste livro. Só não venham então

posar de família padrão classe média, por favor, que isso ofende a turma que efetivamente rala sonhando

em subir na vida, a despeito dos impostos pesados defendidos pela esquerda caviar.

Como ca claro, o casal Clinton realmente acredita em maiores impostos para

transferir riqueza dos

ricos para os pobres; apenas não tem a sua riqueza em mente quando prega isso.

GEORGE SOROS

Um dos homens mais ricos do planeta, e ainda por cima com fortuna construída em cima de muita

especulação nanceira, George Soros é o queridinho da esquerda, ou ao menos sua carteira o é. O

bilionário adora defender bandeiras “progressistas” e jogar muito dinheiro nessas causas.

Com impulsos um tanto messiânicos (chegou a a rmar que se imaginava uma espécie de deus), Soros

é um prato cheio para a esquerda, pois pode posar de capitalista arrependido, que fez fortuna nos

mercados, mas que agora ganhou consciência. Só há um buraco nessa narrativa, contudo: continua

fazendo de tudo para expandir sua riqueza, mesmo que seja preciso apostar pesado contra governos de

países pobres.

Em maio de 1998, por exemplo, a moeda russa, o rublo, sofreu forte ataque especulativo, que o Wall

Street Journal atribuiria à liderança de Soros. Enquanto isso, o lantropo discursava sobre a importância

dos capitalistas colocarem o bem comum acima de seus próprios interesses.

Ao menos ele próprio se reconhece como típico esquerdista limusine. É compreensível que a esquerda

mendigue por seus valiosos dólares. Resta saber, entretanto, quem leva suas

ideias realmente a sério.

HARRISON FORD

O “Hansolo” é um conhecido ativista ecológico. O “Indiana Jones” costuma viajar pelo mundo para

divulgar sua luta em prol da preservação ambiental. Esteve inclusive no Brasil, no começo de 2013,

visitando favelas e constatando a importância da construção de prédios ecologicamente corretos.

Harrison Ford é um grande amigo das árvores. Ou não?

É verdade que pode ser visto na Califórnia a circular em seu Toyota Prius, o carro da moda verde.

Isso garante alguns míseros pontos a menos em sua pegada de carbono e vários a mais em sua imagem

de cidadão com consciência ecológica. Mas, se olharmos mais para cima, a história muda

completamente.

Ford é um aviador apaixonado, e tem investido pesado em sua paixão desde os 52 anos. Ele é o

orgulhoso proprietário de nada menos que sete aeronaves! Em uma entrevista para a revista inglesa Live,

o ator ecologicamente correto a rmou que é tão a cionado por voar que com frequência o faz até a costa

só para comer um cheeseburguer.

Isso mesmo, prezado leitor. Quem pode, pode! Quem não pode, se sacode na cadeira com a imensa

cara de pau dessa gente. Toyota Prius é para inglês ver; jatinho para comer um

sanduíche é para inglês

ler. Como muito mais gente olha em vez de ler, eis que sua fama de melhor amigo das árvores continua

preservada, enquanto a prática é outra, bem diferente.

E isso não é exclusividade de Harrison Ford. Na verdade, Hollywood é a segunda cidade mais

poluente de Los Angeles, com seus geradores a diesel para garantir a eletricidade dos estúdios, seus

trailers gigantescos que atendem às demandas excêntricas das celebridades, os caminhões enormes que

transportam todos os equipamentos de lmagem etc. Mas, enquanto Hollywood polui como poucas

cidades, suas celebridades costumam posar como os melhores amigos do meio ambiente. Esquerda caviar

é isso mesmo!

LEONARDO DICAPRIO

Outro grande ícone do ecologicamente correto é o ator Leonardo DiCaprio. Assim como Harrison Ford,

feliz proprietário de um Toyota Prius, também é dado a discursar sobre meio ambiente. Será que teoria e

prática são coerentes em seu caso?

DiCaprio foi o personagem principal do lme A praia, de que inclusive gosto muito, até porque se

trata de uma ácida crítica aos utópicos defensores de uma comunidade simples e perfeita. A praia

igualitária e alegre não tolera o sofrimento, e, quando um colega é mordido por

um tubarão, acaba

deixado do lado de fora, abandonado no meio da mata, com seus gritos de dor penetrando a festa dos

demais, impedidos de se confrontar com o real.

Além disso, ca claro que não é tão igualitária assim, pois há uma líder, que se mostra cada vez mais

autoritária. Por m, a hipocrisia é coroada com a revelação de que que os "alegres" hippies tinham um

acordo com tra cantes que ocupavam o outro lado da ilha. Tudo isso, porém, foge um pouco do ponto

aqui. E qual seria este?

O lme foi rodado nas ilhas Phi Phi, na Tailândia. Um lugar paradisíaco, sem dúvida. Só que era

mais paradisíaco antes de Leonardo DiCaprio e sua trupe passarem por ali. É que os cidadãos locais

alegam que o lugar restou devastado pela produção. A disputa pararia inclusive na Suprema Corte. Em

2006, veio o veredicto de que o lme de fato era culpado pela destruição de parte do meio ambiente

local.

Quantas voltas em público DiCaprio precisa dar em seu Prius para compensar esse estrago que ajudou

a causar em um dos recantos mais paradisíacos do planeta? Isso não importa, porém: o garoto do Titanic

faz tudo para ajudar a salvar o planeta.

Ele chegou a "intimar" o então presidente Bush a ir ao evento Earth Summit,

organizado pela ONU,

para mostrar que se tratava de um líder que olha para o futuro. Detalhe: o próprio DiCaprio não

compareceria. Quando apontaram o inconveniente, alegou “obrigações contratuais” nos Estados Unidos.

Ao que parece, ganhar alguns milhões extras é mais importante do que “olhar para o futuro” do planeta.

CAMERON DIAZ

Quem quer car com Mary? A torcida toda do Flamengo e do Corinthians. Mas, antes de mandar o

currículo e tentar a sorte com Cameron Diaz, vale a pena veri car o que a linda atriz pensa sobre certas

coisas e como age. Se o leitor não se incomodar com a gritante hipocrisia e achar que o lindo par de olhos

compensa, então pode ir em frente. Deixo o alerta aqui, porém.

Em 2005, Diaz foi a apresentadora do documentário Trippin’, da MTV, sobre o meio ambiente. Com

ela, participaram do programa outras celebridades, como Drew Barrymore, Jessica Alba, Eva Mendes e

Justin Timberlake. Visitaram vários locais ecológicos em países do Terceiro Mundo. É tocante a

preocupação dessa gente com a vida dos mais pobres.

Mas muito ajuda quem não atrapalha. E em boca fechada não entra sapo. Só que Diaz não tem o

hábito de fechar a boca. Gosta de falar. E como isso pode ofender os que realmente vivem na miséria! No

Nepal, por exemplo, referiu-se a uma vila com as paredes cobertas de esterco de vaca como “bela” e

“inspiradora”. Não deve ser muito legal para um pobre morador local escutar isso de uma atriz que

partirá de volta para sua confortável casa nos Estados Unidos, deve?

Não acabou. No Butão, Cameron Diaz a rmou que adorara o fato de a riqueza do país não ser

medida em dólares, mas em “Felicidade Interna Bruta” (FIB). O ditador do Butão criou o FIB, em lugar

do tradicional PIB (Produto Interno Bruto), justamente porque felicidade é algo subjetivo, que não se

avalia e estima como a produção de bens e serviços de uma nação.

Ou seja, o FIB serve para mascarar a miséria toda que Diaz achou o máximo. Ela amou o Butão. Mas

volta para a Califórnia, e os butaneses, não. Esses cam lá, no “paraíso”, enquanto a atriz negocia de

forma bem objetiva seu cachê no próximo filme, na casa dos US$ 20 milhões.

Cameron Diaz sabe ser bem persuasiva. Certa vez disse que cada um de nós pode fazer a diferença, e que,

se cada um reciclar as latas de alumínio que usar, então não será mais preciso ter novas latas de

alumínio. Caso a garotada ainda não estivesse convencida, atalhou: “Então pare de ser a porra de um

porco (“a fucking pig”) e recicle suas latas.” E isso, dito por uma das Panteras de Charlie, intimida

qualquer um.

Enquanto o programa mostrava a vida selvagem nos países pobres como algo cool, a equipe de

lmagem e os atores se locomoviam por meio de aviões, helicópteros, barcos e até mesmo uma SUV, que

levou as celebridades até o aeroporto. Que delícia o sabor da santa hipocrisia, não? Milhões para atuar

em um lme, mansões gigantescas com muito conforto, jatos e helicópteros, e a imagem de que se

preocupa muito com o aquecimento global e a miséria do terceiro mundo.

E como conquista essa imagem? Enaltecendo o estilo de vida dos miseráveis que só podem sonhar a

distância com um dia de celebridade em Hollywood. Isso já nem é mais hipocrisia apenas; é crueldade

mesmo, insensibilidade total com o sofrimento daqueles que adorariam sair da miséria e melhorar de

vida um pouco.

Em entrevista para Jay Leno, Cameron Diaz confessou que segue o ditado: “If it’s yellow leave it

mellow, if it’s brown, ush it down.” Traduzindo: se for xixi, deixa rolar para economizar água, e só

puxa a descarga quando for o número dois. Agora o leitor já pode tomar sua decisão com maior

embasamento. Arrisca-se a ter uma linda mulher ao lado, mas com muita hipocrisia, insensibilidade, e

uma casa para lá de fedorenta!

ROBERT REDFORD

O galã Robert Redford é um grande admirador do tirano Fidel Castro, e foi pessoalmente babar o ovo do

ditador. Entre uma palavra elogiosa ao regime cubano e outra, Redford encontrou tempo (e cara de pau)

para atacar a “reduzida” liberdade de expressão... nos Estados Unidos!

Era a gestão Bush, claro, e Redford se colocou praticamente como um dissidente em risco por criticar

seu governo. Não deve ter visto em Cuba como os verdadeiros dissidentes de uma ditadura são tratados.

Em seu lme Sem proteção, Redford tenta reescrever a história e assim pintar sob luzes favoráveis os

terroristas do movimento Weather Underground, comunistas que ignoravam o processo democrático e

desejavam instalar nos Estados Unidos uma ditadura do proletariado. O ator, em entrevista ao jornal O

Globo, declarou:

A causa que o Weather Underground defendia era correta. Eles eram considerados terroristas, porque algumas de suas

ações envolviam violência, mas não se viam como tal. E se autointitulavam representantes da Justiça. Caso precisassem

lançar mão de violência para atingir seus objetivos, que assim fosse. A nal, o governo americano estava atacando outro

país para defender sua ideologia, e o povo não via isso. A mídia também alimentava a história do terrorismo. Isso ainda

existe nos dias de hoje. Eu concordava com a rebeldia deles, mas o ego destruiu o movimento.

Em outras palavras, para o galã de Hollywood os atos terroristas dos marxistas liderados por Bill Ayers, o

camarada de Obama, eram justi cados pois, a nal, o governo americano, democraticamente eleito,

lutava guerras mundo afora para impedir que países caíssem nas garras do comunismo, ideologia

defendida pelo Weather Underground. Alguém ainda acha que talento artístico e beleza são garantias de

inteligência e compromisso democrático?

Outra bandeira associada ao ator é a ecológica, como não poderia deixar de ser. A revista Time o

considerou um dos “super-heróis” do meio ambiente. Nada disso foi impeditivo para que aceitasse fazer

uma campanha para a United Airlines em 2008.

Isso mesmo: uma empresa aérea, a grande vilã do meio ambiente, não foi vista como inimiga na hora

de pagar seu gordo cachê para a gravação de comerciais. Dinheiro antes, ecologia depois.

BRAD PITT

Muitos lembram da imagem de Brad Bitt durante a desgraça em New Orleans, ajudando na

reconstrução do local. Os projetos de casas ecologicamente “sustentáveis” passaram a ser uma bandeira

sua. Pitt é um dos queridinhos dos ambientalistas. Só um detalhe: costuma circular pelo globo em um

jato particular. Quantas casas verdes precisa ajudar a construir para compensar

sua pegada de carbono

tão acima da média nacional?

O astro já pegou um avião para a Alsácia — região da França em que a confeiteira Christine Ferber

produz geleias artesanais — apenas para comprar o produto que ama. Segundo o tabloide britânico The

Mirror, Brad teria cado tão encantado com a geleia de Christine que não sossegou até descobrir o

vilarejo onde a guloseima era fabricada.

Na aventura, o ator levou o lho mais velho, Maddox, de onze anos. Ainda de acordo com a

publicação britânica, voltou para casa com um estoque de geleias orçado em R$ 3,7 mil, que cariam

guardados nas propriedades de Los Angeles e Côte d'Azur da família Jolie-Pitt.

Nada contra gastar o próprio dinheiro com aquilo que dá prazer. Isso é uma bandeira bem liberal,

diga-se de passagem. Mas ca meio estranho queimar tanta querosene de aviação só para comer geleias

especiais e depois bancar o ecologicamente correto, não fica?

ANGELINA JOLIE

Quando lemos a biogra a não autorizada de Andrew Morton sobre a mais sexy celebridade do mundo,

o que emerge é a imagem de uma pessoa bastante perturbada, com várias questões pendentes,

principalmente com o pai, que a levaram várias vezes a manifestar tendências suicidas.

Angelina Jolie é, em diversos aspectos, digna de pena. Foi abandonada no começo de sua vida,

con nada em um quarto vazio e branco com a babá, pois seu pai fora viver com a amante, e a mãe não

suportava sua semelhança com o ex-marido. São os mesmos olhos!

Tudo isso provocaria em Angie um distúrbio de ligação com outro ser humano. Ela não gosta de ser

abraçada e considera lágrimas um desperdício de emoção. Teve ainda uma "pulsão de morte" bastante

estimulada, experimentou todos os tipos de drogas e desenvolveu um gosto estranho por automutilação,

chegando a cortar os pulsos.

A educação que sua mãe, a também atriz Marcheline, deu-lhe foi bem libertina. Por sugestão da

própria, Angie trouxe o namorado para viver junto com elas em casa, isso quando a menina tinha

somente catorze anos! Mais tarde, sua mãe, fã dos Rolling Stones, fez de tudo para aproximar a lha do

cantor Mick Jagger, apaixonado por ela. Chegariam a ser amantes, mas nada além disso.

Bissexual assumida, Angie sempre gostou de chocar as pessoas. Certa vez, em uma cerimônia do

Oscar, deu um beijo na boca de seu irmão e se declarou apaixonada por ele. Seu pai, o ator Jon Voight,

tentou várias vezes se reaproximar da lha e convencê-la a procurar ajuda, mas o rompimento entre

ambos parece de nitivo. Angie chegou a se esconder dele algumas vezes, evitando qualquer contato com

o pai desesperado.

E por que isso tudo teria ligação com a esquerda caviar? Apenas pelo fato de que uma pessoa tão

comprometida psicologicamente acabaria transformada em embaixadora da Boa Vontade pela ONU,

assumindo o cialmente a posição de representante dos desprovidos. Não seria melhor procurar

tratamento pessoal antes de tentar salvar o mundo?

Andrew Morton, ao relatar o dia em que Angelina ngira não ter visto seu pai, toca em um ponto-

chave:

Essa é uma espécie de metáfora: a embaixadora da ONU rodando freneticamente pelo mundo, cheia de boa vontade com

os desprovidos e esquecidos, mas sem nenhuma para com o seu próprio pai.

Angelina partiu em busca da “família arco-íris”, adotando vários lhos em países miseráveis diferentes.

Seu primeiro lho, Maddox, foi adotado no Camboja pouco tempo depois de ela ter sido internada em

decorrência da separação de Billy Bob. Nesses países, os astros são tratados como deuses e desfrutam de

vários privilégios das autoridades.

Até que ponto é eticamente defensável celebridades perturbadas como Angelina e Madonna

aplacarem suas angústias e carências com a adoção de meninos como animais de

estimação comprados

em uma loja? A colunista Tracy Dingmann, ela mesma uma criança adotada, observou:

Para mim, parece que Jolie está colecionando bonitinhas crianças mestiças, assim como ela coleciona tatuagens.

Angelina foi reconhecida como uma das cem pessoas mais in uentes de 2008 pela revista Time. Atores

ativistas se tornaram cada vez mais a regra em Hollywood, não a exceção. Sua visão política sequer é de

esquerda, e está mais para uma postura independente mesmo. Mas isso não nos impede de re etir sobre

até que ponto as estrelas de Hollywood, com suas vidas tresloucadas, devem posar como exemplos de

bom comportamento mundo afora.

GEORGE CLOONEY

O galã de Hollywood gosta que todos saibam qual o seu veículo de transporte em Los Angeles: um

Tango elétrico, provavelmente o carro mais feio já criado. Mas George Clooney é apenas mais um entre

as celebridades que andam pelo mundo em jato particular. Uma viagem sua de Los Angeles a Tóquio

consome sete mil galões de querosene de aviação. Haja quilometragem naquele carro ridículo para

compensar um único voo do conquistador de Hollywood!

Ao lado de Brad Pitt e Matt Damon, Clooney é um dos fundadores do “Not On Our Watch”, uma

ONG que pretende chamar atenção para as vítimas de locais distantes, como Darfur. Quando o Sudão

precisou de uma exposição, ele ajudou, aproveitando para atacar o presidente Bush por inação. O

problema é que Obama, um aliado próximo e querido da turma, nunca é alvo do mesmo tipo de pressão

ou ataque.

Clooney, que fez fama como o médico de E.R., parece ter compaixão bem seletiva. Quando o líder da

National Ri e Association (NRA) cou doente, o ator não perdeu tempo e fez piada da situação:

“Charlton Heston anunciou novamente hoje que ele está sofrendo de Alzheimer.” Quando alguns

reagiram negativamente à falta de sensibilidade, o ator insistiu em sua postura: “Eu não ligo. Charlton

Heston é o chefe da NRA; ele merece tudo aquilo que as pessoas falam dele.”

Até a agenda politicamente correta das almas sensíveis abre exceções quando o inimigo é o alvo. Sobre

Newt Gingrich, o republicano que disputou as primárias de seu partido, Clooney soltou esta pérola, aos

risos: “Gingrich parece um dinossauro; o homem não tem braços...” Podemos apenas imaginar a reação

da patrulha se fosse um ator republicano fazendo esse tipo de piada de um político democrata.

BARBRA STREISAND

Poucas celebridades são tão engajadas nas causas esquerdistas como a cantora e

atriz Barbra Streisand.

Ela destina quase 30% dos ativos de suas fundações para lutas “progressistas”, como o feminismo, o

ambientalismo e os direitos civis das minorias. Sua reputação de ícone da esquerda atravessou fronteiras,

e Hugo Chávez chegou a solicitar sua presença como aval de eleições honestas na Venezuela.

Mas Streisand, que ama a humanidade, coleciona várias histórias em Hollywood que pintam um

quadro bem diferente. Sua fama de cruel ou indiferente com os trabalhadores se alastrou pela região

toda. Os membros de sua equipe recebem instruções de não olhar diretamente nos olhos da celebridade.

O mesmo recado fora dado aos funcionários do hotel MGM Grand em Las Vegas, quando Barbra foi

realizar um concerto que lhe rendeu US$ 10 milhões.

Até mesmo sua então admiradora e biógrafa Anne Edwards cou estarrecida com tais atitudes.

Constatara que as demandas autoritárias, impondo aos funcionários punições severas caso rompessem o

silêncio obrigatório sobre sua vida, não pareciam adequadas aos valores esquerdistas tão caros a ela.

Anne desabafou: “O duplo padrão aqui é tanto chocante como desapontador.”

Quando em Nova York, em 1993, para ouvir o discurso inaugural de Bill Clinton, Barbra quis saber

se seu quarto era o maior do hotel. Ao descobrir que não, exigiu mudança

imediata para o maior. Só

havia um problema: no quarto estavam os pais de Hillary Clinton! Mesmo sabendo disso, a hiperegoica

atriz não recuou e exigiu que o casal idoso fosse retirado. Exigência não atendida (nem a aristocracia

hollywoodiana pode tudo), mudaria de hotel.

Certa vez foi agrada procurando uma SUV na loja, um carro tipo Land Rover ou Jeep Grand

Cherokee. A morte para uma inveterada ambientalista. Barbra fez de tudo para impedir a divulgação das

imagens. O fotógrafo fora visto por Streisand. Quando chegou em casa, já estava lá o xerife, com ordem

de prisão por stalking (perseguição persistente e invasão de privacidade), com ança inicial de US$ 1

milhão!

Barbra possui várias empresas de produção cinematográ ca, sendo a mais bem-sucedida a Barwood

Films. Assim como Michael Moore, gosta de lmar e trabalhar na pós-produção no Canadá, não por

alguma paixão por ursos, e sim porque paga menos impostos.

Após 27 anos distante dos palcos, houve muito interesse pelo primeiro concerto da turnê de retorno.

Os lugares na frente, perto do palco, saíram por mil dólares cada um. Uma esquerdista bem popular e

nada gananciosa!

As fundações de Barbra Streisand mantiveram por vários anos investimentos de

milhares de dólares

em empresas como Williams Companies, Schlumberger, Patterson Energy, Nabors Industries e British

Petroleum. O que todas têm em comum? São ligadas ao negócio de exploração de petróleo, o inimigo

número um dos ecoterroristas.

A campeã dos direitos das minorias, quando toca suas empresas parece pensar mais no lucro do que

nas causas sociais. De 63 produtores e diretores contratados para vários projetos desde 1983, apenas um

era negro. Era Whoopi Goldberg. Assim é Barbra Streisand. Assim é a esquerda caviar.

RICHARD GERE

O Dalai Lama de Hollywood é, sem dúvida, Richard Gere. A causa tibetana é automaticamente

associada ao ator. E, como não poderia deixar de ser, a sua receita para combater o terrorismo não é

serviço de inteligência, intimidação pela força, punição, nada disso. É o amor! A compaixão!

Os terroristas, segundo Gere, carregam um karma muito negativo, e por isso criam essa situação, esse

futuro horrível. Eis a solução proposta: se pudermos enxergar esses terroristas como parentes que estão

muito doentes, e que precisam de remédios, então esse remédio será amor e compaixão, pois não há algo

melhor.

Se Obama tivesse escutado Richard Gere, os marines da operação que culminou na morte de Osama

Bin Laden teriam entrado no esconderijo com rosas, não armas. E, claro, o mundo caria mais

tranquilo, como no Tibete...

O próprio Dalai Lama não passa de um fanfarrão, de um traidor de seu povo, que encanta as

senhoras entediadas do Ocidente, que só querem saber de discurso bonitinho e nada mais. O exército

comunista chinês oprime e domina seu povo, e ele prefere repetir que o verdadeiro inimigo está “dentro

de nós” (que fofo!). Depois, ainda vira para uma plateia de estudantes chineses e assume ser um...

marxista!

Será que não sabe que o marxismo foi o responsável pela morte de milhões de pessoas e pela

escravidão de seu próprio povo? Como satirizara meu amigo Alexandre Borges: o que exatamente um

sujeito escolhido para um cargo vitalício na infância entende de mobilidade social e meritocracia?

Ambos, Richard Gere e seu ídolo Dalai Lama, poderiam dar as mãos e rodar os países sob regimes

tirânicos distribuindo beijos, rosas e perguntando: Dança comigo?

JAMES CAMERON

O produtor e diretor de Avatar — lme que despertou suspiros de muitos ecochatos ao retratar a vida

maravilhosa de um povo azul em conexão com a Mãe Natureza — não gosta da ideia de viver de acordo

com o que prega. Vida bucólica e simples em meio às árvores, para fugir dos predadores ambientais, as

grandes corporações? Menos...

Cameron é dono de três casas somente em Malibu, que somam mais de 2.200 metros quadrados. Isso

equivale a dez vezes o tamanho médio das residências americanas. Fora isso, o bilionário cineasta

também possui um rancho de cem acres em Santa Bárbara, um helicóptero, três motocicletas Harley-

Davidson, um Corvette, uma Ducati, um Ford GT, um iate, uma caminhonete Humvee e, para nalizar,

uma frota de submarinos particulares!

Não obstante o complexo industrial (e até mesmo militar) por trás da produção desses brinquedos

todos, resta aventarmos sobre quanto combustível precisa ser queimado para colocar essa frota a rodar. E

cabe perguntar: quantas árvores precisam ser derrubadas para tanto, ou quanto carbono deve ser

emitido?

Claro que são questões que somente um liberal chato faria. O importante é aquela cena linda, quando

os seres azuis se ligam às árvores e sentem praticamente um orgasmo, pois a natureza virgem é uma

deusa!

JOHN TRAVOLTA

Quando John Travolta não está ocupado ameaçando ex-funcionários que relataram seus supostos

relacionamentos homossexuais, gosta de dar aulas sobre a importância de cada um fazer sua pequena

parte em prol do ambiente. Claro, a parte que lhe cabe não é nada pequena, e tampouco vai na mesma

direção do que prega.

Travolta possui nada menos que um Boeing 707 na garagem. É piloto, e gosta de viajar pelo mundo

conduzindo seu gigantesco avião... Sozinho! O mesmo combustível queimado para transportar centenas

de pessoas nos voos comerciais é consumido para dar satisfação ao ator.

Fora o Boeing, possui outros aviões e jatos. Sua mansão, vista de cima, é cinematográ ca. Em vez de

carros, como em casas normais, estacionados estão jatos, em hangares, ao lado da pista de decolagem.

Jamais se esqueça, porém, de fazer a “sua pequena parte” pelo meio ambiente, indo para o trabalho de

bicicleta e usando sacolas recicláveis, para que John Travolta possa continuar pilotando seu Boeing como

quem não quer nada...

BRUCE SPRINGSTEEN

O cantor, que se identi ca com o operário simples, de colarinho azul, é um dos principais cabos eleitorais

de Obama. Bruce Springsteen faz vários shows para levantar recursos para o

Democrata e endossa sua

luta por “justiça social”, leia-se: mais impostos sobre os “ricos”, que na verdade recaem sobre a classe

média.

Tudo muito bem, não fosse sua constante preocupação em reduzir os seus impostos, ainda que se

utilizando de brechas legais. O cantor, que ganha milhões enquanto posa como guardião das classes

baixas, economiza milhares de dólares em impostos com mecanismos um tanto obscuros. Declara-se um

fazendeiro dentro do limite estadual, o que lhe garante subsídios scais em toda a sua enorme

propriedade. A ganância parece ruim apenas quando é dos outros.

Além disso, algo como 15% da venda total de seus discos se dá pelo canal de distribuição da Wal-

Mart. A gigantesca rede de varejo, como sabemos, é vista como inimiga número um dos trabalhadores

simples, pois não aderiu ao jogo de sindicalização que, no fundo, atende aos interesses apenas dos

sindicalistas.

Para Bruce Springsteen e seus colegas de ideologia esquerdista, a Wal-Mart é uma exploradora do

trabalho escravo (que me parece bastante voluntário) e viola as leis trabalhistas. Nada disso vem ao caso

quando se trata de usá-la para engordar sua conta bancária. Que nobre!

OLIVER STONE

Oliver Stone é dos maiores ícones da esquerda caviar em Hollywood. Profundo admirador de Fidel

Castro, que considera uma das pessoas mais sábias do mundo, o cineasta é das vozes mais virulentas

contra a América e o que representa (ou representava) para o mundo.

Fosse por Stone, os Estados Unidos já seriam uma grande Cuba, com ele ao lado do ditador

decidindo os rumos do povo inteiro, entre uma baforada e outra de charuto (ou de maconha, já que

adora tanto a erva que saiu na capa de uma revista puxando um “baseado”).

Seus antiamericanismo e antissemitismo são tão patológicos que, em uma entrevista em 2010 para o

Sunday Times, conseguiu minimizar até o Holocausto. Alegou que a xação americana com a tragédia

que aniquilou 6 milhões de judeus era meramente o resultado final de um “domínio judaico da mídia”.

Ainda na toada antissemita, encontrou-se com o então líder iraniano Ahmadinejad, aquele que

pretende “varrer Israel do mapa”. Stone deu uma declaração que é marca registrada da esquerda caviar,

ao tentar se sair como neutro quando já escolhera claramente um lado, o pior deles. A rmou que o Irã

não é “necessariamente” o mocinho, mas que nós não sabemos da história toda!

Para Stone, o 11 de Setembro consistira numa “revolta” dos muçulmanos, um grito de “dane-se seu

sistema”. A forma trivial com a qual tratou o atentado, responsável pela perda de

milhares de vidas

americanas inocentes, faria com que até o progressista Christopher Hitchens perdesse a calma. Hitchens

chamou Stone de idiota, o que, convenhamos, é até um elogio.

Esse radical comunista deu apoio ao “moderado” Obama. Declarou que gostava do presidente e que,

entre suas qualidades, estaria justamente a moderação, a tentativa de reformar o sistema. Isso vindo de

alguém que considera Fidel Castro um grande líder! Melhor pensar duas vezes antes de defender

Obama, caro leitor, pois suas companhias não serão das melhores.

Em 2009, Oliver Stone resolveu fazer um lme sobre Hugo Chávez. O socialista venezuelano, para o

cineasta, era um líder “bravo”, que valorizava a liberdade de expressão. Isso dito enquanto o tiranete

perseguia qualquer opositor de sua revolução bolivariana. Eis o compromisso com a verdade desses

produtores de Hollywood engajados em suas ideologias retrógradas.

Quando Chávez morreu (ou melhor, quando sua morte foi o cialmente divulgada), Stone veio a

público lamentar a perda desse grande “herói”, que lutava pela paz mundial (mas sempre apoiando

Ahmadinejad?). Acrescentou que Chávez era odiado apenas pelas classes altas entrincheiradas no poder,

ignorando que o próprio estava no comando do país havia mais de década, espalhando muita riqueza

entre seus familiares e camaradas da elite corrupta, todos andando de carrões e levando vidas

nababescas.

Circulam várias fotos nas redes sociais desse luxo todo, adorado pelos herdeiros do socialista Chávez.

Não esperem, porém, que essas imagens apareçam em algum filme ou documentário do cineasta.

Por outro lado, podem contar com mais uma patética tentativa de reescrever a história. Oliver Stone,

na nova série “e Untold Story of the United States”, tenta recontar a história americana dos anos 1930

em diante. Trata-se de uma peça de propaganda soviética escancarada, a rmando que Stálin era

praticamente um paci cador, que estava junto com Roosevelt para derrotar os fascistas, que venceram

juntos a Segunda Guerra, mas que os “fascistas” (os conservadores americanos) fabricaram a Guerra Fria

e os Estados Unidos perderam assim a chance histórica de ser um país mais justo, igualitário e socialista.

É mole?

WHOOPI GOLDBERG

A atriz de Ghost é uma raivosa defensora dos “progressistas”. Quando participou de um debate na

televisão, em que seu oponente atacou (com argumentos) o presidente Obama, Whoopi Goldberg perdeu

a linha. Aquilo era demais da conta. Como alguém ousava criticar Obama?!

Sem ter meios de rebater as críticas, partiu para o que a esquerda caviar faz melhor: atacou as

intenções do oponente e blindou seu guru de qualquer crítica, a rmando: “Quando você mostra esse

desrespeito insano ao presidente de seu país, outros países pensam que somos idiotas.”

Curioso, já que a própria atriz fora uma das vozes mais desrespeitosas quando o presidente era George

W. Bush! Um peso, duas medidas. Quando os “progressistas” amigos de Goldberg chamaram Bush de

Hitler, ninguém viu a atriz surgir revoltada, alegando que esse tipo de desrespeito era prejudicial aos

próprios americanos.

Pelo visto, ser um “dissidente” é patriótico apenas quando algum republicano está na Casa Branca;

quando é um democrata, deve-se ter “respeito ao ofício” em homenagem aos valores democráticos e ao

patriotismo.

Talvez a explicação esteja nos critérios ideológicos da atriz. A nal, Whoopi já a rmou que não vê o

comunismo como algo ruim, de forma alguma. Muito pelo contrário: citou sua própria experiência de

vida, nos anos 1980, na Alemanha Oriental, como ponto positivo para o regime. Lembremos que o lado

oriental era aquele com o muro que impedia a saída do próprio povo...

JACK NICHOLSON

O ator foi um dos que já visitaram Cuba in loco, e aparentemente gostou muito do que viu. A nal, Jack

Nicholson declarou que Fidel Castro era um “gênio”, e tão humanista quanto Bill Clinton. Quem

considera Fidel um gênio é o quê? Um débil mental?

Alguém mais afeito a teorias conspiratórias, talvez como Oliver Stone, poderia pensar que o ator

aprontara tanto em Cuba que o tirano caribenho lhe propusera uma chantagem, exigindo palavras

elogiosas em troca da não divulgação de imagens comprometedoras.

Conspirações à parte, o fato é que Nicholson acabou preferindo regressar para os Estados Unidos e

viver no conforto capitalista, em vez de permanecer no paraíso construído por esse incrível gênio. Mas

isso é detalhe.

Um exemplo questionável de comportamento moral, Nicholson daria um conselho vital para seus fãs:

só se deve mentir para duas pessoas na vida, a namorada e o policial. Faltou admitir que se pode mentir

para milhões de idiotas úteis que acreditam em seus elogios ao cruel ditador cubano...

MATT DAMON

Matt Damon abraça causas politicamente corretas como poucos, inclusive o paci smo. Criado por uma

mãe hippie, foi incentivado a adotar a máxima de “paz e amor” em sua vida.

É por isso que a rmou que costuma sempre olhar o script antes de aceitar o

papel, buscando

personagens e lmes sem violência “gratuita”. A nal, diz que realmente acredita na in uência que os

lmes exercem sobre o comportamento das pessoas. O orgulhoso ator alega que recusou trabalhos com

base nesse critério.

Nem desejamos saber quais obras seriam essas, quando pensamos naquelas que ele aceitou fazer! A

trilogia Bourne, por exemplo. Excelentes lmes de ação, com muita perseguição e adrenalina. Mas, sem

violência? Só para os critérios dos povos do Oriente Médio em guerra civil, ou do pacifista Damon.

Em apenas um deles o ator recebe quase US$ 30 milhões. Ao que parece, todo o paficismo herdado da

mãe hippie foi deixado de lado na hora de assinar o contrato e colocar mais alguns milhões na conta

bancária. Até os pacifistas precisam viver, não é mesmo?

Com a mãe professora, Damon é fervoroso defensor do ensino público. Para os outros. Na hora de

escolher a escola de suas lhas, não teve jeito: o amor falou mais alto, e foram para uma escola

particular.

O astro tentou se defender, alegou que não tivera opção, uma vez que a qualidade do ensino público

não é mais a mesma. Falso. Ele teve escolha. Quem não têm escolha são os pobres, que precisam engolir

o ensino que o governo oferece.

Se Damon quisesse estender sua capacidade de escolha aos mais pobres, seria defensor dos vouchers,

mecanismo que permite o nanciamento estatal para que os carentes possam pagar pelo ensino privado,

de melhor nível. Mas aí teria de abandonar a retórica sensacionalista e focar nos resultados. Deixaria de

ser da esquerda caviar...

GERARD DEPARDIEU

Quando não está fazendo xixi no meio do corredor do avião, ou atuando como Obelix, o ator Gerard

Depardieu também faz contas. E, apesar de seu discurso tradicional de esquerda, esquerdismo tem

limites!

Quando o presidente socialista francês Hollande resolveu subir os impostos

sobre os mais ricos para

75% (lembrando que os escravos meeiros precisavam entregar “apenas” a metade do que ganhavam), foi

a gota d’água para o famoso ator.

Depardieu comprou uma propriedade na Bélgica e avisou que estava se mandando do país, que não

reconhecia a meritocracia como valor. Alegou que pagara quase US$ 200 milhões em impostos durante

sua longa vida de trabalho. Esquerdismo só é bonitinho na teoria. Quando colocam em prática, sai de

baixo!

Meu colega de Instituto Millenium, Bruno Garschagen, resumiu bem a coisa: “Ser socialista é, acima

de tudo, buscar ser privilegiado e preservado do ataque estatal ao próprio bolso.” Quando o socialismo

não poupa as celebridades, então é hora de partir para um lugar mais capitalista.

BEN AFFLECK

Ben Affleck é tão engajado que chegou a ser cotado para concorrer ao Senado pelos democratas. Foi

premiado com o Oscar de melhor lme em 2013 por Argo, aquele thriller emocionante, que começa com

tirinhas de desenho animado, em que ca claro que o aiatolá Kohmeini só chegou ao poder por culpa

dos Estados Unidos.

O ator e diretor pensa que entende mais de Islã do que os demais americanos, e a rmou que aquela

parte do mundo é pouco compreendida em seu país. Ele, o expert no assunto, alega que a percepção de

que o Islã é mais violento do que o cristianismo é falsa. Podemos apenas esperar que jamais seja

apontado secretário de Estado.

Ele lamentou o avanço da agenda de direita durante a gestão Bush, que ameaçaria as liberdades civis,

citando a agressividade do Patriot Act como exemplo. Mas, quando Obama assumiu o poder, e não só

manteve como aumentou o escopo arbitrário da prerrogativa, preferiu o constrangedor silêncio.

Affleck, como não poderia deixar de ser, prega a importância do voto, especialmente para a garotada.

Em um desses eventos, disse que estava ali para demonstrar que não importa em quem você pretende

votar, desde que vote. O importante é se envolver. No dia da eleição, abriu ao grande público o que

todos já sabiam, que seu voto seria dos democratas (que surpresa!).

Só um pequeno detalhe: um levantamento mostrou que o ator só havia votado uma única vez nos

últimos dez anos! Sair de casa e preencher as chas dá muito trabalho, sabe como é... Faça o que digo,

não o que faço.

SEAN PENN

O grande ator e ex-marido de Madonna talvez seja “o” ícone da esquerda caviar em Hollywood. Causa

progressiva é com ele mesmo! Filmes que enaltecem a vida simples na natureza, os gays oprimidos, ou

qualquer visão antiamericana, eis o currículo do astro que adora Fidel Castro.

Penn é um paci sta também (apesar das acusações de que batia em Madonna), e por isso detestava

Bush e a Guerra do Iraque. Seu paficismo, entretanto, nunca atravessou fronteiras. Ele não tem problema

com a ditadura cubana; muito pelo contrário. Trata-se de uma luta justa contra os opressores. A

América, claro!

Penn não gosta de armas. Exceto a sua própria. Quando seu carro foi roubado em um restaurante de

Berkley, havia uma Smith & Wesson calibre 38 e uma Glock 9mm carregada em sua mala. Durante seu

casamento com Madonna, um grupo de paparazzi sobrevoou a área, apenas para ser recebido por um

noivo em fúria, que apontava uma arma para os fotógrafos abusados. Paci smo assim só mesmo em

Hollywood.

É um igualitário também, defensor da “justiça social” (aquela existente em Cuba e na Venezuela).

Mas isso não o impede de agir como um verdadeiro aristocrata, comportamento comum às celebridades

mimadas. Certa vez obrigou um de seus assistentes a nadar no poluído East River, em Nova York,

apenas para lhe conseguir um maço de cigarros! É aquela coisa: todos iguais,

mas uns mais que outros...

Quando a morte de Hugo Chávez foi nalmente divulgada, Sean Penn competiu com Oliver Stone

para ver quem babava mais o ovo do defunto. A rmou que o povo americano perdia um amigo (?) e que

os pobres do mundo todo perdiam um “campeão”. Penn, em seguida, lamentaria a perda de um grande

amigo pessoal e desejaria sucesso na continuação da revolução bolivariana. Com amigos assim, os pobres

venezuelanos sem dúvida não precisam de inimigos.

O ator encontrou tempo em sua agitada agenda para voar até a Venezuela e prestar homenagem ao

caudilho amigo em seu funeral. Já quando o ator brasileiro Ariel Goldenberg, com síndrome de Down,

fez uma grande campanha para trazer a celebridade ao Brasil e conhecê-lo, seu sonho na vida (cada um

com suas manias), o astro de Hollywood ignorou o pedido e preferiu seguir com sua luta pela “justiça

social”, aquela existente em Cuba e na Venezuela.

O garoto acabou tendo de viajar a Los Angeles para conhecê-lo e foi recebido na praia particular do

ator socialista. Assim é fácil defender Cuba, né? Talvez Sean Penn inveje o camarada Fidel, que tem

várias praias particulares. Aliás, que será que pensaria da letra revolucionária do Ultraje a Rigor, aquela

do “nós vamos invadir sua praia”? Acho que essa coisa de igualdade tem limites

até para os igualitários...

Melhor assim: ganha o Brasil com a ausência do ator por aqui. Ninguém merece celebridades idiotas

fazendo propaganda socialista. Guilherme Fiúza, um dos maiores combatentes dessa “marcha dos

oprimidos”, escreveria um artigo no jornal O Globo pedindo: “Não vem, Sean Penn.” A rma: “A

esquerda festiva sempre foi ridícula em qualquer lugar, mas a de Hollywood é imbatível.” E acrescenta:

Assim são o chavismo e seus derivados: esconda-se atrás de um símbolo social (a mulher, o operário, a vítima da

ditadura) e navegue à vontade no proselitismo. Pode mentir numa boa, pode afundar as empresas de energia para forjar

uma conta de luz barata, pode ludibriar o contribuinte para adular o consumidor, pode maquiar as contas públicas para

esconder a gastança eleitoreira, pode vampirizar a Petrobras e depois usá-la para soltar pan etos de “capacitação da

mulher”, pode tudo isso que enche os olhos dos astros abobalhados de Hollywood.

Diante disso, só nos resta fazer coro ao colunista: não vem, Sean Penn! Fique em sua praia particular,

longe do povão, curtindo sua fortuna. Mas, por favor: deixe os humildes trabalhadores dos países mais

pobres em paz. Eles não precisam de amigos como você...

BONO

Paul David Hewson é seu nome, mas pode chamá-lo de Bono (o bom). Ele

merece! A nal, quando

pensamos nas pobres crianças africanas, automaticamente vem à mente sua imagem descolada, com

óculos escuros da Prada, lutando por mais justiça na região. Bono, o salvador dos africanos!

O líder do U2 é um dos mais ativos defensores da tese de que os governos ricos ocidentais devem

ajudar a combater a miséria africana. O único problema disso, como já vimos, é que tal “ajuda” acaba

perpetuando a situação nesses locais, criando dependência ou ajudando a nanciar as elites organizadas

no poder, não raro ditaduras corruptas e violentas. Intenções valem mais do que resultados?

A estratégia usada por Bono é aquela conhecida da esquerda caviar: incutir culpa nas pessoas (ele

mesmo diz reconhecer a sua). Seu discurso faz qualquer um com uma vida minimamente decente se

sentir responsável pela pobreza africana.

Com essa tática, conseguiu convencer autoridades a perdoar dívidas desses países miseráveis, inclusive

autoridades de países pobres como o Brasil. A presidente Dilma, tal como Lula zera, perdoou quase um

bilhão de dólares de dívidas africanas, bene ciando ditadores nababos e mostrando como fazer caridade

com o chapéu alheio é fácil (e o Brasil nem precisa de recursos, pois, como sabemos, não tem pobreza).

Resta explicar ao cantor e à presidente Dilma que, agindo assim, as nações mais ricas perdem o interesse

em emprestar mais dinheiro a esses países pobres.

Em 2002, ele contou à revista People uma fábula sobre a diferença entre americanos e irlandeses. O

americano, quando viu uma mansão, disse que um dia viveria em uma casa daquelas. Já o irlandês disse

que um dia pegaria o bastardo que morava naquele lugar. Talvez isso explique a postura do astro: mesmo

com mais riqueza acumulada que o Tio Patinhas, insiste em tomar o dinheiro dos pagadores de impostos

americanos de classe média para fazer caridade. O lance é distribuir o bem, mas com com recursos dos

outros.

Bono fez questão de se encontrar com Lula ao chegar no Brasil e disparou elogios ao então

mandatário brasileiro. Ao mostrar uma foto do ex-presidente no show, foi alvo de vaias. Seria melhor se

procurasse se informar mais antes de pregar suas causas politicamente corretas. Talvez tivesse sabido do

“mensalão”, do escândalo dos dólares na cueca, do lamaçal em que o PT se atolou e das medidas

autoritárias que Lula tentou passar no Congresso.

Tivesse Bono estudado mais a fundo o caso brasileiro, saberia que Lula representa o oposto de tudo

aquilo que possibilitou a reviravolta de seu país. A Irlanda só conseguiria reduzir

bem a miséria ao

abraçar reformas liberais. Os impostos corporativos foram reduzidos para 12,5%, um dos mais baixos da

Europa. A Irlanda se tornou um enorme ímã de investimentos de americanos e ingleses, que são também

os maiores parceiros comerciais do país.

Mas nada disso impediu que Bono ignorasse esse abismo existente entre os discursos populistas do

nosso ex-presidente e a realidade dos fatos. Estivesse o cantor mais bem informado e mais livre das

amarras do politicamente correto, poderia ter dado um recado muito melhor ao mundo. Poderia ter

condenado a demagogia de Lula, assim como suas ideias antiliberais.

Bono é uma voz importante na luta pela “justiça social” planetária, costuma discursar em Davos, quer

maior transferência de recursos dos ricos para os pobres, mas não quando chega a seu bolso. O quase

bilionário cantor mantém a sede de seu conglomerado nanceiro em paraísos scais, para pagar menos

impostos. É um grande especulador e investidor em hedge funds, e seu grupo chegou a ter 40% da revista

Forbes, uma fatia avaliada em quase US$ 300 milhões.

Quando a Irlanda cortou algumas molezas para artistas, Bono não pensou duas vezes e mudou sua

organização para a Holanda. Os milhões todos que lucrou com as ações do Facebook não serão

transferidos para os africanos. Acha, porém, que o John e o Jack devem pagar mais impostos nos Estados

Unidos para salvar os miseráveis da África...

Além disso, quando é uma empresa americana como a Apple que apela para o planejamento

tributário, para fugir legalmente dos pesados impostos corporativos, é execrada publicamente, e os

políticos de esquerda clamam por menores brechas. Mas quando é o Bono quem utiliza a mesma tática,

isso não tem problema, pois é legal e defende os oprimidos.

Aliás, na biogra a de Steve Jobs escrita por Walter Isaacson consta o relato das negociações entre a

Apple e o U2. Fica claro que Bono não jogava de forma leve. Era ganancioso. Queria um modelo em que

as vendas de seu novo disco disparassem, evitando os downloads ilegais (ou seja, dinheiro escorrendo

pelo ralo). Steve Jobs chegaria a desabafar sobre a iminente parceria: “Não acho que isso vai acontecer.

Eles não percebem quanto estamos dando a eles, a coisa vai mal. Vamos pensar em outro anúncio para

fazer.”

Justiça seja feita, Bono realmente repassa parte de sua fortuna para a caridade. Segundo um relatório do

New York Post, as doações de sua fundação chegaram a quase US$ 15 milhões em 2008, ano mais

recente com dados disponíveis. Desse montante, segundo a Receita (IRS),

somente US$ 185 mil foram

distribuídos entre três projetos de caridade. E mais de US$ 8 milhões, usados para pagar salários dos

funcionários e executivos! Pelo visto, Bono ajuda mais os seus companheiros do que os africanos...

William Easterly, que trabalhou no Banco Mundial e escreveu importantes livros sobre os efeitos

nefastos da ajuda internacional aos países africanos, tocou no ponto nevrálgico em um artigo no Los

Angeles Times chamado “What Bono Doesn’t Say about Africa”: “Poderia a África estar salvando mais

as carreiras das celebridades do que as celebridades salvando a África?” Com a palavra, o leitor.

Easterly começa seu livro ϵe White Man’s Burden lembrando que o Ocidente já gastou, nas últimas

cinco décadas, US$ 2,3 trilhões em ajuda internacional e ainda não conseguiu que as crianças tomassem

remédios de doze centavos para prevenção contra a malária ou tivessem camas de US$ 4 para dormir, ou

não precisassem mais carregar armas em vez de ir à escola. O autor desabafa: “É uma tragédia que tanta

compaixão bem-intencionada não tenha trazido esses resultados para as pessoas necessitadas.”

Mas eis que Bono, liderando quase toda a esquerda caviar, pensa que a saída seja ainda mais ajuda

nanceira dos países ricos. Isso retrata com perfeição o fenômeno da esquerda caviar: tudo para se sentir

bem consigo mesmo, e nada de se preocupar com os resultados efetivos das ações.

Apesar disso, conseguiria me surpreender com um lapso de bom senso. Na verdade, ele próprio caria

surpreso. Em um discurso na Goergetown University, Bono simplesmente defendeu o capitalismo como

melhor forma para redução da miséria. Disse, após simular espanto por um roqueiro dizer tais coisas: “A

ajuda é apenas um tapa-buraco. O comércio e o capitalismo empresarial tiram muito mais pessoas da

pobreza do que as ajudas, é claro, já sabemos disso.”

Sabemos mesmo? Bom, eu sei, assim como boa parte dos leitores deste livro. Mas o público-alvo do

cantor não sabe, e, como vimos, nem ele mesmo sabia. Seria fantástico se Bono usasse sua fama para

divulgar os valores de livre comércio em vez de perdão das dívidas africanas. Eu até poderia tirá-lo da

lista de ícones da esquerda caviar.

Contudo, foi apenas um “escorregão” mesmo. Logo depois, o megapopstar voltaria a seu normal, ou

seja, um típico membro da elite culpada em busca de aplausos fáceis e da imagem de bom moço. Juntou-

se ao chefe do chefe do mensalão, o ex-presidente Lula, considerado por ele um “tesouro internacional”,

para propor esmolas assistencialistas planetárias.

Bono quer criar o Bolsa-Família mundial, pois reformas locais são coisas chatas

de liberais. Disse

ainda que Lula, após Nelson Mandela, transformara-se “no grande interlocutor mundial dos pobres”.

Algumas pessoas nas redes sociais, revoltadas com a comparação a Mandela, zeram troça, a rmando

que Lula poderia começar a imitação ficando 27 anos na cadeia. Que maldade!

Resta saber o de sempre: Bono vai pagar a conta? Não! A fortuna dele, como vimos, está muito bem

guardada em países com menos impostos. E Lula, o “pai dos pobres”, anda cobrando milhares de dólares

por cada palestra “abnegada” mundo afora. A esquerda caviar não se emenda mesmo.

OPRAH WINFREY

A lei das consequências não intencionais deveria ser ensinada a toda celebridade. Oprah precisava saber

disso. Sua “escola para garotas”, criada na África, transformou-se em uma casa de horrores, com vários

testemunhos de alunas — inclusive perante a corte, na África do Sul — vítimas de abusos sexuais por

parte das supervisoras. A realidade, esta ingrata!

Oprah é a rainha do politicamente correto, e fez verdadeira fortuna valendo-se disso (seu patrimônio

é estimado em mais de US$ 2 bilhões). Seu programa, quase sempre voltado à vitimização, angariou

enorme audiência, o que lhe concederia o título de uma das mulheres mais poderosas do mundo. A

força de Oprah vem da exploração da fraqueza alheia. É um paradoxo que uma mulher tão poderosa seja

identificada com a fragilidade feminina.

O sofrimento dos “oprimidos”, das “minorias”, das mulheres, quanto mais gente estiver disposta a

chorar em público, a se lamuriar em busca de comiseração, mais força e mais dinheiro terá a

apresentadora. Às vezes até uma celebridade como Tom Cruise encontra ali o palco perfeito para mostrar

afetação patética, saltitando no sofá e declarando seu amor por Kate Holmes para desviar boatos de uma

suposta homossexualidade. Oprah, que alguém mais duro poderia chamar de uma espécie de abutre do

sofrimento alheio, sabe como poucos que o sensacionalismo barato vende, e muito caro!

A biogra a não autorizada da celebridade, escrita por Kitty Kelley, expõe várias das contradições e

mentiras de Oprah. Ela adora exagerar sobre sua infância pobre, por exemplo, chegando a dizer que

tinha duas baratas como bichos de estimação! A fantasia é negada por parentes, como sua meia-irmã e

sua prima, que entregam diversas outras farsas da apresentadora, incluindo a con ssão de que teria sido

estuprada na adolescência.

Em agosto de 2013, ganharia as páginas dos principais jornais do mundo ao a rmar ter sido vítima

de racismo em uma loja chique na Suíça. A dona do estabelecimento negou a acusação, alegando se

tratar de um problema de comunicação. Que vendedora deixaria de negociar uma bolsa de milhares de

dólares? Após o estrago causado por sua vitimização, Oprah se desculpou pela proporção que tomou o

suposto tratamento preconceituoso. O pedido de desculpas não teve, nem de perto, a mesma repercussão

na imprensa.

Para uma “progressista” moderna, até que se mostra bem careta de vez em quando. Ela sempre fez de

tudo para esconder que tinha um irmão homossexual, que viria a morrer de AIDS. Segredos fazem parte

do cotidiano de Oprah, e todos que trabalham para ela precisam assinar um termo de con dencialidade.

Tem paranoia com o controle de tudo, principalmente das informações sobre sua vida e seu passado.

A origem do fenômeno esquerda caviar ligada ao desejo enorme de ser querida por todos encontra em

Oprah o ícone perfeito também. Ela mesma já declarou que precisa ser amada por todos, inclusive por

aqueles de que não gosta. Carência afetiva? Provavelmente. Mas isso a levou a vestir sempre uma capa

sensacionalista e dramática para conquistar a simpatia da multidão. Como Kitty Kelley bem resumiu, as

ambições de Oprah são gigantescas, e seu desejo por reconhecimento quase insaciável.

Confrontada pela “tia” Katharine certa vez sobre o motivo de tantas mentiras, teria respondido que é

isso que as pessoas desejam ouvir. A verdade é entediante, e o povo não quer tédio, e sim drama. Seria

bom, entretanto, que nos lembrássemos deste pendor de Oprah pela cção quando nos vier vender as

maravilhas de um candidato político. Afinal, as donas de casa entediadas também votam!

Uma vez, comparando-se a Phil Donahue, Oprah a rmou que era menos intelectual que ele, e que

apelava mais ao coração do público. Achava pretensioso tratar com profundidade um assunto em um

programa de apenas uma hora. Faz algum sentido. Só não nos esquecemos de que não há algo mais

esquerda caviar que isso: pura emoção, nada de razão!

BENÍCIO DEL TORO

Um dos mais famosos atores latino-americanos no circuito hollywoodiano é aquele que interpretou

ninguém menos do que Che Guevara. Benício Del Toro incorporou o ídolo e teve a oportunidade dos

sonhos de muito idiota útil: ser Che por um tempo, ainda que apenas no cinema.

Quando, porém, partiu para as sessões de entrevistas de promoção do lme, que obviamente retrata

uma imagem bem positiva do guerrilheiro, não sabia que seria confrontado com aquilo que a esquerda

caviar mais detesta no mundo: os fatos!

A bela jornalista Marlen Gonzalez tinha um “defeito” inaceitável, que passara despercebido pela

assessoria de imprensa do ator: origem cubana. Em outras palavras, sabia o que Che zera a seu povo,

com seus familiares e amigos, e não repetia as baboseiras ditas pelos proselitistas mentirosos.

Ela começa a entrevista colocando o ator na berlinda, ao perguntar por que ir a Miami, onde viviam

tantas vítimas da ditadura cubana, lançar um lme que enaltecia o algoz Che. Seria uma provocação?

Benício, parecendo meio drogado (talvez seja seu estado natural), negou, alegando que se tratava apenas

de uma visão sobre o personagem.

Em seguida, a jornalista faz uma analogia com alguém que lançasse um lme falando bem de Hitler

para vários judeus. Benício, após gaguejar um pouco, diz não crer que tenham existido campos de

concentração em Cuba (precisa se informar melhor). Depois, a rma que defende a pena de morte. Pena

de morte? É assim que a esquerda caviar classi ca fuzilamentos sem julgamento de pessoas cujo único

“crime” fora discordar da revolução?

A humilhação do ator, sem respostas para dar aos questionamentos, consistiu num raro momento em

que um ícone da esquerda caviar foi confrontado abertamente com os fatos, deixando transparecer seu

duplo padrão, sua hipocrisia, sua agenda política. Como seria bom se todo entrevistador fosse assim, e

não casse apenas levantando bola para canalhas divulgarem sua ideologia assassina por meio de lmes

engajados...

OSCAR NIEMEYER (IN MEMORIAM)

Provavelmente o maior ícone da esquerda caviar que o Brasil já teve. O arquiteto de fama internacional

era conhecido por sua postura política radical em defesa do comunismo, e isso nunca o impediu de

morar bem, viver bem, ganhar bem e inclusive explorar muito bem sua marca no mercado capitalista,

com diversos produtos ligados a seu nome.

Escrevi para O Globo um artigo que gerou bastante celeuma após sua morte. Houve, como era

previsível, forte reação da patota comunista. Por outro lado, choveram mensagens de apoio,

demonstrando que muita gente está realmente cansada de tanta hipocrisia. Segue a íntegra do artigo, que

resume a essência do que se deve dizer sobre esse gigante da arquitetura e do esquerdismo caviar.

Oscar Niemeyer era quase uma unanimidade. A reação à sua morte comprova isso. Mas será que tanta reverência se deve

somente às suas qualidades artísticas? Muitos consideram que Niemeyer foi um gênio. Não sou da área, não me cabe

julgar. Ainda assim, não creio que tanta idolatria seja fruto apenas de suas

curvas.

Tenho di culdade de entender por que o responsável pelo caríssimo projeto da construção de Brasília, o oásis dos

políticos corruptos afastados do escrutínio popular, mereceria um prêmio em vez de um castigo. Por acaso as pirâmides

do faraó eram boas para o povo? Mas divago.

Eis a questão: por que Niemeyer foi praticamente canonizado? Minha tese é que ele representava o ícone perfeito da

CHEC (Comunistas Hipócritas da Esquerda Caviar). No Brasil, você pode ser podre de rico, viver no maior conforto de

frente para o mar, mamar nas tetas do governo, desde que adote a retórica socialista.

Falar em “justiça social” enquanto enche o bolso de dinheiro público, isso merece aplausos por aqui. Já o empresário

que defende o capitalismo, produz bens demandados pelo povo e não depende do governo é visto como o vilão. Os

discursos sensacionalistas valem mais do que as ações concretas. Imagem é tudo!

As curvas traçadas pelo “poeta do concreto”, que considerava o dinheiro algo “sórdido”, custavam caro. Quase sempre

eram pagas pelos nossos impostos. Foram dezenas de milhões de reais só do governo federal. Muito adequado o velório

ter sido no Palácio do Planalto, o maior cliente do arquiteto. Licitação e concorrência? Isso é coisa de liberal chato.

Niemeyer virou um ícone contra o excesso de razão nas construções, mas acabou com extrema escassez de razão em

suas ideias políticas. Sempre esteve do lado errado, alimentado por um antiamericanismo patológico. Defendeu os

terroristas das Farc, os invasores do MST e o execrável regime comunista, mesmo depois de cem milhões de vidas

inocentes sacrificadas no altar dessa ideologia.

Ele admirava os tiranos assassinos Fidel Castro e Stalin, e chegou a justi car seus fuzilamentos. Até o nal de sua

longa vida, usou sua fama para disseminar essa utopia perversa, envenenando a cabeça de jovens enquanto desfrutava do

conforto capitalista.

No meu Aurélio, há uma palavra boa para de nir pessoas assim, que curiosamente vem antes de “craque” e depois de

“crânio”. Talvez Niemeyer fosse as três coisas ao mesmo tempo.

Roberto Campos certa vez disse: “No meu dicionário, ‘socialista’ é o cara que alardeia intenções e dispensa resultados,

adora ser generoso com o dinheiro alheio, e prega igualdade social, mas se considera mais igual que os outros.” Bingo!

Para quem ainda não está convencido de que toda essa comoção tem ligação com sua pregação política, pergunto: seria

a mesma coisa se ele defendesse com tanta paixão Pinochet em vez de Fidel Castro? A tolerância seria a mesma se, em vez

de Stalin, fosse Hitler o seu guru?

E não me venham dizer que são coisas diferentes! Stalin e Hitler eram ambos monstros, da mesma forma que o

comunismo e o nacional-socialismo são igualmente nefastos. Que grande humanista foi esse homem que defendeu até seu

último suspiro algo tão desumano assim?

Acho compreensível todo o respeito pela obra de Niemeyer, ainda que gosto seja algo subjetivo e que a simbiose com o

governo mereça críticas. Entendo o complexo de vira-lata que faz o povo babar com os poucos brasileiros famosos

mundialmente. Mas acho inaceitável misturarem as coisas e o colocarem como um ícone do humanismo. Não faz o menor

sentido.

Seu brilhantismo como artista não lhe dá um salvo-conduto para a defesa de atrocidades. É preciso saber separar as

coisas, o gênio artístico do homem e suas ideias. E tenho certeza de que não é apenas sua arquitetura que gera essa

idolatria toda. Basta ver a reação quando questionamos a pessoa, não o arquiteto.

Sua neta Ana Lúcia deixou clara a confusão: “As ideias que ele tentou passar de humanismo, justiça social, isso é tão

importante quanto as obras dele. Acho que a gente tem que preservar e difundir o pensamento dele.” Como assim?

Aproveito para avisar que sou sensível ao sofrimento das vítimas do comunismo, mas sou imune à patrulha ideológica

da CHEC. A afetação seletiva da turma “humanista” não me sensibiliza. É até cômico ser rotulado de radical por

stalinistas.

Por m, espero que Niemeyer chame logo seu camarada Fidel Castro para um bate-papo onde ele estiver, e que lá seja

tão “paradisíaco” como Cuba é para os cubanos humildes. Talvez isso o faça finalmente mudar de ideologia...

Um dos que reagiram publicamente ao artigo foi Zuenir Ventura, também membro da esquerda caviar.

Ele sapecou, no nal de uma coluna sobre outro assunto, o seguinte alerta: “Algumas críticas ideológicas

a Oscar Niemeyer depois de morto revelam, de tão iradas, que no Brasil foi fácil acabar com o

comunismo. O difícil é acabar com o anticomunismo.”

Como é? Não só o comunismo não acabou no Brasil, tendo apenas mudado de embalagem, como

resta perguntar: por que exatamente o anticomunismo deveria acabar? É errado condenar uma ideologia

responsável pela morte de pelo menos 100 milhões de pessoas inocentes, fora toda a miséria e escravidão

que trouxe? Difícil, ao que parece, é acabar com a cara de pau da esquerda caviar.

Mas eis que, a partir de agora, as dondocas poderão des lar com joias de milhares de reais inspiradas

no arquiteto. É que a H. Stern criou uma coleção inspirada no comunista defensor de Stalin e Fidel

Castro. Deveria ao menos ter muitos rubis, com o tom avermelhado em homenagem ao sangue dos

milhões de vítimas que o comunismo fez.

Nada mais justo, quando lembramos que Che Guevara virou uma valiosa marca capitalista, rendendo

milhões a empresários de ramos diferentes. Convém, aliás, perguntar: para quem vai o direito de imagem

mesmo? Comunista adora dinheiro. Eles costumam ser os mais gananciosos na hora de aumentar os

lucros. Negociar com os herdeiros do arquiteto comunista não deve ter sido moleza. Mas a esquerda

caviar agradece...

CHICO BUARQUE

Com a morte de Oscar Niemeyer, o trono de rei da esquerda caviar brasileira foi para Chico Buarque. Se

há alguém que seja “unanimidade” neste país, esse é Chico. Tímido, com seus olhos verdes que encantam

as mulheres, com sua compreensão do feminino em sua obra, o autor de “A banda” se tornaria o bastião

da “justiça social”, o grande compositor e escritor que dá voz aos desvalidos e oprimidos.

Se o falecimento de Niemeyer gerou tanta comoção, nem quero imaginar o dia em que Chico Buarque

não estiver mais entre nós. Como disse Paulo Francis: “Para os célebres, é bom morrer no Brasil. O

morto deixa de ser humano, com defeitos e qualidades, e é canonizado.” E ainda completou: “Somos um

povo imaturo, em busca de Führers, ainda que se limitem a tocar violão.”

Filho do respeitado historiador Sérgio Buarque de Holanda, autor de Raízes do Brasil, Chico cresceu

em uma família de classe alta. Queria ser arquiteto, mas largou a faculdade e virou músico. Disputava

com Geraldo Vandré não apenas o prêmio dos festivais de música, mas também

o posto de mais famoso

ícone da résistance ao regime militar. Desde então, virou celebridade não só como músico e compositor

(o que me parece merecido), mas como pensador político (um absurdo).

Não fosse pelo avanço da internet e das redes sociais, Chico Buarque jamais saberia que não é uma

unanimidade. A julgar pela grande imprensa apenas, o grau de reverência beira o patético. É idolatrado.

E pior: não só pelo seu talento artístico, mas também pela visão política. É somente por isso que merece

destaque neste livro. Não estou interessado no Chico músico, e sim no defensor de nefastos regimes

comunistas, no que ajuda a preservar no poder o partido mais corrupto e autoritário do Brasil, o PT de

seu coração.

No livro Chico Buarque do Brasil, organizado por Rinaldo de Fernandes em homenagem aos sessenta

anos do ídolo, a reverência de alguns textos chega a ser constrangedora. Chico César, por exemplo, alega

que o Buarque é o “aniquilamento de nossas vaidades e veleidades intelectuais e morais”, de nosso “ego”,

pois a comparação é “desigual e dolorosa”. O homem é praticamente um Deus!

A rasgação de seda é tão escancarada que confesso ter descon ado de que se tratava de uma ironia.

Mas não. Os elogios parecem sinceros. Chico está lá longe, no alto, bem acima de todos nós, reles

mortais. Eis o que escreve Chico César:

Não que Chico Buarque demonstre esforço para car lá, olímpico e majestoso em sua bondade e retidão, seu rigor estético

e sua verve generosa. Nós é que não somos. E nosso esforço patético em perseguir suas qualidades parece mostrar mais

ainda, desnudar de vez nossa fraqueza. Somos uns escrotos, gente ruim e sem beleza. Sem caráter, sem rmeza na defesa

das ideias, das mulheres, das gentes necessitadas.

Epa! Fale apenas por si, Chico César! É ou não constrangedor? Parece que estamos lendo um relato sobre

um santo abnegado, um semideus que nos deu a graça de sua vinda para que pudéssemos apreciá-lo,

tocá-lo. Realmente chocante...

Os demais convidados do livro mostram o viés político da obra e da gura de Chico Buarque. Tem o

“frei” Betto, aquele que nunca desistiu de transformar o Brasil em uma enorme Cuba. Tem o Chico

Alencar, deputado do PSOL, o partido que consegue ser mais esquerdista que o PT. Alencar também

babou bem o ovo do xará ao dizer: “Seguimos encantados ao lado dele. Chico Buarque é para todos, é

para sempre.”

E tem Leonardo Boff, o guru da Teologia da Libertação, uma tosca mistura entre marxismo e

cristianismo. Boff retrata Chico como um grande cristão humanista, imensamente preocupado com os

mais pobres. No fundo, a Teologia da Libertação parece adorar a pobreza, e não os pobres (até porque, a

depender de suas receitas, seremos todos pobres).

Boff conta que Chico esteve “doente” quando mais jovem, pois ertara com a Tradição, Família e

Propriedade (TFP), que seria “medieval”, “conservadora” e “fascista” (como se fosse tudo praticamente

sinônimo). Mas felizmente foi “curado” daquele ilusório encantamento, tornando-se um humanista

engajado nas causas sociais de esquerda. Boff explica que Chico se situou ao lado da “gente humilde”, e

faz a seguinte comparação:

Chico viveu a mesma experiência de seu patrono Francisco de Assis. Essa experiência o converteu de lho de um

comerciante a um amigo e companheiro dos pobres. Ele falava de sua “gente poverella”, da gente humilde da Toscana. De

burguês e membro da “jeunesse dorée” que era, largou tudo e fez-se pobrezinho como eles.

Ele deixou passar despercebido um “pequeno” detalhe: Chico não se desfez de bem algum! Ao contrário:

na prática, é fã da propriedade privada e das maravilhas que só o dinheiro — muito dinheiro — pode

comprar. Exemplo? Chico é proprietário de um grande terreno no Recreio dos Bandeirantes apenas para

jogar suas “peladas”. Ele adora futebol, como boa parte da população brasileira, mas quantos

“pobrezinhos” podem se dar ao luxo de ter um terreno desses para dar caneladas nos amigos?

Além disso, mora em uma bela cobertura, avaliada em milhões de reais, no bairro mais valorizado do

país, aquele amado pela esquerda caviar: Leblon. Como sei que é bela? Simples: o compositor abriu as

portas de seu enorme e luxuoso apartamento para a revista Alfa, esfregando a contradição entre seu

discurso socialista e seu estilo de vida na cara de quem tivesse olhos para enxergar e não fosse

lobotomizado pela propaganda esquerdista. Convenhamos: ser socialista assim é fácil, não? Quero ver ser

socialista em Cuba...

Em diversos aspectos Chico se enquadra no fenômeno esquerda caviar. Não só veio de família

relativamente abastada, sob a sombra do sucesso do pai, como ele mesmo cou muito rico. Certa vez,

confessou sua vaidade precoce: “Eu me lembro de, lá pelos dezoito anos, ir para a Faculdade de

Arquitetura com esses livros em francês, o que era uma atitude um pouquinho esnobe.” Berço de ouro,

bem distante da realidade da média nacional.

Mas isso não impede que seu discurso o coloque como um dos grandes defensores dos pobres. É

identi cado com todo tipo de minorias, e suas letras deixam isso claro. O pedreiro, o pivete, os sem-terra,

a prostituta, esses são os heróis de suas canções. Chico Buarque, rico e famoso, é visto como o

representante dos pobres e oprimidos. Totalmente esquerda caviar.

Apesar do reconhecimento por ter desafiado nosso regime militar, seria descabido afirmar que seja um

defensor incondicional da democracia. Sua aversão a ditaduras sempre foi bastante seletiva. Nunca

ouvimos uma palavra sua condenando, por exemplo, a mais longa e cruel tirania do continente, de seu

camarada Fidel Castro. Chico, que já esteve em Cuba, parece não ter se sensibilizado com toda aquela

desgraça, miséria e escravidão. Eis o que disse uma vez sobre a Ilha Presídio, na época do regime militar:

Lá todos pensam da mesma maneira, pois todo o povo está integrado ao processo revolucionário. O Brasil, para atingir o

socialismo, deveria passar por um processo revolucionário idêntico ao cubano. O mundo todo caminha para o

socialismo. Inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, todos os países serão socialistas.

Note-se que trata como algo positivo a ideia — felizmente falsa — de que em Cuba “todos pensam da

mesma maneira”. Uma compreensão totalitária do mundo, que marginaliza o dissenso.

A ilha caribenha, velha paixão de Chico (a distância), faria com que tivesse, inclusive, diferenças com

o amigo Betinho. O sociólogo Herbert de Souza, ele mesmo um comunista, era também aidético. E isso

falou mais alto quando um grupo da esquerda caviar fez o primeiro voo do “Solidariedade a Cuba”.

Chico Buarque não pôde ir, e Betinho não quis. Em vez disso, mandaria com a delegação uma carta

criticando o modo como o regime de Castro tratava os portadores de HIV.

No livro Estreitos nós, uma coletânea de artigos em homenagem a Betinho, o “semeador de utopias”,

Chico Buarque fala sobre o episódio da seguinte forma: “Na época quei chateado, porque achei que

havia uma certa desinformação do Betinho...” Acusa Betinho de desinformação, embora seja

incontroverso que o regime cubano perseguia e ainda persegue aidéticos. No fundo, era o próprio Chico

quem tinha total interesse em desinformar.

Em abril de 2013, escolheria mais uma causa típica da esquerda caviar para abraçar: a salvação do

macaco muriqui. O cantor virou conselheiro da Ecoatlântica, ONG que luta pela preservação do primata.

Ancelmo Gois divulgou em sua coluna uma foto em que Chico imitava um macaco, algo um tanto

constrangedor, que provavelmente envergonharia seu pai Sérgio. Mas, para ajudar os cubanos vítimas do

“cumpanheiro” Fidel, nada! Esquerda caviar é isso: prioriza os primatas e ignora o povo oprimido pelo

socialismo. Como diriam nas redes sociais: “poser total”!

O poeta Carlos Drummond de Andrade, em entrevista de 1987, con denciou a

Luiz Fernando

Emediato que fora procurado uma noite, quase de madrugada, por Chico Buarque. O cantor apareceu

com o embaixador da Nicarágua no Brasil, e a intenção era criticar Drummond por um artigo sobre o

regime ditadorial sandinista na Nicarágua. Em outras palavras, Chico atuou como intermediário para

ajudar a propagar mentiras sobre uma ditadura in nitamente pior que a nossa, mas que era de esquerda,

alinhada a Cuba. Isso pode.

Quando nosso regime militar apertou o cerco contra os comunistas, em boa parte devido aos abusos

cometidos pelos próprios comunistas, Chico Buarque foi para o exílio. Mas não escolheu Cuba ou a

União Soviética como destino. Nada disso! Foi para a Itália e fez uma série de shows com Toquinho.

Pouco mais de um ano depois, estava de volta. Um “exílio” desses até eu quero! Mas o combatente do

regime militar ganhou uns pontos extras e pôde acrescentar no currículo o termo “exilado”, o que

aumenta o charme da sua resistência.

Outra característica que marca sua liderança no ranking da esquerda caviar é a proximidade com o

poder. Chico tem as portas do Planalto sempre abertas, e sua adesão a campanhas eleitorais vale ouro.

Sua irmã Ana chegou a ser ministra da Cultura do governo Dilma, mas, após

uma curta passagem,

apagada e medíocre, foi substituída por Marta Suplicy, outra grande representante da esquerda caviar

nacional.

Chico Buarque, que estava à toa na vida, ouviu um chamado de seu amor: a causa socialista. Tudo

retórica, claro. Na prática, leva vida de burguês bem abastado, próximo ao poder, desfrutando daquilo

que só o capitalismo pode oferecer. O Oscar de melhor ator da esquerda caviar vai para ele, sempre

abraçando as bandeiras populistas e demagógicas que tanta miséria espalham pelo país. Mas, apesar de

você, amanhã há de ser outro dia...

LUIS FERNANDO VERISSIMO

Concorrendo com Chico Buarque para assumir a liderança da esquerda caviar brasileira temos o

simpático cronista Luis Fernando Verissimo. Também lho de alguém bastante renomado, Verissimo

cresceu em família de classe alta, à sombra do sucesso do pai. Com inegável capacidade para retratar a

comédia da vida privada, tem outra faceta também, a que nos interessa aqui: é um incorrigível defensor

do socialismo.

E pior: como tem inteligência e humor, coisa rara na esquerda, consegue vender seu peixe podre de

forma suave, muitas vezes nas entrelinhas do artigo, passando sua mensagem, no

fundo, odienta. Para

quem já leu o romance A nascente, de Ayn Rand, é uma espécie de Elsworth Toohey tupiniquim (para

quem não conhece, recomendo).

Como tenho um lado masoquista, confesso que sempre leio seus artigos, que são publicados em O

Globo, Estadão e Zero Hora. Criei um hábito que demanda muita paciência: escrevo textos refutando as

besteiras que Verissimo diz sobre política e economia. Seria melhor se falasse apenas de futebol ou de

situações hilárias do cotidiano. Mas o homem não consegue car uma semana sem destilar ideologia

retrógrada em suas linhas.

Em “O enigma”, por exemplo, tenta culpar o anacronismo russo pela desgraça soviética, livrando

assim a cara do comunismo/socialismo:

A própria experiência comunista só enfatizou o enigma. Grande parte da armação teórica da revolução partiu da

“intelligentsia” russa, mas não havia lugar mais improvável para uma revolução proletária do que a Rússia, com sua

tradição de servos hereditários e submissos e seu feudalismo medieval. O próprio Marx levou um susto. Um dos

problemas do Ocidente na sua relação com a União Soviética durante a Guerra Fria era nunca saber se estava tratando

com o comunismo soviético ou com o anacronismo russo, passional e imprevisível.

Perceberam a malandragem? A experiência comunista não veio dos proletários (em lugar nenhum viria),

e a Rússia era inapropriada para tal revolução. Por isso é que dera errado, ora bolas! Não vem ao caso

lembrar que o comunismo deu errado em Cuba, na Coreia do Norte, na China, na Iugoslávia, na

Polônia, e onde mais tenha sido imposto pela intelligentsia (da qual, por sinal, o próprio é um ícone

perfeito).

Também não vem ao caso que, segundo Verissimo, o próprio Marx tivesse levado um susto com o

experimento russo, sendo que Lênin tomou o poder pela força em 1917, enquanto Marx morrera em

1883. Como exatamente Marx fez para se assustar com um evento ocorrido 34 anos após sua morte

permanece um mistério. Talvez esse seja o enigma do texto!

Mas não é tudo. Verissimo, depois, tenta ridicularizar Reagan, como fazia a intelligentsia mundial na

época, por chamar a coisa pelo seu nome, com os devidos pingos nos is. Escreveu: “O ‘Império do Mal’,

nas palavras do Ronald Reagan, seria do mal mesmo sem o comunismo. De tais simpli cações era feita a

política externa americana.”

Viram só? Reagan era “simplista” por chamar um “Império do Mal”, que escravizou o povo todo,

matou milhões, ameaçou a paz mundial, exportou o caos e levou todos à miséria,

de “Império do Mal”.

E, novamente, Verissimo tenta jogar a culpa da desgraça soviética nos russos, e não no modelo que

defende. Seria o mal “mesmo sem o comunismo”.

Se Reagan era alvo de chacota, atcher também mereceria duros ataques do nosso ilustre

“intelectual”. Quando a grande estadista inglesa faleceu, ele acrescentou uma nota em um artigo sobre

outro assunto, em que afirmava:

Sua vitória sobre os mineiros arrasou com os sindicatos e lhe deu forças para arrasar com o sistema de bem-estar social

da Inglaterra, e sua vitória sobre os generais de opereta da Argentina lhe rendeu glória e votos. No seu prontuário, além

dos mortos para conservar um cisco do império no Atlântico Sul, estão presos irlandeses em greve de fome, que ela deixou

morrer, e todas as vítimas do neoliberalismo triunfante.

É tanto absurdo que ca difícil saber por onde começar! atcher, como sabemos, teve coragem para

enfrentar uma perigosa má a sindical, que “argumentava” na base de greves violentas e mantinha o povo

refém. Essa vitória colocou a Inglaterra, antes presa à estag ação, novamente na rota do crescimento,

gerando mais empregos e prosperidade.

A Argentina iniciou um ataque em Falklands, e a Inglaterra, sob o comando de atcher,

prontamente defendeu seu povo, até hoje muito agradecido. Plebiscito recente

mostrou que praticamente

todos os habitantes querem continuar sob o comando da Coroa inglesa. Nem as ovelhas, se pudessem

votar, escolheriam abandonar a nacionalidade britânica. Também, pudera: quem em sã consciência

preferiria ser argentino sob o controle da Madame Botox? Nem Verissimo, claro!

Depois, consegue chamar os terroristas do IRA pelo lindo eufemismo de “presos irlandeses em greve

de fome”. Esquerdistas como Verissimo jamais emitem julgamentos enfáticos quando se trata de tiranos

ou terroristas que jogam bombas em nome da causa socialista. Mas atcher, eleita três vezes seguidas,

tendo governado por onze anos em uma das democracias mais sólidas do mundo e com excelente

legado, essa merece o ódio da caneta do simpático cronista.

Por m, acrescenta na lista de maldades a crise de 2008, jogada erroneamente no colo do

neoliberalismo. Ignora que as impressões digitais dos governos estão em todas as cenas do crime nessa

crise, a começar pela pressão da Casa Branca, desde Clinton, pelo empréstimo barato para que classes

mais baixas comprassem suas moradias (algo como o programa Minha Casa, Minha Vida de Dilma); e a

manutenção da taxa de juros pelo FED, o Banco Central americano, em patamares arti cialmente

reduzidos por tempo demais, fomentando a bolha imobiliária.

Verissimo é tão dissimulado que, mesmo quando nge estar criticando Lula, está na verdade bajulando-

o. Em um artigo desses, escreveu, referindo-se à aliança espúria entre Lula e Maluf por ocasião da

campanha que elegeria Fernando Haddad prefeito de São Paulo, em 2012: “No acordo com Maluf

trocou-se uma história e uma coerência por um minuto e pouco a mais de espaço para o candidato do

PT na TV. Ó Lula!”

Como assim uma história e uma coerência? Qual história? A do líder sindicalista sempre disposto a

tudo pelo poder? Qual coerência? A de nunca ter princípios quando se trata de subir e car no poder?

Por que Verissimo não se lembra do Sarney, do Jader Barbalho, do Collor? Isso não havia manchado já

a história de Lula?

E a amizade com o mais velho e cruel ditador da América Latina, Fidel Castro, até hoje reverenciado

pelo ex-metalúrgico? Isso não tem problema? A adulação aos ditadores africanos, a Ahmadinejad, isso

tudo faz parte dessa “linda” história?

Não custa lembrar que Maluf e Marta Suplicy já tinham rmado acordo no passado. Logo, a grande

novidade não foi essa aliança, mas sim a foto que estampou o aperto de mão entre Lula e Maluf. A

imagem que vale mais que mil palavras! A própria Luiza Erundina condenaria a

foto, não a parceria em

si. Que grande coerência ética a da esquerda!

Em seu artigo “Não é mais pecado”, o cronista resgata o Inferno de Dante, lembrando que os

usurários iam direto ao encontro do capeta na era medieval, quando a Igreja detinha mais poder. O que

o veneno de Verissimo pretende desta vez, sem muito disfarce, é atingir os bancos hoje, condenando a

prática de cobrar juros.

Segundo o autor, que entende um pouco mais de vida privada do que de economia, os bancos

modernos são capazes de destruir países inteiros por conta da desregulação. Seu artigo, leve e

engraçadinho como de praxe, não passa de mais um ataque ao capitalismo.

Será que Verissimo não sabe que o setor bancário é um dos mais regulados do mundo? Será que não

sabe que os bancos centrais é que estimulam a criação de bolhas? Será que não sabe que a gastança do

governo é que ameaça as economias desenvolvidas hoje? Será que não sabe que o juro é apenas o preço

do capital no tempo, ou seja, como ter algo hoje vale mais do que tê-lo amanhã, devemos pagar para

pegar emprestada a poupança alheia?

Em seu artigo “Maluquices”, usou a revolta popular contra o pastor Marco Feliciano para disseminar

um ataque generalizado a todas as religiões. Notem que pensa falar em nome da

razão, e ignora apenas

um detalhe: que a sua “religião”, o socialismo, é a mais irracional de todas! Escreveu:

Ninguém me perguntou, mas apoio qualquer movimento e assino qualquer manifesto contra o obscurantismo e o sono da

razão, desde que a maluquice condenada seja a de todas as religiões, e de todos os seus deuses e demônios.

No artigo “Parker 51”, conta uma rápida história de como tinha um símbolo todo especial a caneta que

pegava emprestada com o pai para fazer sua prova nal. Reconhece que não era pela maior e ciência que

a pedia, mas pelo simbolismo que tinha. A história, que parece meio sem sentido no começo, mostra no

nal a intenção do autor, ao a rmar que é “esse signi cado maior, que não é mensurável, que não se

julga nem tecnicamente nem pelo resultado da prova, que nunca entra na equação dos privatistas”.

Verissimo está condenando aqueles que defendem a privatização da Petrobras pelo argumento da

e ciência, que parece ao menos reconhecer ser maior na gestão privada. Assim como a caneta Parker que

seu pai lhe emprestava, acredita que a empresa tem um valor simbólico, e por isso deve permanecer uma

estatal, ainda que seja menos e ciente assim. Os “ultraliberais” seriam insensíveis a esse sentimento tão

nobre e superior.

Há uma “pequena” diferença, que o ilustre colunista parece não perceber. No caso da canetinha, sua

propriedade era bem de nida. Era do pai de Verissimo, Erico, que tinha o direito de emprestá-la a quem

quisesse, pelo motivo que fosse. Mas a Petrobras, não. A Petrobras utiliza recursos públicos, é

propriedade estatal, e por isso pertence, ao menos na teoria, a cada pagador de imposto. Não é de

Verissimo apenas.

Portanto, não tem o direito de torrar o dinheiro alheio, via maior ineficiência, em troca da busca desse

lindo sentimento de “simbolismo”. Talvez a explicação para que não tenha notado tão gritante distinção

entre os casos de sua analogia esteja no seu próprio artigo, quando assume que sempre foi “um péssimo

aluno, da tribo dos que passavam raspando”. Talvez, se tivesse estudado um pouco mais...

No artigo “O verniz”, o cronista solta, como quem nada quisesse, a seguinte pérola: “Os presos sem

direitos em Guantánamo são um embaraço permanente para os americanos e tornam hipócrita a

condenação dos presos políticos em Cuba.” Como é? Quer dizer então que é análogo manter terroristas

con nados ou prender qualquer um que simplesmente discorde da ditadura comunista? Terrorismo e

dissidência ideológica se tornaram “crimes” equivalentes agora?

Outro alvo de Verissimo é o uso de expressões em inglês, traço comum da esquerda nacionalista, que

sofre do complexo de vira-lata. Eles babam de raiva com o uso de termos provenientes da língua de

Shakespeare, levemente metamorfoseada pelos “estadunidenses”. Diz o humorista:

A invasão de americanismos no nosso cotidiano hoje é epidêmica, e chegou a uma espécie de ápice do ridículo quando

“entrega” virou “delivery”. Perdemos o último resquício de escrúpulo nacional quando a nossa pizza, em vez de entregue,

passou a ser “delivered” na porta.

Quer dizer que quando viajamos mundo afora e vemos em tudo que é loja a placa de sale, tais países

perderam suas identidades nacionais? Quer dizer que quando falam fast food, venderam-se ao poderio

do império norte-americano? O que Verissimo ignora é que o inglês, tal como o latim no passado, serve

para facilitar a comunicação entre povos diferentes, para universalizar certos termos e tornar a

compreensão mais simples.

Se você fala inglês, pode ler livros de alemães, franceses, italianos, chineses, árabes, todos traduzidos

nessa língua “universal”. Talvez o problema seja de quem é a língua, não o fato de todos a usarem. Se

fosse o esperanto, tenho certeza de que a reação seria outra, e o papo de “colonialismo cultural”, rejeitado

como baboseira de gente senil. Que colonialismo é esse que aproxima tantas culturas diferentes?

Saving the best for the last, o que mais chama a atenção em Verissimo é seu duplo padrão, marca

registrada da esquerda caviar. O criador da Velhinha de Taubaté, personagem famosa por ser a última

pessoa no Brasil que ainda acreditava no governo, acabou decidindo matar a criação na época do

mensalão petista. Verissimo preferiu dar sumiço na personagem para não ter de usá-la de forma

sarcástica contra o PT, como fazia antes em outros governos. Que coisa feia!

Verissimo esteve internado recentemente. Felizmente, superou a fase difícil. Ele se tratou no melhor

hospital privado de Porto Alegre que, movido pelo lucro, consegue manter os melhores equipamentos e

pro ssionais. Bom para o paciente, que não depende do SUS. Como já disse antes, é bem mais fácil ser

socialista assim...

WAGNER MOURA

Um ótimo ator brasileiro. Não posso, porém, deixá-lo de fora do livro por isso, pois, como alertei logo no

começo: uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Wagner Moura é, a nal de contas, esquerda

caviar desde as profundezas da alma.

Capitão Nascimento para os “íntimos”, deu uma entrevista à revista Caros Amigos, aquela que faz

proselitismo de esquerda com patrocínio estatal e ainda deixa de pagar todos os direitos dos

funcionários. Durante a conversa, a rmou que não fala com a revista Veja porque sua linha editorial é

de “extrema direita”.

Disse ainda que não poderia falar a uma revista que publica textos de Diogo Mainardi (publicava).

Wagner Moura é apenas mais um “intelectual” brasileiro; um personagem famoso que, por isso, julga-se

culto e preparado para tratar de política e economia. O pior é que tem audiência, não apenas para os

filmes, mas para suas “ideias”.

Em outra entrevista, agora à Folha, o ator de Tropa de elite veio com esta, quando o repórter

perguntou se continuava a favor de Lula:

Pô, cara, vou te falar, acho que Lula... [pausa] Eu tenho uma admiração grande pelo cara. Ele tem feito muita coisa legal. E

eu ainda acredito na esquerda, não na boba, utópica, mas em um Estado intervencionista. Acho o liberalismo uma coisa

perigosa. Deixar as coisas andarem nas mãos da iniciativa privada é perigoso. O Estado tem que ter poder. Se o Estado

não cuidar da gente, não vai ser a IBM que vai cuidar.

Viram que profundo? Wagner Moura não gosta mais da esquerda utópica, mas sim daquele Estado

intervencionista, clarividente e honesto, que vai “cuidar” de todos nós. O liberalismo é muito perigoso,

afinal de contas. Onde já se viu empresas competindo para atender melhor a nossa demanda?

IBM, Dell, Microsoft e Apple, cada uma delas tentando produzir coisas mais baratas e melhores, sob a

ótica do consumidor. Isso é muito perigoso! Precisamos da proteção do Estado intervencionista, sem

utopias. Somos crianças indefesas em busca de uma babá, e nada melhor que políticos poderosos para

tanto. Quem precisa da IBM quando se tem Lula e Sarney?

Mas Wagner Moura, no fundo, gosta do capitalismo e das empresas capitalistas, incluindo

multinacionais. Ao menos na hora de fechar contrato para comerciais muito bem pagos. Foi, por

exemplo, garoto-propaganda da TIM, a empresa de telefonia italiana. E foi o escolhido para uma grande

campanha da Totvs, empresa de tecnologia em busca do legítimo lucro condenado pela esquerda caviar.

A mensagem da propaganda, com a enorme foto do ator estampada, dizia: “Versátil, inovador e de

uma nova geração. Qualquer semelhança com nossas soluções não é mera coincidência.” Não sei quanto

o ator ganhou por essa peça publicitária, mas uma coisa eu sei: as ideias políticas do “Capitão

Nascimento” nada têm de novo; ao contrário: fedem a naftalina!

Quando vejo esta verborragia de atores, cineastas, arquitetos ou cronistas simpáticos, sempre penso em

como a natureza costuma ser seletiva na distribuição de talentos. “Deus não dá asas a cobra”, diz o

ditado. Wagner Moura é, sem dúvida, um grande ator. Mas como pensador político... É cabo eleitoral do

PSOL!

Foi, de fato, um dos maiores defensores da candidatura de Marcelo Freixo à prefeitura do Rio de

Janeiro em 2012. Freixo, para quem não sabe, é o deputado estadual que desa ou as milícias e foi

retratado no lme Tropa de elite 2. A esquerda caviar cou em polvorosa com o candidato herói, o

homem da “ética”.

Ignoraram que tinha um discurso ultrapassado em pelo menos meio século, e que seu partido, de

ético, nada tem. A menos que alguém considere éticas a ditadura cubana, as invasões de terra e as

práticas terroristas em nome do comunismo.

O PSOL de Freixo, defendido por Moura, é o mesmo que defendeu com unhas e dentes o assassino,

julgado e condenado na Itália democrática, Cesare Battisti. O caso gerou tensão diplomática, e boa parte

do PT, ao lado de quase todo o PSOL, colocou-se a favor do criminoso. A ética deles é aquela velha

máxima comunista: os fins “nobres” justificam quaisquer meios. Até mesmo assalto comum e latrocínio.

Após o sucesso em manter o criminoso no Brasil, a turma apoiada por Wagner

Moura ainda deu um

jeito de premiá-lo. O terrorista italiano, cujo advogado foi o onipresente petista Luiz Eduardo

Greenhalgh, foi indicado para assessor internacional da CUT. Segundo o senador Eduardo Suplicy,

grande ícone da esquerda caviar, Battisti assumiu o cargo por falar inglês, espanhol, português, francês e

italiano, e “ter vasto conhecimento” sobre temas de interesse da CUT.

Condenado à prisão perpétua na Itália por quatro assassinatos, Battisti traduzirá conversas e

documentos para aquela central sindical. Segundo a coluna de Cláudio Humberto, Suplicy negou ser

ador do apartamento de Battisti, no luxuoso bairro de Jardins em São Paulo, e disse que também não o

ajudaria nas contas do aluguel. Segundo o senador, sua única participação no aluguel do imóvel fora

contar à proprietária sobre a vida dele: “Sei que não cometeu aqueles crimes.”

O PSOL é também o partido que lançou Plínio Arruda Sampaio como candidato a presidente em

2010. Plínio, com todo aquele discurso jurássico em defesa do comunismo, tem um patrimônio

declarado acima de 1 milhão, incluindo investimentos em fundos especulativos de multimercado. Quem

liga para a coerência quando quer só ficar bonito na foto?

Esse é o partido que tem encantado Wagner Moura depois do PT. O ator baiano, com aquele jeito

meio descolado, cabelo despenteado e fala mansa (ao contrário da postura de homem de negócios nas

propagandas bem-pagas), gosta de abraçar várias causas políticas de esquerda. A bandeira ambiental

parece ter se tornado sua seara preferida nos últimos tempos, como cou claro no ataque ao Código

Florestal.

Em agosto de 2013, soltaria uma novidade: dirigirá pela primeira vez um lme. Tema? Marighella, o

guerrilheiro comunista. Moura disse que pretendia “humanizar” o terrorista, tarefa impossível, e garantiu

isenção: nem a esquerda será reduzida à imagem de boazinha, nem os militares a monstros malvados.

Quanta isenção! O lho de Marighella a reconhece: a rmou ver a produção como uma chance de levar o

sonho do pai às massas, que finalmente o reconhecerão como um herói nacional.

O público não merece a cabecinha oca de Wagner Moura quando se trata de política. Ele é tão bom

ator que quase convence como um sujeito preparado para falar do assunto. Mas, quando analisamos

melhor o conteúdo, sai de baixo! Melhor car só com o Capitão Nascimento mesmo. Não gostou? Então

pede para sair!

EDUARDO MATARAZZO SUPLICY

Acabamos de ver que Eduardo Suplicy saiu em defesa do terrorista italiano. Na verdade, a defesa de

bandidos e o modo de tratá-los como se fossem as verdadeiras vítimas são constantes na vida do senador

petista. Parece um hobby, uma vocação.

Eduardo Matarazzo Suplicy, como o nome do meio já diz, vem de família abastada. Isso não o

impediu de se identi car com os pobres, os “fracos e oprimidos”. Observá-lo em ação é quase sempre

motivo de vergonha alheia. Ver e ouvir seus discursos, suas cantorias em plenário, ou observá-lo vestindo

uma cueca vermelha por cima do terno, tudo isso é sempre uma experiência constrangedora. Em um

artigo na Folha, escreveu:

No sábado, vindo de Ribeirão Preto, fui direto à praça Júlio Prestes para assistir aos shows de Daniela Mercury e Gal

Costa. Fui em direção ao palco em que Daniela cantava. Foi difícil atravessar a multidão. A cada passo, eu era parado para

tirar fotos, abraçado e beijado. Até recebi um pedido de casamento de uma bonita moça, mas eu disse que já estava

comprometido.

O que leva alguém, um senador da República, a isso? Carência afetiva? Insegurança? Necessidade de

autoa rmação? Independentemente do fator psicológico que o fez se prestar a um papelão desses, o fato

é que, por trás dessa aparência de ingenuidade, jaz uma ideologia nefasta, que precisa ser atacada. Não é

porque Suplicy parece inofensivo que devemos considerá-lo assim. Pouco

depois, no mesmo artigo,

vemos onde mora o perigo:

O prefeito me disse que, se já tivesse implantado a renda básica de cidadania, muito provavelmente não teriam levado a

carteira e o celular. Sim, tenho a convicção de que quando todos tiverem o direito a uma renda su ciente para suprir suas

necessidades vitais será muito menor a incidência de delitos dessa natureza.

Bingo! Suplicy, como toda a “esquerda caviar” que tão bem representa, vende a ideia de que o crime é

resultado da pobreza, e que os marmanjos que realizaram diversos assaltos durante o espetáculo a que

compareceu, inclusive furtando sua própria carteira e seu celular, são as verdadeiras vítimas.

Se esses bandidos recebessem uma esmola estatal (e como saber se já não recebem?), então não

precisariam roubar, e abraçariam Suplicy para ver Mano Brown e os Racionais. Todos poderiam fazer

uma feliz roda regada aos encantos da erva proibida e talvez até cantassem juntos, felizes para sempre.

Ao retirar a responsabilidade do indivíduo, ao ignorar que a impunidade é o maior convite ao crime,

Suplicy e companhia ajudam a disseminar a criminalidade, eximindo os criminosos de culpa por seus

atos, jogando-a para os ombros da “sociedade”. Os bandidos agradecem.

Suplicy pode dar todos os indícios de ser alguém que não se deve levar a sério. Mas sua mensagem

precisa, sim, ser considerada. A nal, é o retrato perfeito dessa mentalidade esquerdista que há décadas

contribui para a escalada da criminalidade e do inchaço do estado paternalista.

Não vamos esquecer que o homem é senador, ou seja, representa uma parcela da população. Pode

parecer bonachão, mas é um bonachão perigoso. De bobo nada tem. Bobos somos nós, que pagamos por

suas mordomias enquanto sai por aí defendendo bandidos.

CHICO ALENCAR

O PSOL não poderia car sem algum representante direto neste livro. A nal, o partido, que ainda

defende abertamente o socialismo, é adorado por artistas e intelectuais que vivem no Leblon e

adjacências. Por isso decidi incluir Chico Alencar. Na verdade, pretendo comentar uma carta que o

deputado mandou para O Globo em resposta ao meu artigo cujo título era, justamente, “Esquerda

caviar”.

Ele a rma, na missiva, que eu agredira cineastas, músicos e artistas em geral, além de ecologistas e

representantes políticos. Não! Apenas apontei a hipocrisia de muitos desses que defendem as

“maravilhas” do socialismo mas gostam mesmo é das coisas que só o capitalismo pode oferecer. O que foi

apontado no meu artigo é a esquizofrenia dos admiradores de Fidel Castro, que, no fundo, querem

mesmo é acumular muita riqueza e se lançar ao consumismo burguês sem censura.

Depois, Chico Alencar diz que ofendi a cidadania ao indagar: “O que se pode esperar de um povo que

elegeu Saturnino Braga em vez de Roberto Campos para o Senado?” Como assim? Quer dizer que

a rmar que os cariocas possuem um histórico de péssimos votos é “ofender a cidadania” agora? Que

doideira. Não posso nem mesmo lamentar as péssimas escolhas de meus conterrâneos? Será que Chico

Alencar estaria ofendendo a cidadania ao reclamar dos votos que levaram Collor ao poder?

Mas continua. Fala que, para mim, servir ou combater a ditadura não são critérios respeitáveis para o

voto. O quê? O problema é outro, deputado. Muitos da esquerda da qual o senhor faz parte combateram

os militares sim, mas que tal contar a história toda? Por qual causa lutavam? A liberdade democrática,

por acaso? Nem aqui, nem na China!

A turma que Chico Alencar defende queria implantar uma ditadura do proletário no Brasil, nos

moldes cubanos. Tanto que o ídolo dessa rapaziada era Fidel Castro, simplesmente o mais sanguinário e

duradouro ditador da América Latina! Aproveito para perguntar ao deputado: o que o senhor pensa de

Castro hoje? O que o senhor acha do regime cubano? Satisfeito com a liberdade do socialismo? Poderia

apontar um único caso de sucesso do socialismo?

Chico Alencar ainda diz que falseei a posição de Marcelo Freixo sobre as escolas de samba, pois eu

a rmava que seu partido pretendia dominar o conteúdo das escolas. Vi a entrevista do candidato no

RJTV. Ele foi bem claro: para ter verba municipal, tem de haver contrapartida cultural. E quem decide

isso? Os burocratas apontados pelo governo. Logo, é exatamente como disse: o PSOL quer controlar até

mesmo o conteúdo de samba! Onde está a mentira?

Ainda foi dito pelo deputado que eu preciso me informar melhor sobre a questão de Israel, pois

acusava um membro de seu partido de tendências antissemitas. Ora, li o texto do deputado Babá

“justi cando” seu ato de queimar a bandeira de Israel em praça pública. Portanto, não estou

desinformado. E repito o que disse no artigo: foi, sim, uma demonstração de intolerância e desrespeito ao

povo judeu queimar a bandeira de Israel dessa forma. Queria ver se um burguês queimasse a bandeira de

Cuba em praça pública...

Para Alencar, ataquei todos os que defendem o meio ambiente ao falar de “seita ambientalista”. Não!

Ataquei os ecoterroristas, os alarmistas oportunistas com uma agenda política por trás do movimento

ambiental, usado somente como desculpa para mais concentração de poder no

Estado. Por isso,

inclusive, recomendei o livro Os melancias, de James Delingpole. O deputado deveria lê-lo...

Por m, apela ao sensacionalismo e tenta monopolizar as virtudes, alegando que liberdade não é

apenas a dos donos do capital. E quando foi que eu disse isso? Justamente, a liberdade é muito mais que

isso; é, por exemplo, não ter de entregar metade do que ganha para um governo perdulário e corrupto;

não ser tratado como um súdito pelos burocratas “iluminados”; en m, tudo aquilo contrário ao

socialismo que Chico Alencar defende, aplaudido pela esquerda caviar.

LUCIANO HUCK

O Mr. Simpatia da TV Globo, o garoto bom, ícone da turma “politicamente correta”, é sem dúvida

Luciano Huck. Ele exala bondade, correção, altruísmo, e isso tem elevadíssimo valor de mercado na hora

das campanhas publicitárias. Que, em seu caso, são muitas.

Huck, claro, não começou sua carreira artística com essa imaculada imagem de bom moço. Tinha o

“Programa H”, na TV Bandeirantes, antes de receber o convite da Globo que mudaria sua vida. Nesse

programa, transmitido à tarde, mulheres como Tiazinha e Feiticeira viraram celebridade. O sensualismo

foi uma tática certeira de Huck para ascender na carreira.

Na Globo, a construção da imagem de bom garoto teve início. Para tanto, Huck

acabou se tornando

uma referência de várias bandeiras da esquerda caviar, tratadas neste livro. O "Caldeirão do Huck" virou

o ápice do sensacionalismo, voltado para as classes A e B, que choram de emoção com tanta bondade do

"toque de Midas" do bom samaritano — que recebe um salário milionário para tanto, é verdade.

Ocorre que, por vezes, o tiro sai pela culatra, e a coisa toma ares de um maquiavelismo às avessas:

para ajudar um, sacri cam-se cem. Foi o caso de um programa em que o MST fora enaltecido do

começo ao m, usando-se a imagem de uma pobre senhora trabalhadora de um assentamento como

representante de todo o movimento. A vitimização estava presente, naturalmente. Foram mostrados

crimes contra líderes do movimento, e cou claro que somente latifúndios improdutivos eram usados

para a reforma agrária.

Esqueça invasores violentos, baderneiros que quebram laboratórios cientí cos, revolucionários

marxistas como João Pedro Stédile e criminosos como José Rainha, as favelas rurais que os

assentamentos se tornaram na prática. Nada disso fora citado no programa. Aquela boa senhora, que

sonhava com uma oportunidade para investir em seu pequeno agronegócio de alimentos orgânicos,

incorporou a essência do MST e da reforma agrária no Brasil.

Ela ganhou muito mais do que poderia sonhar. Trator, micro-ônibus, uma Kombi, máquinas, e, a

cada novo presente, gritava de tanta emoção, abraçando Luciano Huck, que, por sua vez, anunciava as

marcas dos “presentes”, ou seja, os patrocinadores do programa. Tudo muito bonito, tocante. Não tem

como não car feliz pela pobre senhora realizada. Porém, para mudar da água para o vinho a vida dessa

pessoa, milhões de brasileiros saíram prejudicados pela desinformação acerca do MST e da reforma

agrária.

O programa ainda aproveitou para fazer uma defesa apaixonada e ideológica dos orgânicos, contando

com a presença do fazendeiro e ator Marcos Palmeira. O uso de agrotóxicos foi retratado como algo da

era medieval, um crime praticamente, embora seja sabido que, para a produção em larga escala, capaz de

alimentar bilhões de bocas do planeta, esse método é o mais e ciente. Nem todos podem pagar mais caro

pelo processo artesanal orgânico. Nem todos recebem milhões para pregar isso.

*

Huck, que é casado com a também apresentadora Angélica, não consegue se manter como o bom rapaz o

tempo todo, e de vez em quando é pego em alguma confusão que pode manchar sua valiosa imagem.

Um dos exemplos negativos pode ser sua mansão em Angra dos Reis, acusada de irregularidades

ambientais. Logo ele, tão ecologicamente correto!

Para piorar a situação, o escritório de advocacia que o defendeu nessa ação civil foi o da esposa do

governador Sérgio Cabral, que editou o Decreto 41.921, que alterava a legislação da Área de Proteção

Ambiental (APA) de Tamoios, na baía de Ilha Grande. A medida, cuja constitucionalidade seria

questionada no Supremo Tribunal Federal (STF) pela Procuradoria Geral da República, bene ciava

proprietários de residências consideradas irregulares na região, por coincidência o caso de Huck e sua

casa na ilha das Palmeiras.

O casal Huck e Angélica é associado também ao movimento de desarmamento, bandeira

politicamente correta da esquerda caviar. Deve ser um pouco mais fácil levantar essa bandeira quando se

anda para cima e para baixo repleto de seguranças particulares, todos devidamente armados. Queria ver

se tivessem de proteger seus lindos lhos em um local menos seguro, onde a polícia não oferecesse

segurança decente...

Outra mancha em seu impecável currículo ocorreu quando, parado em uma blitz da Lei Seca,

recusou-se a fazer o teste do bafômetro. Teve a carteira apreendida e pagou a

multa. Pode acontecer com

qualquer um, pois a Lei Seca tem tolerância zero, não permite sequer uma taça de vinho, o que sem

dúvida é absurdo. Mas a preocupação com a boa imagem fez com que Huck se justi casse publicamente:

“Deveria ter seguido o exemplo da minha esposa e ter ido de táxi”, disse, lembrando da canção mais

famosa de Angélica.

Ele também destacou a cordialidade dos agentes da operação e sugeriu outras operações como “Jogar

lixo no chão” e “Parar sobre a faixa”. Deve ser muito cansativo ser o Mr. Bom Exemplo o tempo todo!

Como já vimos, porém, essa é exatamente uma das características que marcam a esquerda caviar

moderna.

Qualquer escândalo precisa ser imediatamente abafado para não desvalorizar a “marca” Huck,

presente em inúmeros comerciais. O beautiful people zela por sua fotogra a como ninguém, e tudo tem

de ser como na capa da revista Caras, uma felicidade perfeita, de causar inveja no menos invejoso dos

seres. Lembremos, afinal, do tema recorrente neste livro: imagem é tudo para a esquerda caviar!

EPÍLOGO

Há luz no fim do túnel

Chegamos ao m desta obra. Espero ter fornecido base su ciente para que o leitor

consiga identi car um

típico membro da esquerda caviar e compreender melhor seus reais motivadores. As ideias que essas

pessoas disseminam fazem muito mal ao nosso mundo.

Mas não queria terminar o livro com um tom pessimista. No começo, reconheci que vários ícones da

esquerda caviar são casos perdidos. As razões que os levaram a esse lugar hipócrita podem ser fortes

demais. Só que há saída para muitos. Quando a ignorância é o principal catalisador do fenômeno, então

o conhecimento pode ser a solução.

É preciso coragem para reconhecer os erros do passado, claro. E nem todos conseguem. Acredito,

porém, que um caso concreto possa manter as chamas da esperança acesas. Falo do poeta Ferreira

Gullar, um comunista histórico.

Não é nada trivial admitir, para si mesmo e para os outros, que defendeu por tanto tempo coisas

muito erradas. Isso signi ca, de alguma forma, sucatear algo do próprio passado, jogar na lata de lixo

algum esforço, alguns sonhos que demandaram tanta energia por tanto tempo. Respeito, portanto, a

coragem de Gullar para mudar, para assumir que seu sonho era, na verdade, um pesadelo. Que seu caso

sirva de exemplo a outros.

Em uma entrevista à revista Dicta&Contradicta, em 2010, ele disse:

Um professor meu de economia política marxista lá em Moscou me disse o seguinte: “Você sabe quanto tempo levou para

que em Paris houvesse, todo dia, às 8 da manhã, croissant para todo mundo, leite para todo mundo, pão para todo

mundo, café para todo mundo, e tudo saindo na hora? Alguns séculos.” A revolução desmonta uma coisa que os séculos

criaram. Agora, o Partido resolve, e não vai ter café, não vai ter pão, leite, nada. Resultado? Trinta anos de fome na União

Soviética. Você desmonta a vida! E havia outra porção de erros: a rmavam que quem faz a riqueza é o trabalhador.

Mentira! O trabalhador também faz isso, mas, se não existe um Henry Ford, não existe a fábrica de automóvel e não vai ter

emprego para você. Nem todo mundo pode ser Bill Gates, nem todo mundo pode inventar uma coisa.

Em um artigo na Folha chamado “Conversa ada”, em agosto de 2012, Gullar tece loas ao capitalismo e

ao empreendedorismo. Comete alguns equívocos, mantendo uma esperança ainda ingênua na

capacidade do Estado como regulador muito e ciente dos exageros do mercado (ignorando os riscos

enormes dos excessos do governo). Mas, em linhas gerais, trata-se de um avanço incrível. Ele escreve

coisas assim:

Sabe a razão pela qual a empresa estatal di cilmente alcança alto rendimento? Porque o dono dela — que é o povo — está

ausente, não manda nela, não decide nada. Claro que não pode dar certo. Já a empresa privada, não. Quem manda nela é o

dono, quem decide o que deve ser feito — quais salários pagar, que preço dar pela matéria-prima, por quanto vender o que

produz —, tudo é decidido pelo dono. E mais que isso: é a grana dele que está investida ali. Se a empresa der lucro, ele

ganha, fica mais rico e a amplia; se der prejuízo, ele perde, pode até ir à falência [...]

Não obstante, o PT sempre foi contra a privatização de empresas estatais, “et pour cause”. Lembram-se da privatização

da telefonia? Os petistas foram para a rua denunciar o crime que o governo praticava contra o patrimônio público.

Naquela época, telefone era um bem tão precioso que se declarava no Imposto de Renda. Hoje, graças àquele “crime”, todo

mundo tem telefone, e a preço de banana. Mas o preconceito ideológico se mantém. Os governos petistas nada zeram

para resolver os graves problemas estruturais que comprometem a competitividade do produto brasileiro e impedem o

crescimento econômico, já que teriam de recorrer à privatização de rodovias e ferrovias.

Ferreira Gullar não tem poupado críticas ao PT, principalmente no que tange à corrupção. Ao contrário

de vários intelectuais de esquerda, que fazem um ensurdecedor e constrangedor silêncio sobre o assunto,

Gullar mantém sua imparcialidade e julga os atos, não seus autores. Essa postura é muito cara aos

liberais, defensores do império das leis, ao contrário de boa parte da esquerda caviar, que age como

patota, como máfia, que tem fidelidade aos seus membros, não a valores e

princípios.

Gullar não quer saber da omertà ma osa, desse código de silêncio abjeto que tomou conta da

intelligentsia nacional desde que o PT chegou ao poder e os escândalos começaram a pipocar. Em agosto

de 2012, em seu artigo “Só o chefe não sabia”, publicado na Folha, escreveu, sem poupar o ex-

metalúrgico e ex-presidente Lula:

É evidente que Lula não podia ignorar o mensalão porque não se tratava de uma questão secundária de seu governo.

Longe disso, o mensalão foi o procedimento encontrado para, com dinheiro público, às vezes, e com o uso da máquina

pública, noutras vezes, comprar o apoio de partidos e os votos de seus representantes no Congresso. Não se tratava,

portanto, de uma iniciativa secundária, tomada por guras subalternas, sem o conhecimento do chefe do governo. Nada

disso. Tratava-se, pelo contrário, de um procedimento de importância decisiva para a aprovação, pelo Congresso, de

medidas vitais ao funcionamento do governo. Portanto, Lula não apenas sabia do mensalão como contava com o apoio

dos mensaleiros para governar.

Algumas semanas depois, recarregou as armas e atirou novamente, escrevendo na Folha, em seu artigo

“Piada de salão”:

Não por acaso, Lula — que reside num apartamento duplex de cobertura e veste ternos Armani — voltou a usar o mesmo

vocabulário dos velhos tempos: “A burguesia não pode voltar ao poder.” Sim, não pode, porque agora quem nos governa

é a classe operária, aquela que já chegou ao paraíso. Não tenho nenhum prazer em assistir a esse espetáculo degradante,

quando políticos de prestígio popular, que durante algum tempo encarnaram a defesa da democracia e da justiça social

em nosso país, são condenados por graves atentados à ética e aos interesses da nação. As condenações ocorreram porque

não havia como o STF furtar-se às evidências: dinheiro público foi entregue ao PT, mediante empréstimos ctícios, que

tornaram possível a compra de deputados para votarem com o governo. Tudo conforme a ética petista, antiburguesa.

Por m, a entrevista concedida às páginas amarelas da revista Veja, em setembro de 2012, que alcançou

enorme repercussão. Nela, Gullar coloca o dedo na ferida dos ícones da esquerda caviar dissecados neste

livro. Seguem alguns trechos:

O socialismo fracassou. Quando o Muro de Berlim caiu, minha visão já era bastante crítica. A derrocada do socialismo

não se deu ao cabo de alguma grande guerra. O fracasso do sistema foi interno. [...]

O empresário é um intelectual que, em vez de escrever poesias, monta empresas. É um criador, um indivíduo que faz

coisas novas. A visão de que só um lado produz riqueza e o outro só explora é radical, sectária, primária. A partir dessa

miopia, tudo o mais deu errado para o campo socialista. [...]

Eu, de direita? Era só o que faltava. A questão é muito clara. Quando ser de esquerda dava cadeia, ninguém era. Agora

que dá prêmio, todo mundo é. Pensar isso a meu respeito não é honesto. Porque o que estou dizendo é que o socialismo

acabou, estabeleceu ditaduras, não criou democracia em lugar algum e matou gente em quantidade. Isso tudo é verdade.

Não estou inventando. [...]

Não posso defender um regime [o cubano] sob o qual eu não gostaria de viver. Não posso admirar um país do qual eu

não possa sair na hora que quiser. Não dá para defender um regime em que não se possa publicar um livro sem pedir

permissão ao governo. Apesar disso, há uma porção de intelectuais brasileiros que defendem Cuba, mas, obviamente, não

querem viver lá de jeito nenhum. É difícil para as pessoas reconhecer que estavam erradas, que passaram a vida toda

pregando uma coisa que nunca deu certo.

Concordemos com o poeta. É mesmo muito difícil. Mas não é impossível, como seu próprio exemplo

comprova. Há luz no m do túnel escuro da esquerda caviar, e não necessariamente é um trem vindo em

nossa direção. Com alguma honestidade intelectual e com doses razoáveis de coragem, vários que estão

hoje aprisionados nessas correntes ideológicas, por covardia, por medo, por vontade de agradar os

incautos, por alienação ou por pura ignorância, conseguirão obter a própria liberdade e deixar o

esquerdismo para trás.

Esse mal tem remédio. E espero ter feito minha parte com este livro, para ajudar no processo de

desintoxicação. Venha você também para o lado mais saudável, mais verdadeiro, mais sincero, mais

endireitado e menos sinistro. Diga adeus à esquerda caviar!

APÊNDICE

Islamofobia

Hoje, quase todos os atentados terroristas são praticados por muçulmanos. Isso, nem era preciso repetir,

não quer dizer que todos os muçulmanos sejam terroristas ou defendam o terrorismo. Signi ca, porém,

que há algo em sua cultura, alimentada pelo fanatismo, que cria um clima mais propício ao terror como

instrumento político ou religioso.

Basta ver a lista dos principais atentados terroristas das últimas décadas. Respire fundo:

Em 1979, oitenta iranianos invadiram a embaixada americana em Teerã e zeram 52 reféns, durante

444 dias; em 1980, seis terroristas islâmicos tomaram a embaixada do Irã em Londres e mataram duas

pessoas; em 1983, integrantes do Hesbollah, com apoio de Líbia e Irã, explodiram, com bombas suicidas,

a embaixada americana de Beirute, matando 63 pessoas; no mesmo ano, o grupo jogou um caminhão

com explosivos na embaixada americana, agora do Kwait; em 1984, um ataque

com bombas à

embaixada americana no Líbano matou 24 pessoas; em 1985, terroristas que trabalhavam para o governo

da Líbia bombardearam os aeroportos de Viena e Roma, matando vinte pessoas; em 1988, uma bomba

explodiu num voo da Pan Am e matou 270 pessoas na Escócia; em 1992, o Hesbollah bombardeou a

embaixada israelense em Buenos Aires; em 1993, um carro-bomba explodiu no World Trade Center,

matando sete e ferindo centenas; em 1994, um atentado explodiu o prédio da AMIA na Argentina,

deixando 85 mortos e trezentos feridos no maior ataque terrorista da América Latina; em 1998, um

carro-bomba explodiu na embaixada americana do Quênia, e, poucas horas depois, outra explosão, desta

vez na embaixada da Tanzânia, deixou um total de 224 civis mortos, e mais de 5 mil feridos; em 2001, o

World Trade Center foi destruído por dois aviões, com mais de 3 mil mortos; em 2002, um atentado

terrorista em Bali deixou mais de 180 mortos e trezentos feridos; em 2004, uma explosão num trem

matou mais de duzentos e feriu mais de 2 mil em Madri; em 2005, Londres foi vítima de uma série de

explosões de bombas que atingiram o sistema de transporte público, deixando mais de cinquenta mortos

e setecentos feridos; em 2013, duas bombas explodiram na maratona de Boston, matando três pessoas e

ferindo 170.

A lista, que enxuguei, poderia ser muito maior, mas o leitor deve estar sem fôlego. Os casos

selecionados servem para mostrar que terroristas islâmicos são atuantes há décadas, de forma sistemática,

e em diversos países ocidentais ou em suas embaixadas mundo afora. Culpa do Bush? Culpa do Tio

Sam? Ou será que estamos diante de um inimigo que deseja nada menos do que o extermínio de um

estilo de vida, que é, por acaso, o ocidental, com sua liberdade individual arrasadora para aqueles que

vivem sob o domínio do Islã?

Se você, contudo, levanta tais fatos, sofre de “islamofobia”, segundo a esquerda caviar. Como disse

Walter Laqueur em After the Fall, a “islamofobia” é basicamente um termo propagandístico criado com o

intuito de suprimir qualquer crítica ou oposição às demandas e reclamações de imigrantes islâmicos que

recusam a se adaptar ao ambiente cultural que os acolheu.

A esquerda caviar não sofre desse “preconceito”. Seus membros são mais abertos, mais tolerantes,

mais dispostos ao diálogo entre as culturas. Claro, isso não os impede de praticar a “cristofobia”, como

diz Reinaldo Azevedo. Ou seja, detonar sempre que possível o cristianismo. Meter o pau na principal

religião ocidental, tudo bem; é até desejável para os inteligentes da esquerda

caviar.

Movimentos gays costumam encenar a cruci cação de Cristo, só que o retratando como um

homossexual. Nesses atos, colocam Cristo beijando outro homem na boca. Na Marcha das Vadias, em

2013, que ocorreu durante a visita do papa Francisco ao Brasil, manifestantes se masturbaram em

público usando uma cruz. Ofensa gratuita aos cristãos. Isso pode? Por que não vemos a “marcha das

minorias tolerantes” protestando contra isso? O duplo padrão da esquerda caviar é evidente. No fundo,

mostra-se intolerante, preconceituosa e, acima de tudo, muito hipócrita.

Muitos apontam para as atrocidades praticadas pela Igreja para suspender o julgamento acerca das

barbaridades islâmicas. Só um detalhe: voltam mais de cinco séculos no tempo para fazer tal

comparação. Torquemada, o terror da Inquisição espanhola, é o ícone que absolve os terroristas e

fundamentalistas muçulmanos do século XXI!

Claro que escapa à esquerda caviar o óbvio: podem praticar a tolerância ao Islã e o ódio ao

cristianismo do conforto ocidental, enquanto, fosse o contrário, ou seja, se criticassem os seguidores de

Alá e tolerassem os de Cristo nos países islâmicos, o resultado seria certamente a morte. Reinaldo

Azevedo argumenta que o cristianismo é, hoje, a religião mais perseguida do

mundo:

A quase totalidade de mortes em razão de perseguição religiosa se dá contra cristãos: na Nigéria, no Sudão, na Indonésia,

em quase todos os países árabes, sejam eles aliados do Ocidente ou não. Há quase dois milhões de lipinos católicos

trabalhando na Arábia Saudita, fazendo o serviço que os nativos se negam a fazer. Estão proibidos de cultuar sua religião.

A transgressão é considerada um crime grave. Na Nigéria, no Sudão ou na Indonésia, não se queimam exemplares da

Bíblia, não; queimam-se pessoas mesmo!

Alguém já viu a esquerda caviar, laica, tolerante, mostrar indignação contra esses absurdos? Enaltecer O

código Da Vinci de Dan Brown, mesmo com suas inverdades de livro de cção, isso é possível no

Ocidente. Atacar o papa com os termos mais chulos, também. Mas elogiar Os versos satânicos de Salman

Rushdie nos países islâmicos é assinar sentença de morte, assim como desenhar charges irônicas do

profeta Maomé. Isso seria “ofensivo” aos muçulmanos. Mas eles podem usar a última moda: camisas

com as torres gêmeas de Nova York em chamas. Isso é liberdade de expressão.

A esquerda caviar ataca os “intolerantes”, não do Islã, mas do Ocidente, que ousam escrever tais livros

ou desenhar tais charges! Fez um desenho de Maomé com uma bomba no turbante? Ora, não reclame se

for morto, pois quem mandou ofender os pobres crentes? Derrubou o World

Trade Center? Então

vamos construir uma mesquita no local, para mostrar como somos legais. A postura covarde do

Ocidente, que escolhe a vida calma imediata, é um convite à escalada terrorista islâmica.

Reconhecer a superioridade da cultura ocidental é etnocentrismo e preconceito para a esquerda caviar.

Os moderninhos estão acima dessa disputa infantil, desse Fla x Flu. Eles são o futuro, abertos a todos,

sem distinção entre Suíça e Paquistão, Austrália e Arábia Saudita, Nova Zelândia e Irã. São “apenas

diferentes”; ninguém é melhor que ninguém.

A italiana Oriana Fallaci, em desabafo após o atentado de 11 de setembro e a reação covarde de boa

parte do Ocidente, escreveu ϵe Rage and the Pride, livro em que denunciou uma “cruzada reversa” para

destruir tudo o que nossa civilização construiu. Ela reconhecia aquilo que Samuel Huntington apontou

em seu clássico livro: um choque de civilizações em curso.

Uma parte da raiva da autora é dedicada aos que tentam analisar tudo pelo prisma de “diferenças

culturais” apenas. Fallaci refresca a memória dos leitores a respeito do atraso e da barbárie que tal

“civilização” representa. Questiona qual a grande contribuição ao mundo que veio de lá, citando

Copérnico, Galileu, Newton, Darwin, Pasteur e Einstein do “lado de cá”,

nenhum deles seguidor do

“profeta”.

O motor, o telégrafo, a luz elétrica, a fotogra a, o telefone, o rádio, a televisão, o computador, nada

foi inventado por um aiatolá da vida, mas pelos ocidentais. O trem, o automóvel, o avião, o helicóptero e

as espaçonaves, tudo criação ocidental. Os transplantes de coração e pulmão, as curas para alguns tipos

de câncer, a decodificação do genoma, tudo que é avanço medicinal, nada fruto dos seguidores de Alá.

É verdade que, nos remotos tempos medievais, o Islã foi capaz de produzir alguns lósofos

importantes, que beberam da fonte grega ocidental. Eram os casos de al-Farabi e Avicena, in uenciados

por Platão e Sócrates. Estamos falando, entretanto, dos séculos X e XI, muitos distantes no tempo.

Muito se fala da “era de ouro” do Islã, mas há muitos mitos nisso. Rose Wilder Lane, em The

Discovery of Freedom, chega a incluir os sarracenos nas importantes tentativas de luta contra a

autoridade arbitrária. Houve, de fato, um período de relativa paz sob o Islã. Uma “paz” passageira,

porém, que não deixou de tratar cristãos e judeus como cidadãos de segunda e terceira classes. Sem falar

de vários massacres de judeus ocorridos nessa mesma época “dourada”.

Em 1453, a cidade de Constantinopla, símbolo do cristianismo em Bizâncio, foi

tomada pelos

otomanos. Uma Europa dividida entre si, sem condições para formar uma coalizão contra o inimigo

comum, acabaria derrotada. O exército conquistador partiu então para a pilhagem irrestrita, e matou

todos que lhe cruzaram o caminho, incluindo mulheres e crianças, escravizando o restante.

A cultura bizantina, que durante mais de um milênio existira no Bósforo, tinha Constantinopla como

uma cidade na qual o intelecto era admirado e o pensamento clássico, estudado e preservado. Tudo isso

acabara com a vitória dos turcos otomanos. A nova classe dominante desencorajava o estudo entre seus

súditos cristãos. O Islã acabou optando por se fechar, por rejeitar a liberdade e a independência dos

pensadores e dos cientistas. O abismo entre o progresso ocidental e o atraso islâmico, desde então, salta

aos olhos de todos.

Mas eis que o Ocidente é a fonte de todos os males. Isso lembra até aquela cena do lme A vida de

Brian, do Monthy Python, em que um grupo revolucionário planeja um atentado contra os romanos.

Quando o líder tenta insu ar seus seguidores com o ódio e pergunta o que receberam do império

romano, cada membro começa a citar um exemplo. No final, já exasperado, diz:

Tudo bem, tudo bem, mas, fora o saneamento, a medicina, a educação, o vinho, a

ordem pública, a irrigação, as estradas, o

sistema de água e a saúde pública, o que os romanos fizeram por nós?

E para o desespero total do líder, alguém ainda lembra: “Trouxeram a paz!” Só lhe resta mandar que

todos se calem...

Quais as conquistas da outra cultura, da cultura dos barbudos com turbantes que maltratam as

mulheres? Nenhuma vitória nos campos da ciência, tecnologia ou bem-estar social. A duplicidade, a

ambiguidade e a hipocrisia de muitos “pensadores” ocidentais colocam em risco a própria sobrevivência

do Ocidente, a própria liberdade de expressão que hoje usam contra si mesmos. Manter os olhos

fechados para a realidade não é uma opção aceitável. Quando resolverem abri-los, poderá ser tarde

demais. Ayaan Hirsi Ali vai direto ao ponto:

Analistas irritantemente idiotas — sobretudo gente que se dizia arabista, embora parecesse nada conhecer da realidade do

mundo islâmico — escreveram resmas de comentários. Seus artigos falavam do Islã que salvara Aristóteles e descobrira o

zero, o que os estudiosos medievais tinham feito mais de oitocentos anos antes; falavam no islamismo como religião da

paz e da tolerância, sem um pingo de violência. Aquilo não passava de balela, não tinha nada a ver com o mundo real que

eu conhecia.

Mas a esquerda caviar não quer saber disso. O pós-moderno rejeita rótulos e

hierarquia de valores. Tudo

é pura questão de gosto. Claro, eles mesmos preferem viver no Ocidente, mas apenas porque se

acostumaram a isso. E quando um deles vai visitar um país muçulmano, especialmente dos mais radicais,

conta com forte aparato de segurança, pois no fundo sabe onde mora o perigo. Só não pode dizer isso

abertamente, pois não pega bem com a turma. Melhor continuar demonizando Israel e os Estados

Unidos e elogiando os países islâmicos...

Indicações bibliográficas

A crise no Islã — Bernard Lewis

A elegância do ouriço — Muriel Barbery

A Força das ideias — Isaiah Berlin

A Infelicidade do século — Alain Besançon

A obsessão antiamericana — Jean-François Revel

A rebelião das massas — José Ortega y Gasset

A revolta de Atlas — Ayn Rand

A revolução dos bichos — George Orwell

A revolução gramscista no Ocidente — Sérgio Augusto de Avellar Coutinho

A sociedade que não quer crescer — Sérgio Sinay

A verdade das mentiras — Mario Vargas Llosa

A volta do idiota — Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner e

Alvaro Vargas Llosa

Abandonarás teu pai e tua mãe — Philippe Julien

Aforismos — Karl Kraus

After the Fall — Walter Laqueur

Angelina — Andrew Morton

Antes que anoiteça — Reinaldo Arenas

As boas intenções — Max Aub

Barbarians Inside the Gates — Thomas Sowell

Bias — Bernard Goldberg

Bullies: How the Left's Culture of Fear and Intimidation Silences Americans — Ben Shapiro

Chico Buarque do Brasil — Org. de Rinaldo de Fernandes

Choque de civilizações — Samuel Huntington

Coming Apart: The State of White America — Charles Murray

Contra toda a esperança — Armando Valladares

Contra um mundo melhor — Luiz Felipe Pondé

Cool It — Bjorn Lomborg

Democracia & liderança — Irving Babbit

Demonic: How the Liberal Mob is Endangering America — Ann Coulter

Diário da corte — Paulo Francis

Do As I Say (Not As I Do) — Peter Schweizer

Easy Riders, Raging Bulls — Peter Biskind

Elogio da corrupção — Marie-Laure Susini

Em defesa da globalização — Jagdish Bhagwati

Em defesa de Israel — Alan Dershowitz

Encontros: Maio de 68 — Org. de Sergio Cohn e Heyk Pimenta

Enterrem as correntes — Adam Hochschild

Entre dívidas e culpas: sacrifícios — Marta Gerez-Ambertin

Envy: a Theory of Social Behaviour — Helmut Schoeck

Fidel: o tirano mais amado do mundo — Humberto Fontova

Filho do Hamas — Mosab Hassan Yousef

Fuga do campo 14 — Blaine Harden

Gandhi: ambição nua — Jad Adams

Heaven on Earth — Joshua Muravchik

História da Guerra Fria — John Lewis Gaddis

História das ideias e movimentos anarquistas — George Woodcock

Hollywood Hypocrites — Jason Mattera

Hollywood, Interrupted — Andrew Breitbart e Mark Ebner

I Can’t Believe You Said All That — Fred Gielow

Imposturas intelectuais — Alan Sokal

In Praise of prejudice — Theodore Dalrymple

Infiel — Ayaan Hirsi Ali

Intellectuals and Society — Thomas Sowell

John Lennon: o ídolo que transformou gerações — Gary Tillery

Juventude — J.M. Coetzee

Life At The Bottom — Theodore Dalrymple

Manifesto do nada na terra do nunca — Lobão

Manual do perfeito idiota latino-americano — Plinio Apuleyo Mendoza, Carlos Alberto Montaner e Alvaro Vargas Llosa

Mente cativa — Czeslaw Milosz

Michael Moore is a Big Fat Stupid White Man — David T. Hardy e Jason Clarke

1984 — George Orwell

O ambientalista cético — Bjorn Lomborg

O cemitério de Praga — Umberto Eco

O Estado babá — David Harsanyi

O homem medíocre — Jose Ingenieros

O intelectual e o mercado — George Stigler

O livro negro do comunismo — vários autores

O mito do contexto — Karl Popper

O mito do contexto — Karl Popper

O óbvio ululante — Nelson Rodrigues

O país dos Petralhas II — Reinaldo Azevedo

O profeta Maomé — Barnaby Rogerson

O reacionário — Nelson Rodrigues

O riso — Henri Bergson

O verdadeiro Che Guevara — Humberto Fontova

Oprah: A Biography — Kitty Kelley

Os assassinos — Bernard Lewis

Os melancias — James Delingpole

Paris: a festa continuou — Alan Riding

Poemas — Millôr Fernandes

Political Pilgrims — Paul Hollander

Por que o Ocidente venceu — Victor Davis Hanson

Pureza fatal — Ruth Scurr

Race and Economics — Walter Williams

Reflexões sobre a revolução em França — Edmund Burke

Ronald Reagan — Dinesh D'Souza

Scapegoat: A History of Blaming Other People — Charlie Campbell

Ser Conservador — Michael Oakeshott

Stálin: a corte do Czar Vermelho — Simon Sebag Montefiore

Sucateando o planeta — Dixy Lee Ray

Tabula rasa — Steven Pinker

Tales From the Left Coast — James Hirsen

Teoria da personalidade — G. J. Ballone

The Constitution of Liberty — Friedrich Hayek

The Crowd: A Study of the Popular Mind — Gustave Le Bon

The Ethics of Redistribution — Bertrand de Jouvenel

The Forgotten Man — Amity Shlaes

The Improving State of the World — Dr. Indur Goklany

The Liberal Mind — Lyle H. Rossiter Jr.

The Long March — Roger Kimball

The Morals of Markets — Harry B. Acton

The Opium of the Intellectuals — Raymond Aron

The Oslo Syndrome: Delusions of a People under Siege — Kenneth Levin

The Rage and the Pride — Oriana Fallaci

The True Believer — Eric Hoffer

The Tyranny of Clichés — Jonah Goldberg

The Victims' Revolucion — Bruce Bawer

The White Man's Burden — William Easterly

The Wisdom of Crowds — James Surowiecki

Thinking Fast and Slow — Daniel Kahneman

Tower of Babble — Dore Gold

Unholy Alliance: Radical Islam And the American Left — David Horowitz

United in Hate — Jamie Glazov

Why the West is Best: A Muslim Apostate's Defense of Liberal Democracy —

Ibn Warraq

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Esquerda Caviar

Artigo do autor

http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2012/09/a-esquerda-caviar.html

Skoob do autor

http://www.skoob.com.br/livro/346266-esquerda-caviar

Wikipédia do termo Esquerdo Caviar

http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_caviar

Coluna do autor na Veja

http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/

Blog do autor

http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/

Wikipédia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo_Constantino

Document Outline

- Rosto
- Créditos
- Epígrafe
- Dedicatória
- Sumário
- Introdução
- PARTE 1 | O fenômeno e suas origens
  - As origens
  - Duplipensar
  - O viés da imprensa
- PARTE 2 | As bandeiras
  - A obsessão antiamericana
  - O ódio a Israel
  - O culto ao multiculturalismo
  - Os pacifistas
  - O mito Che Guevara
  - A ilha dos sonhos
  - Os melancias
  - Justiça social
  - Sem preconceitos
  - As minorias
  - Juventude utópica
- PARTE 3 | Os ícones
  - Políticos, gurus, legitimadores, hollywoodianos e outros boçais úteis
- EPÍLOGO | Há luz no fim do túnel
- APÊNDICE | Islamofobia
- Indicações bibliográficas
- Colofão
- Saiba mais